



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

FABRÍCIO CORDEIRO DANTAS

MEMÓRIA LINGUÍSTICA E BILINGUISMO HISTÓRICO:
ESTUDO DO CONTATO PORTUGUÊS-ESPAANHOL EM
SOROCABA

CAMPINAS
2024

FABRÍCIO CORDEIRO DANTAS

MEMÓRIA LINGUÍSTICA E BILINGUISMO HISTÓRICO:
ESTUDO DO CONTATO PORTUGUÊS-ESPANHOL EM
SOROCABA

Tese apresentada ao Programa de
Pós- Graduação em Linguística do
Instituto de Estudos da Linguagem
da Universidade Estadual de
Campinas como requisito para a
obtenção do título de Doutor em
Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Emilio Gozze Pagotto

Este exemplar corresponde à versão
final da Tese defendida pelo aluno
Fabrício Cordeiro Dantas e orientada
pela Prof. Dr. Emilio Gozze Pagotto.

CAMPINAS
2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lúcia Siqueira Silva - CRB 8/7956

D235m Dantas, Fabrício Cordeiro, 1982-
Memória linguística e bilinguismo histórico : estudo do contato português-espanhol em Sorocaba / Fabrício Cordeiro Dantas. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Emílio Gozze Pagotto.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Bilinguismo. 2. Memória. 3. Contato linguístico. 4. Língua Portuguesa. 5. Língua Espanhola. 6. Sociolinguística. 7. Emigração e imigração. I. Pagotto, Emílio Gozze, 1961-. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Memoria lingüística y bilingüismo histórico: : estudio del contacto português-español en Sorocaba

Palavras-chave em inglês:

Bilingualism

Memory

Languages in contact

Portuguese language

Spanish language

Sociolinguistics

Emigration and immigration

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutor em Linguística

Banca examinadora:

Emílio Gozze Pagotto [Orientador]

Lívia Oushiro

Carlos Felipe da Conceição Pinto

Laura Beatriz Álvarez López

María Teresa Celada

Data de defesa: 27-06-2024

Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-4358-8839>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4317349804056277>



BANCA EXAMINADORA:

Emilio Gozze Pagotto

Livia Oushiro

Carlos Felipe da Conceição Pinto

María Teresa Celada

Laura Beatriz Álvarez López

IEL/UNICAMP
2024

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

Coletivamente, para a toda a comunidade hispano-descendente de Sorocaba, por todo o vivenciado e compartilhado, especialmente ao Senhor Maximiliano Pérez (1920-2019) e Maria Carmen Haro (1935-2021), que partiram destas terras ao outro mundo e deixaram suas marcas linguísticas neste trabalho e em minha história acadêmica e pessoal; individualmente, para a minha mãe, Janilde Cordeiro Dantas, tão sonhadora com este momento assim como eu.

Agradecimentos

Neste momento inicial, gostaria de fazer uma série de agradecimentos sinceros a uma série de personagens que contribuíram para a idealização, composição, aquisição e revisão de conhecimentos e experiências relativas à presente tese, sobretudo em face de tanta demora e receio do que poderia acontecer em não finalizando todo o processo que levou muito, muito tempo.

Agradeço:

-a Deus, aos bons espíritos, encarnados ou não, que nos alentaram, inspiraram em momentos de falta de autoconfiança, motivação, cansaço e medo;

- à base de tudo que somos até hoje, isto é, os meus pais, Antônio Dantas Veras e Janilde Cordeiro Dantas que, cada um a seu modo, dentro do que podiam, conseguiram me motivar a estudar e me educar para ser um *personagem* da vida, não apenas acadêmico, mas também com humanidade para perceber a igualdade que temos nos outros seres humanos que merecem ser ouvidos, independentemente de suas diferenças, e para as quais urge termos empatia e sensibilidade tal como foi o que acabamos tendo estimulado ao dialogar e saber de elementos da história íntima dos participantes de nossa pesquisa;

-a meu professor e orientador e, por que não dizer, amigo, Emílio Pagotto, o qual aceitou orientar e conduzir os rumos da pesquisa, “limpando arestas”, sugerindo estudos teóricos e abordagens metodológicas, mas, sobretudo, compreendendo eventuais dificuldades em termos psicológicos e acadêmicos que, por ventura, enfrentei e que consegui superar, ao menos parcialmente, a partir de sua ação;

- a quem, na maioria das vezes, aceitou um estranho em fazer parte de suas vidas ainda que temporariamente a fim de entender um pouco de sua história e da história da língua que os uniu por várias gerações, indivíduos vários aos quais tenho bastante apreço e de quem, cada um a sua maneira, me tornei um novo “amigo” e assim espero continuar; assim, aproveitamos, neste sentido, para fazermos menção ao único nativo a quem tivemos o privilégio histórico de conhecer e entrevistar no alto de seus 98 anos e que, infelizmente após apenas 4 meses da entrevista realizada, acabou por se reencontrar com os seus ascendentes no plano invisível e esteja, neste lugar, provavelmente falando bastante em espanhol;

- às pessoas que as representam que nos auxiliaram ao longo do processo no sentido de fornecer materiais e informações ou facilitar contatos com

informantes ou pessoas outras que nos auxiliariam estrategicamente; tratamos da “Casa de España”, nas pessoas do ex-diretor Marcos Rodrigues, e das funcionárias Jucileide Guerra e Adriana Covre que nos ajudaram bastante, além do senhor Sérgio Coelho, autor do livro “Os Espanhóis”, bastante citado neste trabalho e com quem pudemos entender melhor a comunidade e com quem conseguimos alguns documentos importantes para a pesquisa;

- à instituição da qual fazemos parte enquanto professores, isto é, a UFCG (Universidade Federal de Campina Grande) que, nas várias instâncias e a partir de várias pessoas, como a amiga e colega de área, Professora Sinara de Oliveira Branco, Coordenadora Geral de Pós-Graduação à época), que muito foi prestativa e motivadora para meu trabalho, além da Professora Vânia Sueli Guimarães Rocha, Coordenadora Administrativa da Unidade Acadêmica de Letras que muito me aconselhou e me incentivou/cobrou afetuosamente acerca de meu processo final de realização da tese, dentre outros professores, colegas e amigos, todos nos permitindo aptos a cumprir nossos objetivos como o presente doutorado; extensivamente, agradecemos à Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que começou a fomentar nossa atuação, já no processo de pesquisa em andamento, com bolsa e auxílio-moradia, mediante o Programa Novo Prodoutoral (Novo Programa de Formação Doutoral Docente, via processo 88882.466052/2019-01, e sob portaria nº 140, de 02 de outubro de 2013), o que nos garantiu mais qualidade de formação e segurança estando em outra cidade bastante distante de nosso local de moradia e trabalho;

- à UNICAMP, em nome de seus funcionários e professores, que nos oportunizou ter acesso a uma formação e aperfeiçoamento inigualáveis em termos humanos e em termos de estrutura que, com certeza, seguirão comigo como experiência única e privilegiada em minha história de estudante e de professor-formador;

- a pessoas que surgiram ao longo da pesquisa e na vida, como Rafael Benitez, com quem compartilhei histórias e interesse pelo tema; a Karina Menegaldo, amiga especial que me acompanhou de forma próxima e intensa em face das diversas angústias por que passei em todo o processo e que, se não fosse sua existência, o processo teria sido ainda mais turbulento, sua presença foi inestimável;

- a meus amigos felinos bastante *humanos*, Léo e Mingau, sempre juntos que, sem saberem, estiveram me alegrando entre um momento e outro de composição deste texto;

- a meus irmãos, Fabiano, Kris e Karine e tias Jorene, Josinete e Jacir que, de um modo ou outro, me apoiaram e me motivaram a seguir adiante;

- ao anjo em forma de Professora Claudia Pfeiffer, orientadora da qualificação de área, pela paciência e gentileza no trato e orientação;

- às Professoras Livia Oushiro e Laura Beatriz Álvarez López, por suas inenarráveis contribuições na qualificação de tese;

- aos Professores, além de Livia Oushiro e Laura Beatriz Álvarez López, já presentes na qualificação de tese, Carlos Felipe da Conceição Pinto e María Teresa Celada, por suas importantes contribuições no momento de defesa da tese.

Enfim, diante da gratidão enorme que sentimos neste momento, só gostaríamos de dizer que a presença espanhola não termina e nem a língua desapareceu; esta segue um caminho, tal como quase tudo na vida: por vias tortuosas ora quase secando, ora reavivando, mas sobretudo alimentando identidades, almas, sonhos, tradições, exemplos de vida e, sobretudo, a compreensão de que muita coisa é possível se há persistência, união e mínima empatia por parte de quem vê e de quem tem o poder de contribuir de alguma forma.

“Caminante, son tus huellas/ el camino
y nada más; Caminante, no hay
camino,/se hace camino al andar. Al
andar se hace el camino,/y al volver la
vista atrás se ve la senda que nunca/se
ha de volver a pisar.”

Antonio Machado, poeta sevillano, 1875-1939,
Extrato de “Proverbios y cantares, 1924)

Resumo

A presente tese tem como objetivo analisar de que maneira a imigração espanhola que houve entre fins do século XIX e meados do século XX na cidade de Sorocaba, interior do estado de São Paulo, gerou impactos linguísticos após contato entre as línguas espanhola e portuguesa. Apesar da dissipação gradual da presença espanhola em Sorocaba, a pesquisa mostra que ainda existe uma memória linguística, mesmo após pouco mais de 100 anos da chegada dos maiores contingentes de imigrantes espanhóis. Sendo assim, analisamos de que maneira a língua foi sendo perdida gradualmente deixando apenas a presença de uma memória linguística, bem como de que forma subsistiu um bilinguismo histórico naquela cidade. Metodologicamente, a pesquisa apresentou como recursos os seguintes: 1) um questionário sociocultural contendo perguntas sobre modos de aproximação e uso do espanhol; 2) entrevista semiestruturada de modo a desvendar, mediante vivências dos próprios participantes ou dos seus ascendentes, se houve um possível bilinguismo anterior ou existem usos remanescentes do espanhol seja por empréstimos, transferências ou misturas de código, além dos domínios de uso linguístico no passado e hoje em dia; e 3) questionário linguístico a fim de avaliar o conhecimento e/ou consciência dos falantes de usos daquele idioma, através da memória linguística, seja por meio da definição ou pelo conhecimento de alguma expressão com opções definidas previamente. A fim de dar um panorama de pesquisa sobre o estado da língua, os participantes foram 40 indivíduos acima de 18 anos distribuídos em alguns estratos sociais, ou seja, por idade (30 a 50 anos; 51-65 e acima de 65 anos), por gênero (homem x mulher), em diversas faixas de descendências (nativo, filho, neto, bisneto), além de ascendências parcial (de só pai ou mãe) e total (de ambos), e com diferentes graus de instrução (de ensino fundamental até pós-graduação). A seleção dos participantes foi feita por amostragem semi-aleatória ou a partir de contatos prévios. Complementarmente, em termos de levantamento histórico e sobre possível bilinguismo histórico, a pesquisa contempla documentos, jornais e eventuais contatos e/ou observações de reuniões familiares, eventos e localidades ligados aos objetivos da pesquisa. A análise abarca tanto elementos qualitativos como quantitativos, e correlações com questões históricas e discursivas mediante os instrumentos coletados. Em termos bibliográficos, a pesquisa contempla a leitura e análise de elementos históricos sociais da cidade de Sorocaba e da Espanha na época da imigração, sobretudo da região de Andaluzia, além de estudos sobre alguns elementos descritivos e basilares da Dialetologia com foco na Espanha, bem como temas referentes à Sociolinguística a exemplo de bilinguismo, comunidade de fala, contato de línguas e fenômenos derivados como empréstimo lexical, mudança e alternância de códigos. A partir dos resultados obtidos nas entrevistas, obtivemos como benefício da pesquisa um glossário português-espanhol na comunidade analisada.

Palavras-chave: Imigração espanhola; Memória linguística; Bilinguismo histórico; Sorocaba; contato português-espanhol; Sociolinguística.

Abstract

This thesis aims to analyze how the Spanish immigration that occurred between the end of the 19th century and the middle of the 20th century in the city of Sorocaba, in the interior of the state of São Paulo, generated linguistic impacts after contact between the Spanish and Portuguese languages. Despite the gradual dissipation of the Spanish presence in Sorocaba, research shows that there is still a linguistic memory, even after just over 100 years since the arrival of the largest contingents of Spanish immigrants. Therefore, we analyze how the language was gradually lost, leaving only the presence of a linguistic memory, as well as how historical bilingualism persisted in that city. Methodologically, the research presented the following resources: 1) a sociocultural questionnaire containing questions about ways of approaching and using Spanish; 2) semi-structured interview in order to reveal, through the experiences of the participants themselves or their ancestors, whether there was a possible previous bilingualism or whether there are remaining uses of Spanish whether through borrowings, transfers or code mixes, in addition to the domains of linguistic use in the past and nowadays; and 3) linguistic questionnaire in order to assess the speakers' knowledge and/or awareness of the uses of that language, through linguistic memory, either through the definition or through knowledge of some expression with previously defined options. In order to provide an overview of research on the state of the language, the participants were 40 individuals over 18 years old distributed across some social strata, that is, by age (30 to 50 years old; 51-65 and over 65 years old), by gender (man elementary to postgraduate). Participants were selected using semi-random sampling or based on previous contacts. In addition, in terms of historical survey and possible historical bilingualism, the research includes documents, newspapers and possible contacts and/or observations of family meetings, events and locations linked to the research objectives. The analysis encompasses both qualitative and quantitative elements, and correlations with historical and discursive issues through the instruments collected. In bibliographic terms, the research includes the reading and analysis of social historical elements from the city of Sorocaba and Spain at the time of immigration, especially from the Andalusia region, as well as studies on some descriptive and basic elements of Dialectology with a focus on Spain, as well as themes relating to Sociolinguistics such as bilingualism, speech community, language contact and derived phenomena such as lexical borrowing, code switching and switching. From the results obtained in the interviews, we obtained a Portuguese-Spanish glossary in the analyzed community as a benefit of the research.

Keywords: Spanish immigration; Linguistic memory; Historical bilingualism; Sorocaba; Portuguese-Spanish contact; Sociolinguistics.

Lista de Figuras

01	Região Administrativa de Sorocaba	29
02	Imigrantes espanhóis que chegaram ao Brasil de 1884 a 1975	31
03	Localização de Sorocaba em São Paulo	37
04	Localização da Zona Leste em Sorocaba onde se encontra a maioria dos “bairros espanhóis”	38
05	Distribuição dos principais bairros e setores de incidência de imigrantes espanhóis em Sorocaba	39
06	Maior detalhamento dos principais bairros de incidência espanhola	40
07	Recorte do jornal Diario Español	106
08	Redes de contato: Casa de España e vizinhança	123
09	Outras redes de contato	124
10	Distribuição de ruas citadas em entrevistas relacionadas aos espanhóis	226
11	Distribuição de ruas citadas em jornais relacionadas aos espanhóis	227

Lista de imagens

01	Rua Nogueira Padilha	41
02	Cruzamento das Ruas Quinzinho de Barros e Rua Fernão Sales	41
03	Ruína de casa à rua Santa Maria com arcos	41
04	Anúncio de casa espanhola com preeminência de arcos que mesclam culturas romana e mourisca	41
05	Registro de edificação antiga de influência hispano-mourisca	42
06	Fachada do Parque dos espanhóis à época de sua fundação	42
07	Ao centro, a praça Antônio Peres Haro	43
08, 09	Vila Assis	44
10, 11	Vila Barcelona	45
12, 13	Brigadeiro Tobias	46
14	Mapa n. 8 do ALEA	95
15	Mapa n. 1718 do ALEA	96
16	Foto aérea do Estreito de Gibraltar	143
17	Mapa expondo sentido da emigração espanhola rumo ao porto de Gibraltar	144
18	Extrato de Estatuto de Sociedade de Imigração em Sorocaba	149
19	Registro de localidades na Andaluzia	153
20- 23	Recortes de fotografias do Jornal “Democracia Espanhola” - Recortes de fotografias do Jornal “Democracia Espanhola”	160
24- 33	Capas de jornais ligados aos espanhóis que circularam no Brasil	162- 164
34	Propaganda de viagem de emigração ao Brasil e outros países	164
35	Propaganda de viagem de emigração ao Brasil, Uruguai e Argentina	165
36	Cartaz de peça no Alhambra Teatro	170
37	Fachada do Cine Eldorado	171
38	Detalhe de Feira na Vila Hortência	172
39	Grupo Cirene Munhoz	172
40	Casa de España	172
41	Parque dos Espanhóis	172
42- 45	Registros da Peça “Do outro lado do Rio”	173
46- 47	Juan Santisteban e seu livro “Mi labor patriótica”	175
48	Estatuto da Sociedade Beneficente Hespanhola de Brigadeiro Tobias	175
49	Montagem de fotos feita por Oliveira (2002) contendo detalhes de nomes de ruas, bairros e empreendimentos relativos à colônia espanhola	177
50	Placa da Praça Antonia Peres Haro	177
51	Referências à citricultura em Sorocaba	178
52- 54	Galves, Isquierdo e Tomaz em estabelecimentos comerciais	179
55- 57	Padaria hispano-americana e Imobiliária Ribera	179

58- 59	Oficina Sanches e Loja Garcia de Construção	179
60	Quinzinho de Barros	180
61	Salvadora Lopes	180
62	Registro fotográfico dos anos 1910 de tourada em Sorocaba	238
63	Capa “Diario espanhol” de 10 de março de 1921	240
64	Anúncio do 1º Encontro da Cultura Hispânica Fatec Sorocaba	327
65	Cartaz de evento gastronômico proposto pela Casa de España	328
66	Leque-convite da “Noche Española”	328
67	Imagem de Santa Virgem do Rocío	330
68	Destaque para slide informando em espanhol nome da igreja e data litúrgica	330
69- 70	Registro de pessoas entrando em igreja evocando cultura espanhola e, à direita, pose de outras pessoas com vestimentas a caráter	331
71- 73	Referências a Feria de Sevilla e flamenco	331
74- 76	Registros de almoços organizados pela Casa de España	332- 334
77	Registro do anúncio do “I Noite da Memória Espanhola”	334
78- 79	Registro de participantes da “I Noite da Memória Espanhola”	335
80	Exemplo de réstia de cebola	337
81- 83	Objetos pessoais espanhóis de família	340
84	Registro de casa antiga	340
85	Registro de rua/prça na Vila Hortência	342
86	Registro de encontro com família Benitez	342

Lista de tabelas

01	Principais destinos dos emigrantes espanhóis em porcentagens	30
02	Emigração espanhola ao Brasil de 1841 a 1972	30
03	Discriminação, por quinquênios, das principais nacionalidades (entradas no estado de São Paulo de 1885 a 1929)	31
04	Evolução da população de Sorocaba	35
05	Perfis dos falantes de herança nas aulas de Espanhol como Língua de Herança	54
06	Registros prévios de dados linguísticos catalogados	58
07	Mudança linguística e de papéis sociais na comunidade bilíngue – padrões linguísticos das mulheres	71
08	Quatro paradigmas sociolinguísticos	85
09, 10	Estratificação dos participantes	108
11	Perfil dos participantes	109
12	Bairros antigos das famílias dos participantes	110
13	Bairros atuais dos participantes	110
14	Principais destinos dos emigrantes espanhóis em porcentagens	140
15	Discriminação, por quinquênios, das principais nacionalidades (entradas no estado de São Paulo de 1885 a 1929)	141
16	Comparação das estatísticas espanhola e americana	143
17	Origem familiar segundo a resposta ao questionário	153
18	Capas de jornais ligados aos espanhóis e que circulavam no Brasil	162- 164
19	Perfil dos participantes	165
20	Uso linguístico na infância: cômputo geral, item 10 do questionário sociocultural	187
21	Contato com espanhol na infância: pais com informante	188
22	Contato com espanhol na infância: pais do informante entre si	189
23	Contato com espanhol na infância: avós com informante	189
24	Contato com espanhol na infância: avós do informante entre si	190
25	Contato com espanhol na infância: tios/primos com informante	190
26	Contato com espanhol na infância:tios/primos do informante entre si	191
27	Contato com espanhol na infância: informante dirigindo-se a pais	192
28	Contato com espanhol na infância: informante dirigindo-se a avós	192
29	Contato com espanhol na infância: informante dirigindo-se a tios/primos	193
30	Síntese das interações na infância por idade	194
31	Síntese das interações na infância por gênero	195
32	Uso linguístico na infância nas diversas interações: itens 10.1 a 10.9	196

33	Mapeamento da memória linguística	199-200
34	Memória por interações/ comparativos/geral - (Inspirada na Escala implicacional de Gal (1978, p.121)	202
35	Memória por interações / só comparativos - (Inspirada na Escala implicacional de Gal (1978, p.121)	203
36	Registros de domínios de uso segundo informantes <i>versus</i> épocas identificadas como auge de uso da língua	211
37	Registros de uso do espanhol <i>versus</i> referências em português a questões da colônia espanhola no jornal “Cruzeiro do Sul” até 1940	219
38	Síntese de temas encontrados no jornal “Cruzeiro do Sul”	221
39	Síntese de seções encontradas no jornal “Cruzeiro do Sul”	221
40	Síntese de agremiações encontradas no jornal “Cruzeiro do Sul”	222
41	Registro de entidades no jornal “Cruzeiro do Sul” de 1900 a 1939	223
42	Registro de atividades político-comerciais no jornal “Cruzeiro do Sul” por décadas	224
43	Circulação do mundo do “comércio” de/para espanhóis no Cruzeiro do Sul	224-225
44	Circulação do mundo do “comércio” de/para espanhóis segundo informantes	225-226
45	População em Sorocaba detalhada segundo Censo publicado em 1925	234
46	Recorte de Tabela sobre população imigrante no Brasil de 1844 a 1939	235
47	Informações de instituições em Sorocaba segundo Censo publicado em 1925	235-236
48	Uso de línguas portuguesa e espanhola na infância por falante na 1ª Faixa Etária	246
49	Percentual do uso de língua na infância – 1ª Faixa Etária (35-50)	247
50	Índice de estrangeiros do Brasil de 1930 a 1945	265
51	Quantificação em relação a ter feito ou não curso de espanhol	274
52	Quantificação dos que viajaram à Espanha	275
53	Fluência atual por idade	280
54	Síntese das interações na infância por idade	284
55	Síntese das interações na infância por gênero	285
56	Usos não espontâneos– por idade	296
57	Usos espontâneos – por idade	297
58	Usos solicitados – por gênero	299
59	Usos espontâneos – por gênero	300
60	Faixa Etária 1 x Origem dos Bairros x Reconhecimento Lexical	319
61	Faixa Etária 2 x Origem dos Bairros x Reconhecimento Lexical	320
62	Faixa Etária 3 x Origem dos Bairros x Reconhecimento Lexical	321

Lista de gráficos

01	Evolução da população de Sorocaba	36
02	Contato com espanhol na infância: quadro geral apontado	187
03	Uso linguístico na infância nas diversas interações: itens 10.1 a 10.9	196
04	Interação na infância por faixa etária (interlocutor)	196
05	Interação na infância por faixa etária (locutor)	197
06	Evolução do uso do espanhol em Sorocaba	242
07	Nível de fluência de modo geral	280
08	Uso linguístico atual	281
09	Uso linguístico atual x Faixa Etária com tendência	282
10	Fluência atual por faixa etária	283
11	Incidência geral de acertos na primeira menção e não registro nos 2 blocos do questionário linguístico	287
12	Acertos de usos por idade (valores totais)	290
13	Acertos de usos por gênero (valores totais)	290
14	Incidência geral de acertos por faixa etária por bloco	290
15	Incidência geral de acertos por gênero	290
16	Acertos de usos linguísticos por idade x gênero – 1º Bloco	291
17	Acertos de usos linguísticos por idade x gênero – 2º Bloco	291
18	Menções solicitadas por idade	296
19	Usos espontâneos por idade	297
20	Usos solicitados por gênero	300
21	Usos espontâneos por gênero	300
22	Acertos de usos linguísticos por idade x grau de descendência	313
23	Acertos de usos linguísticos por faixa etária x modo de descendência	315
24	Acertos de usos linguísticos por gênero x modo de descendência	316
25	Acertos de usos linguísticos por gênero x escolaridade	317
26	Acertos de usos linguísticos por gênero x descendência	318

Sumário

-INTRODUÇÃO	22
i. Objeto de pesquisa	22
ii. Perguntas e objetivos	27
iii. Panorama contemporâneo de Sorocaba, objeto de estudo e população estudada	28
- Vila Hortência	41
- Vila Haro	43
- Vila Assis	44
- Vila Barcelona	45
- Brigadeiro Tobias	45
iv. Organização da tese	46
 Capítulo 1: Estudos de contato e de bilinguismo	50
1.0. <i>Introdução</i>	50
1.1. Contato(s) linguístico(s) e suas consequências	50
1.1.1. Bilinguismo(s) e suas relações histórico-sociais	50
1.1.2. Língua de herança	53
1.1.2.1. Língua de Herança nos EUA: o caso da língua espanhola	59
1.1.2.2. Língua de Herança nos EUA: o caso de línguas germânicas	60
1.1.2.2.1. O caso do islandês norte-americano	61
1.1.2.2.2. O caso do norueguês norte-americano	62
1.1.3. Code-switching: da mudança e alternância de códigos a manutenção ou abandono de línguas	65
1.1.3.1. Mudança e alternância de códigos	68
1.1.3.2. Manutenção, troca e abandono de línguas	70
1.1.4. Repertório linguístico e translinguismo: importância do reconhecimento de fatores complementares nas práticas comunicativas e bilíngues	74
1.2. Línguas materna, línguas de imigração e políticas linguísticas no Brasil	76
1.3. Especificidades da Sociolinguística histórica	81
1.4. A natureza do componente lexical: definições e formas de estudo	87
1.5. O papel dos empréstimos na (re)formulação do léxico	88
1.6. Estudos dialetológico-geolinguísticos	91
1.6.1. Generalidades sobre Atlas Linguísticos da Espanha	92
1.6.2. Contribuições do ALEA para a discussão sobre o falar andaluz	97
1.7. Formas de aplicação de conceitos teóricos à análise de dados	99
 Capítulo 2: Métodos e procedimentos	101
2.0. <i>Introdução</i>	101
2.1. Pesquisa histórico-social	104
2.2. Perfil dos participantes e estratégias de coleta de dados	106
2.3. Instrumentos de pesquisa	112
2.3.1. O questionário sociocultural	112
2.3.2. Roteiro de entrevistas	113
2.3.3. Questionário linguístico	114
2.3.4. Levantamento etnográfico-documental	120

2.3.5. Pesquisa-piloto e processo de contato com os informantes	121
2.4. Processo de transcrição, catalogação e análise de dados	125
2.5. Dificuldades e soluções	128
Capítulo 3: Contatos linguísticos-culturais bilinguismo histórico em Sorocaba/SP	130
3.0. Sobre definição de cultura	130
3.1 Contatos históricos entre português e espanhol na Europa e no Brasil	135
3.2. Contatos entre português e espanhol em Sorocaba-SP a partir da imigração do fim do século XIX ao início do XX	139
3.2.1. Ciclos imigratórios espanhóis ao Brasil	139
3.2.2. Trajetória inicial do processo de imigração espanhola	143
3.2.3. Que dizem os descendentes acerca das motivações, origens e inserção inicial dos espanhóis em Sorocaba	150
3.2.4. Que dizem as fontes primárias do início do século XX acerca da situação da Espanha e seu processo de emigração	156
3.2.4.1. Primeiros anos do século XX	156
3.2.4.2. Meados do século XX e a questão franquista	158
3.2.4.3. A propaganda de emigração ao Brasil e o percurso Imigratório: de publicações de jornais a relatos dos informantes	161
3.2.4.4. Sorocaba no século XX: alguns elementos histórico-culturais	167
3.2.4.5. A “Sorocaba espanhola”: expressões da história social e da contemporaneidade	168
i. Cultura e o suposto cosmopolitismo de Sorocaba	169
ii. Órgãos sociais	175
iii. Toponímia e paisagem linguística espanhola/hispânica	176
iv. Economia	177
v. Personagens ilustres e questões político-ideológicas	179
3.3. Oposição linguística entre as zonas rural e urbana	182
3.4. Do encontro de línguas e culturas gerando bilinguismo no passado e memória linguística no presente	185
3.4.1. Bilinguismo histórico: usos no passado e periodização do espanhol até o presente	186
3.4.1.1. Usos linguísticos no passado: bilinguismo(s), mistura de línguas e um caso linguístico especial	186
i. Bilinguismo Passivo	188
ii. Bilinguismo Ativo	191
iii. Síntese das interações por faixa etária e gênero	193
iv. A mistura de línguas no passado: o que dizem os participantes	204
v. Um caso linguístico interessante: o uso de apelidos em espanhol	206
3.4.1.2. Uma proposta de periodização para a história do bilinguismo em Sorocaba	208
3.4.1.3. Domínio privado de uso segundo os informantes: cartas e diálogos entre entes mais velhos da família	212
3.4.1.4. Domínio público de uso, segundo os informantes	214
i. Feira e comércio	214
ii. Teatro e cinema e lazer na zona rural	217

iii. Baile/ Igreja	218
3.4.1.5. Domínio de uso, segundo o jornal Cruzeiro do Sul	218
3.4.1.6. Temas e textos relacionados à espanholidade no jornal Cruzeiro do Sul	227
i. Obras artístico-literárias em língua espanhola ou citando algo produzido nesta língua	228
ii. Questões sociais e demográficas	233
iii. Eventos e atividades políticas coletivas e econômicas	237
3.4.1.7 Síntese: espanhol do auge ao apagamento	241
3.5. Ações e discursos em defesa e contra a colônia espanhola	248
3.5.1 Importância e propaganda da/sobre a colônia espanhola sorocabana	249
3.5.2 Atividades político-culturais dirigidas à colônia espanhola em Sorocaba	253
3.5.3 Repressões, preconceitos, polêmicas e políticas que repercutiram na colônia espanhola sorocabana	257
i. Repressão policial	257
ii. Preconceitos e desafios segundo alguns informantes	259
iii. Governo Vargas, no Brasil, e General Franco na Espanha: entre proibições e perseguições políticas	263
3.6. Síntese de elementos influenciadores à manutenção/apagamento do espanhol	268
Capítulo 4: Panoramas etnográfico-linguísticos: o status atual do espanhol em Sorocaba/SP	273
4.1. Grau de contato atual com a língua e cultura espanhola	273
4.2. Memórias e usos linguísticos contemporâneos: alguns dados quantitativos	279
4.2.1. Uso linguístico atual e fluência linguística	280
4.2.2 Conhecimento de itens por idade e gênero: manutenção x apagamento	283
4.2.3. Reconhecimento de itens lexicais por idade e gênero mediante questionário linguístico	289
4.2.4 Referências espontâneas e solicitadas de termos e expressões em espanhol mediante questionário sociocultural: formulação de glossário bilingue	294
4.2.5 Itens lexicais de acordo com dicionários espanhóis e com o ALEA (Atlas Linguístico- Etnográfico da Andaluzia	301
4.2.5.1. Outros casos: aspectos fonéticos e morfossináticos no português de Sorocaba semelhantes aos existentes na língua espanhola	309
4.2.5.2. Outros casos: aspectos lexicais no português de Sorocaba semelhantes aos existentes na língua espanhola	310
4.3. Memória linguística atual: acertos x não registros nos questionários linguísticos	312
4.3.1. Resultados a partir da intersecção entre idade e grau/ modo de descendência	312
i. idade e grau de descendência	313
ii. idade e modo de descendência	314
4.3.2. Resultados a partir da intersecção entre gênero e grau de descendência, escolaridade, e modo de descendência	315
i. gênero e grau de descendência	315

ii. gênero e escolaridade	316
iii. gênero e modo de descendência	317
iv. dimensão do local de residência na infância e na atualidade	318
4.4 Iniciativas dos participantes para manutenção da língua espanhola	322
4.5. Questões etnográficas: visitas, diálogos, encontros, viagens	324
4.5.1. Eventos ligados à igreja e à Casa de España	325
i. “Noche Española”	327
ii. Missa “Espanhola”	328
iii. “Feria de Sevilla”	330
iv. Almoços típicos: “Bacalao a la Reina” e “Puchero”	331
4.5.2 Observação cultural e linguística: visitas e diálogos	332
i. Participação em evento organizado pela Casa de España em junho de 2018	332
ii. Diálogo junto à família de M. Ro., em julho de 2018	335
iii. Diálogo na rua, em uma praça onde costumam descendentes de espanhóis mais velhos se encontrar para conversar e jogar dominó, em setembro de 2018	339
iv. Diálogo junto à família Benitez na zona rural de Sorocaba, em julho de 2019	341
4.6. Perfis dos espanhóis: alguns caracteres discursivos sobre representações	343
4.6.1 Imaginários sobre o típico espanhol	347
i. O espanhol como avarento/acumulador	347
ii. O espanhol como bravo	349
iii. O espanhol como orgulhoso	350
iv. O espanhol como teimoso	352
4.6.2 Imaginários sobre a língua espanhola	353
i. Língua boa para criticar/xingar	353
ii. Língua intensa que se aproxima da identidade espanhola	354
CONCLUSÃO	355
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	362
ANEXOS	374
ANEXO 1 TERMO DE CONSENTIMENTO	374
ANEXO 2 QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL	376
ANEXO 3 ROTEIRO DE ENTREVISTA E QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO	378
ANEXO 4 TABELA COMPLETA DOS PARTICIPANTES	382
ANEXO 5 ESTATUTO DA SOCIEDADE DE IMIGRAÇÃO	384
ANEXO 6 DIARIO ESPAÑOL 24/11/1911	388
ANEXO 7 GLOSSÁRIO	389
ANEXO 8 PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP – UNICAMP	411

INTRODUÇÃO

i. Objeto de pesquisa

O Brasil é sabidamente plural e diverso já desde as suas origens, mesmo antes da chegada dos portugueses, quando centenas de línguas conviviam em nosso território. Foi justamente com a chegada de europeus e africanos, que se gerou, inevitavelmente, uma aproximação linguística e cultural bastante particular que é motivo de estudo para diferentes áreas do conhecimento como a história, a linguística, a sociologia, a arquitetura, dentre outras.

No caso específico do Brasil do fim do século XIX ao início do século XX, essa mescla atingiu patamares ainda mais diversos, pois não só houve as presenças portuguesa e africana gerando misturas étnico-linguísticas, mas também a imigração europeia, sobretudo, gerando repercussões até hoje.

Sabemos que essa mistura nem sempre foi pacífica entre todos os entes envolvidos, mas provavelmente gerou repercussões ao longo do tempo. Dentre os principais contingentes migratórios, um dos que mais se destacaram foi o espanhol, cuja imigração apresentou aspectos tanto comuns como específicos em relação a outras nacionalidades. Antes, porém, de tratar deste processo, lembremos que o intercâmbio de diversos hábitos, crenças, línguas e ideologias, independentemente do como tenha sido, contribuiu para a formação multiétnica, multilinguística e multicultural do povo brasileiro.

Cabe esclarecer, neste momento, o processo que nos levou a interessar-nos pelo estudo da imigração espanhola no Brasil.

Por questões de ordem pessoal, considerando nossa atuação como professor da área de espanhol, ficamos sabendo, em meados de 2015, que existia uma presença espanhola notável na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo, algo sobre o que jamais tínhamos ouvido falar em toda nossa formação e atuação enquanto profissional, até por ser de origem distante de onde ocorreu todo este processo, a saber, do interior da Paraíba, a milhares de quilômetros da região de estudo.

Contudo, a partir de um contato eventual e gradualmente afetivo com a cidade e com pessoas residentes nela, ficamos sabendo mais detalhadamente de questões de ordem linguística, cultural e histórica da cidade, o que complementou ou reforçou o conhecimento e hipóteses prévias de nossa parte, algo que não só se circunscrevia a questões de distância geográfica do polo de imigração, mas, também, se relacionava com outros aspectos. A primeira

referência bibliográfica à qual tivemos acesso foi o livro “Os espanhóis”, do jornalista histórico Sérgio Coelho de Oliveira, pesquisador dedicado à presença espanhola em Sorocaba. Com tal livro, revelou-se para nós uma notável realidade de histórias, lembranças e registros bastante impactantes e curiosos dos imigrantes espanhóis. Para produzir tal trabalho, Oliveira (2002) se baseou em vários anos de contato com seu bairro de origem, Vila Hortência, zona leste de Sorocaba, e nas várias crônicas e publicações em jornais locais que aquele autor escrevia a respeito da localidade.

Depois desta base inicial – o livro “Os espanhóis”, sobre o que nos debruçaremos posteriormente –, fomos ficando atentos a usos linguísticos de pessoas da cidade incluindo família de pessoas com quem tivemos mais contato de 2015 a 2016, e buscando referências a respeito de Sorocaba, da imigração espanhola, ou do porquê da falta de conhecimento acerca desta presença, além de outros textos pertinentes em termos de estudos linguísticos. Tal panorama e estudo gerou-nos o interesse de pesquisa que deu ensejo ao projeto de tese que desenvolvemos a partir do ano de 2017.

Outros estudiosos que contribuíram para nossa percepção sobre o presente objeto de estudo também fizeram referência ao fato de os espanhóis não apresentarem sua cultura de modo marcante. É o caso de Cánovas (2009, p.38) que cita vários fatores que justificariam a falta ou fragmentação de fontes acerca dos espanhóis e sua invisibilidade, ao menos acadêmica; seriam eles, por exemplo, questões peculiares da trajetória histórica daquela população de imigrantes, ou sua relação com outros grupos ou em virtude de como os espanhóis lidaram com a nova sociedade e, ainda, a nova condição que o estatuto de emigrante lhe conferia.

Um dado a mais tem a ver com a forma como se relacionavam entre si na criação de instituições culturais e políticas, *nas e a partir das* que, não raramente, entravam em conflito, tanto por questões regionalistas quanto ideológicas, o que teria dificultado a organização comunitária.

Cánovas (2009, p.39) destaca, também, o fato de que, apesar de muitas agremiações, especialmente em São Paulo, capital, terem sido criadas durante as primeiras décadas do século XX, algumas já teriam nascido com “dissidências ou fraturas incontornáveis” ou por problemas financeiros.

Por fim, subjetivamente, Cánovas ainda conclui que uma outra razão de invisibilidade seria a falta de interesse de parte da comunidade espanhola em aprofundar vínculos com o Brasil por intencionarem estar temporariamente neste país, o que teria:

contribuído para torná-lo [o imigrante] imperceptível do ponto de vista formal e oficial, aspecto este reforçado pela intensa movimentação que, aliada à sua constante itinerância, se dava para os países do cone sul, especialmente a Argentina, para onde

se dirigia sem deixar rastros documentais. (Cánovas, 2009, p. 42)

Acerca desta discussão sobre invisibilidade, Truzzi & Palma (2014) contribuem com mais detalhamento a respeito.

Segundo estes autores entendem, a partir de análises quantitativas e qualitativas, a suposta invisibilidade dos espanhóis no interior paulista poderia estar associada a vários fatores tais como a inserção mais rural, em áreas mais distantes, isto é, a oeste do estado, ou associada à menor mobilidade socioeconômica do grupo, esta, por sua vez, derivada do ambiente social, inicialmente bastante desfavorável dos imigrantes aqui chegados; incluíam-se, aí, fatores como elevadas taxas de analfabetismo, o alto percentual de passagens subsidiadas e a situação de miséria vigente, em particular na Andaluzia oriental, aspectos os quais concorreram para uma situação desfavorável e intimidadora já desde a Espanha e que, de alguma forma, se mantiveram aqui, mas com agravantes outros por se tratar de outro país, com outra cultura e língua e no qual se tinha que trabalhar em condições bastante severas.

Por fim, os autores também citam, tal como Cánovas (2009), o fato de que, em geral, não houve durante muito tempo estudos sobre os imigrantes espanhóis no interior paulista, o que contribuía, também, para a sua invisibilidade de modo geral. Na verdade, quando havia estudos, geralmente restringiam-se à capital paulista, afinal “as universidades (e, portanto, a produção intelectual sobre o tema) também se concentram mais próximas a esta”. (TRUZZI & PALMA, 2014, p.478)

Em suma, partindo dos autores acima é que resolvemos investigar o processo que resultou na invisibilidade da presença espanhola em Sorocaba e se permanecem registros linguísticos e culturais espanhóis naquela cidade, ainda hoje em dia. Afinal, vislumbrando uma considerável relevância da temática e entendendo existir a tendência de desaparecimento ainda maior na era contemporânea, resolvemos empregar, após aprovação do doutorado e consequentes alterações e aperfeiçoamentos do projeto de pesquisa, uma abordagem sociolinguística do contato entre o português e espanhol em Sorocaba mediante observações da presença da língua espanhola, considerando a imigração ocorrida durante as primeiras décadas do século XX no Brasil e, em especial, no Estado de São Paulo.

Em outros termos, concluímos a necessidade de verificar de que maneira alguns traços linguísticos podem, gradativamente, deixar de acontecer, apesar de terem “ecoado” na cidade durante muito tempo e que mereciam ser estudados e registrados, antes de que se suavizassem a tal ponto de ficar difícil perceber mais claramente as possíveis marcas existentes no falar da comunidade local.

Assim, a proposta é fazer de modo similar aos estudos de Pertile (2009, p.20), autora que estudou a maneira como o *talian*, variedade do italiano, emergiu pouco tempo depois da imigração que ocorreu no Rio Grande do Sul no início do século XX e que acabou, após seu auge, chegando à atualidade com dificuldades de se estabelecer como algo substancial linguisticamente. E este cenário linguístico fora marcado por descendentes de primeira ou segunda geração que não aprenderam o idioma dos pais ou apenas restringiam-se à condição de bilíngues passivos, isto é, apenas apresentando habilidade meramente receptivas na condição de escuta e leitura/compreensão da língua, mas sem chegar a se expressar oralmente, como afirma Semino (2007).

De acordo com Kipper (2012, p.97-98), a dicotomia entre bilinguismo passivo/ativo pode ser facilmente compreendida quando se consideram as comunidades de imigração alemã e italiana, no sul do Brasil. Para esta autora, em tais comunidades, os mais jovens apenas entendem os dialetos de imigração, portanto, seriam apenas bilíngues passivos diferentemente dos da faculdade ativa da fala mais presente nas pessoas mais velhas.

Para iniciar a pesquisa, estivemos atentos a uma série de situações em que há registros de fala do espanhol, o que nos levou a intuir que, apesar da diminuição do uso daquela língua e de manifestações culturais espanholas, é possível encontrar ainda expressões de origem espanhola em uso na comunidade. Referimo-nos a algumas observações preliminares e informais realizadas, de setembro de 2015 a abril de 2016, de falantes nativos de Sorocaba na faixa etária entre 30 e 55 anos e que são descendentes indiretos de espanhóis que emigraram para Sorocaba no início do século XX. Vejamos dois casos em que houve claro uso de lexemas utilizados em contextos familiares conservados entre pessoas descendentes de espanhóis.

Ex. 1: “Ai, que Chalaura [ʃala'ura] essa história toda da esposa do Temer!”

Para este primeiro caso, nos idos de 2016, cabe esclarecer a situação de uso. Em meados daquele ano, estava em pauta a discussão sobre costumes e definição de gênero por parte da então primeira-dama brasileira, Marcela Temer, esposa do ex-presidente Michel Temer. Discutia-se o fato de ela ser muito conservadora nos costumes bem como uma mulher subordinada ao homem, ou de caráter elitista, dentre outros aspectos. Diante desse quadro, presenciamos uma crítica irônica de uma mulher de cerca de 60 anos¹, neta de espanhóis e

¹ Esclarecemos que esta informante é descendente de segunda geração por parte de ambos os lados da família e teve contato, enquanto neta, com a língua basicamente a partir de seus pais que, por sua vez, nasceram no Brasil embora tenham estes tido contato com espanhóis nativos ao menos um terço de suas vidas.

descendente por ambos os lados da família, que julgou ser muita bobagem tanto a ex-primeira-dama ser como era bem como o fato de ter havido muita discussão a respeito nos jornais. Nesse sentido, usou-se o termo “chalaria”, variante andaluza de “chaladura”, que vem do verbo “chalar”, e que significa “enlouquecer”, “se apaixonar por alguém”, “falar bobagem”, conforme se vê na Real Academia Española, doravante RAE.²

Vejamos o outro exemplo, a seguir:

Ex.2: “As gachas [‘gafas] dessa cachorrinha estão se esparramando”.

No exemplo 2, a pessoa observada se refere à sua cadelinha de estimação que tinha como hábito se aproximar, fazer carinho de maneira insistente, aparentemente em troca de algum benefício. No caso, a palavra “gachas”, além de significar “mingau”, “polenta” ou, mesmo, metaforicamente, alguém “mole” ou “meloso”, também expressa o sentido expresso relativo à cachorrinha, isto é, dá a ideia de “ser mimado” ou “manhoso”, conforme se registra no dicionário da RAE.

Como pudemos observar nestes dois exemplos, as expressões utilizadas consistiam basicamente em empréstimos linguísticos mais metaforizados, em um caráter mais afetivo e em um momento de intimidade.

Complementarmente, informamos que, embora os dados históricos a que tivemos acesso não nos permitissem saber quantos espanhóis em média chegaram a Sorocaba em cerca de 40 anos, é sabido que foi o suficiente para criarem-se, ao menos em algumas décadas e cenários, mecanismos e tentativas de manutenção da cultura, a exemplo da formação de agrupamentos sociais, publicações literárias, anúncios tematizando produtos da região ou de manutenção de vestígios e jornais locais acerca de casamentos, matrimônios, e outros elementos em épocas posteriores como nomes de ruas, nomes de empreendimentos com a marca de sobrenomes espanhóis, traços da arquitetura hispano-mourisca dentre outros aspectos.

Seja como for, por que atrição linguística teria se dado de forma muito rápida, ou a manutenção ter se dado de modo tão precário ou fragmentado, provavelmente em menos de 60 anos, isto é, em possivelmente 2 ou 3 gerações, mas por que teria ocorrido disso? Que haveria de razões por trás disto?

Sendo assim, a partir de casos linguísticos como os que citamos ou a partir das primeiras impressões que tivemos, fomos estruturando a nossa pesquisa e percebendo que seria necessária uma perspectiva de abordagens, metodologias e técnicas complementares para poder identificar tanto o passado como o presente da língua de imigração, isto é, o espanhol, na cidade

² Disponível em: <<https://dle.rae.es/chalar>>. Acesso em: agosto de 2016.

de Sorocaba, ao mesmo tempo que deveria ser feito um paralelo com outros estudos e situações de contato não só entre espanhol e o português, mas entre este e outras línguas de imigração.

ii. Perguntas e objetivos

Todo o panorama descrito acima nos levou a pensar em responder às seguintes perguntas:

- a) Em que medida e de que modo ocorreu o funcionamento do bilinguismo português-espanhol em Sorocaba durante as primeiras décadas no início do século XX?
- b) O que contribuiu para o apogeu da língua espanhola em Sorocaba em determinado momento e para que essa língua, gradualmente, perdesse sua prevalência e chegasse ao estágio atual em que se encontra?
- c) A chamada perda da vitalidade linguística ou de mudança de língua (*language shift*) teria se dado por que razão(ões), de que modo e a partir de que influências no sentido de acelerar ou torná-la irreversível em que pese seu contato rápido e intenso após imigração massiva de espanhóis em Sorocaba, interior de São Paulo?
- d) O espanhol, enquanto língua, ainda permanece em Sorocaba e de que maneira (como bilinguismo, alternância ou mistura de códigos ou memória linguística a partir do uso de empréstimos)?

Tendo como espelho as perguntas de pesquisa acima, os objetivos de nossa pesquisa se definem como os seguintes:

-Gerais:

- ✓ Estudar a presença da língua espanhola, ao mesmo tempo, mediante uma perspectiva sincrônica da memória linguística e do uso de empréstimos linguísticos, e diacrônica de materiais históricos e documentais;
- ✓ Investigar efeitos do contato com espanhol na fala de indivíduos pertencentes à comunidade de hispano-descendentes em Sorocaba;
- ✓ Analisar historicamente a presença do espanhol em Sorocaba desde as primeiras levadas de imigrantes mediante documentos e registros de fala escritos e orais.

-Específicos:

- ✓ Fazer levantamento de traços léxico-semânticos do espanhol que eventualmente subsistem na fala dos descendentes de espanhóis em Sorocaba e, subsidiariamente, quando

possível, tecer considerações sobre traços fonéticos e/ou morfológicos encontrados e que, por ventura, possam ser relevantes;

✓ Analisar, panoramicamente, aspectos etnográficos da comunidade hispano-descendente em Sorocaba-SP, por meio de exame de periódicos da primeira metade do século XX e contemporâneos;

✓ Produzir um glossário local do léxico apresentado, mediante pressupostos lexicográficos.

iii Panorama contemporâneo de Sorocaba, objeto de estudo e população estudada

A fim de nos aproximarmos um pouco mais de nosso objeto de estudo, façamos um breve panorama acerca da cidade de Sorocaba, lócus de nossa pesquisa.

A população de Sorocaba segundo o IBGE, segundo o censo de 2021³, é de 723.682 mil habitantes, e a densidade demográfica é de cerca de 1608,64 hab./km², sendo a maioria de mulheres, em um total de 52%. Além disso, 99% da população vive na zona urbana.

Em termos econômicos e sociopolíticos, consta que, segundo o IBGE, Sorocaba, no ano de 2021, dispunha de PIB de R\$ 46,3 bilhões e renda *per capita* de R\$ 64.046,61 (dados de 2021), e IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal), no ano de 2010⁴, de 0,798, considerado alto, pois. O índice de escolarização girava em torno, no ano de 2010⁵, para crianças de 6 a 14 anos, de 98,1%, o que posicionava o município na posição 317 de 645 dentre as cidades do estado e na posição 1909 de 5570 dentre as cidades do Brasil. A mortalidade infantil, por sua vez, no ano 2022, era de 10,44 óbitos por mil nascidos vivos, o que difere um pouco da média do país, que era de mais de 13,8 óbitos por mil nascidos no país com os dados de 2021.

A área territorial de Sorocaba é 449,872 km², tendo esgotamento sanitário adequado de 98%, além de 48,5% urbanização e 82,2% de arborização de vias públicas, no ano de 2010⁶. O salário médio mensal, em 2020, era 2.9 salários mínimos, correspondendo a 32.9% da população ativa.⁷

³ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sorocaba/panorama>>. Acesso: 05 de maio de 2024.

⁴ Quanto ao IDHM, os últimos dados disponibilizados foram no Censo de 2010.

⁵ Idem nota 4, isto é, os últimos dados sobre escolarização disponibilizados são do Censo de 2010.

⁶ Idem notas 4 e 5, isto é, os últimos dados sobre esgotamento, urbanização e arborização disponibilizados são do Censo de 2010.

⁷ Dados sintetizados dos links <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sorocaba/panorama>> e <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/sorocaba.html>>. Acesso: agosto de 2020.



Figura 1: Região Administrativa de Sorocaba. In: IGC (2007 apud Celli 2012, p.19)

Acrescente-se a isto o fato de que a região administrativa de que Sorocaba é polo compreende cerca de 2,8 milhões de habitantes e segundo Buzanga (2005, p.58 apud Celli, 2012, p.19), a região administrativa de Sorocaba é a maior do Estado de São Paulo em termos de extensão territorial e engloba 5 regiões (em um total de 79 municípios), dentre as quais a região mais específica de Sorocaba inclui, além de Sorocaba, 18 municípios que são Alumínio, Araçariguama, Araçoiaba da Serra, Ibiúna, Iperó, Itu, Jumiirim, Mairinque, Piedade, Pilar do Sul, Porto Feliz, Salto de Pirapora, Salto, São Roque, Sorocaba, Tapiraí, Tietê e Votorantim.

No que diz respeito a questões de ordem demográfica tanto de Sorocaba como os relacionados à presença espanhola em tal cidade, veremos publicações apresentadas em edições do jornal *Cruzeiro do Sul*, de circulação mais restrita a Sorocaba, e *Diario Español*, publicação produzida na capital paulista, que, constantemente, citava questões relacionadas a Sorocaba e expunha visões sobre esta cidade a partir de alguns de seus correspondentes.

De maneira a complementar dados relativos à presença da imigração espanhola no Brasil, por exemplo, Capilla (2017, p.10) expõe, de maneira detalhada, tanto os principais destinos dos emigrantes espanhóis bem como os ciclos de emigração de 1872 até 2014, ano em que catalogou os últimos dados para a sua tese doutoral. Em relação aos principais destinos dos emigrantes espanhóis em percentuais, a autora expõe a tabela, a seguir, em que destacam os

principais destinos ao longo dos três momentos registrados; assim, a Argentina desponta em primeiro lugar nos dois primeiros momentos retratados, ou seja, de 1882 a 1930 e de 1946 a 1959 e se posiciona como segundo colocado no último período, isto é, de 1960 a 1988. Por sua vez, o Brasil se posiciona em terceiro lugar nos três períodos perdendo ora para Venezuela, ora para Cuba.

	Argentina	Brasil	Cuba	Uruguai	Venezuela
1882-1930	(1º) 48%	(3º) 8%	(2º) 34%	2,5%	-
1946-1959	(1º) 33%	(3º) 15%	-	6%	(2º) 31%
1960-1988	(2º) 23%	(3º) 8%	0,3%	5%	(1º) 48%

Tabela 1 - Principais destinos dos emigrantes espanhóis em porcentagens.
Fonte: Hernanz (2000, p-58-59) e Fernández Vargas (1992, p.585-607) apud Capilla (2017, p.8)

Outra tabela importante para verificar a presença espanhola é a que vem, a seguir, retratando, especificamente, a entrada no Brasil no período pós-colonial:

Anos	Nº Emigrantes	Porcentagens
1841-1871	1.372	0,2%
1872-1929	574.520	80%
1930-1949 ⁸	17.628	2,5%
1950-1964	120.188	16,8%
1965-1972	3.851	0,5%
Total 1841-1972	717.559	100%

Tabela 2 - Emigração espanhola ao Brasil de 1841 a 1972
(In: Klein, 1996, p. 143-150 apud Capilla, 2017, p.9).

Vejamos, a seguir, figura expondo, mediante associação entre questões políticas e econômicas, datas com maior incidência de espanhóis que vieram ao Brasil, a exemplo dos anos de 1893 e no período de 1910 a 1914.

⁸ Sobre esta época, conforme veremos posteriormente sobre questões relativas a implicações da política do governo de Vargas sobre imigração, houve várias ações a fim de dificultar ou proibir o ingresso de estrangeiros no país a fim de obter resultados sociais e econômicos pertinentes à visão do governo de então. Tais ações repercutiram, sobretudo no âmbito da 2ª Guerra Mundial, na diminuição drástica de imigrantes no país.

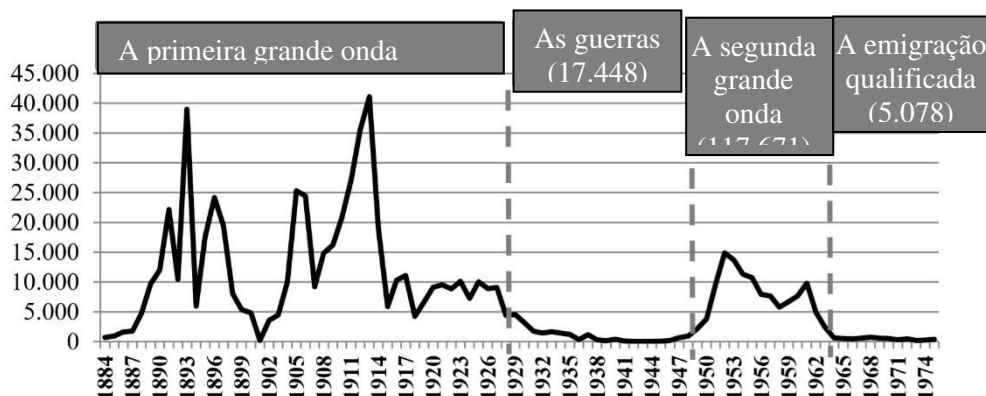


Figura 2: Imigrantes espanhóis que chegaram ao Brasil de 1884 a 1975

Fonte: Capilla, 2017, p.10 a partir de dados do IBGE, Estatísticas do Século XX, expostos no site <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/populacao>>. Acesso: 03/09/2023.

No que diz respeito ao total de entradas registradas de espanhóis no estado de São Paulo, o total desde as primeiras levas de 1885 até 1929, foi de 379.321, havendo anos de maior incidência espanhola, como veremos, na tabela 6, a seguir. Tais dados, que se baseiam na comparação entre imigrantes de diversas nacionalidades, foram citados por Cánovas (2005) após coleta na Hospedaria dos Imigrantes. Os números de entradas são separados por quinquênios dentro do interstício que vai de 1885 a 1929. Diante de tais números, escalonamos o total de 1º a 4º colocados considerando os italianos, portugueses, espanhóis e japoneses, destacando com sombreamento aqueles números correspondentes aos espanhóis em seu período de auge de ingresso no Brasil, ou seja, de 1905 a 1919.

Tabela 3 – Discriminação, por quinquênios, das principais nacionalidades (entradas no estado de São Paulo de 1885 a 1929)⁹

PERÍODO	TOTAL	ITALIANOS	PORTUGUESES	ESPAANHÓIS	JAPONESES	DIVERSOS
1885-1889	167.664	137.367 1º	18.486 2º	4.843 3º	--	6.968
1890-1894	319.732	210.910 1º	30.752 3º	42.316 2º	--	35.754
1895-1899	415.253	219.333 1º	28.259 3º	44.678 2º	--	11.305
1900-1904	171.295	111.039 1º	18.530 3º	18.842 2º	--	22.884
1905-1909	196.539	63.595 2º	38.567 3º	69.682 1º	825 4º	23.870
1910-1914	362.898	88.692 3º	111.491 2º	108.154 2º	14.465 4º	40.096
1915-1919	83.684	17.142 3º	21.191 2º	27.172 1º	12.649 4º	5.530
1920-1924	197.312	45.306 2º	48.200 1º	36.502 3º	6.591 4º	60.713
1925-1929	289.941	29.472 2º	65.166 1º	27.132 4º	50.573 3º	117.598

⁹ In: CÁNOVAS (2005, p.115) mediante dados obtidos a partir da Hospedaria dos imigrantes - Imigrantes estrangeiros entrados no Estado de São Paulo – Período 1885/1961. (Destaque para posição em número de indivíduos, de 1º a 4º lugar).

Considerando a tabela acima, Cánovas (2005) ilustra como, até 1889, os italianos representavam 81,9% dos imigrantes ingressados no Estado de São Paulo, enquanto que, no mesmo período, os espanhóis eram apenas 2,8% e os portugueses, 18,3%. Por sua vez, já no decênio seguinte, de 1890 a 1899, o percentual de italianos baixa para 66%, registrando déficits seguidos. De 1900 a 1909, registrou-se a contínua queda da imigração italiana, então com 47,4% do total, enquanto os espanhóis aparecem com 24% e os portugueses, com 15,5%. Na sequência, na década de 1910 a 1919, a presença dos espanhóis continua crescendo, atingindo 30% do total e os japoneses aparecem com 6%, enquanto que os italianos se reduzem a 23,7%.

Cánovas (2005) descreve, também, o modo como o fluxo imigratório se mantém uniforme até a Primeira Guerra Mundial, até que se reduz dentre as nações principalmente em virtude do fechamento dos mercados europeus aos produtos de importação, como era o caso do café, sem deixar de lembrar o como chegavam às autoridades consulares espanholas várias reclamações de maus-tratos sofridos pelos imigrantes nas fazendas onde trabalhavam.

Especificamente aos ciclos imigratórios da Espanha no Brasil, Capilla (2017, p.09-15) propõe que houve seis, por circunstâncias e interesses diferentes, dentre os quais destacamos os dois primeiros, que se referem aos períodos mais relacionados aos objetivos nosso trabalho. Observemos sua síntese, a respeito:

-1º ciclo: de 1872 a 1929, período que a autora chama de aluvião, isto é, o período de imigração massiva, em um total de 574.520 indivíduos que computaram 80% do total dos 717.559 contabilizados no período de 1841 a 1972, segundo o que consta em Klein (1996, p.143-150). Tal período teve essa quantidade em virtude da propaganda intensa do governo brasileiro e sua atuação planejada juntamente com proprietários de terra visando substituir a mão de obra escrava, cuja libertação aconteceu, como sabemos, em 1888. Este período nos interessa enquanto pesquisa, sobretudo de 1900 a 1930;

- 2ª ciclo: de 1930 a 1949, isto é, no período que inclui a Segunda Guerra Mundial e com diminuição considerável de incidência, resultando em apenas, novamente segundo Klein (1996: 150), 17.448 espanhóis nesses quase 20 anos; igualmente, este período nos interessa considerando o período de maior evidência e início da decadência da presença espanhola em Sorocaba mais intensa, possivelmente, a partir dos anos 1950 ou 1960;

- 3º ciclo: de 1950 a 1964, período que é considerado como a segunda grande onda, isto é, quando o desenvolvimento industrial realizado no governo brasileiro de Juscelino Kubitschek (de 1956 a 1961) acabou por exigir mão de obra mais especializada, de modo que assim se iniciou uma nova etapa de imigração também subvencionada que permitiu a entrada no Brasil de 117.671 espanhóis;

- 4º ciclo: de 1965 a 1988, contando com uma emigração qualificada, na qual se percebe uma grande queda devido tanto à crise econômica como à instabilidade política de Brasil, incluindo aí o período da ditadura a partir de 1964, bem como a abertura do mercado na Europa, o que acaba atraindo bem mais os espanhóis a outros países europeus. Sendo assim, citando-se Fernández Vargas (1992: 607), nesta fase, teriam emigrado ao Brasil apenas 17.046 espanhóis, sobretudo profissionais, religiosos e missionários;

- 5º ciclo: de 1989 a 2008, ou o chamado “gotejamento”, segunda Capilla, isto é, um período de imigração bastante reduzida e eventual, sobretudo devido à consolidação econômica e política de Espanha;

- 6ª e último ciclo registrado, de 2009 a 2014, com uma nova onda derivada da crise mundial de 2008, que fez a emigração de vários países aumentar rapidamente, resultando em um total de 39.018 espanhóis ingressados no Brasil, que, à época, se consolidava como nação emergente.

Complementando a descrição feita por autores como Oliveira (2002) e outros, Capilla (2017) ainda fala que a assimilação rápida à sociedade brasileira a ponto de desaparecer em sua identidade foi motivo de discussão em vários estudiosos contemporâneos, mas, até mesmo em jornais contemporâneos, como no caso do “El país” essa invisibilidade foi retratada. Assim, em notícia de 05/06/2014, segundo Capilla (2017, p.12) aquele jornal publicou artigo intitulado “El misterioso silencio de los 15 millones de brasileños de sangre española”¹⁰, no qual Juan Arias questionava por que, em havendo cerca de 15 milhões de cidadãos descendentes de espanhóis no Brasil, reina o mistério e o silêncio acerca deles. Duas das principais conclusões a que chegou Arias são a de que houve rápida “assimilação sentimental” dos imigrantes espanhóis e que existiu afinidade entre os dois povos em uma espécie de convivência mútua. Por fim, outro destaque importante, considerando as já citadas fases de imigração espanhola no Brasil, tem a ver com o perfil dos imigrantes, isto é, se antes, até os 1930 a 1950 eram mais comuns os espanhóis com menos instrução e, em sua maioria, de perfil agricultor, posteriormente, predominaram os espanhóis mais instruídos, inclusive com formação universitária e com trabalhos mais autônomos como advogados, empresários, dentre outros.

Considerando os dados acima relacionados à imigração espanhola, partamos, agora, para dados relacionados especificamente a Sorocaba. Salientamos, porém, que, eventualmente, encontramos algumas distorções ou dados desencontrados ou alguns, que pareciam ser fruto de recenseamento, na verdade, eram estimativas, por exemplo.

¹⁰ In: <<https://elpais.com/internacional/2014/06/04/actualidad/1401910096876304.html>>. Acesso em: 02/11/2020.

Neste sentido, produzimos uma tabela detalhada a partir de cruzamento de dados estudos demográficos, anuários, referências do Seade/SP (Sistema Estadual de Análise de Dados de São Paulo) e do próprio site do IBGE a fim de se perceber a evolução populacional de Sorocaba. Para tanto, fizemos consultas prévias no site do *Wikipedia*® e, a partir do citado como fontes, fomos buscar nos arquivos originais. Além da população do ano de 1890 a 2022, mostrando percentuais exibindo o aumento populacional em Sorocaba a cada década, destacamos, em sombreado cinza, algumas décadas que coincidem com maior ingresso imigratório, sobretudo espanhol, conforme apontam dados, abaixo, que serão retomados no Capítulo 1.

A fim de sanar um problema em relação, por exemplo, ao ano de 1930, quando não houve recenseamento, pusemos dados do ano de 1934 com dados extraoficiais de contagem feita no estado de São Paulo, especificamente e tecemos um comentário a respeito em relação ao período compreendido entre o ano de 1920, ano em que foi, sim, feito um recenseamento, e o de 1940, quando, também, foi feito outro recenseamento. Vejamos, a seguir, pois, nosso levantamento em forma de tabela com as respectivas fontes de cada índice populacional referente a cada ano citado.

ANO	1890 ¹¹	1900 ¹²	1910 ¹³	1920 ¹⁴	1934 ¹⁵	1940 ¹⁶	1950 ¹⁷	1960 ¹⁸	1970 ¹⁹	1980 ²⁰	1991 ²¹	2000 ²²	2010 ²³	2022 ²⁴
Hab (mil) (censo ou estimativa)	17,1	18,5	32 (esti- mada)	43,3	66,9 (esti- mada)	70,8	93,9	138,3	175,6	269,3	379	493,4	586,6	723,6
Crescimento %	----	+8%	+73%	+35%	+54,5%	+5,9%	+33%	+47%	+27%	+53%	+41%	+30%	+19%	+23%
De 1920 a 1940, aumento de 63,3% segundo censo, média de 31,8% por década. No cálculo de cada tempo seria: 60,4 (54,5+5,9)														

Tabela 4: Evolução da população de Sorocaba, com destaque em sombreamento para as décadas de 1910, 1934 e 1950- 1960, épocas de bastante incidência de imigração espanhola e de outras nacionalidades, também, um comentário sobre 1920-1940, já que não houve censo em 1930. (Organização de dados e tabela feita pelo autor).

Destaquemos, na tabela acima, as décadas de 1910 a 1940, época em que notavelmente a população sorocabana aumenta consideravelmente por possível influência da imigração de contingentes estrangeiros a exemplo dos espanhóis como puderam convergir os dados sobre entrada de espanhóis no Estado de São Paulo. Claro que, em outras épocas, esta mesma população aumenta, porém, em virtude de outros tipos de contingentes que chegam e que não necessariamente era de espanhóis, cuja incidência se deu sobretudo até os anos 1940.

¹¹ In: SOUSA, Alberto, 1870-1927. Estudos demográficos: a população de São Paulo no último decênio; 1907-1916 / Alberto Sousa. São Paulo: Tip. Piratininga, 1917. [2], 111, [2] p.; tabs.. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=LIVROSSP&pagfis=14548> Acesso: 06/05/2024.

¹² In: SOUSA, Alberto, 1870-1927. Estudos demográficos: a população de São Paulo no último decênio; 1907-1916 / Alberto Sousa. São Paulo: Tip. Piratininga, 1917. [2], 111, [2] p.; tabs.. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=LIVROSSP&pagfis=14548> Acesso: 06/05/2024.

¹³ In: SÃO PAULO. Instituto Butantan. Instituto Serumtherapico do Estado de S. Paulo, Brasil. [São Paulo: Est. Pocaí-Weiss, 1914]. 56 p., fotos ; il. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=LIVROSSP&pagfis=19431> Acesso em: 06/05/2024.

¹⁴ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2646>. Acesso em: 06/05/2024.

¹⁵ Disponível em: <https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/singlepage/index.php?pubcod=10011676& parte=1>. Acesso em: 06/05/2024.

¹⁶ Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/314/cd_1940.pdf. Acesso em: 06/05/2024.

¹⁷ Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v25_t1_sp.pdf. Acesso em: 06/05/2024.

¹⁸ Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t13_sp.pdf. Acesso em: 06/05/2024.

¹⁹ Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t18_p3_sp.pdf. Acesso em: 06/05/2024.

²⁰ Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/71/cd_1980_v1_t3_n17_sp.pdf. Acesso em: 06/05/2024.

²¹ Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/82/cd_1991_n21_caracteristicas_populacao_domicilios_sp.pdf Acesso em: 06/05/2024.

²² Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9663-censo-demografico-2000.html?edicao=9771&t=downloads>. Acesso: 06/05/2024.

²³ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sorocaba/panorama> Acesso: 06/05/2024.

²⁴ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sorocaba/panorama>. Acesso: 06/05/2024.

Vejamos, agora, os dados expostos a partir de um gráfico no qual possamos perceber variação notável no grande intervalo de 1910 a 1940 quando a população sorocabana, seguindo a tendência dos grandes centros receptores de imigrantes do Estado de São Paulo, aumenta bastante.

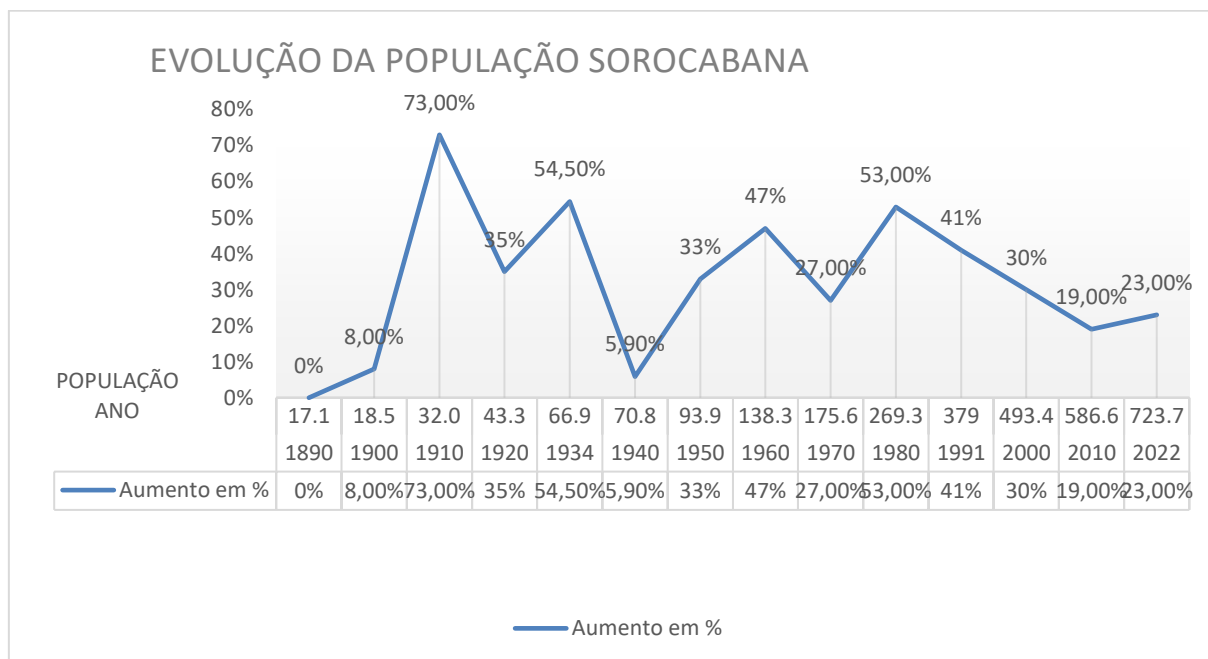


Gráfico 1: Evolução da população de Sorocaba com destaque para as décadas de 1910, sobretudo esta, além de 1920 a 1940 e de 1950 a 1960, épocas de bastante incidência de imigração espanhola e de outras nacionalidades. Dados organizados pelo autor.

Como se pode verificar, chamam a atenção as décadas de 1910 a 1930, justamente época de maior incidência de entradas de imigrantes no Brasil, em São Paulo e, por extensão, Sorocaba. Outro aumento vai se ver mais intensamente entre as décadas de 1950 e 1960, justamente quando ocorrem novas levas de imigrantes por razões diversas daquelas do início do século. Sorocaba é uma cidade que se encontra no interior de São Paulo, que se destacou economicamente, desde sua origem, entre altos e baixos, em seus vários ciclos, desde agropecuários a industriais. Acrescente-se o fato de que a cidade apresenta uma característica multicultural, derivada das constantes levas imigratórias de diferentes países ao longo do século XX, que incluem, sobretudo, as culturas portuguesa, italiana, espanhola e japonesa, além das migrações internas de outras regiões do país, sobretudo do nordeste. Enfim, todo um processo que contribuiu para existência de traços vários que vão desde aspectos fisionômicos dos próprios descendentes mestiços, a costumes gastronômicos, traços arquitetônicos ou âmbitos toponímicos e comerciais.

Sorocaba, além de de possuir característica multicultural, apresenta uma história

que a fez ser conhecida regional e nacionalmente em diferentes momentos, tendo sido grande difusora, mais antigamente, do grande ciclo tropeiro. Depois, houve a grande efervescência liberal e anti-escravocrata na época do Brasil Imperial, ou pelos intensos ciclos industrial e agrícola que incluíram produção de ferro, algodão, laranja e cebola. Também, Sorocaba destacou-se por fortes movimentações políticas grevistas, anarquistas/comunistas, grandemente influenciadas por espanhóis e italianos, ou por sua posição geográfica, clima e condições econômicas favoráveis que oportunizaram o ingresso de várias indústrias, fábricas de diferentes áreas e, portanto, boas oportunidades de emprego. No que diz respeito mais especificamente ao nosso objeto de estudo, cabe destacar que esta cidade recebeu várias influências (i)migratórias espanholas. Tanto é assim que apresenta uma zona quase inteira, a chamada Zona Leste, repleta de bairros que, direta ou indiretamente, receberam a influência da presença espanhola. Segue, abaixo, a localização da cidade no Brasil e no estado de São Paulo.

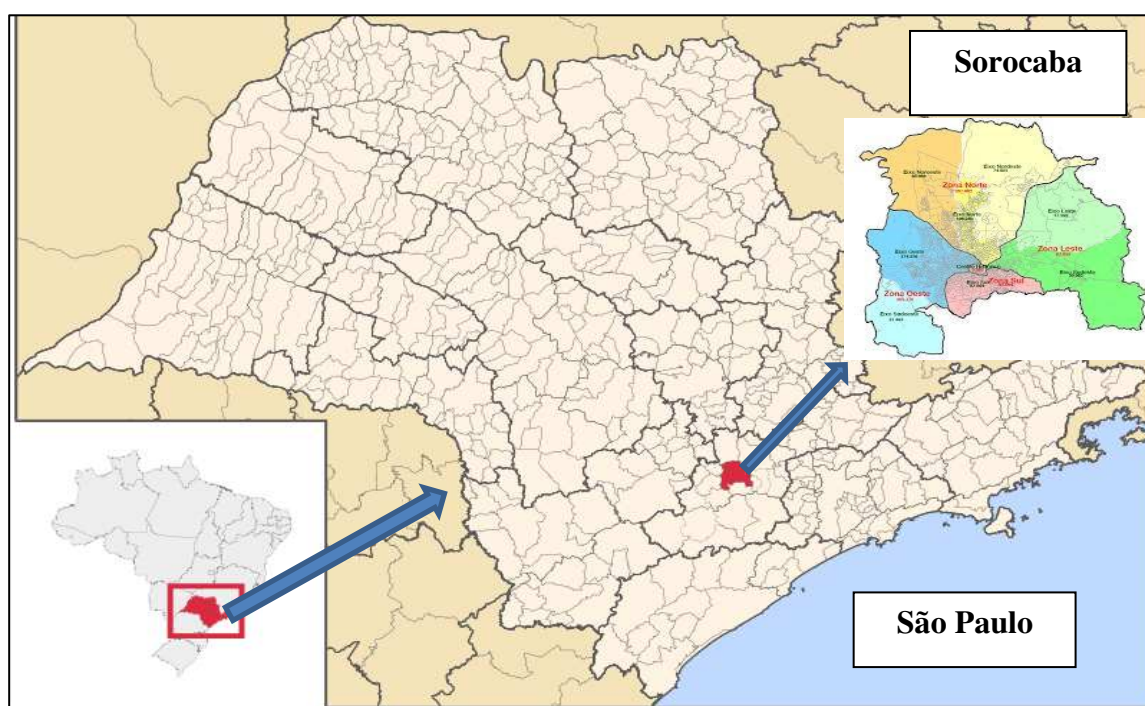


Figura 3: Localização de Sorocaba no Brasil e em São Paulo.

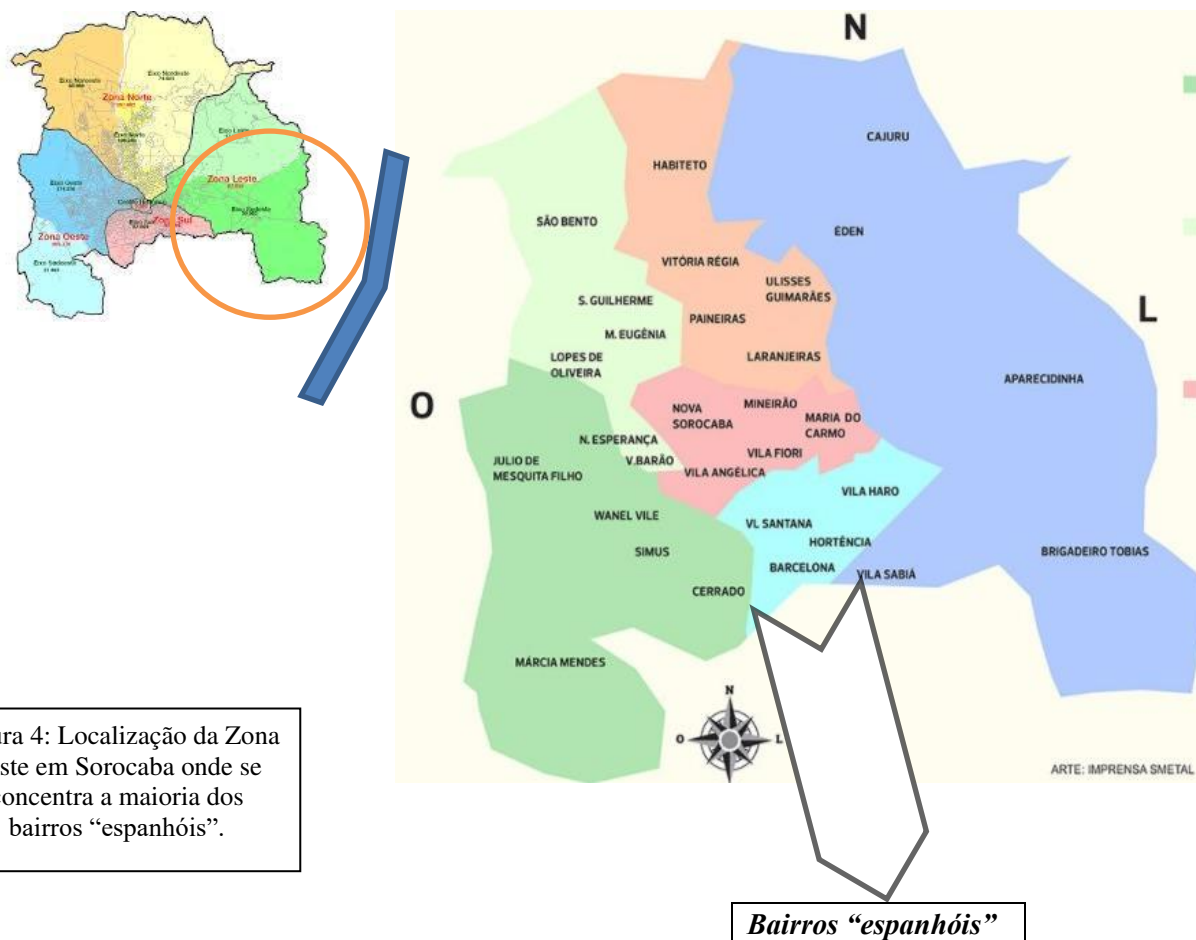


Figura 4: Localização da Zona Leste em Sorocaba onde se concentra a maioria dos bairros “espanhóis”.

No detalhe, vemos o destaque à região leste de Sorocaba que inclui bairros mais tipicamente espanhóis como os que estão, na versão digital desta tese, em cor turquesa (Vila Haro, Vila Hortência e Vila Barcelona) e parte do azul, compreendendo a zona rural e o bairro de Brigadeiro Tobias, antigo distrito de Sorocaba.

Em relação à referida área onde se encontram os bairros que investigamos, apesar da renovação e aumento populacional massivo gerado pela imigração a partir do fim do século XIX, percebemos a expressiva heterogeneidade, uma vez que há tanto representantes de imigrantes europeus, incluindo portugueses e italianos, além dos espanhóis, como migrantes de outras cidades do estado de São Paulo ou do Nordeste, sobretudo.

Detalhando melhor acerca dos bairros, cabe dizer que Sorocaba apresenta tanto diversidade cultural como grande diversidade de bairros intitulados *Jardins*, *Vilas*, que se complementam, tangenciam ou mesmo se sobrepõem muitas vezes, o que dificulta se saber de qual bairro se trata pelo pequeno tamanho. Tanto é assim que é até possível encontrar para o mesmo imóvel ora referência a um bairro, ora referência a outro, como é comum na Zona Leste, onde há um conjunto de pequenos bairros que se estendem até a Rodovia Raposo Tavares, culminando na Zona Rural da cidade compreendida pelo bairro/distrito de Brigadeiro Tobias,

zona onde preponderou a presença dos imigrantes espanhóis.

Tais bairros apresentam arquitetura em geral mais antiga e custo de vida um pouco mais baixo do que a maior parte da cidade, havendo, porém, a devida infraestrutura de saneamento, asfalto, pavimentação, além da presença de vários empreendimentos úteis ou básicos em uma cidade organizada a exemplo de supermercados, feiras, igrejas, postos de gasolina, lanchonetes, farmácias, assistência bancária (caixas 24h). Destaque-se, porém, o único zoológico da cidade, chamado Parque Municipal Quinzinho de Barros, cujo nome se refere a um benfeitor da comunidade espanhola, além do local onde funcionam a Feira livre de Santa Maria e a Igreja de Bom Jesus dos Aflitos, na Vila Hortência.

Não há, nesses bairros, contudo, shoppings ou edifícios altos, mas, sim, pequenas pontes, casas baixas e edifícios de apartamentos de até três andares e diversas praças públicas, postos de saúde e dois hospitais de pequeno porte. Estes bairros também tangenciam outras regiões do bairro incluindo o Centro, que está em um raio de cerca de 5 a 7 km. Também, há uma vasta densidade de matas e florestas neste setor da cidade, córregos, ladeiras, morros, etc. Detalhando melhor os referidos bairros, vejamos algumas imagens e descrições geográficas correlacionadas.

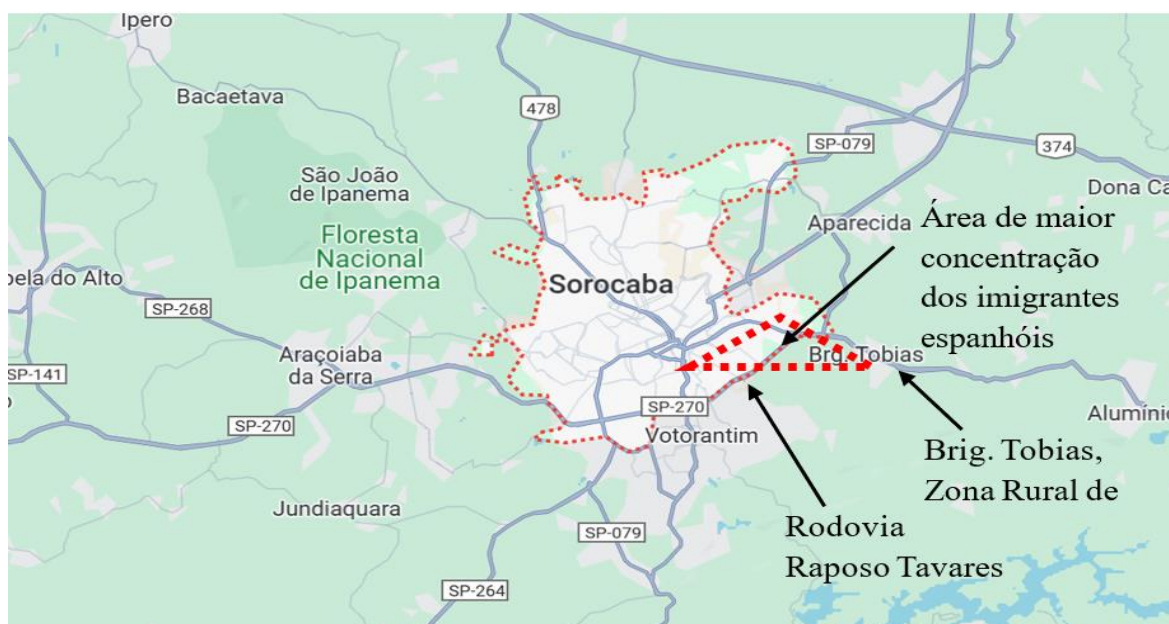


Figura 5: Distribuição dos principais bairros e setores de incidência de imigrantes espanhóis em Sorocaba. In: <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso: outubro de 2020. Adaptação gráfica feita pelo autor.

Como se pode ver na Figura 5²⁵, existe uma concentração dos bairros com maior incidência de espanhóis na Zona Leste de Sorocaba, a qual tangencia a Rodovia Raposo Tavares e se aproxima da região de Brigadeiro Tobias. Tal proximidade tem a ver, como observaremos melhor posteriormente, com a urbanização que foi oriunda ou majorada pela presença de linhas férreas que conectavam esta região com a capital paulista e com outras cidades mais interioranas do estado. Na figura 6, por sua vez, podemos ver o fato de que os bairros Vila Haro e Vila Hortência, principais desta presença espanhola, se tangenciam e se complementam. Mais ao sul, vemos os bairros da Vila Assis e Vila Barcelona que, além de próximos aos outros dois, da mesma forma fazem fronteira entre si.

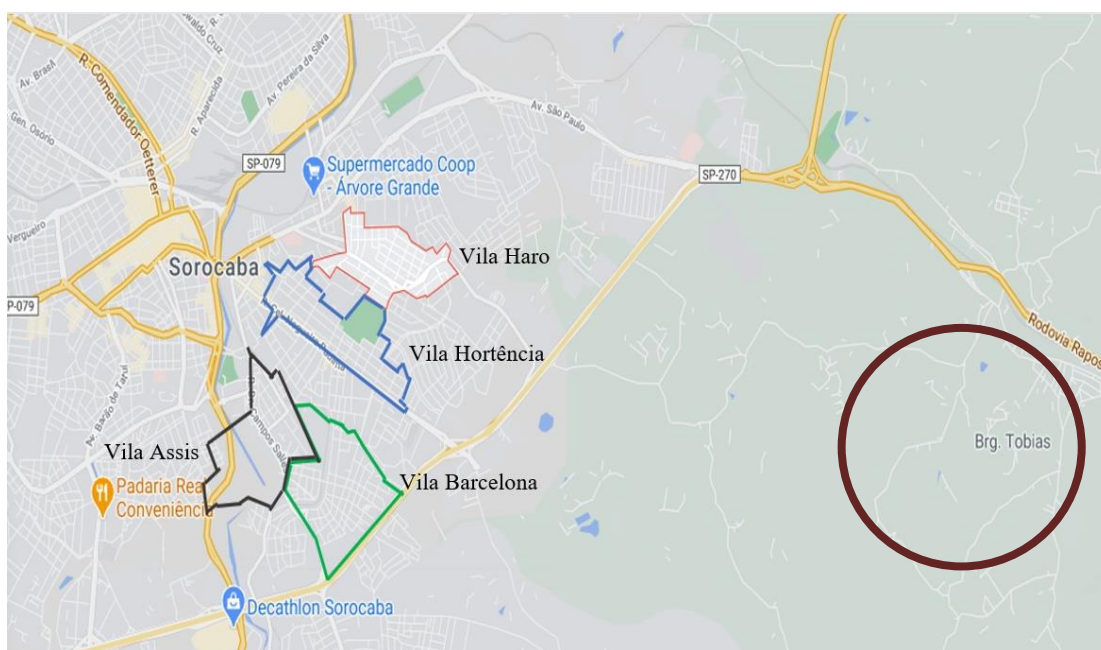


Figura 6: Maior detalhamento dos principais bairros de incidência espanhola. In: <<https://www.google.com.br/maps>>. Adaptação gráfica feita pelo autor.

Informamos que, a partir de nossas observações etnográficas e a partir de entrevistas entre 45 min e 2 horas a depender dos informantes, extraímos dados sobre a região já que pouco se expõe acerca em livros ou na internet, excetuando-se o livro “Os espanhóis” de Sérgio Oliveira, que reserva um capítulo à parte e cuja descrição será feita um pouco mais à frente observando outras facetas pertinentes à nossa pesquisa.

Sigamos, agora, com alguns aspectos específicos de cada bairro, começando pelo principal em termos de presença espanhola, isto é, a Vila Hortência.

²⁵ Tal premissa parte de levantamentos históricos presentes sobretudo no livro “Os espanhóis” (2002) de Sérgio Coelho de Oliveira, sobretudo considerando nomes de empreendimentos do passado e do presente ligados aos imigrantes nos bairros referidos, nomes de ruas, monumentos homenageando a presença daqueles imigrantes, dentre outros aspectos.

- Vila Hortência



Imagem 1: Rua Nogueira Padilha, principal da Vila Hortência, com destaque para a igreja Bom Jesus dos Aflitos, onde aconteceram vários eventos religiosos e culturais em homenagem à colônia espanhola. In: <http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/passeio-guiado-apresentara-a-historia-da-vila-hortencia/> Acesso: setembro de 2020.



Imagem 2: Cruzamento das Ruas Quinzinho de Barros (benfeitor da colônia espanhola e cujo nome foi emprestado ao zoológico da cidade) e Rua Fernão Sales. Notem-se casas de teto baixo, típico das construções espanholas em contraste com edifício ao longe em construção. In: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso: setembro de 2020.



Imagem 3: Ruína de casa à rua Santa Maria com arcos (lembrando a cultura de origem árabe como os palácios árabes), fachadas estreitas, casas simples e conjugadas. (Foto do autor)



Imagem 4: Anúncio de casa na Espanha com preeminência de arcos que mesclam culturas romana e mourisca. In: <https://www.idealista.com/news/inmobiliario/top-idealista/2015/07/13/738377-casas-tipicas-de-espana>. Acesso: março de 2023.



Imagem 5: Registro de edificação antiga na Espanha de influência hispano-mourisca. In: https://es.wikipedia.org/wiki/Arquitectura_morisca. Acesso: março de 2023.



26

Imagem 6: Fachada do Parque dos espanhóis em Sorocaba à época de sua fundação. In: CRUZEIRO DO SUL. **Parque dos Espanhóis tem 1ª edição do 'Golden Times'**. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/cultura/noticias/2022/11/704277-parque-dos-espanhois-tem-1-edicao-do-golden-times.html>. 06/11/2022. Acesso: março de 2023.

A Vila Hortência, assim nomeada, segundo reportagem do Jornal Correio do Além Ponte²⁷, em homenagem à esposa do benfeitor dos espanhóis na região, Manoel Quinzinho de Barros, surgiu do loteamento de duas grandes fazendas, isto é, a do próprio Quinzinho de Barros e, também, a Chácara Amarela, cuja divisão era o Caminho dos Morros, atual Rua Nogueira Padilha, principal avenida do bairro. Trata-se, pois, de um dos primeiros bairros²⁸ de Sorocaba e preserva em suas ruas e personagens, importante parcela da história e costumes da cidade. O fato é que o bairro pôde se consolidar basicamente após a chegada dos imigrantes espanhóis no

²⁶ Esta imagem encontra-se em publicação do Jornal Ipanema em 18 de outubro de 2008 e faz referência à 1ª semana de Espanha finalizando com a entrega, no bairro Pinheiros, hoje Barcelona, do Parque dos Espanhóis onde funcionava o Centro Social Urbano (CSU), contando com infraestrutura para festas e eventos. O jornal descreve que, à ocasião, houve atrações e atividades relacionadas à “Semana da Espanha” com apresentação de dança flamenca, declamação de poesias, coral e fanfarra. Em relação à estrutura do monumento alusivo aos espanhóis, a publicação ainda informa que apresenta “linhas clássicas e arcos simétricos (em formato ogival), em referência ao estilo arquitetônico espanhol, que a partir do século XVI recebeu influências do Império Romano e dos povos árabes. Os arcos em tijolos, com gradil central metálico semelhantes ao existente na Catedral da Sagrada Família, de Barcelona, na Espanha, projetada pelo arquiteto Antonio Gaudí, em 1882”.

²⁷ Vide edição 33, de agosto de 2010, folha 1, do jornal Correio do Além Ponte.

²⁸ In: CAMPOS, Mariana. **Passeio guiado apresentará a história da Vila Hortência**. Disponível em: <https://agencia.sorocaba.sp.gov.br/passeio-guiado-apresentara-a-historia-da-vila-hortencia>. Acesso: 25 set. 2020.

final do século XIX, e seria uma espécie de polo da região de onde irradiaram grandes levadas de imigrantes a bairros vizinhos e até a zona rural de Sorocaba. É neste bairro onde se concentram alguns dos pontos principais de convergência com a história da região, a exemplo do Museu Histórico Sorocabano, que expõe elementos indígenas, de colonização, dentre outros, além do já citado Zoológico Quinzinho de Barros e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, que reúne um grande acervo de livros, jornais, ilustrações antigas, relacionados ou não aos espanhóis em Sorocaba.

- Vila Haro



Praça Antônio Peres Haro

Imagem 7: Ao centro, a praça Antônio Peres Haro na rua chamada Ramon Haro Martini situado no bairro que já foi pomar e, após loteado, tornou-se um bairro ou Vila, de pequeno tamanho. In: <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso: outubro de 2020.

Este bairro, por sua vez, segundo fontes orais, surgiu a partir da relevância e influência da Família Haro para a região. Nesta, após realizarem-se cultivos de laranja e cebola, integrantes daquela família lotearam os terrenos sob controle de Antonio Haro, que costumava alugar imóveis, que, gradualmente, foram sendo vendidos no início do século XX e se tornando propriedade também de outros grupos familiares. A área foi tão influenciada pelos Haro que assim, claro, foi nomeado o bairro e, até mesmo a sua rua principal, Ramon Haro Martini, é resultante de homenagem a um outro ente da família, homônimo ao logradouro. Este bairro, também, apesar de bem pequeno, apresenta serviços básicos à região como posto de saúde, farmácias, padarias, igrejas, escola pública e pequenos estabelecimentos comerciais, como lava-rápido, oficinas, academia de ginástica, pequenos restaurantes e bares e floricultura. Acrescente-se o fato de que se situa próximo à saída para a Rodovia Raposo Tavares, bem como apresenta uma zona arborizada que também se estende até bairros como Vila Mencacci, de influência italiana, ou Jardim Prestes de Barros. Cabe dizer que a toponímia italiana vai estar presente em várias ruas próximas em virtude da referência histórica de personagens italianos na região.

- Vila Assis



Imagens 8 e 9: trata-se de locais da Vila Assis. À Esquerda, veem-se alguns tipos de casos comuns neste bairro e em outros de influência espanhola, isto é, baixas, com traços retangulares e quadrados e entrada bastante estreita. À direita, destaque para a Igreja de São Francisco de Assis, que dá o nome ao bairro. (Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>> Acesso: out. 2020.

A Vila Assis, diferentemente das Vilas Hortência e Haro, não é um bairro derivado de loteamento ou de história em essência espanhola, mas que converge com ela, provavelmente por questões geográficas. Tal bairro converge com a Vila Barcelona e apresenta tal nome em virtude da Paróquia São Francisco de Assis e é nele onde se encontra o Parque dos Espanhóis, local de passeio e lazer que foi construído para homenagear os espanhóis. Apesar de também pequeno, tal bairro demonstra sua relevância não sendo apenas residencial, mas também apresentando um certo contingente de estabelecimentos comerciais a exemplo de floricultura, lanchonete, concessionária de carros, oficina, açougue, sapataria, dentre outros. Em tal bairro, além da arquitetura frequentemente de influência espanhola da época, passa o Rio Sorocaba e existem resquícios da Estrada de Ferro Sorocabana, o que, sem dúvida, contribuiu para a sua ocupação.

- Vila Barcelona



Imagens 10 e 11: trata-se de locais da Vila Barcelona. À esquerda, registro do Jardim Barcelona na Avenida Paraguai, com destaque no canto esquerdo superior para a sede do Clube Atlético Barcelona assim chamado após surgimento do bairro com este nome, cuja referência veio da cidade espanhola, Barcelona. Por sua vez, à direita, na Rua Cervantes, no canto esquerdo inferior, um trecho da linha de Estrada de Ferro Sorocabana (EFS) e, mais acima, casas pequenas de entrada estreita, comuns entre os espanhóis da época mantidas até hoje.

Conforme reportagem no jornal local, *Cruzeiro do Sul*, realizada por Carlos Araújo, em 18 agosto de 2019²⁹, o bairro nasceu a partir de um povoamento ao lado dos trilhos do trem. O principal logradouro do bairro, chamado Avenida Paraguai, é o principal eixo viário que fomentou a ocupação e circulação de espanhóis na região, mas, mais do que essa avenida, sem dúvida, a Estrada de Ferro Elétrica Votorantim e a Rodovia Raposo Tavares foram as principais vias que contribuíram neste sentido.

O bairro apresenta, além de arquitetura espanhola em alguns trechos, uma heterogeneidade de serviços que incluem pequenos empreendimentos como padarias, restaurantes, dentre outros, também, loja e oficina de automóveis, um estádio, como vimos na imagem 10, em homenagem ao bairro. Predominam, contudo, empreendimentos e casas antigas, em que pese haver empreendimentos mais recentes como oficinas, lanchonetes, um grande supermercado, dentre outros.

- Brigadeiro Tobias

Por fim, Brigadeiro Tobias, único bairro da zona rural citado aqui, é uma das principais áreas de presença espanhola; contudo, em virtude de estar mais afastado, acabou não mantendo traços urbanos e geográficos mais espanhóis. Trata-se de um bairro que já foi distrito bem como faz parte da Zona Leste da cidade de Sorocaba, e fica às margens da Rodovia Raposo Tavares.

²⁹ In: ARAÚJO, Carlos. Tradição e memória na zona leste da cidade. 18/08/2019. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/sorocaba/tradicao-e-memoria-na-zona-leste-da-cidade>. Acesso: 03/10/2020.

O povoamento do bairro originou-se em torno da estação ferroviária da Estrada de Ferro Sorocabana³⁰, inaugurada no ano de 1899 na fazenda Passa Três, de propriedade de Brigadeiro Tobias de Aguiar. Assim, o nome do povoado e da estação é uma homenagem ao proprietário que foi um dos principais nomes do movimento liberal no século XIX e um dos líderes liberais da primeira metade do século XIX.³¹ Devido ao grande movimento da estação, o povoado foi elevado a distrito pelo Decreto Estadual nº 6.770 de 12/10/1934. Tal bairro apresentou destaque no passado em virtude dos cultivos de cebola e laranja, justamente duas das grandes especialidades dos agricultores espanhóis da época. Como se trata de uma região no limiar entre zona rural e zona urbana, há pouco povoamento, urbanização, mas predominam campos e chácaras e, apesar de não estar distante da zona urbana de Sorocaba, conserva características de cidade pequena. Neste bairro, também, é onde se encontra o Casarão Brigadeiro Tobias, como se vê na imagem 12, a seguir. Tal nome homônimo ao bairro faz referência ao já citado político liberal do Brasil Imperial que residiu em tal casa, que, atualmente, funciona como museu com temática sobretudo tropeira.



Imagens 12 e 13: À esquerda, a antiga Estação de Brigadeiro Tobias e, à direita, o famoso Casarão Brigadeiro Tobias, onde funciona, atualmente, o museu relacionado aos tropeiros, importantes personagens históricos de Sorocaba. Imagens disponíveis em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/b/brigtobias.htm>> e em <<https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/776457/casarao-de-brigadeiro-tobias-esta-funcionando-na-informalidade>>. Acesso: 25/08/2020.

iv. Organização da tese

A presente tese apresenta duas partes: uma primeira onde consta a pesquisa propriamente dita, indo desde as considerações iniciais até as referências e anexos, e uma segunda, que inclui as transcrições de entrevistas.

Na primeira parte, após a Introdução, seguimos com o Capítulo 1 – *Estudos de*

³⁰ In: In: GIESBRECHT, Ralph Mennucci. **Estações ferroviárias do Brasil**. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/b/brigtobias.htm>. 2021. Acesso: 23 ago. 2020.

³¹ In: G1 – Sorocaba e Jundiaí. **Brigadeiro Tobias é escolhido para receber “O Bairro Ideal” em Sorocaba**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/bairro-ideal/noticia/brigadeiro-tobias-e-escolhido-para-receber-o-bairro-ideal-em-sorocaba.ghml>. 06/07/2017. Acesso: 23/08/2020.

contato e de bilinguismo, apresentando marcos teóricos relativos ao nosso objeto de estudo. Neste sentido, iniciamos discutindo sobre contato linguístico, bilinguismo, e expomos panorama sobre conceitos complementares como língua de herança, *code-switching* até chegarmos ao debate sobre mudança e alternância de códigos, manutenção/troca de línguas e fenômenos derivados de situações de contato linguístico, a exemplo de atrição linguística. Na continuação, versamos sobre repertório linguístico e translinguismo, assim como trazemos à baila noções de línguas materna e línguas de imigração a fim de entender o que distingue idioma nacional de idiomas de estrangeiros imigrantes. Em seguida, apresentamos elementos relacionados à abordagem da Sociolinguística Histórica, identificando seus paradigmas, formas de contribuição e diferenças de outras abordagens como Sociolinguística Interacional e Etnografia da Comunicação, por exemplo. Na sequência, expomos debate sobre o componente lexical, identificando a abordagem dos empréstimos.

Por fim, observamos aspectos histórico-linguísticos do castelhano e de estudos geolinguísticos com foco na de abordagem espanhola e nas contribuições do Atlas Linguístico-Etonográfico da Andaluzia (ALEA), até a definição do “falar andaluz”.

No capítulo dois, relativo a “Métodos e procedimentos”, expomos, de maneira mais detalhada o que foi antecipado no primeiro capítulo, isto é, a estruturação de nossas escolhas metodológicas que incluem, inicialmente, uma abordagem histórico-social de Sorocaba e dos documentos referentes à presença espanhola naquela cidade, a partir de, sobretudo, jornais. Em seguida, passamos para a descrição detalhada sobre o perfil dos participantes e as estratégias de coleta de dados. Na continuação, detalhamos os recursos principais da pesquisa que geraram os dados, isto é, a descrição do modo de realização das entrevistas, dos questionários socioculturais e linguísticos, desde seus roteiros, até sua forma de realização, além do levantamento etnográfico, feito, posteriormente. Na sequência, expomos a descrição da pesquisa-piloto além do processo de contato gradual com os que se tornaram participantes de nossa pesquisa, findando com exposição de elementos ligados ao processo de transcrição, catalogação e análise de dados. Finalizamos o presente capítulo consoante o detalhamento de algumas dificuldades e problemas encontrados ao longo da coleta de dados bem como as respectivas soluções que encontramos, quando possível.

No terceiro capítulo, intitulado “Contatos linguístico-culturais e bilinguismo histórico em Sorocaba”, dedicamo-nos a discutir sobre o que é o conceito de cultura até chegar a discussão sobre contato linguístico-histórico entre português e espanhol ao longo do tempo desde a época da colonização no Brasil de modo geral até desembocar no século XX em que tal contato foi renovado mediante a imigração espanhola em cidades como Sorocaba, por

exemplo. Em seguida, partimos para análise relacionada a questões histórico-sociais tanto na Espanha relativas à emigração como as específicas de Sorocaba. Na sequência deste capítulo, fazemos retrato histórico-social de Sorocaba na época da imigração até quase meados do século XX, com foco em questões demográficas que convergem com outras regiões do país. Mais especificamente, discorremos sobre questões específicas da dita Sorocaba Espanhola mediante detalhamento de aspectos históricos-político-culturais e relativos à urbanização que nos parecem mais relevantes. Mais adiante, indicamos alguns traços culturais espanhóis ainda presentes em Sorocaba, a exemplo da arquitetura, órgãos sociais, toponímia, economia, dentre outros aspectos. Dando continuidade, discorremos sobre aspectos catalogados que foram extraídos de questionários socioculturais relativos a origens geográficas dos ascendentes dos participantes, grau de contato atual com a língua e cultura espanholas e oposição linguística entre as zonas rural e urbana. Mais especificamente, expomos o que concluímos sobre como teria ocorrido um possível bilinguismo histórico de português-espanhol em Sorocaba utilizando-nos de elementos obtidos a partir das entrevistas e que serão ilustrados a partir de tabelas e gráficos, resultantes de respostas e relatos realizados pelos participantes sobre o espanhol no passado. Uns desses relatos ou respostas foi sobre o caso do possível percurso do idioma espanhol na comunidade bem como sobre questões de mistura de línguas no passado, ou o uso recorrente de apelidos dentre os espanhóis entre si. Sendo assim, foi possível elaborar uma periodização o mais detalhada possível da história do bilinguismo em Sorocaba tratando, por exemplo, de domínios de uso do espanhol citados pelos informantes.

Terminamos com a discussão sobre questões locais ou nacionais que podem tanto ter dificultado como beneficiado em algum momento para a inserção, força e eventual decadência do uso da língua espanhola na comunidade estudada.

No quarto e último capítulo, de nome “Panoramas etnográfico-linguísticos: o status atual do espanhol em Sorocaba – SP”, apresentamos um olhar sobre aspectos relativos à contemporaneidade da língua e da cultura espanhola dentro da comunidade estudada. Para tanto, partiremos de levantamentos feitos em questionários, entrevistas, de um lado, bem como visitas a pessoas, descendentes de preferência, que pudessem contribuir para a nossa abordagem, além da participação de eventos, passeios ou registros de viagens em cidades espanholas citadas por informantes em nossa pesquisa.

Além disto, no que diz respeito a questões linguísticas em si, a partir dos dados coletados, descrevemos características do glossário português-espanhol que elaboramos em prol da comunidade estudada. Na sequência, partimos de dados e análise quantitativa de usos linguísticos do espanhol atuais. Cabe dizer que apresentaremos, agora, caracteres relacionados

à incidência de acertos ou adequações dos questionários linguísticos em função da idade, gênero, escolaridade, ascendência (parcial ou total) e a geração (nativo, filho, neto ou bisneto).

Na conclusão, retomamos algumas hipóteses de nosso trabalho com foco em alguns dados que sugerem a manutenção, mesmo que limitada da língua espanhola na comunidade de Sorocaba, bem como tentamos sintetizar o que julgamos que conseguimos obter de contribuições pessoais e teóricas com nossa pesquisa, além de sugestões de trabalhos complementares.

CAPÍTULO 1

Estudos de contato, bilinguismo e etnográficos

1.0. Introdução

A presente pesquisa está orientada sob duas linhas mestras que se complementam: uma primeira relativa aos estudos de contato linguístico e uma segunda com enfoque nos estudos de léxico. No primeiro caso, vamos observar alguns conceitos-chave relativos aos estudos de contato como noções de bilinguismo e *code-switching*, com destaque para os processos inerentes ou derivados do contato linguístico como mudança e alternância de códigos, manutenção e troca de línguas, por exemplo. Em seguida, nos reportamos a conceitos relativos à diferença entre línguas materna, de imigração e minoritária, para, depois, entendermos nuances específicas da sociologia da linguagem e da sociolinguística histórica. Já em relação aos estudos de léxico, enfatizaremos o papel dos empréstimos observando como o léxico se integra à cultura em sua construção. Além disso, consideraremos questões de identidade e imaginário a partir das entrevistas realizadas. Terminamos este capítulo com exposição sobre definições básicas de estudos geolinguísticos com ênfase na constituição do castelhano enquanto idioma histórico e de sua análise do discurso para variedade andaluza enquanto objetos de estudo da geolinguística espanhola e, em especial, do seu ALEA (Atlas Linguístico-Etnográfico da Andaluzia).

1.1. Contato(s) linguístico(s) e suas consequências

1.1.1. Bilinguismo(s) e suas relações histórico-sociais

O contato entre línguas é próprio da condição socializante e interativa do ser humano, isto é, a situação de bilinguismo ou multilinguismo é mais comum do que a de monolinguismo. Isto é, desde que se constituiu como tal e começou a realizar linguagem, o ser humano precisou se comunicar sempre tendo que se reportar a alguém que poderia ou não expressar a mesma ideia de maneira diferente. E, quando pensamos nas línguas contemporâneas, isto se torna mais emblemático, pois foi a partir dos diferentes contatos entre seres humanos e, por conseguinte, de línguas já existentes que muitas outras surgiram e foram se diferenciando ao longo do tempo, em virtude ora de questões intrínsecas às próprias línguas,

ora por questões extrínsecas. Sendo assim, pensar em contato linguístico é pensar no ser humano e na sua pluralidade de intenções, necessidades e reações comunicativas.

Sendo assim, entendendo principalmente a língua como processo de interação e mediadora das relações entre sujeitos e mundos culturais diferentes, o primeiro conceito de que temos que tratar é o de bilinguismo. De acordo com Butler (2012, p.111-112), bilíngues são “indivíduos ou grupos de pessoas que obtêm estratégias comunicativas, com vários níveis de proficiência, nas formas orais e escritas, a fim de interagir com falantes de uma ou mais línguas em dada comunidade”.

No entanto, Grosjean (1982, 1998, 2010 apud BUTLER, 2012, p.119) contesta a afirmação de que bilíngues são essencialmente dois monolíngues coexistindo em um indivíduo e defende que não seriam, pois, pessoas fluentes em todas as habilidades de determinadas línguas, de modo que é necessário avaliar o nível de fluência do indivíduo nas línguas em estudo bem como em que circunstâncias e através de que mecanismos ou recursos se opera o dito bilinguismo.

Para Tarallo & Alkmin (1987, p.12), fatores sociais e históricos têm contribuído para o surgimento do multilinguismo, sobretudo em função da migração de distintos grupos étnicos que saíram de suas zonas de origem para uma mesma região ou em função da conquista de poderio bélico, o que permitiu invasão e colonização de novos territórios dentre outras possibilidades. Assim, inevitavelmente, a partir desse contato gradual, naturalmente surgem misturas de línguas.

Os autores apontam que, também, causas sociais poderiam gerar tanto a manutenção do bilinguismo como o seu contrário, isto é, seu desaparecimento, como no caso de nosso objeto de pesquisa. Isso se diferencia de outros casos, em que é possível ver a correção entre estruturas de línguas diferentes sem haver mistura, o chamado *code-switching*, isto é, a alternância de códigos linguísticos a nível da sentença. Cita-se, inclusive, um caso hipotético a representar este caso, como o português misturado com o alemão e haveria algo como “*A sekretária de meu pai ist sehr hübsch*” (“A secretária de meu pai é muito bonita”). (In: Tarallo & Alkmin, 1987, p. 13)

A outra possível consequência ou “solução”, para o bilinguismo, seria a morte de um dos dois sistemas, ou seja, a preservação, ainda que com influência em diferentes níveis da língua com que teve contato, de apenas um dos códigos linguísticos.

Tarallo & Alkmin (1987, p. 71) lembram que, em relação aos estudos de *code-switching*, as primeiras perspectivas, tal como a enfocada por Blom & Gumperz (1972), adotavam essa expressão no sentido de representar a situação de um dado falante alternar duas

variedades mutuamente inteligíveis ou duas línguas mutuamente ininteligíveis.

Os autores estrangeiros citados partiram da análise da alternância de duas variedades no povo ao norte da Noruega, Hemnesberget, isto é, o *bokmål*, ou o norueguês-padrão falado no norte do país e a variedade *ranamål*, um "dialeto" local da região.

Assim, o objetivo de Blom e Gumperz seria compreender o motivo pelo qual falantes da comunidade alternam suas modalidades linguísticas entre *bokmål* e *ranamål*, se todos eles falavam as duas variedades, e a explicação conclusiva fora a de que havia influência mútua entre a escolha da variedade linguística e o código de valores da comunidade em questão; em outros termos, associava-se a variedade *ranamål* aos valores da identidade, da solidariedade e da igualdade, enfim, valores locais, enquanto que a *bokmål* era associada a valores concernentes a interesses políticos, culturais e econômicos em nível nacional.

Tarallo & Alkmin (1987, p.73), dentre outros aspectos, ainda discutem como a alternância de códigos sofre influência de outros elementos pertinentes, quais sejam: o domínio dos códigos envolvidos, a presença de empréstimos linguísticos de língua para língua e a possível interferência nos diversos níveis linguísticos entre os idiomas envolvidos.

Na visão de Weinreich (1953) e Grosjean (1982), quase todas as sociedades seriam, em essência, bilíngues, porém se diferenciando em três possibilidades de bilinguismo na sociedade: (1) uma sociedade onde existam dois grupos linguísticos e cada um sendo monolíngue, (2) uma comunidade onde todos os indivíduos são bilíngues no sentido original do termo e (3) uma sociedade na qual um grupo é monolíngue e o outro, bilíngue. Por fim, para Weinreich (1953, p.76), nas primeiras etapas do bilinguismo, em geral, a língua materna costuma ser, ao mesmo tempo, aquela cujo domínio é maior por parte do falante, embora haja a possibilidade de que predomine não a língua de mais domínio, mas aquela que a criança aprendeu primeiro. Assim, o que restaria saber é qual das duas o indivíduo domina mais em um determinado momento, já que será esta a fonte da interferência. Cabe acrescentar que, também para Weinreich, o fato de aprender primeiro uma determinada língua faz dela, por definição, ser a dominante. Contudo, quando se trata de bilinguismo em sua fase inicial, embora naturalmente a língua materna ou primeira seja aquela em que há maior proficiência ou domínio, sob certas circunstâncias, é possível obter maior proficiência na segunda língua do que na primeira. É o caso de imigrantes nos Estados Unidos que costumam ter maior facilidade em falar inglês do que em suas línguas nativas.

Moreno Fernández (1998, p. 125), em seu livro *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*, afirma que existem dois tipos de bilinguismo, isto é, o individual, que afeta os indivíduos e o bilinguismo coletivo ou social, que afeta as comunidades e seus

membros. Em relação ao bilinguismo individual, haveria algumas marcas específicas como: autonomia dos dois códigos, no sentido de não haver mistura nem grande planejamento de fala ou mistura das línguas, mas funciona de modo espontâneo; também, a possibilidade de alternância, quando o indivíduo passa sem esforço e de forma rápida de um idioma a outro, em função dos interlocutores, da situação comunicativa e da circunstância do ambiente; por fim, a tradução, no sentido de que o bilingue pode atravessar um mesmo significado de um código linguístico a outro. Outra forma de dizer é que o bilinguismo individual ocorre no caso de uma pessoa ser bilingue capaz de usar duas línguas para se comunicar com os demais (português e espanhol, por exemplo), tanto na comunicação oral como na escrita e tais línguas podem ter sido assimiladas tanto durante a infância como durante a idade adulta.

Por sua vez, o bilinguismo social seria o caso de uma comunidade bilingue na qual são faladas duas línguas ou em que todos os membros ou parte deles são bilíngues; de outra modo, se pode dizer que este tipo de bilinguismo acontece nas sociedades nas quais são utilizados dois ou mais idiomas como meio de comunicação, ou seja, caso que acontece no Canadá com aproximação frequente e corriqueira entre o inglês e o francês em algumas regiões do país.

Seja como for, individual ou coletivo, o bilinguismo é “una realidad en la que se implican estrechamente factores psicológicos y factores sociales” (Moreno Fernández, 1998, p. 216).

Há que se entender que o contato linguístico embora possa gerar bilinguismo não necessariamente gera mudança nas línguas envolvidas no processo e, muitas vezes, o uso de uma outra língua pode ser apenas circunstancial ou relativo à mera intenção comunicativa em determinado ambiente.

1.1.2. Língua de herança

Um conceito importante para esta tese é o de língua de herança. A esse respeito, Corte (2011), em artigo tratando de filhos de hispano-falantes no exterior e do desenvolvimento do espanhol como língua de herança em meio a outros idiomas, trata do discutido por Valdés (2001, p.38), que identificou que falante de língua de herança é uma pessoa que “se criou em um lar onde se fala outro idioma diferente do dominante [inglês], que fala ou ao menos compreende o idioma e que é, até certo ponto, bilingue nessa língua e no inglês”. A este respeito, Corte resume, em uma tabela, o que Valdés afirmava sobre estudantes de origem estrangeira no universo de língua inglesa falada nos Estados Unidos, dividindo-os em 3 perfis

de capacidades idiomáticas dentre os falantes de língua de herança, sendo, cada grupo, subdividido até o patamar de 8 tipos de perfis de falantes. Dentre estes, apenas o primeiro seria de indivíduos que têm como estabelecer comunicação efetiva em todo tipo de contextos e que são sem dúvida os mais parecidos com os bilíngues equilibrados, enquanto que os outros subgrupos (2-8) apenas apresentariam desempenho adequado em registros mais íntimos da língua, em virtude de ser o contexto original de aquisição linguística. Eis, a tabela, a seguir:

Perfis dos falantes de herança nas aulas de Espanhol como Língua de herança	
a) Falantes proficientes e com bom conhecimento da língua de herança	
1)	Alfabetizados nos dois idiomas, falantes eloquentes e com bom conhecimento da língua, tanto em registros domésticos como acadêmicos
2)	Alfabetizados em um idioma (ou nos dois), falantes eloquentes e com bom conhecimento de um registro doméstico em uma variedade da língua urbana ou de prestígio.
3)	Alfabetizados em um idioma (ou nos dois), falantes eloquentes e com bom conhecimento de um registro doméstico em uma variedade da língua rural ou de pouco prestígio.
4)	Alfabetizados em um idioma (ou nos dois), falantes eloquentes e com bom conhecimento de um registro doméstico em uma variedade da língua de contato.
b) Outros falantes fluidos segundo suas preferências no uso das línguas	
5)	Alfabetizados em um idioma (ou nos dois), falantes fluidos de um registro doméstico em uma variedade urbana (ou rural, ou de contato) que ainda preferem usar a língua de herança.
6)	Alfabetizados em um idioma (ou nos dois), falantes fluidos de um registro doméstico em uma variedade urbana (ou rural, ou de contato) que não preferem usar a língua de herança.
c) Falantes que produzem língua “defeituosa”³² em sua língua de herança	
7)	Falantes dubitativos, de linguagem defeituosa. Seu discurso mostra uma aquisição incompleta das categorias obrigatórias e/ou vocabulário limitado.
8)	Falantes dubitativos, de linguagem defeituosa. Seu discurso mostra um desgaste da língua de herança.

Tabela 5 – Perfis dos falantes de herança nas aulas de Espanhol como Língua de Herança (**Traduzido e adaptado de Valdés (2006: 244)).**

No que se refere à diversidade de falantes de língua de herança, revela-se a dificuldade de situar todos os casos possíveis, segundo Corte (2011, p.5, apud Carreira 2004). Isto porque existem fatores que poderão influenciar a exemplo das gerações (se primeira, segunda ou terceira), do âmbito, das formas de uso (ambiente familiar, com amigos, na escola, falando mais numa língua ou noutra e com ou sem influência mútua), e de se trata de língua veicular ou não, isto é, uma modalidade que serve de “ponte” para os interlocutores cuja L1 são

³² Assim cita o autor em sua tradução, embora achemos um termo com acepção problemática.

diferentes e que conhecem um pouco, ao menos, de um idioma comum a todos.

Além disso, Corte (2011) ilustra, também, o fato de que a língua de herança pode ser mantida em função de quando se iniciou o bilinguismo na vida do falante, bem como em função do tempo de exposição à língua da sociedade ou do entorno social do indivíduo, daí, a conclusão de que, quanto mais cedo houver exposição a uma segunda língua, mais profunda pode ser a perda da língua materna, vista aqui como língua de herança.

Ademais, conforme Bloon & Polinsky (2015), o termo Língua de Herança costuma se utilizar nos Estados Unidos ou Canadá para se referir ao idioma que é falado pelos filhos dos imigrantes, enquanto, na Europa, a tendência vem sendo de usar *idiomas de minorias étnicas*. Especificamente nos Estados Unidos, cabe citar o caso sobre espanhol como língua de herança em várias comunidades, a exemplo dos mexicanos em Los Angeles (apud Silva-Corvalán, 1994) ou portorriquenhos em Nova Iorque (apud Zentella, 1997).

Melo (2014, p.6), ao discutir em seu mestrado formas de conservação de uma dada língua de herança, como o caso do espanhol em Montreal, Canadá, complementa a discussão afirmando que o termo *herança*, sinteticamente, se refere aos descendentes de imigrantes nascidos na sociedade de acolhida ou que chegaram durante a infância. Outros termos já foram utilizados antes da expressão “falante de herança”, como nativo, falante quase-nativo ou falante bilíngue, entre outros, mas sendo o de *herança* um dos mais aceitos e no qual vai se basear a autora em sua pesquisa.

A fim de esclarecer a distinção entre falantes *nativo*, *de herança* e *de segunda língua*, Melo (2014, p.7) cita Montrul (2012: 33) o qual entende que o falante de herança seria o nativo que sofreu “interrupção” no seu desenvolvimento e identidade linguística após uma dada emigração, mas que conserva bastante competências linguísticas de um nativo. Porém, pela falta de acesso a estudos ou estímulos de matizes gramaticais, apenas atinge uma espécie de falante de L2 em nível mais avançado. Neste sentido, de modo diferente do aprendiz de L2 ou estrangeiro, os falantes de herança demonstram capacidade fonológica quase-nativa e nível de produção oral bastante alto, porém, em virtude de haver tido pouca ou nenhuma escolaridade formal na língua do lar, os falantes de herança apresentam menos facilidade no nível metalinguístico (Melo, op.cit, p.7, apud Montrul 2008: 222) e o registro mais formal acaba por ficar em níveis mais limitados, uma vez tendo sido limitado seu estímulo e acesso linguístico a contextos mais íntimos como familiares ou pouco formais.

Uma ponderação que cabe aqui feita por Montrul (2012) é a de que, quando se trata de falantes de língua de herança, a primeira língua do indivíduo é necessário que seja a dominante sua, uma vez que as competências de um dado falante podem ser diversas ao longo

de sua trajetória.

Diz-nos Montrul (2012, p.7):

Anderson (1999) followed two Puerto Rican siblings longitudinally for two years soon after their immigration to the United States. The study focused on control of gender agreement in noun phrases, which typically developing monolingual Spanish-speaking children master with close to 100% accuracy by age 3 (...) The younger sibling did not show mastery of gender agreement with nouns at age 4; and the error rates increased dramatically two years later at age 6;5 after intense contact with English through daycare. The older sibling, on the other hand, was producing gender agreement in nouns with 100% accuracy at age 6; but two years later, at age 8;5, she exhibited a 5.8% error rate, a sign of attrition. All these factors appear to play a role to some extent in determining the outcome of heritage language acquisition. (...) Indeed, the acquisition process and outcome of this particular bilingual population raises fundamental theoretical questions (...): How long does it take for a native language to be acquired and solidified (...) ? How stable is early childhood acquisition in a bilingual environment?³³

Ou seja, as crianças referidas pelo autor têm a L1 que servirá como de herança, mantendo um desenvolvimento típico até 3 anos de idade. Contudo, isto vai se alterando em anos seguintes. Por exemplo, se um dos irmãos, aos 4 anos, começar a ter problemas em dominar concordância de gênero nos substantivos e os índices de falhas linguísticas se iniciarem aos 6 anos de idade, após certo tempo de contato com o inglês da creche, o irmão mais velho, com a mesma idade de 6 anos, produzirá de maneira totalmente adequada o uso dos gêneros em substantivos, mas, aos 8 anos e meio, começará a surgir taxa de erro de 5,8%, o que sugere um início de desgaste linguístico.

De outra maneira, de modo a sintetizar esta discussão, variáveis, tanto sociais como individuais podem interferir no quanto a língua de herança pode apresentar-se de modo diferente nos indivíduos, mesmo aqueles do mesmo núcleo familiar. Por exemplo, se os indivíduos nascem no país onde a LH é falada, portanto, primeira geração (G 1), há tendência de haver melhor desempenho da língua ou, se nascem na sociedade acolhida, a geração intermediária (G 1.5), tende a demonstrar perda de competências linguísticas em função de aquisição incompleta ou “interrompida”. (MELO, p.9). Já na segunda geração (G 2), haveria alta capacidade receptiva, isto é, um bom entendimento da LH, mas uma capacidade de

³³ “Anderson (1999) acompanhou longitudinalmente dois irmãos porto-riquenhos durante dois anos logo após sua imigração para os Estados Unidos. O estudo concentrou-se no controle da concordância de gênero em sintagmas nominais, que normalmente desenvolvido por crianças monolíngues falantes que falam espanhol com quase 100% de precisão aos 3 anos de idade (...) O irmão mais novo não demonstrou domínio da concordância de gênero com substantivos aos 4 anos; e as taxas de erro aumentaram dramaticamente dois anos depois, aos 6 anos; ela exibiu uma taxa de erro de 5,8%, um sinal de desgaste. Todos estes fatores parecem desempenhar um papel, até certo ponto, na determinação do resultado da aquisição da língua de herança. (...) Na verdade, o processo de aquisição e os resultados desta população bilingue em particular levantam questões teóricas fundamentais (...): Quanto tempo leva para uma língua nativa ser adquirida e estabelecida (...) ? Quão estável é a aquisição na primeira infância em um ambiente bilingue?” (Tradução livre)

produção oral subdesenvolvida (MELO, p.9, apud Montrul, 2008: 8). É o caso do que se convencionou chamar o que já citamos no início da tese, ou seja, os chamados bilíngues “passivos” ou “receptivos”, que compreendem, mas não podem se comunicar de maneira eficaz na LH, na esteira de Moreno Fernández (1998).

Em síntese, Língua de Herança (LH) também seria uma forma de fazer referência às línguas minoritárias, que diferem das línguas oficiais ou dominantes da sociedade, faladas pelos imigrantes e por seus filhos e adquirida e transmitida de geração em geração em um contexto familiar.

Segundo Montrul (2012), o falante deste tipo de LH costuma apresentar as seguintes características:

- consciência das formas sociolinguísticas através das quais sua língua é regida;
- sabe aplicar as formas sociolinguísticas de modo apropriado e pode reconhecer o que é formal ou informal;
- pode apresentar pronúncia nativa ou quase nativa e um léxico amplo nas coisas cotidianas, como objetos do lar, celebrações culturais como batizados, casamentos, festas de aniversários ou funerais, etc.

Para ilustrar estes elementos acima, no caso específico de nossa pesquisa, por exemplo, compreendemos que os que se identificam com a língua espanhola ainda hoje (sobretudo os mais velhos) e que tiveram contato mais intenso com ascendentes nativos (pais ou avós) que vieram ao menos com mais de 8 anos, ao menos, fala e/ou entende o espanhol com relativa facilidade mesmo que seja uma variedade mais antiga e com fortes marcas dialetais andaluzas históricas.

Porém, apesar de tal reconhecimento, informantes sobretudo mais velhos, analogamente ao caso de bilíngues passivos, pelo fato de não serem alfabetizados em espanhol e, portanto, sem saber escrever a língua dos ascendentes, tampouco alfabetizados em sua L1, não conseguem reconhecer regras ortográficas e gramaticais; além disso, caso falem espanhol, em forma de expressões curtas ou falas memorizadas, se aproximam de uma variante dialetal de não prestígio. É o que expõem os usos, a seguir, extraídos de entrevistas como lembranças de expressões comuns que usavam ou ouviam na juventude, porém hoje, não mais. Tais expressões parecem sugerir uma espécie de “herança” linguística, contudo, não nos termos em que vínhamos discutindo, senão analogamente já que ficam na memória e poderiam ser utilizados apenas sob certos contextos:

Termo ou expressão registrada (na variedade andaluza, inclusive)	Termo ou expressão correspondente no espanhol estándar	Equivalência em português
El entrón, El metío	El entremetido	O entrão
Envergonzar	Avergonzar	Envergonhar
Emburrá	Enfurrñado	Emburrada
Facer	Hacer	Fazer
Esquierdo	Isquierdo	Sobrenome relativo ao termo Esquerdo
Mija'ó	Marchito	Mirrado
Palagozo	Empalagozo	Chato por ser falastrão
Paletón	Saco	Paletó
Da la mano	Dame la mano	Me dá a mão
¡Hora buena!	¡Enhorabuena!	Parabéns/Felicidades!
Menino malo	Mal niño	Menino mau
Reparte con os niño	Repártelo con los niños	Divida com os meninos/crianças
Sale fuera	Vete de aquí	Sai fora
Pucha que la merda	Putra madre/ Qué mierda	Putra merda
Vayte y no me llena el saco	Vete y no me fastidies	Vá embora e não me encha o saco
Eso no es tu cuenta	Eso no es de tus asuntos	Isso não é de sua conta
Se va el tío este que no sale de perto de uno y enllenando el saco	Se va el tío que no sale de cerca de uno y le fastidia	Vai lá o cara sem sair de perto da pessoa e enche o saco
Que no sabe hablar cosa que vienga, cosa así con cosa	Que no sabe hablar cosas que valgan, cosas con algún sentido	Que não sabe falar coisas que valham algo ou coisa com coisa
Me voy a tirar por aquí porque no me va a dar tempo de ir hasta la estación. De aquí voy até o porto para pegar o navío	Me voy a tirar por aquí porque no habrá tiempo de ir hasta la estación. De aquí voy hacia el puerto para coger el barco	Vou me jogar aqui porque não vai dar tempo ir até a estação. Daqui vou até o porto para pegar o navio.

Tabela 6 - Registros prévios de dados linguísticos catalogados

A definição de LH implica que o falante que a apresenta tem maior facilidade de compreender a língua de seus ascendentes em nível mais avançado ou mesmo maior fluidez para se expressar inclusive em casa ao compartilhar experiências cotidianas, por exemplo. Contudo, em termos de atividades mais acadêmicas ou em situações mais formais, costuma apresentar nível de uso mais elementar, estando consciente de suas limitações linguísticas em várias situações.

Sendo assim, embora os nossos informantes, mesmo os mais velhos, não possam ser classificados integralmente, na atualidade, na definição completa de língua de herança, acreditamos, como veremos, que, em algum momento, na juventude ou infância, poderiam assim ser definidos, se não estes, ao menos os seus pais e, com certeza, avós, considerando que

nasceram no Brasil, ou mesmo na Espanha, e acabaram vindo muito pequenos ao nosso país.

1.1.2.1. Língua de Herança nos EUA: o caso da língua espanhola

Voltando-nos aos já citados BLOON & POLINSKY (op.cit, 10 apud Colombi & Roca, 2003:2-3) em relação à presença do espanhol como língua de herança nos Estados Unidos, aqueles autores entendem que este idioma neolatino apresenta característica particular, por ser, ao mesmo tempo, língua minoritária, língua de herança, e segue recebendo ingresso de novos falantes, o que acaba por reativar a língua há décadas. Isto se distingue de outros casos aos quais vamos fazer referência mais adiante em que não há novas chegadas de imigrantes a retroalimentarem o idioma continuamente.

Em relação ao espanhol como língua de imigrantes, de um lado, embora haja uma diminuição da força enquanto língua de herança, de acordo com Boon y Polinsky (2015), no sentido de que o inglês siga sendo língua dominante, por outro lado, continua havendo inserção de novos estímulos da língua com novos imigrantes, embora, na contemporaneidade, como se sabe³⁴, por restrições mais duras, isto venha diminuindo.

Ademais, algo curioso segundo o olhar de Boon e Polinsky (2015), é que houve tendência de, nas novas gerações, proceder-se ao uso inglês como língua dominante, o que fez desaparecerem algumas referências estruturais no espanhol, que acabou por continuar sendo a “língua de herança mais extensa dos Estados Unidos” (In: Boon e Polinsky, op.cit.); porém, em anos mais recentes, estaria se produzindo uma mudança de mentalidade em relação ao espanhol. Isto é, representantes das gerações mais novas têm tentado aprender de novo o espanhol a fim de estabelecer ligações com suas raízes históricas e com a sua cultura e, portanto, restabelecer sua identidade latina, em que pese a estigmatização do espanhol em alguma medida ao longo dos anos. Ou seja, resultou que “o espanhol nos Estados Unidos começa a se considerar como algo mais do que uma simples língua de imigrantes. É a língua materna de milhões de estadunidenses e é uma língua minoritária bastante presente em muitas comunidades de todo o país”. (In: Boon y Polinsky, 2015).

Esta perspectiva de mudança nos faz pensar em algo interessante, que pudemos observar em alguns das gerações mais jovens (30 a 45 anos) dos informantes de nossa pesquisa, ou seja, em que pese o espanhol não ter sido devidamente vinculado às suas histórias como

³⁴ In: G1/AGÊNCIA EFE. **Queda na chegada de imigrantes latinos aos EUA eleva renda do grupo depois da crise.** Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/03/07/queda-na-chegada-de-imigrantes-latinos-aos-eua-eleva-renda-do-grupo-depois-da-crise.ghtml>. Acesso: 05 ago. 2022.

língua a partir de seus pais, alguns têm tentado resgatar esta identidade espanhola de algum modo, seja por motivos culturais, seja por motivos econômicos (busca da nacionalidade espanhola), e, por consequência, buscam aprender a língua espanhola e viajar ao país de origem de suas famílias.

CALDAS (2017) tece uma resenha do texto “El bilingüismo en el mundo hispanohablante” de Montrul (2012) destacando alguns elementos importantes em relação a esta comunidade de fala nos EUA. Algo para o que ela chama atenção e que gostaríamos de citar é o fato de que, nas regiões de fronteira daquele país, costuma haver prática bilíngue com a alternância de códigos (espanhol-inglês), porém tal realidade é estigmatizada e apresenta conotações negativas até por parte dos próprios falantes; exemplos de tais possibilidades de uso estigmatizadas são o *Spanglish*, o *Pocho* e o *Tex-Mex*, os quais seriam espécies de *atrição linguística*, tópicos sobre os quais falaremos mais adiante, ainda neste capítulo.

1.1.2.2. Língua de Herança nos EUA: o caso de línguas germânicas

Johannessen & Salmons (2015) organizam um livro que parte sobretudo do estudo de línguas de herança germânica nas Américas. Tal livro realiza, dentre outras possibilidades, discussões sobre aspectos relacionados à percepção tanto do efeito do contato linguístico em ambientes bilíngues como reconhecimento das línguas que conseguiram se manter como no caso das populações que se mudaram para o inglês. São feitas revisões teóricas de estudos conectados com teoria linguística sincrônica (Putnam, 2011) e unindo estudos de contato, sociolinguística e linguística histórica, ou, ainda, citam trabalhos com línguas de herança relacionando com o contexto da imigração baseando-se em Rothman (2009: 159) que entende ser língua de herança uma língua é falada em casa, devendo, pois, estar prontamente disponível para crianças pequenas e não ser uma língua dominante da sociedade nacional.

Assim, trabalhando com o conceito de línguas de herança, dialogam a partir de descobertas acerca deste tema, mais especificamente em variedades de línguas germânicas faladas no contexto norte-americano, bem como tangenciam conceitos a respeito de aquisição, desgaste e mudança linguística.

Uma oposição conceitual relevante feita Johannessen & Salmons (2015, p.2) é entre **aquisição incompleta** (*incomplete acquisition*) e **atrito** (*attrition*), no contexto mais amplo da sociolinguística do bilinguismo juntamente com efeitos do contato linguístico, na esteira de Grosjean (2009), Montrul (2008) e outros autores.

1.1.2.2.1. O caso do islandês norte-americano

Um capítulo para o qual chamamos atenção neste livro é o de Arnbjörnsdóttir (2015), que investiga o cenário dos islandeses que teriam sua própria língua patrimonial tanto nos Estados Unidos como no Canadá e que tal islandês norte-americano é falado por algumas centenas de indivíduos nas planícies do norte dos Estados Unidos e do Canadá.

Arnbjörnsdóttir (2015) parte sobretudo da discussão sobre atrito e mudança na medida em que aborda o chamado islandês norte-americano, pouco estudado como língua de imigrantes, a fim de diagnosticar distintos padrões de desgaste e mudança no islandês falado nos EUA em relação, enquanto língua de herança, ao islandês europeu. Partindo de estudos sobre o desenvolvimento do islandês como patrimônio língua em intenso contato com o inglês na América do Norte, a autora ilustra aspectos que vêm sendo estudados tanto no léxico, como morfossintaxe e fonologia do islandês norte-americano, a fim de estabelecer bases para a próxima etapa da linguística do patrimônio do islandês norte-americano.

A autora recorda o que fala Polinsky (2008) acerca do essencial nos falantes de herança, isto é, não se tratar de grupo homogêneo e que não têm instrução formal na língua de herança. Ademais, reforça o fato de que o tema segue em debate e de interesse em função de estudos anteriores do islandês norte-americano dedicar-se muito mais à ideia de língua islandesa como língua de herança, após desintegração de redes sociais (Milroy, 1987), em intenso contato com o inglês na América do Norte, e comparando-o com o desenvolvimento do islandês moderno como uma língua nacional de pleno direito em Islândia.

Arnbjörnsdóttir (2015, p.73) destaca o fato de que o islandês norte-americano se torna bastante interessante de ser estudado considerando suas características de língua de herança, já que “é falado por uma população a qual aprendeu como primeira língua até cerca de 5 ou 6 anos quando formalmente a escolarização começou e o inglês foi introduzido”.

A autora afirma, no texto, ademais, que o referido islandês norte-americano apresenta relevância em termos de estudo sobre imigração, considerando o relativo isolamento de enclaves islandeses por cerca de 60 anos a partir de 1914, e, neste sentido, a língua poder ter se desenvolvido como língua de herança se novos fluxos migratórios islandeses da Islândia.

Isto nos faz pensar, uma vez mais, no caso do espanhol presente em Sorocaba que, possivelmente, recebeu novos fluxos migratórios por vários anos depois das primeiras décadas

do século XX a ponto de passar a se tornar um caso de bilinguismo, em algum momento³⁵. Inicialmente, os informantes teriam se baseado em variedades andaluzas as quais começaram gradualmente se mesclando com o português e o resultado disto sendo a base linguística para algumas gerações de descendentes até um ponto em que a língua possivelmente só resistiu como memória linguística e, eventualmente, empréstimo.

Arnbjörnsdóttir (2015) cita, ainda, um fato interessante na descrição histórica do que aconteceu com o islandês americano que contribuiu para o bilinguismo durante algum tempo, ao menos, isto é, o fato de que islandeses se estabeleceram em comunidades rurais onde eram grupo dominante com sua própria governança a partir de publicação de artigos e livros em islandês, além de continuarem tradições da prática literária, como ensinar as crianças a ler islandês antes de Educação formal ou, sobretudo no ambiente doméstico, tradição de educação em casa, com estabelecimento de escolas de inglês apenas depois da chegada.

Em termos conclusivos acerca da presença do islandês em contato com o inglês, Arnbjörnsdóttir (2015, p.75), registra o fato de que, após várias décadas de isolamento, o islandês norte-americano acabou apresentando suas próprias características advindas do contato com o inglês em que pese grande parte dos falantes ter confluído para aquele idioma e distanciando-se da Língua de Herança.

De modo complementar, a aproximação e/ou substituição pelo inglês teria seguido esta lógica: nas novas gerações, as crianças partem do islandês aprendido em casa; em seguida, vão entrando na rotina escolar onde aprenderem o inglês; depois, levam o inglês para casa e os irmãos menores seguem este aprendizado até conviverem domínios linguísticos (casa x sociedade) com predileção gradual em favor do inglês.

Para finalizar um tópico que julgamos interessante, Arnbjörnsdóttir (2015, p.79) trata do léxico relacionado ao islandês norte-americano esclarecendo que houve diversos acréscimos lexicais do inglês que incluíam tanto empréstimos como neologismos sobretudo em relação a questões de geografia, tecnologia, educação, agricultura e pesca.

1.1.2.2.2. O caso do norueguês norte-americano

Outra discussão presente no livro de Johannessen & Salmons (2015) é a respeito da imigração de noruegueses na América do Norte com foco na mudança do léxico na língua de

³⁵ Veremos, a partir de questionários e entrevistas que um possível bilinguismo histórico no par português-espanhol sobreviveu em Sorocaba até meados dos anos 1950, época de maior efervescência e ainda relativamente pouca mistura étnica e existência da maioria dos imigrantes e dos indivíduos de primeira geração.

herança por influência do inglês. Referimo-nos ao artigo *Maintaining a multilingual repertoire* *Lexical change in American Norwegian* de Annear e Speth que destaca elementos lexicais da língua de herança norueguesa no solo norte-americano. Mais especificamente, estes autores discutem aspectos do vocabulário do norueguês influenciado pelo inglês e considerando a sobreposição de aproximações lexicais tanto na forma fonêmica como na semântica, o que estaria reduzindo a capacidade cognitiva dos falantes.

Em relação aos citados modos de transferências, Annear e Speth (2015, p.201) entendem que as línguas convergem como resultado da necessidade de simplificar o processo de seleção e, neste sentido, a transferência lexical (incluindo aí matizes semânticos e fonêmicos) poderá ser mais frequente por gerar mais convergência (simplificação).

Annear e Speth (2015, p.205) ainda lembram três tipos de transferência linguística que seriam resultado do contato com o inglês e a sobreposição de contextos: **transferência semântica, transferência fonêmica e transferência lexical**.

Citando Clyne (2003), Annear e Speth (op.cit) fazem referência à transferência semântica como *transferência do sentido* de uma língua para outra, podendo se realizar como **tradução de empréstimo** ou como **transferência de empréstimos**. Um exemplo citado é o espanhol “casa de corte”, em que o sentido de “tribunal” adveio como empréstimo para o espanhol a partir do inglês “house of court”, mas só sendo expressado mediante itens lexicais espanhóis pré-existentis.

A **transferência de empréstimos**, por outro lado, aplicaria novo significado para uma palavra nativa que tem a mesma forma fonológica de uma palavra na língua modelo. Cita-se Haugen (1956:52) que daria o exemplo *Du må stikke til det* (“você tem que cumpri-lo”). Neste caso, o termo *stikke* significa “furar/esfaquear com um objeto pontiagudo” assim como pode ser em inglês, contudo, o uso idiomático de *stikke* com sentido de “ser persistente” nesta frase não faria parte do significado norueguês original, mas foi usado em virtude apenas da semelhança sonora com o inglês estandar.

Por fim, a **transferência fonêmica** é o processo pelo qual parte da estrutura fonêmica da palavra é transferida; neste caso, mais comumente, seria o caso de a pronúncia de dois itens que têm som e significado semelhantes convergirem.

Em síntese, consoante Annear e Speth (2015, p.206), em seu estudo, os falantes de norueguês no meio-oeste americano teriam utilizado três estratégias que diminuíssem a diferença entre norueguês e inglês:

(1) quando duas palavras apresentam sobreposição fonêmica, os significados muitas vezes se tornaram mais semelhantes (**transferência semântica**);

(2) quando duas palavras compartilham significados semelhantes e certo grau de sobreposição fonêmica, a pronúncia frequentemente convergiu (**transferência fonêmica**);

e (3) quando existia uma palavra em inglês, mas não em norueguês, a palavra inglesa pôde ser usada em norueguês enquanto mantinha o significado do inglês e a estrutura fonêmica (**transferência lexical**).

Haveria, também, a dificuldade de definir os casos de transferência fonêmica entre os idiomas envolvidos, isto é, se seria algo sonoro ou lexical a depender de se a palavra no norueguês tem sonoridade e/ou ortografia similar a determinado termo em inglês, o que poderia gerar uma convergência fonêmica; ou se a transferência for total (sobreposição total na forma fonêmica entre as línguas) de modo que ficará complexo saber até que ponto houve ou não uma transferência lexical ou apenas transferência fonêmica. A este respeito, pensamos, mais uma vez em nossa pesquisa no sentido de, por tratarmos de duas línguas bastante próximas, resta difícil saber se um determinado termo foi incorporado no português falado pelos espanhóis apenas foneticamente por semelhança sonora, mas com sentidos diferentes, mesmo que parcialmente, ou se houve uma assimilação de novos sentidos considerando a semelhança entre as duas línguas.

Poderíamos pensar em dois casos, a saber:

- “tonto” falado por brasileiros descendentes de espanhóis significando “bobo” por influência do espanhol, ou por influência do português, propriamente, cujo sentido se assemelha em alguns contextos, exceto no sentido de “mareado” em espanhol, ou seja, “estar tonto”, que sente tonturas; este seria um caso de transferência fonêmica ou transferência lexical?

- ou “metío”, conforme pudemos ver em registro de nossos informantes, no sentido de pessoa que se intromete, derivado de “entrometido à entrometío” seria uma transferência do português ao espanhol por causa de palavra próxima como “metido” ou se, de fato, seria uma derivação do espanhol em sua variedade andaluza, isto é, uma transferência lexical, semântica ou mera mistura fonética das línguas?

Seja como for, é preciso pensar acerca de questões como acima a fim de entender aspectos relacionados a casos particulares de mistura e alternância de códigos quando se trata de idiomas muito próximos como o norueguês e islandês em relação ao inglês e o espanhol em relação ao português.

1.1.3. Code-switching: da mudança e alternância de códigos a manutenção ou abandono de línguas

Uma noção outra derivada do bilinguismo e pertinente ao nosso trabalho é *code-switching*, termo em inglês para definir “alternância de código ou língua”. Alguns dos primeiros trabalhos a utilizar tal terminologia *code-switching* foram os de Gumperz & Hernández-Chavez (1970), no livro “Language and social change” e de Blom & Gumperz (1972), no livro “Directions in Sociolinguistics: the ethnography of communication”.

Em relação a Bloom & Gumperz (1972), uma classificação pertinente de *code-switching* é a sua divisão em *code-switching situacional*, que ocorre quando as línguas utilizadas mudam de acordo com a situação em que os falantes se encontram; *code-switching metafórico*, quando há alternância de tópicos ou assuntos mais do que a mudanças na situação social e *code-switching conversacional*, ou seja, quando, dentro de uma mesma interação discursiva, há ao mesmo tempo elementos pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais. Há que se esclarecer o fato de que, para ocorrer *code-switching*, os falantes devem ser fluentes em ambas as línguas e as utilizarem ao longo de grande parte de suas rotinas diárias.

Uma importante distinção feita por Grosjean (1982) é entre o *code-switching* e os **empréstimos**. Os empréstimos não requerem fluência ou pressupõem bilinguismo, mas consistem em adaptação fonológica ou morfológica da língua sendo falada, diferentemente do *code-switching*, que exigirá conhecimento da outra língua a ponto de se mudar o uso para esta outra língua. O *code-switching*, também, se configura como uma construção gerada autonomamente pelo falante que pode até ser algo inovador; contudo, os empréstimos tanto podem ser estruturas mais fixas ao se atrelarem ao léxico de um falante ou de uma comunidade de fala, ou por estarem presentes em outros níveis linguísticos sem que isso signifique a fluência em uma segunda língua. Tal cenário pode, portanto, indicar bilinguismo tanto mediante a manutenção do empréstimo como a partir da presença de *code-switching*.

Em termos de empréstimos ou influências linguísticas mútuas, um conceito pertinente é o de interferência. De acordo com Mello (1999, p.83), interferência se define como “um desvio³⁶ que ocorre na língua que está sendo falada devido à influência da outra língua que foi desativada”. Por sua vez, Weinreich (1953, p. 01) define interferência como “aquelas situações de ‘desvio’ das normas da língua que ocorre na fala dos bilíngues como um resultado

³⁶ Em virtude de tal termo estar, comumente, associado a “erro” ou algo negativo, o manteremos em função de respeitarmos as palavras da autora, porém, entendamo-lo no sentido de inadequação ou distanciamento da norma padrão.

de sua familiaridade com mais de uma língua, isto é, como um resultado de línguas em contato, que será referenciado como fenômeno da interferência”.

Além disso, seriam três os tipos de interferência, de acordo com Weinreich: as fônicas, relativas a pronúncias e sotaques da língua materna na língua-objeto; as sintáticas, ocorridas à medida que o indivíduo cria a estrutura da frase da língua-objeto com estruturas da língua materna e, por fim, as interferências lexicais, as quais abarcam os falsos cognatos e abrem espaço aos empréstimos sobre os quais falaremos melhor adiante.

Kipper (2012, p.98) lembra que os empréstimos ocorrem quando o falante, expressando-se na segunda língua, busca em sua língua materna termo similar, mas não conhece ou não consegue extrair da sua memória em L2, o que destoa da visão de Grosjean (1982) ao propor que o empréstimo pode advir da necessidade de se comunicar e acaba, em um possível caso de bilinguismo, adaptando-se a outra língua.

Procurando compatibilizar os dois autores, entendemos que tanto poderia haver empréstimo advindo da necessidade, em caso de bilinguismo ou não, de se comunicar com algum termo não lembrado ou conhecido na língua materna, como haver o acesso a um outro termo que parece, em dada situação, comunicar exatamente o que o indivíduo necessita na interação por conveniência, para ser compreendido ou, simplesmente para dar ênfase. É o que, como veremos, pode ter acontecido com o caso de alguns termos consolidados na comunidade de hispanodescendentes de Sorocaba, como “chalao” (bobo) que, em algum momento, pode ter sido empréstimo via bilinguismo e, depois, empréstimo como recurso comunicativo até, de algum modo, instaurar-se lexicalizar-se na comunidade e chegando a outros grupos não necessariamente hispanodescendentes.

De modo a diferenciar empréstimos de interferências, lembramos que os primeiros são coletivos, recorrentes em dada comunidade de fala, ao passo que os segundos seriam algo particular, individual e estariam à mercê do estágio de interlíngua do aprendiz.

Kipper (op.cit., p.94-95) cita, ainda, Semino (2007), no que diz respeito a estudos realizados por esta acerca de interferências havidas em universitários brasileiros que eram aprendizes de espanhol. De acordo com Semino, haveria os seguintes casos de interferência:

1) **Simplificação ou extensão:** a simplificação, quando há inovações estruturais mais simples que as originais, a exemplo do brasileiro usando a contração “pela” do português, em vez de usar “por la”, ao expressar-se em espanhol, e a extensão no caso da palavra “legal”, com sentidos diversos em português, que possui sentido diferente do espanhol, pois se restringe ao ambiente jurídico (*aquilo que está na lei*);

2) **Trocas induzidas por interferência:** quando ou ocorre **inserção direta** de traço

de algo próprio do português na estrutura do espanhol *voy salir* (vou sair) em vez de *voy a salir/saldré*, ou mediante **empréstimo de importação**, ou seja, palavras de uma língua acabam se inserindo no contexto da outra (*curtir* do português, já utilizado no Uruguai com mesma grafia e significado), ou, também, **empréstimo de substituição morfêmica com adaptação fonológica e fonética**, no caso do *quase*, no português, usado como *cuase* no espanhol, quando deveria ser *casi*, e, por fim, se há **mesclas**, ou seja, em um só termo há traços de ambas as línguas (caso em muitas conjugações verbais, ou **calco**, isto é, se houver substituição de morfemas sem importação, a exemplo de *manda-lluvia*, para referir-se a “poderoso”);

3) **Deslocamento**: no caso de se houver mudança da ordem natural das palavras na oração, como por exemplo, o “desvio” na colocação dos clíticos (*él va se dedicar a*, em vez de *él se va a dedicar/ él va a dedicarse*);

4) **Confusão de heterossemânticos, heterogenéricos e heteroprosódicos**: caso de palavras ou com sentidos diferentes (*pelota*, no português no sentido de “bombom” versus *pelota*, no espanhol, no sentido de *bola*, como a de futebol), com gêneros diferentes (*a cor*, em português, de gênero feminino x *el color*, em espanhol, masculino) e, por fim, caso de tonicidade distinta (*Nível* em português, em que a sílaba mais forte é a penúltima, e *niVEL* em espanhol, cuja sílaba mais forte é a última, portanto, oxítone);

5) **Sobregeneralização**: caso de uso mais amplo de uma forma, e a consequente generalização de regras para vocábulos que não possuem determinada estrutura, como em flexões de verbos regulares para os irregulares (no espanhol *saliré* (sairei), no lugar de *saldré*);

6) **Análise**: quando há opção pelo uso de construções perifrásticas em vez de orações mais sintéticas, a exemplo de perífrase do verbo *ir*, de influência do português, em construções na língua espanhola (*voy a ir*, no lugar de *iré*);

7) **Convergência linguística**: quando há influência de uma língua sobre outra que acarreta uma adaptação ou assimilação convergente entre duas línguas em contato, desenvolvendo assim estruturas comuns entre ambas (*plano*, em espanhol, mapa ou superfície plana para dizer *plan*, que dá ideia de planejamento);

8) **Relexicalização**: se há substituição do léxico de uma língua pelo da outra, porém mantendo a sintaxe original (*vou a dizerte algo*, em vez de *voy a decirte algo*); e

9) **Alternância Linguística**: ou seja, quando o indivíduo bilíngue alterna rapidamente sua fala de uma língua a outra que pode ser: **emblemática**, se a troca de códigos ocorre para explicação a mais, pois algo não ficou claro antes; **interoracional**, se alternam as línguas em diferentes orações de um mesmo discurso e, por fim, **intraoracional**, nas situações em que se usa mais de uma língua dentro da mesma oração.

Kipper (2012, p.96) ainda acrescenta a discussão sobre alternâncias de códigos ou *code switching* citando Calvet (2007), para quem as trocas de código não deveriam ser consideradas interferências, a exemplo do que acontece nos empréstimos. Para Calvet (op.cit, p.43-58), as alternâncias seriam passagem, em dado momento da fala, de uma língua para a outra de maneira mais consciente, em geral segundo objetivo dos interlocutores (bilíngues). As alternâncias de código podem desempenhar vários papéis como o de fazer citação de discurso realizado em outra língua ou, de forma estratégica, pode ser usado para chamar a atenção sobre tópico relevante no discurso, por motivo de ironia ou piada apenas com sentido cômico em outro idioma. Há, ainda, a função de negociar o uso da língua em virtude do interlocutor, ou o contrário, isto é, o indivíduo querendo falar na língua do outro que, por sua vez, quer falar na língua do primeiro, o que gerará confusão; por fim, ainda, em situações de comunicação plurilíngue, quando as ações e falas são regidas pela necessidade de priorizar a língua geralmente mais conhecida ou aceita em dado grupo, a exemplo do inglês.

Contudo, haverá maior tendência a empréstimos quando as línguas são tipologicamente próximas, o que gera a consequente lexicalização, diferentemente do caso de línguas mais distantes, o que faz com que as palavras emprestadas se mantenham na versão estrangeira, como é o caso do inglês em relação ao português. Ademais, a aprendizagem será imperfeita se as línguas forem diferentes, podendo ora haver empréstimos, ora *code-switching*, e, se não há aprendizagem alguma, se mantém o bilinguismo.

1.1.3.1. Mudança e alternância de códigos

Gumperz & Blom (2002), baluartes da sociolinguística interacional, vão tratar de uma espécie de *code-switching* dentro do próprio idioma, isto é, o que eles chamam de **alternância de códigos**, ou seja, o fato de, nas várias interações cotidianas, surgirem mudanças no falar, seja do padrão para o dialetal ou o contrário, por exemplo.

Além disso, na alternância de códigos, os falantes bilíngues de determinada comunidade bilíngue costumam alternar as duas línguas quando conversam com outros falantes bilíngues de seu mesmo grupo, como o caso de hispanos bilíngues nos Estados Unidos que alternam inglês e espanhol dentro da mesma conversação. A alternância de códigos pode acontecer em diferentes níveis do enunciado:

- como “muletas” linguísticas, tal como seriam as interjeições ou elementos discursivos a surgirem em qualquer momento da oração; é o caso de “*Ay, comadre, people always leave me*”. (Extraído de SÁNCHEZ-SCOTT: *Latina*)

- **entre orações**, quando há alternância de orações completas, a exemplo de “*It’s on the radio. A mí se me olvidaba la estación*”. (Emprestado de POPLACK, 1980)

- ou **dentro de uma oração**, quando algum elemento da oração surge em outra língua, como em: “*Si tú eres puertorriqueño, your father’s a Puerto Rican, you should at least, de vez en cuando, you know, hablar español*”. (Emprestado de POPLACK, 1980).

Ainda em relação a este conceito, há duas possibilidades de existência, a chamada **alternância metafórica de códigos**, ou seja, quando a alternância de códigos permite que sejam postas em prática duas ou mais relações sociais entre o mesmo conjunto de indivíduos participantes da interação. A alternância de línguas ou dialeto, nesse caso, está relacionada a determinados tópicos de assuntos e não propriamente alterações da situação social em termos dos direitos e deveres dos participantes; em outros termos, a troca de códigos redefine a situação social em curso (é o caso de, em um Congresso Acadêmico, cessar o evento “palestra” e começar a “Sessão de debates”), o que tem implicações para a mudança de papéis por parte dos participantes (o expositor-palestrante e plateia passam a falante e interlocutor). Na **alternância situacional de códigos**, existem mudanças claras nas definições que os participantes têm dos direitos e deveres um do outro e, portanto, se contribui para a sinalização e definição motor da situação conjunta em que se encontram no evento de fala. Ou seja, a troca de códigos enriquece a situação de uma conversa em que se consegue vislumbrar mais de uma relação social dentro da mesma situação: em tal conversa, por exemplo, os indivíduos são amigos, confidentes, compartilhando interesses específicos. (In: GUMPERZ & BLOM, 2002, p.258).

Os conceitos acima referidos não serão exaustivamente considerados em nosso trabalho em virtude do limite de registros de fala que serão considerados, isto é, sem diálogos propriamente ditos por parte dos informantes.

Segundo Calvet (2002, p.34), em relação às noções de mistura de língua e alternância de códigos, um determinado indivíduo pode produzir enunciados “bilíngues” pelo fato de que, por dominar duas línguas, pode, eventualmente, realizar mistura de tais línguas em certos enunciados.

Este retrato mostrado pelo autor acima não poderia, segundo ele, ser tratado mais como interferência, senão passagem em dado ponto do discurso de uma língua a outra, isto é, ou *mistura de línguas (code mixing)* ou *alternância de códigos (code switching)*, seja no sentido a mudança de uma língua para outra situar-se em uma mesma frase ou no sentido de haver passagem de uma frase a outra. Um caso citado por Calvet (op.cit) é o caso de diálogo entre mulheres espanholas vivendo na cidade suíça Neuchâtel, a saber, em que o trecho em espanhol está em itálico e o trecho em francês e negrito: “*Ahora, con cabronas de ponérmelos en lo alto*

*de la oficina, en lo alto de la mesa de la oficina; sin explicación y sin na! Ça va pas ou quoi? Por quién se toma esta imbécil que apesta a vaca, eh? Y subo y digo, dice: bueno, je vais voir si je trouve, je monte tout de suite*³⁷”.

Aqui, o fato de se inserir trechos em francês como “*ça va ou quoi?*” ou “*je vais voir si je trouve, je monte tout de suite*” em determinado enunciado em espanhol identifica o que seria típico de línguas dominadas pelo falante e constituiria, segundo Calvet (2002, p.35), o chamado “falar bilingue” mediante mistura de línguas para idiomas falados por duas nativas espanholas que trabalham em um contexto francófono e cuja alternância entre língua poderia ser ou “citação de fragmento de discurso enunciado em outra língua, ou como modo de ancorar o discurso na realidade à qual ele se refere: não há, aqui, *estratégia*, particular.

Enfim, para Calvet (op.cit, p.37), a alternância de código ou a mistura de línguas poderiam, em suma, servir como tentativa de responder a estratégias conversacionais; seria o caso de mudança de língua feita por filhos como recurso irônico a fim de zombar do pai em uma espécie de imitação de seu comportamento linguístico.

1.1.3.2. Manutenção, troca e abandono de línguas

Em relação a questões de alterações sociais e linguísticas do passado, Millar (2012) cita a contribuição do estudo feito sobre a província de Burgenland no sudeste austríaco. Em tal região, uma pequena parte de habitantes falava húngaro, e não alemão, enquanto que, no assentamento próximo de Oberwart, perto da atual fronteira húngara, se falava a língua alemã. É o que atestou o estudo de Gal (1978), autora que demonstrou que a maioria dos habitantes de Oberwart, até a década de 1950, era de falantes de húngaro, mas que, com o desenvolvimento industrial da área e a consequente imigração massiva de falantes de alemão, acabaram mudando seus usos linguísticos.

Millar esclarece, ainda, que os húngaros de Oberwart não estavam intimamente ligados linguística e culturalmente ao seu país de origem cuja maioria é católica; na verdade, eram calvinistas. Contudo, sem querermos detalhar outros elementos relativos à descrição do estudo de Gal (1978), o que precisamos explicitar é que houve uma série de influências e fatos que contribuíram para que indivíduos húngaros de várias idades, em diferentes ambientes e

³⁷ “Agora, com estas sacanas querendo colocá-los para mim na parte mais alta do escritório, ou na parte mais alta da mesa do escritório; sem explicação, sem nada e pronto! **Isto não está correto, ou quê é, então?** O que esta imbecil que fede a vaca acha que é, hein? Eu subo e digo, diz: bom, **vou ver se eu encontro, e eu subo em seguida.**”

situações comunicativas, da região limítrofe da Hungria, fossem se desvinculando gradualmente do seu país, Hungria, e ingressando na cultura de uma presença externa, no caso, a alemã, fato que resultou, sobretudo a partir da massiva imigração alemã, na diminuição gradual do uso do húngaro. Em outros termos, todo o complexo contexto descrito por Millar (2012) resume um cenário de realidade tipicamente bilingue influenciado por vários (des)encontros linguísticos ao longo da história e que explicam, ao mesmo tempo, a existência não só do bilinguismo bem como o porquê de uma língua ser mais falada em determinadas faixas sociais ou em certos domínios linguísticos ou âmbitos de uso. De modo esquemático, vejamos a tabela implicacional abaixo registrando os usos do húngaro e do alemão falados em Oberwart, conforme o estudo feito por Gal (1978, p.6).

MUDANÇA LINGUÍSTICA E DE PAPEIS SOCIAIS NA COMUNIDADE BILÍNGUE												
Padrões de escolha linguística dos homens												
Infor- mante	Idade	Situação social (identidade do participante)										
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
A	17	H	AH		A	A	A			A		A
B	25	H	H		AH	A	A			A		A
C	42		H		AH	A	A	A	A	A		A
D	20	H	H	H	H	AH	A	A	A	A		A
E	22	H	H		H	AH	AH			A		A
F	62	H	H	H	H	H	H	AH	AH	AH	A	A
G	63	H	H		H	H	H	H		AH		A
H	64	H	H	H	H	H	H	H	AH	AH		A
I	43	H	H		H	H	H	H	A	H		A
J	41	H	H	H	H	H	H	H	AH	H		H
K	54	H	H		H	H	H	H	H	H		A
L	61	H	H		H	H	H	H	H	A	AH	A
M	74	H	H		H	H	H	H	H	H	AH	H
N	58	A	H		H	H	H	H	H	H	H	H
Nº de informantes: 14							Escala: 95.2%					
1 = a Deus							7 = cônjuge					
2 = avós e sua geração							8 = crianças e sua geração					
3 = clientes bilíngues do mercado negro							9 = funcionários bilíngues do governo					
4 = pais e sua geração							10 = netos e sua geração					
5 = amigos e vizinhos da mesma idade							11 = doutores					
6 = irmãos e irmãs												

A= Alemão, H: Húngaro, AH: Ambos Alemão e Húngaro												

Tabela 7: Mudança Linguística de papéis sociais na comunidade bilíngue

Millar (2012) comenta a tabela acima afirmando que o uso linguístico na região especificada apresenta várias correlações sociais, a exemplo da idade, no sentido de que os mais

velhos tendem a falar mais o húngaro nas diversas situações comunicativas, ou seja, a língua em uso se correlaciona com o domínio em que se utiliza. Além disso, todos os falantes de húngaro usam tal língua ao se dirigir a Deus, exceto alguns mais jovens. Millar (2012) cita, ainda, o fato de quase todos falarem húngaro com os avós, ou com os seus pais, porém, reduzindo-se no uso com os irmãos e, mais ainda, com os filhos. O autor destaca, contudo, o fato de que apenas as pessoas mais velhas usam húngaro com funcionários do governo, apesar de todos os falantes de húngaro terem o direito de esperar ser servidos nessa língua, se isto for da vontade deles.

Enfim, em relação à questão da idade, segue-se a tendência da Teoria da Variação e da Mudança, que indica a idade como um aspecto relevante no processo de mudança linguística; por exemplo, os netos sabem húngaro para falar com os seus avós, mas falam menos regularmente com os pais, que podem ter optado por usar o alemão principalmente com os filhos.

Sem que nos debrucemos sobre toda a descrição apontada por Millar (2012) acerca da tabela anterior, apenas destacamos sua relevância no sentido de entender alguns possíveis fatores que influenciam os usos linguísticos em comunidades bilingues bem como o porquê de alguns idiomas se destacarem em relação aos outros em certas comunidades. Também, auxilia, o referido quadro, na compreensão do porquê de maior uso linguístico em função de idade, gênero ou em determinadas situações comunicativas ou porque vão uns se sobrepondo e outros perdendo seu espaço, com o tempo.

Enfim, o raciocínio empreendido na elaboração da tabela implicacional será fonte de análise em nosso trabalho para entender o período de manutenção da língua espanhola em Sorocaba bem como as razões para seu posterior abandono.

Segundo Tarallo & Alkmin (1987, p.75), de modo bem sintético, perde-se uma língua, quando gradualmente vai sendo falada por um número ainda menor de indivíduos até que se torna “ ‘língua-mãe’ ou ‘dialeto-pai’ de nenhuma pessoa”.

De maneira mais detalhada, para Melo (2014, p.11), a atribuição da L1 não seria necessariamente algo espontâneo, mas conjunto de fenômenos a ocorrer ao longo da aquisição da L2. Uma outra causa seria o fato de famílias imigrantes escolherem abandonar a L1 para tomar “distância psicológica de seu passado em função de trauma sofrido em seu país de origem ou por outros motivos”. Isso nos faz pensar em nossa pesquisa, uma vez que, como veremos, alguns relatos dos informantes relacionam o fato de ter se deixado a língua-cultura de lado em função de realidades vivenciadas muito negativa como pobreza, fome, repressão política sobretudo aos operários espanhóis anarquistas perseguidos tanto na Europa como no Brasil,

dentre outros fatores.

Wong Fillmore (2000, p. 208) lembra que, no que diz respeito à perda da L1 nos jovens imigrantes, podem estar em jogo tanto forças intrínsecas como extrínsecas. Por exemplo, favorecerá a perda por meio da atrição, em termos pessoais ou íntimos, o indivíduo desejar integrar-se à nova sociedade e propiciar a inclusão social ou a necessidade de se comunicar com outros, além de fatores externos como preconceitos e discriminação que tiverem sido vivenciados.

Por sua vez, em relação às crianças de famílias imigrantes, que costumam ter que aprender a língua dominante para aproveitar plenamente as oportunidades educativas da sociedade de acolhida, o processo de perda linguística ocorrerá de modo diferente, isto é, ao passo que ocorre o processo de aprendizagem/aquisição da língua da sociedade de acolhida, conforme Melo (2014, p.12), a L1 ou LH destas crianças estará submetida a transformações que, com o tempo, poderão gerar perda total ou parcial da língua em questão.

Em relação ao que contribui para gerar atrição linguística no âmbito familiar, citamos Montrul (2008: 143). Para ela, diferentemente das crianças, que só utilizam a LH para se comunicar com seus pais e outros membros da família, o que indicaria nível mais alto da língua, o fato de haver certos indivíduos mais velhos, que costumam empregar ambas as línguas (a LH e a língua da sociedade) seria um indício de que estariam mais propensos à atrição.

Importará, também, a motivação espontânea dos pais imigrantes em conservar a LH a ponto de conseguirem de melhor modo transmitirem sua língua à próxima geração. O contrário seria se a motivação para manter o LH não for internalizada pelos mais jovens e for derivada tão somente da necessidade de atender demandas externas familiares, o que contribuirá para menos chances de sucesso na conservação. Em outras palavras, entre os pais com maior nível de proficiência na língua dominante, seguir utilizando a LH pode exigir um esforço consciente de modo diferente do que ocorrer no caso de pais monolíngues na LH, cujo uso não exige nenhum esforço adicional, já que seria a única forma de comunicação.

Outro aspecto interessante tratado por Melo (2014, p.19) diz respeito ao aspecto idade dos imigrantes, sejam eles os próprios pais ou filhos, se nascem ou não na sociedade de acolhimento. Se estes nascem no mesmo país dos ascendentes, poderá haver influências na competência e no domínio da Língua de Herança e, claro, quanto mais jovem o indivíduo que chega no novo país, menor domínio terá da LH, o que seria, na prática, uma das causas tanto para atrição como para perda linguística. Completa-se este raciocínio ao citar Montrul (2008: 265), para quem os efeitos da atrição serão minorados consideravelmente caso as crianças que

chegam no novo país tenham apresentado dois ou mais anos de escolaridade no país de origem na LH, e também pesará outro fator, isto é, o aspecto sociopolítico presente nas línguas relacionadas, isto é, dependendo da sociedade, as línguas minoritárias ou imigrantes podem ser vistas como algo negativo pelos falantes da língua majoritária, o que contribuiria para diminuição de uso ou perda gradual da LH, haja vista a diminuição da motivação para uso, conforme assinala Montrul (2012, p. 12).

1.1.4. Repertório linguístico e translinguismo: importância do reconhecimento de fatores complementares nas práticas comunicativas e bilíngues

Outros conceitos pertinentes ao trabalho são os de *Repertório linguístico e translinguismo*, ambos mais contemporâneos em relação aos estudos de bilinguismo.

O primeiro, forjado a partir da necessidade do reconhecimento de novas nuances não devidamente explicadas por estudos anteriores, vem a ser um construto que visa, segundo Busch (2012), focalizar o exame das práticas linguísticas dos indivíduos bilíngues, isto porque diferenciar primeira e segunda línguas em um dado falante já não seria mais essencial haja vista o fato de que as noções de bilinguismo e sujeito bilingue não conseguem explicar as experiências identitárias e as práticas linguísticas vivenciadas por indivíduos enquanto bilíngues. Neste sentido, repertório linguístico seria uma noção mais adequada do que primeira e segunda línguas no sentido de ser o conjunto de formas linguísticas empregadas no curso das interações socialmente mais relevantes numa espécie de “municiões” para a comunicação cotidiana; em outros termos, é um conjunto de recursos linguísticos aos quais o indivíduo recorre, embora limitado por convenções gramaticais e sociais inevitáveis, a fim de gerar expressões nos vários âmbitos, como formal, técnico, literário, etc.

Busch (2012) complementa destacando que, no repertório linguístico, encontram-se variedades derivadas das várias formas de imigração e, por consequência, pluralização ainda maior das formas de se recorrer às línguas e às suas práticas comunicativas.

Por sua vez, Blommaert e Backus (2013) classificam o repertório linguístico como mistura de instrumentos, habilidades e faculdades aprendidas por um indivíduo que, por transformar-se, com o passar do tempo em sua trajetória, depara-se com situações de aprendizado de língua formais e encontros informais com a língua. Assim, repertório linguístico acabaria por expressar a vida do sujeito submetida ou condicionada a espaços concretos em termos socioculturais, políticos e históricos e não apenas em função do local de origem.

Por fim, Busch (2015, p.14) resume que o repertório linguístico pode se entender como “domínio heteroglóssico de limites e potencialidades”, isto é, as experiências em diferentes línguas/dialetos e modos de falar acabam por se alternar, se influenciar mutuamente a ponto de se encadear gerando algo novo embora tudo, ao final, seguirá presente na fala, de modo que o repertório linguístico não incluiria apenas a biografia vivenciada linguisticamente mas também se relaciona com futuro, ao prever e incluir contextos com os quais o indivíduo vai se deparando.

Em conferência para a Abralín ao Vivo, citada por Scholl (2020), Li Wei explica que a translanguagem exige deslocamento entre diferentes estruturas e sistemas linguísticos, incluindo diferentes modalidades, a ponto de, através do uso da translanguagem, bilíngues e multilíngues, conseguirem usar seu repertório linguístico de modo eficaz para compreender e produzir sentidos. O registro de sua fala deu-se, mediante mediação da Dra. Caroline Tagg, na conferência *Trans-Ing Language and Cognition: Debates and Directions of Translanguaging Research*, proferida por Li Wei no dia 27 de julho de 2020, e que está disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=RxBBaRaO9jk> do canal da Abralín no youtube.

Em dado momento de sua exposição Li Wei (2020) (no 14º minuto, aproximadamente) evidencia que o prefixo *Trans* significa a transcendência das fronteiras das linguagens nomeadas, além das fronteiras entre "linguagem" e outros meios cognitivos, semióticos e modais de sentido - e construção de significado. *Ing*, sufixo do inglês, por sua vez, estaria focando na momentaneidade, na instantaneidade e na natureza transitória da comunicação humana. Por fim, o *translinguismo* partiria da visão de que há 'indivíduos multilíngues' com capacidade inata de recorrer com flexibilidade a repertório de características linguísticas várias (fonéticas, morfológicas, semânticas, ortográficas e assim por diante) que se originam em mais de uma língua nomeada, bem como no que tem sido recursos de criação de sentido e significado denominados 'extralinguísticos' ou 'não linguísticos', incluindo, pois, recursos corporais e sensoriais. Haveria, aí, também, o aspecto performativo, no sentido das performances ou desempenhos cotidianos em situações mundanas e que exigem criatividade e criticidade, a ponto de gerar “perturbações positivas” no convívio social.

Nos comentários feitos por Scholl (2020), o termo “translinguismo” seria atribuído a Colin Baker (2001), que o teria utilizado para referir-se à prática pedagógica de empregar as duas línguas do bilíngue na sala de aula de forma fluida e dinâmica. Através dessa prática, os alunos poderiam receber a instrução em uma de suas línguas e realizar a tarefa na outra, por exemplo. Desde então, esse conceito tem sido adotado por diversos pesquisadores para caracterizar as práticas linguísticas de indivíduos bilíngues e multilíngues.

Contudo, a popularização propriamente dita, e mesmo expansão, só teria ocorrido a partir dos estudos de Ofelia García que, em 2014, definiu *translinguagem* como “múltiplas práticas discursivas que os bilíngues usam para dar sentido aos seus mundos bilíngues”.

Em síntese, a *translinguagem* é abordada pelo conferencista como uma teoria prática, isto é, a teoria é baseada na prática e, por sua vez, também serve à prática, e usar *translinguagem* é deslocar-se entre diferentes estruturas e sistemas linguísticos, incluindo diferentes modalidades e, também, além deles.

Por fim, Scholl (2020) aborda uma dúvida recorrente nas discussões: a maneira como *translinguagem* se distingue de *code-switching*, noção intrínseca aos estudos sobre bilinguismo. Acerca disto, esclarece que *code-switching* diria respeito às alternâncias entre as línguas de um bi/multilíngue em episódios comunicativos específicos, que acontecem de forma espontânea entre bi/multilíngues ao se comunicarem com outros indivíduos que compartilham das mesmas línguas; por sua vez, mesmo tendo alguma semelhança conceitual, Li Wei afirma que a *translinguagem* difere de *code-switching*, pois o primeiro é um fenômeno a partir do qual é possível investigar a forma como indivíduos usam diferentes recursos linguísticos, semióticos e cognitivos para produzir sentidos, indo além dos limites das línguas nomeadas. De acordo com o professor, o conceito de *code-switching* não dá conta desses estudos, pois as investigações feitas através dele se dedicam a análises estruturais ou funcionais do processo de integrar sistemas gramaticais diferentes em uma unidade coerente e nos propósitos dessas trocas. Dessa forma, o linguista declara que os dois conceitos podem coexistir e serem usados em contextos distintos, pois eles têm propósitos diferentes.

1.2. Língua materna, línguas de imigração e políticas linguísticas no Brasil

É notável como toda língua tem seu status conferido pela avaliação social e pela relação que estabelece com outras línguas do que pela própria estrutura em si. E, quando tratamos de línguas que interagem com outras ou que são deslocadas de uma região para outra, esta avaliação se torna ainda mais visível.

Considerando o status conferido às línguas que interagem com outras ou que são deslocadas, observemos o que expõe a estudiosa Pertile (2009). Ela analisou o modo como o *talian*, variedade do italiano, surgida após a imigração que ocorreu no Rio Grande do Sul no início do século XX, se constituiu, bem como teve ampla circulação na comunidade em certo momento e, até mesmo, chegou ao momento atual com dificuldades para se manter como realidade linguística.

Inicialmente, a autora, que é descendente de italianos, expressa a problemática que se encontra no Brasil, onde aportaram muitos imigrantes italianos no fim do século XIX e início do século XX, mas cujos descendentes de primeira e, sobretudo, segunda geração sequer chegaram a aprender a falar a língua dos pais ou, quando muito, se restringiam à condição de “bilíngues passivos”, ou seja, tiveram contato com a língua, mas sem conseguirem se expressar oralmente. (PERTILE, 2009, p.20)

Visando entender da maneira mais profunda possível o porquê de tal situação, a autora lança mão da observação, dentre outros elementos, de questões relacionadas ao tempo transcorrido de imigração até hoje e a consequente miscigenação étnica e cultural sofrida pelos descendentes, bem como recorre à análise dos registros um tanto escassos da história dos primeiros falantes de variedades do *talian* na região do Alto Uruguai gaúcho. A tese de Pertile (2009), pois, expõe elementos correlatos ao surgimento e dificuldade de manutenção daquela língua que derivou do contato entre o português e italiano, após a imigração no Rio Grande do Sul.

Para tanto, a autora discute elementos como perda linguística, defesa da continuidade de línguas, promoção de multilinguismo, bem como descreve alguns fatores que contribuem para a manutenção/ perda de língua em determinada comunidade, partindo de uma metodologia que combina a dialetologia areal com a sociolinguística, no sentido de verificar em que pontos certos fenômenos linguísticos acontecem ou não. Sua abordagem culminou com a exposição de resultados das análises geradas pela discussão sobre os fatores de manutenção/substituição linguística seguindo a noção de “árvore genealógica das línguas” proposta por Calvet (1974), a qual entende que algumas línguas “morrem” e dão lugar a outras com aspectos ora de línguas anteriores ora com novos elementos surgidos a partir de misturas, e apresentando características diversas.

Pertile (2009, p.27-33), ilustra que o Brasil seria plurilíngue por entender que houve, desde o processo de colonização, uma amálgama de línguas e/ou dialetos convivendo de diferentes modos, ora pacífica ora conflituosamente. Nesse sentido, o que se poderia definir como brasilidade adveio da confluência de diversas contribuições, como as indígenas, africanas e europeias, contudo, eventualmente, o multilinguismo brasileiro, por um lado, foi visto, ora como algo positivo e desejável, ora acabou sendo prejudicado quando se considera o tratamento dado a formas dialetais do português, marcadas por traços regionais ou de línguas alóctones, de populações minoritárias, sem projeção socioeconômica, ou em virtude da política linguística no Brasil demasiadamente exclusivista, focada apenas no português.

Sendo assim, na visão da autora, geralmente, o plurilinguismo brasileiro vem sendo

visto como algo negativo em função de uma concepção política e ideológica que valoriza línguas com *status* e poder sócio-econômico-cultural, sem considerar devidamente outras línguas minoritárias.

A autora descreve o fato de sempre ter havido línguas que se impuseram cultural e economicamente sobre outras e, em termos sucintos, se uma grande potência decaía, com ela, também suas línguas. Outro modo de se dar isso foi através da imposição de outra língua pelo colonizador. Contudo, quando há um processo imigratório de falantes de línguas distintas daquelas oficiais do país que as recebe, normalmente, há uma perda linguística acentuada.

Skutnabb-Kangas e Philipson (1996, p.667 apud Pertile, 2009, p.39) nomeiam essa perda intensa como “linguicismo” (*linguicism*), ou seja, o processo que conduz uma língua à extinção. Aqui, cabe a distinção entre *perda* como algo parcial e temporário de substituição gradual de elementos de uma língua por elementos de outra, enquanto que *morte/extinção* seria o esvaziamento total de uma língua por fatores vários, como aconteceu com o latim em relação às línguas que dela derivaram. Além deste conceito, segundo os mesmos autores, também há o de “linguicídio” (*linguicide*), isto é, o resultado do linguicismo, visto muitas vezes como um fenômeno natural pelo que passam as línguas, com momentos ora favoráveis ora não e, tais quais os organismos, se desenvolvem, florescem e morrem ou “murcham” quando seus falantes, vítimas das leis do progresso, não se adaptam.

No caso específico do Brasil, esse processo de linguicídio se deu, segundo Pertile (2009, p.40, apud OLIVEIRA, 2003, p.9), com a busca da chamada “política de integração do índio, do negro e do imigrante, o que pressupunha a destruição de suas línguas e culturas e sua adaptação ao formato luso-brasileiro”, em que pese ter sido comum o conflito entre migrantes europeus e indígenas ou o preconceito difundido no Brasil contra a mestiçagem, algo que, de fato, dificultou a referida integração.

Tratando de aspectos sobre consciência linguística e revitalização, a autora sinaliza como o processo de contato das línguas dos diferentes imigrantes entre si e com o português fez e está fazendo com que as diferentes variedades de falares italianos gerem uma “mistura” e gradual desaparecimento da própria diversidade interna à língua. Tal realidade estaria sendo piorada pelo fato de, no país, não haver uma tradição de nítido reconhecimento dos direitos linguísticos das diferentes comunidades formadas por descendentes de imigrantes ou por serem incipientes as discussões sobre educação bilíngue.

Ainda as poucas tentativas de reverter isso, segundo a autora, acabaram por chegar muito tarde nas discussões de políticas linguísticas nacionais ou, mesmo, nos ambientes de cursos de graduação e pós-graduação em Letras. (Pertile, 2009, p.41)

Para ela, além de se discutirem políticas amplas de manutenção de línguas minoritárias, haveria que se “identificar a existência de possíveis comunidades ainda falantes de línguas minoritárias, conhecer sua origem, sua cultura, sua história e, principalmente, quais fatores contribuem para manter ou substituir línguas ou impedir a aquisição bi- ou plurilíngue”. (idem, p.41). Tal necessidade nos parece algo relevante e, em parte, é o que pretendemos fazer, ou seja, buscar a verificação de caracteres de uma língua que passou de ser minoritária a de herança possivelmente e cujos resquícios se mantêm de alguma forma na comunidade em que realizamos nossa pesquisa, para o que estudo de elementos históricos, culturais tanto no passado como no presente são importantes de serem verificados visando entender um possível bilinguismo no passado e o que explica o quase total desaparecimento da língua espanhola no presente junto aos descendentes contemporâneos.

Partindo de autores que dialogam sobre fatores que contribuem para ou a manutenção ou mudança de língua, a exemplo de Romaine (1995, p. 40) e Fishman (1992, 1996), Pertile (2009, p. 70) expõe o fato de que um número razoável de falantes de uma dada língua pode até ser essencial para sua existência, mas, ainda assim, poderá ser insuficiente para um determinado grupo manter aquela língua, afinal, quem fala um idioma é mais relevante do que a quantidade de pessoas que falam. Porém, claro, quando um alto número de falantes de uma certa língua se enfeixa em um certo espaço geográfico isto poderá contribuir para o fortalecimento sobre o uso e manutenção de sua língua, diferentemente do que acontece quando muitos residentes em área rural se deslocam às áreas urbanas, por razões econômicas, o que acaba ensejando o desaparecimento gradual das características vitais de suas línguas de origem.

Pertile (2009, p.71) ainda enfatiza três fatores estudados historicamente (ver Giles et al 1977)³⁸ vistos como especialmente relevantes na manutenção de uma língua: o suporte institucional no sentido de ações governamentais em prol do uso ou ensino de línguas, o status da referida língua em sua comunidade e, mesmo, fora dela, e sua concentração demográfica, ou seja, o número de falantes que se relacionam e se interagem intensamente em uma dada região por meio de uma dada língua minoritária.

Para terminar a coleta das contribuições de Pertile (2009) para a abordagem de nossa pesquisa, observemos sua exposição acerca do que, em termos políticos, no Brasil, teria favorecido a manutenção ou substituição linguística de algumas das línguas minoritárias no país, com resultados e em momentos específicos.

³⁸ Giles, H., R.Y. Bourhis & D.M. Taylor (1977). Towards a Theory of language in Ethnic Group Relations. In: Giles, H. Language, Ethnicity and Intergroup Relations. London: Academic Press Inc. (307-48).

Primeiramente, a política de imigração adotada pelo Brasil monárquico, conforme Costa & De Boni (2000 apud Pertile, 2009, p. 79), gerou uma modificação da estruturação econômica do país, uma vez que passou da monocultura e latifúndio, incluída aí a mão-de-obra escrava, para um movimento de maior abertura econômica. Tal cenário, pois, promoveu a inserção e atração de imigrantes como o caso dos alemães que, imediatamente após os primeiros colonos portugueses, foram responsáveis por produzir policultura e construção de pequenas indústrias com fornecimento de gêneros de primeiras necessidades, sobretudo durante a segunda década do século XIX.

Já no final da monarquia e início do período republicano, com a abolição da escravatura, inicia-se um período de nova abertura, agora mais intenso, à imigração estrangeira mediante uma política de propaganda intensa das oportunidades de trabalho no país e a partir de vários incentivos. Tal política, aliada a cenários desfavoráveis econômica e socialmente em partes da Europa, como na Espanha e na Itália, gerou um grande ingresso de imigrantes, algo que oscilou até os anos 1930, quando havia ainda liberdade de usos, costumes e línguas até a chegada de Getúlio Vargas ao poder. Sobretudo, após 1937, Vargas iniciou um projeto nacionalista, pautado por feições conservadoras e autoritárias, que buscava excluir e eliminar qualquer forma de organização autônoma da sociedade que não fosse ligada rigorosamente ao Estado. Assim, iniciou-se uma política de nacionalização e uma série de providências dos vários Ministérios de modo a proibir e punir ações feitas *pela* e *para* a população de imigrantes, o que gerou a adoção de um projeto de ensino monolíngue e a defesa de uma visão de que o Brasil é um país homogêneo, com um só povo e uma só língua. (In: PERTILE, 2009, p.80)

A partir dos anos 1940, o avanço das telecomunicações acabou gerando uma homogeneidade artificial e impositiva no país mediante o envio de mensagens sempre transmitidas em língua portuguesa nas rádios e televisões defendendo a aprendizagem desta língua, não só entre os de origem brasileira, mas também entre os descendentes estrangeiros, que, desta forma, poderiam ascender social e economicamente.

Citando Altenhofen (2008, p.29), Pertile (2009, p.86) destaca o fato de que as línguas de imigração, gradualmente, acabam ingressando em uma espécie de “encruzilhada” no sentido de que tinham que se manter entre sua origem e história étnica e a necessária adaptação à realidade do local de acolhimento. Em outros termos, a dúvida do imigrante consistia em ou se associar à língua estrangeira, no caso, o português, ou se manter na condição de língua minoritária ainda desprovida de reconhecimento e status perante a sociedade e o governo brasileiro.

Por fim, cabe citar a explanação de Pertile (2009, p.89) para quem influências de outras línguas, quando existem em demasia, geram bastante perda linguística. Uma forma de retardar isso, porém, seguindo a visão de Romaine (1995) e Fishman (1967), seria a transmissão intergeracional para manutenção da língua-mãe de minorias linguísticas, ou a partir de iniciativas políticas que pudessem contribuir para a manutenção de uma dada língua expandindo seus horizontes de uso e atuação, tal como se fez e faz com o ensino de inglês no mundo todo, por exemplo.

Como arremate do debate ao que gostaríamos de fazer referência, Pertile (2009, p.100) cita Mortara (1950, p.44) que, ao analisar o censo de 1940 feito no Brasil, enfatiza como o nível de educação dos imigrantes e descendentes influenciou na assimilação linguística; neste sentido, a educação na língua de origem fazia com que os que possuíam um maior nível de instrução tendessem, mesmo inconscientemente, a conservar a cultura adquirida, enquanto que os sem instrução não tiveram como conhecer bem a mesma cultura da família de origem. Nesse sentido, pois, foi que uma das causas da persistência das línguas estrangeiras no país, no início do século XX, se deveu à insuficiência de escolas locais, mantidas pelo poder público. A esse respeito, cabe aludirmos o que presenciamos em nosso objeto de pesquisa, isto é, a maioria dos descendentes afirmou que seus pais e avós não tinham formação escolar completa ou até mesmo analfabetos já na própria Espanha, e muito menos em português quando chegaram ao Brasil, haja vista as condições precárias de vida tanto na Espanha como no Brasil nas primeiras décadas.

1.3 Especificidades da Sociolinguística Histórica

O estudo do contato linguístico também exige compreendermos as diferentes perspectivas acerca de como se opera o bilinguismo tanto no passado como no presente, de maneira mais ampla, como em relação a minúcias no uso individual e as possibilidades de alterações linguísticas parciais ou amplas geradas gradualmente com a interação dos indivíduos. Para tanto, faz-se necessário um apanhado histórico acerca de algumas das visões que contribuíram para os estudos de contato até os dias de hoje.

Como se sabe, depois da linguística estrutural no início do século XX, muitos novos ramos de estudo foram detalhando e revisando os estudos saussurianos bem como incluindo ou reconhecendo facetas até então não previstas. Ao longo do século XX e, com destaque à década de 1960, houve uma série de questionamentos do paradigma estruturalista, que propiciou o surgimento de diversas perspectivas que procuravam incorporar o funcionamento social ao

funcionamento linguístico, como foi o caso da chamada Sociolinguística Variacionista.

A citada corrente, como o próprio nome sugere, significou uma abordagem que reunia elementos sociais variáveis a exemplo da idade, do gênero, etc, e da relação destes com elementos linguísticos. Seu objeto de estudo enfoca os padrões de comportamento linguístico que podem ser observados dentro de uma comunidade de fala e os formaliza, analiticamente, através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis. Mais especificamente, surgiu a chamada Teoria da Variação e da Mudança que, segundo Labov (2008 [1972]), via a língua como uma estrutura heterogênea ordenada, flexível à mudança, concepção a qual, sem dúvida, expandiu os estudos sobre a língua e que apresenta desafios metodológicos específicos.

No texto “Sociolinguística histórica: origens, motivações e paradigmas” de Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2012), os autores definem as linhas mestras da chamada Sociolinguística histórica, identificando seu campo, suas primeiras décadas de constituição bem como seus princípios, contradições e aproximações interdisciplinares.

Os autores introduzem sua discussão especificando que a natureza social da linguagem humana vem sendo estudada desde o final do século XIX e início do XX por várias correntes como dialetologistas, linguistas históricos, antropólogos, etc, mas apenas em 1939 é que houve a primeira vez em que se registrou o termo “sociolinguística” em artigo publicado em jornal antropológico na Índia. Enquanto campo, apenas na década de 1960, que se passou a constituir como campo científico reconhecido. Já o que se constitui como Sociolinguística Histórica (doravante SH), segundo Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2012, p.22), só veio surgir apenas a partir do início dos anos 1980, sendo, de fato, consolidada em trabalhos nos anos 1990 em diante, como nos de Milroy (1992), Machan e Scott (1992), Ammon, Matheier e Nelde (1999), Nevalainen e Raumolin - Brunberg (2003), Bergs (2005), Conde-Silvestre (2007), dentre outros.

Além disso, os autores especificam que uma que se poderia chamar “Sociolinguística Histórica Aplicada” com mais alcance teria uma periodização mais longa pois incluía já, desde o início do século XX, a discussão sobre contextos sociais do uso linguístico frequentemente presente em manuais didáticos de história da língua que costumavam trazer aspectos da história externa e da variação regional como pertinentes à história geral de uma língua.

Nas três primeiras décadas (1980 a 2010), para Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2012, p.23), a SH acompanhou tendências gerais da Sociolinguística, a exemplo dos fundamentos propostos em discussão de Romaine (1982) de se seguir os modelos de análise

quantitativa e variacionista para a observação de dados históricos. Na década de 1990, por sua vez, destacaram-se estudos da variação regional, história social e demográfica no âmbito da abordagem diacrônica em muitos países, como foi feito por Machan e Scott (1992), Ammon, Mattheier e Nelde (1999) ou Nevalainen e Raumolin - Brunberg (1996), que observaram documentos históricos privados como cartas pessoais como objetos de análise de variação e de mudança linguística, por exemplo, considerando variáveis do falante como gênero, nível socioeconômico e escolaridade. Por sua vez, na primeira década do século XXI, muitas linhas de pesquisa da sociolinguística histórica foram de fato se consolidando, ainda empregando abordagens quantitativa e qualitativa da sociolinguística variacionista, como nos trabalhos de Nevalainen e Raumolin - Brunberg (2003), Ayres - Bennett (2004) e Nobels & Van der Wal (2009); mas, também, foram incorporados trabalhos sobre redes sociais, como os de Bergs (2005) e Sairio (2009) além da pesquisa sobre alternância de código em Nurmi e Pahta (2004) e Schendl e Wright (2011).

Será só nos últimos anos antes da publicação do capítulo de livro que ora resenhamos, publicado em 2012, que os trabalhos de nível “macro” da SH (como Penny 2000 sobre o espanhol castelhano e latinoamericano na Idade Média ou de Millar, 2010, sobre o mapa linguístico europeu antes de 1500), passam a ser do nível mais “micro”, ao se considerar aspectos sociopragmáticos e interacionais, como papéis sociais e a projeção de identidade. É o caso de estudos como os de Collin (2009) e Culpeper & Kytö (2010).

Nesse raciocínio, as chamadas análises nos nível macro e micro serviriam, segundo Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2012, p. 24), para consolidar aplicações da sociolinguística histórica no sentido de abordar questões várias como o papel do indivíduo na mudança linguística e a aquisição de competência sociolinguística, isto é, o fato de acessar dados de um grupo de referência, população ou corpus maior se torna “necessário em estudos que procuram colocar indivíduos, grupos de pessoas ou textos dentro das suas comunidades, redes sociais, gêneros ou outras categorias relevantes”.

Tratando de princípios e paradoxos, os autores lembram que, como todo campo histórico de pesquisa, a sociolinguística histórica se baseia em um uniformitarismo no sentido de que os seres humanos, enquanto criaturas biológicas, psicológicas e sociais, têm permanecido quase sem alteração ao longo do tempo. Neste sentido, seria possível, através do presente, explicar o passado e vice-versa, tal como Labov (1972, p.161) entendia em relação à mudança linguística, ou seja, “os mesmos mecanismos que operaram para produzir as mudanças em grande escala do passado pode ser observado operando nas mudanças atuais que ocorrem ao nosso redor.”

Caberia, ainda na esteira de Labov (1994), em publicação posterior, ao sociolinguista histórico, portanto, equilibrar-se entre o que seria uma “prudência indutiva” e uma “presunção dedutiva”.

Um dos paradoxos possíveis de haver nos estudos históricos envolvendo línguas tem a ver com o que Labov (1994: 21) conclui, ou seja, a ideia de que, por um lado, compete aos linguistas históricos explicar diferenças entre passado e presente, porém, quanto mais se percebe que o passado foi diferente do presente, fica inviável saber quão diferente foi. Em outros termos, é difícil avaliar as circunstâncias sociais particulares do passado em virtude da escassez de dados completos ou adequados disponíveis.

Na sequência da discussão, os autores tratam dos cruzamentos de outras disciplinas com a sociolinguística histórica.

Isto é, a SH, para se aplicar metodologicamente, segundo Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2012, p.28), não deixa de reconhecer o paradoxo do trabalho dos linguistas históricos, isto é, o fato de que “sua tarefa é explicar as diferenças entre o passado e o presente; mas, na medida em que o passado era diferente do presente, não há como saber quão diferente era”. Sendo assim, aceitando tal paradoxo, a tarefa do sociolinguista histórico é precisamente tentar descobrir o quão diferente era o passado, mediante estratégias múltiplas e complementares de acordo com o viés transdisciplinar da SH, no qual vários paradigmas e orientações de pesquisa se encontram.

Em termos metodológicos, a SH engloba várias abordagens partindo da intersecção de outros campos incluindo história social e literária, linguística textual, estilística, retórica e pragmática linguística.

Sinteticamente, segundo Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2012, p.30) os paradigmas da SH englobam elementos da macro e micro sociolinguística, já considerados desde os anos 1960. Nestas duas versões amplas de sociolinguística, quatro paradigmas são constituintes com base em seus objetos de estudo que formam um continuum entre as macro e micro perspectivas, ou seja, a sociologia da linguagem, a dialetologia social, a sociolinguística interacional e a etnografia da comunicação.

Mais especificamente, a sociologia da linguagem estando preocupada com a padronização e disseminação linguística, observa domínios específicos e contribui para os estudos de bilinguismo, dentro da macrossociolinguística; também, a dialetologia social que, junto com a sociolinguística variacionista, considera tanto as atitudes dos falantes como fatores externos ao sistema linguístico, bem como aborda as dinâmicas sociais das variedades linguísticas nas comunidades de fala e na mudança linguística; por sua vez, a sociolinguística

interacional, como já vimos antes, observa elementos sociolinguísticos ao longo do processo enunciativo e diálogos; e, por fim, a etnografia da comunicação, ou microsociolinguística, que estuda a forma como a comunidade organiza os eventos que se estruturam na comunicação e abarca elementos relativos ao *modo* de ser dito e o *que* pode ou não ser dito. É o que se sintetiza na tabela, a seguir, presente na página 31 do texto de Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2012).

Tabela 8: Quatro paradigmas sociolinguísticos.
In: Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2012, p.31)

<i>Paradigma/ Dimensão</i>	<i>Sociologia da linguagem</i>	<i>Dialetologia social /Sociolinguística Variacionista</i>	<i>Sociolinguística interacional</i>	<i>Etnografia da comunicação</i>
<i>Informado por</i>	<i>Sociologia</i>	<i>Dialetologia, Linguística histórica</i>	<i>Estudos do Discurso</i>	<i>Antropologia</i>
Objeto de estudo	Status e função das linguagens e variedades linguísticas nas comunidades linguísticas	Variação na gramática e na fonologia/ variação linguística no discurso; atitudes dos falantes	Construção interacional e organização do discurso	Maneiras padronizadas de falar, estilos/registre sociolinguísticos
Descrição de	Normas e padrões de uso linguístico em condições específicas de domínio	O sistema linguístico em relação com fatores externos	Organização do discurso como interação social	Usos situados de meios de comunicação verbais, para e não-verbais
Explicação de	Diferenças e mudanças no status e função das línguas e variedades das línguas	Dinâmicas social de variedades linguísticas nas comunidades de fala; mudança linguística	Competência comunicativa; entrada verbal e não-verbal voltada para objetivos	Adequação funcional do comportamento comunicativo em vários contextos sociais

Os autores esclarecem que os quatro paradigmas sociolinguísticos acima apresentados podem ser, a princípio, aplicáveis à investigação histórica mesmo que haja limitações eventuais em virtude do conhecimento histórico ser insuficiente seja pela quantidade seja pela qualidade variáveis dos dados disponíveis.

Na sequência, os autores destacam como o paradigma variacionista pode ser introduzido na abordagem da sociolinguística histórico. Inicialmente, o estudo deveria partir de dados suficientes de indivíduos de uma dada língua, da maneira mais autêntica possível, porém incluindo registros mais antigos, que, claro, poderão permitir conclusões sobre eventuais mudanças linguísticas e a influência de determinantes de variação como gênero, classe social, origem, faixa etária, história de migração, etc.

Outro fator social que pode ser considerado para explicar diferenças linguísticas de uso é a participação dos indivíduos em redes sociais, na esteira de Milroy (1980/1987), no sentido de que há indivíduos que são inovadores ao introduzirem novas formas linguísticas em uma dada rede, por exemplo.

Ainda outro elemento interessante destacado pelos autores³⁹ diz respeito à possibilidade de divisão dos indivíduos em três grupos de acordo com o grau de participação nas mudanças linguísticas, isto é, os progressistas, os intermediários e os conservadores, dentre os quais a maioria costuma pertencer ao grupo intermediário e, raramente, os mesmos indivíduos sendo progressistas ou conservadores nas diferentes mudanças que, acontecem simultaneamente.

Por fim, um fator social relevante na análise da SH diz respeito à “mudança geracional”, isto é, a ideia de que poderia haver, por um lado, mudança contínua na comunidade, mas não a ponto de alterar determinados idioletos. A mudança geracional diferiria da chamada “mudança comunitária”, em que os indivíduos mudam a sua língua quando adultos, na mesma direção em que a língua de modo geral também se altera.

Um exemplo disso, segundo autores, é o que Labov (1994: 83-84) indica, isto é, a mudança fonética e a mudança morfológica geralmente manteriam o padrão de mudança geracional, enquanto as mudanças lexicais e sintáticas seguiriam um padrão inverso, isto é, o que ocorreu “mudança comunitária”. A respeito disso, importaria um outro conceito emprestado da sociolinguística variacionista, isto é, o de “tempo aparente”, útil ao exame da difusão das mudanças linguísticas em curso, e que diz respeito ao que costuma ser observado no modelo geracional, ou seja, o fato de que, geralmente, a fonologia e a gramática dos falantes adultos são mais rígidas.

Assim, a conclusão a que chegam Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2012, p.34) é a de que a pesquisa histórica contribui para a abordagem das mudanças em tempo real, ou seja, como as mudanças realmente se espalham entre as populações e os indivíduos.

³⁹ Vide Nevalainen, Raumolin - Brunberg e Mannila (2011 apud Nevalainen e Raumolin-Brunberg 2012, p.31)

1.4. A natureza do componente lexical: definições e formas de estudo

Em relação ao escopo de nossa pesquisa, inevitavelmente, se faz necessário discorrer um pouco acerca de elementos de ordem lexical, haja vista ter sido sobretudo esse âmbito linguístico o que mais demonstrou estar presente na comunidade de descendentes de espanhóis em Sorocaba, sobretudo a partir de empréstimos e, eventualmente, a partir de interferências mútuas entre as línguas envolvidas, isto é, aquilo que costuma ser mais saliente e visível, quando do resultado do contato das diferentes línguas ao longo da história.

Como se sabe, o léxico é um dos níveis linguísticos que costumam ser mais percebidos e alteráveis haja vista englobar, mais claramente, elementos psicológico-sociais que, naturalmente, são mais subjetivos e passíveis de influências externas. Sendo assim, conforme Azevedo & Margotti (2014, p. 219):

“Se o léxico de uma língua pode ser visto como uma espécie de ‘memória representativa’ das ‘matizes cognitivas’ construídas, também é verdade que se trata de uma memória dinâmica, em movimento constante, que se vai reformulando passo a passo, assim como as manifestações culturais que ele expressa. Não podia ser diferente. Basta considerarmos a inexorável instabilidade e variabilidade de que é dotado o mundo”.

Neste raciocínio, pois, o léxico de uma língua é algo dinâmico, mas também, serve de referência histórica para os falantes da língua na medida em que representa situações que vão mudando com o tempo tal como acontece com a cultura e na própria realidade humana, que, claro, apresenta grande instabilidade e pluralidade.

Além dessa referida duplicidade do caráter basilar e mutante do léxico, Azevedo & Margotti (2014, p.209) explicam, também, como é inviável levantar de maneira completa o léxico de uma língua considerando a grande criatividade humana e tendo em vista a própria estrutura da língua que naturalmente permite intensa expansão vocabular.

Complementarmente, Azevedo & Margotti (2014, p. 219) opõem a noção de léxico à de vocabulário. Assim, *léxico* é o “conjunto virtual de todas as palavras da língua, incluindo as novas, as arcaicas, as atestadas e aquelas que são possíveis ao levarmos em consideração os processos de construção de palavras disponíveis” e *vocabulário* seria o “conjunto fático de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico, constituindo-se em um conjunto fechado de todas as palavras que ocorrem de fato no discurso”.

Nessa citação, observamos a ampliação do conceito no sentido de entender léxico como algo bastante amplo de todas as palavras ao longo da história de uma língua, inclusive

vislumbrando o que poderia surgir no futuro, enquanto que o vocabulário, sendo mais restrito e concreto, seria uma espécie de aplicação prática de todo o arsenal de que dispõe a língua no processo discursivo.

A discussão de Azevedo & Margotti (2014, 210) ainda contempla o fato de que, do ponto de vista de um dado falante, seus registros linguísticos podem ser diferentes dos registros linguísticos de outro, embora os conceitos possam ser os mesmos. Neste caso, influenciará a variação dentro da língua em termos fonéticos, morfossintáticos e léxico-semânticos. Além disso, há que se considerar a dimensão extralinguística, ligada aos registros dos falantes, como questões de ordem ideológico-discursiva, que fazem com que uma dada palavra seja considerada correta e aceitável ou errada e que deve ser evitada a depender da origem e do status social daquele que fala.

No que diz respeito à abordagem lexical, considerando o léxico em sua dimensão bastante variável e plural, há que se escolher uma forma específica de analisá-lo para, assim, elaborar conclusões a respeito. Neste sentido, evocando Razky et al (2010, p.151), existem pesquisas que se voltam para o estudo da história do léxico, segundo uma abordagem diacrônica, ou que partem de pesquisa de campo ao registrar o falar de determinadas comunidades linguísticas, em viés sincrônico, ou, ainda, sob uma perspectiva comparativa entre o estado atual da fala e a fala presente em documentos escritos em épocas anteriores.

Dentre tantas possibilidades, ainda há aquelas que culminam em objetivos ou aplicações maiores a exemplo da elaboração de dicionários gerais ou mais especializados em áreas científicas, terminologias, etc, que se tornaram objeto de estudo de disciplinas como lexicologia e lexicografia. E, para tantas formas de estudo, Razky et al (op.cit), duas áreas mais amplas contribuíram bastante para a expansão dos estudos lexicais, isto é, a dialetologia e a geografia linguística, na medida em que se preocuparam em registrar o arsenal lexical de momentos anteriores recentes e mudanças no léxico ocorridas em virtude de alterações geopolíticas nas diferentes regiões do mundo.

Passemos, agora, a ver um dos elementos mais presentes nas falas expressas em nossos participantes, ou seja, os empréstimos, que são uma das fontes de expansão ou alteração de línguas.

1.5. O papel dos empréstimos na constituição do léxico

Dentre as várias formas de o léxico formar-se em uma dada língua, encontra-se o caso do empréstimo, realidade inevitável e intrínseca a quaisquer línguas, em virtude de

realidades e momentos específicos que podem propiciar incursão ou busca de termos de língua diferente na própria.

Em termos de formação do léxico, entende-se que sua forma de se ampliar é contínua no sentido de sempre se buscar incorporar as experiências pessoais e sociais da comunidade que fala determinada língua, mas eventualmente se diversificando, a depender da função, ou se encaixando em dois grandes grupos de palavras, segundo Carvalho (1989, p. 22), que são: 1) as representantes do universo extralinguístico, nomeando as coisas, as qualidades e os processos, constituindo o léxico como lexemas ou palavras de significação externa, entre as que se encontram os verbos, os adjetivos, os substantivos ou os advérbios nominais; e 2) as palavras que funcionam apenas dentro do sistema linguístico, como os morfemas gramaticais, que seriam espécies de palavras ferramentas ou instrumentais, responsáveis pela organização e estrutura interna das línguas.

Em Carvalho (1989), aborda-se a natureza dos empréstimos linguísticos, observando questões históricas, diacrônicas, e também sincrônicas, além da presença das várias línguas no português, que vão desde o latim até as línguas africanas e europeias e tangenciando a discussão sobre mudanças linguísticas, dentre outros tópicos interessantes.

No que diz respeito à ampliação do léxico via empréstimo, o resultado não seria uma inovação, como um neologismo baseado na própria língua, mas a inserção de um saber linguístico externo para atender fins culturais, estéticos ou funcionais.

Segundo Carvalho (1989), os empréstimos são resultado de processos de duas naturezas: um devido ao contato interpessoal, segundo a convivência dos falantes, e outro devido aos contatos à distância mediatizados por canais artificiais. Por exemplo, no nosso caso, haveria a proximidade territorial que contribuiu para a influência mútua entre o português e o espanhol; já uma segunda possibilidade seria a influência e intervenção política e cultural, a chamada colonização cultural que reverbera na interferência linguística, tal como ocorreu por parte do inglês nos países sul-americanos, por exemplo.

Os empréstimos também podem ser analisados segundo sua origem, que, em geral, tem a ver com contatos linguísticos. Citando Bloomfield, Carvalho (p. 37) classifica os empréstimos em *culturais*, *dialetais* e *íntimos*. Os culturais seriam resultantes dos contatos políticos, sociais, comerciais e militares entre os povos. Os dialetais, por sua vez, são os realizados entre as variedades regionais, sociais da mesma língua, além dos jargões especializados. Os íntimos, por sua vez, derivam da convivência de duas línguas no mesmo território, como foi o caso do guarani e do espanhol no Paraguai. Esta modalidade tem a ver com a dominância de uma língua sobre a outra, que pode gerar três situações: a língua que

recebe influência desaparece, mas influenciando a que chega; a língua que chega desaparece, mas deixa marcas na segunda língua; ou as duas línguas permanecem trocando elementos mutuamente.

Como já citado anteriormente, os empréstimos podem ser lexicais, fonológicos, morfológicos ou sintáticos, e são responsáveis em grande parte pela renovação vocabular, sobretudo no nível lexical, que é mais aberto às mudanças, enquanto os sistemas fonológico, morfológico e sintático são sistemas mais refratários e fechados a modificações. Dentre as classes de palavras, os substantivos e os adjetivos costumam ser mais utilizados como empréstimos enquanto que, no caso dos verbos, é algo mais raro.

Na continuação de sua exposição, Carvalho (1989) lembra que, no caso do Brasil, foi frequente o uso de empréstimos íntimos em função do elevado número de imigrantes que aqui chegaram a ponto de influenciar com seus hábitos linguísticos de origem a região onde acabaram se instalando, como foi o caso do italiano em São Paulo.

De maneira didática, a autora sintetiza os empréstimos, quanto à adoção dos estrangeirismos em: **decalque** (*fim de semana, alta costura*), quando há uma adaptação lexical dos termos na própria língua materna; **transformação fonética, morfológica ou ortográfica** como em *godê* e *abajur*, e incorporação na forma original com a **adaptação fonética**, como em *show* e *perestroika*.

Ademais, Carvalho enumera aspectos relativos ao latim, o processo conhecido como *relatinismo*, isto é, a utilização de termos latinos visando expansão vocabular culta e eclesiástica, além de elementos *pré-* e *pós-* romanos que estiveram presentes na fase de introdução das línguas, ou, ainda, traços advindos das línguas europeias modernas, latinas e não latinas como inglês, alemão, espanhol, francês, por exemplo, ou de línguas extra-europeias, como nos casos das línguas indígenas e africanas. Assim é que sabemos da incursão de vários vocábulos que provieram a partir da Idade Média, a exemplo do que ocorreu na Espanha e em Portugal, realidades geográficas e linguísticas muito próximas, o que derivou, historicamente, em alguns casos de empréstimos sabidamente espanhóis que vieram ao português como “lhano”, “fandango”, “tango”, “hediondo”, “velar”, “novilho”, “castanhola”, “bobo”, “saleiro”, “airoso”, dentre outros.

Sendo do padrão de línguas europeias ou não, o fato é que todos os empréstimos para serem conhecidos como língua portuguesa, devem se adaptar aos padrões fonológicos e morfológicos deste idioma.

No âmbito dessa pesquisa, o léxico é tomado como um componente necessariamente atrelado a aspectos históricos, culturais e discursivos. E, mais especificamente,

importará, para a presente tese, ver o modo como o léxico se atrela a situações de bilinguismo no presente ou no passado, mediante a memória linguística de empréstimos que remetem a um passado ou a um bilinguismo que praticamente já desapareceu, ou, ainda, à adoção de empréstimos ou de manutenção de memória linguística de falantes bilingues ou dos chamados bilingues passivos, isto é, aqueles que têm como compreender uma outra língua e expressá-la mediante recurso da memória linguística pautada em uma relação de alteridade, afetividade ou identificação.

1.6. Estudos dialetológico-geolinguísticos

Pensando agora em como se deve considerar a abordagem do léxico e sua confluência com a história e cultura de uma dada sociedade, a exemplo da sociedade sorocabana em face de representantes da sociedade espanhola-andaluza, neste momento, tratamos, mais especificamente, das correntes teóricas que buscam entender, por exemplo, que fatores determinam tanto os usos lexicais como o porquê de não se usar mais um ou outro vocábulo ou surgirem outros dentro de uma determinada região, bem como das especificidades do chamado castelhano. Tratamos de estudos dialetológicos e da geolinguística espanhola.

A Dialetologia, segundo Cardoso (2010, p.15), apresenta o papel de identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Em relação ao espaço geográfico, se consideraria a particularidade de cada região, de modo a verificar a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza de formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que tenham se feito presentes naquele espaço no curso de sua história. Cabe salientar que a coleta de dados sempre tendo que ser *in loco* a partir de participantes cujos usos linguísticos podem ser diferentes em virtude de variedades sociais tais como idade, gênero, grau de escolaridade, profissão ou inserção social, por exemplo.

A Geolinguística ou Geografia Linguística, mais especificamente, por sua vez, se forjou como uma perspectiva particular que, com o tempo, passou a se preocupar com a observação de particularidades e dialetos vários inicialmente no contexto europeu como uma necessidade de se evitarem desaparecer várias formas linguísticas com o tempo.

Segundo Cardoso (2010), a Dialetologia e a Geolinguística consideram que uma dada manifestação linguística pode variar e se manifestar segundo distribuição e caracterização particulares ou bem diferentes entre si dentro de determinados limites geopolíticos, de modo

que a Geolinguística, especificamente, volta-se para o estudo da variação linguística em suas várias manifestações, em um dado espaço. A geolinguística, outrora, era considerada um método de aplicação da Dialetologia. Hoje, contudo, é considerada uma área de caráter interdisciplinar que envolve a Linguística (variação) e a Geografia (espaço).

De maneira mais detalhada, a Geolinguística seria o exame da distribuição e frequência de fenômenos particulares da variação linguística em um dado espaço, e seu posterior registro em cartogramas específicos que podem ser fonéticos, morfossintáticos, semântico-lexicais e outros. Tais cartogramas resultam de uma pesquisa de campo em determinados pontos e a reunião de tais cartogramas de uma dada região constituiria um atlas linguístico. Essa abordagem apoia-se em um tripé básico, constituído pela (i) *rede de pontos*, (ii) *os sujeitos-entrevistados* e (iii) *os questionários*, e pode ser dividido em duas etapas: uma primeira, de cunho descritivo, e uma segunda, de caráter interpretativo (cf. CARDOSO, 2010). Definida a rede de pontos e os sujeitos, após exaustivo levantamento dos indicadores sociais e o mapeamento histórico-geográfico da localidade, efetua-se a coleta de dados por meio da aplicação de questionário em entrevista *in loco*. Parte-se, então, para uma segunda etapa, quando do tratamento quantitativo dos dados coletados, que visa revelar a frequência e distribuição de dado fenômeno linguístico numa determinada comunidade de fala.

1.6.1. Generalidades dos Atlas Linguístico da Andaluzia

No que diz respeito à geolinguística no contexto ibérico, cabe fazer um panorama acerca da concepção do ALEA, Atlas Linguístico-Etnográfico da Andaluzia.

O ALEA (Atlas Lingüístico y Etnográfico de Andalucía) contém 6 volumes, 230 localidades e 1900 mapas)⁴⁰. Em termos metodológicos, segundo o sitio <<http://mwenpakonnen.blogspot.com.br/2013/05/preparacion-de-los-cuestionarios-para.html>>, cabe esclarecer que há diferença entre os diferentes atlas, de modo geral, assim como os que compõem o território espanhol.

Além disso, o ALEA foi produzido entre 1961 e 1973, e seu questionário foi redigido em 1952, e as entrevistas realizadas de 1953 a 1958. Esclarecemos que pensamos haver confluências entre marcas dialetológico-lexicais entre registros de fala de descendentes de espanhóis em Sorocaba cujos ascendentes vieram sobretudo ao Brasil entre 1910 e 1940,

⁴⁰ In: PEÑALVER, Manuel. El atlas lingüístico y etnográfico de Andalucía. Disponível em: <<http://www.utreradigital.com/web/2015/07/20/el-atlas-linguistico-y-etnografico-de-andaluci-a>>. Acesso: 21/08/2020.

época bastante próxima do que serviu de base para os registros coletados pelo citado Atlas Lingüístico, tal como poderá ser visto posteriormente considerando alguns itens lexicais em especial a exemplo de *gachas*, *migas*, *buñuelo* e usos gramaticais como a suavização do *s* final (*gilesà gile(x)*) para plurais e a oclusão do *d* final em particípio (*chaladoà chala'o*).

Segundo Mouton (2009), em 1961, apareceu o primeiro volume do *Atlas Lingüístico y Etnográfico de Andalucía* (ALEA), produzido por Alvar (1961-1973), estudioso que pertencia à geração que estudou depois da guerra e, em parte, procurou seus modelos fora da Espanha. A ideia do projeto ALEA era buscar se aproximar geolinguisticamente da língua popular, isto é, aproximar-se ao máximo da forma vernacular dos participantes, a forma mais usual que falam diacronicamente bem como detalhar o máximo possível traços da região, afinal, o que se visou era oferecer a Andaluzia – uma região grande e pouco conhecida – um atlas regional isolado, de pequeno domínio, linguístico e etnográfico tal como os atlas franceses.

Tal Atlas é considerado um dos mais completos e revolucionários em relação aos atlas que viriam depois, uma vez que, além de seu importante aspecto etnográfico, incorporava entrevistas múltiplas, parte delas voltadas para as mulheres, outras reduzidas nas capitais, e ainda entrevistas específicas para o mar, mapas de síntese no último tomo e outras novidades.

Houve a seleção de 230 pontos que foram visitados em seis anos, e inclusive se realizaram entrevistas secundárias e, em algumas localidades, se repetiram as perguntas com participantes diferentes (homem e mulher; sujeitos cultos e analfabetos). Além disso, o resultado foi um total de 1900 mapas, extraídos a partir de um questionário único de 2500 perguntas, abordando-se fonética (220 questões), morfologia (**90 questões**), sintaxe (70 frases de estrutura simples) e léxico (com 2000 perguntas organizadas em campos conceituais tais como referentes ao óleo, vida, carvão, gado, alimentação, sistemas de irrigação e tantas outras questões entre as que se destacam as dedicadas ao mar, que proporcionam mapas específicos do oeste espanhol).⁴¹

Os campos semânticos foram divididos em seis volumes, o ALEA I, que trata de agricultura e indústrias com ela relacionadas; o ALEA II, tratando de vegetais, animais silvestres, gado, indústrias pecuárias e animais domésticos e apicultura; o ALEA III, tratando da casa, de tarefas domésticas, alimentação; o ALEA IV, tratando de topografia, fenômenos atmosféricos, ofícios, o mar e a pesca; o ALEA V, abordando o corpo humano, fases da vida, crenças populares, superstições, religião e a condição humana; e o ALEA VI, que se dirige não

⁴¹ MAGNIFIQUE, La. **Preparación de los cuestionarios para los atlas**. In: Blog – Proyecto fin de curso – Sevilla. Disponível em: <http://mwenzpakonnen.blogspot.com.br/2013/05/preparacion-de-los-cuestionarios-para.html>. 2013. Acesso: 16 ago. 2020.

ao léxico, mas aos elementos fonético-fonológicos, morfológicos e sintáticos.

O composto etnográfico que devemos recordar é manifestado na presença constante de mapas etnográficos, desenhos, fotografias, detalhes e anotações na parte inferior do mapa. Os critérios basicamente foram: serem homens ou mulheres, porém destacando-se o fato de que as mulheres ainda eram consideradas normalmente como sujeitos arcaizantes, sem se deixarem receber influências externas. Daí, percebe-se o preconceito da época, isto é, o de que as mulheres seriam incompetentes ou não boas participantes por supostamente desconhecerem a vida do campo, ou porque, diferentemente do homem, tenderiam a responder as questões de maneira sentimental ou, ainda, porque se cansariam muito rapidamente.

A prioridade dada foi, como era comum à época, ao sujeito nascido no lugar, o mesmo que sua família, com dentição completa, que tivesse saído pouco da cidade, preferencialmente analfabeto, e com mais de cinquenta anos. Algumas curiosidades no ALEA foram o fato de haver traduções ao francês, italiano, romeno, português, alemão e inglês, além de várias notas explicativas facilitando a compreensão do material apresentando.

Observando, no ALEA, elementos mais específicos, detenhamo-nos no modelo de questões de nível lexical, lançando mão de Escobar (2012) que exemplifica a indagação referente à palavra “anafe” (*fogão portátil ou material para cozinhar*), objeto sobre o que se pergunta da seguinte forma: “¿Cómo se llama el hornillo de hierro, barro, chapa u otra materia que se puede llevar de un lado para otro y en cuya boca se pone la cazuela o puchero?”.⁴². Além disso, as perguntas foram padronizadas e associadas a cada mapa de modo a permitir proceder da mesma maneira na hora de formular as perguntas, o que reduz margem de erro e aumenta validade às comparações.

Houve, ainda segundo Escobar (2012, p.133), a presença de perguntas diretas em vez de indiretas, como as seguintes: “Chavea: ¿se usa aquí la palabra chavea? ¿Cómo dicen ustedes?; ¿qué palabra correspondiente a chavea se utiliza aquí?”⁴³, além do predomínio de perguntas metalinguísticas que se iniciam com “cómo se llama” ou “cómo se dice”. Vejamos, agora, um exemplo de mapa referente ao âmbito morfossintático.

⁴² “Como se chama o fogão de ferro, argila, chapa ou outra matéria que se pode levar de um lado para outro e em cuja boca se coloca a caçarola ou panela?” (Tradução livre)

⁴³ “Paquerar: se usa aqui? Como vocês falam? Que palavra correspondente à ‘paquera’ se usa aqui?” (idem).

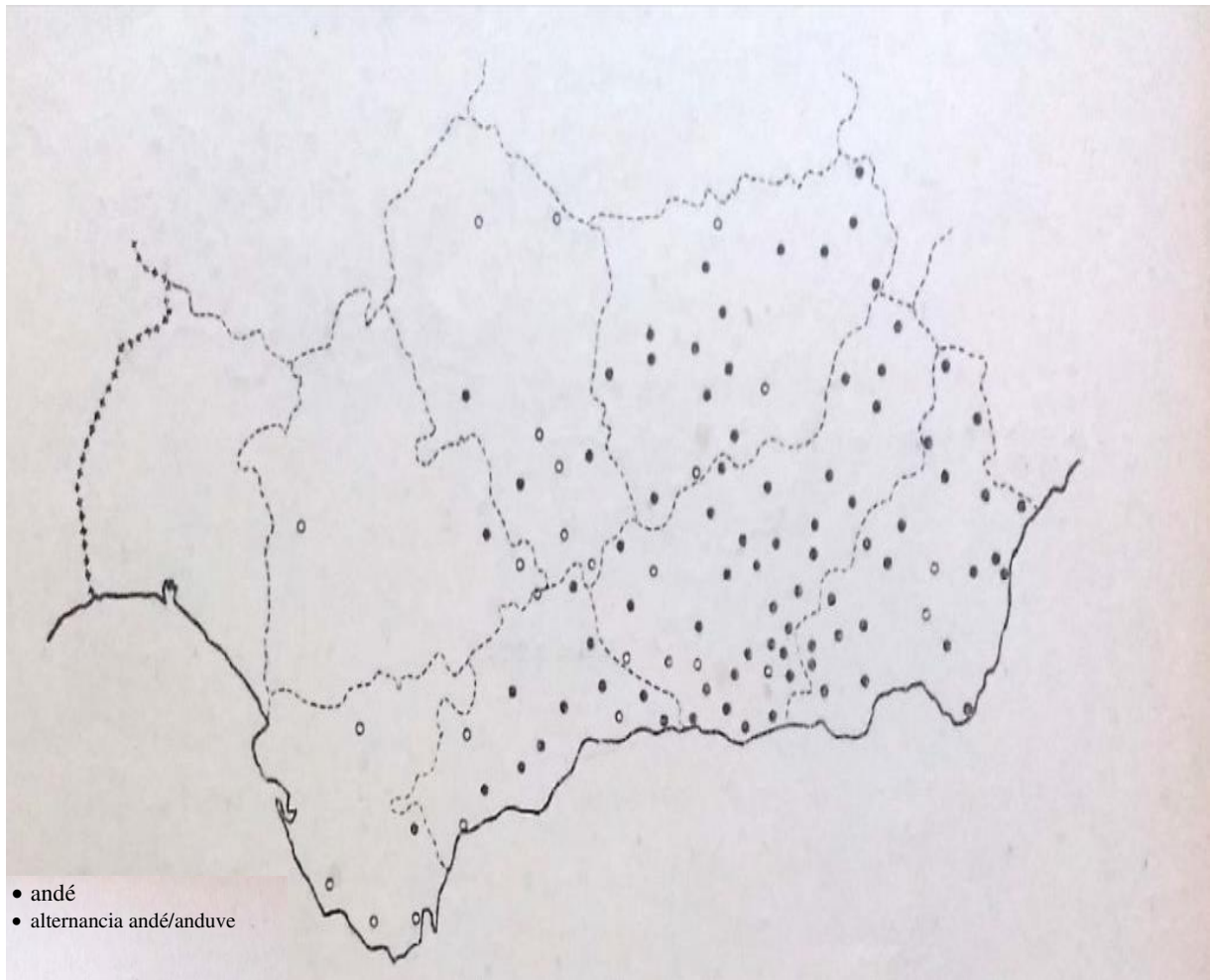
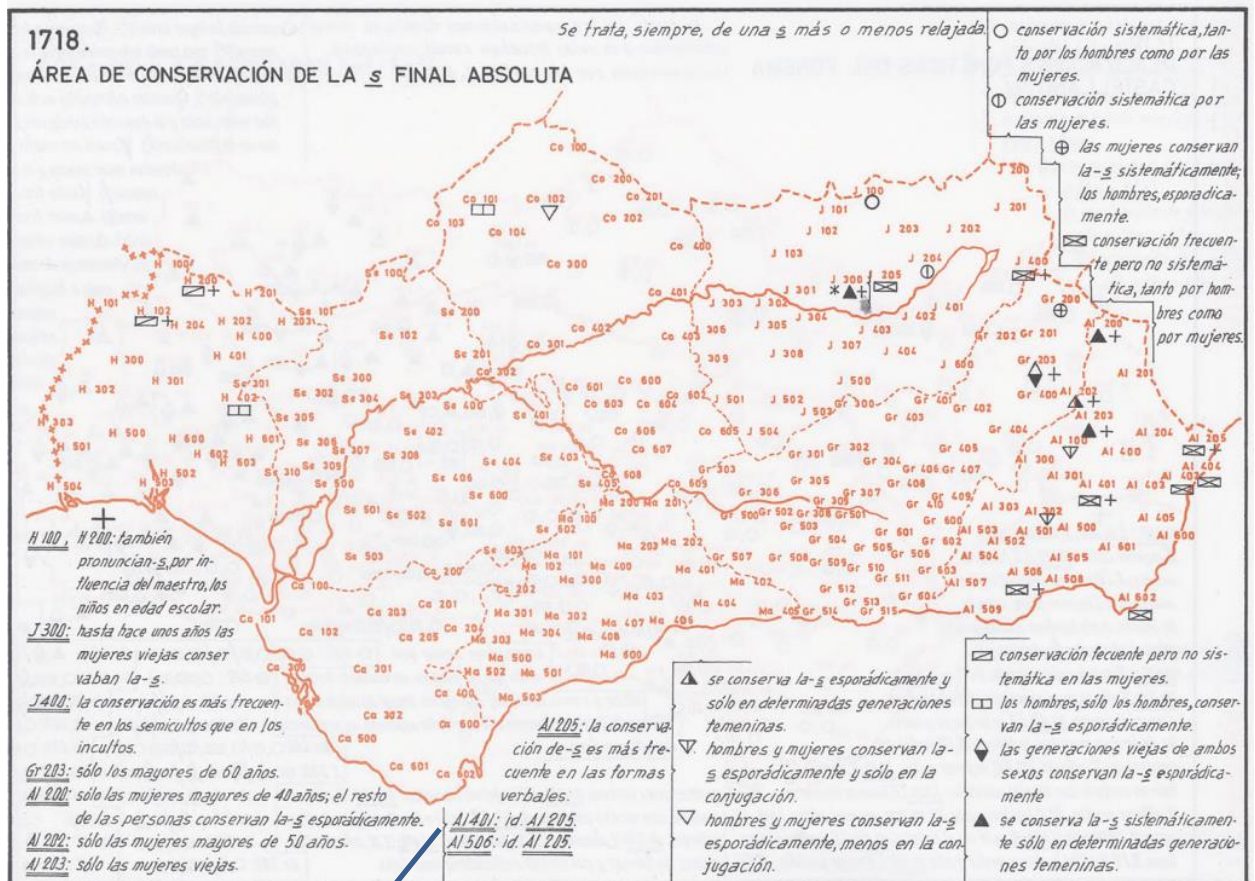


Imagem 14: Mapa n. 8 do ALEA, Volume VI.

A imagem 14 acima refere-se ao caso do verbo “andar” que, no espanhol, diferentemente do português, é irregular em alguns tempos e pessoas. Assim, em vez de “andé” (*andei*, em português), para primeira pessoa do singular do pretérito indefinido do indicativo, a forma padrão seria “anduve”.



Observações sobre informantes; por exemplo: AL 203, que significa o informante do ponto 203 da província de Almeria.

Imagem 15: Mapa 1718 do ALEA VI onde se mostram áreas de conservação do s final

Morfossintaxe: distinção entre áreas que ou conservam o s final esporadicamente segundo especificidades de gênero, idade, conjugações verbais e outros.

Acima, por sua vez, vemos um mapa com detalhes mais claros relativos a questões ao mesmo fonética e morfossintáticas. Observemo-lo com atenção.

Trata-se, especificamente, da manutenção ou não do /s/ final como marca de conjugação ou de plural. Cabe salientar que, como detalhamos nas caixinhas de texto no próprio mapa, há elementos vários como a descrição do elemento considerado (“se trata siempre de una s más o menos relajada”), o número do mapa (1718), incidência e descrição do uso (“conservación sistemática tanto por los hombres como por las mujeres”), o elemento gramatical considerado (/s/ final absoluto), detalhes dos participantes nos pontos (por, exemplo, “GR 2023: sólo los mayores de 60 años”) e o cartograma propriamente dito identificado os pontos em função das províncias (“Co 102: Córdoba”; “Gr 513: Granada”, etc).

1.6.2. Contribuições do ALEA para a discussão sobre o falar andaluz

Gracia (1993, p.76), define que o andaluz é um tipo de dialeto ou variedade linguística histórica da língua espanhola que, dentro da Espanha, é falado em Andaluzia, Ceuta, Melilha e pelos andaluzes emigrados principalmente a grandes cidades espanholas. Também, é falado em Gibraltar, um território britânico. Linguisticamente compartilha muitas características com as variedades usadas nas zonas de Extremadura, Castela, A Mancha e a Região de Murcia.

Segundo o apresentado no sítio da Academia Real Espanhola (<<https://www.rae.es>>), o termo “espanhol”⁴⁴, palavra derivada do provençal “espaingol” e este, por sua vez, do latim medieval “hispaniolus”, que significa “Hispania”, como os romanos chamavam Espanha, significa, dentre outras possibilidades, “o que pertence ou é relativo a Espanha ou aos espanhóis e a língua espanhola” e “língua românica que se fala na Espanha, grande parte da América, Filipinas, Guiné-Equatorial e outros lugares do mundo”. No que diz respeito a “castelhano”⁴⁵, por sua vez, seria “língua espanhola, especialmente quando se quer distinguir de alguma outra língua vernácula da Espanha”, “dialeto românico originário de Castela, da qual fundamentalmente provém o espanhol” ou, ainda, “variedade do espanhol que se fala na parte norte dos territórios do antigo Reino de Castela”.

Em relação a essa discussão sobre “espanhol” e “castelhano”, Ramón Menéndez Pidal (1926 [1980]), presidente da RAE nos anos 1920, começou, nesta época, a chamar o idioma de espanhol ou língua espanhola, embora, formalmente, hoje em dia para a RAE, fundada em 3 de outubro de 1714 e, conforme a Constituição de 1978, o nome seja língua castelhana. Sempre tem havido discussões acerca de como se nomear, seja enfocando na língua apenas, ao nomear castelhano, em oposição a outras que existem no mesmo território, ou pensando na totalidade do país, uma vez que todos têm a mesma nacionalidade e se deparam com o mesmo idioma que predomina na maior parte do território. Observemos, agora, questões mais acadêmicas propriamente.

A geolinguista espanhola Ordóñez (2001, p.25) discute acerca de como a província de Castela (a Velha) influenciou na reconquista de Toledo e Andaluzia a ponto de repercutir na literatura e cultura castelhanas e empreender a difusão do dialeto castelhano a ponto mesmo de minimizar a presença e influência dos dialetos moçárabes.

Em outros termos, conforme Ordóñez (2001, p.25-26), a fixação do padrão inclusive literário do castelhano será consequência de tal expansão, que romperá com a antiga

⁴⁴ Disponível em: <https://dle.rae.es/espa%C3%B1ol?m=form>. Acesso: março de 2023.

⁴⁵ Disponível em: <https://dle.rae.es/castellano>. Acesso: março de 2023.

unidade de certos caracteres comuns românicos ainda estendidos pela Península e penetra até Andaluzia. Depois, tal padronização acaba por apagar dialetos moçárabes e em grande parte também os leoneses e aragoneses até, por fim, aumentar cada vez mais sua ação de Norte a Sul para implantar a variedade linguística nascida no norte cântabro.

O fato é que, segundo Órdóñez (idem, p.51), ao “castelhanizar” os novos territórios e falantes, o dialeto castelhano teria entrado em contato com outras variedades, e recebido e aceitado múltiplas influências dos dialetos “subjugados”, fundamentalmente empréstimos. E, a partir da expansão, o *centro gravitacional* do castelhano se mudou para regiões mais ao Sul.

Gracia (1993, p.78) também traz à baila a ideia de Manuel Alvar de que o andaluz seria um dos dialetos mais inovadores do espanhol, inclusive do ponto de vista genealógico, posto que não se formou a partir da evolução do latim um dia falado no sul de *Hispania*, mas do castelhano na época medieval trazido a este domínio meridional pelos monarcas cristãos que recuperaram as terras invadidas pelos árabes. Neste sentido, corrobora Gracia (1993) com Órdóñez no sentido de mostrar o como a língua espanhola se forjou a partir da movimentação cristã em todo o território tanto no sentido de buscar expulsar os árabes do território sul e sua língua por extensão onde hoje fica a Andaluzia, bem como pelo fato de se integrar cultural e politicamente a outros territórios na Península e dominar outras variedades linguísticas, sem deixar de receber influências, claro, em todo o território espanhol.

Para Mouton (2009, p.81), a partir da normatização mais antiga do castelhano expandido na Península, produziram-se variedades internas que acabaram constituindo fronteiras tão imprecisas como gradual foi seu avanço geográfico. Além disso, haveria que se destacar a oposição que se tem feito entre o castelhano setentrional e o castelhano meridional para separar o que seria o castelhano mais próximo das origens, o das terras de repovoamento cedo, e o castelhano mais inovador, em que enquadraríamos variedades castelhanas como as andaluzas, as canárias e as americanas. Neste sentido, podemos entender a distinção clara que há entre variedades diversas do espanhol falado na Espanha nos diversos níveis linguísticos, o que pôde ser comprovado não somente a partir de estudos filológicos ao longo do tempo, mas conforme a dialetologia e, posteriormente, com a elaboração e constituição dos atlas, segundo pressupostos da geolinguística, bastante consolidada na Espanha.

Como características linguísticas, conforme Mouton (2007), o andaluz apresenta foneticamente os seguintes traços, dentre outros, que, em parte, coincidem com os registros que encontramos em Sorocaba, como teremos oportunidade de mostrar no capítulo 3:

- o “yeísmo” (pronúncia diferenciada semelhante a “dje” em português para palavras iniciadas em “ll” como em “lluvia” [ˈlubia] pronunciada pronunciada “djubia”);

- o “seseo” (isto é, a pronúncia como [s] das grafias Z e C do espanhol que tem como fonema /θ/ semelhante ao som “th” do inglês na palavra “with” e como em “corazón” [koraˈθn], pronunciada “coraçón”);
- o relaxamento ou aspiração dos s- finais como [ˈehto] em vez de [ˈesto];
- a perda do “d” intervocálico ([koˈmio], em vez de [koˈmido]);
- a presença de “gitanismos” (termos advindos da etnia cigana como “chaval” [rapaz] e “chalao” [bobo]).

1.7. Formas de aplicação de conceitos teóricos à análise de dados: uma síntese

Após observarmos as várias possibilidades de contribuições de construtos teóricos neste capítulo, acreditamos estar diante de uma discussão pertinente aos estudos de memória linguística e bilinguismo sob uma dimensão plural, diferente do que, talvez, se costuma abordar, a nosso ver, isto é, articulando conceitos ligados a estudos de contato linguístico (bilinguismo, *code-switching*, mudança, manutenção, troca e abandono de línguas), conceito de línguas (L1 x L2, sendo L2 de imigração, língua de herança), abordagem de léxico e contribuições dos estudos dialetológico-geolinguísticos (caso do Atlas Linguístico-Etnográfico da Andaluzia).

Alguns dos principais conceitos que trabalhamos neste capítulo estão devidamente integrados e são bastante pertinentes para a descrição e análises dos dados em nossa pesquisa, uma vez que nos ajudam a entender como se deu a história do bilinguismo em Sorocaba e, na contemporaneidade, os porquês de a língua espanhola ter desaparecido como realidade comum no cotidiano da comunidade estudada.

Revejamos alguns deles, a saber: língua de herança, atrição linguística, *code-switching*, repertório linguístico e translanguismo.

Língua de herança (LH), como vimos, seria aquele idioma dominante falado por filho de imigrantes e que pode se manifestar de vários modos e em diversos níveis de competência em função da trajetória do indivíduo de modo que se, por exemplo, o descendente de imigrante vier muito cedo ao novo país, terá menor domínio da LH, o que seria uma das causas para atrição e/ou perda linguística. Daí, esta noção importante para nossa discussão, ou seja, atrição da L1, ou seja, uma espécie de desgaste que acontece na L1, geralmente língua de herança, ao longo da aquisição da L2, e cujas causas podem ser a convivência cada vez mais gradual e intensa com uma segunda língua como a opção por abandono da L1 em função de, por exemplo, trauma no país de origem de imigrante, ou, simplesmente, em virtude de busca de inclusão social, ou fatores outros como preconceitos e discriminação que tiverem sido

vivenciados, algo que parecerá ter acontecido com os ascendentes dos informantes de nossa pesquisa, que acabaram por possivelmente, em algum momento, realizar *code-switching*, isto é, a alternância de código ou língua, até chegar, finalmente, a aquisição incompleta ou perfeita do português brasileiro.

E o resultado das experiências pelas quais poderão ter passado os ascendentes de nossas informantes, isto é, os imigrantes espanhóis, com certeza, deve ter gerado uma série de recursos linguísticos entre dois códigos/variedades (o espanhol peninsular/andaluz como L1 e o português brasileiro/caipira como L2) visando produzir expressões nos vários âmbitos, desde mais formal até informal, e podendo haver modalidades plurais em função das necessidades e práticas comunicativas. Isto é, tratamos do chamado repertório linguística, que seria uma espécie de síntese da vida do sujeito, influenciada por espaços concretos em níveis diversos, como socioculturais, políticos, históricos e não só em função do local de origem.

Por fim, quando os indivíduos plurilíngues ou apenas bilíngues, como foram os primeiros imigrantes espanhóis em Sorocaba e, provavelmente, seus primeiros descendentes, recorreram a estratégias de aproximação com o português, com flexibilidade e baseando-se no seu repertório linguístico multifacetado bem como, eventualmente, a recursos 'extralinguísticos' ou 'não linguísticos', acabaram por realizar o que se convencionou chamar de translinguismo, isto é, uma espécie de conjunto de práticas linguísticas de passagem entre línguas de forma fluida e dinâmica por indivíduos bilíngues ou multilíngues.

Assim, considerando a supracitada série de conceitos que julgamos pertinentes a nossa pesquisa, para o que cada conceito terá sua importância na descrição dos dados, passemos, agora, à descrição metodológica de nosso trabalho.

CAPÍTULO 2

Métodos e procedimentos

2.0. Introdução

Em termos metodológicos, nossa pesquisa se pauta em dois conjuntos de procedimentos metodológicos que se entrecruzam, isto é, de um lado, um que se volta para a investigação sócio-histórica do bilinguismo português-espanhol em Sorocaba e, de outro, um que procura investigar o modo como a presença do espanhol tem se dado na Sorocaba atual.

Neste sentido, optamos por analisar nosso objeto de estudo sob três tipos de abordagens:

1) partindo da estratificação dos falantes segundo categorias sociais a exemplo de idade, gênero, escolaridade, que poderiam ser correlacionados a seus usos linguísticos ou conhecimento de língua de origem familiar, bem como considerando, como é recorrente na sociologia da linguagem, possíveis domínios de uso linguístico no passado ou no presente;

2) baseando-nos na abordagem dialetológica em relação à forma de elaborar questões tanto socioculturais como linguísticas e na forma de elaborar o roteiro das entrevistas, sobretudo com foco no nível léxico-semântico, considerando a origem, residência ou vinculação cultural dos participantes com a cidade de Sorocaba e, sobretudo, com os bairros de origem espanhola, seja no passado ou seja ainda no presente;

3) e considerando elementos da História Social no sentido de ver questões relativas a Sorocaba, Espanha e imigração espanhola e elementos demográficos, sociais, culturais e políticos principais, bem como aspectos como circunstâncias, eventos sociais além de visões no passado e no presente sobre/dos espanhóis e seus descendentes em Sorocaba, verificáveis em jornais, livros, dicionários, atlas linguísticos, e a partir dos próprios relatos dos participantes, ou seja, de que modo, a partir dos elementos escritos, poderíamos verificar a vivacidade da língua espanhola no passado e, a partir de que momento, essa vivacidade e, por extensão, um possível bilinguismo histórico se operou até chegar a um momento de refluxo e quase apagamento na contemporaneidade.

Antes de dar continuidade na descrição metodológica, esclarecemos que,

basicamente, a estratificação que operamos ocorre em virtude de, em trabalhos sobre bilinguismo, tal procedimento ser comum e pertinente para verificar de que maneira os diversas variáveis podem desempenhar algum papel na estudada. Neste sentido, seguem, as categorias e as respectivas explicações, hipóteses:

a) gênero: supomos que há diferença entre gênero considerando os papéis sociais que são desempenhados sobretudo em sociedades bilíngues;

b) idade: da mesma forma que acreditamos o fator idade, também relevante nos estudos de bilinguismo considerando os resultados gerados pelo contato linguístico, em dado momento, como alterações de padrões linguísticos anteriores ou, no limite, perda de alguma língua;

c) escolaridade: pensamos que a categoria escolaridade poderia ser importante no sentido de, quando se observa o maior acesso do imigrante à cultura escrita, no caso do nosso objeto de estudo, haveria possibilidades de perda de sua língua de herança;

d) modo de ascendência: tal dimensão social inclui uma faceta importante, conforme se verá, porque seria uma forma de perceber de que modo a ascendência espanhola (de um ou dos dois lados da família) poderia repercutir mais ou menos na capacidade de aproximação histórica com a língua e, no caso de nosso objeto principal de análise, identificação de itens lexicais do espanhol;

e) grau de ascendência: esta dimensão tem a ver com a geração, isto é, a hipótese e justificativa tem a ver com as consequências linguísticas e de memória linguística a geração em que se encontra o falante (se nativo ou de 1ª (filho/a), 2ª (neto/a) ou 3ª (bisneto/a));

f) local de residência: por fim, este atributo social diz respeito ao fato de que, como trabalhamos com bairros ditos espanhóis, um(a) informante ter maior vinculação com bairros espanhóis no passado ou presente poderia repercutir supostamente mais em sua memória linguística, o que, de fato, aconteceu em grande parte dos casos.

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos propriamente, optamos por partir de instrumentos específicos para verificar se persistem e de que modo a língua espanhola em Sorocaba ainda hoje em dia, após várias décadas de imigração massiva, e de qual maneira elas se apresentaram no passado. E, mais especificamente, buscamos estratégias que pudessem ajudar a verificar, no presente, traços da presença do espanhol nos níveis que podem ter persistido (fonético-fonológico, morfológico, léxico-semântico e/ou sintático) após longo

período de contato entre os imigrantes espanhóis e seus descendentes e os brasileiros nativos de Sorocaba. Contudo, dentre estes níveis, salientamos que apenas o léxico-semântico será objeto de estudo mais aprofundado ao passo que os outros podem se apresentar em forma de exemplos panorâmicos ou contextualizadores sem serem, de fato, objeto de estudo nosso.

Como pudemos perceber, nosso âmbito de pesquisa consiste em, de um lado, analisar o bilinguismo histórico, partindo da premissa de que a língua espanhola já não circula de fato como instrumento de comunicação, e, de outro, a memória linguística atual do espanhol em Sorocaba, já que possivelmente aquela língua só resiste como eventual lembrança em termos de frases curtas ou vocábulos isolados e, em algumas circunstâncias, mediante esforços individuais e/ou coletivos de resgate linguístico, portanto, não espontâneo de fato.

Neste sentido, partimos, de um lado, de uma série de termos e usos linguísticos catalogados antes mesmo da pesquisa propriamente dita, e, de outro, da hipótese de que haveria bilinguismo apenas no passado seja presente nas falas de descendentes de espanhóis ou mesmo em textos escritos do passado como cartas íntimas ou textos jornalísticos, e, no presente, apenas na expressão da memória linguística dos falantes. Salientamos, pois, que nossa preocupação em relação ao retrato histórico do bilinguismo foi norteadas a partir de informações obtidas tanto da pesquisa em documentos históricos e jornais como da memória linguística presente nos relatos dos falantes entrevistados.

Além do questionário que descreveremos com detalhe em breve, outra necessidade metodológica seria a entrevista a partir da qual poderíamos obter informações sobre aspectos históricos e culturais (experiências, costumes, tradições, por exemplo), o que, de modo geral, poderia auxiliar na compreensão de todo o conjunto de elementos obtidos de forma assistemática. Daí o porquê de buscamos incluir temas-chave específicos como o percurso vivenciado pelos imigrantes espanhóis da Espanha até o Brasil e, eventualmente, de seus descendentes mais velhos ou de gerações mais antigas (conforme veremos, indivíduos mais velhos da segunda faixa etária, no intervalo de 51 a 65 anos, e a maioria da terceira faixa etária definida, acima de 65 anos), ou questões tais como rotinas e formas de viver nos dois países, além de costumes ou fatos sociais mais marcantes lembrados pelos participantes ou, por fim, o grau e âmbitos de uso do espanhol tanto no passado como no presente.

Assim, formulamos um roteiro de entrevista para situar os participantes incluindo dados mais objetivos a fim de cruzar caracteres sociais e linguísticos. Esclarecemos que os falantes foram classificados segundo sexo/gênero, idade, além de geração, modo e tipo de ascendência (se filho, neto ou bisneto e se de um ou dos dois lados da família), ou bairros onde residiram na infância e na atualidade, e escolaridade. A proposta, aliás, foi a de que houvesse a

maior divisão equitativa possível nas diversas categorias, se possível, mas sobretudo, em termos de gênero faixas etárias e escolaridade a fim de ver se tais variáveis influenciariam ou não no grau de conhecimento e vivência da língua espanhola nos diferentes participantes. Cabe, agora, descrever o percurso de escolhas relativas a outro instrumento de pesquisa, isto é, a pesquisa histórico-documental.

Complementarmente, em termos etnográficos mais contemporâneos, fez-se necessário conviver minimamente com a comunidade, seja em face da coletividade ou das interações privadas, tradicionais ou não, a partir das quais perceberíamos o envolvimento da comunidade com sua história e com seus usos linguísticos. Para isto, foi necessário catalogar eventos ou circunstâncias favoráveis neste sentido ou nos aproximarmos de um ou outro participante e suas famílias para presenciarmos toda esta possível identificação com a espanholidade, caso houvesse, de fato. Algo que acabou sendo bastante importante foi o fato de que, desde antes, tivemos contato com o já citado órgão Casa de España, em Sorocaba, cujo objetivo principal vem sendo o resgate cultural da presença espanhola naquela cidade. A partir daquela instituição, como veremos, pudemos conhecer várias pessoas, participar de eventos e, inclusive, atuar voluntariamente como diretor executivo a convite da direção, de 2017 a 2019.

Por fim, com as linhas mestras dos instrumentos e perspectivas metodológicas a serem adotadas, descrevamos, agora, com mais detalhe cada um deles.

2.1. Pesquisa histórico-social

A nossa pesquisa contou previamente com uma série de iniciativas que visavam a uma aproximação inicial da cidade de Sorocaba e do objeto de estudo, a exemplo da atualização bibliográfica e revisão metodológica, além de visitas a instituições locais como bibliotecas e museus, por exemplo. Mais especificamente, buscamos encontrar periódicos e livros quaisquer que poderiam ser úteis em termos de estudos históricos daquela cidade, mas também em relação à compreensão de como os espanhóis ingressaram neste meio e as possíveis repercussões desta intersecção cultural.

Em relação aos materiais escritos acabaram cumprindo três finalidades:

- a) ambientar o processo de imigração espanhola em Sorocaba;
- b) verificar elementos histórico-sociais específicos contendo expressões econômicas, culturais e políticas dos/pelos espanhóis/descendentes de espanhóis em Sorocaba e;
- c) observar questões de ordem linguístico-discursiva por parte dos/para os espanhóis tanto no passado como no presente, isto é, verificações acerca de que maneira a

língua circulava no passado e em que situações, bem como a imagem que os sorocabanos tinham sobre os espanhóis e, claro, a ideia que os espanhóis e seus descendentes tinham/têm de si. Tratou-se, pois, de um retrato histórico da cidade útil para imaginar de que possíveis modos a língua foi utilizada no passado e por que fases passou até chegar ao momento atual bem como se houve apagamento/silenciamento daquela língua e por qual razão. Claro que qualquer trabalho nesse sentido pode ser parcial e incompleto, mas os instrumentos que utilizaremos incluem, no conjunto, maiores chances de se reconhecer minimamente usos linguísticos no passado, conforme veremos.

Ainda neste processo prévio de pesquisa histórico-documental, acessamos, de maneira rápida, fotografias e textos antigos em jornais, almanaques e revistas, bem como fomos a locais representativos da convivência de descendentes de espanhóis como praças, feiras livres a fim de ver como se davam ou ainda se dão suas interações sociais e culturais, sobretudo nos bairros considerados espanhóis do município de Sorocaba, tais como Vila Haro e Vila Hortência, especialmente.

Em relação aos periódicos pertinentes à pesquisa histórico-documental em si, dedicamo-nos a escolher, dentre aqueles materiais com os quais fomos tendo contato os que pareciam contribuir melhor expressar para a inserção cultural e as vozes dos e sobre os espanhóis no Estado de São Paulo e, em especial, Sorocaba na primeira metade do século XX. Neste sentido, abordamos edições escaneadas do jornal *Cruzeiro do Sul*⁴⁶ dos anos 1900 até 1940, que obtivemos junto ao “Gabinete de Leitura Sorocabano”, biblioteca antiga de Sorocaba, localizada no centro da cidade. Escolhemos o referido período de publicação por entendermos haver mais chances de existirem elementos sociológico-discursivos pertinentes à pesquisa ou baseando-nos na hipótese de que teria sido tal período o de maior fluxo e expressão da espanhola em Sorocaba. Salientamos que, em relação, a este fizemos uma busca por amostragem, isto é, para cada ano publicado (mais especificamente, de 1903 a 1940), coletamos edições aleatórias de alguns meses e fizemos varredura a fim de encontrar elementos pertinentes à nossa pesquisa.

Além do jornal citado acima, acessamos edições digitalizadas do jornal “*Diario español*”, escritas em espanhol e que circularam na capital paulista de 1912 a 1922 tratando de vários temas relativos à colônia espanhola no Brasil, com ênfase do Estado de São Paulo e que citam, por várias vezes, Sorocaba. Relativamente a este periódico o qual pudemos acessar a

⁴⁶ Jornal mais popular e consumido de Sorocaba até hoje e cuja fundação ocorreu em 1903 pelos irmãos Firmino Joaquim Pires de Camargo e João Pires de Camargo. In: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Cruzeiro-do-Sul-\(newspaper\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Cruzeiro-do-Sul-(newspaper))>. Acesso: outubro de 2020.

partir do site <http://memoria.bn.br/>, que abarca a Hemeroteca digital brasileira, fizemos leituras panorâmicas de algumas edições e, eventualmente, fizemos pesquisas mediante menu “pesquisar” com palavras-chave como “Sorocaba”, “inmigración/imigração”, dentre outros, de modo a facilitar nossa investigação, conforme mostramos de forma ilustrativa, abaixo:

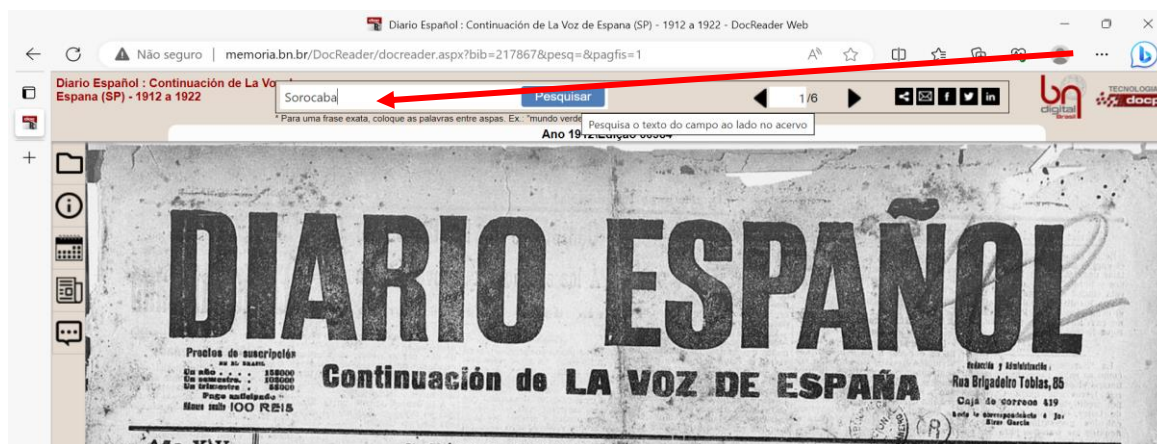


Figura 7 – Recorte do Jornal “Diario Español”

Por fim, também, foi fonte de pesquisa documental um conjunto de publicações de revistas e jornais dos anos 2000 em diante obtidos no acervo da Casa de España Don Felipe II, em Sorocaba, além de publicações acadêmicas ou materiais pessoais obtidos a partir dos próprios participantes, sempre priorizando questões de uso linguístico escrito bem como elementos de oralidade obtidos pelas entrevistas, além de aspectos relativos a dados culturais, históricos e demográficos que julgássemos mais relevantes.

Passemos, neste momento, a detalhar melhor como foram escolhidos os nossos participantes, segundo que critérios, além das estratégias pensadas de como coletar os dados e, neste sentido, a adoção da pesquisa-piloto como forma de aperfeiçoar tal processo de coleta.

2.2. Perfil dos participantes e estratégia de coleta de dados

Inicialmente, como, de algum modo, antecipamos na Introdução, esclarecemos que a comunidade estudada engloba, essencialmente, pessoas descendentes de espanhóis que vieram da região sul da Espanha, do final do século XIX a meados do século XX e que ocuparam grande parte da Zona Leste de Sorocaba. Aí foi onde construíram ou alteraram o que depois seria o conjunto dos chamados bairros espanhóis, assim identificados tanto pelos traços descritos há pouco como também em virtude dos elementos toponímicos como aqueles nomes de localidades da própria Espanha ou de personagens famosos da história espanhola a exemplo

dos bairros Jardim Gutierrez, Jardim Rosália Alcolea, Vila Colorau, Vila Garcia, e das Ruas Cervantes, Granada, Madri, Catalunha além dos empreendimentos comerciais locais como Isquierdo Center Som, Casa de Carnes Madri, Imobiliária Ribera, etc.

Salientamos que, após o referido contato gradual com descendentes de espanhóis em Sorocaba e, por extensão, mediante indicações progressivas de pessoas que poderiam auxiliar-nos nesse sentido, fomos revisando a lista dos que poderiam participar, classificando-os segundo referenciais sociolinguísticos e conforme nossa perspectiva de estudo.

Sendo assim, entendendo ser uma quantidade adequada a nossos objetivos que incluem classificação considerando elementos sociais e, ao mesmo tempo, aspectos de sociabilidade e uso da língua, chegamos à escolha do número de 40 participantes, todos descendentes de espanhóis, com mais de 18 anos e distribuídos, na medida do possível, de maneira equitativa entre homens e mulheres (20 para cada gênero). Além disso, naturalmente, fomos incluindo representantes de classes sociais diversas, mas fomos priorizando, dentre as pessoas com que tivemos contato, aqueles que, segundo levantamento prévio, tivessem vivido a maior parte de suas vidas nos bairros ditos espanhóis e que tivessem faixa etária mais avançada ou tivessem menor grau de instrução e conhecimento de histórias mais concernentes ao mundo espanhol. Tais critérios prévios se deveram ao fato de que imaginávamos, que seriam melhores os resultados da pesquisa, embora tenham sido flexibilizados em um detalhe ou outro posteriormente. Cabe dizer, porém, que foi importante ter a maior quantidade de pessoas da terceira idade por entendermos que estes, naturalmente, apresentariam mais memórias e usos linguísticos dos imigrantes espanhóis, embora, claro, o depoimento de pessoas mais jovens acabou sendo muito importante sobretudo para analisar reconhecimento sobre possível manutenção ou não da língua espanhola, ainda que haja maior distanciamento temporal em relação à história familiar. Esclarecemos, como seria de prever, eventualmente, alguns destes mais jovens poderiam ter tido contato com aquela língua em cursos de língua ou na escola, o que poderia alterar os dados, algo que poderia ser intuído mediante questionário sociocultural e/ou entrevistas algo que seria avaliado como possível influência, portanto.

Por fim, decidimos não incluir na amostra falantes que tivessem passado a maior parte de suas vidas (3/4) fora de Sorocaba. Diante das escolhas e princípios metodológicos, selecionamos o critério seguinte de inclusão e exclusão dos participantes, isto é, ser descendente de espanhóis da região de Andaluzia, acima de 18 anos, tendo nascido ou morado/convivido, especialmente nos bairros espanhóis, ao menos 3/4 das suas vidas na/com a cidade de Sorocaba. Em resumo, ao final do estabelecimento de critérios e estratificações sociais, obtivemos os seguintes perfis dos 40 participantes:

Tabelas 9 e 10: Estratificação dos participantes

HOMENS								
FAIXA ETÁRIA	ESCO-LARIDADE	GRAU ASCEN-DÊNCIA	MODO DE ASCEN-DÊNCIA	BAIRRO ORIGEM DA VIDA	BAIRRO RESID. ATUAL	USO LINGU. ANTIGO	USO LING. ATUAL	FLUÊNCIA
1ª (30-50 anos) 4 informantes	E. FUNDAM. 3 informantes	NATIVO 1 informante	UM LADO 10 informantes	A vida toda em bairro “hispânico” ou próximo 11 informantes		Só Português: 1 informante	Não 5 informantes	Não 1 informante
2ª (51-65 anos) 7 informantes	E. MÉDIO 3 informantes	FILHO 7 informantes	DOIS LADOS 11 informantes	Apenas bairro hispânico na origem 6 informantes		Mais Português: 9 informantes	Pouco 11 informantes	Pouco 10 informantes
3ª (+65anos) 10 informantes	E. SUPERIOR 15 informantes	NETO 11 informantes		Bairro hispânico apenas na atualidade 2 informantes		2 línguas igual: 5 informantes	Mais/menos: 2 informantes	Mais/menos: 3 informantes
		BISNETO 2 informantes		Nenhum bairro hispânico a vida toda 2 informantes		Mais Espanhol: 3 informant	Sim 3 informantes	Bem 7 informa
						Só Espanhol: 3 informant.		
21 informantes								

MULHERES								
FAIXA ETÁRIA	ESCO-LARIDADE	GRAU DE ASCEN-DÊNCIA	MODO DE ASCEN-DÊNCIA	BAIRRO ORIGEM DA VIDA	BAIRRO RESID. ATUAL	USO LINGU. ANTIGO	USO LING. ATUAL	FLUÊNCIA
1ª (30-50 anos) 6 informantes	E. FUNDAM. 5 informantes	NATIVA 0 informant e	UM LADO 10 informantes	A vida toda em bairro “hispânico” ou próximo 9 informantes		Só Português: 0 informante	Não 6 informa ntes	Não 3 informant es
2ª (51-65 anos) 6 informantes	E. MÉDIO 3 informantes	FILHA 9 informant es	DOIS LADOS 9 informantes	Apenas bairro hispânico na origem 7 informantes		Mais Português: 9 informantes	Pouco 8 informa ntes	Pouco 6 informant es
3ª (+65 anos) 7 informantes	E. SUPERI. 11 informantes	NETA 10 informant es		Bairro hispânico apenas na atualidade 1 informantes		2 línguas igual: 5 informantes	Mais/me nos: 4 informa ntes	Mais/menos: 7 informant es
		BISNETA 0 informant e		Nenhum bairro hispânico a vida toda 2 informantes		Mais Espanhol: 2 informantes	Sim 1 informa nte	Bem 3 informant es
						Só Espanl: 3 informan.		
19 informantes								

Tabela 11: Perfis dos participantes

PARTICIPANTES (40 TOTAL)	FAIXA (F) 1 (35-50); 2 (51-65); 3 (65+)	GÊNERO	ESCOLARIDADE	GRAU DE ASCENDÊNCIA	MODO DE ASCENDÊNCIA
1. M	98 ANOS	HOMEM	FUNDAMENTAL	NATIVO	AMBOS
2. JMO	84 ANOS	HOMEM	FUNDAMENTAL	FILHO	UM
3. MC	84 ANOS	MULHER	FUNDAMENTAL	FILHA	UM
4. CN	82 ANOS	MULHER	SUPERIOR	FILHA	AMBOS
5. FE	82 ANOS	HOMEM	SUPERIOR	NETO	AMBOS
6. GL	82 ANOS	MULHER	FUNDAMENTAL	FILHA	AMBOS
7. MG	82 ANOS	MULHER	SUPERIOR	NETA	UM
8. JE	81 ANOS	HOMEM	SUPERIOR	FILHO	AMBOS
9. D	80 ANOS	MULHER	FUNDAMENTAL	FILHA	AMBOS
10. EV	78 ANOS	MULHER	FUNDAMENTAL	FILHA	UM
11. FL	76 ANOS	HOMEM	SUPERIOR	FILHO	AMBOS
12. GR	75 ANOS	HOMEM	SUPERIOR	FILHO	AMBOS
13. HS	72 ANOS	MULHER	MÉDIO	FILHA	AMBOS
14. SI	71 ANOS	HOMEM	FUNDAMENTAL	FILHO	AMBOS
15. RO	69 ANOS	HOMEM	SUPERIOR	NETO	AMBOS
16. SA	68 ANOS	HOMEM	SUPERIOR	NETO	UM
17. SM	67 ANOS	HOMEM	MÉDIO	NETO	UM
18. SO	65 ANOS	MULHER	SUPERIOR	FILHA	AMBOS
19. OL	62 ANOS	MULHER	FUNDAMENTAL	NETA	AMBOS
20. IV	61 ANOS	MULHER	MÉDIO	FILHA	AMBOS
21. ML	60 ANOS	MULHER	SUPERIOR	NETA	UM
22. MM	59 ANOS	MULHER	SUPERIOR	FILHA	UM
23. CE	58 ANOS	HOMEM	SUPERIOR	NETO	UM
24. JP	57 ANOS	HOMEM	SUPERIOR	FILHO	AMBOS
25. MI	56 ANOS	MULHER	SUPERIOR	NETA	UM
26. RB	55 ANOS	HOMEM	SUPERIOR	FILHO	AMBOS
27. AD	52 ANOS	HOMEM	SUPERIOR	NETO	AMBOS
28. FC.	52 ANOS	HOMEM	MÉDIO	NETO	UM
29. JG	52 ANOS	HOMEM	SUPERIOR	NETO	AMBOS
30. RH	52 ANOS	HOMEM	MÉDIO	NETO	UM
31. ED	51 ANOS	HOMEM	SUPERIOR	BISNETO	UM
32. GI	50 ANOS	MULHER	MÉDIO	NETA	UM
33. MR	45 ANOS	HOMEM	SUPERIOR	NETO	UM
34. MAR	44 ANOS	MULHER	SUPERIOR	NETA	UM
35. LU	43 ANOS	MULHER	SUPERIOR	NETA	UM
36. CI	41 ANOS	MULHER	SUPERIOR	NETA	AMBOS
37. CS	40 ANOS	MULHER	SUPERIOR	NETA	UM
38. CR	37 ANOS	HOMEM	SUPERIOR	NETO	UM
39. JL	36 ANOS	MULHER	SUPERIOR	NETA	AMBOS
40. MAT	33 ANOS	HOMEM	SUPERIOR	BISNETO	UM

Outro dado interessante acerca dos participantes selecionados foi, ora por coincidência, ora por planejarmos assim, a presença recorrente de participantes que tiveram

origem familiar nos bairros típicos espanhóis ou que ainda moram em alguns de tais bairros, hoje em dia. Neste sentido, observamos, o seguinte nas tabelas, abaixo:

Referência de bairros do passado das famílias dos participantes		
Bairros espanhóis (Vila Hortência, Jardim Barcelona, Vila Haro)	Outros bairros não relacionados aos espanhóis (Vila Santana, Jardim Paulistano, Centro, etc)	Zona rural de Sorocaba (Caputera, Brigadeiro Tobias)
52,5%	22,5%	25%

Tabela 12: Bairros antigos das famílias dos participantes

Referência de bairros atuais dos participantes		
Bairros espanhóis (Vila Hortência, Jardim Barcelona, Vila Haro)	Outros bairros não relacionados aos espanhóis (Vila Carvalho, Canpolim, Jardim Faculdade, etc)	Zona rural de Sorocaba (Caputera, Brigadeiro Tobias)
47,5%	42,5%	10%

Tabela 13: Bairros atuais dos participantes

Tais dados demonstraram, de antemão, em relação ao nosso conjunto de participantes, três situações: a) uma aparente estabilidade no índice de participantes mantendo contato com bairros espanhóis; b) aumento razoável de mudanças de pessoas para bairros não espanhóis, o que mostra a mobilidade nas gerações mais jovens, sobretudo; e c) diminuição considerável da moradia na zona rural, confirmando um movimento populacional já de algum tempo, isto é, do campo para a cidade.

Em relação a questões mais específicas dos estratos sociais de nossos participantes, consideramos quatro categorias, a saber, dimensão etária, de gênero, de escolaridade, de domínios de uso principais e de mobilidade geográfica:

a) faixa etária: como vimos, distribuímos nossos participantes, na medida do possível, da maneira mais equitativa possível, ficando, ao final, três faixas etárias, embora, em certos momentos, como veremos, a geração (se filho, neto ou bisneto, por exemplo) influenciará mais nos dados do que a faixa etária em si:

- a **primeira faixa etária** (30-50) teve como predominância de ensino superior, sendo, em sua maioria, netos, e dois casos de bisnetos, portanto, mais distantes do processo da imigração espanhola. Esta experiência ou lembrança da histórica espanhola, no geral, foi resgatada principalmente quando a ascendência é de ambos os lados (pai e

mãe), também quando o indivíduo mantém fortes vínculos com a história familiar, ou quando, já adulto, o sujeito procurava se aproximar da história familiar e buscar nacionalidade/ emprego para o qual o conhecimento do espanhol seria relevante

- a **segunda faixa etária** (51-65 anos), por sua vez, igualmente, teve como predominante a formação em ensino superior, e incluiu pessoas distribuídas entre netos e filhos, havendo variação quanto à vinculação com história familiar e memória linguística, isto é, houve aqueles que, por história de proximidade ou de ascendência total (pai e mãe) e, especialmente, se é filho, acabou por ter maior memória linguística, apesar de que alguns, mesmo sendo filhos de espanhóis, não tiveram tanta ligação com a história e língua porque os seus pais vieram ainda muito crianças ao Brasil, o que distanciou um pouco a sua experiência linguística;

- por fim, **na faixa etária III** (maiores de 65 anos), houve maior variação quanto à escolaridade, predominando o ensino fundamental ou médio, como era de se esperar, e a maioria sendo de filhos de imigrantes, nascidos no Brasil. Em relação a essa faixa etária, houve o caso de um nativo bem mais velho do que a maioria, com 98 anos, e que, por esta razão, naturalmente, tinha maior vinculação com a história e memória linguística;

b) dimensão de gênero: quanto ao gênero, cuja distribuição se deu quase totalmente equitativa (21 mulheres e 19 homens), pudemos observar poucas variações, haja vista tendência à característica de mobilidade social e escolaridade parecida em ambos os gêneros, isto é, boa parte das mulheres, tal como os homens, cursando ensino superior ou com atuação profissional fora do ambiente doméstico, fato que pode ter contribuído para que pessoas do sexo masculino apresentassem menor variação de usos linguísticos e identificação com a cultura espanhola;

c) Dimensão de escolaridade: dentre os mais velhos, houve variação entre representantes do ensino fundamental e, curiosamente, a maior parte com ensino superior e/ou que fizeram curso de espanhol;

d) Dimensão de domínios de uso linguístico: esclarecemos que esta dimensão se refere, sobretudo, ao passado, já que o uso linguístico espanhol atual ou se restringe a questões profissionais dentre aqueles que procuraram estudar o espanhol ou, quando, com ou sem estudo, se limita ao ambiente doméstico ou com parentes próximos amigos, situações em que se usam basicamente frases curtas, palavras eventuais como saudações, adjetivações, palavrões, dentre outros.

e) Dimensão de mobilidade geográfica: isto é, onde a maior parte da infância os informantes viveram, ou seja, se em bairros mais tipicamente espanhóis para a comunidade

a exemplo de Vila Hortência, Vila Haro, Jardim Barcelona, e se se mantiveram ligados de algum modo a tais bairros ou ambientes ainda na fase atual da vida. Assim, seria uma forma de verificar se ter vivido a maior parte da vida em bairros “espanhóis” repercutiu no uso linguístico e/ou reconhecimento de tal língua, e as variações desta situação, como ter morado em bairro espanhol na infância *versus* não estar mais morando na contemporaneidade e, ainda, não ter morado antes e morar na atualidade ou jamais ter morado em tais bairros em nenhum momento da vida.

2.3. Instrumentos de pesquisa

Tendo já clara a formatação do perfil de nossos participantes os quais foram descritos acima, passemos a detalhar, nesse momento, os instrumentos de pesquisa linguística que realizamos, ou seja, os questionários sociocultural e linguístico além do roteiro de entrevista.

2.3.1. O questionário sociocultural

O questionário sociocultural⁴⁷, como é padrão, envolveu uma organização e sequências de perguntas visando a conhecer melhor o participante e situá-lo no conjunto geral da pesquisa e, mais especificamente, classificá-lo em termos de estratificação social. A intenção de tal questionário foi, ao mesmo tempo, catalogar elementos estratificados socialmente e/ou potencialmente quantificáveis a fim de comparar relações sociais e linguísticas, bem como verificar de que maneira o participante se aproximou de/usou a língua espanhola no passado e no presente seja através da família ou não, e cujos resultados também pudessem ser quantificáveis. Assim, o referido instrumento de pesquisa foi composto de duas partes:

- a) parte que atendia aos objetivos de traçar o perfil social do entrevistado;
- b) parte que visava a extrair informações do contato linguístico na comunidade e suas possíveis interações no presente ou memórias de situações de uso no passado, o que se coaduna com alguns princípios da sociolinguística interacionista no que diz respeito a considerações sobre domínios de uso linguístico.

Mais especificamente, propusemos itens básicos como em relação ao nome, que, aqui, ocultamos por motivos de privacidade, além de sexo, data de nascimento/idade, local de

⁴⁷ Vide Anexo II.

residência, complementando com a informação sobre o dia de realização da entrevista. Saiba-se que o questionário foi lido e suas perguntas verbalizadas por nós durante a gravação em vez de os participantes responderem por escrito, em virtude de garantir uma maior eficácia da coleta; assim, indagamos sobre outros elementos sociais básicos, isto é, sobre escolaridade, profissão/ocupação durante a maior parte da sua vida, estado civil, grau e modo de ascendência (de bisneto até nativo ou se de um ou dos dois lados da família), ascendência do/da cônjuge, ocupação dos ascendentes, se estes estudaram português formalmente antes ou depois de virem ao Brasil e local de moradia em geral dos ascendentes espanhóis mais velhos.

No mesmo questionário, além dos quesitos mais sociais, propusemos perguntas outras relativas a usos gerais da língua espanhola, como o grau de uso do espanhol dos familiares do participante quando este era criança e, por extensão, as línguas de interação entre alguns representantes da família com o participante e em relação a este se dirigindo a seus parentes. Também, questionamos sobre o grau de contato formal do participante com a língua espanhola (se fez curso, se sabe ler, escrever ou assiste vídeos ou ouve rádio/música em espanhol e com que frequência), também, o seu grau de fluência no espanhol, bem como se ele ou parente próximo foi incentivado a aprender espanhol e por qual razão, e, por fim, perguntamos se o participante já pôde ir a Espanha e, se e quando foi, utilizou o idioma e a respectiva reação dos nativos frente a esse uso do espanhol.

2.3.2. Roteiro de entrevistas

No que diz respeito à entrevista⁴⁸, a qual ocorria imediatamente após a aplicação do questionário sociocultural, em virtude de praticidade em relação ao acesso de tais informantes e para reforçar determinados elementos ao longo da inquirição, foram feitas perguntas semelhantes às do referido questionário, só que mais aprofundadas e incorporadas outras contendo os seguintes itens-chave:

1. Lembranças sobre os parentes ascendentes espanhóis (costumes e marcas linguísticas e culturais);
2. História da saída da Espanha e da chegada ao Brasil, incluindo motivações e dificuldades neste processo;
3. Experiências culturais e sociais;
4. Participação em eventos dirigidos à comunidade espanhola;

⁴⁸ Vide anexo III.

5. Lembranças de usos linguísticos antigos ou atuais;
6. Importância da língua e cultura espanhola na vida e o respectivo grau de identificação dos indivíduos a respeito;
7. Experiências de viagem a algum país hispano-falante e forma de interação em tal país;
8. Perspectivas sobre a manutenção ou apagamento da língua espanhola tanto em família como na comunidade, de modo geral.

Como podemos ver, de antemão, a entrevista tinha como percurso considerar questões que vão desde elementos históricos gerais e mais restritos à família do participante, passando por questões relativas a experiências e usos linguístico-culturais, até itens que nos permitissem verificar o grau de conhecimento e identificação do participante com sua história familiar e uso da língua espanhola. Outro aspecto também que verificamos foi a visão do participante acerca de um possível orgulho individual e familiar neste sentido e se isso poderia contribuir suficientemente ou não, para a manutenção desta língua nos indivíduos mais novos ou das novas gerações.

Dentre todos os elementos passíveis de análise e quantificáveis após as entrevistas serem realizadas, observamos uma série de caracteres dentre os quais destacamos os seguintes: os principais usos linguísticos e domínios de usos tanto do passado e do presente do participante e de sua família; a época de suposto maior uso do espanhol com base em sua experiência ou crença partindo da família e as principais circunstâncias de eventos culturais expressando/reforçando/resgatando a espanholidade na comunidade. A partir de tais caracteres, fizemos quantificações e análises expressas no capítulo 4, novamente com tabelas e gráficos incluindo a possível evolução de uso do espanhol dos anos 1920 até 1990, além de um conjunto de lexemas e expressões em espanhol ou mesclando português e espanhol, os quais registramos no glossário neste par linguístico, disponível no Anexo VII e sobre o qual comentaremos no terceiro capítulo em relação ao modo como foi elaborado e suas possíveis contribuições para a comunidade estudada.

2.3.3. Questionário linguístico

Voltando à catalogação linguística inicial que serviu para a formulação dos procedimentos metodológicos a partir do que observávamos nos falantes locais e cujos registros resolvemos anotar por via das dúvidas, observemos, agora, alguns dos termos e expressões

encontradas que poderiam ser típicos da língua espanhola, ou que receberam influência desta ou, ainda, apenas registro dialetal local restrito ao português. Mais especificamente, fizemos uma lista, a título de demonstração, de uma série de termos e usos, abaixo, distribuídos nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e léxico-semântico, incluindo alguns dos já citados acima:

1) em termos fonético-fonológicos no falar sobretudo de sorocabanos descendentes de espanhóis, observamos os seguintes traços aqui delineados a partir do nosso reconhecimento como estudioso e professor da referida língua, a exemplo de:

nasalização parcial de vogais, semelhante ao que acontece no espanhol e no italiano, talvez pela forte presença destas línguas no estado de São Paulo e irradiando-se a partir da capital paulista durante o século XX, como em palavras como “campo” ou “italiano”, pronunciadas [ˈkampo] e [itaˈljano].
realização do /r/ vibrante alveolar vozeada múltipla, muito comum no dito falar caipira em palavras como rápido [ˈɾapido], ou seja, em posição de ataque silábico, inicial, ou em terra [ˈteɾa], em posição de ataque medial
realização não palatal das consoantes /d/ e /t/ antes de /i/ em dia [ˈdia], em vez de [ˈdʲia], ou tia [ˈtia] em vez de [ˈtʲia], de maneira semelhante ao que acontece no espanhol
não redução das vogais átonas finais /e/ e /o/ como em dente [dˈẽte], em vez de [dˈẽtʲi] ou filho [fiˈʎo], em vez de [ˈfiʎu]
realização de fricativa alveolar desvozeada /ʃ/ em vez de africada alveolar desvozeada /tʃ/ antes de vogal baixa central arredondada como em “chalao”, pronunciada [ʃaˈlaw] em vez de [tʃˈalao]
realização da fricativa alveolar desvozeada /ʃ/ em ataque antes de vogal posterior arredondada como em churiçu [ʃuˈrisu], em vez da africada alveolar desvozeada antes de vogal média alta posterior [tʃoˈriθo].

2) em termos morfossintáticos:

uso de advérbios afirmativos e negativos considerando a forma objetiva direta do espanhol, como em: “- Você quer isso? - Sim!” com uso equivalente a “-¿Lo quieres? ¡Sí/No!”

3) em termos léxico-semânticos, mais uma vez, marcadamente dentre os descendentes de espanhóis ou em pessoas que convivem com descendentes, classificados em 2 categorias, segundo o que podemos vislumbrar à época, ou seja, a) o que seria, mais nitidamente espanhol e b) parecido ou presente também no espanhol:

a) espanhol, de fato, dialetal ou não:

• Buñuelo [bu'ɲwelo]: doce espanhol;
• Cacaero [kaka'ero]: barulho/barulhento;
• Chala'o/ chalaúra [ʃa'lao] e [ʃala'ura]: bobo/bobagem;
• Chanfaina [ˈtʃamfaina]: tipo de sopa
• Chuchaíra [tʃutʃa'ira]: (ugar apertado;
• Coño ['koɲu]: genitália feminina; interjeição de chateação;
• Cucharada [kutʃa'raða] colherada;
• Engruñado (Engurruñado) [eɲgru'ɲiðu]: chateado/incomodado com as variações <i>embruído/engrunhido</i> ;
• Gacha/gachuleta ['gatʃa] e [gatʃu'leta]: mimada;
• Garbanzo [gaɾ'βanso]: grão de bico;
• Guampu'a (cornuda) ['gwampwa]: chifre de boi, referência a usos do sul brasileiro com origem provável nas repúblicas espanholas, in: “Dialeto caipira”, de Vicente do Amaral (1982);
• ¡Huevo! ['weβo]: equivalente a “saco!”, “porra!”;
• Lastimica de gallina [lasti'mikaðeɣa'yjna]: equivalente a “Que peninha”, de forma irônica;
• Leche ['letʃe]: “Isso é uma <i>leche</i> ” à Não é da sua conta;
• Mala pipa ['mala'pipa]: equivalente a <i>que azar!</i> , azarado ou antipático
• Matanza [ma'tansa]: processo de preparação de carne de porco;
• Meticonyera ou meticoñera [metikoɲ'yera] e [metiko'ɲera]: pessoa intrometida e inconveniente por querer ficar “Grudada”: possível variação de de “meticona”;
• Palagozo [pala'gosu]: tagarela, enjoativo, prolixo, possível variação de “empalagozo”;
• Papingozo [papiɲ'gosu]: bobo, tonto, chato, sem graça *Variação de empachoso;
• Ranchao/Ranchado [ʁan'tʃao] e [ʁan'tʃaðo]: coisa que não deu certo;
• Resuelto [ʁe'swelto]: folgado, metido.

b) parecido ou influenciado pelo espanhol:

• Ancho [ˈantʃu]: folgado (traduzindo do espanhol padrão: coisa que é larga/longa);
• Apetecer [apeteˈseɪ]: ter apetência/vontade de;
• Apura’o [apuˈrao]: estar preocupado/ em espanhol, <i>apressado</i> ;
• Capote [kaˈpotɕi]: queda;
• “Catchorro” [katˈtʃoɾu]: variação espanholizada de “cachorro”;
• Chucro [ˈʃukɾu]: grosseiro *chúcaro: como o gado, agressivo comum na América espanhola; In: Dialeto caipira, de Vicente do Amaral (1982);
• De criança [dekˈrjãsa]: <i>equivale a “de niño” significando “na infância”;</i>
• De pouco [deˈpowku]: <i>equivale a “hace poco”, significando “há pouco tempo”;</i>
• Estorvo [esˈtoɾvo]: incômodo, pessoa desagradável/ em espanhol, o uso <i>“estorbo”</i> ;
• Ferventar [feɾvẽˈtaɪ]: ferver pouco/ em espanhol, o uso <i>herventar</i> ;
• Fogo lento [ˈfoɣoˈlêto]: fogo baixo/em espanhol, o uso <i>fuego lento</i> ;
• Marcar [maɪˈkaɪ] o telefone: anotar;
• Ornar [oɾˈnaɪ]: se exibir, enfeitar;
• Pisotear [pizoteˈaɪ]: pisar;
• Regatear [ɾeɣateˈaɪ]: pechinchar

Os vários termos citados acima, em sua maioria, foram obtidos através de pessoas com quem tivemos contato e cujos significados foram analisados em dicionários convencionais de português e de espanhol⁴⁹, no sentido de tentar entender suas origens e, eventualmente, se houve adaptação/empréstimo para o português por exemplo, ou não, e, assim, avaliar o que poderia ser incluído ou não no questionário lexical que aplicaríamos. Sendo assim, o questionário linguístico⁵⁰ aplicado após a entrevista, por sua vez, versou, a partir de levantamento prévio citado acima de palavras em espanhol que podem ter se incorporado ou se mantido em várias famílias nos diferentes contextos. Em outros termos, lançamos mão de questões relativas à memória e atitude linguística dos participantes, seja em relação ao que ouvia falar em espanhol, o que significava bem como em que situações se usavam certas expressões ou em relação a hoje em dia.

⁴⁹ Por exemplo, na língua portuguesa, Ferreira (1999) e Houaiss (2001) e, do espanhol, Ezquerria (2002), Freire e outros (2005) e Berliner e outros (2006).

⁵⁰ Vide Anexo III, em sua parte final.

Mais especificamente, em relação às perguntas de caráter linguístico, as palavras e expressões surgiram a partir de observações e anotações assistemáticas na convivência com descendentes de espanhóis em Sorocaba e, dentre as que conhecemos, escolhemos algumas que julgamos mais pertinentes em função de possível maior uso, recorrência ou por retratar situações cotidianas e ligadas a relações de afetividade entre os espanhóis. A partir disso, realizamos uma pesquisa piloto a qual foi aplicada a um número limitado de falantes (cinco ou seis) para os quais os questionários foram testados. Sendo assim, o questionário foi, então, ajustado a partir da pesquisa piloto, cujos resultados não foram incorporados à tese.

A partir, pois, dos resultados obtidos na pesquisa-piloto, geramos um questionário com 17 campos semânticos distribuídos em dois blocos (o primeiro sendo do português ao espanhol e o segundo, o contrário), ou seja, após a realização das perguntas feitas no primeiro bloco foram invertidas no segundo bloco feitas de modo disfarçado para evitar que o participante, depois de tantas perguntas, não percebesse que se referiam aos mesmos itens lexicais nos dois blocos. Dentre as palavras e/ou expressões, encontram-se sobretudo adjetivos e expressões adnominais como “indivíduo barulhento/situação de barulho”, “pessoa mimada”, “presunçoso”, “bobo”, “traído”, “mal-humorado”, “teimoso”, “comprido”, “largo”, “chateado”, “murcho”, “intrometido”, “machucado”, além das expressões como “que dó”, “não te interessa”, “sai fora”, “levar surra/apanhar”, e gírias/palavrões de modo geral. Informamos que, pela falta de contato prévio, no momento inicial da pesquisa, não nos utilizamos do Atlas Etnográfico da Andaluzia, mas fomos consultar, posteriormente, em dicionários online ou partimos de nossa experiência enquanto professor de espanhol, os possíveis sentidos das palavras e expressões que catalogamos a partir do contato com a comunidade. Contudo, quando nos foi oportuno, recorremos ao referido Atlas em pesquisa *in locu* na Universidade de Granada, confirmando ou verificando o vocabulário catalogado previamente e utilizado como referência para a aplicação do questionário linguístico.

Quanto ao modo de perguntar, a proposta foi ver, no primeiro bloco, o quanto os participantes sabiam mais espontaneamente, dentro de um rol de palavras em português, usar o espanhol podendo, para tanto, sugerir sinônimos mais próximos ou distantes do que esperávamos, segundo o que lembravam de suas experiências afetivas e familiares, algo para o que de algum modo, ao aplicar a entrevista em momento anterior seria uma circunstância de os informantes falarem sobre experiências de cultura em família ao longo de sua história bem como em termos de usos linguísticos

contextualizados em espanhol ou da forma como recordavam, mesmo que, eventualmente, com misturas linguísticas ou até mesmo em português, sem o saberem os informantes. Já, no segundo bloco, do espanhol ao português, as questões foram mediante palavras com campos semânticos semelhantes e partindo da mesma sequência de itens do primeiro bloco. Tivemos a intenção de, além de saber se os descendentes tinham ouvido as palavras citadas, se estas realmente faziam parte de seu uso linguístico eventual na atualidade ou, ao menos, se subsistiam na memória seja do que eles mesmos falaram no passado ou do que ouviam de seus parentes mais velhos.

Cabe dizer que o índice de respostas esperadas (ou próximas das esperadas)⁵¹ no segundo bloco foi notadamente maior seja porque, de algum modo, houve a referência discreta do primeiro bloco com a mesma pergunta, seja porque realmente usos linguísticos em espanhol se mantêm presentes na história linguística dos participantes. Entendemos que o fato de termos feito perguntas com itens similares nos dois blocos (português ao espanhol e espanhol ao português) de modo subsequente era uma forma de expor vários itens e permitir maior fluidez e compreensão do falante acerca do tema tratado e, no geral, havia mais de uma possibilidade de respostas. Por fim, esclarecemos que houve dificuldades iniciais não previstas em relação a como interpretar os vastos resultados linguísticos oriundos tanto das entrevistas como dos questionários, sobre o que trataremos no capítulo 4.

Em relação ao que consideramos adequado como resposta para os questionários linguísticos, buscamos ser flexíveis haja vista muitas vezes a dificuldade dos participantes em lembrarem das palavras sem usos mais concretos ou correntes da língua de modo que, por exemplo, para a palavra “barulhento” em português, aceitamos como equivalente em espanhol algo como “agitado” já que, de algum modo, remete à circunstância de muito barulho, pensando-se na possível subjetividade de vivência e interpretação dos participantes. Esclarecido isso, registramos que as respostas aos itens lexicais questionados nos blocos foram devidamente catalogadas e quantificadas em tabelas e gráficos considerando os seguintes elementos, além de outros considerando questões respondidas no questionário sociocultural (uso da língua na infância, por exemplo):

- i. usos próximos ao item esperado totais em sua média geral;

⁵¹ Os dados a esse respeito estarão expressos no capítulo 4, por meio de tabelas e gráficos.

ii. usos próximos ao item esperado e não menções a lexemas por blocos (Bloco 1: 15 itens do português ao espanhol, e Bloco 2: 15 itens do espanhol ao português)

iii. usos próximos ao item esperado (blocos 1 e 2, ao mesmo tempo) por categorias sociais: idade, gênero, escolaridade, modo e grau de ascendência, etc; e

iv. cruzamento de variáveis no levantamento de usos linguísticos próximos ao item esperado nos dois blocos (idade x grau de ascendência; idade x escolaridade, etc).

2.3.4. Levantamento etnográfico-documental

Esta abordagem feita de maneira complementar e mais panorâmica englobou uma espécie de interação de todos os instrumentos interiores e a pesquisa histórico-documental na medida em que buscamos ver de que maneira as língua e cultura espanholas são vivenciadas na comunidade espanhola de Sorocaba. Para tanto, buscamos participar de alguns encontros familiares, bem como de eventos em geral organizados pela Casa de España como missas, almoços, reuniões, e, claro, de maneira aleatória ou não planejada, andamos pelos bairros espanhóis e fizemos observações sobre caracteres arquitetônicos, toponímicos e visitamos locais ou participamos de circunstâncias onde se presumiria uma presença de descendentes espanhóis como a feira local do bairro aos domingos ou praças onde costumam conversar descendentes mais velhos, por exemplo.

Cabe dizer que foi essencial, neste sentido, a colaboração de representantes da Casa de España e a rede de contatos que se estabeleceu/reforçou mediante tal instituição, além do auxílio de pessoas outras que contribuíram para uma aproximação com suas famílias ou ainda aquelas que revelaram elementos pertinentes ao conjunto geral da pesquisa ou sobre práticas sociais da colônia espanhola em Sorocaba.

Extensivamente à pesquisa etnográfica incluindo aspectos históricos, previmos um levantamento documental que incluiu os registros orais dos participantes da pesquisa ao descreverem as suas próprias histórias e de seus antepassados espanhóis, tal como consta nos quesitos no roteiro das entrevistas presente no Anexo III.

Além disso, incluímos registros antigos e mais contemporâneos presentes em jornais locais, sites, fotografias, panfletos, etc, citando ou falando de eventos ou situações de circulação da língua e cultura espanhola e, por extensão, imaginários acerca desta presença pelos diferentes textos, de modo a verificar o retrato linguístico e, sobretudo,

cultural da colônia espanhola tanto no passado mais distante, a exemplo da primeira metade do século XX, como mais recente, considerando a primeira década do século XXI.

2.3.5. Pesquisa-piloto e processo de contato com os participantes

Estando a proposta metodológica formatada sob duas perspectivas, isto é, uma histórico-documental incluindo jornais e relatos pessoais dos participantes, e outra linguístico-etnográfica abarcando usos/domínios linguísticos, expressões culturais, questionários socioculturais e linguísticos, além da observação-participante de eventos ligados aos espanhóis ou de reuniões familiares/vivências em ambientes ligados à temática, era preciso verificar se haveria eficácia e adequação metodológica, ao menos na aplicação dos questionários e das entrevistas para seguir com a pesquisa. Assim, contando com a primeira versão do roteiro de entrevista e dos questionários, chegamos à conclusão de que seria necessário realizar pesquisa-piloto para avaliar todo o processo e, eventualmente, corrigir defeitos, sanar lacunas e ver se algo deveria ser retirado ou incluído, bem como o que poderia/deveria ser perguntado. Daí, fomos buscando pessoas, dentre as que contatamos que poderiam participar como participantes nesta fase até que um representante da Casa de España de Sorocaba aceitou e, depois, indicou, um parente seu para também participar desta fase.

Acordados dia e local, realizamos as entrevistas com dois homens na faixa de 45-60 anos em meados de 2018 e obtivemos a conclusão de que o percurso proposto no roteiro de entrevista era pertinente de modo a compreender questões histórico-sociais, em relação ao processo de imigração e as vivências dos imigrantes em Sorocaba, ou para conhecer os costumes espanhóis vivenciados/mantidos em família e, claro, conhecer alguns dos usos linguísticos históricos e atuais, e entender questões de identificação com a “espanholidade” ou chances de sobrevivência dessa cultura seja na família, seja na comunidade.

Contudo, quando fomos observar a aplicação de questionários socioculturais e linguísticos, vimos a necessidade de incluir dois elementos que poderiam melhorar nossa abordagem: em relação aos itens socioculturais, perguntas detalhadas acerca do uso do espanhol na infância dos participantes e, mais especificamente, algumas das principais interações naquela língua entre os parentes e os próprios participantes quando da infância destes; já em relação aos itens de ordem lexical, percebemos a necessidade de incluir mais sinônimos para alguns lexemas tanto em português, no primeiro bloco, como em espanhol

no segundo bloco, bem como incluir outros novos citados nas entrevistas da pesquisa-piloto. Por último, pareceu-nos relevante ser mais claros e cuidadosos na hora de perguntar a fim de deixar o participante mais à vontade e realmente falar o que pensa e viveu sem receio de julgamentos de valor.

Esclarecemos, por fim, em relação aos vocábulos, erros que cometemos no que diz respeito a dois deles que permaneceram nas entrevistas após a pesquisa-piloto e cuja interpretação semântica nossa estava equivocada a ponto de gerar resultados imprecisos⁵². Reconhecendo isso e revisando os dados, fizemos uma correção no anexo contendo o questionário linguístico e enviamos a versão atualizada ao Comitê de Ética e, claro, mesmo permanecendo nas entrevistas, desconsideramos os resultados em relação aos verbetes equivocados na análise quantitativa, fazendo com que, em vez de 17 itens/situações de uso em cada um dos blocos, permanecessem 15, conforme descreveremos melhor, em breve. Ainda em relação ao período compreendido entre a pesquisa-piloto e a realização das entrevistas “oficiais”, cabe-nos, agora, detalhar o modo como obtivemos a participação dos nossos 40 participantes.

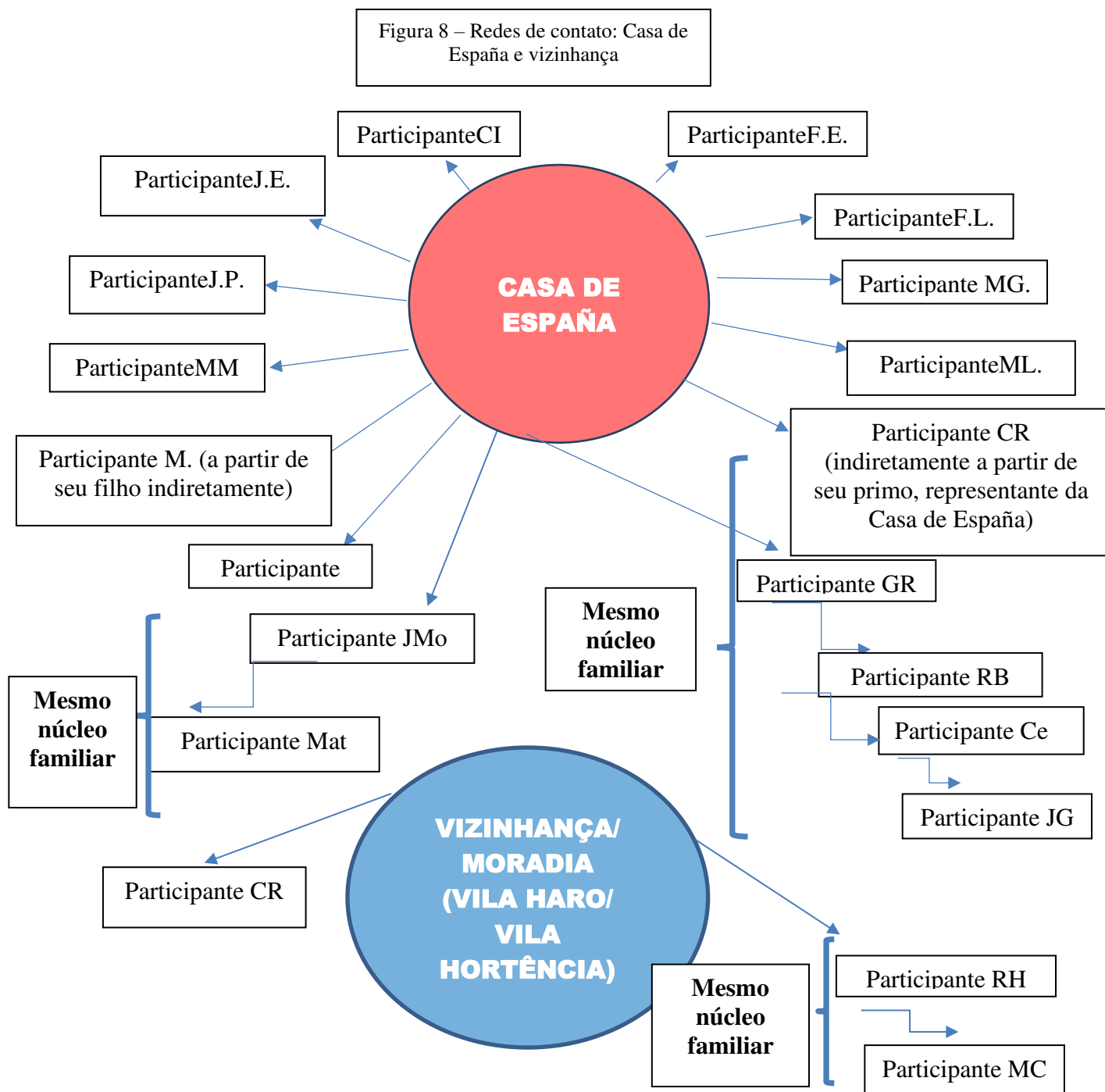
Foram três grandes circunstâncias as de escolhas e obtenção de participantes, em uma perspectiva, digamos, “semi-aleatória”, isto é, ao mesmo tempo uma parte não planejada e realmente casual e outra a partir de indicações: 1ª) termos acesso contínuo à Casa de España, que nos permitiu obter contatos de descendentes sócios ou ativos participantes de eventos daquela instituição; 2ª) morarmos, por propósito investigativo, em um dos bairros ditos espanhóis, ou seja, a Vila Haro, o que facilitou certas vivências etnográficas e aproximação com rotinas e pessoas da região; e 3ª) estarmos viajando periodicamente entre Sorocaba, lócus da pesquisa, e Campinas, onde realizamos nosso curso de Doutorado e, em tais circunstâncias, ora oferecendo ora solicitando caronas por aplicativo, estabelecendo diálogo com pessoas de diferentes faixas etárias que, em parte, eram ou conheciam descendentes de espanhóis e aceitando ou propondo pessoas

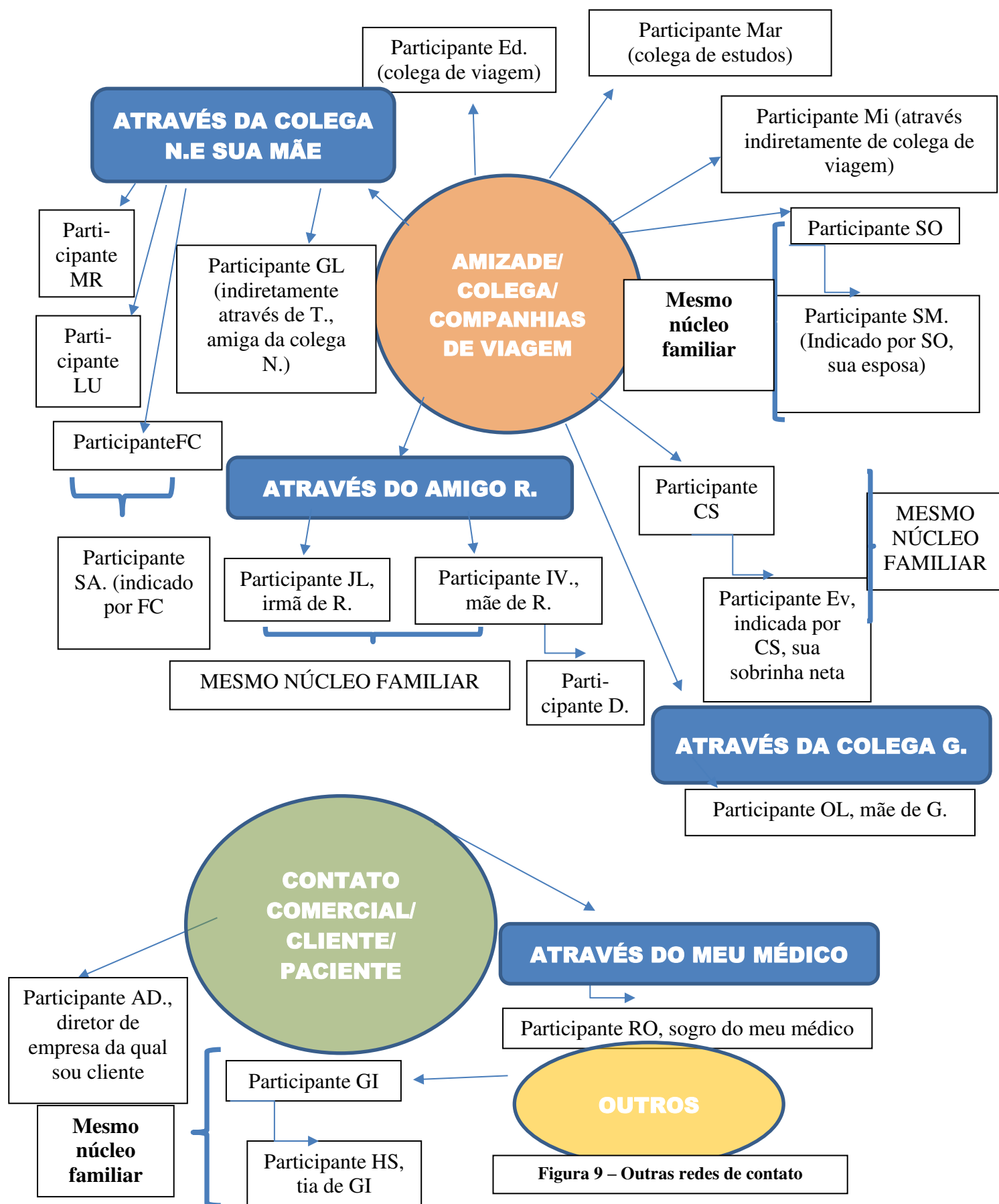
⁵² Os termos a que referimos são “**chuchaíra**”, previsto para ser o item 10 do questionário de 17 itens e “**chanfaina**”, item 11. À época, acreditávamos, pelos diálogos que presenciamos com sorocabanos descendentes de espanhóis que “chuchaíra” seria “lugar apertado”, como sendo um uso metafórico para o sentido original de “genitália feminina” e, possivelmente, foi um erro de interpretação da própria pessoa que nos informou, neta de espanhóis e cujo sentido talvez fosse confuso e que, quando tentamos aplicar na pesquisa-piloto foi difícil de haver reconhecimento deste item. Em relação à “chanfaina”, supúnhamos tratar-se do significado “Ah, não interessa”, quando, na verdade, seria um tipo de sopa. Na verdade, o contexto de uso foi um diálogo entre dois indivíduos descendentes de espanhóis, de mais que 80 anos, em que a mulher, mesmo vendo o marido tomar sopa, pergunta a ele o que seria aquilo ao que seu marido responde, em tom ríspido “Chanfaina”. À ocasião, vendo como uma espécie de chateação, intuí que seria “Não interessa” ou “Não é da sua conta”, e era, simplesmente, o que apenas depois fui verificar no dicionário da Real Academia, isto é, um tipo de sopa da região andaluza feita com porco, carneiro ou boi.

próximas a participarem da pesquisa, oportunamente.

Além dessas formas de obtermos os participantes, houve circunstâncias mais específicas derivadas das 3 citadas acima, e que gostaríamos de descrever, nas figuras 7 e 8 nas páginas seguintes, a fim de entendermos melhor tal processo. Esclarecemos que, embora tal diagrama possa parecer se relacionar com o estabelecido em pesquisa de Milroy (1987 [1980]) não apresenta conexão e nem era nossa intenção, de fato, fazer adaptações de fato.

Figura 8 – Redes de contato: Casa de España e vizinhança





Como podemos verificar nas figuras 7 e 8, houve uma série de contribuições graduais que nos permitiram atingir a meta de quarenta participantes e procedermos à pesquisa propriamente dita. Cabe dizer que, dentre todas as iniciativas de contatos que buscamos estabelecer, praticamente não houve recusa em participação, exceto alguns poucos que aparentaram desinteresse na temática, bem como receio de se expor ou por conflitos de ordem pessoal.

Por fim, informamos que as entrevistas foram realizadas geralmente em local de trabalho ou residência dos participantes, o que facilitou na qualidade do áudio, com menos ruídos externos interferindo; algumas entrevistas poucas, contudo, foram realizadas em locais outros como praças, lanchonete ou padaria, por exemplo.

2.4. Processo de transcrição, catalogação e análise de dados

A nossa coleta de dados junto aos participantes ocorreu em um total de cerca de 3 meses, isto é, de setembro a dezembro de 2018, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (**Vide anexo VIII**), entre julho e agosto do mesmo ano. Durante o processo de seleção dos participantes e da realização das entrevistas, as que tinham sido realizadas anteriormente, em sendo revistas, foram servindo para melhorar ainda mais a abordagem das subsequentes no sentido de formular algumas questões ou mesmo na sequência delas a depender do que o participante dizia, sendo necessário, pois, ora detalhar melhor alguns questionamentos, ora excluir ou incluir outros.

A gravação das entrevistas inicialmente foi feita por meio de um smartphone Samsung pessoal. Os arquivos de áudio em formato MP3 foram imediatamente sendo arquivados em computador pessoal bem como em HD externo a fim de garantir sua salvaguarda. No que diz respeito aos questionários socioculturais, cujas respostas foram gravadas nos mesmos arquivos das entrevistas, catalogamos, de pronto, tais dados que eram anotados por nós nas fichas respectivas durante as entrevistas e, ao mesmo tempo, devidamente guardadas as cópias de cada Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁵³ assinado pelos participantes. A sobredita catalogação de elementos socioculturais incluindo dados sociais e perguntas sobre usos linguísticos ou interações na infância do participante foi devidamente distribuída em planilha do Microsoft Excel, versão 2018, que, depois, serviu de base para análises. Ao mesmo tempo, íamos fazendo anotações

⁵³ Vide anexo I.

graduais a respeito das respostas dos participantes tanto nas entrevistas em relação a questões histórico-culturais como nos questionários linguísticos cujas respostas também estiveram no mesmo arquivo de MP3 relativo a cada participante.

Apenas praticamente depois da finalização de todas as 40 entrevistas, é que começamos a fazer as transcrições, sempre no intuito de registrar de modo grafemático a fala dos sujeitos, isto é, a partir da pronúncia realizada dos termos, e de recursos outros baseados na metodologia da Análise da Conversação, porém, o mais simplificadamente possível. Neste sentido, optamos por recursos como os seguintes, baseados em parte na Análise da Conversação, segundo Marcuschi (1991):

i. uso de reticências para indicar pausas ou hesitações na fala, como em:

“O significado agora eu não vou conseguir ... Isso pra falar eu não sei ... É uma das coisas que ele mais falava... Tipo: “Ah num to bem hoje”... Mas num sei o significado...” (Entrevista com R.H., 51 anos, linhas 16 e 17, página 676 do Volume II - Transcrições das entrevistas)

ii. uso de aspas para nomear citações ou termos em espanhol, como em:

“Você sabe dizer se algum parente seu, da sua geração ou posterior, foi influe/incentivado a aprender espanhol por alguém? Ah, estude espanhol porque isso porque aquilo ?” (Entrevista com AD, 51 anos, linhas 59 e 60, página 3 do Volume II - Transcrições das entrevistas)

iii. uso de barra inclinada representando correção da palavra ao longo do discurso, como em:

“Os meus pais, era mais portu / mais espanhol.” (Participante MC, filha de espanhóis) (Entrevista com M.C., 83 anos, linha 3, página 26 do Volume II - Transcrições das entrevistas)

iv. uso de marcadores orais da fala que eram pronunciados a exemplo de “unhum”, para confirmação ou “né”, como em:

“Tentando, né, a partir das entrevistas, conseguir elementos/informações que serão úteis ao que eu estou pesquisando.” (Entrevista com AD, 51 anos, linhas 4 e 5, página 1 do Volume II - Transcrições das entrevistas)

v. representações sonoras associadas a intenções comunicativas como “tsc” ou “risos” para expressar chateação, explicadas entre parênteses, como nos exemplos abaixo:

“Quer dizer... tsc (som de frustração/correção). Melhor dizendo, não tem nenhum parentesco seu?” (Entrevista com AD, 51 anos, linha 6, página 4 do Volume II - Transcrições das entrevistas)

“Nossa senhora. (risos)” (Entrevista com AD, 51 anos, linha 17, página 5 do Volume II - Transcrições das entrevistas)

vi. representações grafemáticas entre aspas do que os participantes realmente pronunciavam incluindo aí termos não aceitos na norma culta:

*“E ela não enxergava, ela teve um **“pobrema”** que agora é fácil até de arrumar, mas, naquele tempo, não tinha, pálpebra caída. Então, quando ela queria ver a gente, ela erguia assim”.* (Entrevista com D, 79 anos, linhas 46 e 47, página 149 do Volume II - Transcrições das entrevistas)

*“Um **“atrapalhao”**, um tonto **“atrapalhao”** **“que no sabe ni lo que hace”**.”* (Entrevista com SI, 71 anos, linha 54, página 778 do Volume II - Transcrições das entrevistas)

vii. observações acerca de adaptações de palavras espanholas, objeto de nossa pesquisa, ao português com destaques entre parênteses, como em:

*“ ‘Turrón’ **(pronunciada aportunuesadamente)** También, a mesma coisa. Mais ou menos, no mesmo sentido. Teimosa...”* (Entrevista com AD, 51 anos, linhas 8 e 9, página 20 do Volume II - Transcrições das entrevistas)

*“ ‘Coño’? **(pronunciada coñu)**”* (Entrevista com RH, 51 anos, linha 57, página 675 do Volume II - Transcrições das entrevistas)

viii. uso de destaques em “()” em situações em que não conseguimos compreender o que foi dito ou quando o entrevistador e o participante falam ao mesmo tempo:

*“Mas **(trecho inaudível, falam ao mesmo tempo)** huevo, comer huevo...”* (Entrevista com ED, 50 anos, linha 16, página 199 do Volume II - Transcrições das entrevistas)

*“Nossa. Eu, não. Minha mãe, sim. **(incompreensível)**. Tinha a pá virada. Andei com dez meses. Vê o tormento que eu fui, né? Minha mãe sofreu...”* (Entrevista com IV, 66 anos, linhas 11 e 12, página 372 do Volume II - Transcrições das entrevistas)

Lembramos que as transcrições foram compiladas em um arquivo de texto do Microsoft Word (Office 2018) a serem disponibilizadas em um segundo volume à parte haja vista seu extenso tamanho, que poderão ser acessadas por quem tiver interesse. Já contando bem posteriormente com todos os dados socioculturais, linguísticos e as transcrições realizadas, fomos observando recorrências de elementos e aquilo que nos pareceria mais útil em termos de análise quanti-qualitativa.

Além de todos esses dados, realizamos uma listagem extensa de termos em espanhol ou semelhantes ao português, citados a partir de solicitação nossa durante a entrevista ou expressos espontaneamente pelos falantes, o que permitiu atingirmos um dos propósitos de benefícios desta pesquisa sobre o qual já falamos, isto é, o glossário virtual português-espanhol da colônia espanhola de Sorocaba. Tal glossário está dividido em duas partes, sendo a primeira mais geral contendo verbetes e expressões mais breves e a segunda contendo expressões mais específicas ou estruturas mais longas, categorizado

segundo as classes, gêneros e números de palavras (adjetivo, substantivo, masculino, feminino, singular, plural), e campos semânticos (estados anímicos, gírias, palavrões, topônimos, antropônimos, alimentos, provérbios, etc).

Por fim, no que diz respeito ao levantamento de dados de ordem etnográfica, tentamos realizar o máximo possível a partir do que nos foi informado como relevante, a exemplo da Feira de Santa Maria, que ocorre na Vila Hortência aos domingos, na qual muitos descendentes de espanhóis, tradicionalmente, fazem compras; além disso, praças, casas e ruas das quais tiramos fotos visando observar aspectos toponímicos e arquitetônicos que julgávamos interessantes. Complementarmente, também, participamos de reuniões familiares e eventos particulares, situações para as quais solicitamos a devida autorização para registrar em áudio e imagem, ainda que informalmente, e, em relação a alguns eventos, em geral organizados pela Casa de España, ou pedimos autorização, quando ainda não éramos parte de sua direção como voluntário, ou, estando já na direção executiva, tanto ajudamos na organização como participamos do evento propriamente, e sobre eles realizamos anotações e fizemos registros, tal como veremos no terceiro capítulo.

2.5. Dificuldades e soluções

Para terminar o presente capítulo, cabe-nos sintetizar algumas das dificuldades e soluções que encontramos e realizamos em nossa pesquisa no que diz respeito ao levantamento e análise de dados.

Uma primeira dificuldade que encontramos para compor o nosso conjunto de participantes foi conseguir pessoas mais jovens que quisessem participar, seja porque achavam que não tinham o que dizer a respeito dessa espanholidade, seja porque julgavam apenas serem seus parentes mais velhos, como pais e avós, os mais habilitados a falar. Contudo, uma forma que encontramos foi convencer alguns mais jovens a participarem, mesmo que pouco tivessem a dizer e, felizmente, alguns, justamente porque estavam se reaproximando ou começando a conhecer a história familiar, se habilitaram a integrar à pesquisa mais facilmente, após contato prévio e explicação de minha intenção de pesquisa.

Outra dificuldade foi conseguir participantes meramente de modo aleatório, isto é, andando nas ruas e iniciando conversa de supetão. Mesmo eu explicando toda a situação, as pessoas, ainda que educadamente, por receio, acabavam preferindo que eu

falasse com outros ou me indicavam a Casa de España à qual já tinha recorrido. Contudo, como nós viajavamos com frequência de Sorocaba a Campinas e conhecíamos pessoas a quem dávamos carona, por exemplo, gerou-se uma situação mais amistosa ou de mínima proximidade, que me conferiu alguma credibilidade para obter alguns participantes. Ou, claro, mediante a participação de eventos na Casa de España, que nos abriu horizontes mais fáceis de conhecer pessoas que pudessem participar sobretudo os da terceira idade, já aposentados e, claro, com mais disponibilidade para participar.

Registramos, ainda, a importante contribuição de algumas pessoas que, tornando-se ou não participantes da pesquisa, diante de nossos propósitos investigativos, se dispuseram a nos ajudar de algum modo, seja porque tinham alguma afetividade relativa ao tema da imigração espanhola ou porque sentiam que suas histórias e identidades hispano-descendentes estariam sendo valorizadas se pudessem ser ouvidas a respeito.

CAPÍTULO 3

Contatos linguístico-culturais e bilinguismo histórico em Sorocaba

3.0 Sobre definição de cultura

Considerando elementos já observados no capítulo 1 relativos a questões demográficas sobre Sorocaba, importa, neste momento, observar, antes de questões de língua, como a cultura espanhola se expressa ou é evocada ainda hoje em Sorocaba por alguns dos participantes de nossa pesquisa. Para tanto, importa fazer um panorama sobre a noção de cultura e sua expressão na sociedade ao longo do tempo a partir de contatos diversos com outras culturas.

Em termos etimológicos, a palavra *cultura* é de origem latina, *colere*, podendo ter o significado de cultivar, habitar, adorar ou proteger. Enquanto tal, o sentido sugere ser essencialmente algo humano, ao menos, no sentido de manutenção ao longo do tempo e, nessa esteira de valorização do que é humano, segundo Cascudo (2004, p.42), é que, com o tempo, sobretudo a partir do início do século XX, foi se vendo a importância de reconhecer não só o valor da cultura como de que não existiram culturas melhores ou piores, apenas diferentes, ou seja, não devendo haver hierarquização a respeito.

Recorrendo a estudiosos da cultura, que já buscam revisar tal noção apontando a sua versatilidade e complexidade, já vemos o reconhecimento de outras facetas que aqui nos importa verificar. Uma estudiosa, nesse sentido, é a filósofa brasileira Marilena Chauí (2006). Esta autora, no seu livro “Cidadania cultural: o direito à cultura”, entende que a cultura deveria ser vista, entre outras possibilidades, como: a) elaboração coletiva e socialmente diferenciada de símbolos, valores, ideias, objetos, práticas e comportamentos pelos quais uma sociedade, internamente dividida e sob a hegemonia de uma classe social, define para si mesma as relações com o espaço, o tempo, a natureza e os seres humanos; e b) direito de todos os cidadãos, sem privilégios e sem exclusões. Ou seja, se impõe, aqui, uma visão democrática de cultura que une interesses legítimos de expressão social à necessidade de respeito às diferentes formas de se realizar a cultura no conjunto dos indivíduos.

Sob outro viés mais subjetivo, segundo Nóbrega (2004), a cultura seria um conjunto de transformações, apropriações e interpretações que o homem realiza, podendo

as relações culturais estabelecidas ser, ao mesmo tempo, unas e diversas, o que exigiria um olhar mais amplo não restrito a certas realidades culturais, como a cultura dominante mas incorporar as possíveis interrelações entre as diversas manifestações culturais realizadas tais como, segundo nosso trabalho, houve entre os imigrantes espanhóis-andaluzes e os paulistanos-caipiras⁵⁴.

Outro dado sobre o qual Nóbrega (2004) discorre é que, em que pese haver expressões culturais diferentes, semelhantes, valorizadas ou não, não se pode determinar uma como sendo desenvolvida ou subdesenvolvida. Afinal, a cultura, conforme lembra Nóbrega (op.cit., p.61) é uma marca de identidade nos que a assimilam e que com ela convivem e, portanto, deve ser respeitada enquanto tal. A esse respeito, cabe lembrar que a noção de identidade, como o próprio termo sugere, é algo tão plural quanto as próprias marcas discursivas de cada sujeito ou pessoais de cada indivíduo.

Além disso, a cultura é essencialmente dialética e sintetiza a realidade em um processo histórico relacionado com o mundo e com os homens de maneira ativa quando se considera a transformação da natureza pelo ser humano. De maneira mais específica, a cultura seria:

(1) **histórica**, na medida em que complementa a consciência histórica do ser humano, de grupos, de nações em diferentes épocas; (2) **social**, quando a sua dimensão social é marcada por significações e valores comunicados em sua plenitude a todas as consciências do grupo; também, (3) **pessoal**, quando se manifesta como caráter inalienável de criação humana e propensa à aceitação das significações, valores e ideais do mundo cultural em que o indivíduo se insere; e, por fim, a cultura é (4) **universal** considerando o conteúdo essencialmente humano de suas significações (aspecto subjetivo) e pela destinação humana de suas obras (aspecto objetivo) tendendo a constituir-se como elemento de ação entre todos os homens e mulheres, que passam a ser vistos como seres universais. (In: NÓBREGA, 2004, p.62)

Nóbrega (2004, p.63) explica ainda que, ao mesmo tempo, a cultura é afetada historicamente uma vez que interfere e recebe interferência das relações sociais que vão se modificando ao longo do tempo, e também a cultura não seria uniforme tendo em vista que há múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço.

Um importante autor, que serve de base para muitos estudos, é o filósofo e crítico literário, britânico, Terry Eagleton, o qual apresenta uma vasta bibliografia sobre estudos sociológicos, literários e culturais bastante importantes. Um dos livros aos quais recorreremos neste momento de maneira pontual é “A ideia de cultura”, traduzido por Sandra Castello Branco, em 2003.

⁵⁴ Sempre que nos reportarmos a “caipira”, tratamos do sentido de estudos da linguística como o proposto por Amaral (1920).

Na seção *Versões de cultura* do início do referido livro, Eagleton (2003, p.26-27) trabalha a cultura como sendo algo essencialmente orgânico bem como ligado à civilidade e podendo operar entre fatos verificáveis e valores atribuídos.

Contudo, seja como for que a cultura se expresse, segundo Eagleton, enquanto processo coletivo, foi bastante ressignificada, sobretudo após o chamado pós-modernismo, noção esta complexa e bastante discutida que diz respeito ao momento contemporâneo marcado por revisão, adaptação e proposição de diferentes valores nos mais diversos âmbitos da vida. Assim, a cultura se equilibra entre o que seria descritivo e normativo, do que comporia uma civilização, no sentido tradicional, e um sentido mais universalista, realidade dupla a qual acabou por redundar no que Eagleton chamará de relativismo cultural. Neste raciocínio, ser de dada cultura supõe um valor em si, mas já não se pode se colocar ou se considerar uma cultura acima de outra, tal como vimos na perspectiva de Cascudo (2004).

Santos (1987), em seu livro *O que é cultura*, discorre sobre o fato de que, a partir do século XIX, houve a intensificação do poderio europeu em relação aos povos do mundo, o que, por extensão, gerou aumento de contato entre as nações europeias, já industrializadas necessitando de novos mercados, e outras nações total ou parcialmente isoladas que acabaram sendo subjugadas e incorporadas à presença estrangeira. Neste sentido, tal encontro e olhar sobre o diferente gerou uma espécie de laboratório para as ciências humanas em desenvolvimento na época.

Outros fatores correlatos têm a ver com o fato de predominar uma visão laica do mundo social e da vida humana, após um longo tempo de sobreposição do olhar cristão sobre as relações sociais, ou seja, houve uma gradativa maior influência do conhecimento científico sobre a realidade. Complementarmente, ainda conforme Santos (1987, p.26), com a incorporação de novos territórios e expansão europeia submetendo a seu mando político diversas populações, discutir, dentre os estudiosos europeus, as culturas dos povos conquistados era uma forma de entendê-los mediante observação e material para estudo. Claro que a ideia, à época, não era apenas observar, mas sobretudo controlar as culturas dos povos subjugados e impor valores europeus, seguindo um olhar de evolução linear das sociedades em que os europeus e ocidentais seriam superiores aos demais.

No caso da América Latina e, em especial, do Brasil, segundo Santos (1987, p.28), as culturas que aqui existiam foram percebidas como realidades à parte e só vistas como relevantes enquanto culturas nacionais que aqui chegaram se se lhe imprimissem alguma peculiaridade tal como em relação a comidas, nomes, roupas, lendas, etc. As

palavras chaves, pois, incluíam aspectos pontuais de contribuições das sociedades colonizadas bem como a questão da integração dos diferentes processos em termos de produção econômica, organização da sociedade e da estrutura da família e do direito, por exemplo.

Em relação à ideia de **cultura nacional**, Santos (op.cit, p.58-59) lembra que a cultura, enquanto dimensão do processo social, naturalmente pode se restringir ou ser considerada típica ou mais frequente em uma dada nação e como resultado de um dado processo histórico e não uma invenção fictícia, mas resultante de longos processos de trabalho e lutas sociais. Assim, a cultura nacional tem a ver com a língua, os costumes, as tradições de um povo e que, em geral, sofrem alterações constantes. Exemplificando, Santos (1987) cita que, no caso da cultura brasileira, se busca enunciar o que é típico dela, segundo sua história de modo que, para definir cultura nacional, não se pode parar em um olhar panorâmico do que acontece na realidade em si, mas também considerar a visão que se tem da sociedade e as opiniões que se tem sobre seu futuro.

Contudo, em que pese a visão desse autor, não podemos negar ações políticas e estatais que imprimem um viés cultural artificial ou impostas à população. A respeito ainda da discussão sobre cultura nacional cabe acrescentar o que nos diz a respeito Nascimento (2017). Para ele, o Estado terá um papel essencial no processo de estabelecimento de políticas culturais que, no limite, influenciarão para gerar ou não identificação do sujeito com uma dada cultura, que passou do que a “Igreja definia (o homem que cultua/cultiva a Deus) para o Estado (o homem culto, civilizado, cidadão)”.

Em outros termos, baseando-se em Rodríguez-Alcalá (2004) Nascimento (op.cit) concorda com a ideia de que, “por meio da cultura, então, que o Estado, ao dominar um território, passa a individualizar os sujeitos, ao produzir a identificação a uma cultura e submetê-los às suas leis”, portanto, a cultura pode ser utilizada como forma, não raramente espontânea, de identificação os sujeitos a um Estado nacional particular.

Neste sentido, como se pôde verificar na história do Brasil, ações políticas específicas em dados momentos repercutiram de modo a conceber a dita cultura nacional, como foi o caso do Governo Vargas que imprimiu dispositivos legais que buscavam ora rejeitar valores ou culturas estrangeiras ora incutir valores ditos nacionais ao Brasil no sentido de criar uma suposta “identidade nacional” de uma cultura brasileira.

Além disso, para Nascimento (p.22), “se é o Estado que articula o simbólico e o político nas sociedades contemporâneas nacionais, seja por meio da identificação à língua (nacional) através dos instrumentos linguísticos (o dicionário e a gramática), seja

por meio de instituições, podemos dizer que é o Estado que também articula a identificação do sujeito à cultura, principalmente por meio do direito”. Um exemplo disso foi justamente o trabalho do Estado sobre a cultura no governo de Getúlio Vargas, na década de 1930.

Como complemento à discussão, Frontoura (2017, p.22-24), em trabalho de fim de curso, reforça, como no período do primeiro Governo Vargas (anos 1930), criaram-se uma série de dispositivos legais relativos à política migratória geralmente marcados por uma perspectiva eugenista e pela busca de mão de obra agrícola para o desenvolvimento nacional. Nesta época, em vários momentos, o imigrante foi considerado indesejável e caracterizado como “alienígena” a ponto de alguns grupos serem considerados ameaça à nação e identidade nacional brasileiras e previamente rejeitados a exemplo dos alemães e dos japoneses cujas língua e cultura não seriam assimiladas por completo ao país, enquanto italianos, portugueses e espanhóis acabavam sendo privilegiados com base no critério de mais fácil assimilação.

Por outro lado, ainda segundo Frontoura (op.cit, p.26), alguns se encontravam na condição de imigrante desejável, se acaso fosse previamente selecionado mediante sistema de controle de entrada de estrangeiros no país, garantido pelos ideais do projeto político nacional, em função de sua nacionalidade, critérios étnicos preestabelecidos que visavam uma assimilação mais rápida do imigrante à sociedade brasileira, além de outros fatores de escolha como questões físicas, culturais, políticas e morais abordadas pelas Leis, a exemplo de ser branco, não ter problemas de saúde, e de preferência os que tinham religião cristã.

Ainda em relação ao Brasil, Santos (1987) resgata o fato de que, em dado momento, havia no Brasil valorização diferenciada sobre as contribuições dos diferentes grupos humanos que constituíram nossa cultura nacional e nação, como os europeus, indígenas e africanos e que, dentre tais grupos, as contribuições africanas acabaram sendo desprestigiadas apesar de sua presença maciça na população durante séculos, o que, segundo Santos (op.cit, p.60), “está ligado a uma maneira de ver a sociedade enfatizando suas elites”. Por outro lado, de alguma forma, as elites acabaram tendo um olhar favorável à herança indígena sobretudo no processo de consolidação da independência do Brasil do domínio colonial europeu no sentido de se garantir a diferenciação da nação brasileira em relação às sociedades europeias.

Entendendo os valores e complexidades da cultura, vejamos o como a cultura espanhola se expressou ou se mantém na sociedade brasileira, especificamente de

Sorocaba, a partir de exemplos dessa manifestação incluindo aspectos vários como organização social, toponímia, literatura, economia, dentre outros ramos da sociedade.

3.1. Contatos históricos entre português e espanhol na Europa e no Brasil

Acerca do contato histórico entre português e espanhol, Mendonça (2017) mostra como, em momentos bem anteriores entre meados do século XV e final do século XVII, o espanhol serviu como segunda língua para todos os portugueses cultos. Esse quadro se produz a partir da ascensão de Dom João IV ao trono em 1640, se produz uma reação anti-espanhola. Lembra, assim, que teria havido bilinguismo até o desaparecimento dos últimos representantes da geração formada antes de 1640. Neste sentido, Portugal foi gerando como herança o arcabouço linguístico e cultural na colônia, o futuro país a ser conhecido como Brasil, à época bastante influenciado pela Espanha. Assim, apesar de o português se impor às diversas línguas indígenas que havia maciçamente no Brasil, no primeiro século de colonização, tanto em virtude da influência espanhola em Portugal como pela presença de muitos espanhóis no novo continente, o português falado no Brasil acabou por incorporar palavras de origem hispânica, normalmente adaptadas fonética e morfologicamente.

O contato intenso do português com o espanhol na Europa remonta ao século XV e se estende até o século XVII. No caso da colônia, no site do IBGE⁵⁵, é possível ver uma interessante exposição histórica que nos parece bastante pertinente, isto é, como os espanhóis no Brasil, durante os séculos XVI e XVII, representaram uma relevante influência muitas vezes ignorada pela historiografia.

Inicialmente, podemos citar que a União Ibérica, isto é, a união dos reinos da Espanha e de Portugal, obrigou a colônia portuguesa, atual Brasil, a ser governada, na prática, em um total de 60 anos (1580-1640), pelos reis espanhóis Felipe II, III e IV, após o desaparecimento do Rei Dom Sebastião, em 1578, quando da ocasião da batalha contra os mouros no Marrocos, África.

Além disso, um exemplo dessa presença foi o fato de que os primeiros navegadores a reconhecerem parte da costa do futuro Brasil foram os castelhanos Vicente Yañes de Pinzón e Diego de Lepe, mais especificamente, em 1499, em torno do que hoje

⁵⁵Exposição disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/espanhois/os-espanhois-no-brasil-seculos-xv-e-xvi>>. Acesso: 01/11/2020>.

corresponde ao litoral do Ceará, Piauí, Maranhão, Pará e Amapá, chegando mesmo ao Amazonas.

Outro elemento, segundo o IBGE (Brasil, 2007), foi como, ao longo dos anos 1530, diversos espanhóis estavam comumente ao lado dos portugueses nas viagens em suas de reconhecimento e exploração.

De outro modo, segundo a publicação do IBGE (Brasil, 2007), os espanhóis, já na Colônia:

imprimiram sua marca, ora nas fronteiras do sul, ora em toda parte, no tempo da dominação filipina (1580- 1640). Na verdade, neste tempo, a colonização do Brasil foi mais castelhana do que portuguesa, e quase o Brasil virou uma Nova Espanha ou um “novo Peru”, como queria o governador Diogo Botelho, no início do Século XVII. (op.cit, p.14)

Além disso, como uma forma de sintetizar esta questão da importância espanhola no Brasil já antes da imigração de que falaremos no presente capítulo, trazemos a contribuição de Guimarães & Vainfas (2007, p.105), para quem “a importância dos espanhóis no Brasil colonial foi, sem dúvida, menos espetacular, talvez mais silenciosa, porém importante e duradoura”.

Exemplo dessa presença pode ser caracterizada por três fatos históricos, a saber: a) nas viagens portuguesas de exploração, durante os anos 1530, houve expedições em que muitos castelhanos estiveram presentes; b) portugueses e espanhóis viviam juntos em grande quantidade, na condução tanto de naufragos como desterrados e acabaram por assimilar traços da cultura indígena em partes de Cananéia, Piratininga e litoral de São Paulo, e c) no sul da América Portuguesa, não havia fronteira muito nítida para distinguir o que era tipicamente lusitano ou castelhano na colonização já que coabitavam em Sacramento e nos Sete Povos das Missões, área que então abrangia boa parte do atual Rio Grande do Sul, sendo possível sintetizar um perfil cultural do período Colonial como luso-castelhano-indígena.

Complementarmente, no que diz respeito à ligação com castelhanos, bem antes da imigração espanhola massiva principalmente no início do século XX, o fundador de Sorocaba, Baltazar Fernandes, em meados do século XVII, tinha relações com hispano-descendentes uma vez que pessoas próximas a si, a exemplos dos seus genros, tinham descendência espanhola. Acrescente-se a isso o fato de o Brasil ter recebido influências castelhanas em cidades relevantes à época como São Paulo⁵⁶

⁵⁶ A esse respeito, vide Aracy Amaral, no livro “A hispanidade em São Paulo”, 1981.

Luengo (2010, p.28) entende que houve duas grandes fases de contato mais significativo dentro do continente americano, um primeiro com baixa intensidade, ao longo do século XVI e parte do século XVII, e um de maior intensidade nos séculos XVIII e XIX.

Quanto à primeira fase, apesar de naturalmente ter havido imigrantes espanhóis e portugueses chegados na América que tiveram que aprender a língua empregada no novo lar, não teria existido nestes territórios contato intenso entre as duas línguas. Esta realidade se deveu, sobretudo, ao Tratado de Tordesilhas que acabou impedindo mais contatos na medida em que centralizou a colonização espanhola na região andina ou mais ocidental do continente e delegou a Portugal a região costeira do Brasil. O distanciamento linguístico só se modifica a partir da União Ibérica das coroas portuguesa e espanhola, entre os séculos XVI e XVII, permitindo maior contato entre português e espanhol, ou quando, a partir de meados do século XVII, Portugal estende seus territórios a partir da ação dos bandeirantes em direção ao interior do continente, algo que resultou no contato entre colonizadores lusitanos e espanhóis assentados em territórios limítrofes.

Quanto à segunda fase, compreendida nos séculos XVIII e XIX, os contatos se intensificariam, segundo Luengo (2010, p.30), a partir do estabelecimento de fronteiras mais consolidadas dos impérios e com o desenvolvimento de atividades que favorecem o contato de toda ordem entre espanhóis e portugueses e que repercutem, claro, no âmbito linguístico.

Como forma de demonstrar essa intensidade do contato no século XVIII, Luengo (2010, p.40) ilustra algo que gostaríamos de reportar aqui como sendo uma espécie de portunhol escrito. É tão grande a mistura entre o português e o espanhol, segundo o autor, em virtude da possível intensidade e cotidianidade do contato, que surge a dificuldade de analisar ou atestar categoricamente se o resultado linguístico seria uma mera influência do português sobre o espanhol ou a mistura das línguas gerando uma variedade diferente. Vejamos o exemplo, a seguir, de texto produzido na região de Corrientes, Argentina, em janeiro de 1791:

Sr Miguel polo Al Sr Alcalde porbencial don Joze Lluís da Costa, intregara vnd, todas, llas mulas que anden ela cria, de dos anos para cima, acim mesmo, dies, Nubillos ttanbeiros, i de tudo, cobrara recibo, anutando, cuantas, mulas, intregou, para, su resguardo, que tudo, lle debe el pueblo, por, ifeitos que mi a dado, para, consabo (sic) de piones, que, por esta, i con recibo, seron Biene entregadas, garsas 5 de ineiro de 1791 Francisco, Anto. de Araujo (rúbrica)

Neste trecho de carta, veem-se elementos peculiares, segundo Luengo (2010, p.41), de uma possível variedade de uso na qual características linguísticas do português e espanhol peninsulares se cruzam até o ponto de produzir um texto híbrido, isto é, um escrito em espanhol no qual supostamente interferem elementos da provável língua materna do autor, ou seja, o português. Cabe notar, porém, que, pelo fato de as duas línguas terem coincidências tanto fonéticas como morfossintáticas e lexicais, existe dificuldade em determinar até que ponto o português causa alguns fenômenos registrados no texto ou se seria um fator que propicia a presença de recursos do espanhol coincidentes com usos da língua portuguesa.

Mais especificamente, o autor destaca como elementos do espanhol o “seseo” (uso do “s” em vez do “z”) em “dies” (“diez”), “acim” (“assim”), “garsas” (“graças”), ou a falta de “yeísmo” (uso de “ye” em vez de “lle”) como em “lle”, além das hesitações nas vogais átonas (“porbencial” à “provincial”, e “mesmo” à “mismo”) ou a ditongação de hiatos (“piones” à “peones”) que aparecem, apesar de que sua presença no português da época exigiria considerar também a possibilidade de que a coincidência entre ambas línguas tenha contribuído para sua manutenção no idioleto do autor.

No entanto, Luengo ainda acredita que sejam inequívocas as transferências da língua portuguesa em outros fenômenos que coincidem com os existentes naquele idioma e diferem do que existe no espanhol, como os fechamentos vocálicos das átonas pretônicas (“intregara/entregara”, “nubillos/novilhos”, “anutando/anotando”) e as mudanças de /e/ por /i/ nos pronomes átonos (mi X‘me’), que se mantêm até o momento atual no Brasil; igualmente, é possível entender do mesmo modo a falta de palatalização em “ifeitos” (“efectos”). Por outro lado, no meio caminho entre o fônico e o morfológico, está o caso de “seron”, forma de futuro de indicativo na qual se descobre a equivalência do morfema português “-ão” com o castelhano “-ón”, que ocorre em numerosas ocasiões nestas línguas. Além dos morfemas, Luengo (2010, p.42) ainda destaca, ilustrativamente, também outros elementos gramaticais de origem portuguesa que transcenderam o espanhol do falante, como os pronomes “lhe” (“lle debe el Pueblo”) y “tudo” (“de tudo, cobrara recibo”).

Como observamos acima, as línguas portuguesa e espanhola, além de apresentarem semelhança no seu percurso histórico, haja vista a mesma origem latina, sempre estiveram em contato já desde suas origens. Isso aconteceu tanto na Europa, nos séculos XV e XVI em Portugal e na Espanha, como se manteve, de maneira, ora mais ora

menos, intensa nas colônias americanas. E, claro, tal contato, ao longo do tempo, sobretudo nas regiões de fronteira, gerou resultados linguísticos diversos e que podem ter se perpetuado ao longo do tempo, a depender das interações populacionais e institucionais dos países envolvidos.

3.2. Contatos entre português e espanhol em Sorocaba-SP a partir da imigração do fim do século XIX ao início do XX

A emigração espanhola de final do século XIX a início do século XX seguirá lógica semelhante à que ocorreu na maioria dos países europeus, porém com algumas características específicas a depender da região espanhola, do momento histórico ou para onde se movimentou a população. Neste sentido, é importante considerar as razões para a emigração específica ao Brasil e o porquê da intensidade maior na época referida acima. Vejamos, pois, neste momento, os ciclos imigratórios dos espanhóis ao Brasil, bem como a trajetória inicial dos que chegaram àquele país, sobretudo em São Paulo e, mais especificamente, na cidade de Sorocaba, lócus de nossa pesquisa.

3.2.1. Ciclos emigratórios espanhóis ao Brasil

Novamente, trazemos Capilla (2017) em relação à sua exposição de maneira detalhada sobre os principais destinos dos emigrantes espanhóis e sobre os ciclos de emigração de 1872 até 2014, ano em que catalogou os últimos dados para a sua tese. Em relação aos principais destinos dos emigrantes espanhóis, o autor computa os principais destinos, a seguir, tabela já vista na Introdução da presente tese, em que destaca os principais destinos ao longo dos três momentos registrados. Assim, a Argentina desponta em primeiro lugar nos dois primeiros momentos retratados, ou seja, de 1882 a 1930 e de 1946 a 1959 e se posiciona como segundo colocado no último período, isto é, de 1960 a 1988. Por sua vez, o Brasil se posiciona em terceiro lugar nos três períodos perdendo ora para Venezuela, ora pra Cuba.

	Argentina	Brasil	Cuba	Uruguai	Venezuela
1882-1930	(1º) 48%	(3º) 8%	(2º) 34%	2,5%	-

1946-1959	(1º) 33%	(3º) 15%	-	6%	(2º) 31%
1960-1988	(2º) 23%	(3º) 8%	0,3%	5%	(1º) 48%

Tabela 14- Principais destinos dos emigrantes espanhóis em porcentagens.
 Fonte: Hernanz (2000, p-58-59) e Fernández Vargas (1992, p.585-607) apud
 Capilla (2017, p.8)

Após o período colonial, em termos da presença espanhola na condição de imigração, o site do IBGE reporta ao século XIX, época em que muitos espanhóis, geralmente homens adultos jovens oriundos das zonas rurais, buscaram sair de seu país por diversas causas dentre as já citadas no trabalho a exemplo do desenvolvimento industrial tardio da Espanha e de problemas decorrentes da manutenção de uma estrutura fundiária arcaica. Complementarmente, citamos Oliveira (2002) que lembra o que levou muitos espanhóis a saírem de seu país no final do século XIX, isto é, as contínuas guerras internas e externas durante décadas, por um lado, e a divulgação massiva das supostas facilidades e promessas de vida próspera no continente americano, sobretudo Brasil e Argentina, com mais oportunidades econômicas e laborais.

O site do IBGE ainda informa que, no Brasil, a imigração espanhola teve um caráter predominantemente urbano e que, durante grande parte dos séculos XIX e XX, houve a presença não só castelhana, mas galega, sobretudo no Rio de Janeiro e que, no cotidiano das grandes cidades brasileiras, os galegos acabaram sendo confundidos com o português que, por sua vez, seriam chamados com frequência de galegos.

O mesmo IBGE, também lembra que, no decorrer das grandes migrações transatlânticas, os espanhóis representaram o terceiro maior contingente de estrangeiros que escolheram o Brasil como segunda pátria, atrás apenas dos portugueses e dos italianos.

Ainda de acordo com o IBGE, os maiores centros imigrantistas foram as cidades de Santos, Rio de Janeiro e de Salvador. Dentre estas, em relação aos espanhóis, destacou-se Santos e, por extensão, a cidade de São Paulo de onde saíram muitos imigrantes para diversas cidades do interior paulista, a exemplo de Sorocaba, município que, segundo Oliveira (2002), abrigou mais famílias de imigrantes espanhóis em todo o interior paulista.

Em relação ao Estado de São Paulo, segundo Cánovas (2009, p.112), no período de 1893 a 1922, a maioria dos espanhóis chegados foi de andaluzes (de 43% a 53% do total aproximadamente), seguidos de galegos (de 10,3% a 22,6% do total), depois,

os oriundos da região de Castilla-León (em cerca de uma média de 10% do total no período registrado), ficando outras regiões da Espanha em um total de, no máximo, 7%.

Já no que diz respeito ao total de entradas registradas de espanhóis no estado de São Paulo, o total desde as primeiras levas de 1885 até 1929, foi de 379.321, havendo anos de maior incidência espanhola, como veremos, na tabela 15, a seguir. Tais dados, que se baseiam na comparação entre imigrantes de diversas nacionalidades, foram levantados por Cánovas (2005), após coleta na Hospedaria dos Imigrantes. Os números de entradas são separados por quinquênios dentro do interstício que vai de 1885 a 1929. Diante de tais números, escalonamos o total de 1º a 4º colocados considerando os italianos, portugueses, espanhóis e japoneses, destacando-se em sombreado cinza aqueles números correspondentes aos espanhóis em seu período de auge de ingresso no Brasil, ou seja, de 1905 a 1919.

PERÍODO	TOTAL	ITALIANOS	PORTUGUESES	ESPAANHÓIS	JAPONESES	DIVERSOS
1885-1889	167.664	137.367 1º	18.486 2º	4.843 3º	--	6.968
1890-1894	319.732	210.910 1º	30.752 3º	42.316 2º	--	35.754
1895-1899	415.253	219.333 1º	28.259 3º	44.678 2º	--	11.305
1900-1904	171.295	111.039 1º	18.530 3º	18.842 2º	--	22.884
1905-1909	196.539	63.595 2º	38.567 3º	69.682 1º	825 4º	23.870
1910-1914	362.898	88.692 3º	111.491 2º	108.154 2º	14.465 4º	40.096
1915-1919	83.684	17.142 3º	21.191 2º	27.172 1º	12.649 4º	5.530
1920-1924	197.312	45.306 2º	48.200 1º	36.502 3º	6.591 4º	60.713
1925-1929	289.941	29.472 2º	65.166 1º	27.132 4º	50.573 3º	117.598

Tabela 15 – Discriminação, por quinquênios, das principais nacionalidades (entradas no estado de São Paulo de 1885 a 1929)⁵⁷

Como se pode inferir da tabela acima, até 1889, os italianos representavam 81,9% em relação ao total de 167.664 imigrantes ingressados no Estado de S. Paulo, enquanto que, no mesmo período, os espanhóis eram apenas 2,8% do total e os portugueses, 18,3% do total. Por sua vez, já no decênio seguinte, de 1890 a 1899, o percentual de italianos, mesmo maior em números absolutos do que na fase anterior, baixa para 66% do total da época, registrando déficits seguidos. De 1900 a 1909, registrou-se a contínua queda da imigração italiana, então com 47,4% do total, enquanto os espanhóis aparecem com 24% e os portugueses, com 15,5%. Na sequência, na década de 1910 a 1919, a presença dos espanhóis continua crescendo, atingindo 30% do total e os japoneses aparecem com 6%, enquanto que o percentual dos italianos reduz a 23,7%.

⁵⁷ In: CÁNOVAS (2005, p.115) mediante dados obtidos a partir da Hospedaria dos imigrantes - Imigrantes estrangeiros entrados no Estado de São Paulo – Período 1885/1961. (Destaque para posição em número de indivíduos, de 1º a 4º lugar).

Cánovas (2005) também, o modo como o fluxo imigratório se mantém uniforme até a Primeira Guerra Mundial, até que se reduz dentre as nações principalmente em virtude do fechamento dos mercados europeus aos produtos de importação, como era o caso do café, sem deixar de lembrar como chegavam às autoridades consulares espanholas várias reclamações de maus-tratos sofridos pelos imigrantes nas fazendas onde trabalhavam. Citando o pesquisador estadunidense Herbert S. Klein, em seu livro “A imigração espanhola no Brasil”, de 1994, Oliveira (2002) enfatiza que não houve inclusão nas estatísticas de saídas de clandestinos para o Brasil e, aqui chegando, acabaram sendo registrados, resultando na disparidade dos números disponíveis na Espanha e no Brasil.

Cánovas (op.cit, p.56), em seu importante trabalho intitulado “Hambre de tierra: imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista 1880-1930”, corrobora o que Klein menciona e é retomado por Oliveira acerca dos conflitos estatísticos entre o que existe na Espanha e o que existe no Brasil. Para tanto, cita algumas razões como a fuga de espanhóis por questões políticas ou relativas às várias guerras externas e internas na Espanha, e a consequente ausência de registros dos que saíram clandestinamente, além da duplicidade de registros resultantes dos traslados de um mesmo imigrante de um país para outro, sem passar pela Espanha. Um exemplo disso seria a diferença dos números de saída no período compreendido de 1882 a 1930; segundo Cánovas (2005), o registro de 1.042.775 espanhóis que teriam saído da Espanha se opõe aos 3.296.312 registrados em países do continente americano, dentre os quais 48,36% foram da Argentina, 33,93%, de Cuba, 7,07% do Brasil, 2,49% do Uruguai e 8,12% de outros países latino-americanos.

Acerca dessa incompatibilidade de dados, a Enciclopédia Universal Ilustrada Europeia-Americana de 1966 corrobora os dados acima na descrição da comparação dos registros de 1901 a 1909:

	Estatísticas espanholas	Estatísticas americanas

Anos	Espanhóis saídos para			Espanhóis ingressados em		
	Argentina	Uruguai	Brasil	Argentina	Uruguai	Brasil
1901	11.171	635	2.839	18.065	2.708	8.584
1902	8.778	504	1.120	13.912	1.884	3.588
1903	14.196	530	1.591	21.917	2.209	4.466
1904	28.591	473	5.333	29.851	2.190	10.016
1905	32.737	574	17.861	53.029	2.931	25.329
1906	47.799	646	19.585	79.287	3.388	24.441
1907	57.612	978	4.660	82.606	3.751	9.235
1908	90.330	1.177	4.827	125.497	4.008	14.862
1909	69.601	1.993	11.889	85.798	3.594	15.412
Totais	360.815	7.510	69.704	519.963	26.663	115.963
Médias	40.091	834	7.745	57.774	2.963	12.885
	Diferenças			+17.683	+2.129	+5140

Tabela 16 – Comparação das estatísticas espanhola e americana

Fonte: Enciclopedia universal ilustrada europeo americana. 19. (ECHàENRE), n. 7. Espasa-Calpes S.A. Editores. Madri/ Barcelona. Tomo XIX. 1966, p.991.

3.2.2. Trajetória inicial do processo de imigração espanhola



Imagem 16: Foto aérea do Estreito de Gibraltar com detalhe de barcos e porto na parte central à direita da foto. (Foto extraída do site <https://www.express.co.uk/>)

Em relação à trajetória inicial da imigração espanhola ao Brasil, o já citado autor e jornalista Sérgio C. de Oliveira (2002), após pesquisas baseadas em documentos, entrevistas e depoimentos da comunidade espanhola sorocabana, faz um levantamento detalhado do percurso realizado pelos imigrantes desde a sua saída na Espanha até sua inserção em Sorocaba e as respectivas consequências desta imersão cultural, linguística e política na nova realidade. O seu livro apresenta 16 capítulos temáticos que incluem tópicos vários como o percurso inicial dos espanhóis em direção ao Brasil, passando pelo

início da constituição da colônia, descrição das primeiras levas de imigrantes, incluindo algumas mudanças na rotina, geografia e economia dos bairros que, depois, se denominariam espanhóis, bem como alguns fatos e relatos acerca de personagens, costumes, tradições e fatos relevantes na história da colônia. Mais especificamente, Oliveira (2002, p. 16) começa narrando o que chama de “grande aventura”, que foi a saída de muitos imigrantes dos povoados no complexo montanhoso das Alpujarras, Andaluzia, percorrendo de dezenas a centenas quilômetros de trilhas a pé ou de trem em direção ao porto de Gibraltar, possessão inglesa no extremo sul da Espanha.

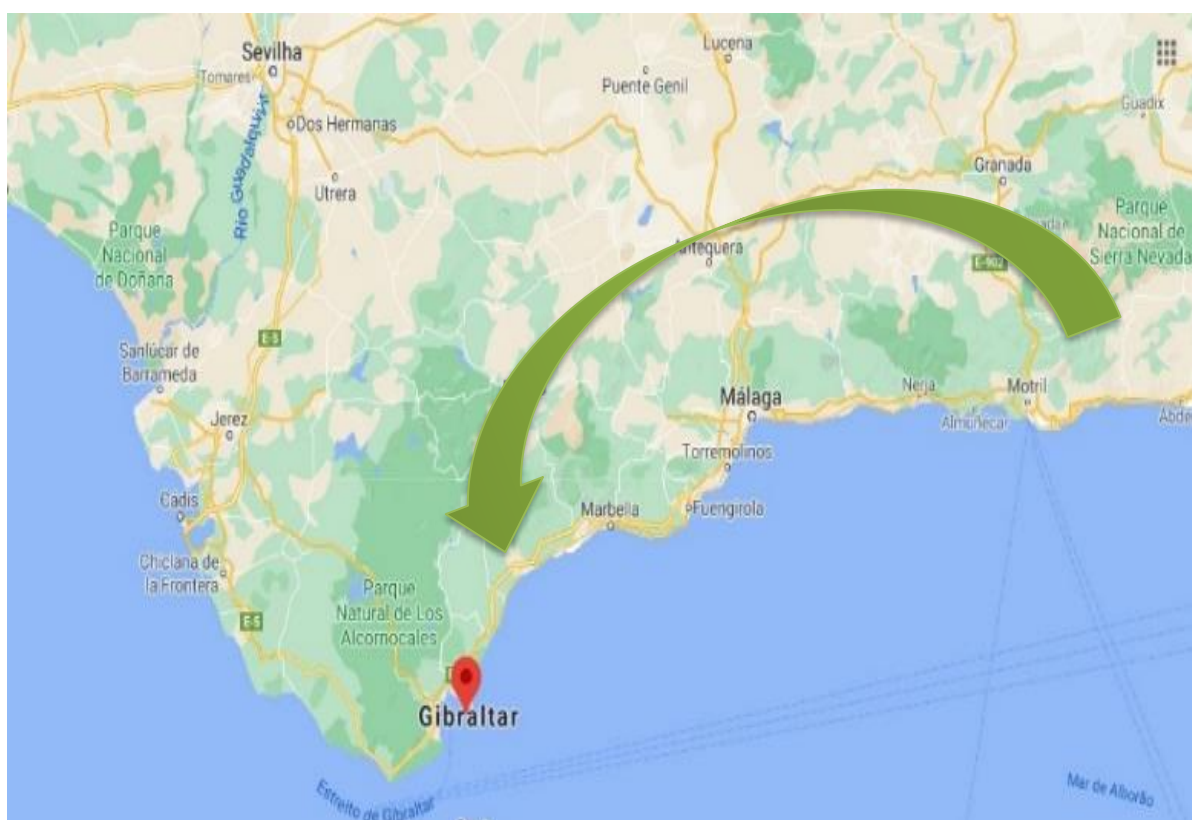


Imagem 17: Sentido marcado pela seta cinza em regiões próximas à cidade de Granada e Motril bem como faixa de região abarcadas compondo o caminho normalmente percorrido pelos imigrantes espanhóis em direção ao Porto de Gibraltar, local de saída da maior parte dos espanhóis às Américas. <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso: outubro de 2020.

É sabido que o referido Porto de Gibraltar, durante o processo massivo de emigração para o Brasil, foi bem mais utilizado para as saídas clandestinas daquelas famílias que não queriam se submeter às ordens do governo espanhol de obrigar o alistamento dos jovens para o serviço militar a fim de garantir vitórias nas guerras contra as ex-colônias e protetorados em Marrocos e Cuba, por exemplo.

No que diz respeito à viagem para o Brasil, Oliveira (2002) informa que era comum o tempo total do trajeto variar de 18 a 22 dias, e a capacidade dos navios ser de 1.500 passageiros aproximadamente. Além disto, era comum haver perigos durante o percurso em virtude das más condições das viagens, inclusive a ponto de muitos adoecerem e outros, quando morriam, serem jogados no mar.

Ao chegarem ao Brasil, em geral, no Porto de Santos, os imigrantes eram levados a São Paulo e acomodados na Hospedaria dos Imigrantes, situada no bairro operário da Mooca, construção que abriga hoje o Museu da Imigração. Em seguida, havia a condução dos recém-chegados a fazendas de café no interior paulista segundo condições previamente estabelecidas pelo governo brasileiro ou pelos fazendeiros. Oliveira (2002) ainda esclarece que a Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo, foi criada em 1887 visando atender à lei daquele ano que estabelecia a imigração subsidiada para agricultores da Europa. Por fim, as viagens costumavam ser subsidiadas já na própria Espanha, até porque a maioria vinha sem nenhum recurso.

Em relação às fases de imigração de maneira mais geral, Oliveira (2002), baseando-se em autores que tratam da imigração, lembra que houve dois momentos diferentes no processo de imigração, sendo o primeiro entre 1847 e 1857, quando o senador Vergueiro, visando atender suas necessidades de mão-de-obra, idealizou o sistema de colônias estrangeiras no qual os imigrantes poderiam adquirir seu pedaço de terra e trabalhar nas fazendas, como parceiros, dividindo a produção com o fazendeiro; tal momento difere do segundo, em que se optou pelo sistema de imigração subsidiada e regime de trabalho assalariado, sendo possível haver fazendeiros que reservavam uma pequena extensão de terra ao imigrante o qual poderia desenvolver, no tempo cabível, roça ou pequena criação de animais para a sua subsistência.

O autor destaca, ainda, o momento de aumento do processo imigratório após a abolição da escravidão no Brasil, no ano de 1888. Em tal época, a mão de obra escravizada foi sendo substituída gradualmente pelo trabalho de imigrantes europeus e um dos países que mais contribuíram foi a Espanha, que, assim como outras nações europeias da época, passava por crises internas, em virtude da perda de colônias na América, de problemas climáticos, guerras internas e fora do país, além de sofrer com um alto índice de mortes de jovens que iam lutar nas colônias espanholas. Dentre todas as regiões espanholas, a zona que compreende a Andaluzia, no sul da Espanha, era uma das que mais sofriam com a crise da época, sendo justamente daí o maior índice de saída de pessoas, até por também ser uma região pobre de potencial agrícola limitado, com muitos

morros e muitas rochas.

Uma síntese da problemática política e econômica pode ser encontrada em Gattaz (2014), transcrita a seguir:

Em 1895, iniciou-se a Guerra de Cuba; três anos depois, a Espanha perdia a ilha, assim como Porto Rico, Filipinas e Guam, suas últimas colônias ultramarinas. [...]; “os espanhóis viram-se obrigados a considerar-se um país europeu pobre com poucos recursos”. [...]Marrocos, porém, oferecia uma nova possibilidade de império e em 1904, com o tratado hispano-francês, aumentou-se o esforço para dominar a área, cujas minas de ferro atraíam a Espanha. (p. 27).

Cabe agregar que, para o Estado espanhol, a emigração poderia ser uma saída para minimizar a densidade demográfica e o elevado índice de pessoas desempregadas e em condição de pobreza. Neste sentido, pois, o governo conseguiria maior controle sobre as manifestações populares em face das insatisfações sobre as políticas autoritárias.

Com relação a questões cronológicas relacionadas à imigração espanhola no Brasil, segundo Martins (1989), a partir do ano 1905, a imigração espanhola especificamente no Estado de São Paulo passa a ser a de maior número, considerando que a italiana predominava até então e passou o imigrante italiano a voltar a seu país e/ou reemigrando a outras países como Argentina e Uruguai. Neste sentido, em termos numéricos, “a imigração espanhola predominou sobre a imigração italiana de **1905 a 1919**, no Brasil, e de **1905 a 1920**”. (Martins, op.cit, p.7).

Já concernente ao perfil dos imigrantes espanhóis, algo que já antecipamos no capítulo 1 em relação às ocupações no país de origem, Martins (op.cit, p.10) cita que, em 1904, um jornal editado na capital paulista declarava que a colônia do Estado de São Paulo seria a mais pobre de todas e que se achava composta de “humildes trabalhadores braçais”. Neste sentido, contrapondo-se ao que foi vivenciado inicialmente pelo imigrante italiano que encontrava condições melhores para o colonato, o colono espanhol desparou-se com poucas oportunidades pois já havia número considerável de imigrantes de outras nacionalidades ocupando várias regiões, passando, nesse sentido, a comumente receber salário insuficiente para a sobrevivência da família, o que fez com que, em um primeiro momento, os imigrantes espanhóis no Brasil fossem os mais pobres e de menor mobilidade social.

Outra característica citada tem a ver com o fato de que a mão-de-obra espanhola costumava ser pouco diversificada ou pouco qualificada; nesses termos, não só se trata de um contexto adverso ao imigrante espanhol, mas também se tornava mais difícil em virtude de estarem preparados de modo insuficiente para as oportunidades que

surgiriam.

Como complemento a esta informação, Martins (1989) lembra que foi comum a identidade do imigrante espanhol acabar não se mantendo tão fortemente a exemplo do que aconteceu com a japonesa. Para o autor,

Este foi, provavelmente, com o português, o imigrante mais facilmente assimilado, coisa que não ocorreu com o italiano na mesma intensidade. O espanhol desapareceu na sociedade brasileira praticamente sem deixar sinal. Nem mesmo ficou a memória dessa diferença, que existiu um dia e durante um certo tempo. (MARTINS, op.cit, p.12)

Dentre o período estudado pelo autor (1905-1920), existiam quinze periódicos em língua espanhola publicados em São Paulo dos quais restam pouquíssimos registros, sendo possível encontrar apenas três do começo do século XX dos quais não haveria mais do que dez exemplares nos arquivos e bibliotecas na capital paulista. Além disso, não haveria

“relatórios, crônicas de viagem de autoridades espanholas, escritores, jornalistas, missionários, como há em abundância, em relação a outros grupos nacionais, particularmente o italiano, ricos em informações sobre as condições de vida dos imigrantes. Mesmo os jornais de língua espanhola trazem muito pouca informação sobre o imigrante espanhol no Brasil. "El Diario Espanol", por exemplo, limita-se a reproduzir e publicar notícias de acontecimentos ocorridos na Espanha.” (MARTINS, op.cit, p..12)

Nesse sentido, segundo o autor, o fato de haver poucas informações pode indicar que as autoridades consulares espanholas tinham pouco interesse pelos espanhóis no Brasil e, especialmente, a imigração espanhola no Brasil talvez não fosse pauta de qualquer projeto político-econômico, diferentemente do que ocorria com a Itália, cujo governo, sobretudo na época fascista, buscou constituir no Brasil uma potencial colônia econômica.

Em relação ao ponto de vista do governo espanhol, por sua vez, Dias (2017, p.27) entende que a emigração seria, ao menos temporariamente, um ativo no sentido de minimizar a densidade populacional e o desemprego, bem como uma forma de impedir que houvesse eventual levante popular em função dos problemas vivenciados naquele país, sobretudo entre fim do século XIX e início do século XX. Emigrar, seria, nesse sentido, um verdadeiro ato de protesto às intempéries socioeconômicas e políticas havidas na Espanha de então. Assim, para Dias (op.cit) a consequência da emigração massiva da Espanha, foi, no fim das contas, algo que gerou um vazio populacional, já que tal fato afetou sua estrutura demográfica (fecundidade, mortalidade, mercado matrimonial, etc), embora se afirmasse na Espanha que a saída de conacionais espanhóis teria sido um

escape necessário para a pressão demográfica que havia no fim do século XIX.

Seja como for, nas primeiras décadas do século XX, houve fatos que repercutiram no processo imigratório espanhol.

Inicialmente, no que diz respeito à Espanha, houve um decreto do governo em 1910 contra emigração de seus conacionais, em virtude de supostos maus tratos ou condições indevidas para o trabalhador espanhol no Brasil. Contudo, tal decreto, segundo Dias (2017, p.33), pouco surtiu efeito porque muitos espanhóis entraram no Brasil através de entradas clandestinas. Já em relação ao Brasil, dois fatos repercutiram na quantidade de ingresso de espanhóis no país:

- a partir de 1930, quando há a diminuição do subsídio à imigração devido tanto à crise econômica de 1920 como a Guerra Civil Espanhola, coincidindo com o início do regime franquista que também proibia a saída de espanhóis do país e a perseguição contra os que se opunham a seu governo;

- na década de 1940, quando se restringe a imigração espanhola em virtude da suposta ameaça comunista-anarquista dos que vinham ao continente americano.

Um último dado é de que, conforme Dias (op.cit, p.34), “mesmo que os espanhóis tenham sido, em certa medida, um grupo de fácil assimilação cultural e desejável diante do projeto de branqueamento da nação, suas associações foram alvo de repressão”.

Ainda a respeito deste processo inicial de imigração em Sorocaba, após pesquisa no Gabinete de Leitura Sorocabano, biblioteca mais antiga desta cidade, encontramos e disponibilizamos, a seguir, trecho de estatuto da sociedade de imigração em Sorocaba⁵⁸, fundada em 25 de janeiro de 1885 e cujos objetivos incluíam auxiliar a imigração europeia para o Brasil, além de promover por todos os meios ao seu alcance a introdução de colonos em Sorocaba e utilização dos elementos de trabalho já existentes nele, bem como, quando possível, auxiliar no processo inicial de ingresso em Sorocaba, recepção, colocação, dentre outras funções.

⁵⁸ Vide anexo V o Estatuto da Sociedade de Imigração de Sorocaba.

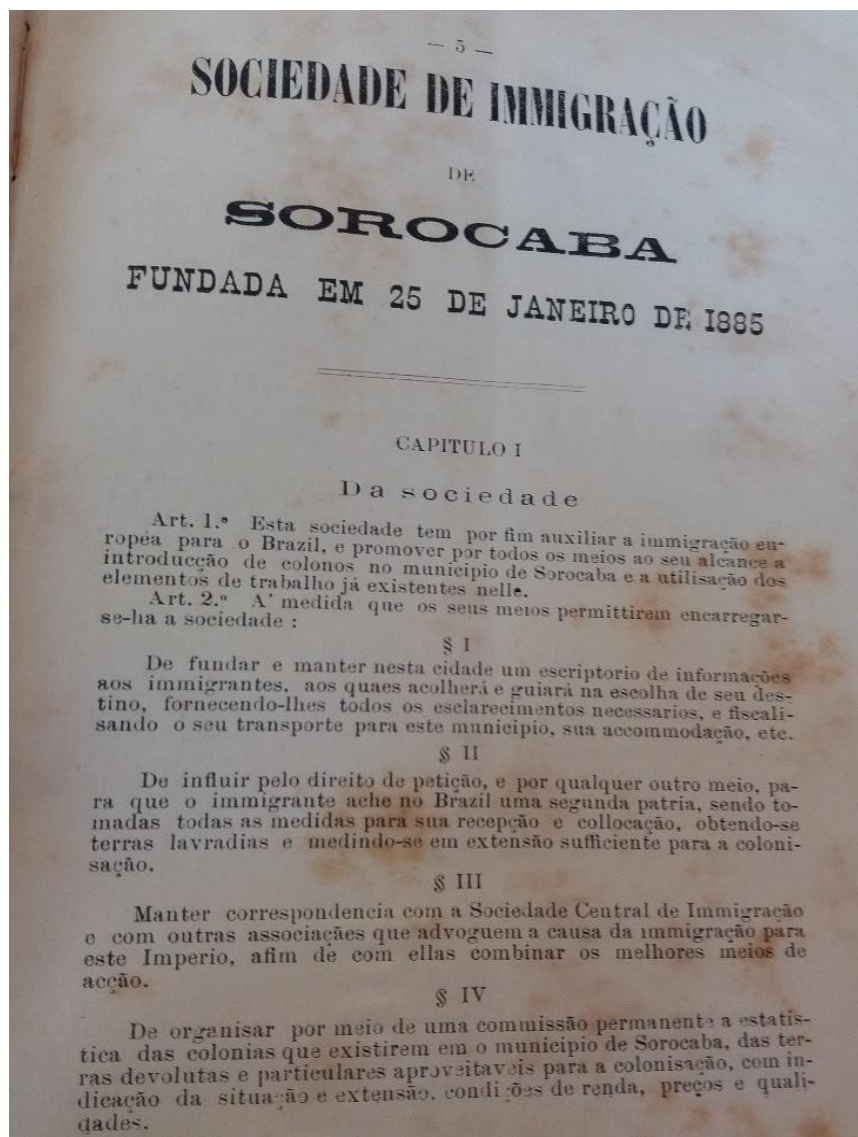


Imagem 18: Extrato de Estatuto de Sociedade de Imigração em Sorocaba.

Um dado que reforça a criação desta Sociedade de Imigração, conforme Oliveira (2002), é o primeiro registro documentado de espanhóis em Sorocaba ter sido no ano de 1885, mesmo ano de criação da Sociedade de Imigração, quando chegava Antônio Rodrigues para trabalhar na fazenda do cel. José Ferreira Prestes - Nhonhô Prestes – onde funciona atualmente o Parque Municipal “Quinzinho de Barros”, terras de onde se expandiria, mais tarde, o bairro do Além Ponte.

Ainda sobre esta presença de imigrantes, citamos a reportagem, trazida à baila por Oliveira (2002), de 9 de janeiro de 1929, no jornal “Cruzeiro do Sul”, de Sorocaba, quando se noticiou a existência da colônia mediante um telegrama recebido pelo representante consular na cidade, Miguel Martins Molina, enviado pelo cônsul geral,

conforme se vê abaixo:

“Sr Agente Consular de España-Sorocaba, Tengo sentimiento participar a usted y colonia fallecimiento reina madre Maria Cristina, ocurrido madrugada dia seis. Pabellón deve izarse meia asta dia catorze actual. Consul Geral (Sr. Agente Consular da Espanha-Sorocaba”.

Outro registro citado por Oliveira (2002, p.36) foi o fato de o representante consular em Sorocaba, Miguel Molina, em seção livre publicada no Jornal Cruzeiro do Sul, em 15/08/1937, refutar pronunciamento feito por Domingo Rex, contra o regime franquista, concluindo que: “Sorocaba cuenta, actualmente, con 12 mil españoles, que muy bien podrían dar un fuerte contingente de milicianos maduros e experimentados en luchas pátrias que en campos de batalla...” (...)

Sobre o que havia de indicação e processo de inserção em Sorocaba, Oliveira explica que os espanhóis vinham diretamente à cidade, mediante o chamamento de parente ou um fazendeiro, que se responsabilizava por eles, ou vinham espontaneamente a Sorocaba para se radicar, após o vencimento dos seus contratos de trabalho, nas fazendas de café. A escolha por Sorocaba foi em virtude de, entre outros fatores, ser uma cidade próspera no período mais intenso da imigração, bem como uma das cidades que mais se industrializavam no Brasil, no final do século XIX e, portanto, apta para assimilar a mão-de-obra das famílias espanholas. Posteriormente, já havendo bastantes imigrantes em Sorocaba, este próprio fato se tornou mais um motivo de atração para os compatriotas virem, sejam parentes, conhecidos ou oriundos das mesmas cidades das famílias espanholas naquela cidade, contato facilitado intensamente pela Estrada de Ferro Sorocabana.

3.2.3. Que dizem os descendentes acerca das motivações, origens e inserção inicial dos espanhóis em Sorocaba

Uma maneira de ilustrar o percurso inicial dos espanhóis em Sorocaba é partir do que disseram os participantes de nossa pesquisa. Para tanto, vamos nos basear em algumas respostas que foram dadas à pergunta prevista em nosso roteiro de entrevistas, ou seja, qual a razão que fez espanhóis saírem de seu país e virem ao Brasil e, mais especificamente, Sorocaba. Diante deste quesito, houve respostas com detalhes diferentes, porém com um eixo em comum: dificuldades de ordem política e econômica vividas na Espanha do final do século XIX ao início do século XX.

Sendo assim, a partir de agora, expomos trechos de relatos dos participantes acerca da vinda dos imigrantes espanhóis ao Brasil. Cabe informar que a descrição deste

tema ocorria, geralmente, na primeira metade das entrevistas que realizamos, momento em que buscávamos conhecer um pouco melhor a história familiar do participante que entrevistávamos e entender o modo como sua família se inseriu na colônia espanhola. Diante desta pergunta, naturalmente, o maior detalhamento veio em função daqueles que tiveram ou maior convivência com seus ascendentes espanhóis ou cuja história familiar tinha sido bem transmitida ao longo das gerações. Neste sentido, os filhos mais velhos, no caso, e o único nativo que entrevistamos, é que deram respostas mais precisas acerca do que perguntávamos.

Dentre as causas de saída dos espanhóis ao Brasil, segundo os participantes da pesquisa, encontram-se 4 principais que são o resumo da maioria dos imigrantes espanhóis e mesmo de outras nacionalidades em relação à sua vinda ao Brasil:

1) evitar participar de alguma guerra ou ir para o exército ou de que seus filhos fossem convocados (1ª ou 2ª Guerra; ou Guerra da perda colônias como Marrocos, Guerra Civil Espanhola);

2) buscar melhores condições de vida, em função do empobrecimento da região de origem ou da falta de empregos;

3) atingir ambições pessoais como serem mais ricos ou trabalhar em setores mais rentáveis, conforme, também, a propaganda exagerada que chegava a eles de que, no Brasil, era fácil ficar rico; e

4) fugir de perseguição política como por parte da ditadura franquista ou em função de serem de alguma atuação que gerava represálias, como é o caso de militantes do anarquismo ou do comunismo.

Em relação às referidas causas, observemos o que nos dizem alguns dos participantes de nossa pesquisa aqui referidos por códigos para manter o seu anonimato.

- Causas da saída da Espanha

*E eles tiveram que vir embora, logo, porque o meu... o meu avô tinha os filhos e **ele ia perder pro exército**. Porque eles tavam com 17 anos (...) Então, o meu avô falou: “Eu não vou perder os meus filhos pro exército, eu preciso deles”, não é? (...) Então, eles vieram pra cá por causa do, do exército, que iam ter que servir o governo, lá.*
(M.C, Filha, 83 anos, linhas 41-49, página 32, vol. 2)

*O meu vô veio mais por conta do, como é que chama, a revolução que teve na Espanha (...) **Teve a Guerra** e ele acabou tendo que sair de lá pro Brasil. (...) A **vida era muito difícil** lá. (...) Meu pai fala que é por causa que eles tinham medo de meu avô **ter que ir pra Guerra**. Então, eles saíram de lá, mas não sei se era a Guerra Civil. (...) **É, ele tinha mais de 18...***
(Ce, Neto, 57 anos, linhas 38-42, página 54; linhas 59-60, página 55, vol. 2)

*Já o meu avô materno, ele veio forçado. Na época é... **teve a guerra**, o meu bisavô veio pra Argentina com o **intuito de ficar rico**. É... Ficou sete anos na Argentina, não ficou rico, acabou migrando pro Brasil, que foi, naquela época que teve oportunidades, né? (...)Estavam chamando as pessoas pra trabalhar. (...)Porque não teve alternativa, né. A mãe veio, vendeu tudo, ele teve que vim, e também fugindo da Guerra, 1914. (...)Três meses antes de começar a **Primeira Guerra**. Então, ela veio, também, com esse **medo de eles serem alistados**, né.*

Como se pode verificar sucintamente nos trechos acima, na memória dos imigrantes ou dos seus descendentes, as motivações se encontram prioritariamente em evitar a guerra, seja ela a primeira guerra, a guerra civil ou as guerras junto às ex-colônias espanholas e, conseqüentemente, a provável morte dos jovens que tinham que se alistar. Além disso, eventualmente, a intenção se pautava em buscar melhores condições de vida, ou seja, não mais viver na pobreza e, eventualmente, ficar bastante rico seguindo o lema muito comum na época “Hacer América”, isto é, ficar rico na América, sobretudo no Brasil.

*A história ... do meu avô termina com a frase: “**Yo voy a América para hacer la América**”. E desceu, aqui, no Brasil. Um terninho de veludo... (...)E aquelas malonas e “**mucha gana de vencer en la vida**”.*
(G.R, Neto, 74 anos, linhas 29-33, página 299, vol. 2)

*Vieram porque, **na guerra**, e aquelas coisas da Espanha ... O tempo não tava bom... **Tava escassas**, eu acho, que **as coisas**... Tava uma situação ruim. E eles **não tavam vivendo mais com aquela mordomia que eles tavam acostumado**. (...) Então, o meu ... **achando que aqui, no Brasil, era pegar o dinheiro com uma pá e**, depois, ir embora, porque a intenção do estrangeiro era essa...*

- Origens geográficas dos ascendentes dos participantes

Em relação aos participantes com os quais tivemos contato, a partir da pergunta inicial nas entrevistas sobre onde residem atualmente, ou, ao longo das entrevistas, onde residia sua família, encontramos predominância urbana tanto na origem como na moradia atual, seja em pequenas cidades próximas a Sorocaba, em um momento inicial da vida, seja na própria Sorocaba, após a saída de Santos de onde saíam para as fazendas em direção ao interior paulista. Quanto à região de origem espanhola, predominaram os que vieram da província de Granada, cuja variedade linguística parece ter predominado na colônia sorocabana quando comparamos os registros lexicais dos descendentes com o que costuma estar presente em regiões da Andaluzia, como veremos posteriormente. Em segundo e terceiro lugares, as províncias de Almeria e Málaga, seguindo a origem de outras regiões como o centro espanhol (Castilla La Mancha), o nordeste espanhol (Múrcia), o norte da Espanha (Galícia), outra região andaluza (Cádiz), o leste espanhol (Extremadura). Ou seja, seguindo a tendência apontada por estudos como

Oliveira (2002) e Cánovas (2009), houve a predominância da imigração andaluza e, por extensão, dos falares marcantes dessa região, o chamado *andaluz*.



Imagem 19: Registros de localidades na Andaluzia citadas nas entrevistas por parte dos participantes ao tratarem de entes familiares. Obs: Há casos de mais de um registro por participante e informantes que não citaram o que resultou em mais de 40 registros, superando o total que entrevistamos.

Província de Granada	Província de Almeria	Província de Málaga	Província de Cádiz	Outras regiões
Granada, capital (4 registros)	Almeria, capital (7 registros)	Málaga (4 registros)	Não citação da cidade exata (1 registro)	Centro espanhol (5 registros)
Murtas (3 registros)	Abla (1 registro)	Alhaurín el Grande (1 registro)		Murcia (3 registros)
Almuñécar (2 registros)	Adra (1 registro)			Galícia (2 registros)
Albuñol (1 registro)	Húercal-Overa (1 registro)			Extremadura (1 registro)
Graena (1 registro)	Olula del Río (1 registro)			
Ítrabo (1 registro)	Pechina (1 registro)			
La Rábida (1 registro)	Pulpí (1 registro)			
Narila (1 registro)	Serón (1 registro)			
Órgiva (1 registro)				
Velez Benaudalla (1 registro)				
16 registros	14 registros	5 registros	1 registro	11 registros
TOTAL: 47 REGISTROS COM PREDOMINÂNCIA DAS PROVÍNCIAS ANDALUZAS DE GRANADA E ALMERIA				

Tabela 17: Origem familiar segundo a resposta ao questionário.

- Percurso inicial do ingresso de imigrantes no Brasil

Outro questionamento que fizemos durante a entrevista, mais especificamente, na parte inicial em que buscávamos conhecer dados da história familiar dos participantes, foi acerca de como foi o momento inicial dos seus ascendentes no Brasil, isto é, por quê, de que modo e a partir de quê ou quem chegaram a se fixar em Sorocaba.

Diante disto, os participantes declararam que a vinda de seus parentes espanhóis costumava ocorrer a partir de indicação ou de algum contato prévio. Também, eventualmente, vinha ao Brasil um ou outro parente de maneira isolada e, quando o imigrante se estabelecia minimamente, chamava os demais para tentar a vida ou ajudar no trabalho. Após esse contato e terem aportado em Santos, os imigrantes costumavam ser dirigidos a cidades pequenas do interior paulista iniciando o trabalho na agricultura e, em dado momento, por acaso ou mediante alguma indicação, iam a Sorocaba por crerem que as condições de trabalho eram um pouco melhores e porque havia já uma concentração razoável de espanhóis, situação que os ajudavam a se sentirem acolhidos ou fazendo parte de uma coletividade. Após um certo tempo de trabalho e, a partir de um modo de agir bastante econômico, conseguiam progredir a ponto de comprar mais bens e, por extensão, se fixar de maneira permanente na cidade e propiciar condições melhores e maior escolaridade para as novas gerações.

Vejamos o que nos dizem os relatos, a seguir:

*E eles já tinham um destino, já tinham gente pra cá (...) Já vieram pra cá porque eles já/já conheciam pessoas que tinham vindo antes, entendeu? Pra Caputera⁵⁹, e depois, aí vieram se aproximando até chegar aqui. É... Passaram por mais, acho que mais um lugar, que é na Caputera, aqui na perto do Vinte e Cinco⁶⁰ e, depois, chegaram aqui. (...) **Plantaram cebola.** (...) Eu acho que **teve (muita luta).***
(Cr, Neto, 36 anos, linhas 23-34, página 135, vol. 2)

*F.E.: Quando **chegavam ao Porto de Santos**, eles eram **destinados pra fazenda**, Ribeirão Preto, Presidente Prudente. No caso do meu avô, foi pra Agudos, outro, pra São Manuel. Mas, **depois**, se ... **foram se juntando outros**... Aí, em **Sorocaba** e região, aqui, era onde que **houve mais espanhóis foi aqui** (...) Então, eles passavam a trabalhar (...) na **lavouira de café** (...) E os (...) fazendeiros prometiam que (...) podiam plantar feijão, abóbora, melancia, aquela coisa... Quem quisesse plantar podia... E, assim, eles faziam essas plantações e ganhava, um dinheiro mais (...) **E, quando ganhavam um dinheirinho, aí comprava um sítio** (...) O meu avô foi um dos que compraram o sítio. Depois, o meu avô se meteu com o café ... No terreiro de café, aí, ele plantou laranja (...) Aqui, foi muito rico, no entanto.*
(F.E., Filho, 81 anos, linhas 10-13; 16-29, página 276, vol. 2)

⁵⁹ Caputera: bairro ou setor presente na região rural de Sorocaba, próximo a Brigadeiro Tobias.

⁶⁰ Vinte e Cinco: outra zona rural da região metropolitana de Sorocaba, próxima a Caputera.

*M.: Eles vieram ... porque já tinham/meu irmão mais velho já tava aqui. (...) Então, nós viemos **aqui direto** porque... nós **não viemos chamados por ninguém**. (...) Aqui, no Brasil, vieram, aqui, viemos/viemos pra roça.*

(M., Nativo, 98 anos, linhas 15-17; 36, página 610, vol. 2)

Nos trechos observados, vemos alguns dos elementos mais recorrentes nas entrevistas, isto é, o fato de que era comum haver indicação prévia aos imigrantes, o que facilitava em parte sua inserção no país e como, gradualmente, iam passando de cidades pequenas para maiores, como Sorocaba, principalmente, e ascendendo economicamente aos poucos, com muito trabalho e economia. Tal cenário iria favorecer, com o tempo, as oportunidades de vida dos descendentes que surgiriam depois, como a oportunidade de melhor escolaridade, haja vista que a maior parte dos participantes que entrevistamos, inclusive, filhos com mais de 70 anos de idade, apresentava formação superior e esteve estabelecida em algum emprego formalmente, portanto, não mais ligada a atividades dos primeiros imigrantes, normalmente agricultores, mas atuando como advogados, pequenos e médios empresários, professores, contadores, etc.

3.2.4. Que dizem as fontes primárias do início do século XX acerca da situação da Espanha e seu processo de emigração

Cabe-nos, pois, agora, discorrer sobre o quanto jornais do passado, escritos em espanhol e publicados no Brasil, especificamente na capital paulista⁶¹, apresentam, de um lado, as demandas e contexto político e social da Espanha e como se justificaria sua saída em prol de uma vida melhor e, de outro, sobre o encontro dos imigrantes com a sociedade paulista em um momento inicial.

3.2.4.1. Primeiros anos do século XX

A Espanha dos finais do século XIX a início do século XX passava por uma série de problemas comuns à Europa da época, mas também específicos e bastante sérios. Naturalmente, como era de se esperar, o meio jornalístico iria retratar todo esse panorama de algum modo, em que pese, em algumas circunstâncias, haver perseguição em virtude de questões políticas, como no caso da repressão do governo do ditador espanhol,

⁶¹ Salientamos que o foco de análise acabou sendo periódicos espanhóis que eram produzidos na capital paulista em virtude de não termos encontrado jornais elaborados pela colônia espanhola de Sorocaba. Contudo, alguns desses periódicos paulistanos, segundo o que se apresentou em seu conteúdo, circulavam em Sorocaba, uma vez que enfocavam questões particulares de sua comunidade de imigrantes espanhóis.

Francisco Franco, a partir do final dos anos 1940.

Sendo assim, iremos observar, neste momento, alguns registros jornalísticos feitos no Brasil pela colônia espanhola sobretudo da capital paulista, cuja efervescência cultural foi bastante intensa durante a primeira metade do século XX. Informamos que tais jornais, em sua maioria, foram acessados a partir da Hemeroteca Digital Brasileira hospedada no site “memoria.bn.br” e do Museu da Imigração de São Paulo, em seu site “museudaimigracao.org.br” e cuja versão física se localiza na Rua Visconde de Parnaíba, 1315, Mooca, São Paulo, capital.

No início do século XX⁶², circulava em São Paulo e, eventualmente, divulgados em cidades com concentração espanhola no interior paulista como Sorocaba, Boituva, etc, dentre outros periódicos, um jornal chamado “La Voz de España” com viés mais crítico às problemáticas e aos dirigentes espanhóis à época. Na edição do dia 7 de janeiro de 1904, por exemplo, na seção “Ecos de la pátria”, aquele jornal expõe alguns fatos ocorridos em dezembro de 1903 no sul espanhol, reportados por correspondentes da cidade de Albuñol, província de Granada. Divulgavam esses correspondentes que aquela cidade sofria uma situação crítica, já desde 1884, em virtude da praga da filoxera⁶³ que tinha destruído vinhedos e cuja consequência, naquele ano de 1904, foi a impossibilidade de manutenção dos agricultores que se viam obrigados a emigrar a países próximos como Argélia, por exemplo. Outro problema descrito na reportagem foi a falta de chuvas no inverno anterior, o que foi fatal para colheita de cereais bem como escassez de amêndoas; é o que se lê, abaixo:

La escasez de lluvias en el invierno anterior, que destruyó aquí las cosechas de cereales, é hizo muy escasa la de almendra; y la sequía del otoño actual, que apenas ha permitido verificar algunas siembras de semillas, tienen paralizadas las faenas agrícolas y en huelga forzosa, por lo tanto, á los pobres trabajadores, que se ven en la disyuntiva de emigrar ó perecer de hambre.⁶⁴

⁶² Segundo pesquisa nossa no <https://museudaimigracao.org.br/acervo-e-pesquisa/acervo>, houve entre 1899 e 1940, ao menos 7 periódicos em língua espanhola que circulavam em São Paulo: “El Grito del Pueblo” (edição de 1899); “La Iberia” (edições de 1894 a 1896); “Boletín de la Sociedad Española” (edições de 1898 a 1902); “La Voz de España” (edições de 1900 a 1908, que depois se tornaria Diario Español); “La Tribuna española” (edições de 1902 a 1904); “Diario español (edições de 1899 a 1924), e “Gaceta Hispana” (edição de 1936).

⁶³ Espécie de besouro que atingiu, como praga, vários países da Europa de meados a fins do século XIX, sobretudo na cultura vinícola.

⁶⁴ In: “La Voz de España”, n. 188, Ano V, 07/01/1904. “A escassez de chuvas no inverno anterior, que destruiu aqui as colheitas de cereais, e fez escassear a colheita de amêndoa; e a seca do outono atual, que só deixou de resto semeadura de poucas sementes, acabou paralisando as atividades agrícolas e forçando a folga, portanto, dos pobres trabalhadores, que se veem na obrigação de emigrar ou perecer de fome”. (Tradução nossa)

Seguindo com a descrição da situação desoladora da região, a reportagem ainda registra as perdas econômicas geradas pela seca em outras cidades como Motril e Carchuna, onde fortes ventos quentes queimaram pés de tomates, acabando por completo a colheita, além da consequência deste prejuízo ambiental, ou seja, o desespero de muitos trabalhadores diante da falta de trabalho e da fome.

Poucos anos depois, em longo texto, outro jornal expunha o outro lado da moeda, isto é, a situação favorável vivenciada já pelos imigrantes espanhóis no Brasil. Tratamos do periódico “Diario español” que, da mesma forma que o “La voz de España”, circulava em São Paulo na primeira metade do século XX, porém tendo alcance mais amplo que a capital paulista. Neste sentido, trazemos à baila reportagem do dia 24 de novembro de 1911, ano XIII, n. 950, cujo título era “La riqueza de Brasil y su constante desenvolvimiento”. Em tal edição, expunha-se um histórico de como o Brasil estava se desenvolvendo desde a década de 1860 em virtude da ciência ter auxiliado no aumento do bem-estar e no desenvolvimento de riquezas, sendo essencial nesse sentido o papel dos trens a vapor, da eletricidade nas indústrias e da descoberta de novas aplicações da química, os quais, em conjunto, tornaram o século XIX época incomparável em relação a momentos anteriores.

No que tange à Espanha, o jornal afirma que este país também recebeu elementos do progresso gerados pela ciência, porém isso tendo se dado de maneira lenta ou pouco visível, não em virtude da “decadência da raça ou desdém por novos métodos científicos”⁶⁵, mas por “carência de paz necessária para aproveitá-los”⁶⁶ Ou seja, em virtude da pobreza que a Espanha sofreu, além das várias guerras contra Inglaterra, França, visando recuperar colônias na América e na Oceania, ou mesmo contra africanos, a visão era de que a Espanha acabou ficando arrasada em face do sofrimento vivido pelo seu povo e sem poder aproveitar as novas descobertas que surgiam tal como acontecia com outras nações.

Seguindo a mesma perspectiva de, ao mesmo tempo, justificar as dificuldades espanholas e as vantagens do Brasil, o texto segue destacando o fato de que aquele país europeu, diferentemente dos países onde a relação entre tecnologia e bem-estar social se efetivava melhor, não tinha a mesma sorte; na verdade, o eventual progresso obtido naquele país, mesmo que tardiamente, segundo o jornal *Diario Español*, teria advindo muito mais pelo fato de seus cidadãos serem verdadeiros heróis no modo como lidaram

⁶⁵ In: *Diario Español*, 24/11/1911, edição 950, pág.1, ano XIII.

⁶⁶ *Idem*.

contra as adversidades sem se deixarem abater.

Seguindo a oposição aos críticos da Espanha, o jornal diz que dentre os críticos há os que não se pautam em “fatos históricos” ou que não “raciocinam com lógica” de modo que, por isso, não teriam direito de acusar a Espanha de “ociosidade”, “vadiagem” ou “incapacidade” por não se encontrar em lugar mais elevado.

Na continuação, o texto se dedica a falar mais especificamente do Brasil e de como este estaria prosperando de maneira supreendente haja vista seu grande esforço de trabalho, sobretudo no Estado de São Paulo, sua expressão mais “rica e brilhante” e que, por isso, “merece sua glória e disfrutar dos primeiros frutos de seu progresso”. Daí se fala, como se pode ver no anexo VI (Publicação do Diariio Español de 24/11/1911), de maneira bastante elogiosa, o privilégio da presença do povo espanhol ter contribuído com seu trabalho para o progresso de vários países como o Brasil e cujo enriquecimento permitia mais facilmente tanto o desenvolvimento industrial, como aumentava sua importação de produtos estrangeiros, haja vista que a população podia consumir mais produtos externos.

3.2.4.2. Meados do século XX e a questão franquista

Sob outra perspectiva, mas ainda considerando problemas vivenciados pela Espanha ao longo de grande parte do século XX, o periódico “Democracia española”, que circulava em São Paulo nos anos 1950 e em cidades do interior paulista, expõe, na sua primeira edição de segunda quinzena de novembro de 1953, de maneira detalhista, inclusive com fotografias, os graves problemas que a Espanha ainda sofria, não necessariamente iguais aos do início do século, mas derivados da política opressora do general e ditador Franco, como a questão da perseguição e da opressão político-ideológica, o que contribuiu ou majorou problemas como a fome e a mendicância na Espanha, atingindo, mesmo, a infância, sobre a qual se fala abaixo mediante apelo de forte impacto social:

DOLOR DE LA INFANCIA ESPAÑOLA

Santiago de Compostela. – Un corresponsal de prensa de esta ciudad transmite el siguiente diálogo mantenido con unos niños que, descalzos, vestidos con harapos, ofrecían churros por las calles bajo la lluvia torrencial:

“ – Qué has desayunado? – Un trozo de pan. – Eso todos los días? – No, todos los días no hay pan. – Y qué comes a mediodía? – Caldo de arroz. – Y qué más? – Qué más..., respondió el niño con una sonrisa amarga.

- Meriendas?

El niño puso una cara enojada, porque esta pregunta le hizo dudar de si no me burlaba de él.

-Qué cenas? – Cuando hay, caldo de arroz.

Hablé después con una niña:

- Has desayunado? – No. – Tienes hambre? – Sí, pero más que el hambre de lo que me hace sufrir es el ardor en los pies.”

Tales son las condiciones en que viven decenas y decenas de millares de niños españoles. Sin alegría, lanados desde la más tierna infancia a la mendicidad, sin enseñanza, empujados en muchos casos por la desesperación y la miseria a la delincuencia y a la prostitución⁶⁷. (...) (In: **Democracia española**, segunda quincena de novembro de 1953, Ano 1, n. 1, p. 6)

Como notamos acima, é possível ver a partir de diálogo supostamente real, de maneira mais impactante e realista a problemática vivenciada na Espanha com destaque para a falta de respeito e de assistência para com a infância, fase na qual muitas crianças, em virtude da política adotada e situação vivenciada, estariam ingressando na mendicância, sem ensino formal a ponto de, por desespero, chegarem à delinquência e prostituição.

De maneira complementar, vejamos a reportagem intitulada “Ruína económica” seguida de fotos impactantes de várias pessoas, adultas e crianças, sofrendo, desde a mendicância, à falta de emprego, miserabilidade e morte, por estes motivos e por questões políticas, conforme se pode verificar nas fotos seguintes e suas respectivas notas:

⁶⁷ **DOR DA INFÂNCIA ESPANHOLA - Santiago de Compostela.** – Um correspondente de imprensa desta cidade transmite o seguinte diálogo mantido com unas crianças que, descalças, vestidas com farrapos, ofereciam churros pelas ruas sob uma chuva torrencial:

“ – Você jantou o quê? – Um pedaço de pão. – É só isso todos os dias? – Não, nem todo dia tem pão. – E você come o que ao meio-dia? – Caldo do arroz. – E que mais? – Que mais ..., respondeu o menino com um amargo sorriso.

- Você faz lanche?

O menino ficou com uma cara chateada, porque esta pergunta lhe fez duvidar se não estavam zombando dele.

-Você janta o quê? – Quanto tem, o caldo do arroz.

Falei depois com uma menina:

- Você tomou café? – Não. – Está com fome? – Sim, porém, mais do que fome, o que me faz sofrer é a ardência nos pés.”

Tais são as condições em que vivem dezenas e dezenas de milhares de crianças espanholas. Sem alegria, levados desde a mais tenra infância à mendicidade, sem ensino, empurrados em muitos casos pelo desespero e miséria à delinquência e à prostituição. (In: **Democracia española**, segunda quincena de novembro de 1953, Ano 1, n. 1, p. 6) (Tradução nossa)



Imagem 20: “Apesar das perseguições, vão ao corredor dos trens implorar caridade”. In: **Democracia Española**, nov. 1953, p.4. (Tradução nossa)



Imagem 21: “Os meios atrasados de cultivo fazem do campesino um escravo da terra que arrasta uma vida miserável e empobrecem a nação”. In: **Democracia Española**, nov. 1953, p.6. (Tradução nossa)



“NUEVAS CONDENAS A MUERTE”

Imagem 22: “Novas condenações à morte” (Tradução nossa)



Imagem 23: “A isto está condenada a infância espanhola”. In: **Democracia Española**, nov. 1953, p.6. (Tradução nossa)

Além do que vimos nas fotos, em outro momento desta mesma edição do jornal *Democracia española*, no texto intitulado “Disparan contra los presos políticos”, percebemos o destaque a como, em cidades tais como Santander, na província de Cantábria, no Norte da Espanha, vários presos políticos do governo franquista sofriam condenações e, muitas vezes, provocações de carcereiros ou agressões físicas, ou seja, recebiam um tratamento desumano a ponto de sequer poderem receber cartas de seus parentes.

3.2.4.3. A propaganda de emigração ao Brasil e o percurso imigratório: de publicações de jornais a relatos dos informantes

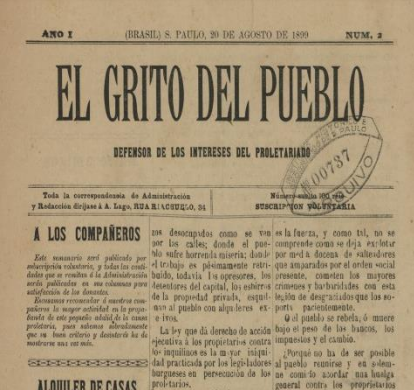
Ainda no escopo de publicações jornalísticas gerais em espanhol no Brasil do fim do século XIX à metade do século XX, houve uma grande variedade que tratou de temas os quais se tangenciam comumente, segundo o que consultamos. Neste sentido, recorramos a algumas publicações disponíveis no site do Museu da Imigração de São Paulo (<http://www.inci.org.br/acervodigital/jornais.php>) e no site da Hemeroteca Digital Brasileira (<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>).

No estado do Rio de Janeiro, circularam, ainda no século XIX, ao menos três publicações com proposta que incluía discussões essencialmente literárias, a exemplo do jornal “Brasil-Hespanha-Portugal”, com escritos em português e espanhol, cuja publicação encontrada datava do ano de 1881; além deste, outro periódico é o “La abeja”, de 1868, cuja abordagem tematizava questões políticas, agriculturas, artísticas, econômicas e de socorro mútuo; na mesma linha, houve o periódico “La bandera española” voltado para a defesa dos interesses da colônia espanhola no Brasil, datado do ano de 1891.

Já no início do século XX, além dos editados no Rio de Janeiro, acessamos o periódico “La voz de España: semanário defensor de los intereses de su colonia en el norte del Brasil”, cujo nome identificava sua proposta. Deste jornal encontramos publicações dos anos de 1901, 1905, 1906 e de 1907.

No que diz respeito ao Estado que concentrou o maior ingresso de imigrantes espanhóis no país, isto é, São Paulo, pudemos verificar a existência de, ao menos, 10 jornais com enfoques diversos até metade do século XX, mas sobretudo econômicos, políticos e culturais em relação à presença espanhola no Brasil e em relação às políticas adotadas pelos dirigentes espanhóis e brasileiros; além disso, notamos alguns dos principais fatos que relacionavam os dois países e as principais dificuldades, demandas e apuros dos colonos espanhóis e seus descendentes. Dentre eles, no século XIX, encontram-se as seguintes publicações, por exemplo, contendo anos e edições citadas online:

Tabela 18: Capas de jornais ligados aos espanhóis e que circulavam no Brasil

Nome (Local: S. Paulo)	Capas (Imagens 24 a 33)	Período	Finalidade
<i>La Iberia</i>		1894-1896	-Política contra império espanhol, literários, registros sociais
<i>Boletín de la Sociedad de Socorros Mutuos é Instrucción</i>		1898-1902	-Preocupações econômicas de auxílio mútuo
<i>El grito del pueblo</i>		1899	-Defesa política dos mais pobres
<i>La voz de España</i>		1900-1908 (depois, se tornou Diário Español)	-Atividade de auxílio mútuo, oposição ao governo espanhol

<i>La tribuna Española</i>		1902-1904	-Comercial, notícias, literários, interesses gerais
<i>Diario español</i> (continuação do <i>La voz de España</i>)		1899 a 1924	-Comercial, eventos culturais, noticias
<i>Gaceta Hispana</i>		1936	-Notícias, telegramas, comercial, artístico-literários, turismo
<i>Diario Castellano</i>		1948	-Economia, cultural, sociedade
<i>Democracia española</i>		1953	-Defesa da coletividade espanhola contra os EUA e Ditador Franco, crítica social, arte e cultura, notícias, comercial

<i>La voz de España</i> (outro jornal)		1953	-Notícias, artístico-literários, cultura, tecnologia, comercial.

Neste momento, como forma de ilustração do processo de imigração, observaremos anúncios realizados à época por empresas privadas de navios que faziam o percurso entre Europa e América, bem como relatos dos participantes de nossa pesquisa partindo do que foi contado na família em relação ao porquê da saída da Espanha, à época desta saída e de como teria sido a viagem até o Brasil.



VAPORES CORREOS ESPAÑOLES
DE
Pinillos, Izquierdo & C.
(S. en C.) = CADIZ

Viaje inaugural de esta línea de navegación entre los puertos de ITALIA, FRANCIA, ESPAÑA, PORTUGAL, BRASIL y RIO DE LA PLATA

PRÓXIMAS SALIDAS

PARA EUROPA:	PARA EL RIO DE LA PLATA:
BALBANERA, en 30 de Abril	CADIZ, en 4 de Mayo
CADIZ, en 30 de Mayo	BARCELONA, en 4 de Junio
BARCELONA, en 30 de Junio	BALBANERA, en 4 de Julio

Imagem 34: Propaganda de viagem de emigração ao Brasil e outros países. In: “La voz de España”, n.406, página 4 19/03/1908, ano IX. In: <http://www.inci.org.br/acervodigital/jornais.php?pesq=1&nome=Voz+de+Espa%C3%B1a%2C+La%3A+organo+de+la+Colonia+Espa%C3%B1ola&idioma=&ano=&ano1=&Reset2=Pesquisar> ou <http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/jornais/VE19080319.pdf>

Nesta publicação, aqui recortada em uma parte, vê-se a datação e o percurso seguido pelos emigrantes na época que saíam tanto da Argentina (Balvanera) como de diferentes localidades da Europa para a própria Europa (saíndo de Cádiz, em seguida e, depois, Barcelona) ou o inverso, isto é, de Cádiz a Barcelona e, ao final, Argentina; mais especificamente, o percurso inicial era da Itália à França, depois, Espanha, Portugal, Brasil e finalizando com Argentina. Para comparar, coletamos, abaixo, um anúncio de um jornal que circulava em Granada (*El defensor de Granada*) no ano de 1912 que, da mesma forma, anunciava saídas para o Brasil e Argentina por parte da Companhia Austro-Americana e oferecendo escalas nas Ilhas Canárias, Rio de Janeiro, Santos e Montevideu, no Uruguai, e cujo registro segue abaixo, porém com visibilidade um tanto prejudicada. Notemos que, em tal anúncio, havia três classes econômicas (primeira, segunda e terceira), além de comida típica espanhola e devendo os viajantes pedir as vagas e

documentos de viagem com bastante antecedência na cidade de Almeria, localizada na Andaluzia.



Imagem 35:
Propaganda de
viagem de
emigração ao
Brasil, Uruguai e
Argentina. In: “El
defensor de
Granada”, n.15792,
01/06/1912, ano
XXXIV.

Acerca do processo vivenciado pelos espanhóis, neste momento, vamos utilizar registros de participantes nossos já que a questão da viagem feita pelos espanhóis foi um dos temas tratados nas entrevistas.

A, seguir, alguns registros dos participantes de nossa pesquisa a respeito da data de vinda ao Brasil de seus parentes espanhóis:

ALGUNS ANOS DE PARTIDA DOS IMIGRANTES AO BRASIL	
<i>Então, eles vieram em 1900, se eu não me engano. (CS, Neta, linha 42, página 208, vol. 2)</i>	<i>Chegaram em novembro, em novembro de 1911, atracaram em Santos. (Fl, 75 anos, Filho, linha 40, página 240, vol. 2)</i>
<i>Meu pai, nossa, nasceu em 1902. (...) (Veio em 1904) (JMo, Filho, 83 anos, linhas 43, página 439, vol. 2)</i>	<i>Então, eu tenho aqui o, o... vapor que os trouxe pra cá, em 1911... (M.L., Filha, 59 anos, linha 27, pág. 575, vol. 2)</i>
<i>Meu pai veio pra cá em 1906. (JE, Filho, 80 anos, linha 3, página 403, vol. 2)</i>	<i>Eles vieram em 1914... (...)É, foi antes da Primeira Guerra. (Ci, Neta, 40 anos, linhas 20-22, p. 80, vol. 2)</i>
<i>Eu acho que (vieram) anos/anos dez. (H.S., Filha, 71 anos, linha 9, página 168, vol. 2)</i>	<i>Meu pai nasceu em 1913(...) Eu acho que (...) 1915. (Ev, Filha, 77 anos, linhas 2-3, p.. 228, vol. 2)</i>
<i>(Vieram) Dia 15, o ano, o mesmo do dia. 1927. (G.L., Filha, 81 anos, linha 42, página 342, vol. 2)</i>	

Tabela 19- Perfil dos participantes

Como pudemos ver, de maneira ilustrativa, nos registros acima, tal como se pode constatar nos outros diversos relatos, a maioria dos espanhóis veio a Sorocaba, ao menos dentre as famílias cujos representantes entrevistamos, nas duas primeiras décadas do século XX, justamente, época de maior tendência de saída em geral, antes da Primeira Guerra Mundial.

Já em relação a outros elementos descritos pelos participantes, um primeiro

fato narrado que nos chamou a atenção foi que, não raro, embora o objetivo fosse o Brasil, eventualmente, os navios com imigrantes espanhóis não paravam no território brasileiro e seguiam direto para a Argentina ou, vice-versa. É importante destacar que o objetivo primeiro, para muitos espanhóis, era a Argentina de onde se supunham condições melhores de trabalho do que o Brasil, mas os imigrantes acabavam, por alguma razão, tendo que parar antes a viagem. Conforme os relatos abaixo feitos por “Ad” e “Jl”, além dessa questão em relação à mudança na trajetória da viagem, eventualmente, alguns vinham como clandestinos sem conhecimento mais específico do que aconteceria no novo país.

“Eles vieram meio fugido, né? (...) Dentro de um navio. (...) Vieram na aventura. Eu acho que eles chegavam no Porto. Eu sei que ele chegou primeiro no Porto de Santos. (...) Eu acho que alguma oferta que tinha pro lado da Argentina (...) Então, pra poder ir já, embarcou num outro navio e foram pra Argentina. (...) E, depois, eles voltaram no Porto de Santos” (Ad, Neto, 51 anos, linhas 37-39; página 5, linhas 31-38, página 7, vol. 2)

“Todos num navio e muitos dias, muito tempo e tal. Desceram no Porto de Santos. (...) Mas o destino não era o Brasil, era Argentina” (Jl, Neta, 35 anos, linhas 59-60, página 462, linha 2, página 463, vol. 2)

Outro elemento dessa trajetória descrita pelos participantes foi relativa às condições insalubres e perigosas das viagens que, além de demoradas, apresentavam riscos de doença e, quando morriam, eram jogados ao mar. É o que vemos nos relatos, a seguir:

“(Vieram) mais ou menos, em 1920. (...) Vieram da Espanha (...) 20 dias de navio (...) E ficavam doentes de... lá... e, às vezes, tinham que escolher se jogavam no mar” (Mc, Filha, 81 anos, linha 31, página 32; 13-15, página 29, vol. 2)

“Então, eu imagino que ou eles saíram ali bem do final da Espanha ou devem ter ido a algum porto, não sei se na França, não sei onde saíam navios, ali. Ela disse que atravessava esse canal e... diz que foi uma viagem longa e as pessoas morriam. (...) E diz que jogavam os corpos no mar. (...) foi uma viagem difícil, assim” (Mm, Filha, 58 anos, linhas 58-60, página 525, linhas 2-3, página 526, vol. 2)

“(Vieram) mil novecentos, vinte... Vinte e dois (...) Eles vieram num navio cargueiro. Eu achei que vieram num bem bom. Há pouco tempo, eu soube que eles vieram nesses cargueiros e tava uma bagunça. Era embaixo cheio de frango, era uma confusão esse navio. (...) Daí, o meu vô pediu pro comandante pra ver se ele podia dar uma reformada numa parte (...) mais os dois filhos mais velhos (...) reformaram essa parte do navio e (...) vieram mais confortáveis (...) só que a viagem tava longa e as comidas ficaram azedando... Foi comida pra água... Foi uma confusão (...)” (Iv, Filha, 66 anos, linha 60, página 361; 40-46, página 374, vol. 2)

“Os imigrantes espanhóis vieram nos porões (...) Eram carregados de piolho. Era uma imundície”
(Cn, Filha, 81 anos, linhas 33-37, página 107, vol. 2)

“1922, eles chegaram. Chegaram em vinte e dois. (...) Eles vieram quarenta dias, mal acomodados, se alimentando mal... Minha avó disse que passou mal metade da viagem, entendeu? Então, eram realmente heróis. Eu tenho grande admiração por eles.”
(Ro, Neto, 68 anos, linhas 38-41, página 682; 6-8, página. 683, vol. 2)

Nestes relatos acima, observamos registros referentes aos anos 1920, e aspectos relativos a todo o percurso adverso por que passaram os imigrantes que, muitas vezes, acabavam por morrer antes de chegar ao Brasil e, por conseguinte, gerando naturalmente traumas dentro das famílias, tanto para os parentes que ficaram na Espanha, como para aqueles que conseguiram sobreviver e chegar ao país-alvo, e cujas histórias, de algum modo, se mantiveram até hoje com os descendentes que evocam tal situação com nostalgia, idealização e respeito.

3.2.4.4. Sorocaba no século XX: alguns elementos histórico-culturais

Em relação ao século XX, Almeida (2001) aponta alguns pontos básicos que merecem menção. Registra-nos ele que o cinema, em Sorocaba, chega no ano de 1903 com a exibição no salão do Antigo Clube dos Aimorés, hoje, União Recreativo. O automóvel, por sua vez, começa a rodar na cidade em 1905, trazido por Lichtenfels Júnior. Ainda no transporte, Almeida (2001) cita a chegada do serviço de bondes elétricos em 1915, mesmo ano em que houve o primeiro contato da cidade com avião. Apenas em 1921, é que as ruas começam a ser calçadas com paralelepípedos. Em relação aos meios de comunicação, fala, também, das primeiras estações de rádio que foram inauguradas no ano de 1933, enquanto a televisão já começara a ser utilizada no ano de 1951, apenas um ano depois da primeira transmissão de TV no país, isto é, em setembro de 1950.

Fatos internacionais no começo do Século XX inevitavelmente influenciam a cidade de Sorocaba, já bastante integrada ao eixo comercial com São Paulo e com a imigração europeia. Nesse sentido, Almeida (2001, p.93) lembra de eventos como a Primeira guerra mundial e a gripe espanhola, que tiveram impacto na cidade de Sorocaba, durante os anos de 1914 e 1918, que, à época, vivia às custas das fábricas de tecidos, acabando, assim, por não poder mais exportar considerando que submarinos alemães

afundaram navios brasileiros.

Durante essa época, especificamente, no ano de 1917, houve uma intensa greve de operários em virtude de suas baixas remunerações, o que, por sua vez, desencadeou uma onda crescente de prejuízos, a ponto de o Banco União, que pagava os operários, ir à falência. Como fim trágico desse período, ainda houve a Gripe Espanhola a qual chegou no fim do ano de 1918 gerando muitas mortes e complicações econômico-sanitárias.

Na parte de industrialização entre o século XIX e XX, Almeida (2001) destaca a relevância da fábrica de banha do italiano Francisco Matarazzo, além das fábricas de tecido, Santa Rosália, de Frank Speers e George Oetterer, e Santa Maria, todas as quais de origem alemã. Tal aspecto industrial se expandiu mais consideravelmente depois da fundação da Companhia Light, por sua vez, construída após o surgimento da Usina de Itupararanga, em 1916, e o consequente aumento da oferta de energia elétrica para mover as máquinas. Em relação a tal vocação industrial, cabe menção, já bastante difundida em livros sobre a cidade, ao apelido de “Manchester Paulista”, associado à cidade inglesa que, da mesma forma que Sorocaba, tinha uma alta produção têxtil.

3.2.4.5. A “Sorocaba espanhola”: expressões da história social e da contemporaneidade

Oliveira (2002) nos lembra que, em Sorocaba, uma microrregião que se destacou na inserção dos espanhóis é chamada *Além Ponte*, ou, mais intimamente, conhecida como o “Bairro da Espanholada”, onde há, inclusive, vários elementos ligados ao âmbito espanhol tais como as ruas e bairros (Jardim Martinez, Morro do Garrido), os times de futebol (Clube Atlético Barcelona e Espanha), o cinema Eldorado, pessoas da região apelidadas ou conhecidas por Pepe, Paquito, Manolo, placas de estabelecimentos comerciais colocando nomes de famílias oriundas da Espanha a exemplo de Dominguez, Espigares, Moncaio, Galvez, Izquierdo, Cañas, dentre outros elementos.

Algo que nos chama a atenção na descrição de Oliveira (op.cit) é o tema da cultura e lazer: para este autor, é comum acreditar que não havia núcleos espanhóis atuantes como clubes, sociedades ou grupos de preservação dos costumes da terra em Sorocaba. Tal crença dialoga com o que Truzzi & Palma (2014) apontam, isto é, de que essa aparente apatia da expressão cultural espanhola teria ocorrido, provavelmente, em virtude de os espanhóis terem se integrado facilmente ao Brasil ou terem se mesclado

com a população daqui pelo casamento. Tal explicação poderia, talvez, ser ilustrada quando partimos para o que alguns dos informantes de nossa pesquisa declararam, mais especificamente, alguns descendentes diretos dos primeiros imigrantes espanhóis disseram. Isto é, para eles, nos idos de 1950 e 1960, as famílias espanholas eram mais apegadas às suas tradições, reuniam-se com mais assiduidade em entidades próprias, inclusive frequentando o mesmo teatro, o mesmo cinema, e havia hábito de manter a língua pátria no reduto do lar. Porém, com as primeiras gerações de descendentes brasileiros, acabara acontecendo progressivo distanciamento das origens, dentre outros aspectos, pela pobreza em que viviam e em virtude do preconceito que sofriam em relação às populações tradicionais, o que teria causado seu retraimento linguístico-cultural.

i. Cultura e o suposto cosmopolitismo de Sorocaba

Um ponto importante de considerar diz respeito ao aspecto cosmopolita de Sorocaba. Não é difícil encontrar referências em livros e revistas e na internet, sobretudo homenageando a cidade em seu aniversário de emancipação, isto é, no dia 15 de agosto. Neste sentido, por exemplo, em publicação de um artigo da Revista “A cidade” de 2005, na seção “Os sorocabanos”, Rucci Filho (2005, p.50) registra como Sorocaba sempre “manteve suas portas abertas ao estrangeiro” e como, nesta cidade, “representantes de todos os povos tiveram a possibilidade de aplicar seus conhecimentos e costumes, delegando à cidade uma grande diversidade cultural e ao sorocabano a virtude de conviver com as diferenças”. (op.cit, idem)

Além disto, Rucci Filho (op.cit, p.51) destaca o fato de sua industrialização ter contribuído para o ecletismo populacional em Sorocaba uma vez que exigia mão-de-obra especializada ou trabalho braçal, muitas vezes, mais comuns só nos estrangeiros. Foi o caso, já no final do século XIX, da criação da tecelagem Nossa Senhora da Ponte pelo empresário português Manoel José da Fonseca, ou a inauguração, na mesma época, da Estrada de Ferro Sorocaba por Luiz Matheus Maylasky, que era húngaro e cuja obra ajudou ainda mais não só a interligar Sorocaba a outras cidades, mas também facilitou a vinda de milhares de estrangeiros à região, em especial italianos e espanhóis. Em termos culturais, Rucci Filho ainda cita que, em 1927, houve a construção do Cinema Alhambra, que ficava na Rua Coronel José Tavares, 72, na Vila Hortência. Foi idealizado pelo comerciante espanhol Juan Santisteban, que adaptou um velho barracão onde funcionava uma cooperativa de produtores de cebola a laranja.

Seu nome fazia referência a um monumento importante na cidade de Granada, importante baluarte cultural da Andaluzia, região sul da Espanha. Tratamos do Museu Alhambra, conjunto de construções de origem árabe realizadas no período de ocupação e poderio árabe na Península Ibérica durante 7 séculos, entre o século XVIII e o século XV (de 711 a 1492, aproximadamente). Cabe citar que, segundo Oliveira (2002, p.104), o Alhambra funcionou até o início da década de 50 e foi transformado numa fábrica de roupas e, mais tarde, em oficina de funilaria. No início dos anos 90, apesar da campanha pública, que se realizou na cidade, envolvendo a comunidade espanhola pela sua preservação, foi demolido.

Ainda acerca do Cine Teatro Alhambra, citamos Gaspar (1954), que demonstra o registro de uma peça realizada no dia 20 de julho de 1923 à rua José Tavares, no bairro de Além Ponte, em benefício de Egydio Marini, reservista inválido do exército italiano, intitulada “Martirio de Um Cego”, cujo anúncio foi encontrado e tornado público por Sergio Aranha e Selma Almodóvar:

Alhambra Theatro

EMPRESA: João Santisteban—SOROCABA

HOJE *** Sexta-feira, 20 de Julho de 1923 *** HOJE

A'S 20 e 45 EM PONTO

MARAVILHOSA E ARTISTICA SOIRÉE DE GALA, EM BENEFÍCIO DE EGYDIO MARINI. RESERVISTA INVALIDO DO EXERCITO ITALIANO

Será levado á scena, por um grupo de amadores sorocabancos, o bellissimo drama em 2 actos, intitulado:

Martyrio de um cego

PERSONAGENS

Francisco de Souza, velho cego	Gabriel Amendola
Maria de Souza, sua filha	Laudelina Nascimento
Alberto Seabra,	João Narduzzi
Padre Diego	Antonio F. Gaspar
Custódio, sacristão	Titilo Alfieri

1.º Acto: Crimes sobre crimes—2.º Acto: Remorso e expiação

Fechará este espectáculo um lindissimo acto de Cabaret, no qual serão cantadas bellas canções, representadas scenas comicas caipiras, recitados alguns monologos, etc., etc.

PREÇOS: Cadeiras de 1a. 1\$100, de 2a. \$600

Abrihantará o espectáculo a afinada orchestra do mesmo Theatro, que de bom grado e espontaneamente concorre nesta função de beneficio.

N. B.—Os amadores reservam o direito de alterar o programma em caso de força maior e de vedar a a entrada a quem julgarem conveniente.

Typ. Lacerda—Sorocaba

Sergio Aranha e Selma Almodóvar

Imagem 36: Cartaz de peça no Alhambra Teatro.

Já para o ano de 1939, consta detalhe sobre a inauguração de outra importante expressão cultural produzida por imigrantes espanhóis e descendentes em Sorocaba, isto é, o já citado Cine Eldorado, situado na avenida principal do bairro, isto é, Rua Coronel Nogueira Padilha, e que existiu até o fim dos anos setenta.

Segundo Oliveira (2002, p.104), neste cinema, eram espanhóis o vendedor de pipoca, de amendoim e até os porteiros. Ademais, “batia recorde de Bilheteria, com extensas filas, quando os cartazes anunciavam filmes espanhóis, mexicanos ou argentinos, esse principalmente de José Mojica”.

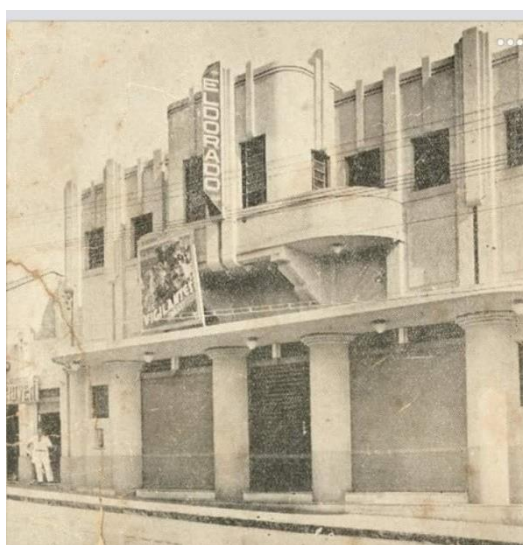


Imagem 37: Fachada do Cine Eldorado

No ano de 1951, foi inaugurado o já também citado Clube Atlético Barcelona em Sorocaba, fundado em homenagem ao bairro de mesmo nome. Três anos mais tarde, ou seja, em 1954, comemoravam-se 300 anos de fundação de Sorocaba, o que gerou algumas homenagens por parte de expressões de imigrantes radicados na região. Foi o caso da representação japonesa que, em março daquele ano, na rua Padre Luiz, no Centro, constrói e doa a Torre do Relógio para Sorocaba bem como promove um desfile cívico, formado por agricultores e/ou comerciantes. Além dos japoneses, a representação sírio-libanesa doa à cidade fonte luminosa na praça Doutor Ferreira Braga, também, no centro da cidade, enquanto a colônia espanhola, também pela mesma razão, doa a estátua de Baltazar Fernandes, fundador da cidade no Largo de São Bento, situado, igualmente, na região central da cidade.

Como exemplos outros da presença espanhola atual, expomos alguns registros fotográficos: a Feira de Santa Maria situada na Vila Hortência e aonde costumam ir muitos descendentes de espanhóis para vender produtos cultivados em suas famílias há muito tempo, e o cartaz anunciando aulas de espanhol e danças espanholas pelo Grupo da professora e descendente de espanhóis, Cirene Munhoz. No segundo par de figuras, por sua vez, à esquerda, a Casa de España fundada com o objetivo de manter a história de antepassados dos imigrantes espanhóis e sua colaboração na cidade de Sorocaba e, à direita, o Parque dos Espanhóis, construído em 2008, com o objetivo de homenagear a colônia espanhola com monumento em forma de portal contendo traços da arquitetura espanhola e que acabou mesclando influências árabes e ibérico-romanas, ao mesmo tempo, algo bastante típico sobretudo na região andaluza de onde veio a maior parte dos imigrantes espanhóis em Sorocaba.



Imagem 38: Detalhe de Feira de Sorocaba, localizada na Vila Hortência e realizada aos domingos.



Imagem 39: Grupo Cirene Munhoz referente à descendente homônima.

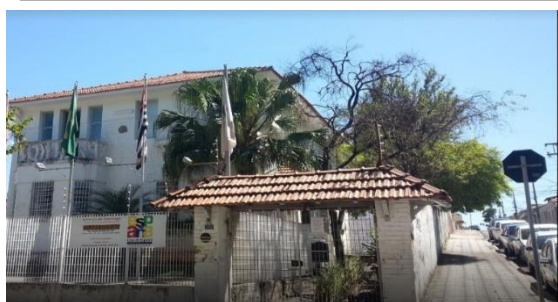


Imagem 40: “Casa de España”, órgão de apoio à colônia espanhola, situada à Vila Hortência e fundada em 2007. (Foto obtida mediante o *Google Maps®*).



Imagem 41: “Parque dos Espanhóis”, local ambientado com o portal construído em 2008 em homenagem aos espanhóis. (Foto obtida mediante o *Google Maps®*).

Como finalização desta seção, abaixo, trazemos uma importante contribuição de um grupo de teatro evocando a presença espanhola em Sorocaba, mediante a perspectiva de resgate histórico. Trata-se de uma peça teatral em homenagem à saga espanhola em Sorocaba contando alguns dos principais fatos na fase inicial de inserção daquele povo na região. A obra “Do outro lado do rio” baseia-se no livro já citado, “Os

espanhóis” de Sérgio Coelho de Oliveira, adaptada para Teatro de Rua, sob a direção geral de Mario Pêrsico e Tato Consorti, produção de Rodrigo Cintra e direção musical de Mariana Filosi, e que contou com equipe de 27 atores.



Imagens 42 a 45: Fotos extraídas no vídeo intitulado “Do outro lado do rio 16” contendo cenas feitas ao ar livre nas dependências da escola Matheus Maylasky, segundo sua proposta de interação com o público e disponíveis no link <<https://www.youtube.com/watch?v=WUOgawBZHeg>> Acesso: 21/09/2020.

A título de ilustração, situamos que a peça, segundo seu projeto, apresenta como eixo principal um conjunto de fatos ocorridos entre 1900 e 1937, em uma linguagem de crônica acerca do cotidiano dos imigrantes espanhóis desde sua saída na Espanha até algumas de suas experiências em Sorocaba bem como as marcas que deixaram na cultura, na economia e na política daquela cidade. Ademais, engloba fatos trágicos, cômicos e com personagens conhecidos e relevantes na comunidade, a exemplo da ativista Salvadora Lopes, primeira vereadora eleita, e cassada antes de assumir seu mandato, dentre outros personagens.

A temporada da peça aconteceu no primeiro semestre de 2008 nas dependências da Escola Municipal Matheus Maylasky, aos sábados e domingos, sempre às 17h.

Mais especificamente, as cenas da peça incluíram diálogos em espanhol, e apresentaram, basicamente, os seguintes eixos, a saber: 1) O êxodo, com a saída dos espanhóis de seu país em busca de futuro melhor; 2) Chegada ao Brasil e o foco em

Sorocaba, considerada bastante próspera no início do século XX; 3) Atuação protetora de Quinzinho de Barros, que ajudou bastante os espanhóis em seu momento inicial na cidade de Sorocaba; 4) Atuação preconceituosa aos espanhóis do dito “Egoísta”, que era irmão de Dona Mariquinha, proprietária de grande parte das terras em que os espanhóis trabalhavam; 5) Apresentação de alguns elementos linguístico-culturais espanhóis bastante marcantes nas primeiras décadas do século XX, a exemplo de peças de teatro, mistura de língua na rua, presença de clubes e associações de amparo mútuo, e touradas, aos domingos; 6) Decadência do irmão de Mariquinha, o “Egoísta” que acabou sendo assassinado por um grupo de espanhóis; 7) Simbolização da presença cultural espanhola em Sorocaba mediante a referência à obra do escritor espanhol, Miguel de Cervantes, isto é, “Don Quijote de la Mancha”; 8) O apogeu do ciclo da laranja promovido e lucrado por muitas famílias espanholas; 9) A atuação política da anarco-comunista Salvadores Lopes, militante da causa operária espanhola na cidade; 10) Rejeição e descrição da derrocada da figura do interventor municipal nomeado pelo governo federal após a revolta paulista de 1932, que costumava agir ridicularizando a figura do caipira e acabou sendo assassinado em praça pública; 11) Desfecho-síntese acerca do que ficou da presença espanhola em Sorocaba na arquitetura, nas feições das pessoas e na toponímia.

Os personagens das peças são, basicamente, o narrador-personagem, Quinzinho de Barros, a esposa de Quinzinho, Hortência, o Egoísta, que é irmão da proprietária de terras Mariquinha, Dom Quijote de la Mancha, Sancho Panza, Salvadora Lopes, Citricultor e alguns outros, coadjuvantes.

Além do já descrito, chama-nos a atenção o fato de haver uso da língua espanhola na peça, com ou sem mistura com o português em frases como “Sí, sí, besito à distância. Não faltava mais nada”, ou a tentativa de mostrar preconceitos vigentes à época contra espanhóis, quando se poderia nomeá-los de ciganos haja vista sua pobreza e saída de local tão distante, bem como a preocupação de observar não só com ar idealista e mítico como acaba sendo comum em uma obra artística, mas também uma perspectiva crítica em relação a personagens e visões prejudiciais da época contra os espanhóis, em especial.

Ainda no âmbito cultural, poderemos citar referências literárias, como o caso de um livro que revelou, ao mesmo tempo, ideários ou utopias espanholas na sociedade brasileira e aspectos artísticos junto à sociedade sorocabana. Trata-se da obra “Labor patriótica” e outras publicações do imigrante e entusiasta cultural algumas vezes citado em nossa tese, isto é, Juan Santisteban que, durante vários anos, sobretudo nos anos 30,

buscou reforçar a necessidade de os espanhóis lutarem por seu espaço e reconhecerem seu papel na sociedade brasileira:



Imagens 46 e 47: Juan Santisteban e um de seus livros “Mi labor patriótica”.

ii. Órgãos sociais

Como exemplo de registro político-cultural, temos, a seguir, o registro de um estatuto de um dos vários órgãos ou sociedades criadas em prol dos espanhóis no Estado de São Paulo e, mais especificamente, Sorocaba, isto é, o Estatuto da Sociedade Beneficente Hespanhola Brasileira de Brigadeiro Tobias, que funcionou na primeira metade do século XX:



Imagem 48: Estatutos da Sociedade Beneficente Hespanhola de Brigadeiro Tobias. In: Exposição da Casa de España. (corrigir no sumário: estatutos)

Cabe acrescentar, além da Sociedade acima, outros órgãos e clubes em Sorocaba, sobre os quais ficamos sabendo e que atuaram com diferentes finalidades, a exemplo de agrupamentos culturais, desportivos, político-ideológicos e pedagógicos. Foram eles:

- a *Sociedad Española de Beneficencia e Instrucción*, fundada nas primeiras décadas do século XX, à qual fez referência Miñambres (2008, p.73) no artigo “El asociacionismo de los imigrantes españoles en América”;

- a *Sociedad Unión Española*, que funcionou no início dos anos 1920 realizando atividades culturais e de instrução ao qual fez referência reportagem do jornal “Diario español”, em 07/02/1920;

- a *Sociedade/Clube/Casa Cervantes*, um centro de reuniões de espanhóis em Sorocaba, citado por alguns participantes da pesquisa, e que funcionou de maneira semelhante à *Sociedad Unión Española*, do final dos anos 1920 ao início dos anos 1930, com atividades culturais e de instrução como peças e cursos, e que continha razoável acervo de livros em língua espanhola;

- o *Clube Hespanha*, fundado em 1929, que depois se chamaria *Fluminense*, e que permaneceu aberto até 1991, citado por Sakurai (2016, p. 78);

- a *Falange Nacionalista de Sorocaba*, fundada em 1931 como representante da extrema direita espanhola onde se reuniam forças reacionárias e partidárias do nacional-socialismo, citada por Cavalheiro (2009, p.97);

- o *Clube-teatro Alhambra*, que apresentava peças e teatrais no idioma espanhol, e funcionou de 1923 até início dos anos 1950, onde passavam filmes em espanhol, sobretudo mexicanos, também, citado por alguns participantes e Oliveira (op.cit, p. 103);

- o Cinema *Eldorado*, que funcionou nos anos 1930, com atividades como realização de peças e danças, segundo Oliveira (200, p. 103);

- o *Centro Republicano Hespanhol*, de 1937, que contrariava os franquistas e recebia opressão e perseguição do governo Vargas, ao ser acusado de tratar de uma célula de propaganda comunista e;

- o *Clube Atlético Barcelona*, criado em 1951, em homenagem ao bairro de mesmo nome.

iii. Toponímia e paisagem linguística espanhola/hispânica

Outro aspecto bastante recorrente da presença espanhola ainda hoje é a toponímia tanto em termos de ruas, como nomes de bairros e, mesmo empreendimentos, conforme se nota abaixo em montagem disponível em Oliveira (2002) onde há referências aos bairros/regiões/ruas como Vila Garcia, Vila Barcelona, ruas Cervantes, Madrid, Catalunha, Granada e empreendimentos como “Isquierdo Center Som”, “Casa de Carnes Madri”, “Bar do Espanha”:



Imagem 49: Montagem de fotos feita por Oliveira (2002) contendo detalhes de nomes de ruas, bairros e empreendimentos relativos à colônia espanhola.



Imagem 50: Placa da praça Antonia Peres Haro (Foto do autor)

A seguir, um registro outro da Praça Antonia Peres Haro, isto é, o nome de um dos integrantes que compuseram a família Haro cujo sobrenome foi utilizado para nomear a região onde eles moravam e empreenderam loteamentos, ou seja, o atual bairro Vila Haro cuja descrição vimos na Introdução desta tese.

iv. Economia

Um dos setores de maior repercussão da atuação espanhola em Sorocaba foi a atuação econômica. Especificamente, se destacaram alguns cultivos agrícolas em especial, a exemplo da citricultura que, sob a administração dos espanhóis, chegou à qualidade tipo exportação e em uma produção tão ampla a ponto de resultar em produtos como um “vinho” feito de laranja, conhecido, à época, como “Laranjim supremo” e cuja cultura, lamentavelmente, decaiu rapidamente em virtude de problemas externos ao Brasil e em virtude de doenças na plantação, a exemplo da doença chamada “Tristeza”, que acabou gerando degradação rápida:



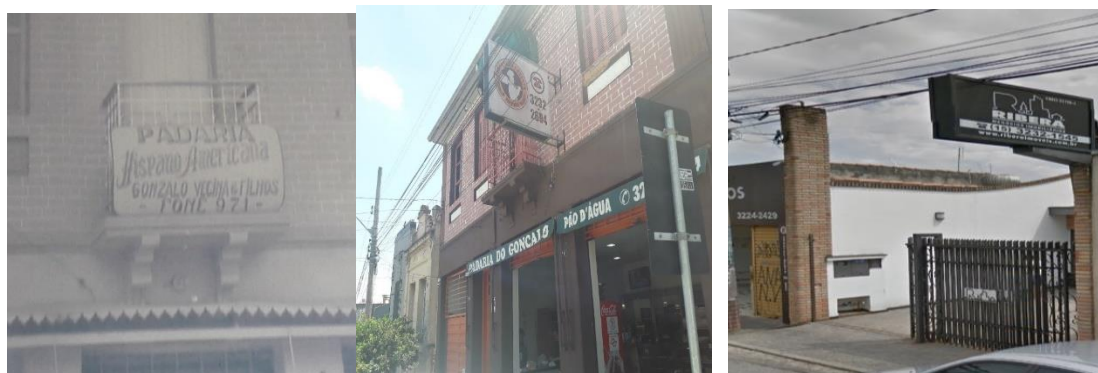
Imagem 51: Referências à citricultura em Sorocaba.

Outro elemento sintomático da atuação econômica dos imigrantes espanhóis e de seus descendentes em Sorocaba foi o fato de pequenos comércios ou empresas que permaneceram até hoje nos bairros espanhóis e que se mantiveram, em geral, nessas famílias e geralmente identificáveis já pelos próprios sobrenomes destacados nos nomes na fachada dos empreendimentos. Vejamos.



Imagens 52 a 54: Acima, respectivamente, o Supermercado da família Galves (Galvez, na versão em espanhol); Banca de Jornais e brinquedos Isquierdo (em espanhol, Izquierdo) e, à direita, Tomaz Presentes (em espanhol, Tomás). Todos se localizam no bairro da Vila Hortência e, como pudemos ver, mostram uma adaptação fonética ao português ou uma versão mais fácil de compreensão, algo muito comum dentre as famílias espanholas que, quando se cadastravam em cartórios brasileiros, ou não eram entendidos e seus nomes eram registrados segundo o que os funcionários públicos ouviam ou tinham seus nomes adaptados ao referente comum no português.

Imagens 55 a 57: Nestas imagens, à esquerda, registros do passado e hoje em dia da antiga Padaria Hispano-Americana, e atual Padaria do Gonçalves; já, à direita, registro da Imobiliária Ribera. Ambos os locais, também, estão localizados na Vila Hortência e seus registros fotográficos recentes foram obtidos no próprio local (as fotos da esquerda) ou pelo site <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso: outubro de 2020.



Imagens 58 e 59: Nestas imagens, por sua vez, encontram-se a Oficina Sanches (em espanhol, Sánchez) e Casa de Materiais para Construção Garcia (em espanhol, García), ambas localizadas na Vila Haro. (Fotos obtidas do site <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso: outubro de 2020)



v. Personagens ilustres e questões político-ideológicas

Ainda como elemento de representatividade espanhola ou a ela correlata, constam abaixo personagens históricos que contribuíram para a comunidade, seja no sentido de proteger e facilitar empregos e moradia, seja no sentido de difundir ideais políticos de contestação à opressão sofrida pelos espanhóis. Tratamos do ex-prefeito e promotor social, Quinzinho de Barros, que empregou muitos espanhóis em suas terras e facilitou o ingresso de muitos na região da Vila Hortência mediante as muito conhecidas “Cartas de chamada”, e Salvadora Lopes, filha de espanhóis que fora vereadora eleita, porém cassada antes de iniciar sua legislatura, e que atuou durante grande parte da vida em prol dos trabalhadores espanhóis na comunidade, de acordo com ideais comunistas e anarquistas.



Imagem 60: Quinzinho de Barros, ex-prefeito de Sorocaba e cujo nome foi emprestado ao parque-zoológico da cidade.



Imagem 61: Salvadora Lopes, vereadora eleita e cassada. Militou em sua vida em prol dos interesses da colônia espanhola em Sorocaba.

Ainda na esteira de questões políticas ligadas ou não a personagens ilustres, citaríamos o contexto da industrialização em Sorocaba e a classe operária em Sorocaba. A esse respeito, citamos Carmo (2006) que aborda como a chegada dos imigrantes europeus a partir do final do século XIX contribuiu com ideias, antes restritas à Europa, que influenciaram os trabalhadores operários em cidades como Sorocaba, por exemplo. Assim, naturalmente, vão surgindo, com tais influências, associações, além da imprensa que, dentre outras funções, tinha o objetivo de exigir novos direitos relativos à educação, à participação civil ou resistência à exploração.

Tudo isto coincide com o maior desenvolvimento da indústria sorocabana que, desde 1872, com o advento da ferrovia na região, conseguiu expandir sua economia e seu mercado de trabalho.

Assim, um importante aspecto na conformação da colônia espanhola em Sorocaba foi a presença de ideologias políticas que, de um lado, imprimiram à colônia certo protagonismo no logro de objetivos sociais ou em favor dos trabalhadores e, de outro, geraram motivos de perseguição governamental tanto da Espanha como no próprio Brasil.

Para expor esta questão, trazemos as contribuições de Cavalheiro (2001) que, em seu livro “Salvadora!” homenageou a trajetória da hispano-brasileira Salvadora Lopes em Sorocaba que atuou firmemente como protetora dos interesses dos operários espanhóis e marginalizados em Sorocaba.

Em sua exposição, Cavalheiro (op.cit) cita alguns expoentes da luta política em Sorocaba como o representante da colônia italiana, outro vetor importante na luta operária, que foi Vicente De Caria, um anarquista nascido na região de Calábria em 1873 e que chegara ao Brasil, em 1891. Destaca-se o fato de que, mesmo sendo italiano, De Caria era bem próximo dos espanhóis, já que, logo que chegou em Sorocaba, foi residir

no centro daquela colônia. No ano de 1907, aquele italiano, compra uma chácara na região rural de Sorocaba, Caputera, iniciando, assim, importante período de reuniões de intelectuais, políticos e anarquistas que geraram ações políticas influentes na região. Cavalheiro (2009), em outro livro, cita outro personagem anarquista relevante à colônia de imigrantes em Sorocaba. Trata-se de João Perdigão Gutierrez, nascido em 1895 no arquipélago das Ilhas Canárias, que era um anarquista convicto e militante tenaz, com intensa atividade libertária na cidade de Santos, litoral paulista. Outro fato foi a atuação político-cultural promovida na Sociedade Cervantes, um dos centros de reuniões de espanhóis em Sorocaba, em que, no ano de 1929, esteve presente o poeta espanhol D. Francisco Villaespesa proferindo conferência com o tema “El espíritu de la raza latina”, expressando conteúdo bastante elogioso e emblemático acerca da história e força expressiva da raça e cultura espanhola no mundo.

Voltando aos italianos em Sorocaba, Cavalheiro (op.cit, p.54) lembra como o fascismo ganhou espaço na colônia italiana em Sorocaba, à época estimada em 3000 pessoas, a ponto de se criar o grupo “Fasci Italiano all’Estero”, vulgo “Fascio” cuja sede se situava no antigo Palacete Scarpa.

Cavalheiro (2009) destaca, ademais, a relevância histórica dos anos 1930 em Sorocaba considerando a efervescência ideológica, em parte explicada pela forte crise econômica de 1929, que se iniciou nos Estados Unidos. No caso do Brasil, uma resposta a tal realidade, segundo Cavalheiro (op.cit, p.207), foi a Revolução de 1930, que aglomerou, em seus quadros, elementos de correntes de pensamento variadas que, aos poucos, acabaram se tornando facções e segmentos que iam dos defensores da democracia liberal a extremistas de direita ou esquerda. Assim, neste momento, a ascensão de Getúlio Vargas ao poder favorecera o surgimento de indústrias que começaram a produzir em substituição de produtos importados, o que, por extensão, gerou no interior paulista surto industrial em meio a crises eventuais. Dentro deste processo, conforme Cavalheiro (op.cit, p.208), Sorocaba, ao mesmo tempo, foi beneficiada na sua industrialização apesar da crise de 1929, e tensionada com a luta de classes derivada do conflito entre operários e industriais, sendo a maioria dos operários de origem ou descendência de imigrantes, os quais vinham, como antecipamos, bastante influenciados por ideários frequentes na Europa, isto é, o anarquismo e o comunismo.

Por fim, outro fato político relevante nos anos 1930, citado por Cavalheiro (op.cit, p.97), foi a divisão entre os defensores do ditador Franco e os republicanos que se opunham àquele. Nessa época, era comum haver artigos, por vezes em espanhol,

dirigidos à colônia com intenção de atrair novos interessados às causas de um ou de outro lado. Um exemplo de organização adepta do totalitarismo franquista na cidade de Sorocaba foi a já citada “Falange Nacionalista de Sorocaba”, fundada em 1931. Em contraste com este grupo, de maneira acirrada, se opunha o também já citado “Centro Republicano Hespanhol”, de 1937, que normalmente contrariava os franquistas e recebia opressão e perseguição do governo varguista.

Um “termômetro” desse conflito foi, segundo Cavalheiro (2009, p.215), o fechamento do Centro Republicano Hespanhol pela polícia em Sorocaba e uma parte de seus sócios acabando por ser presa. Tal cenário foi retratado à época pelo jornal *Cruzeiro do Sul*, em 19 de dezembro de 1937, conforme se vê, abaixo:

Descoberta em Sorocaba, uma cellula de propaganda comunista

Em uma batida levada a effeito pelo Delegado Regional de Polícia, de Sorocaba, no Centro Republicano Hespanhol, aquella autoridade apurou que a referida entidade não passava de um “covil” de perigosos agitadores. – O CRUZEIRO continua a acompanhar as diligencias policiaes contra os adeptos do comunismo, e que infestam esta cidade.

Ha questão de alguns meses, foi fundado nesta cidade o Centro Republicano Hespanhol, sociedade aparentemente organizada para fins beneficentes, conforme o faziam crer os seus directores e cujos elementos, em numero approximado de 300, diariamente se reuniam na séde social, á rua Souza Pereira, n. 206.

(...) Dr. Joaquim Alfredo Rolim Rosa, assim que assumiu as suas funcções nesta cidade, em substituição ao dr. Luiz Gonzaga Mendes de Almeida, determinou fosse realisada uma serie de diligencias tendentes a esclarecer o mysterio reinante em torno das assembleas do C. R. Hespanhol, diligencias essas que se coroaram do mais complexo exito.

Assim é que, varejada a séde social do centro referido, a policia alli encontrou e apprehendeu copioso material de **propaganda do credo vermelho**, representado por boletins, livros, jornaes, revistas, e outros documentos.

Deante disso, foram detidos os directores e diversos associados da pseuda agremiação beneficente, alem de diversos outros indivíduos residentes em Sorocaba, e cujas idéas e actividades communistas ficaram plenamente evidenciadas, no decorrer do rigoroso inquerido instaurado sobre o facto, pelo dr. Rolim Rosa. (In: *Jornal Cruzeiro do Sul*, Domingo 19/12/1937. ANO XXXV, nº 9208.)

3.3. Oposição linguística entre as zonas rural e urbana

Neste momento, observaremos um dos elementos sobre o qual indagamos nas entrevistas; trata-se da visão por parte do informante acerca de possível diferença entre as zonas urbana e rural de Sorocaba em relação aos costumes e usos linguísticos de seus ascendentes ou conhecidos descendentes de espanhóis. Na verdade, tal questão partia da hipótese mais geral da sociolinguística de que, na zona rural, a tendência é permanecer

padrão linguístico mais antigo, seja por isolamento, seja pela pouca tendência à mobilidade social, diferentemente da zona urbana, geralmente marcada por transformações sociais mais rápidas e com maior integração com outros povos e pessoas de diferentes regiões e que, por isso, tenderia a haver maior mudança linguística.

A este respeito e outros caracteres que observamos, listamos, a seguir, alguns casos interessantes, embora, aparentemente, sejam mais impressões dos falantes do que realmente tenham sido ouvidos de algum modo por eles.

No que diz respeito à zona urbana, segundo os participantes, em relação a traços sociais, a maioria opinou que a tendência foi a de que os espanhóis, nas novas gerações, acabaram se envolvendo com trabalhos que exigiam maior escolaridade, a exemplo da área financeira e de investimentos; outro aspecto teria sido a maior tendência à miscigenação e adaptação ao nativo local por necessidade de trabalho e para trabalhar no comércio. Já no que diz respeito a questões culturais, foi registrado que, eventualmente, teria havido maior esforço em manutenção cultural do que apenas preocupação com o trabalho e, em relação a questões de ordem linguística, durante algum tempo, teria havido uma diferença de pronúncia em relação à zona rural mas que, com a saída das novas gerações dos bairros mais ditos espanhóis e com a mistura com outras nacionalidades ou com os próprios brasileiros, acabou havendo decréscimo rápido da cultura e língua espanhola e a consequente perda da força do espanhol. Por fim, falou-se que, diferentemente da zona rural, o indivíduo da zona urbana teria o costume de ser menos preocupado em agradar os visitantes e apresentava maior relaxamento quanto a formas ditas corteses de recepcionar as pessoas.

Concernente à zona rural, segundo os participantes, em termos sociais, teria havido menor preocupação em transmitir costumes de pais para filhos, sobretudo na parte da alimentação e que, durante um razoável tempo, os da zona rural teriam sofrido preconceitos até, finalmente, obter maior respeito por parte daqueles da zona urbana. Outro traço descrito por alguns falantes foi que os da zona rural costumavam ser mais desconfiados em relação aos da zona urbana com foco prioritário no trabalho e subsistência diária. Por fim, em relação ao uso da língua espanhola, esta esteve mais presente sobretudo nas primeiras gerações, mesmo que se misturando com o português, do que na zona urbana, juntamente com a presença da forma do falar caipira.

F.E.: Naturalmente (...) na cidade ... A pessoa tem oportunidade de ler, de ouvir, de ouvir rádio, assistir televisão, atualmente, teatro, cinema, tudo, tudo. (...) Então, há uma diferença, assim (...) Se eu to aqui em casa, eu assisto programa (...) Eles não têm tempo de ver isso daí. Eles trabalham. Eu vejo... Quando é 7 horas da noite (...) tá dormindo...

(F.E., Neto, 81 anos, linhas 38-49, página 279, vol. 2)

R.B.: Eu tenho a hipótese de que, como morava no Centro, essa miscigenização foi algo muito mais forte

(...) Principalmente, percebo eu que nessa, nesse anseio do expatriado falar a língua nativa, o desejo do espanhol de falar português foi muito mais rápido e necessário para entrar em atividade por estar nesse conglomerado urbano (...) Do que aquele que estava mais afastado... Isso não fazia muito (...) sentido...

(R.B., Filho, 54 anos, linha 57, página 707, linhas 1-13, página 708, vol. 2)

F.: Outra pergunta. O senhor sabe informar se, de alguma, forma os espanhóis descendentes que ficaram na zona urbana se diferenciavam dos que ficavam na zona rural? Nos costumes, na forma de falar, em certos padrões, ou é muito parecido?

SA.: Eu acredito que sim, viu? (...) Porque eles foram estudar, trabalhavam em indústria (...) E o pessoal que tava na zona agrícola, o núcleo familiar é fechado. (...) Então, eles só falavam espanhol, comiam mais coisas típicas do que o pessoal da cidade.

F.: Isso talvez tenha contribuído pro espanhol ser preservado ou o senhor acha que não muito?

SA.: Não muito, não... Porque, depois, ninguém queria ficar na agricultura né, porque era muito difícil. Foram vindo pra cidade, chegando mais perto. E foram se enredando, né? ... casamentos fora da raça, né?

(SA., Neto, 67 anos, linhas 37-48, página 727, vol.2)

*J.L.: O que eu acho que, que prevalece é que eles é... como em **Brigadeiro** ficou mais focado, o pessoal acho que mantém, numas casas, né, mas o/a cultura, porque é mais rural, digamos, assim, né? (...) Dos que estão na cidade. Acho que, aqui, já, já misturou mais.*

(J.L., Neta, 35 anos, linhas 15-22, página 468, vol. 2)

CS.: Eu acho que quem ficou na cidade tinha um grau de escolaridade maior, pra procurar um emprego mais qualificado. (...) Acho que teve diferença. E quem foi pro/pa/pro interior, que foi trabalhar com lavoura (...) Já era o pessoal com menos estudo. (...) O pessoal que ficou na cidade, lá na Vila, Vila Hortência, eu/eu via que eles/eles se esforçavam pra manter o... os costumes, a culinária, estórias, até a língua. E a minha família que foi pro interior trabalhar no campo, já, não, né? Acabou focando muito em ganhar dinheiro, em trabalhar, em criar os filhos.

(CS., Neta, 39 anos, linhas 1-11, página 213, vol. 2)

Como pudemos observar nas descrições gerais acima as quais expressam vários modalizadores como “hipótese de”, “acredito”, “acho”, presentes nos relatos dos participantes, teria havido, talvez, alguma tendência de certa manutenção de traços espanhóis na zona rural, embora de modo inconsciente, em virtude do isolamento dos núcleos familiares e a falta de maior mistura e integração com a cultura brasileira mais comum na zona urbana cujo foco residiu em estudar e trabalhar mais, e deixar de lado a preocupação com a própria cultura ou porque se misturaram linguística e culturalmente com nativos sorocabanos e outros estrangeiros a partir do casamento. Em outros termos, na cidade em si, teria havido maior tendência à diminuição gradual de traços espanhóis.

Contudo, isso foi postergado durante um certo tempo em virtude de terem surgido iniciativas de realização de atividades ligadas à colônia espanhola (presença de teatros, cinemas, sociedades, eventos culturais específicos) e, depois de já enfraquecida a cultura, já do final do século XX para o início do século XXI, começaram a aparecer, de modo eventual, iniciativas buscando resgatar a história dos imigrantes espanhóis e a cultura espanhola.

3.4. Do encontro de línguas e culturas gerando bilinguismo no passado e memória linguística no presente

Pensando em como ter acesso ao uso linguístico no passado, nos utilizamos de recursos e estratégias metodológicas que se aproximaram, ainda que minimamente, de momentos linguísticos anteriores. Ou seja, questionários socioculturais e relatos de descendentes de espanhóis em Sorocaba acerca de suas vivências linguísticas e culturais no passado (sobretudo, na infância) relativos ao uso do espanhol no âmbito familiar e na sociedade, seja na fala por escrito, e a eventual utilização da língua espanhola na atualidade. Além disso, nos utilizamos de registros histórico-documentais a fim de ver a imersão daquela língua e cultura na sociedade sorocabana, como podem ter sido jornais locais e regionais da época, tratando de temáticas relativas aos imigrantes e colônia espanholas.

Neste sentido, como tópicos temáticos, buscamos abordar nas entrevistas como possivelmente o português e o espanhol se relacionaram e eram usados no passado e o que pode ter contribuído tanto para o uso do espanhol no passado e no presente como para sua força em determinado momento até seu enfraquecimento posterior no momento atual. Tais temas serão considerados a partir das informações abstraídas dos informantes e dialogadas, quando possível, com registros históricos em descrições e livros e fontes primárias como jornais no passado e na contemporaneidade.

Assim, em termos breves, neste capítulo, vamos observar resultados, em números percentuais e catalogados em categorias sociais como idade, gênero e modo/grau de descendência, obtidos a partir das entrevistas e questionários que aplicamos aos participantes. Mais especificamente, exporemos resultados relacionados a uma série de quesitos mais informativos sobre a história familiar e linguística dos participantes, conforme se podem ver nas perguntas disponíveis no Anexo II, além de resultados relativos às entrevistas e questionários lexicais, em relação ao uso e reconhecimento de

uma série de palavras e expressões, conforme se pode verificar no Anexo III.

3.4.1. Bilinguismo histórico: usos no passado e periodização do espanhol até o presente

3.4.1.1 Usos linguísticos no passado: bilinguismo(s), mistura de línguas e um caso linguístico especial

Neste momento, passaremos a verificar e analisar uma série de dados que catalogamos e quantificamos a fim de entrever o modo se processou o bilinguismo em Sorocaba a partir da memória dos descendentes dos imigrantes, bem como aspectos relativos a uma possível mistura linguística apontada pelos informantes e, por fim, um caso especial de uso linguístico, o uso de apelidos em espanhol. Embora seja algo subjetivo e complexo, a tentativa nossa foi aplicar estratégias a fim de reconstruir aspectos do como se processou o referido bilinguismo histórico naquela cidade.

A pergunta motivadora dos dados que contribuem para verificar um possível bilinguismo histórico, foi a de número 10 do questionário sociocultural. A pergunta foi:

Na sua infância, qual era a língua falada pela sua família?.

As respostas possíveis para tal quesito foram as seguintes:

- a) somente o espanhol;*
- b) mais espanhol do que português;*
- c) os dois de maneira equivalente;*
- d) mais português do que espanhol, e*
- e) somente o português.*

Para as respostas acima, no item 10 do questionário sociocultural, em sua totalidade, considerando os 40 falantes, vejamos o gráfico abaixo em que vemos a predominância da língua portuguesa (só português, 1 resposta de 40, ou 2,5%; ou mais português, 18 de 40, ou 45%) em um total de 47,5% e, em segundo plano, a presença da língua espanhola (só espanhol, 6 de 40 respostas ou 15%; e mais espanhol, sendo 5 de 40 respostas ou 12,5%), em um total de 27,5% e, por fim, o uso equitativo entre os dois idiomas (10 de 40 respostas ou 25%).

NÚMERO DE INFORMANTES	USO LINGUÍSTICO	PERCENTUAL
6	SÓ ESPANHOL	15%
5	MAIS ESPANHOL	25,5%
10	2 LÍNGUAS IGUALMENTE	25%
18	MAIS PORTUGUÊS	47,5%
1	SÓ PORTUGUÊS	2,5%

Tabela 20: Uso linguístico na infância: cômputo geral, item 10 do questionário sociocultural



Gráfico 2: Contato com espanhol na infância: quadro geral apontado.

Como forma de detalhar este quesito, a questão 10 foi subdividida em 9 itens relacionados às interações linguísticas que ocorriam na família tanto na condição do informante como bilingue passivo ao ouvir, na infância, dos pais – item 10.1, dos avós – item 10.3, e dos primos ou tios – item 10.5, e cada um desses interlocutores comunicando-se entre si – itens 10.2, 10.4 e 10.6. Além dessas interações, também o informante se comunicando com os interlocutores citados, portanto, enquanto bilingue ativo, no caso, pais – item 10.7, avós – item 10.8, e tios/primos – item 10.9. Tais interações poderiam ser, como vimos no gráfico acima, “só em espanhol”, “mais em espanhol”, “as 2 línguas igualmente”, “mais português” ou “só em português”.

As respostas referentes aos itens 10.1 a 10.9, detalhando melhor as possíveis interações dos informantes em suas infâncias são descritas abaixo, classificadas nos já citados contextos de bilinguismo passivo, isto é, quando o informante apenas ouvia/compreendia expressão linguística na infância e bilinguismo ativo, quando, de algum modo, além do português, poderia, na primeira fase de sua vida, ter usado o

espanhol com seus eventuais interlocutores mais próximos. Vejamos, pois, abaixo, os dados referidos e passemos a comentá-los:

i. Bilinguismo Passivo

- interações dos parentes entre si ou se dirigindo ao falante (itens **i** a **vi**):

a) Seus pais falavam com você (só espanhol; mais espanhol, as duas igualmente, mais português ou só português)

Tabela 21: Contato com espanhol na infância: pais com informante

Uso linguístico	Faixas etárias	Número de informantes	Gênero
Só espanhol	Só 3ª faixa	6 informantes	3 homens 3 mulheres
Mais espanhol	Só 3ª faixa	2 informantes	1 homem 1 mulher
2 línguas igualmente	Só 2ª e 3ª faixas	2 informantes (1 da 2ª faixa e 1 da 3ª faixa)	2 mulheres
Mais português	Todas as faixas	14 informantes (distribuídos)	7 homens 7 mulheres
Só português	Todas as faixas	16 informantes (4 da 1ª faixa, 7 da 2ª faixa, 5 da 3ª faixa)	10 homens 6 mulheres

Neste caso acima, vemos predominância do espanhol (só espanhol ou mais espanhol) dentre a 3ª faixa ouvindo espanhol e, gradualmente, com a presença do português, se equilibrando entre as 3 faixas e com alguma predominância dos homens quando só falado português.

b) Seus pais falavam entre si (só espanhol; mais espanhol, as duas igualmente, mais português ou só português)

Tabela 22: Contato com espanhol na infância: pais do informante entre si

Uso linguístico	Faixas etárias	Número de informantes	Gênero
Só espanhol	Só 3ª faixa	7 informantes	4 homens 3 mulheres
Mais espanhol	Só 2ª e 3ª faixas	5 informantes (2 da 2ª faixa, 3 da 3ª faixa)	2 homens 3 mulheres
2 línguas igualmente	Nenhum registro	0 informante	-----
Mais português	Todas as faixas	5 informantes (1 da 1ª faixa, 2 da 2ª faixa, 2 da 3ª faixa)	2 homens 3 mulheres
Só português	Todas as faixas	23 informantes (9 da 1ª faixa, 9 da 2ª faixa, 5 da 3ª faixa)	13 homens 10 mulheres

Este tipo de interação acima se assemelha bastante às interações dos pais apenas com o informante com predominância de espanhol de algum modo apenas na 2ª e, sobretudo, na 3ª faixa etária.

c) Seus avós falavam com você (só espanhol; mais espanhol, as duas igualmente, mais português ou só português)

Tabela 23: Contato com espanhol na infância: avós com informante

Uso linguístico	Faixas etárias	Número de informantes	Gênero
Só espanhol	Todas as faixas	17 informantes (1 da 1ª faixa, 5 da 2ª faixa, 11 da 3ª faixa)	9 homens 8 mulheres
Mais espanhol	Todas as faixas	11 informantes (1 da 1ª faixa, 6 da 2ª faixa, 4 da 3ª faixa)	7 homens 4 mulheres
2 línguas igualmente	Só a 1ª faixa	2 informantes	1 homem 1 mulher
Mais português	Todas as faixas	6 informantes (4 da 1ª faixa, 1 da 2ª faixa, 1 da 3ª faixa)	6 mulheres
Só português	Todas as faixas	4 informantes (2 da 1ª faixa, 1 da 2ª faixa, 1 da 3ª faixa)	4 homens

Aqui, observando a interação dos avós com o informante, vemos um certo equilíbrio dentre as faixas para todas as formas de uso da língua, ao tratar-se com os avós, referência, em geral, neste sentido, da presença do espanhol, com a clara predominância,

pois, da terceira faixa e, aos poucos, incluindo-se mais falantes das outras faixas a partir da presença do português, mas sem nítida diferença quanto ao gênero.

d) Seus avós falavam entre si (só espanhol; mais espanhol, as duas igualmente, mais português ou só português)

Tabela 24: Contato com espanhol na infância: avós do informante entre si

Uso linguístico	Faixas etárias	Número de informantes	Gênero
Só espanhol	Todas as faixas	24 informantes (5 da 1ª faixa, 6 da 2ª faixa, 13 da 3ª faixa)	13 homens 11 mulheres
Mais espanhol	Todas as faixas	12 informantes (3 da 1ª faixa, 6 da 2ª faixa, 3 da 3ª faixa)	7 homens 5 mulheres
2 línguas igualmente	Nenhum registro	0 informante	-----
Mais português	Só as 2ª e 3ª faixas	2 informantes (1 da 2ª faixa, 1 da 3ª faixa)	2 mulheres
Só português	Só a 1ª faixa	2 informantes	1 homem 1 mulher

Da mesma forma que no caso anterior, certo equilíbrio dentre as faixas para todas as formas de uso da língua, ao tratar-se com os avós, referência, em geral, neste sentido, da presença do espanhol, mas clara predominância da terceira faixa e, aos poucos, incluindo-se mais falantes das outras faixas a partir da presença do português, sem nítida diferença quanto ao gênero.

e) Seus tios, primos falavam com você (só espanhol; mais espanhol, as duas igualmente, mais português ou só português)

Tabela 25: Contato com espanhol na infância: tios/primos com informante

Uso linguístico	Faixas etárias	Número de informantes	Gênero
Só espanhol	Só as 2ª e 3ª faixas	7 informantes (1 da 2ª faixa, 6 da 3ª faixa)	4 homens 3 mulheres
Mais espanhol	Só as 2ª e 3ª faixas	5 informantes (3 da 2ª faixa, 2 da 3ª faixa)	2 homens 3 mulheres
2 línguas igualmente	Só a 1ª faixa	1 informante	1 homem
Mais português	As 3 faixas	8 informantes (2 da 1ª faixa, 4 da 2ª faixa, 2 da 3ª faixa)	4 homens 4 mulheres
Só português	As 3 faixas	19 informantes (7 da 1ª faixa, 5 da 2ª faixa, 7 da 3ª faixa)	10 homens 9 mulheres

Em relação ao uso do espanhol e predominância desta língua, de fato, só as 2ª e 3ª faixas etárias citam porém, gradualmente, sa partir das duas línguas coexistindo e o português ganhando espaço, as outras faixas vão apresentando mais registros, porém, não vemos diferença substancial de gênero.

f) Seus tios, primos falavam entre si (só espanhol; mais espanhol, as duas igualmente, mais português ou só português)

Tabela 26: Contato com espanhol na infância: tios/primos do informante entre si

Uso linguístico	Faixas etárias	Número de informantes	Gênero
Só espanhol	As 3 faixas	8 informantes (1 da 1ª faixa, 1 da 2ª faixa, 6 da 3ª faixa)	4 homens 4 mulheres
Mais espanhol	As 3 faixas	6 informantes (1 da 1ª faixa, 3 da 2ª faixa, 2 da 3ª faixa)	3 homens 3 mulheres
2 línguas igualmente	Só a 1ª faixa	1 informante	1 homem
Mais português	Só as 2 e 3ª faixas	6 informantes (4 da 2ª faixa, 2 da 3ª faixa)	3 homens 3 mulheres
Só português	As 3 faixas	19 informantes (7 da 1ª faixa, 5 da 2ª faixa, 7 da 3ª faixa)	10 homens 9 mulheres

Acontece o mesmo praticamente em relação ao caso dos tios e primos dirigindo-se ao informante, uma vez que, em relação ao uso do espanhol e predominância desta língua, embora haja citação das 3 faixas já em relação à presença de apenas o espanhol, acaba predominando a 3ª faixa, e, gradualmente, começa a haver a presença de outras faixas até a gradual presença ou predominância do português, e sem haver nada significativo em relação à diferença entre homens e mulheres.

ii. Bilinguismo Ativo

- interações iniciadas pelo participante em relação aos pais, avós e tios-primos (itens **viii** a **ix**)

a) Você falava com seus pais (só espanhol; mais espanhol, as duas igualmente, mais português ou só português);

Uso linguístico	Faixas etárias	Número de informantes	Gênero
Só espanhol	Só a 2 e 3ª faixa	7 informantes (1 da 2ª faixa, 6 da 3ª faixa)	4 homens 3 mulheres
Mais espanhol	Nenhum registro	0 informante	-----
2 línguas igualmente	Só a 3ª faixa	1 informante	1 homem
Mais português	As 3 faixas	6 informantes (1 da 1ª faixa, 3 da 2ª faixa, 2 da 3ª faixa)	4 homens 2 mulheres
Só português	As 3 faixas	26 informantes (9 da 1ª faixa, 9 da 2ª faixa, 8 da 3ª faixa)	12 homens 14 mulheres

Tabela 27: Contato com espanhol na infância: informante dirigindo-se aos pais

Em relação ao uso do espanhol enquanto bilinguismo ativo em relação aos pais, praticamente, no que diz respeito ao uso da língua espanhola em si, só há destaque para as 2ª e 3ª faixas etárias, predominando esta última até que começa a chegar ou predominância do português ou apenas esta língua e o informante revela só ter tido condição, praticamente, de comunicar-se em português.

b) Você falava com seus avós (só espanhol; mais espanhol, as duas igualmente, mais português ou só português)

Tabela 28: Contato com espanhol na infância: informante dirigindo-se aos avós

Uso linguístico	Faixas etárias	Número de informantes	Gênero
Só espanhol	Só as 2 e 3ª faixas	9 informantes (2 da 2ª faixa, 7 da 3ª faixa)	6 homens 3 mulheres
Mais espanhol	Só a 2ª faixa	1 informante	-----
2 línguas igualmente	Só a 3ª faixa	1 informante	1 homem
Mais português	As 3 faixas	8 informantes (1 da 1ª faixa, 4 da 2ª faixa, 3 da 3ª faixa)	5 homens 3 mulheres
Só português	As 3 faixas	21 informantes (9 da 1ª faixa, 6 da 2ª faixa, 6 da 3ª faixa)	8 homens 13 mulheres

Em relação ao uso do espanhol enquanto bilinguismo ativo no que diz

respeito aos avós, o fenômeno descrito em relação aos pais acontece de modo semelhante ao das 2ª e 3ª faixas etárias, pois apresentam registros de maior possibilidade de uso da língua espanhola de forma intensa ou parcialmente até que, quando predomina ou só existe o português se manifestando a presença da primeira faixa etária e acaba por predominar quanto tratamos do uso exclusivo do português, mesmo sendo a primeira faixa, dentre as 3, a de menor número de informantes, ou seja, 10 dos 40.

c) Você falava com seus tios/primos (só espanhol; mais espanhol, as duas igualmente, mais português ou só português)

Tabela 29: Contato com espanhol na infância: informante dirigindo-se aos tios/primos

Uso linguístico	Faixas etárias	Número de informantes	Gênero
Só espanhol	Só as 2ª e 3ª faixas	6 informantes (1 da 2ª faixa, 6 da 3ª faixa)	4 homens 3 mulheres
Mais espanhol	Só a 2ª faixa	1 informante	1 homem
2 línguas igualmente	Nenhum registro	0 informante	-----
Mais português	Só as 2ª e 3ª faixas	5 informantes (3 da 2ª faixa, 2 da 3ª faixa)	4 homens 1 mulher
Só português	As 3 faixas	27 informantes (10 da 1ª faixa, 8 da 2ª faixa, 9 da 3ª faixa)	12 homens 15 mulheres

Aqui, tampouco, há novidades em relação aos possíveis diálogos dos informantes com seus tios e primos em espanhol ou com predominância desta língua; ou seja, predominam, também, 2ª e 3ª faixas até o caso em que o português é a maioria dos usos, mas ainda com presença do espanhol e o português quando ganha espaço as 3 faixas coexistem.

iii. Síntese das interações por faixa etária e gênero:

Tabela 30: Síntese das interações na infância por idade

USO LINGUÍSTICO	FAIXA ETÁRIA			Considerações
	1ª FAIXA (30-50) (10 informantes, 9 formas de diálogos: 90 citações relativas à língua espanhola)	2ª FAIXA (51-65) (13 informantes, 9 formas de diálogos: 117 citações relativas à língua espanhola)	3ª FAIXA (65>+) (17 informantes, 9 formas de diálogos: 153 citações relativas à língua espanhola)	
Só espanhol	7 citações	17 citações	67 citações	Destaque considerável para a 3ª Faixa o que indica, em função de maior idade e maior proximidade com ascendentes espanhóis, a vinculação com um bilinguismo histórico.
Mais espanhol	5 citações	22 citações	17 citações	Destaque para as 2ª e 3ª Faixas sugerindo maior reconhecimento/vivência junto ao espanhol
As 2 igualmente	4 citações	1 citação	3 citações	Equilíbrio no uso do português apenas entre as faixas
Mais português	15 citações	24 citações	18 citações	Relativo equilíbrio no uso do português apenas entre as faixas, com destaque para a 2ª faixa
Só português	59 citações	53 citações	48 citações	Equilíbrio no uso do português apenas entre as faixas, predominando a 1ª faixa

Considerando o fato de que os informantes são das 2ª e 3ª faixas fez com que – a época em que nasceu e o contato histórico mais próximo dos espanhóis nativos – houvesse lembrança e vivência, na infância, da língua espanhola em sua completude ou predominância, sugerindo, pois, um bilinguismo histórico percebido pela memória dos falantes (bilinguismo passivo) e, eventualmente, expressão linguística advinda do próprio falante (bilinguismo ativo). De outro lado, houve uma maior paridade em relação ao uso

do português por parte do falante em quaisquer faixas etárias tanto na condição de bilinguismo passivo como ativo sobretudo nos diálogos estabelecidos com tios, primos e pais, excetuando-se um pouco no caso dos avós, quando houve maior equilíbrio entre as faixas em relação ao reconhecimento da presença da língua espanhola sobretudo nesta parcela mais antiga da família e, conseqüentemente, mais próxima das primeiras gerações de espanhóis imigrantes.

Tabela 31: Síntese das interações na infância por gênero

USO LINGUÍSTICO	GÊNERO	
	Masculino (21 informantes, 9 formas de diálogos: 189 citações)	Feminino (19 informantes, 9 formas de diálogos: 171 citações)
Só espanhol	50 citações	41 citações
Mais espanhol	25 citações	19 citações
As 2 igualmente	5 citações	3 citações
Mais português	26 citações	31 citações
Só português	83 citações	77 citações

Em relação a questões de gênero, para a maioria dos casos em que buscamos realizar comparações nesta pesquisa, não pareceu haver grande diferença, ainda mais quando consideramos o balanceamento quantitativo e gênero que realizamos, ou seja, 21 homens e 19 mulheres dentre os 40 que entrevistamos. Contudo, temos a impressão de que, em relação à pesquisa, quando cruzamos os dados da terceira faixa etária e gêneros, parece ter havido maior presença feminina tanto no reconhecimento de itens lexicais do espanhol como em relação ao fato de a maioria delas lembrar frases, diálogos, rezas, provérbios, entre outros, talvez, por ficarem mais restritas ao ambiente doméstico e conviverem mais frequentemente com seus ascendentes espanhóis.

De outro modo, em relação ao contato linguístico na infância mais especificamente por faixa etária, vamos considerar, a partir de agora, duas formas de interações: uma em que o participante era o interlocutor que ouvia palavras/frases em espanhol pelos seus avós, pais e tios ou primos enquanto interlocutor (bilinguismo passivo nos itens 10.1 a 10.6 do questionário sociocultural), e outra, na qual os falantes se dirigiam aos seus parentes enquanto locutor (bilinguismo ativo, conforme itens 10.7 a 10.9 do questionário sociocultural). Vejamos os gráficos, a seguir:

Tabela 32: Uso linguístico na infância nas diversas interações: itens 10.1 a 10.9 do questionário

NÚMERO DE RESPOSTAS	USO LINGÜÍSTICO	PARCIAIS
91	SÓ ESPANHOL	25%
44	MAIS ESPANHOL	12%
8	2 LÍNGUAS IGUALMENTE	2%
57	MAIS PORTUGUÊS	16%
160	SÓ PORTUGUÊS	45%

Vejamos os gráficos, a seguir:

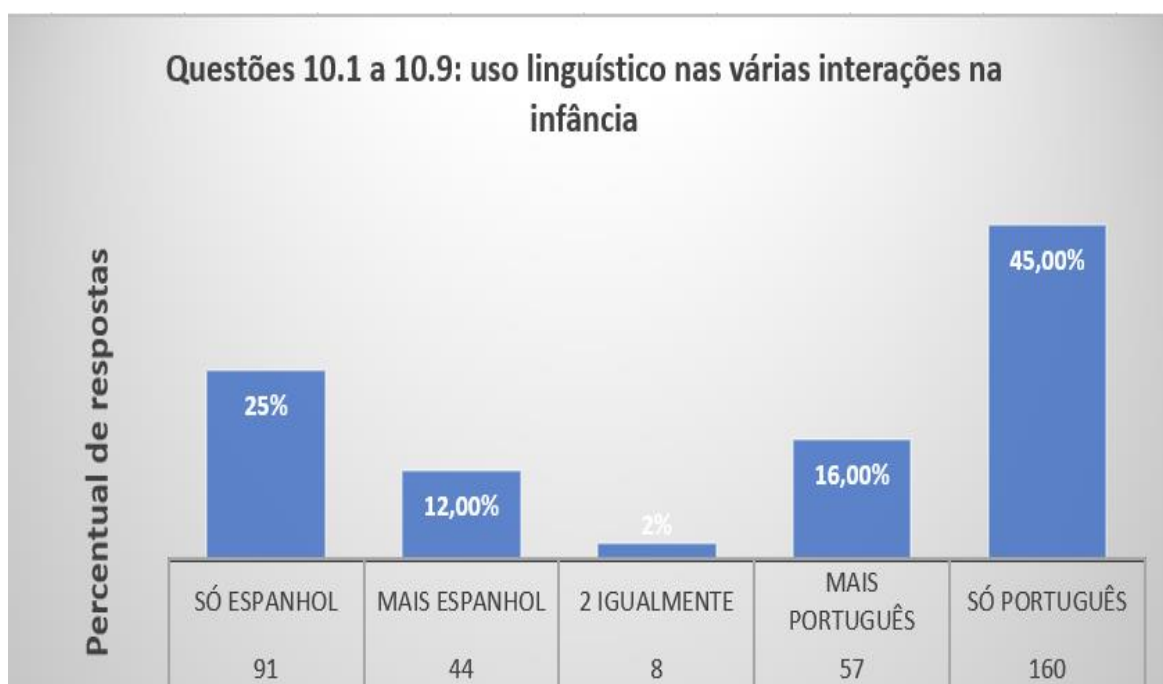


Gráfico 3: Uso linguístico na infância nas diversas interações: itens 10.1 a 10.9 do questionário sociocultural

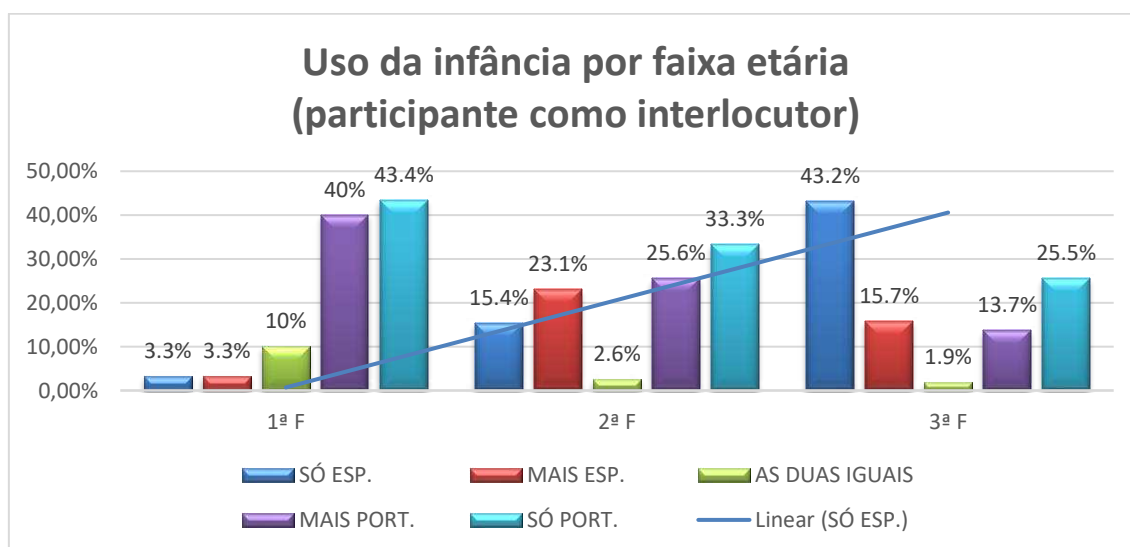


Gráfico 4: Interação na infância por faixa etária (interlocutor).

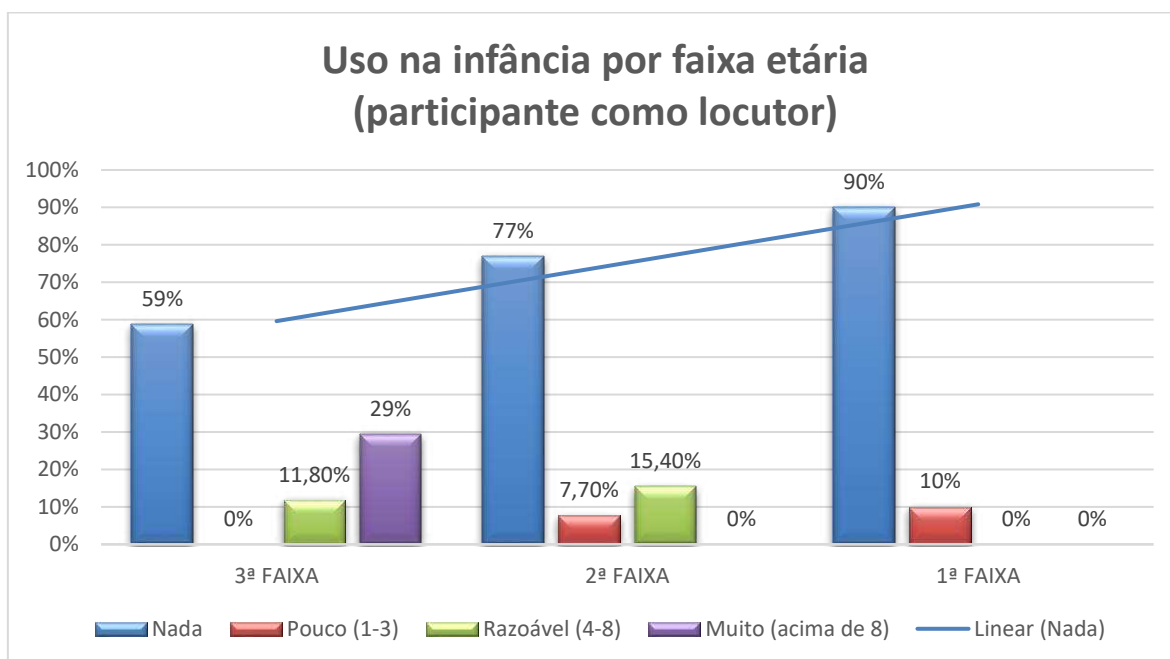


Gráfico 5: Interação na infância por faixa etária (locutor).

De forma mais panorâmica, o que podemos ver, nos gráficos acima, é uma nítida diferença de estado e uso da língua espanhola quando se comparam os ascendentes dos participantes com estes. Ou seja, quando se compara o uso do espanhol na infância dos participantes partindo de seus parentes, vemos como existe uma diminuição considerável da presença exclusiva do espanhol dos ascendentes da 3ª faixa para 1ª faixa etária e, em outros termos, a **diminuição** gradual do espanhol na comunidade. Em termos percentuais, vemos que, 43,2%, na terceira faixa (65>), vai para 15,4%, na segunda (51-65) e reduz, na 1ª faixa etária (35-50), para 3,3% que afirmaram ouvir seus parentes falarem em espanhol. Como era de se esperar, por outro lado, o uso exclusivo do português vai seguir o processo inverso, isto é, será **majoritário** na primeira faixa etária, com um total de 43,4%, que se reduzirá para 33,3%, na segunda faixa, culminando com 25%, na terceira faixa.

Seguindo o processo inverso, quando perguntamos ao participante acerca de sua fala dirigida a seus parentes, os dados se opõem, no gráfico 5 que trata da interação na infância por faixa etária na condição de locutor”. Assim, como resultados, tivemos que, em relação ao uso do espanhol, tivemos 37,3%, na terceira faixa etária, chegando a 10,3%, na segunda, e não havendo registro na primeira faixa etária. Tais dados, portanto,

seguiram tendência semelhante ao expresso no gráfico 4, isto é, tratando de interação na infância por faixa etária na condição de interlocutor, porém, com valor sutilmente menor. Por sua vez, a diferença de uso linguístico se torna bem maior, embora com tendência de **decrescimento**, quando tratamos de uso do português: na terceira faixa etária, o percentual foi de 45,1% para 66,6%, na segunda faixa, e aumentando, na primeira faixa, para 93,3% dos falantes usando. Neste caso, o uso do português foi bem maior quando pensamos no participante como aquele que falava e não que ouvia aquele idioma. Em suma, confirmou-se o **aumento** gradual do português na comunidade em desfavor do idioma espanhol, sobretudo quando comparamos as gerações consideradas nas três faixas de idade que descrevemos.

De maneira a complementar a presente exposição, podemos verificar a frequência de usos linguísticos no passado dos participantes partindo dos mesmos dados descritos acima e incluindo alguns dados presentes nos relatos dos participantes, isto é, consideraremos um elemento metodológico que nos pareceu pertinente, já citado neste trabalho; tratamos da Tabela Implicacional, seguindo Gal (1978, p.121) citado por Millar (2012), útil aos estudos de bilinguismo, inspiradora aqui para verificarmos, mediante análise das interações na infância, uma espécie de mapeamento da memória linguística dos falantes.

Assim, abaixo, veremos, na coluna à esquerda, os participantes em abreviações juntamente com suas idades à frente e, nas 11 colunas seguintes, relativas aos usos de português (“P” em azul com sobreamento cinza indicando ser só português na infância, e suas variações como “+P”, ou seja, mais português, “P/E”, isto é, as duas de modo equivalente) ou espanhol (“E” em vermelho indicando uso de só português e “+E”, isto é, maior uso do espanhol) nas situações que vão desde “Língua predominante na infância de modo geral na escala de só português, mais português, as duas igualmente, mais espanhol e só espanhol” (1), passando por situações de “interações citadas acima como de pais, avós e tios com participante e entre si na escala já citada de frequência das línguas” (2 a 7), seguido de “interações partindo do participante em sua infância se dirigindo a seus parentes” (8 a 10), culminando com 11, situação que sugerimos que inclui usos atuais como “rezas em espanhol” (“R” em preto com sobreamento cinza), ou interações dos participantes com amigos (“A” azul com sobreamento cinza), familiares (“F” na cor branca com sobreamento preto) ou em situações de trabalho (“T” em preto sem sobreamento).

Tabela 33: Mapeamento da memória linguística. (Inspirada na Escala implicacional de Gal (1978, p.121))

Informante	Interações na infância										
Idade	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Mat 32 anos	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	-
Jl 35 anos	P/E	+P	+P	+P	+E	P	P	P	P	P	T
Cr 36 anos	+E	+P	P	P/E	E	P/E	P/E	P	P	P	F/T
Cs 39 anos	+P	P	P	P/E	E	P	P	+P	+P	P	-
Ci 40 anos	+P	+P	P	+E	E	+P	E	P	P	P	F
Lu 42 anos	+P	+P	P	+P	+E	+P	P	P	P	P	-
Mar 43 anos	+P	P	P	+P	P	P	P	P	P	P	-
Mr 44 anos	+P	P	P	P	E	P	P	P	P	P	-
Gi 49 anos	P/E	+P	P	+P	E	P	+E	P	P	P	-
Ed 50 anos	+P	+P	P	E	+E	P	P	P	P	P	-
Ad 51 anos	P/E	P	P	E	E	E	E	E	E	E	F
Fc 51 anos	+P	+P	+P	+E	+E	+P	+P	P	P	P	-
Jg 51 anos	+P	P	P	+E	E	+P	+P	+P	+P	+P	F
Rh 51 anos	P/E	P	P	+E	+E	P	P	P	P	P	-
Rb 54 anos	P/E	P	P	E	E	P	P	P	E	P	F
Mi 55 anos	+P	P	P	+P	+P	P	P	P	P	P	-
Jp 56 anos	+P	+P	P	P	+E	P	P	P	P	P	F
Ce 57 anos	+P	P	P	+E	+E	+E	+E	P	+E	+E	-
Mm 58 anos	+P	P	P	+E	+E	P	P	P	+P	P	-
Ml 59 anos	+P	+P	P	E	E	+E	+E	P	P	P	-
Iv 60 anos	+E	P/E	+E	E	E	+P	+P	P	P	P	F
Ol 61 anos	+E	+P	+E	E	E	+P	+P	P	P	P	-
So 64 anos	+P	+P	+P	+E	+E	+E	+E	+P	+P	+P	F
Sm 66 anos	+E	+E	E	E	E	+E	+E	P	+P	P	F
Sa 67 anos	+P	P	P	P	+E	P	P	P	P	P	-
Ro 68 anos	+P	P	P	+E	E	P	P	P	P/E	P	F/T
Si 70 anos	+E	+P	+E	E	E	P	P	P/E	E	P	F
Hs 71 anos	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	F
Gr 74 anos	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	F
Fl 75 anos	P/E	+P	+E	+E	E	+P	+E	+P	+P	+P	-
Ev 77 anos	P/E	P	P	E	E	P	P	P	P	P	-
D 79 anos	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	F
Je 80 anos	+P	P	P	+E	+E	P	P	P	P	P	-
Cn 81 anos	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	F/T
Mg 81 anos	+P	P	P	+P	+P	P	P	P	P	P	-
Fe 81 anos	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	R/A/F
Gl 81 anos	P/E	P/E	+P	+E	+E	+E	+P	P	P	P	-
JMo 83 anos	P/E	+P	+P	+E	E	+P	+P	+P	+P	+P	-
Mc 83 anos	P/E	+E	+E	E	E	P	P	P	P	P	R/F
M 98 anos	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	R/A/F

Elementos: 1) Língua predominante na infância; 2) Pais com participante; 3) Pais entre si; 4) Avós com participante; 5) Avós entre si; 6) Tios e/ou primos com participante; 7) Tios entre si; 8) Participante com pais; 9) Participante com avós; 10) Participante com tios e/ou primos; 11) Uso eventual, hoje em dia, do léxico e morfossintaxe do espanhol a partir de lembranças eventuais, sobretudo dos mais velhos: reza; amigos/família; trabalho. **Idiomas:** P: Português; E: Espanhol.

A tabela acima inclui, nas linhas da primeira os participantes dispostos de cima abaixo conforme suas idades, partindo do mais jovem aos mais velho; por sua vez,

a partir da segunda coluna em diante, dispusemos a fala dos participantes na infância com os seus parentes considerando a questão 10 e seguintes (itens 10.1 a 10.9) do questionário sociocultural, ou seja, as interações específicas dos participantes seja como interlocutor (itens 10.1, 10.3 e 10.5) ou presenciando diálogos com os seus parentes entre si (10.2, 10.4 e 10.6) ou como locutor (10.7 a 10.9). Cabe dizer que, se excetua, nesta sequência, a coluna 11, já que trata dos registros de fala eventuais, que foram relatados sobretudo por representantes da terceira faixa etária, incluindo rezas feitas ainda hoje em dia ou que são lembradas facilmente e frases curtas como saudações e brincadeiras entre os participantes e alguns parentes ou amigos em algumas circunstâncias ou, ainda, de modo mais raro, uso mais fluente do espanhol e mais formalmente em ambiente de trabalho.

Observando os dados listados acima, poderemos concluir como há uma gradativa maior difusão do espanhol em relação ao português, indicando que os mais velhos tanto na infância tiveram mais contato com o espanhol do que os mais jovens, bem como são os que ainda, de algum modo, em geral, permanecem usando mais a língua espanhola, ainda que mediante empréstimos de palavras isoladas, frases curtas ou mais elaboradas, a depender da circunstância de maior afetividade ou por questões de trabalho.

Partindo da tabela 33, descrita mais acima, a fim de visualizaer melhor o processo de resolução do bilinguismo, reorganizamos a tabela anterior colocando, em destaque, na primeira coluna, os informantes dispostos do mais jovem para o mais velho e, nas demais, as interações todas expostas de forma sequenciada a cada duas colunas a partir da coluna 2. Neste sentido, visando verificar possíveis diferenças e possíveis maiores detalhamentos em termos de difusão geracional entre as línguas em questão, veremos, neste momento, duas tabelas complementares em que comparamos algumas colunas e partindo do informante mais velho para o mais jovem, de modo inverso, portanto, à tabela anterior.

Mais especificamente, como forma de organizar e facilitar a visualização, exporemos, nas linhas da primeira coluna, os informantes do mais velho para o mais jovem, como dissemos; na sequência, na segunda coluna, interações com os avós (subdividida em duas: avós entre si, e avós com informante); na quarta, interações com os tios/primos (tios/primos entre si, e tios e/ou primos com informante); na sexta, interações com os pais (pais entre si, e pais com informante); e, por fim, nas terceira, quinta e sétima colunas, comparativos em que colocamos predominância dos fenômenos, em três categorias, isto é, perda ou mistura linguística com base nas interações com os interlocutores vários. Para cada uma dessas categorias, utilizamos como critérios os

seguintes:

- Só espanhol/mais espanhol **e/ou** só espanhol/mais espanhol: **manutenção**
- Só espanhol/mais espanhol **e/ou** só português: **mistura**
- Só português/mais português **e/ou** só espanhol: **mistura**
- Só espanhol/mais espanhol **e/ou** português/espanhol: **mistura**
- Só português/mais português **e/ou** português/espanhol: **mistura**
- Mais espanhol **e** mais português: **mistura**
- Mais português/só português **e/ou** só português/ mais português: **perda**

destacada com sombreamento.

Tabela 34: Memória por interações/ comparativos/geral - (Inspirada na Escala implicacional de Gal (1978, p.121))

Inform.	Interações com avós		Interações com Tios/primos		Interações com Pais	
Idade	Avós entre si	Avós com informante	Tios entre si	Tios e/ou Primos com informante	Pais entre si	Pais com informante
M 98	E	E	E	E	E	E
Mc 83	E	E	P	P	+E	+E
JMo 83	E	+E	+P	+P	+P	+P
Gl 81	+E	+E	+P	+E	+P	P/E
Fe 81	E	E	E	E	E	E
Mg 81	+P	+P	P	P	P	P
Cn 81	E	E	E	E	E	E
Je 80	+E	+E	P	P	P	P
D 79	E	E	E	E	E	E
Ev 77	E	E	P	P	P	P
Fl 75	E	+E	+E	+P	+E	+P
Gr 74	E	E	E	E	E	E
Hs 71	E	E	E	E	E	E
Si 70	E	E	P	P	+E	+P
Ro 68	E	+E	P	P	P	P
Sa 67	+E	P	P	P	P	P
Sm 66	E	E	+E	+E	E	+E
So 64	+E	+E	+E	+E	+P	+P
Ol 61	E	E	+P	+P	+E	+P
Iv 60	E	E	+P	+P	+E	P/E
Ml 59	E	E	+E	+E	P	+P
Mm 58	+E	+E	P	P	P	P
Ce 57	+E	+E	+E	+E	P	P
JP 56	+E	P	P	P	P	+P
Mi 55	+P	+P	P	P	P	P
Rb 54	E	E	P	P	P	P
Rh 51	+E	+E	P	P	P	P
Jg 51	E	+E	+P	+P	P	P
Fc 51	+E	+E	+P	+P	+P	+P
Ad 51	E	E	E	E	P	P
Ed 50	+E	E	P	P	P	+P
Gi 49	E	+P	+E	P	P	+P
Mr 44	E	P	P	P	P	P
Mar 43	P	+P	P	P	P	P
Lu 42	+E	+P	P	+P	P	+P
Ci 40	E	+E	E	+P	P	+P
Cs 39	E	P/E	P	P	P	P
Cr 36	E	P/E	P/E	P/E	P	+P
Jl 35	+E	+P	P	P	+P	+P
Mat 32	P	P	P	P	P	P

Tabela 35: Memória por interações / só comparativos - (Inspirada na Escala implicacional de Gal (1978, p.121))

Informante Idade	Comparação 1 (interações com avós)	Comparação 2 (interações com tios/primos)	Comparação 3 (interações com pais)
M 98 anos	Manunt	Manunt	Manunt
Mc 83 anos	Manunt	Perda	Mistura
JMo 83 anos	Manunt	Perda	Perda
Gl 81 anos	Manunt	Mistura	Mistura
Fe 81 anos	Manunt	Manunt	Manunt
Mg 81 anos	Perda	Perda	Perda
Cn 81 anos	Manunt	Manunt	Manunt
Je 80 anos	Manunt	Perda	Perda
D 79 anos	Manunt	Manunt	Manunt
Ev 77 anos	Manunt	Perda	Perda
Fl 75 anos	Manunt	Mistura	Mistura
Gr 74 anos	Manunt	Manunt	Manunt
Hs 71 anos	Manunt	Manunt	Manunt
Si 70 anos	Manunt	Perda	Mistura
Ro 68 anos	Manunt	Perda	Perda
Sa 67 anos	Mistura	Perda	Perda
Sm 66 anos	Manunt	Manunt	Manunt
So 64 anos	Manunt	Manunt	Perda
Ol 61 anos	Manunt	Perda	Mistura
Iv 60 anos	Manunt	Perda	Mistura
Ml 59 anos	Manunt	Manunt	Perda
Mm 58 anos	Manunt	Perda	Perda
Ce 57 anos	Manunt	Manunt	Perda
JP 56 anos	Mistura	Perda	Perda
Mi 55 anos	Perda	Perda	Perda
Rb 54 anos	Manunt	Perda	Perda
Rh 51 anos	Manunt	Perda	Perda
Jg 51 anos	Manunt	Perda	Perda
Fc 51 anos	Manunt	Perda	Perda
Ad 51 anos	Manunt	Manunt	Perda
Ed 50 anos	Manunt	Perda	Perda
Gi 49 anos	Mistura	Mistura	Perda
Mr 44 anos	Mistura	Perda	Perda
Mar 43 anos	Perda	Perda	Perda
Lu 42 anos	Mistura	Perda	Perda
Ci 40 anos	Manunt	Mistura	Perda
Cs 39 anos	Mistura	Perda	Perda
Cr 36 anos	Mistura	Mistura	Perda
Jl 35 anos	Mistura	Perda	Perda
Mat 32 anos	Perda	Perda	Perda

Vendo a tabela 34, de modo geral, pudemos observar como a perda parece aumentar tanto horizontalmente, da esquerda para a direita (isto é, das interações com

peessoas mais velhas ou gerações mais antigas envolvendo os avós) como verticalmente, de cima para baixo (isto é, dos mais velhos para os mais jovens). No que diz respeito a misturas linguísticas, parece realmente ter havido resultados concretos nas gerações mais jovens casos de pessoas mais jovens como das interações com os pais entre os informantes mais velhos (de MC de 83 anos até Iv de 60 anos), por um lado, e nas interações dos mais jovens com os avós (de Gi de 49 anos até Mat, de 32 anos).

Como forma de complementar esses dados, partindo da tabla 35, em que apenas comparamos as colunas 3, 5 e 7. Nelas, veremos, mais especificamente que, no que diz respeito às interações com os avós, predomina a manutenção da língua sobretudo nas segunda e terceira faixa, passando a predominar a perda do início da segunda faixa etária para quase toda a primeira faixa bem como aumentando a perda dentre a segunda e primeira faixa no que diz respeito às interações com os pais dos informantes.

iv. A mistura de línguas no passado: o que dizem os participantes

Neste momento, pensando nas épocas de maior “competição” entre os idiomas português e o espanhol, cabe-nos fazer referência, neste momento, à forma de mistura de línguas que se operou no passado, segundo o descrito pelos participantes, que se concentraram, dentre outras razões, nas dificuldades encontradas pelos primeiros imigrantes na sociedade sorocabana em virtude de pouco conhecerem o português. Tal discussão tem a ver com algumas perguntas que fizemos acerca do uso da língua espanhola dos ascendentes espanhóis, em que situações e com que frequência, por exemplo. No caso do exemplo, abaixo, veremos casos de mistura de códigos por parte de imigrantes ou interpretações errôneas por parte de seus interlocutores brasileiros. Observemos:

C.N.: *Eles ... a convivência com o brasileiro ... Eles **perderam o sotaque espanhol** (...)Então, eles **ficaram falando “portinhol”** (portunhol). (...)Misturaram... “**Nós vamos alá**” (...)Vamo (bamo) (...) **facer uma comida e você (bocê) vai vim comer**”... Eles falavam assim. Misturaram muita gente de “Andalucía” e “en Andalucía se comen las palavras”. (...)Se **embolavam**. Mas... Então, eu, muitas vezes... Eu **tenho que me policiar porque eu falava, antes de ser alfabetizada, em espanhol, né?** Eu falava de ouvido com os meus pais, com a minha família inteira. (...) E a gente era um “**poupourri**” falando (...)Eu conheci uma família que pegaram/vieram do sítio... Pai, mãe, avô, avó, todo mundo, lá... **O núcleo só de familiares dele**... A família era enorme... Todo mundo. E só falando espanhol. Resultado: quando **puseram as crianças que nasceram, aqui, e já tavam na idade escolar**. Puseram e o pai comprou uma cartilha prum menino chamado Levi (...) O menino pegava a cartilha e ele lia, mas **ele não sabia ler. Não tava alfabetizado**. É que a, a família lia pra ele a cartilha e mostrava e tinha um pintinho desenhado. Então, “Eu vejo um*

pintinho. O pintinho pia... Não sei o quê, não sei o quê lá". E o menino escutando. Aí, o menino achou interessante ler aquilo em espanhol. E lia pro pai e pra mãe e davam risada. (...) Que eu me lembro falando em espanhol... Vai o menino indo pra escola e leva a cartilha. E ele "Professora, eu já sei leer". (...) "Você já sabe ler?" "Como ler?" "Eu sei leer só"... Então, lê... Ela abriu a cartilha... Não tava alfabetizado. Ele tava inventando a história... "Yo vejo (bejo) un pollo". (...)O apelido do menino virou "pollo". (...)Então, a cultura deles era atraso.

(Cn, Filha, 81 anos, linhas 18-35; 47, p.113; linhas 8-30, página 114, vol. 2)

Neste relato acima, vemos uma descrição de um momento que naturalmente acontece no encontro de duas línguas, sobretudo próximas, que é a mistura de códigos, seja na fonética ou em níveis mais complexos. Os casos citados focam mais em questões fonéticas como nos casos de pronunciar palavras com “v” tais como “vamos” [ˈbamos] e “você” [boˈse] como se fossem escritas com “b” tal como acontece no espanhol ou pronunciar “c” em vez de “z”, som o qual não existe em espanhol.

Além disso, há uma reflexão acerca de variantes linguísticas ao se citar que, no dialeto andaluz, “se comen las palavras”, ou seja, a tendência de não se pronunciar ou se modificar as pronúncias das marcas de plurais (pronunciando [lohˈtʃikoh] em vez de [losˈtʃikos]), ou se reduzir os participios com a oclusão do “d” a exemplo de [parˈtio] em vez de [parˈtiðo]). Outro detalhe curioso tem a ver com o caso de colega de uma criança já falante de espanhol que, na escola brasileira, faz mistura de línguas gerando reação jocosa na turma, ao pronunciar a frase em espanhol aprendida em casa com o português em “Já sei leer (ler)” ou em “Yo bejo un pollo” [yoˈβeyoun ˈpoyo] (Eu vejo um frango).

Teve uma irmã da minha mãe que tava esperando nenê, quando chegou aqui, nasceu. Aí foram comprar um berço. E o berço, na Espanha, é “cuna”. E, daí, eles chegavam na loja e falavam assim que queriam uma cuna, ninguém sabia o que era. Tinha que mostrar o que era pra poder comprar. E outra vez foram comprar um penico. E eles falavam “guspideira” (escupidera)...na Espanha era guspideira. Daí trouxeram coisa pra ela ver, uma coisa assim alta, era de cuspir mesmo! “Não, não, não é isso”. Aí vai, guspideira, e não era aquilo, trazia outra coisa, não era. Aí minha tia viu o penico lá e falou que era aquilo. “Ah, isso aqui é penico”. Ai, pronto, quanta risada, coitada. A vida inteira eles contavam essas coisa e davam risada.

(D, Filha, 79 anos, linhas 22-28, página 151; vol. 2)

Aqui, vemos outro relato interessante em termos de uso do espanhol no passado que bem pode sintetizar várias situações de dificuldades das primeiras levas de imigrantes que não tinham contato anterior com o português. Isto é, o fato de, por não saberem os verbetes em português, falavam em espanhol e não eram compreendidos a não ser com ajuda ou apontando para as coisas às quais se referiam. Este retrato nos serve

como uma espécie de retrato já posterior ao descrito no último relato descrito de CN, de não mais misturar as línguas, mas de usar empréstimos do espanhol no português e ainda, assim, ter dificuldades na comunicação.

*Então, ela falava o espanhol já misturado com o português, que dava um portunhol na verdade, né, mas eu entendia. (...)Então, naquela época, eu era criança, tudo, passava na rua, o pessoal tava falando espanhol, na esquina lá, aí depois começou a falar o portunhol. E, no que foi indo, começaram os mais de idade foram todos desencarnando, e os filhos **que ficaram aqui, que já eram estudiosos, faziam escola, faculdade**, pá, pá, **houve um progresso muito grande, daí era só o português**.*

(JE., Filho, 80 anos, linhas 42-43, página 400; linhas 2-5, página 404; vol. 2

O relato acima, por sua vez, nos parece também pertinente no sentido de sintetizar, de certa forma, um momento desse encontro linguístico e transição do uso do espanhol ao português nas comunidades hispano-brasileiras em Sorocaba. Isto é, quando, em certo momento, ora se falava em espanhol, ora se falava o “portunhol” e que, a partir do falecimento da maioria dos imigrantes ou das primeiras gerações de espanhóis e com a escolarização de seus descendentes, houve uma diminuição rápida até mesmo do portunhol e a oscilação entre o uso maior do espanhol e o uso maior do português até a predominância hoje em dia da quase exclusividade do português dentre a maioria dos descendentes. Excetuam-se, porém, os casos, como veremos, dos mais velhos da comunidade, os filhos ou mesmo netos que reavivaram a língua espanhola através de estudo específico ou em virtude de questões laborais.

v. Um caso linguístico interessante: o uso de apelidos em espanhol

Ainda no que diz à língua, outro elemento que nos chama a atenção é o uso frequente de apelidos, segundo os participantes. Para tanto, partimos do autor Spahni (2010), o qual em seu livro “La Alpujarra, la Andalucía secreta”, mostrava a recorrência, nos anos 1950, de apelidos entre os andaluzes em função da relação com características que poderiam marcar toda a família. Sendo assim, segundo ele, para um homem piedoso, um possível apelido seria “obispo” (bispo); por sua vez, para um proprietário de terras, o apelido poderia ser “rey” (rei); para um avaro, o apelido se relacionava à moeda da época, isto é, “peseta”; um guloso, neste raciocínio, seria chamado de “sopa”; um doente imaginário receberia a alcunha de “píldora” (pílula); já outro de personalidade difícil, seria “espina” (espinho), e um mentiroso contumaz seria “Judas”, por exemplo. Além

dessas possíveis formas de nomear, segundo Spahni (2010, p.95), outras surgiram a partir de alguma característica física que diferenciaria o indivíduo do resto da comunidade, a exemplo de “rubio” (loiro), “cojo” (coxo) e “mudo”, por exemplo, e ainda os casos de possível semelhança com características físicas ou psicológicas de animais, apelidos assim relacionados, a exemplo de “la loba” (a loba), “el zorro” (o raposa), “el gato”, “el conejo” (o coelho), por exemplo. Por fim, outros cognomes poderiam surgir em função da atração ou repugnância do indivíduo diante de um objeto ou animal, gerando orações com apelidos a exemplo de “el violín es un tocador infatigable” (o violino é um tocador infatigável), ou “la sardina es una mujer que odia los peces” (a sardinha é uma mulher que detesta peixes).

Tendo em mente o modo de funcionamento de apelidos em espanhol, vejamos alguns casos interessantes presentes nos relatos de nossos informantes.

C.N.: Eles não lembravam o nome um do outro. (...) “Tú, qué, coño decías, ‘Siete-culos’?” Porque o homem era baixinho. (...) “Y aquél? Aquél era el ‘Cara-colgando’ porque tenía una cara muy grande” (...) “Tú vas a la casa de Bizco Carreras”? O sobrenome era Carreras, mas não precisava porque era vesgo. (...) “El Bizco Carreras”. E falavam alto e em bom som. (...) “El otro” tinha, tinha uma perna de pau só que, que mal feita... Eles falavam pra ele “Pa-Palo, Pa-Palo viene ahí, mira”.

(Cn, Filha, 81 anos, linhas 27-60; 47, p.115, vol. 2)

Segundo esse relato bem-humorado, um fator recorrente gerador de apelidos na comunidade espanhola com a qual conviviam tinha a ver com aspecto físico enunciado como destacável ou digno de menção como aquele que era **baixinho** (*Siete-culos*: sete bumbuns/bundas), ou que tinha um **rosto grande** (*Cara-colgando*: cara pendurada); o que era **vesgo** (*Bizco carreras*), ou o **perna-de-pau** (*Pata-Palo*).

F.: Como é que eles chamavam você? Eles falavam em espanhol? Como eles lhe chamavam? Pelo nome ou tinha algum apelido carinhoso?

Gi.: Não. Pelo nome, mesmo. Não tinha. “Polaca”, né? É...Eu tinha um tio que me chamava (...)Disse que eu sou a cara de minha bisavó que eu num cheguei a conhecer, né? (...)Que era espanhola, também. Que era/ acho que ficou lá na Espanha, pelo que eu entendi.

(Gi., Neta, 49 anos, linhas 17-19; 20-23; p.330, vol. 2)

Este relato, por sua vez, tem a ver com características físicas e apelido dito de forma afetuosa e em contexto de intimidade, ou seja, nomeando “Polaca” (polonesa em espanhol) em função do aspecto loiro da criança, como se se aproximasse dos traços típicos daquela nacionalidade.

R.H.: Porque é igual ao que falei... Se meu avô ainda fosse vivo, quando ele tava vivo que eu fiquei uns 3 meses cuidando dele... Ficou doente e tudo... Ficava muito com ele, aí, ele falava muito, principalmente, os nomes... “Paquito”... É... José, “Pepe” (...)É, não usam o nome... É... Nossa... Fugiu da memória... Ah, o meu pai é “Nine”... J.R.H.... O espanhol tem a mania de, nasceu, colocar apelido... (...) Abreviar... É uma mania... (R.H., Neto, 51 anos, linhas 42-49, p.668, vol. 2)

Por fim, neste relato, o participante sintetiza como traço do espanhol colocar apelido mediante abreviação dos nomes, exemplificando com “Paquito” e “Pepe” para Francisco e José, por exemplo.

3.4.1.2 Uma proposta de periodização para a história do bilinguismo em Sorocaba

Para complementar a presente discussão, exporemos, neste momento, outro conjunto de dados, isto é, a periodização do uso do espanhol baseando-nos tanto nos dados relativos às infâncias dos participantes mediante perguntas socioculturais como a partir de elementos obtidos a partir da pergunta complementar que fizemos nas entrevistas, isto é, qual seria a época de início de diminuição gradativa do espanhol na família e/ou comunidade segundo a visão dos falantes. Assim, cruzando estes dois leques informativos, veremos, a seguir, uma descrição classificatória de usos e domínios segundo o observado nos relatos, e, em seguida, um gráfico mostrando a evolução deduzível do uso da língua espanhola na comunidade hispano-falante de Sorocaba.

Assim, a partir de questões nas entrevistas sobre os usos linguísticos do espanhol no passado e no presente, obtivemos os seguintes dados, a saber:

- usos linguísticos do passado: segundo os participantes e o que eles presenciaram, a língua espanhola, seja usada tal como veio com os primeiros imigrantes ou já em uma versão misturada, era bastante usada nos encontros de família, na vizinhança, em frentes das casas em situações informais, na feira local, na igreja, no comércio tentando se falar português, mas ainda predominando o espanhol, na zona rural de modo geral, nos transportes, além de, mais raramente, em cartas trocadas com parentes da Espanha, dentre outras situações, sobretudo até os anos 1960-1970;
- usos linguísticos atuais: os participantes registraram, em geral, que, quando usam o idioma espanhol atualmente, seria por motivo de trabalho, geralmente mais formal, na fala ou através de e-mails, por exemplo, ou, em casos mais

raros, em família com bastante mistura na realização de brincadeiras, saudações, apelidos, memorações do passado, ou a partir de adjetivações e palavrões e, em termos coletivos, ainda poderia ser visto o uso do espanhol porém de maneira artificial, como em eventos organizados pela Casa de España, que incluem leitura e falas breves de textos religiosos na Missa em homenagem a Rocío, que é uma santa espanhola. Além desses casos, houve referência a usos eventuais limitados em viagens a países de língua espanhola ou usos esparsos dentre os mais velhos em praças ou na feira do principal bairro da colônia espanhola, Vila Hortência, dos anos 1990 em diante.

Periodizando o uso da língua espanhola a partir dos relatos dos descendentes em relação à referência de maior época de uso do espanhol e coletando elementos a partir de leituras complementares como o livro “Os espanhóis”, de Sérgio Coelho, obteríamos a seguinte cronologia:

- 1) ANOS 1920-1930:** nenhum dos participantes praticamente tinha nascido, citou ou lembra bem dessa época e, aqui, está implícito que foram as primeiras décadas de maior chegada dos espanhóis, não tendo, pois, havido citação dessa época como auge do uso do espanhol por nenhum dos participantes pela falta de convivência com tal momento histórico, em que pese ser isto deduzível segundo relato dos informantes em relação à chegada das primeiras levas de espanhóis, incluindo-se aí parentes seus como avós, bisavós quando crianças, adolescentes ou jovens adultos;
- 2) ANOS 1940-50:** alguns poucos participantes, a partir dos nos relatos dos pais e avós bem como na própria experiência, reportaram essa época como sendo o auge do uso corrente do espanhol baseando-se sobretudo na existência de instituições culturais, a exemplo do Cine Eldorado e Teatro Alhambra, voltadas para os espanhóis e que conglomeravam muitos da colônia e, portanto, estimulavam o uso desse idioma. A este respeito, houve 5 citações dos participantes: dois filhos nascidos em 1937 e 1943 e três netos nascidos nos anos de 1950, 1963 e 1978;
- 3) ANOS 1960-70:** os participantes, baseando-se nos relatos dos pais e avós bem como na própria experiência, concluem que já estaria havendo grande mistura das línguas portuguesa e espanhola, e que a manutenção da língua até

hoje em dia só ocorre entre os mais velhos que, nos anos 1960 e 1970, já eram nascidos e que, gradualmente, viram seus parentes mais velhos, incluindo espanhóis, morrerem e as famílias se misturando e os netos apresentando cada vez mais maior escolaridade. Em relação a este momento, houve 16 referências de participantes: o único nativo nascido no ano de 1920; seis filhos dentre os quais dois nasceram nos anos 1930, uma nos anos 1950 e três nos anos 1960; e 9 netos dentre os quais um nasceu nos anos 1930, dois, nos anos 1950, cinco, nos anos 1960 e uma nos anos 1970;

4) ANOS 1980: baseando-se nos relatos dos pais e avós bem como na própria experiência e pensando nas interações sociais e linguísticas, alguns participantes citaram essa época como “divisor de água” no uso do espanhol, porém destacando que aqui ocorreria grande mistura de línguas e, quando havia algo de manutenção linguística do espanhol em si, possivelmente estava circunscrita aos descendentes mais velhos que, nesta época, ainda estavam vivos e que, gradualmente, vão morrendo. Em relação a esta época, houve apenas 3 referências, dentre os quais todas eram netos: uma que nasceu nos idos de 1940, outra no final nos anos 60 e uma outra nos anos 1980.

Lembramos, aqui, que tais dados restringem-se a informações obtidas das entrevistas e memória oral dos entrevistados e, claro, é natural que haja subjetividade e imprecisão dos resultados coletados, que não podem, na mesma dimensão, ser confirmados pelos periódicos analisados, uma vez que, à época de coleta de fontes primárias, antes de quando realizamos as entrevistas, infelizmente, acabamos por ter acesso apenas a periódicos até fim da década de 1930, portanto, bem distante do que alcança a maioria da memória possível dos falantes entrevistados. Contudo, fazendo intersecção de dados, dentro do que é viável em nossa pesquisa, supomos haver indícios que, entre os anos de 1930 (por meio dos jornais) e de 1970 (por meio dos relatos dos informantes) as línguas portuguesa e espanhola conviviam enquanto bilinguismo e/ou mistura.

Complementarmente, outro modo de considerar usos e presença da língua espanhola no passado, segundo os informantes e a partir dos jornais considerados é o esquema que elaboramos abaixo, no qual contrapomos épocas de registro de uso da língua, âmbitos de uso e época de maior uso da língua espanhola com o que as fontes primárias até a década de 1940 registram.

Tabela 36: Registros de domínios de uso segundo informantes *versus* épocas identificadas como de auge de uso da língua

Época de registro de uso da língua	Informantes que detalharam domínios de uso: 16 dos 40 Informantes que não detalharam embora citando época: 15 dos 40 Informantes que não citam 9 dos 40	Época citada como auge (há repetição de registros considerando intervalo de década de 10 anos)
1910	Carta para nativos (1 citação)	0 citação
1920	--	0 citação
1930	- Uso social: peças, leituras (1 citação)	0 citação
1940	-Âmbito doméstico/privado: diálogos, cartas (5 citações) - Uso social/cinema: peças, leituras (3 citações)	4 citações
1950	-Âmbito doméstico/privado: diálogos, cartas (5 citações) -Mistura de línguas (1 citação) - Uso social/cinemas (4 citações)	4 citações
1960	-Mistura de línguas (1 citação) - Uso social: cinema (4 citações) - Cartas em espanhol (3 citações)	15 citações
1970	-Uso de cartas (3 citações) - Peças (1 citação)	15 citações
1980	-Uso de cartas (1 citação) - Uso social (1 citação)	3 citações
1990	--	0 citação
2000	-Resíduos de uso na Feira/ Rua (4 citações)	0 citação
2010 em diante	- Sotaque no Centro e bairros espanhóis entre comerciantes/ uso residual (2 citações) -Cartas a parentes (1 citação) (Pessoa da 3ª faixa que já aprendeu a escrever madura)	0 citação

Como podemos observar na tabela acima, sobretudo nas partes em sombreamento cinza, há maior quantidade de referência, dentre os informantes que citaram domínios de uso, no intervalo entre a década de 1940 e a década de 1970, com destaque para os anos 1960, coincidentemente, também, a época citada nominalmente (considere-se anos 1950 e 1960 nos quais a citada década está incluída) por grande parte dos informantes. Observamos que basicamente o que pareceu predominar foi o uso de cartas entre parentes e diálogos no âmbito privado, de um lado, e uso da língua socialmente de forma direta ou indireta em ambientes como teatro e cinema a exemplo do Alhambra ou uma espécie de bilinguismo passivo no sentido de a colônia ou pessoas

do bairro verem filmes e peças em espanhol.

Tal cenário parece reforçar ter sido possivelmente essa época quando o espanhol ainda apresentava evidência e relevância numa espécie de “competitividade e, talvez, maiores chances de haver indivíduos bilingues nessa época até que, nas décadas posteriores, sobretudo, nos anos 1980, pode ter havido um refluxo acentuado.

De modo a detalhar melhor o descrito acima, vejamos, mediante divisão de domínios de uso linguístico o que os falantes disseram mais especificamente, em relação ao modo como, em determinados ambientes, a língua espanhola esteve presente seja em suas infâncias ou mais recentemente de algum modo. É o caso, como vimos, do ambiente da casa, da feira, do teatro, da igreja, comércio, ou presumivelmente, a partir do que vemos em jornais locais em que há referências a anúncios de comerciantes espanhóis, como ruas em regiões específicas da cidade.

3.4.1.3. Domínio privado de uso segundo os falantes: cartas e diálogos entre entes mais velhos da família

No domínio linguístico privado, sobretudo entre as décadas de 1950 e 1980, o que vemos é o uso da língua ora na modalidade escrita, ora na modalidade oral. No caso do primeiro, poderiam ser textos literários como poemas, cartas ou contos e, no segundo, falas cotidianas entre parentes dentro de casa.

Sobre cartas, a principal motivação, como veremos, vinha da necessidade de estabelecer correspondência entre parentes ou entre futuros patrões e empregados na relação havida entre o Brasil e a Espanha para atualizar questões, pedir coisas, ofertar empregos, etc. Infelizmente, não nos foi possível coletar nenhuma dessas cartas junto a nossos informantes, mas pudemos verificar certa recorrência nesse sentido. Vamos observar alguns excertos para comentar em seguida:

<i>M.C.: O meu pai tinha correspondência com uma tia dele da Espanha... (...) Então, disso, veio, veio carta... O meu pai, o meu pai lia... Gostava de ler, mas, depois, ele faleceu, aí, repartiram as coisas que tinha na casa dele. Aí, sumiram as coisas, né?</i> (MC, Filha, 83 anos, linha 15-19, página 27, vol. 2)

CI.: Em português, porque minha mãe não fala espanhol. **Meu pai, ele fala, porque ele teve mais contato... Até os catorze anos, ele falava só espanhol.** (...)

CI.: Assim, uma lembrança que eu tenho é por intermédio de histórias que contam, né. (...) veio/ela foi uma mulher muito corajosa, naquela época. Pegou os filhos, vendeu tudo e veio em busca de um marido que não via há sete anos. **E a comunicação era feita por carta...** (...) Que é mais complexo, né. Hoje, você tem, hoje é imediato, né. **Naquela época, era carta, quarenta dias pra chegar uma resposta.** E o que eu sei é que um dia meu avô veio trabalhar era fazenda/o meu bisavô veio trabalhar na fazenda. O próprio dono da fazenda foi quem fez toda a transação pra ela estar vindo da Espanha pra cá, as passagens, as coisas... **E tudo isso por carta.** (...)

(CI, Neta, 40 anos, linhas 51-51, página 71, e linhas 44-52, página 75, vol. 2)

R.B.: (...) Na época, eu to falando isso... **década de 60, meados de 70...** (...) **A comunicação era só por carta.** Então, ela tinha um acervo de cartas, de registros muito grande, então, isso gerava muito estudo... Gerava muita história, né?
(R.B, Filho, 54 anos, linha 9-16, página 701, vol. 2)

G.R.: **A tia dele, a tia Josefa...**

F.: Ah, sim...

G.R.: **Mandou uma carta pra ele, "Mira, Gerardo, ven para Brasil... Aquí, se coge/se cogen pepitas de oro en las calles".** (...) **Aqui, não tinha pepita de ouro, nenhuma...**
(GR, Neto, 74 anos, linhas 58-59 e 1-4, páginas 298-299, vol. 2)

D.: (...) Meu pai nunca ele entrou na escola. O estudo que ele tinha ele aprendeu sozinho. E, daí, aqui mesmo em Sorocaba, nós já morando aqui, **bastante gente vinha aqui pra meu pai escrever carta pra mandar pros parente que aquelas pessoas tinha lá, né?** E tinha um senhor que vinha sempre, ele chamava Seu Miguel. (...) O homem falava pro meu pai "O senhor escreva que...", "Usted escribe que aquí está to' bien, que não sei o que...", e o velho ficava fazendo assim [provavelmente fez um gesto com a mão]. [risos] (...) E ele...e, daí, o meu pai **escrevia lá e falava** "E agora o que mais?", "¿Que más pongo?". "No, no, ahora ponga usted lo que usted quiera". Meu pai falava: "¿Y cómo yo voy a poner lo que yo quiero, lo que quiera yo? Tú que tiene que decirte lo que quieres". (...)
F.: A senhora diz que sabe escrever em espanhol, né? Aprendeu com ele?

D.: **Alguma coisa, né, não sei muito. Meu pai escrevia tudo em espanhol e...**

(D, Filha, 79anos, linhas 22-40, página 152, vol. 2)

M.L.: (...) **Inclusive, as cartas em espanhol, o contato que tinham era feito nessa casa. Eles não sabiam muito, é...**

F.: Ler?

M.L.: Colocar ... é... ler...
(...) **Também, ler, escrever, tudo. Isso não sabiam, mas tinha uma família, algum familiar, primo, é... na verdade, era uma prima, que ela escrevia e, depois, o meu tio mais jovem, que, hoje, também, é falecido, que ele, também, escrevia. Então, o polo, o polo da correspondência saía desta casa.**
(M.L., Filha, 59 anos, linhas 53-60 e 1-11, páginas 578-579, vol. 2)

Como já antecipado, aqui é possível ver o fundamento da comunicação privada que consistia em escrever cartas, compartilhar histórias passadas, mas, geralmente, apenas no caso de alguns interlocutores como pessoas mais velhas para falar com parentes na Espanha, ou para ler/escrever textos de/a pessoas espanholas que eram analfabetas ou no sentido de ter melhores chances de empregabilidade mediante contato direto com proprietário de fazenda, por exemplo. O que não pareceu subsistir era um diálogo entre todos os integrantes da família em si, como as crianças, que possivelmente apenas ouviam parcialmente a língua espanhola e até entendiam, mas não chegavam a falar, como deduzimos das entrevistas, pois não citaram que falavam, mas apenas ouviam e viam cenas de uso da língua.

Aqui nos parece tratar-se de um caso comum de língua de herança no sentido de que a informante D., filha de espanhóis, demonstra conhecer a língua bem como traços da variedade andaluza a que foi exposta e reproduz de maneira bastante fiel à norma fonética respectiva ao citar, por exemplo, “Usted escribe que aquí está to’ bien”; isto é, o “to’” é uma abreviação da palavra “todo” e assim se pronuncia em virtude de um fenômeno típico andaluz sobre o que falaremos no tópico 4.2.5., isto é, fragilização do /d/ intervocálico.

Além disso, a informante cita a experiência do pai em utilizar a língua inclusive na modalidade escrita uma vez que o contexto era justamente de uma pessoa que escrevia cartas para outras pessoas o que elas gostariam por alguma razão em virtude de não dominarem o código escrito, demonstrando, com isso, tratar-se, ambos, de bilíngues individuais em algum momento de suas vidas, o pai, seguramente, e D., em parte de sua experiência de juventude.

3.4.1.4. Domínio público de uso, segundo os informantes

No que diz respeito ao domínio público, os principais locais citados tinham a ver com duas grandes formas de interações, isto é, econômicas e culturais; na primeira, basicamente na feira da região do bairro da Vila Hortência e no comércio, na região central da cidade; na segunda, basicamente cinema/teatro, em primeiro plano, e igreja, em segundo plano, ambos no bairro da Vila Hortência.

i. Feira e comércio

O ambiente da feira era comum considerando que muitos dos ascendentes espanhóis como pais, avós ou bisavós eram agricultores e, por isso, faziam vendas na feira de Sorocaba ou quando precisavam comprar algo para uso doméstico. Observemos os excertos a seguir de falas de alguns informantes.

*M.C.: (...) Esse que morreu, o tal de Zezinho, ele vinha, aqui, **na feira**, conversava comigo... (...) Aí, o meu pai veio assim: “Putá Merda”, ele falava... O espanhol fala, né? “Planta, nena, ya se acabó, já agora, os seus filhos podem ter orgullo del abuelo”. (...) “Por quê, pai?” Ele falou “Poque, ahora, ya no estoy más debiendo pa’ más nadie. Está todo sanao”*

(M.C., Filha, 83 anos, linha 36-43, página 34, vol. 2)

F.: O senhor ainda ouve, talvez, pessoas com sotaque ou falando alguma coisa em espanhol na rua, no bairro?

*JMo.: Escuto bastante. (...) **Na feira**, encontro, também. Espanhol que... Minha idade. Jovem, já, não escuto, não, mas se for de oitenta anos, uma coisa assim, uns setenta e poucos anos, filho de espanhol, até hoje falam ainda, misturado, mas fala...mas compreende...*

(JMo., Filho, 83 anos, linha 42-50, página 445, vol. 2)

F.: Mas pensando na Vila Hortência, por exemplo, você acha que o espanhol ainda tá vivo de alguma forma?

Mi.: Ah tá. **Nas feiras, a gente sabe** que nos domingos ainda se fala um pouco de espanhol. Os mais velhos, quando se encontram. **Os nomes das ruas, lá, remetem às cidades.** Então...

(Mi., Neta, 55 anos, linha 14-16, página 631, vol. 2)

SA.: Então, a gente conversa, **tem algumas gírias, né, espanholas que a gente escuta por aí.** Mas, na pesquisa que eu fiz aí pro... (...)

Nós investi/entrevistamos muitas pessoas, lá no bairro dos espanhóis, pessoas mais antigas, velhas, né? E eles contam que, no ônibus, no trem, no bondinho, que tinha lá no bairro, eles escutavam as pessoas falando em espanhol. **Na feira de Sorocaba, você pega alguma coisa ainda, lá na feira do...** (...) SA.: É, você percebe que/alguma coisa da espanholada, lá. Mas, tudo tá se acabando, né? Infelizmente, as raças aqui, os árabes, os espanhóis, eles querem ser brasileiros, na verdade, né? E vão perdendo a identidade cultural.

(SA., Neto, 67 anos, linha 1-13, página 722, vol. 2)

F.: (...) Você acha que o espanhol tá vivo, né, de alguma forma... Tipo, se você for pra feira, né, que tem lá... Feira de Santa Maria, se visitar... (...)

S.M.: Sim... (...) **Nessa região, aqui, ela é, essencialmente, espanhola.** Não é, não é aqui. Barcelona... Barcelona, também... Barcelona é... É todo o Além é... Além Ponte...Inclusive...(...) Entendeu? Então, **ali, as ruas...Pode ver os nomes...** É... Toda essa região é, é espanhola... é... Tudo... Tem italiano, tem é... é... japonês... Tem de tudo, mas o espanhol é mais o que predomina. Essa região foi toda, toda colonizada...

F.: Mas, assim, especificamente se a língua ainda sobrevive... Você acha que sim?

S.M.: **Sim, ainda ouve muito.**

(SM., Neto, 66 anos, linha 42-57, página 753, vol. 2)

Este primeiro domínio público isto é, a feira local ocorria na Vila Hortência; além do comércio, era comum, porém, geralmente no centro da Cidade. Assim, muitos dos ascendentes espanhóis como pais, avós ou bisavós que eram agricultores ou apenas clientes costumavam ir à feira do bairro vender/comprar vários produtos a ponto de, eventualmente, acabarem interagindo por vezes em espanhol. Inclusive, até na atualidade (ao menos até 2018 quando fizemos a coleta de dados), a inferência de alguns informantes era de que a língua espanhola ainda se mantivesse na região que circunda a feira aos domingos de algum modo, seja pelos sotaques residuais, pelos nomes hispânicos de ruas próximas, palavras isoladas ou, minimamente, uma espécie de reconhecimento da “espanholidade” mútua sobretudo entre os mais velhos.

Agora tratando, mais especificamente, do que pôde ser verificado presente em jornais, poderemos observar, abaixo, publicações recorrentes mais à dimensão urbana, isto é, o comércio não de produtos agrícolas, mas utensílios de vestuário e, eventualmente, até venda de sementes de cebola de origem espanhola, não na feira em si, mas sob encomenda diretamente com importadores. Observemos:

G.R.: Que é o reduto dos espanhóis. Mas o meu avô, **da parte da minha mãe, Gerardo Pérez Herrero, como ele era mestre celeiro... (...)** Ele se **estabeleceu no Centro (...)**Primeiro, alugando uma casa e, depois, é... se estabelecendo por conta própria...

(GR., Neto, xx anos, linha 43-48, página 293, v. 2)

G.R.: O meu avô era um **comerciantasso, né?** Então, ele comprou essa loja do, do cara que faliu em Sorocaba. E veio tudo... E veio **pente de osso, veio brilhantina... Veio... O meu avô trabalhou com fotografias...** Olha, aqui... **terno**, aqui...

(GR., Neto, 74 anos, linha 18-24, página 302, v. 2)

F.: É... No caso dos pais da senhora, eles trabalhavam com quê?

M.C.: O meu pai, ele **vendia...** é... ele trabalhava de **comerciante, né?** Negócio de **cebola...** No passado, ele tinha a fábrica de benefício de **laranja...** Exportava laranja... Depois, foi cortado...(.) E num pôde mais trabalhar com isso. Então, ele só comprava cebola. Vendia semente de cebola...

(MC., Filha, 83 anos, linha 19-23, página 25, vol. 2)

M.G.: (...) Mas o meu pai sempre gostou dessa parte de comércio e... tentou uma vez até fabricar é... um vinho de laranja, mas aí não deu certo...

F.: Mas o principal ofício era da parte de agricultura?

M.G.: Era... Da agricultura...

F.: E...

M.G.: Primeiro, foi cebola...

F.: Cebola, né?

M.G.: Depois, foi laranja... (M.G., Neta, 81 anos, linha 1-7, página 505, vol. 2)

CASA PERES
Rua Mons. João Soares, 79 - Sorocaba
O estabelecimento que se impõe na praça de Sorocaba, pela seriedade do seu systema de negocios, qualidade superior de todos os artigos do seu colossal stock e razabilidade dos seus preços.
Especialidade em artigos para cavalheiros, taes como calçados, chapéus, camisas, roupas feitas, etc.
VISITEM A CASA PERES
á Rua Mons. Joao Soares, 79
A casa que melhores e maiores vantagens offerece, nesta cidade, no ramo de sua especialidade.

Anúncio “Casa Peres”. In 1937 (31/12), ano XXXVI, n. 9216, página 4

SEMENTES DE CEBOLAS
Amarellas das Canarias, e Pera do Rio Grande, artigo especial em germinação e boa qualidade. Importação directa

Informações em Sorocaba, com o sr. Antonio Haro, avenida Siqueira Campos, 303—Telephone 416, e em Brig. Tobias, com o sr. João Garcia.

Pedidos ao importador Antonio Trujillo Clemente, caixa postal, 17—Bairro de S. Antonio—S. Roque

Anúncio “Semente de Cebolas”.1936 (01/02), ano XXXIII, n. 8664 , página 4

Cooperativa de Citricultores de Sorocaba
Assemblea Geral Ordinaria
1.ª, 2.ª e 3.ª convocação

Em obediencia ao disposto no art. 12 dos Estatutos, são convidados os srs. cooperados, para formarem a Assembleia Geral que terá lugar domingo, 2 de Fevereiro, ás 13 horas, na sede social, avenida Siqueira Campos, 228.

Não havendo numero legal á hora marcada, verificar-se-ão as 2ª e 3ª convocação com espaço de 60 minutos.

Sorocaba, 28 de Janeiro 1936.

(a) **Braulio O. Guedes da Silva**
Presidente

Notícia sobre Cooperativa de Citricultores. 1937 (31/12), ano XXXIV, n. 9216

No caso dos registros de falas dos informantes “Gr”, “MC” e “MG”, vemos correferência em publicações de edições do jornal Cruzeiro do Sul: “Casa Peres”, local de comércio sobretudo de peças de vestuário, cujo anúncio se publicou em 1937; anúncio de sementes de cebolas vindas da Espanha, com publicação em 1936 e, por fim, notícia sobre Assembleia Geral da Cooperativa de Citricultores de Sorocaba, no ano de 1937.

ii. Teatro/cinema e lazer na zona rural

Além da Feira de agricultores, no âmbito público, outro ambiente de circulação da língua espanhola foi o do teatro ou cinema a exemplo do Alhambra e Eldorado onde havia apresentações de peças e filmes tanto em língua portuguesa como em língua espanhola, na primeira metade do século e aonde costumavam ir espanhóis e descendentes de primeira geração. Consideremos os trechos abaixo:

F.: *Porque tinha um cinema também, né, não sei se a senhora ouviu falar, o Cine Eldorado. (...) O Teatro Alhambra. Alhambra... Chegou a ir em alguma coisa nesses lugares?*
 H.S.: **Tinha. Sim.** (...) **Filmes...** até eu assisti um filme uma vez por ano... com **doze anos** (cerca de 1959) que eu lembro até hoje. (...) *Tinha doze anos. O nome do filme era “Teu Filho Deve Nascer”. (Tu hijo debe nacer, 1958, México) (...) Filme em espanhol. E eu não esqueço desse filme, eu tenho setenta e um anos e parece que eu assisti a semana passada.* (H.S., Filha, 71 anos, linha 12-24, página 173, vol. 2)

JE.: *Todo domingo, eu ia... Alhambra quando era ali colado na Tavares [rodovia Raposo Tavares] No tempo meu que eu já conheci, já tinha terminado, não tinha mais. O que tinha aqui era o Cine Eldorado. (...)*
 F.: *Tinha peças, coisas em espanhol ou era mais em português?*
 JE.: *Não, era filme. (...) Passava alguns em espanhol, também. Mas era raro, também, né...*
 (JE., Filho, 80 anos, linha 47-58, página 404, vol. 2)

F.: *Teatro Alhambra...*
 G.L.: *Um teatro... Até ele participava... (...) Era só de espanhóis... (...)*
 F.: *Até quando existia? A senhora tem ideia? Até que idade e época?*
 G.L.: *Ah... Tive muitos anos, mas, depois, acabou...*
 F.: *Acabou o quê? Nos anos 60? Nos anos 70?*
 (...) **G.L.: Se chegou até os cinquenta foi muito.** (...) *Porque eu nunca, eu nunca vi que tivesse nada lá.*
 F.: *Entendi. (...)*
 G.L.: *E nem sei o que tem mais lá. Mas foi bem quando os espanhóis vieram. (...) Que ele contou que fazia teatro, né, mas era espanhol. Me parece, também, que se falava espanhol.*
 (GL, Filha, 81 anos, linha 15-34, página 346, vol. 2)

SA.: *Tem o Jairo Sanches, o Zé Sanches, que são dono da fábrica de tubos, né, tubo... Eles têm muita história. Você já ouviu falar de Santisteban? (...) Esse cara é muito importante, né? (...) É. ele tinha um teatro na região espanhola, aqui em Sorocaba. E, além do teatro, ele tinha uma biblioteca, devia ter uns quinhentos livros espanhóis. E que a espanholada ia lá ler, nesse teatro.* (SA, Neto, 67 anos, linha 37-44, página 726, vol. 2)

M.L.: (...) *Aí, tinha um cinema chamado Cine Eldorado... (...) E esse Cine, inclusive, era um espanhol ... os espanhóis que projetavam os filmes... (...) Em 59, eu nasci... Era forte, ainda... A minha tia conta a história que as crianças eram pequenas e o meu tio e o meu pai ainda iam, porque, naquela época, também, a mulher casava e ficava em casa. (...) Mas o marido, ainda, ia... Então, eles iam ao cinema. Eles iam ao clube porque tinham as reuniões no Clube dos Espanhóis e eles iam. Então, eu creio que eu já ia ...*
 F.: *Então, talvez, até o final dos anos 60, né?*
 M.L.: *Ah, é... Ah, eu acho até que um pouco mais... Se eu sou de 59 e 60...*
 (M.L., Filha, 59 anos, linhas 45-55 e 1-7, páginas 579-580, vol. 2)

Conforme se pode notar acima, embora não fosse exclusividade, a língua espanhola circulava, seja mediante expressão artística (filme ou cinema) seja a partir de diálogos no ambiente dos Cine-Teatros Alhambra e Eldorado ainda nos anos 1950 e 1960.

Além disso, havia ainda a presença do promotor cultural Juan Santisteban que foi quem fomentou um destes teatros assim como uma biblioteca anexa nos idos de 1950.

iii. Baile/Igreja

Outro ambiente de possível circulação da língua espanhola (ao menos, a cultura de algum modo) também citado, embora com menos ênfase, foi a igreja matriz do bairro Vila Hortência, onde era costume haver bailes e jantares beneficentes aos quais costumava ir a colônia espanhola nos anos 1970 ou partindo do relato de informante de 83 anos (no ano de 2018) que dizia participar de bailes dos 14 aos 20 anos, ou seja, possivelmente entre 1949 e 1955. É o que podemos verificar no excerto abaixo:

F.: Entendi. E o senhor já chegou a participar de algum evento homenageando a cultura espanhola, já mais adulto? (...)
*JMo.: **Bastante baile.** Churrasco que eles faziam. Espanhola...*
*F.: Isso o quê? Nos anos setenta? Nos anos oitenta? Em **que anos**, o senhor acha?*
*JMo.: **Mais setenta.***
F.: Quem organizava? Era aqui a igreja que organizava?
*JMo.: **A maioria era a igreja, né? (...)***
JMo.: Os novo já tão, já misturaram muito.
F.: Anham.
*JMo.: Espanhol com português. Depois, já iam pra escola. O outro já sabia falar mais português do que, né, mas compreendiam tudo. (inaudível) Antigamente, **tinha muitos bailes espanhor.** Nossa. Uhh. Até lembro quando tinha **catorze ano, quinze ano, até vinte ano**, nossa. Até hoje, quando vem, aí...*
 (JMo., Filho, 83 anos, linhas 22-30, 1-5, páginas 443-444, vol. 2)

3.4.1.5. Domínio de uso, segundo o jornal *Cruzeiro do Sul*

Reportemo-nos, agora, à dimensão pública no que concerne ao que está representado em fontes primárias, isto é, jornais de publicação local durante a primeira metade do século XX (ao menos até 1940) a fim de ver *se e de que modo* a língua ou cultura espanhola se apresentava. Vejamos, antes, a seguinte tabela para, depois, tecer comentários.

Tabela 37: Registros de uso do espanhol X referências em português a questões da colônia espanhola no jornal “Cruzeiro do Sul” até 1940

Época de registro de uso da língua	Jornal Cruzeiro do Sul (textos em espanhol)	Jornal Cruzeiro do Sul (temas vários relacionados à colônia - textos em português)
1903-1910	-----	-3 Anúncios (Touradas, Sapataria espanhola – 1904, 1906, 1909)
1911-1920	-3 Poemas (1914, 1915) -3 peças (1917, 1918, 1920 na Sociedad Unión Española e Teatro São Raphael) -1 referência a cânticos na Capela de Santa Cruz (1916) (total: 6)	-3 Notícias várias (questão demográfica, jogo com time da colônia – 1913, 1914, 1919), -2 Anúncios vários (Touradas, azeitonas – 1911, 1920), -1 Piada sobre espanhóis (1918) (total: 6)
1921-1930	-3 Notícias várias (apresentação humorística – Teatro São Raphael, 1921; morte da Rainha-Mãe, 1929; apresentação de poemas na Sociedade Cervantes, 1929) -1 Peça (1927) -1 Texto laudatório ao prefeito de Sorocaba (1930) (total: 5)	- 18 Notícias várias (atuação da Sociedad Unión Española, Festa/Atuação da Agência Consular, Sociedade Hespánhola Cervantes, Caixa e Socorros Mútuos da Sociedade Cervantes, Obituários de espanhóis, Recenseamento de espanhóis, Cultura citrícola, Sobre saudação de espanhóis na Espanha para brasileiros, peça no Alhambra – 1921, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1930) - 14 Anúncios de itens vários (cebola, terrenos, roupas, casamentos – 1921, 1923, 1924, 1925, 1926, 1928) (total: 32)
1931-1940	-7 Filmes (1936, 1940) no Teatro Alhambra, 2 poemas (1939) -6 Notícias várias (citricultura, questões políticas, evento do grupo Dicenta e outras atividades culturais) (1932, 1934, 1939), 3 Peças (1934), -1 Crônica (1931) -1 Referência a programa “A voz de Espanha” com foco em músicas espanholas (1946), 1 Texto político do agente consular (1936) (total: 15)	-12 Notícias várias (posse de Cônsul, Baile em prol da colônia, casamento envolvendo espanhóis, atuação da Sociedade Hespánhola Cervantes, Movimento Imigratório, sobre citricultura, jogo de tênis com time da colônia, sobrenomes espanhóis com certificados de permanência – 1932, 1933, 1935, 1938, 1939, 1940) -6 Anúncios vários (venda de terreno, cebola importada, loja de Roupas Casa Peres – 1933, 1934, 1936, 1937, 1938, 1939) - 1 Convite para evento cultural da Sociedade Beneficente Hespánhola-Brasileira de Brigadeiro Tobias (1936) (total: 19)

Com relação à Tabela 35 que trata dos registros que encontramos em edições várias verificadas por amostragem de 1903 a 1940 do jornal *Cruzeiro do Sul*, que circula até hoje na cidade de Sorocaba, podemos ver, de um lado, maior referência à colônia espanhola, com textos em português nos anos 1920, ao se mostrar muitas notícias sobre os vários âmbitos e temas, por um lado, e, embora continue em perspectiva semelhante aos anos 1930, o que se destaca nesta década aqui é o aumento considerável de publicações em espanhol (notícias, crônicas) ou referências a materiais em língua espanhola como filmes exibidos no Teatro Alhambra, por exemplo. Fazendo, pois, o contraste, infelizmente não tão preciso já que, em relação às fontes primárias, restringimo-nos até o ano de 1940 que foi o que tivemos acesso em nossa pesquisa, verificamos que, muito provavelmente, ao menos até tal ano e, sobretudo, 1950, a colônia espanhola em Sorocaba estava em evidência e o bilinguismo era pujante por ser comum o uso da língua nos âmbitos privado e público a ponto de o idioma espanhol circular em jornal de âmbito amplo na cidade de Sorocaba, que não era voltado para a colônia senão para a cidade como um todo.

Como forma de complementar com mais detalhamento o que pudemos catalogar de informações, no jornal *Cruzeiro do Sul*, ligadas à coletividade hispânica em Sorocaba, trazemos à baila, a seguir, uma periodização que vai dos anos 1900 a 1930 para as quais citamos, na coluna da esquerda, alguns dos temas ou assuntos mais recorrentes no jornal, seções registradas com respectivos tipos de textos, na coluna do meio e, na coluna da direita, agremiações hispânicas e locais onde se realizavam eventos culturais e políticos nos bairros “espanhóis”. Vejamos, a seguir a tabela com partes destacadas em cinza mostrando o que seria mais claramente ligado à colônia espanhola sorocabana.

TEMAS RECORRENTES

Tabela 38: Síntese de temas recorrentes no jornal Cruzeiro do Sul

Âmbito Comercial	- Sobre epidemias
- Preocupação em competição de beleza feminina da cidade	- Textos sobre ações e visões políticas geralmente elogiosos
- Anúncios vários: produtos da moda (chapéus, por exemplo)	- Notícias sobre outras cidades
- Anúncios de remédios (bastante) e de serviços	- Notícias breves internacionais ligadas a situações cotidianas
- Cursos voltados basicamente aos escolares incluindo matemática, português, geografia	Âmbito privado
- Cursos incluindo línguas tais como latim, alemão, inglês, francês e jamais de italiano ou espanhol, por exemplo.	- Informações sobre compras
Âmbito político e de segurança	- Informações sobre desaparecidos
- Fatos policiais	- Informações sobre nascimentos, óbitos, casamentos
- Notícias ligadas à prefeitura e suas ações, cobranças, esclarecimentos	Âmbito linguístico-cultural
- Notícias relativas a situações jurídicas envolvendo a população e seus deveres	- Textos artísticos inclusive em língua estrangeira (espanhol, francês, italiano)
- Eventuais dados demográficos influenciando dados do censo, de nascidos, mortos, casados, população urbana e rural	- Manifestações das diversas colônias e suas entidades
- Guerras (1ª guerra, revolução constitucionalista)	- Textos ligados à igreja e/ou moralizantes
	- Muitos anúncios de peças e filmes e atividades em clubes
	- Muitos clubes e agremiações nacionais e das colônias
	Âmbito tecnológico
	- Inovações (bonde, eletricidade)

SEÇÕES

Tabela 39: Síntese de seções encontradas no jornal Cruzeiro do Sul

“Notícias várias” (1ª Folha)	exames médicos
informes internacionais ou sobre a capital e o estado de São Paulo	“Notícias da sociedade” (3ª Folha)
questões de economia (linhas férreas, plantações)	viagens, mudanças
anúncios curtos (venda, loteamentos)	eventos culturais, reuniões de agremiações
literários (poemas, crônicas)	subseções “A vida social – notícias mundanas” e “Palcos e platéas”
notícias policiais locais	“Secção livre” com transcrição de notícias de outros jornais, notícias municipais (“editaes”) e impostos
artigos de opinião sobre cultura, política	abertura de cursos, aniversários
notas mundanas (notícias do cotidiano)	“Noticias forenses”
“Factos e notas” (2ª Folha)	“Noticias religiosas”
notícias de personalidades ou assinantes do jornal, anúncios de modo geral (flores artificiais, carros de aluguel, velas, remédios)	“Correios sportivos”
convite ou anúncios de casamento	“Necrologia” (óbitos)
fábrica de móveis, tintura, serviços de construção	Quarta e última folha
pecúlios (consórcios e sociedades)	mais anúncios (vendas de móveis e imóveis)
consertos de fogões., lojas de louças de metais	premiação de loteria
	classificados (trabalho), aulas particulares preparatórias (escolas)

AGREMIACÕES CITADAS ATÉ 1940

Tabela 40: Síntese de agremiações citadas no jornal Cruzeiro do Sul

DÉCADA DE 1900
NADA
DÉCADA DE 1910
Centro de Cathecismo Hespanhol (citação: 1916)
Grupo Dramático Dicenta/Caixa de Socorros filiada ao Dicenta: (citação: 1918 a 1932)
Sociedad Unión Española: (citação: 1919 e 1920)
DÉCADA DE 1920
Grupo Dramático Dicenta/Caixa de Socorros filiada ao Dicenta: (citação: 1918 a 1932)
Sociedad Unión Española: (citação: 1919 e 1920)
Clube Cervantes: (citação: 1921 a 1934)
Agência Consular: (citação: 1925 a 1939)
Teatro Alhambra: (citação: 1925 a 1940)
Sociedade Hespanhola de Instrução e Beneficencia: (citação: 1926)
Sociedade Beneficente da Caja de Socorros Española: (citação: 1926)
Clube Hespanha: (citação: 1929 a 1939)
DÉCADA DE 1930
Grupo Dramático Dicenta/Caixa de Socorros filiada ao Dicenta: (citação: 1918 a 1932)
Clube Cervantes: (citação: 1921 a 1934)
Agência Consular: (citação: 1925 a 1939)
Teatro Alhambra: (citação: 1925 a 1940)
Clube Hespanha: (citação: 1929 a 1939)
Grupo Dramático Cervantes: (citação: 1931)
Centro Republicado Hespanhol: situado à Rua Souza Pereira, 206 que teria sido extinto em 1937 (In: Cavalheiro, 2009, p.15)
Brasil Hispano F Clube.: (citação: 1936,
Sociedade Hespanhola Cervantes: (citação: 1933 e 1934)
Sociedade Beneficente Hespanhola-Brasileira: (citação: 1936)
Sport Club Hispano: (citação: 1937)
Cine Eldorado: (citação: 1939 e 1940)

Nas tabelas acima, o que poderíamos destacar são anúncios de vendas de lotes e terrenos sobretudo dirigidos à colônia além de lojas de propriedades dos próprios espanhóis, como veremos mais adiante, a exemplo de propaganda de sapatos e roupas. Ademais, há reportagens e notícias sobre eventos culturais e fatos políticos também dirigidos à colônia, bem como questões de ordem mais política envolvendo eventos com policiais, ações e comunicações vindas da Espanha e, no Brasil, casos de perseguição, de conflito por questões ideológicas relativas à imigração, guerra, anarquismo e comunismo. Acrescentamos, também, dados demográficos e sociais incluindo casamentos, óbitos e publicações de crônicas e poemas em espanhol.

Por fim, no que tange a organismos sociais e agremiações ligados aos espanhóis, dos quase quarenta anos que pudemos observar (claro, não todas as edições de tantos anos, conforme já dissemos), verificamos o seguinte:

Tabela 41: Registro de entidades no Cruzeiro do Sul da década de 1903 a 1940

DÉCADA DE 1900	Nenhum registro
DÉCADA DE 1910	(3 registros): 1 entidade religiosa, 2 clubes artístico-políticos;
DÉCADA DE 1920	(8 registros): 3 artístico-políticas, 1 órgão político, 1 órgão cultural, 2 órgãos de assistência, 1 clube desportivo;
DÉCADA DE 1930	(13 registros): 3 artístico-políticas, 2 órgãos políticos, 3 órgãos culturais, 2 clubes desportivos, 3 órgãos de assistência.

Neste sentido, mesmo salientando que não há dados sempre claros de quando surgiram e foram extintos órgãos e parte deles sendo citada em diferentes décadas, vemos proeminência nas décadas de 1920 e 1930, o que parece indicar uma maior movimentação da colônia que, de acordo com índices relativos aos falantes, conforme veremos mais adiante, sugerem um uso da língua espanhola entre os anos 1920 e 1950 ou até 1960 e daí o refluxo natural de tal expressão por razões relativas ao que muitos informantes disseram, isto é, casamento interétnico, novas gerações menos preocupadas em manter sua cultura e muito mais em sobreviver aos desafios cotidianos, além do distanciamento das novas gerações dos ditos bairros espanhóis, dentre outros fatores.

Complementarmente, verificamos, a seguir, o recorte de dados relacionados à atuação político-comercial de modo geral que pudemos encontrar em edições no citado jornal Cruzeiro do Sul.

Anos 1904-1911	Registro de touradas
Anos 1920-1932	Presença atuante de um importante difusor cultural espanhol, o artista e escritor Juan Santisteban, que chegou em 1911 a Sorocaba
Anos 1925-1939 (ao menos até 1939)	Atuação intensa da Agência Consular em Sorocaba situada à atual Rua Nogueira Padilha, Vila Hortência
1911-1937	Anúncios muito relacionados à colônia espanhola como de sementes de cebola e de terrenos, lotes nos bairros ditos espanhóis e de itens de vestuário (sapatos, roupas) no centro de Sorocaba

Tabela 42: Recorte de registros de atividades político-comerciais no Cruzeiro do Sul por décadas

A tabela mostra mais uma vez uma intensidade marcante nas décadas de 1920 e 1930 no que diz respeito à atuação cultural, comercial e política relativa à comunidade espanhola, algo que não tem como ser afirmado já nas décadas de 1900 e 1910 quando a comunidade ainda estava se iniciando e se estabelecendo.

Neste momento, é interessante mostrar, de forma complementar, dados geográficos acerca dos ambientes de comércio extraíveis tanto de jornais como das falas dos informantes, o que, mais uma vez, nos faz tecer conjecturas sobre espaços de circulação da língua espanhola.

Assim, segundo vários anúncios de jornais sobre produtos de e para espanhóis, temos os seguintes registros, a saber:

Tabela 43: Circulação do mundo do “comércio” de/para espanhóis no Cruzeiro do Sul.

Endereços	Zona	Bairro
Rua Alfredo Fernandes	Rural	Brigadeiro Tobias
Rua Cesário Motta, 38	Urbana	Centro
Rua Dr. Braguinha, 209	Urbana	Centro
Rua 15 de Novembro, 300	Urbana	Centro
Rua da Estação (não existe mais)	Urbana	Centro
Rua da Penha, nºs 67, 104 e 142	Urbana	Centro
Rua Dr. Álvaro Soares, nº 29	Urbana	Centro
Rua Monsenhor João Soares, nºs 6, 8, 23 e 79	Urbana	Centro
Rua Padre Luiz, nºs 15, 21 e 22	Urbana	Centro
Rua General Carneiro, nº 183	Urbana	Centro
Rua Santa Clara, nº 212	Urbana	Centro
Rua São Bento, nº 22	Urbana	Centro
Rua Souza Pereira, nº 206	Urbana	Centro

Rua Barcelona, nºs 3, 50, 138	Urbana	Bairro “espanhol”: Vila Hortência
Rua Nogueira Padilha, nºs 170 A e 108	Urbana	Bairro “espanhol”: Vila Hortência
Rua José Martins, nº 48	Urbana	Bairro “espanhol”: Vila Hortência
Rua Rui Barbosa	Urbana	Bairro “espanhol”: Vila Hortência
Rua Santa Maria	Urbana	Bairro “espanhol”: Vila Hortência
Rua Tereza Lopes	Urbana	Bairro “espanhol”: Vila Hortência
Rua Manoel Lopes, nº 28	Urbana	Bairro “espanhol”: Vila Assis
Rua Aparecida	Urbana	Outros bairros: Santa Rosália
Rua Votorantim, nº 14	Urbana	Outros bairros: Jardim Leocádia

Tabela 44: Circulação do mundo do “comércio” de/para espanhóis segundo informantes

Endereços	Zona	Tipo de citação	Bairro
Rua Dr. Braguinha (Centro)	Urbana	Trabalho/comércio	Centro
Rua Brigadeiro Tobias	Urbana	Trabalho/restaurante	Centro
Rua da Penha	Urbana	Trabalho/comércio	Centro
Rua Monsenhor Joao Soares	Urbana	Trabalho/comércio	Centro
Rua Souza Pereira	Urbana	Trabalho/comércio	Centro
Rua Aparecida	Urbana	Trabalho/comércio	Santa Rosália
Rua Granada	Urbana	Trabalho/comércio	B. espanhol: Vila Hortência
Rua Nogueira Padilha	Urbana	Trabalho/comércio	B. espanhol: Vila Hortência
Rua Dr. Braguinha	Urbana	Moradia/infância	Centro
Rua Brigadeiro Tobias	Urbana	Moradia/infância	Centro
Rua Monsenhor Joao Soares	Urbana	Moradia/infância	Centro
Rua José Mesquita Sobrinho	Urbana	Moradia/infância	Jardim Vergueiro
Rua Manoel Lopes	Urbana	Moradia/infância	B. espanhol: Vila Assis
Rua Barcelona	Urbana	Moradia/infância	B. espanhol: Vila Hortência
Rua Coronel Nogueira Padilha	Urbana	Moradia/infância	B. espanhol: Vila Hortência
Rua Fernão Sales	Urbana	Moradia/infância	B. espanhol: Vila Hortência
Rua Granada	Urbana	Moradia/infância/Feria de Sevilla	B. espanhol: Vila Hortência
Rua Santa Maria	Urbana	Moradia/infância/Cine Eldorado	B. espanhol: Vila Hortência
Rua Sevilha	Urbana	Moradia/infância/ Feria de Sevilla	B. espanhol: Vila Hortência

Rua Teresa Lopes	Urbana	Moradia/infância/ Cinema	B. espanhol: Vila Hortência
Rua José Pedro Senger	Urbana	Moradia/infância	B. espanhol: Vila Haro
Rua Ramon Haro Martini	Urbana	Moradia/infância	B. espanhol: Vila Haro
Rua Doutor Álvaro Soares	Urbana	Lazer	Centro
Rua Catalunha	Urbana	Lazer	B. espanhol: Vila Hortência
Rua Coronel Nogueira Padilha	Urbana	Lazer: tourada/ Feria de Sevilla/Noche española	B. espanhol: Vila Hortência
Rua Madri	Urbana	Lazer/ Feria de Sevilla	B. espanhol: Vila Hortência
Rua Santa Maria	Urbana	Lazer/ Cine Eldorado	B. espanhol: Vila Hortência

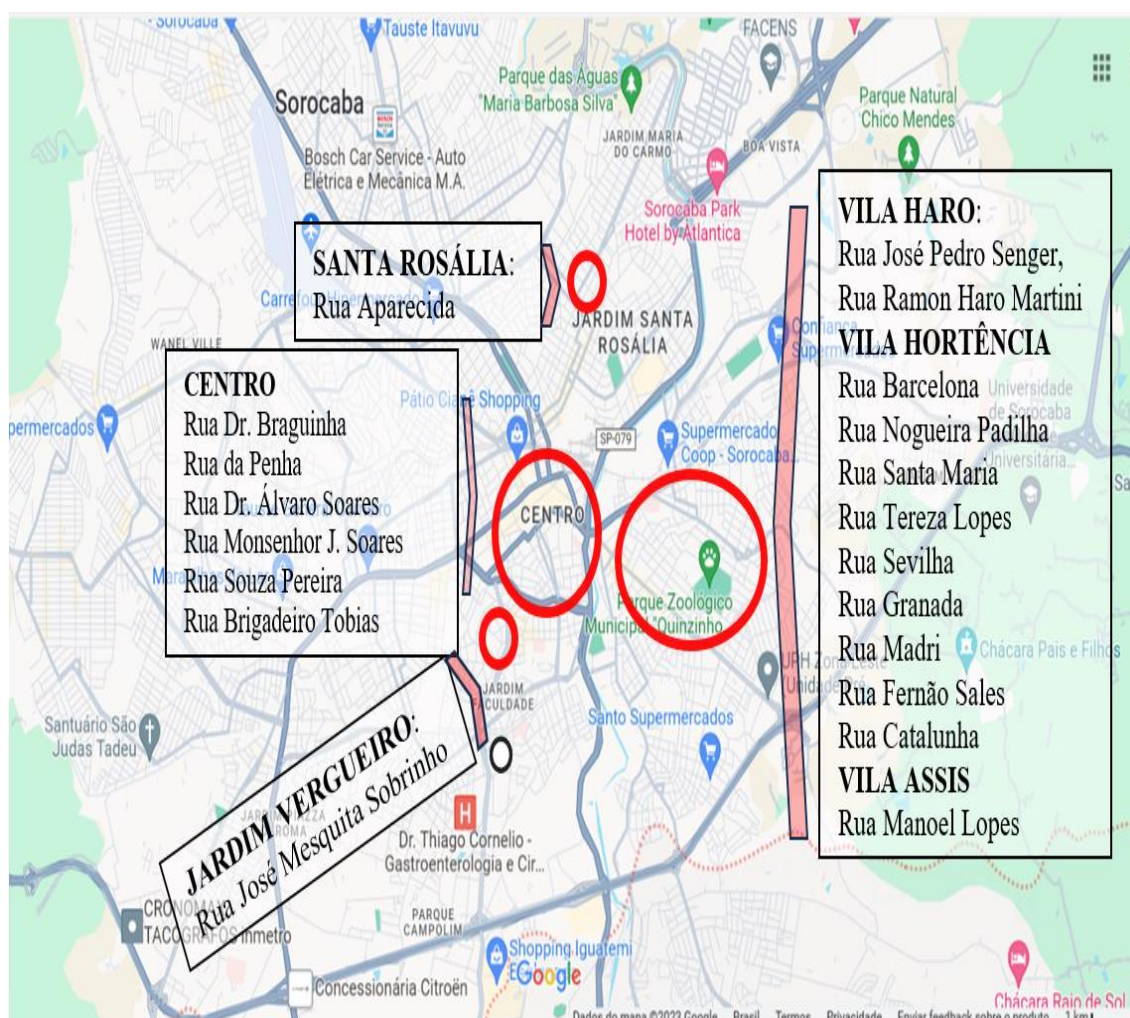


Figura 10: Distribuição de ruas citadas em entrevistas relacionadas aos espanhóis

Montagem feita pelo autor a partir de *print* do Google maps ® a partir dos registros verificados nas falas dos informantes sobre ruas onde parentes moravam ou onde trabalhavam com comércio ou onde entendem que haveria a presença espanhola mais marcante

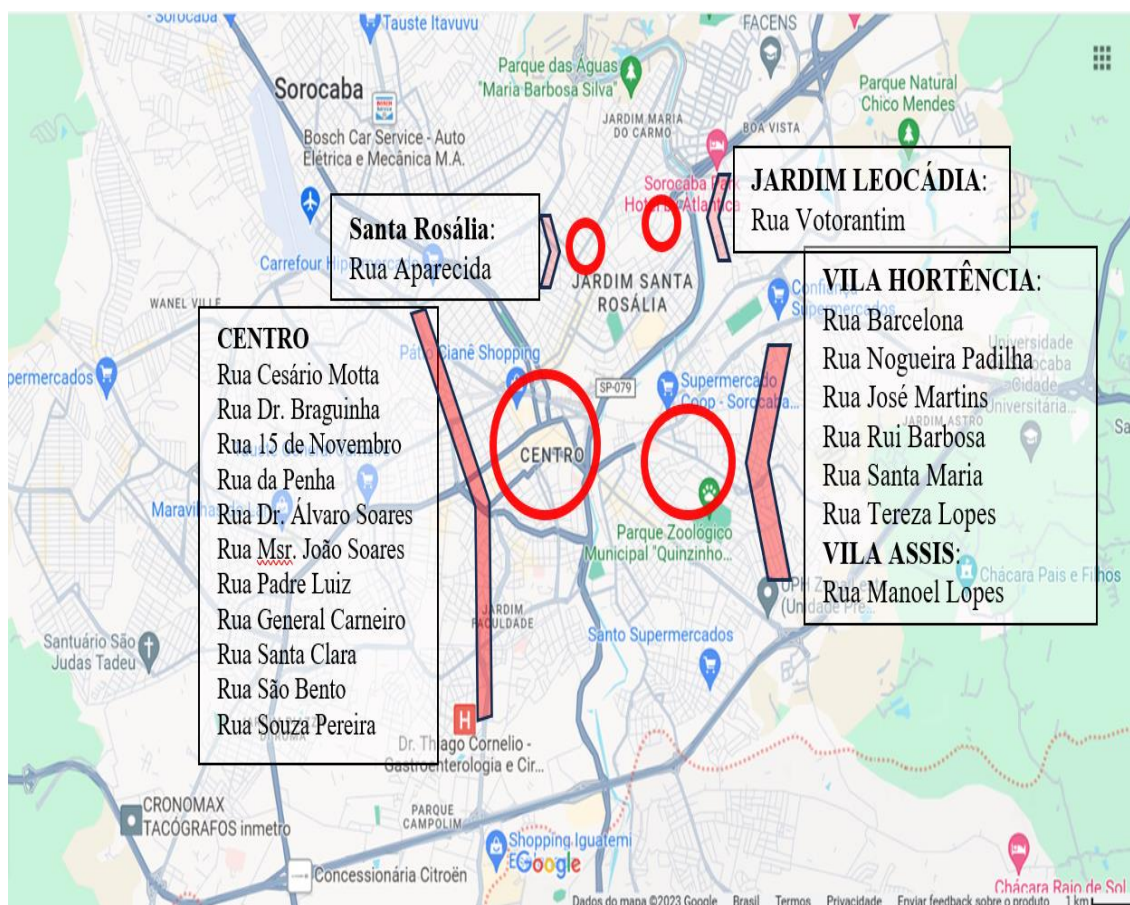


Figura 11: Distribuição de ruas citadas em jornais relacionadas aos espanhóis

Montagem feita pelo autor a partir de *print* de registros de comércios ou anúncios de vendas de produtos/estabelecimentos ligados aos espanhóis a partir do *Google maps* ® considerando Zona Central da cidade, da área da Vila Hortência e Vila Assis, além de, em menor número, Santa Rosália e Jardim Leocádia onde circulava comumente a colônia espanhola em termos comerciais, nos anos 1940.

Comparando-se os dois mapas adaptados aqui de forma limitada, mas útil para apresentarmos uma ideia, verificamos uma correspondência bastante aproximada acerca do domínio público de uso da língua espanhola ou da circulação de seus usuários na cidade de Sorocaba, coincidindo regiões ou, ao menos, vários bairros em termos tanto de interações comerciais como em termos de lazer ou moradia.

3.4.1.6. Temas e textos relacionados à espanholidade no Cruzeiro do Sul

A fim de dar sequência à apresentação de referências sobre a cultura hispânica ou uso da língua espanhola em jornais que analisamos, neste momento, compartilharemos dados de maneira mais detalhada e com exemplos. Primeiramente, especificamos que dividimos a observação por décadas, a saber: décadas de 1900 (a partir de 1903, em função do que tivemos acesso), de 1910, 1920 e 1930.

De modo geral, em relação aos gêneros observados, esclarecemos que, em relação à presença ou referência ao universo da língua e cultura dos espanhóis, houve, por exemplo, anúncios de vendas de produtos e eventos ligados à colônia, poemas, peças teatrais, informes de obituários e casamentos, além de referências à presença de movimentação de imigrantes em São Paulo de modo geral e, mais especificamente, em Sorocaba. Para entendermos melhor, distribuiremos, a partir de agora, exemplos de textos coletados em dois grandes grupos de publicações, isto é, 1) Obras artístico-literárias em língua espanhola; 2) Questões sociais e demográficas, e 3) Eventos e atividades políticas coletivas e econômicas. Cada um desses grupos de publicações será referido, a título de amostragem, seguindo a ordem cronológica das décadas citadas no parágrafo anterior.

i. Obras artístico-literárias em língua espanhola ou citando algo produzido nesta língua

Em relação a esse e os próximos tópicos relativos a publicações no *Jornal Cruzeiro do Sul*, com sede em Sorocaba, que tenham a ver com a presença da língua, relembramos que não pudemos observar, por questões operacionais, todas as publicações de todos os anos de 1903 a 1940, mas várias em diversos meses de todo o tempo observado. No que tange especificamente à presença da língua espanhola em si, notamos que o primeiro ano em que ela esteve presente foi 1914, como veremos.

Em tal ano, vimos, os seguintes poemas: um intitulado “Invierno” (*Inverno*, em português), de Emilio Carrère, em publicação do *Cruzeiro do Sul* de 13/09/1914 (página 1, edição 2548, Ano XI) e outro, intitulado “Verano” (*Verão*, em português) de Villaespesa, bastante atuante na comunidade de imigrantes espanhóis em Sorocaba, datada de 04/10/1914 (página 1, edição 2566, Ano XI). Ei-los, a seguir:

INVIERNO **VERANO**

La ciudad es de plata brandida como una
ciudad de encantamiento. Cae la nieve en la calma
funeral. Es tan bella y tan fría la luna,
igual que una querida hechicera y sin alma.

¡Brancura de la nieve, hermana de los lirios:
en las místicas hostias, eres pan ideal,
candor en las palomas, fé en los rizados cirios
y amor en los vellones del Cordero pascual!

Se cierran los burgueses hogares inhumanos
! Oh nieve bella y cruel, que haces temblar las manos
de mi amada errabunda. Dame el dulce calor

de tu boca, y la beso en el dolor tan largo
de la noche inclemente y mi beso es amargo,
que el alma de los pobres sabe a llanto y rencor.

EMILIO CARRE'RE

Pleno sol. Se respira en el ambiente
una roja acritud de calentura;
y en la calcinación de la llanura
ni el temblor de una ráfaga se siente.

Entre las manos la abrasada frente
su agobio rinde... ¿En dónde la verdura
del sellado jardín y la frescura
de cristal y de oro de la fuente?

Sueña nuestra pereza con la extraña
gruta encantada que tranquilo baña
el mar azul con sus serenas olas,

y la casta mujer, buena y sencilla,
en cuyo blanco seno sangra y brilla
un rojo ramillete de amapolas.

VILLALBA ESPESA

Tais textos parecem se comunicar em função de tratarem de estações do ano e terem apenas cerca de 20 dias de diferença em suas datas de publicação. Não existe uma referência a questões da colônia espanhola ou sobre a identidade deste povo, mas pelo fato de circularem em tal língua dentro de um jornal cujo maior público é falante de português, se mostra bastante interessante.

No ano seguinte, em 1915, vemos, à direita, o poema “Página de álbum” do autor Andrés Mata, em publicação do Cruzeiro do Sul de 03/01/1915 (página 1, edição 2638, Ano XIII). Em tal texto, da mesma forma que nos anteriores, trata-se de temática alheia a uma possível “espanholidade”, pois apenas registra a criação artística sobre o que é amplamente humano em sua essencialidade como a questão do amor, da saudade, da melancolia, etc.

Em 1916, por sua vez, verificamos, a seguir, um texto não em espanhol propriamente,

Página de album

Aún quedan, dobladas por la brisa,
en mi pobre jardín algunas rosas.
Bajo la suavidad de tu sonrisa,
serian más hermosas.

Todavía en mi noche desolada,
rompiendo el nubarrón, brillan estrellas.
Con el suave fulgor de tu mirada,
fueran mucho más bellas.

Al dejar, entre anhelos y dolores,
tu gracia y tu bondad sus dulces rastros,
inspiras los más candidos amores.
Si te ven sonreír, se abren las flores,
si te miran pasar, fulgen los astros.

ANDRÉS MATA

mas a referência a algo nesta língua, isto é, a citação de cânticos tanto em português como em espanhol na Capela de Santa Cruz na Rua dos Morros (Atual Coronel Nogueira Padilha), em publicação do *Cruzeiro do Sul* datada de 01/06/1916 (página 2, edição 3016, Ano XIII). Notemos o fato de que, além da língua materna predominante, o português e o latim, língua relativa a questões eclesiásticas, o fato de haver também em espanhol sugere mesmo a circulação de tal língua e a presença desta colônia, sabidamente católica, na região. Além disso, vemos que as atividades foram realizadas por um coletivo católico, isto é, o Centro de Cathecismo Hespagnol, cujas referências só vimos, dentre todo o período observado, apenas neste ano de 1916.

NOTAS RELIGIOSAS

Capella de Sta. Cruz

Hoje às 19 horas dar-se-á o encerramento das ladainhas em louvor à Maria, na capella de Santa Cruz na rua dos Morros, com coroação e cânticos em portuguez, latim e hespanhol.

Haverá pratica pelo revmo. vigario.

A festa mariana está sendo realizada pelo Centro de Cathecismo Hespagnol.

Nos anos de 1917 a 1920, informamos ter havido referência à presença de produções artísticas várias em língua espanhola como, por exemplo: a Peça “León Peres y García” organizada pelo grupo dramático da **Sociedade Hespanhola**⁶⁸, ou a Peça “El pie de la garita” do grupo dramático **Dicenta** (havida no Teatro São Raphael)⁶⁹, além de outros gêneros tematizando os espanhóis como uma piada, talvez sugerindo a competitividade ou vaidade espanholas, como se pode ver abaixo⁷⁰:

“Entre hespanhoes. – Sou capaz de em duas horas ir a Berlim, cortar a orelha do Kaiser e trazel-a aqui. – Não caia nessa. Eu pegaria a orelha, iria a Berlim e collocar-a-ia no lugar, trizeria o Kaiser aqui e dir-lhe-ia: - Kaiser, foi este quem te roubou a orelha... e não gastaria meia hora.”

Outro exemplo que trazemos à baila tem a ver com peça teatral, desta vez noticiada no jornal “Diario espanhol”, em 1920. Nesta ocasião, faz-se referência a uma das várias sociedades ou clubes montados na época de auge da imigração espanhola, mas que, infelizmente, por motivos vários como conflitos e falta de harmonia entre os próprios imigrantes, acabaram durando pouco tempo. Trata-se da Sociedad Unión Española que organizara peça no extinto teatro São Raphael. A peça foi em espanhol e elaborada pelo literato Juan López Barnés e tendo como artista uma parente do entusiasta cultural, Juan Santisteban, isto é, Manuela Santisteban.

⁶⁸ In: *Cruzeiro do Sul* de 18/08/1917, página 3, edição 3374, Ano XIV.

⁶⁹ In: *Cruzeiro do Sul* de 01/09/1918, página 2, edição 3681, Ano XV.

⁷⁰ In: *Cruzeiro do Sul* de 29/12/1918, página 3, edição 3776, Ano XV.

En Sorocaba, espectáculo teatral

El simpático cuadro dramático de la Sociedad Unión Española celebrará esta noche una función dramática en el teatro São Raphael, de la ciudad de Sorocaba.

La obra elegida es el interesante drama, en tres actos, del aplaudido literato español Juan López Barnés *El huérfano por la ley*.

Desempeñarán los respectivos papeles los siguientes aficionados:

María, Sra. Manuela Santisteban; Aurelia, Srta. Amalia Ayala; Don Raimundo, Sr. Juan Santisteban; Conrado, Sr. Ramón Vecina; Don Pablo, Sr. Agustín Pérez; Francisco el portero, Sr. Juan Ramón.

Tenemos la seguridad de que esta fiesta constituirá un éxito de público y de aplausos para el cuadro dramático de la Sociedad Unión Española⁷¹.

Entrando já na penúltima década analisada, no ano de 1921, vemos referência à apresentação de obras cômicas do artista “Napoleão”, no Teatro São Raphael incluindo a língua espanhola, mas também, de algum modo, prestigiando outras colônias como a italiana e portuguesa, também marcantes na cidade de Sorocaba.⁷²

No ano de 1928, vemos referências à apresentação de Peças teatrais⁷³ no Cine-Teatro Alhambra, reduto cultural espanhol à época, e à exibição de filme⁷⁴ homenageando a colônia espanhola voltado para plantadores de laranja. Em 1929⁷⁵, por sua vez, presenciamos, em notícia em português, apresentação de poesias em espanhol daquele mesmo autor Don Francisco de Villaespesa referido em 1914, especificamente no coletivo Sociedade Cervantes e com ênfase na convivência coletiva e vivência artística oportunizada na situação. Vejamos, abaixo, o texto:

VILLAESPESA

Antes de regressar para a capital, D. Francisco de Villaespesa manteve com agradável convivência, na noite de quarta-feira, na Sociedade Cervantes, varias familias da colonia hespanhola, proporcionando-lhes, com o seu fino espírito, preciosos momentos deleite intelectual. Villaespesa declamou, nessa noite, lindíssimas poesias de sua lavra.

Na sequência cronológica, na década de 1930, há uma série de notícias referentes a realizações artísticas *de e para* espanhóis. É o caso de publicação⁷⁶ do entusiasta cultural já citado no presente capítulo, isto é, Juan Santisteban acerca do prefeito de Sorocaba à época, Otacilio Malheiro, e da sua moralidade na gestão na cidade. Neste sentido, se trata um texto

⁷¹ In: Diario español, 07/02/1920, edição 4201, página 2, ano XXI. **Em Sorocaba, espetáculo teatral** – O simpático quadro dramático da Sociedad Unión Española celebrará esta noite uma peça teatral no teatro São Raphael, da cidade de Sorocaba. A obra escolhida e o interessante drama, em três atos, do aplaudido literato espanhol Juan López Barnés “*El huérfano por la ley*”. Desempenharão os respectivos papeis os seguintes atores amadores: María, Sra. Manuela Santisteban; Aurelia, Srta. Amalia Ayala; Don Raimundo, Sr. Juan Santisteban; Conrado, Sr. Ramón Vecina; Don Pablo, Sr. Agustín Pérez; Francisco o porteiro, Sr. Juan Ramón. Estamos seguros de que esta festa será um sucesso de público e de aplausos para o quadro dramático da Sociedad Unión Española. (Tradução nossa)

⁷² In: Cruzeiro do Sul de 18/03/1921, página 2, edição 4409, Ano XVIII.

⁷³ In: Cruzeiro do Sul de 12/01/1928, página 2, edição 6348, Ano XXV.

⁷⁴ In: Cruzeiro do Sul de 31/12/1928, página 2, edição 6610, Ano XXV.

⁷⁵ In: Cruzeiro do Sul de 11/05/1929, página 1, edição 6723, Ano XXVI.

⁷⁶ In: Cruzeiro do Sul de 31/12/1930, página 2, edição 7189, Ano XXVII.

não artístico em si, mas em língua espanhola que aqui mencionamos por figurar em um personagem mais conhecido por suas obras de natureza literária ou com linguagem literária em textos de outra natureza.

Em 1931, notamos outro texto em espanhol intitulado “Crónica de actualidad: el futuro de Sorocaba”⁷⁷ referente ao progresso desta cidade; por sua vez, em 1932, houve um texto⁷⁸, também em espanhol, tratando de festival cultural realizado no Teatro São José, organizado pelo grupo Dramático Dicenta, que buscou, à época, socorrer famílias de soldados pobres que lutavam em guerras entre a Espanha e Marrocos, ex-colônia espanhola; em 1934⁷⁹, vemos uma publicação em espanhol do autor A. Lopes Campillo citando o Grupo Lírico Dramático da **Federación Española** e suas Peças intituladas “Amor de madre”, “El ciego de Nueva York” e “La casa de campo”.

Ainda nos 1930, especificamente em 1936⁸⁰, há citação do filme “Tango bar” que estrejava o autor e cantor argentino Carlos Gardel, no **Teatro Alhambra** e as suas canções “Por una cabeza”, “Lejana tierra mía” e “Arrabal amargo”. Em 1939⁸¹, por sua vez, percebemos o poema intitulado “Vuelta del País del Ensueño” (“Regresso da Terra dos Sonhos”, em português) de Hylario Corrêa, a seguir, transcrito literalmente e que trata sobre alegrias diante de um bairro, da paz de espírito e da realização amorosa:

Yo vuelvo de su barrio sosegado;
mis ojos traigo de venturas llenos...
Tengo en mi vida pensamientos plenos
Y el alma sin borrónes de pecado.
Hay canciones de amor en mis acenos
Vuélan ángeles blancos a mi lado...
Y, los oídos al rumor ajenos,
Camiño por las calles deslumbrado.
¡Una mujer! ¡Una mujer hermosa
Es la compensa rica e generosa
Contra los males con que hiere el hado.
¡Ella es el bien supremo que me resta!
Y, alma florida, corazón en fiesta
Yo vuelvo de su barrio sosegado... ”⁸²

⁷⁷ In: Cruzeiro do Sul de 31/12/1931, página 2, edição 7470, Ano XXVIII.

⁷⁸ In: Cruzeiro do Sul de 03/08/1932, página 2, edição 7643, Ano XXX.

⁷⁹ In: Cruzeiro do Sul de 21/09/1934, página 3, edição 8262, Ano XXXI.

⁸⁰ In: Cruzeiro do Sul de 02/05/1936, página 2, edição 8737, Ano XXVIII.

⁸¹ In: Cruzeiro do Sul de 01/01/1939, página 6, edição 9465, Ano XXXVI.

⁸² “Retorno de seu bairro sossegado;/ meus olhos trago de venturas cheios.../ Tenho na minha vida pensamentos plenos/ E a alma sem manchas de pecado/ Há canções de amor em meus acenos/ Voam anjos brancos a meus lado.../ E, os ouvidos a boatos alheios,/ Caminho pelas ruas deslumbrado/ Uma mulher! Uma mulher linda/ É a compensação bela e generosa/ Contra os maus com que fere o fado./ Ela é o bem supremo que me resta!/ E, alma florida, coração em festa/ Retorno de seu bairro sossegado”.

No ano de 1940, finalizando o período de observações relacionadas a questões artístico-literárias, citamos alguns registros mais: o primeiro que é a exibição⁸³ do filme “Porta fechada” no Cine Eldorado e cujo título, embora citado em português, se refere à produção em língua espanhola e que teve como a artista protagonista Libertad Lamarque (1908-2000), atriz argentina-mexicana; além daquele filme, o de nome “La vida bohemia” exibido no Cine Alhambra, também em espanhol, produzido na Espanha e dirigido por Josef Berne (1904-1964), ator nascido no antigo Império Russo (atual, Ucrânia); outra citação⁸⁴ tem a ver com o filme “Mis dos amores”, em espanhol, porém dirigido pelo americano Nick Grinde (1893-1979) e no qual estreou o ator mexicano Tito Guízar (1909-1999) que, também, foi exibido no mesmo Cine Alhambra; além desses, há citações dos filmes em espanhol, “Barbero de Sevilla”, produção espanhola-alemã dirigida pelo espanhol Benito Perojo (1894-1974), e “Morena Clara”, com a cantora Imperio Argentina (artista deste país com nome de batismo María Magdalena Níle del Río, 1910-2003) e o ator, também argentino, Miguel Ligeró (1911-1989).

Neste tópico, gostaríamos de, complementarmente, citar uma referência feita por Gaspar (1954,p.57) a uma data não alcançada por nossas análises de edições do Cruzeiro do Sul, isto é, o ano de 1946. Segundo Gaspar (op.cit), em tal ano, havia um programa cultural de rádio intitulado “A voz de Espanha”, que acontecia das 17h às 17h30 e que era coordenado por Henrique Conesa e pelo locutor Luiz Frederico. Tal programa era voltado para a colônia e tinha como slogan “Programa com uma frequência assustadora, que entusiasma com o bater das castanholas e lota completamente os nossos estúdios”. Sobre isto, ressaltamos algo interessante que dialoga com questões já discutidas neste capítulo, ou seja, que, na década de 1940, a língua espanhola ou sua cultura ainda tinha extensa representatividade na colônia de Sorocaba, seja a partir do uso propriamente da língua, nos âmbitos privado e público, seja como referência à sua existência tanto em jornais como pelos informantes que entrevistamos

ii. Questões sociais e demográficas

No que diz respeito a questões sociais mais amplas e/ou demográficas, vemos referências mais explícitas a partir do final da década de 1910, isto é, em 1919, quando se cita⁸⁵ jogo com o time chamado “Salteadores”, composto por jogadores espanhóis em sua maioria, ou uma atividade na **Sociedad Unión Española** isto é, a posse da sua primeira diretoria.

Indo adiante cinco anos, em 1924, vemos referências a questões mais demográficas,

⁸³ In: Cruzeiro do Sul de 08/03/1940, página 1, edição 9761, Ano XXXVII.

⁸⁴ In: Cruzeiro do Sul de 12/04/1940, página 1, edição 9848, Ano XXXVII.

⁸⁵ In: Cruzeiro do Sul de 12/06/1919, página 3, edição 3906, Ano XVI.

como anúncio de casamento entre espanhóis⁸⁶, algo, na verdade, bastante comumente citado, ou, em 1925⁸⁷, quando se trata que, no último recenseamento de então, existiam 36.103 pessoas, sendo 17.008 da zona urbana, 4671, da zona suburbana e 14.424 da zona rural; sobre isto esclarecemos, que, tanto na citada zona urbana como na zona rural, encontravam-se representantes vários da colônia espanhola. Ainda em tal publicação, fala-se que a Sociedad Unión Española prestava serviços vários, incluindo alguns de caridade em prol da colônia. Fala-se, ainda, na mesma publicação, que havia cinco distritos em Sorocaba sendo deles dois urbanos, dois subúrbios e um no município Campo Largo, bem como que houve o dobro de nascimentos e de casamentos entre 1914 e 1923. A respeito desse dado não relacionado aos espanhóis em si, gostaríamos de citar que, dentre os dados registrados, houve, com certeza, uma notável presença espanhola, ainda mais considerando o alto ingresso um pouco antes e durante a Primeira Guerra Mundial, entre 1912 e 1916. Vejamos a tabela, a seguir, exposta no jornal Cruzeiro do Sul em sua edição 5478 de 01 de janeiro de 1925:

Tabela 45: População em Sorocaba detalhada segundo Censo publicado em 1925.

ANOS		DISTRITOS					TOTAL
		Ponte (Área Urbana)	Rosário (Área Urbana)	Votorantim (Subúrbio)	Salto (Subúrbio)	Campo Largo (Município)	
NASCIMENTOS	1914	320	647	180	183	237	1567
	1915	319	708	215	192	421	1855
	1916	301	801	202	169	410	1883
	1917	366	849	208	226	325	1974
	1918	320	752	200	195	328	1795
	1919	320	801	217	218	343	1899
	1920	312	875	211	210	407	2015
	1921	323	939	266	202	360	2099
	1922	374	1026	241	224	403	2268
	1923	383	1081	307	255	437	2463
		3338	8479	2247	2074	3671	19809

Vê-se, acima, que, nos anos de 1917 e de 1921 a 1923, houve mais nascimentos. Destacamos, ainda, que, em relação aos anos de 1914, 1917, 1922 e 1923, houve maior quantidade de nascimentos na região chamada “Ponte”, em que predominaram os espanhóis, além do fato de que o cômputo total de 3338 nascimentos superou as regiões suburbanas de Votorantim e Salto, só perdendo para a região urbana de Rosario e o município de Campo

⁸⁶ In: Cruzeiro do Sul de 01/01/1924, página 2, edição 5194, Ano XXI.

⁸⁷ In: Cruzeiro do Sul de 01/01/1925, página 2, edição 5478, Ano XXII.

Largo. Claro, não queremos dizer que a maioria destes nascimentos foi de espanhóis, mas que é uma década chave considerando que, segundo dados, a seguir, extraídos do IBGE, entre 1884 e 1939, o período maior de ingressos de espanhóis no Brasil, foi entre 1904 e 1913, o que, de algum modo, impactaria nas várias localidades às que os espanhóis imigraram em massa, como a cidade do Rio de Janeiro, Salvador, na Bahia, São Paulo, capital e interior paulista.

Tabela 46: Recorte de Tabela sobre população imigrante no Brasil de 1844 a 1939.

Nacional.	Imigração											
	Total	Efetivos decenais					Efetivos anuais					
		1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939
Espanhóis	581.718	113.116	102.142	224.672⁸⁸	94.779	52.405	1.429	1.206	355	1.150	290	174

Ainda a mesma publicação citada, edição 5478, de 01 de janeiro de 1925, fala que Sorocaba era maior cidade de população urbana depois de Santos e Campinas, e que apresentava os seguintes dados, a saber:

Tabela 47: Informações de instituições em Sorocaba segundo Censo publicado em 1925

Instituições citadas	Quantidade
Delegacia Regional de Polícia	01
Telégrafo Nacional	01
Grupo Escolar	03
Escola Reunida	02
Escola Isolada Estadual	09
Escola Noturna	08
Escola Municipal	07
Escola Particular	04
Instituto Comercial	01
Externato	02
Colégio Misto	01
Estações de Estrada de Ferro na cidade, sendo uma via elétrica	02
Serviço Urbano de Bondes Elétricos	--
Santa Casa/Maternidade/Manicômio (único no interior de São Paulo)	01
Asilo	03
Escola Noturna/Jardim da Infância (Colégio Escolástica)	01
Cinemas (sendo dois deles voltados para os espanhóis, isto é, o Eldorado e o Alhambra)	04
Teatros (São José, um deles, para 2500 pessoas)	02

⁸⁸ Dados presentes em tabela recortada acerca da imigração no Brasil de 1884 a 1939. In: Séries estatísticas retrospectivas. Rio de Janeiro: IBGE, 1986. v.1 Repertório estatístico do Brasil: quadros retrospectivos (separata do Anuário estatístico do Brasil, ano 5, 1939/1940. P.17); e Anuário estatístico do Brasil, 1979. Rio de Janeiro: IBGE, v. 40, 1980.

Serviço Telefônico com mais de 500 aparelhos	--
Templos católicos	08
Templos presbiterianos	04
Banco e Agências Bancárias	04
Associações Católicas (sendo, ao menos, 3 espanholas)	18
Gabinete de Leitura	01
Sociedades Recreativas	05
Grêmios Benéficos (sendo, ao menos, 4 espanhóis)	09
Clubes esportivos (2 espanhóis, Sport Club Hispano, Salteadores)	05
Estabelecimentos Industriais	135
Estabelecimentos Comerciais	700
Propriedades Agrícolas	537
Bairros	64
Jornais (sendo um o Cruzeiro do Sul)	02
Sede de Estradas de Rodagem incluindo a entre Sorocaba e São Paulo	--
Veículos diversos	1410
Cemitérios	03
Ruas	86
Praças	06
Largos	06
Travessas	09

Como se nota na Tabela 47, nos idos de 1920 a 1924, Sorocaba apresentava já uma rica diversidade de instituições que importavam muito naquela época no sentido de garantir mobilização e qualidade de vida relativa sobretudo para o tamanho da população, que já ultrapassava 36 mil pessoas. Dentre os vários órgãos citados, devemos chamar a atenção para os que estão em negrito para os quais detalhamos informações extraídas de outras publicações do Cruzeiro do Sul relativas à quantidade dos que seriam instituições originalmente criadas por espanhóis. Vemos, neste sentido, uma quantidade bastante considerável: ao menos, dois cinemas sobretudo dedicados à comunidade de espanhóis dentre o total de 04; quatro grêmios Benéficos para o total de 09 na cidade como “Caixa de Socorros Dicenta”, Sociedade Hespanhola de Instrução e Beneficencia, Sociedade Benéfica da Caja de Socorros Española Sociedade e Benéfica Hespanhola-Brasileira, por exemplo, ou, ainda, dois clubes esportivos dos 05 registrados, como Sport Club Hispano e Salteadores.

Voltando a questões mais pontuais sobre população em Sorocaba, citamos os anos de 1927 a 1929, com várias citações sobre óbitos espanhóis, incluindo crianças⁸⁹, pessoas idosas⁹⁰ e de meia-idade⁹¹, e casamentos entre espanhóis⁹² ou entre espanhóis e brasileiros nos

⁸⁹ In: Cruzeiro do Sul de 08/02/1927, página 2, edição 6072, Ano XXIV.

⁹⁰ In: Cruzeiro do Sul de 15/07/1927, página 2, edição 6199, Ano XXIV.

⁹¹ In: Cruzeiro do Sul de 17/09/1928, página 2, edição 6531, Ano XXV.

⁹² In: Cruzeiro do Sul de 01/12/1933, página 2, edição 8027, Ano XXX.

anos de 1933, 1935, 1938 e 1940, na seção “Editaes”⁹³

Acrescentamos, ainda sobre questões populacionais, uma publicação de 1940⁹⁴ relacionada à presença de nacionais espanhóis que obtiveram certificados de permanência no Brasil, como no caso indivíduos com os seguintes sobrenomes: “Rodríguez”, “Moncayo”, “Caracante”, “Salliz”, “Gimenez” “Ortega”, “Milan” e “Salamon”.

iii. Eventos e atividades políticas coletivas e econômicas

Agora, neste momento, explanaremos sobre publicações que observamos referentes a eventos e atividades políticas e econômicas nos jornais que lemos.

Segundo Fazio (2024), no território correspondente à atual Argentina, até o século XIX, houve touradas na cidade de Buenos Aires e seu entorno. Além disso, desde 1609, havia touradas em algumas regiões da capital argentina até que, por razões econômicas e políticas, em 1810, o General Eustaquio Díaz Vélez, proibiu as corridas de touros e, em 1821, ocorre a última delas. Em 1822, por sua vez, o governador Martin Rodríguez proibiu todo tipo de corridas, a ponto de mandar retirar os chifres dos touros que restavam na cidade. A oficialização, via lei, intitulada “Ley de protección de animales”, número 2786, de 25 de julho de 1891, pôs fim formal a este tipo de espetáculos, sendo, assim, a Argentina o primeiro país da América Latina em proibi-las.

Entendemos que houve a grande possibilidade de influência argentina ou uruguaia no Brasil colonial em termos de arquitetura, língua ou atividades econômicas, sobretudo no Sul do país, em regiões de fronteira e em algumas cidades mais estratégicas economicamente, a exemplo de Sorocaba, o que explicaria o fato de ter havido touradas na Sorocaba do século XIX e início do século XX. É o que vemos em notícias sobre eventos nesse sentido no de 1904, por exemplo.

Neste citado ano, há referência a um personagem várias vezes presentes naqueles primeiros anos do século XX em edições do jornal *Cruzeiro do Sul*; falamos de Galvecito, que realizava corridas de touros de modo diferente do comum na Espanha, isto é, em um local mais improvisado em campo aberto e não em uma “Plaza de toros” como na Espanha. Vejamos, abaixo, uma dessas notícias:

⁹³ In: *Cruzeiro do Sul* de 24/10/1935, página 2, edição 8585, Ano XXXII, de 23/07/1938, página 1, edição 9612, Ano XXXVII e de 12/01/1940, página 2, edição 9743, Ano XXXVII.

⁹⁴ In: *Cruzeiro do Sul* de 07/12/1940, página 2, edição 10010, Ano XXXVII.

TOURADAS

A corrida de amanhã, em benefício do Galvecito, tem um programma magnifico. Estréia de 3 artistas e corrida dum andarilho hespanhol que promete andar em uma hora, pelo menos 12 kilometros. O público, que tanto tem applaudido as touradas realizadas, perderá a melhor de todas se não acorrer á festa do sympathico Galvecito.⁹⁵

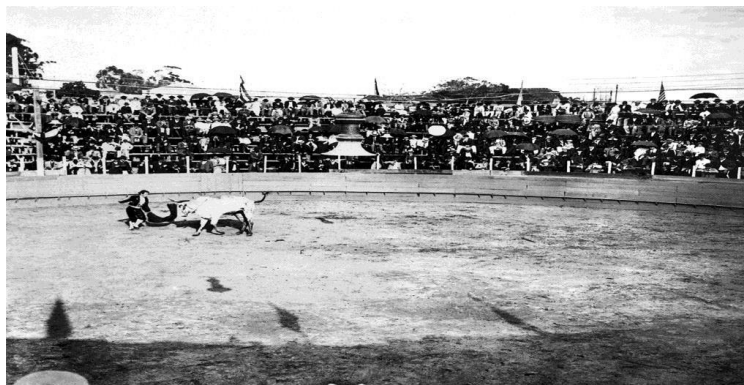


Imagem 62: Registro fotográfico dos anos 1910 de tourada realizada em Sorocaba. In: WEY NETTO, Otto. **Memórias do esporte sorocabano: 65 anos marcantes para nosso esporte**. Sorocaba, SP: do Autor 2007. p. 195

Além do ano de 1904, há referência a touradas do ano de 1906 a 1911. Mais especificamente, as touradas citadas ocorriam no antigo Velódromo, na região central da cidade, antes utilizado para corridas de Bicicleta e, a partir de 1903, utilizado como arena de espetáculo de touradas, e, à época, chamado de “Coliseu Sorocabano”⁹⁶.

Deslocando-nos para vários anos, na década de 1920, vemos uma profícua época de publicações no jornal *Cruzeiro do Sul* relacionadas a atividades econômicas de algum modo ligadas à colônia espanhola. Por exemplo, no ano de 1924⁹⁷, já há anúncio de sementes de cebola espanholas originárias das Ilhas Canárias. Um ano depois, em 1925, vemos referência à festa⁹⁸ de inauguração da Agência consular na Rua Nogueira Padilha a partir da fixação de sua bandeira. Em seguida, em 1926, esta mesma Agência Consular, com a participação do Grupo Dramático Dicenta e do promotor cultural e artista, Juan Santisteban, organizou evento que incluiu bênção das bandeiras espanhola e brasileira, além de discurso tematizando amizade entre indivíduos de tais nações, e de elogio à importância da colônia em seu trabalho empreendedor e na agricultura e, por fim, a declaração do surgimento do referido grupo

⁹⁵ In: *Cruzeiro do Sul* de 09/01/1904, página 2, edição 59, Ano I.

⁹⁶ Vide: *CRUZEIRO DO SUL*, 02/01/1904, página 4, edição 57, ano I; 06/01/1904, página 2, edição 58, ano I; 20/01/1904, página 2, edição 62, ano I; 03/01/1906, página 4, edição 265, ano III; 20/01/1906, página 3, edição 270, ano III; 01/08/1906, página 2, edição 324, ano III; 12/11/1911, página 3, edição 1681, ano IX.)

⁹⁷ In: *Cruzeiro do Sul* de 01/01/1924, página 2, edição 5194, Ano XXI.

⁹⁸ In: *Cruzeiro do Sul* de 31/12/1925, página 2, edição 5765, Ano XXII.

Dicenta, de iniciativa de Santisteban destinado a reunir num “convívio inteligente e útil todos os hespanhoes”; na mesma circunstância, ainda o texto registra a fundação da Caixa e Socorros Mútuos e da sociedade de caráter instrutivo e patriótico chamada Sociedad Cervantes⁹⁹.

Ainda na década de 1920, em 1928¹⁰⁰, em termos comerciais, citamos um tipo de anúncio recorrente na época além do relativo a cebolas das Canárias, isto é, a venda de casas na Vila Hortência, algo geralmente ligado a imigrantes espanhóis, o que denota uma época de grande expansão deste bairro. No mesmo ano de 1928, há muitas notícias¹⁰¹, também, ligadas a outra cultura econômica comum entre os espanhóis, isto é, a citricultura, e os benefícios econômicos desta cultura na cidade de Sorocaba.

A seguir, em uma longa reportagem do mesmo “Diario español” em março de 1921, o correspondente jornalístico em Sorocaba, José Eiras Garcías Filho, fala de uma viagem àquela cidade e de uma série de situações que julgou importantes ou que seriam o resumo do dito vigor cultural sorocabano e de sua colônia espanhola. Dentre tais situações presenciadas, Garcías Filho registra a fundação da Unión española, em 1919, cujo objetivo era gerar um senso de coletividade espanhola bem como promover a colônia espanhola em Sorocaba, em termos de valores morais e econômicos, além de gerar um senso de fraternidade e harmonia, mediante o estímulo à instrução, de um lado, e à organização de festas laudatórias à Espanha ou atividades humanitárias aos compatriotas, de outro.

Além disso, o correspondente destaca como a proposta daquela Sociedad era bastante pertinente às necessidades da colônia sobretudo no sentido de gerar um senso de coletividade e para dirimir as dificuldades vivenciadas pelos imigrantes. Dentre outros elementos, o correspondente ainda cita uma outra organização espanhola, isto é, a Sociedad Cervantes, que tinha como objetivo maior semelhante ao da Unión Española, isto é, promover a instrução e o lazer dos colonos espanhóis através de, por exemplo, a oferta de cursos de diferentes disciplinas a 50 alunos nos mesmos salões onde se celebravam as festas. O correspondente, por fim, ainda destaca sua interação agradável com sócios da Sociedad Cervantes a quem proferiu uma palestra louvando as iniciativas daquele órgão. Em virtude de se tratar de um texto bastante longo¹⁰², deixamos à disposição imagem de página em tamanho reduzido:

⁹⁹ In: Cruzeiro do Sul de 03/01/1926, página 2, edição 5767, Ano XXIII.

¹⁰⁰ In: Cruzeiro do Sul de 12/01/1928, página 2, edição 6348, Ano XXV.

¹⁰¹ In: Cruzeiro do Sul de 31/12/1928, página 2, edição 6610, Ano XXV.

¹⁰² “Notas sobre un viaje a Sorocaba”, de José Eiras Garcías. In: “Diario español”, 10 de março de 1921, página 1, Ano XXII, nº 4.410. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217867&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=5574>. Acesso: 21/09/20.

Imagem 63: Capa “Diario español”, de 10 de março de 1921



Onde se inicia o referido texto “Notas sobre un viaje a Sorocaba”.

Passando à década de 1930, foi muito comum falar-se de dois temas: ainda a cultura citrícola como a realização de eventos, posse de novas diretorias de agremiações espanholas ou atividades políticas.

Por exemplo, em 1930, houve uma festa¹⁰³ ocorrida na Sociedade Hespânica Cervantes com a posse de novas diretorias e considerando o novo ano que começava. Um pouco depois, em 1932, houve a posse do Cônsul Geral da Espanha no Brasil residente em São Paulo, isto é, José Maria Sepere y Olivares¹⁰⁴, além de outros fatos relevantes então, isto é, publicação em espanhol de Francisco Garcia defendendo as cooperativas citrícolas em Sorocaba¹⁰⁵ e evento comemorativo organizado pelo vice-cônsul, Miguel Martins Molina, no Teatro Alhambra comemorando o 1º aniversário da instauração do regime republicano na Espanha¹⁰⁶.

Outros exemplos relativos à expressão cultural são os que vêm a seguir e tratam de eventos na mesma Sociedade Cervantes com atividades literárias com Villaspesa, em publicação de 1929 no Jornal Cruzeiro do Sul, e a referência ao espetáculo organizado pelo Grupo Dicenta, realizado no Teatro São José, e cujos lucros foram remetidos a auxiliar famílias de soldados que lutavam na Guerra Civil Espanhola.

VILLAESPESA

Antes de regressar para a capital, D. Francisco de Villaspesa manteve com agradável convivência, na noite de quarta-feira, na Sociedade Cervantes, varias familias da colonia hespanhola, proporcionando-lhes, com o seu fino espírito, preciosos momentos deleite intelectual. Villaspesa declamou, nessa noite,

¹⁰³ In: Cruzeiro do Sul de 02/01/1930, página 2, edição 6909, Ano XXVII.

¹⁰⁴ In: Cruzeiro do Sul de 02/01/1932, página 2, edição 7471, Ano XXIX.

¹⁰⁵ In: Cruzeiro do Sul de 01/02/1932, página 3, edição 7494, Ano XXIX.

¹⁰⁶ In: Cruzeiro do Sul de 15/04/1932, página 2, edição 7552, Ano XXIX.

lindíssimas poesias de sua lavra.¹⁰⁷

COLONIA HESPAÑHOLA

Como já noticiámos, prosegue com grande animação a procura de entradas para o espectáculo de sexta-feira promovido pela colônia hespanhola, com o concurso do G.D. Dicenta: o producto do festival é destinado a socorrer as famílias dos soldados pobres que combatem nos fronts. A colônia hespanhola e o povo em geral saberão dar a merecida acolhida a esse movimento humanitario concorrendo ao theatro S. José prestando assim o seu obulo ás nossas famílias pobres. No aludido festival, o artista Max Nilson cooperará desinteressadamente com alguns números do seu vasto repertório.¹⁰⁸

Por fim, citamos os anos de 1935, 1936 e 1939 especificamente considerando publicações referentes ainda à questão da citricultura, eventos políticos e atividade cultural-desportiva. Em 1935, noticia-se¹⁰⁹ sobre um produto sugestivo e talvez exclusivo à época, o chamado “Laranjim Supremo”, uma bebida alcoólica derivada da produção citricultura de Sorocaba e recomendada para as festas de Natal e de Ano Novo, fabricado pela Cooperativa de Citricultores de Sorocaba. Em publicação de 1936¹¹⁰, por sua vez, vemos um convite para assembleia na qual seria realizada a Fundação de outro coletivo espanhol, isto é, Sociedade Beneficente Hespanhola-Brasileira de Brigadeiro Tobias, neste que é um bairro da zona rural de Sorocaba. Na mesma circunstância, houve jogo entre Corinthians e Brasil Hispano, do mesmo bairro Brigadeiro Tobias. Em relação ao penúltimo ano que analisamos, 1939, há a referência¹¹¹ ao jogo de ténis entre os times Bom Jesus, que se refere à paróquia e região do bairro Vila Hortência, e o time “Hespanha”.

Finalizando esta seção, consideramos que, de modo geral, a língua espanhola esteve presente de forma esporádica no jornal *Cruzeiro do Sul* e, quando esteve, referiu-se mais a textos literários e textos políticos. Contudo, vimos referências indiretas a atividades culturais cujo foco era a colônia espanhola e a eventos em que a língua espanhola esteve presente de algum modo, como apresentação de peças, exibição de filmes nesta língua, etc.

3.4.1.7 Síntese: espanhol da vitalidade ao apagamento

Voltando, agora, à questão do uso da língua espanhola, considerando tanto o que se pôde encontrar em periódicos como os registros de fala citados ou inferidos pelos informantes, podemos sintetizar em um gráfico que mostra o processo pelo que passou a língua

¹⁰⁷ In: *Cruzeiro do Sul* de 11/05/1929, página 2, edição 6723, Ano XXVI.

¹⁰⁸ In: *Cruzeiro do Sul* de 03/08/1932, página 2, edição 7643, Ano XXX.

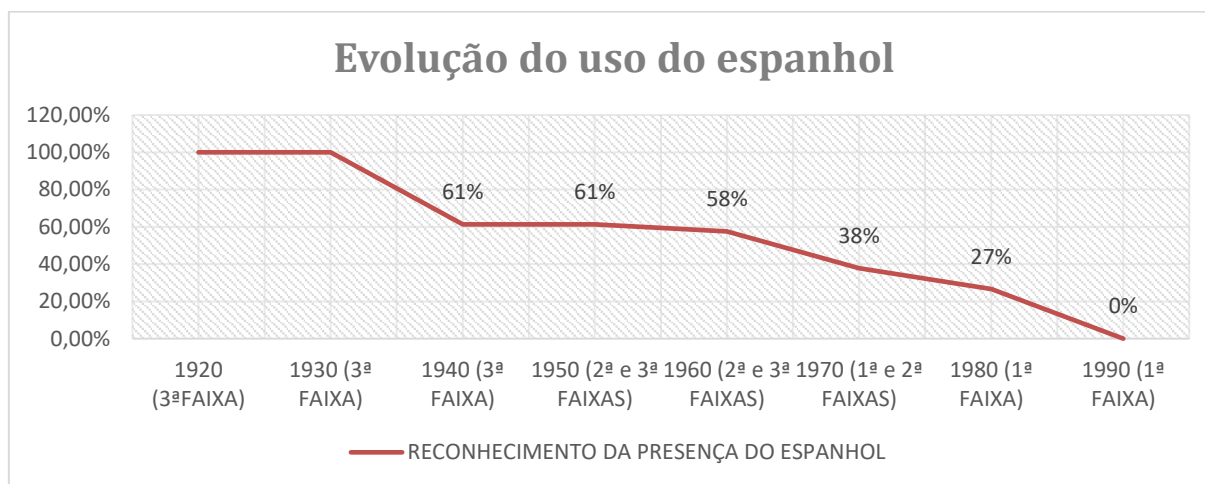
¹⁰⁹ In: *Cruzeiro do Sul* de 31/12/1935, página 2, edição 8639, Ano XXXII.

¹¹⁰ In: *Cruzeiro do Sul* de 01/02/1936, página 2, edição 8664, Ano XXXIII.

¹¹¹ In: *Cruzeiro do Sul* de 07/02/1939, página 3, edição 9527, Ano XXXVI.

espanhola em Sorocaba na década de 1920 até 1990. Neste sentido, inferimos que a incidência de um possível predomínio da língua teria permanecido relativamente estável da década de 1940 até 1960 até refluir consideravelmente da década de 1970 em diante.

Gráfico 6: Evolução do uso do espanhol em Sorocaba.



Sendo assim, ainda em relação ao gráfico acima, pensando nos estágios naturais por que poderão ter passado as línguas e no dado informado nos relatos dos participantes de nossa pesquisa, podemos formular a hipótese de que, de 1940 até 1970, pelas linhas inversas seguindo trajetórias simetricamente opostas, representando o espanhol e o português, teria havido uma “competição” entre tais línguas nos diferentes domínios de usos mais comuns como em família e no ambiente de trabalho, e a consequente gradual mistura delas até que poderia ter se iniciado um grande distanciamento a partir dos anos 1970 e 1980 e, claro, o português teria se tornado a língua predominante na comunidade espanhola.

De maneira extensiva, pensamos que alguns fatos sociais em parte já citados na presente tese podem ter influenciado para a decadência gradual do espanhol, a exemplo da maior escolarização dos descendentes de espanhóis que os fez se distanciarem do contato intenso ou mais espontâneo com a língua sobretudo nas primeira e segunda faixa etárias, atualmente com 35 a 65 anos de idade, incluindo-se, mais especificamente, os netos mais velhos ou filhos de espanhóis que vieram crianças para o Brasil. Além disso, outro elemento que pode ter repercutido foi o aumento gradativo de casamentos interétnicos entre brasileiros e espanhóis, o que teria contribuído para que o espanhol perdesse sua exclusividade no círculo íntimo.

A esse respeito de mistura linguística e, mais especificamente, casamentos interétnicos contribuindo para o refluxo do espanhol, gostaríamos de resgatar estatística exposta

na tabela 15 (seção 3.2.1 Ciclos emigratórios espanhóis ao Brasil), que discrimina, por quinquênios, entradas das principais nacionalidades no estado de São Paulo de 1885 a 1929. Neste sentido, vimos que os italianos estiveram entre os três primeiros colocados na incidência imigratória, estando em primeiro de 1885 a 1904 e, em segundo lugar, entre 1950-1909 e entre 1920-1929. E, claro, como Sorocaba foi um centro de chegada intensa de imigrantes, os italianos também estiveram bastante presentes. Isto nos faz dialogar com dados que obtivemos das entrevistas; não raramente, vários informantes citaram a presença italiana na comunidade onde cresceram bem como a mistura linguística do espanhol, português e italiano, e, eventualmente, fragilização da influência de ambas culturas, principalmente italiana; além disso, vários deles eram descendentes ou foram casados com descendentes de italianos e, mais raramente, alemães e japoneses.

Pensando na dimensão cosmopolita de Sorocaba, provável que o português tenha sido língua veicular para imigrantes de diferentes nacionalidades como a espanhola e italiana. Como demonstração, trazemos alguns exemplos de palavras citadas pelos informantes do italiano de modo geral como lembrança ou que achavam ser espanhol, quando era na língua italiana. Vejamos, a seguir:

- “carcamano” querendo dizer “testarudo”, *teimoso*, em espanhol (informante Ad., neto, 51 anos, linha 49, página 15, vol. 2),
- “capisco” querendo dizer “não interessa” em espanhol (informante Ed., bisneto, 50 anos, linha 4, página 196, vol. 2),
- “hijo de la putana” e “filho de la putana” querendo dizer *hijo de puta* em espanhol (informante J.G., neto, 51 anos, linha 56, página 428, e informante Mr, neto, 44 anos, linha 5, página 566. vol. 2),
- “cornuto” querendo dizer *cuernudo/guampudo* em espanhol (informante M.G., neta, 81 anos, linha 15, página 515, e informante SA., neto, 67 anos, linha 19, página 731, vol.2)
- “pom” querendo dizer *pan* em espanhol (informante J.L., neta, 35 anos, linha 49, página 472, vol.2)
- “minestra” identificando alimento italiano (informante MM., filha, 58 anos, linha 40, página 530, vol.2),
- “macarrone” identificando alimento italiano (informante OL. neta, 61 anos, linha 18, página 648, vol.2).

Dando continuidade, lembramos que, como houve interesse por parte de alguns

representantes da colônia, pelo que depreendemos, do final do anos 1990 para a década de 2010, em realizar divulgação da presença histórica espanhola, esta língua voltou a ter um fôlego, ainda que frágil, não podendo ser demonstrado no gráfico, que teria vindo a partir de realização de cursos de língua espanhola por alguns descendentes mais jovens ou por questões de trabalho que exigiram conviver com e aprender tal língua segundo as necessidades eventuais e, por fim, a própria atuação da Casa de España que, além de proporcionar eventos culturais a fim de reunir a colônia espanhola, também, já ofereceu cursos de idioma e de gastronomia com participação não massiva, mas, ainda assim, relevante.

Neste momento, importa-nos demonstrar, de modo mais detalhado, o que os participantes disseram acerca do uso do espanhol no passado, considerando a pergunta sobre o início da decadência daquele idioma, o que, sem dúvida, era mais difícil os mais jovens responderem. A este respeito, cabe dizer que alguns participantes não conseguiram informar suas impressões, mas outros, com base na sua infância e no contato com os seus ascendentes mais velhos como avós e tios, estabeleceram algumas hipóteses que exporemos, a seguir.

F.: (...) A senhora acha que, até que década, o espanhol ainda era bastante falando que se ouvia até na rua? (...) Sobreviveu, mais ou menos, assim, de maneira corrente até que época?

C.N.: Até uns 54 [1954] (...) Depois de 54 em diante, já, houve muita mistura de raça (...) E os espanhóis mais velhos já foram morrendo, já ficaram os filhos de Fulano da Família Fulano, sabe? (...) Porque, quando eu era criança, como eu tenho 81 anos, eu peguei, à época, que as mães punham uma cadeira pra fechar a porta e entravam na vizinha... “Vecina, ven que vamos a hacer mantecao”. (C.N., Filha, 81 anos, linhas 2-13, página 115, vol.2)

Neste relato, a informante C.N. propôs ter sido nos anos 50 uma época de auge do uso do espanhol seja na família, seja na vizinhança e que, daí em diante, começou a decair notadamente a partir de dois fatores, que foram a mistura de brasileiros com outras nacionalidades e a morte dos mais velhos que falavam apenas espanhol.

F.: Em relação a (...) essa coisa da/do uso da língua, você tem uma hipótese se houve uma época em que a língua ainda era bastante usada e, depois, começou, daí, a decair? (...)

Ad.: É... Veja bem. O meu pai sempre falou que (...) assim, o meu pai fez direito, também. Então, até uns 20 anos de idade, já tava na faculdade, os meus avós não falavam nenhuma palavra em português. Depois, eles foram (...) Daí teve o neto, começa, queira ou não queira, mudando um pouco, entendeu? Mas, então, eu acredito, assim, o meu pai tem 80 anos de idade. Então, se você põe 60 anos atrás, então, tipo aí, é... em cinquenta e pouco, até cinquenta, mais ou menos, eles falavam uma ou outra/ em língua espanhola.

(Ad., Neto, 51 anos, linhas 1-9, página 10, vol. 2)

Semelhante ao relato de C.N., embora bem mais jovem, o informante Ad., de 51 anos, neto de espanhóis, observando o histórico do seu pai, AD diz que aquele, até os 20 anos

de idade, falava em espanhol com seus pais, motivo pelo qual intui que, na década dos anos 1950, ainda era possível ver muita frequência de uso do espanhol até que foi decaindo em virtude da integração cultural dos hispano-falantes com o Brasil e da consequente diminuição de uso daquela língua a ponto de muitos netos ficarem quase sem ter contato com a língua de seus avós, muitas vezes espanhóis nativos.

F.: (...) Houve uma época que o espanhol ainda esteve num auge, isso você já, claro, já consciente de algo e que, a partir daí, por alguma razão, começou a decair?
*Ce.: Certo. Eu acho que é, a **impressão que é mais no final dos anos 70. Começando a década de 80, começou a ver que não tinha, não mais quando meus avós morreram...** Na própria convivência com outras pessoas... Tinham muitos ainda. Meu pai tinha armazém no mercado. Então, **tinham muitos comerciantes que eram espanhóis e falavam até um pouco espanhol, mas aí eu acho que aí foi o ápice até o final dos anos 70. No meio dos anos 70 e, depois, foi decaindo.** (...) aí, ficou bem mais difícil de ouvir... (Ce., Neto, 57 anos, linhas 39-47, página 57, vol. 2)*

Já no relato acima de Ce., também neto de espanhóis, o informante, pensando no caso dos seus avós e no ambiente de bastante uso do espanhol, isto é, o trabalho no mercado, acredita que, juntamente com a morte de seus avós e com pessoas de sua geração, acabou se diluindo o uso do espanhol entre o fim dos anos 1970 e o início dos anos 1980. Pensando em uma época em que tal língua era bastante usada, ao menos no ambiente familiar e entre vizinhos de ascendência espanhola na colônia ou e em setores onde circulavam mais espanhóis como feira local, faz sentido concluir que, nos anos 1950 e 1960, tal língua era realmente bastante falada, e dos anos 1970 aos 1980, conforme declarou Ce., tal língua já perdia sua razão de existir na comunidade.

F.: (...) Será que teve uma época que o espanhol ainda estava no auge e, daí em diante, começou a decair? Até que época seria essa? (...)
*H.S.: Ah (...) **Eu acho que até os anos oitenta era muito, muito, muito forte.** (...) Aí, foram... Aquele negócio, né? **Vai saindo pra outros lugares, os filhos vão crescendo, vão mudando, vão casando com outras pessoas, miscigenando, né, misturando e vai (...) se esvaindo, né?***
 (HS., Filha, 71 anos, linhas 30-37, página 176, vol. 2)

Diferentemente dos casos anteriores, a participante H.S., talvez pela história de sua família, acredita ainda ter sido frequente nos anos 1980 o uso do espanhol, porém, depois, vai sendo apagado a partir de elementos recorrentemente descritos pelos falantes, isto é, a saída dos bairros ditos espanhóis, o afastamento familiar a partir das novas gerações, a mistura de raças e culturas a ponto de se perder o núcleo linguístico que reunia a todos.

A respeito da década de 1980, é preciso rever os dados que catalogamos. Como já vimos, nesta época, a maior parte da primeira faixa etária dos participantes de nossa pesquisa estava entre a infância e a adolescência (de 6 a 15 anos), como notamos, a seguir:

Tabela 48: Uso de línguas portuguesa e espanhola na infância por falante na 1ª F. Etária.

INF	Nascimento	INFÂNCIA 6-15 anos	Pais-Infor	Pais-Pais	Avós- Infor	Avós- Avós	Tio/Prim- Inform	Tios-Tios
ED	1967	1973-1982	MAIS P	SÓ PORT	SÓ ESP	MAIS E	SÓ PORT	SÓ PORT
GI	1969	1975-1984	MAIS P	SÓ PORT	MAIS P	SÓ ESP	SÓ PORT	MAIS E
MR	1974	1980-1989	SÓ PORT	SÓ PORT	SÓ PORT	SÓ ESP	SÓ PORT	SÓ PORT
MAR	1975	1981-1990	SÓ PORT	SÓ PORT	MAIS P	SÓ PORT	SÓ PORT	SÓ PORT
LU	1976	1982-1991	MAIS P	SÓ PORT	MAIS P	MAIS E	MAIS P	SÓ PORT
CI	1978	1984-1993	MAIS P	SÓ PORT	MAIS E	SÓ ESP	MAIS P	SÓ ESP
CS	1979	1985-1994	SÓ PORT	SÓ PORT	2 IGUAL	SÓ ESP	SÓ PORT	SÓ PORT
CR	1982	1988-1997	MAIS P	SÓ PORT	2 IGUAL	SÓ ESP	2 IGUAL	2 IGUAL
JL	1983	1989-1998	MAIS P	MAIS P	MAIS P	MAIS E	SÓ PORT	SÓ PORT
MAT	1986	1992-2001	SÓ PORT	SÓ PORT	SÓ PORT	SÓ PORT	SÓ PORT	SÓ PORT

Na tabela 44, no íterim que selecionamos, em negrito na coluna (Infância 6-15 anos), ou seja, do ano de 1975 a 1994 quando os falantes viveram a parte mais relevante da sua infância-adolescência, houve predominância do uso exclusivo de português (sombreamento preto com letra em cor branca), para 19 dos 36 registros, seguido dos que usavam em sua maioria o português (sombreamento cinza com letra em cor preta) para 8 dos 36 casos, depois, 5 dos casos utilizando apenas espanhol (sombreamento amarelo com letra em cor bordô), em seguida, 3 casos de mais espanhol (sombreamento laranja com letra em cor branca) e, por fim, as duas igualmente em 1 dos casos (se sombreamento com cor dividida entre roxo e bordô). E, dentre os casos em que se falava apenas espanhol, a maioria do espanhol ou espanhol e português de maneira equivalente seria ou dos avós falando entre si, ou avós falando com o participante da pesquisa ou os tios falando entre si.

Isto nos faz concluir que, partindo destes participantes, nos anos 1980 e início dos anos 1990, a língua espanhola basicamente sobrevivia entre os avós e os tios falando entre si, em sua maioria, e, eventualmente, com os participantes de nossa entrevista e que, após o falecimento dos parentes mais velhos, nos anos seguintes, já quase não haveria quem falasse em espanhol até chegarmos à época atual de fim dos anos 2010 a início dos anos 2020 em que o uso fluente da língua espanhola é raríssimo. Claro que este levantamento que fizemos se restringia ao âmbito familiar, não impedindo que também houvesse no âmbito público, porém, pouco registrado pelos falantes. De todo modo, já estamos tratando aqui das décadas de 1980 e 1990, cerca de 50 a 70 anos após a chegada das maiores levas de imigrantes espanhóis que, em sua maioria, chegaram dos anos 1910 a 1940, o que torna compreensível esse refluxo tão

considerável de uso da língua fora de casa, haja vista Sorocaba tratar-se de uma cidade de grande porte com possibilidade de propiciar bastante interação econômica e social com outras regiões do estado de São Paulo e até mesmo com outras regiões do país, considerando seu papel estratégico em termos rodoviários, por exemplo.

Outra forma de verificar os dados acima e corroborar a ideia de que era possível encontrar uso fluente do espanhol nos anos 1980 foi nos basearmos no contraponto entre as faixas etárias que já analisamos. Como vimos nos gráficos 4 e 5 da página 195, na infância dos que compõem a primeira faixa etária que analisamos, se incluimos a presença nítida do espanhol, indo do uso exclusivo do espanhol, passando maior parte em espanhol até português e espanhol igualmente, teríamos que, na condição de interlocutor, haveria um total de 16,6% dos falantes da primeira faixa etária e, na condição de locutor, 0%, isto é, nenhum registro, enquanto que mais português e só português resultaria em um total de 83,4% dos falantes da primeira faixa etária na condição de interlocutor e 100% na condição de locutor, conforme se pode visualizar nas tabelas, a seguir, com destaque em sombreado.

Tabela 49:
Percentual do
uso de línguas na
infância – 1ª
Faixa Etária (35-
50).

INFÂNCIA (INTERLOCUTOR)	1ª F.	INFÂNCIA (LOCUTOR)	1ª F.
SÓ ESP.	3.3%	SÓ ESP.	0%
MAIS ESP.	3.3%	MAIS ESP.	0%
AS DUAS IGUAIS	10%	AS DUAS IGUAIS	0%
TOTAL	16.6%	TOTAL	0%
MAIS PORT.	40%	MAIS PORT.	6.7%
SÓ PORT.	43.4%	SÓ PORT.	93.3%
SÓ PORT.	43.4%	SÓ PORT.	93.3%

Vejamos, a seguir, outro relato de falante da primeira faixa etária acerca de quando seria comum o uso da língua espanhola:

F.: Tendo essas lembranças, né, de fala, que seus ascendentes ainda tinham, né, de espanhol, você imagina que o espanhol de forma mais recorrente ou auge dele, aqui em Sorocaba, foi em que época? Você criança nos anos 70, né? (...) Então, pelo menos nos anos 70, você acha que o espanhol ainda tava bem vivo?
Gi.: Tava bem. 70, 80, acho que ainda tava bem. Depois, acho que foi dispersando, né, porque, daí, o jovem foi saindo e a coisa foi mais... Mas acho que, em 70 e 80, a comunidade tava bem aqui local, né? Aí, depois, vão saindo/os netos foram saindo pra estudar... (Gi., Neta, 49 anos, linhas 46-53, página 335, vol.2)

Seguindo a percepção da falante H.S., Gi, sua sobrinha, acredita, quando era criança (nos anos 1970 e 1980), que era comum se ouvir espanhol até a gradual saída dos mais jovens, por questões de estudo e laborais, da região de maior concentração dos espanhóis na comunidade e, o que, conseqüentemente, gerou a perda gradual dessa ancestralidade linguística.

F.: (...) Até que época o espanhol era bastante forte... (...)Você tem uma ideia sobre até que época isso, década, mais ou menos...

*MM.: O ano, assim, eu não sei, mas é... eu sei que teve uma época... O meu pai era jovem. Então... O meu pai nasceu em... **O meu pai é de 35. Então, em 1946, mais ou menos, com 10, 12 anos. (...) E tudo eles falavam apenas em espanhol, né? (...) E como eu era criança ainda, eu me lembro de ouvir vizinho...Eu nasci em (...)60 e poucos. E eu ouvia muito.** Era bastante comum você ouvir as pessoas falando. (...) **Então, quando aquelas pessoas iam morrendo, eu acho que a língua foi morrendo junto. (...) As pessoas foram retomar o espanhol por/por motivos, às vezes, profissionais, uma língua muito falada e importante, né, no contexto pra trabalho.** (...) **Eu acho que aí as pessoas, esses descendentes, filhos e tal, foram retomando, mas num outro contexto. Não pra preservar uma memória. Teve uma época que ela se perdeu, do meu ponto de vista, mas não sei se isso é um fato. Não tenho nada comprovado. É apenas a minha lembrança.***

(MM., Filha, 58 anos, linhas 12-31, página 531, vol. 2)

Pensando no relato de MM, acima, vemos uma visão bastante ampla acerca do como estava a frequência de uso do espanhol. Segundo ela, pensando em sua infância, dos anos 1960 aos 1970, ainda era muito frequente as pessoas falarem até a gradual morte dos mais velhos e, por extensão, a “morte” da língua; contudo, poderia ter havido a reativação de alguma forma do idioma, segundo MM., em virtude de questões profissionais ou por questões laborais.

F.: (...) O senhor acha que tinha uma época em que, realmente, se ouvia espanhol com uma certa facilidade e que isso foi deixando gradativamente de acontecer?

*RO.: Eu acho que foi perdendo gradualmente, eu **diria que nos anos vinte, trinta, quarenta, o espanhol ainda tava forte, nesta região.** (...) **Depois dos anos cinquenta, sessenta, acho que foi perdendo.** Impressão minha (...) Meu pai, por exemplo, meu pai é... nasceu em vinte e quatro [1924]. Ele poderia tá em mil novecentos e... quarenta e quatro, quarenta e cinco, cinquenta, ainda tá falando espanhol. Mas, não tava. Quem tava falando espanhol era só minha **avó e meu avô**, entendeu? **Quando eles morreram, na/na década de sessenta, meu avô morreu na década de sessenta, minha avó na década/no início de setenta, dos anos setenta, é... já, acho que já tinha perdido muito as características** (...) **Porque Sorocaba começou a crescer, começou a vir muita gente de fora, entendeu?***

(RO., Neto, 68 anos, linhas 29-42, página 688, vol. 2)

O participante acima, Ro., por sua vez, também se baseando em seus avós e seu pai, que, nos anos 50, não falava espanhol, intuiu que a língua, ao menos em sua família, deixou de ser falada pelos avós por volta de 1940 até que, dos anos 50 ou 60 em diante, a língua estaria se fragmentando, dentre outros fatores, devido à morte dos mais velhos. Acrescente-se a isso o fato de ter havido o desenvolvimento e expansão da cidade de Sorocaba e a consequente chegada de pessoas vindas de outras regiões do país, o que reforçou a predominância do idioma português.

3.5. Ações e discursos em defesa da colônia espanhola

Após verificarmos aspectos de ordem histórica relacionados tanto à Espanha em

seu processo emigratório ao Brasil como em relação à Sorocaba desde o século XIX até meados do século XX, e depois de termos observado questões específicas ligadas ao bilinguismo histórico ali havido com os respectivos possíveis domínios de uso do espanhol em Sorocaba e a consequente cronologia deste encontro de línguas e bilinguismo, neste momento, cumpre-nos considerar outras questões igualmente importantes.

Tratamos de fatores outros de ordem social e política que podem ter impactado direta ou indiretamente no bilinguismo em Sorocaba bem como no(s) porquê(s) do apagamento do idioma espanhol em tal colônia. Sendo assim, consideraremos tópicos concernentes a ações e discursos sobre a colônia espanhola, formas de repressão, ideologias políticas e tudo o que for pertinente, em nossa visão, nesta descrição.

Para tanto, será relevante partirmos tanto do que os próprios informantes disseram nas entrevistas como edições do jornal *Cruzeiro do Sul*, já bastante comentado por nós, e de edições do *Diario Español*, periódico voltado para a colônia espanhola no Estado de São Paulo que tratou, em língua espanhola, de problemas gerais das colônias espanholas no Brasil e, eventualmente, abordava fatos relacionados a Sorocaba, através de correspondentes nesta cidade.

Como já podemos antever em outros momentos da presente tese, já imersa na sociedade brasileira, a colônia espanhola foi se organizando e obtendo relevância no conjunto da sociedade a ponto disto se manifestar em jornais locais e regionais, claro, principalmente feitos pelos próprios representantes da colônia. No entanto, nem tudo era elogio, reconhecimento ou integração; houve, também, problemas de conflitos políticos que já vinham desde a Espanha bem como outros relacionados ao Brasil da época e que se estendiam aos imigrantes gerando ou reforçando preconceitos de todos os lados. Neste sentido, já a título de análise documental, observaremos recortes de reportagens feitas até a terceira década do século XX no “*Cruzeiro do Sul*” e no “*Diario español*”.

Para tanto, classificamos em alguns tópicos o que nos chamaram mais a atenção em termos documentais: i. importância e propaganda da/sobre a colônia espanhola sorocabana; ii. atividades político-culturais feitas e dirigidas à colônia espanhola em Sorocaba; iii. repressões, preconceitos, polêmicas e políticas que repercutiram na colônia espanhola sorocabana.

3.5.1. Importância e propaganda da/sobre a colônia espanhola sorocabana

A reportagem do ano de 1914, do jornal *Diario Español*, fala de como Sorocaba começara a apresentar não só destaque pela forte industrialização no Estado de São Paulo como outros itens de seu progresso como a estação ferroviária, o número de chaminés ativas identificando trabalho contínuo nas fábricas, a limpeza da cidade e o vigor da agricultura, tudo graças sobretudo ao grande esforço trabalho dos imigrantes espanhóis que estariam contribuindo para o vicejar do progresso local e nacional.

Sorocaba, una ciudad progresista

Es esta una de las ciudades más industriales del Estado de S. Paulo. La impresión que produce al viajero antes de llegar á la estación ferroviaria es magnífica, el panorama es imponente.

Multitud de gigantescas chimeneas se ven por todas partes, indicando que el progreso está admirablemente representado en Sorocaba. La ciudad es de aspecto moderno, bien planeada y sumamente limpia. (...) Magníficos é importantes establecimientos comerciales é industriales son en Sorocaba propiedad de españoles que, con gran perseverancia y laboriosidad, han demostrado su gran amor al trabajo y las excelentes iniciativas que posee la familia hispana para colaborar en cualquier ramo de la actividad humana.

*En las mismas fábricas de tejidos de mayor importancia hay connacionales nuestros figurando como copropietarios. En la agricultura, por la que nuestra Colonia siente especial predilección, existen infinidad de compatriotas dueños de importantes y bien cultivadas fincas agrícolas. (...) Es verdaderamente admirable el titánico esfuerzo realizado por nuestros compatriotas en Sorocaba para crearse un porvenir exento de las privaciones que ocasiona la falta de recursos. (In: *Diario español*, 18/08/1914, edição 1634, página 3, ano XVI)¹¹²*

Como se vê acima, há um grande elogio, ao mesmo tempo, à cidade que recebia muitos espanhóis no começo do século XX e aos próprios espanhóis, em uma espécie de idealização dupla dos entes envolvidos neste encontro de culturas; em relação à cidade de Sorocaba pelo seu caráter moderno e os espanhóis por serem trabalhadores e/ou empreendedores. Nesta publicação, são abundantes os adjetivos e adjuntos adnominais resumindo a descrição como “magnífica”, “imponente”, “moderno” ou expressões tais como “amor ao trabalho”, “excelentes iniciativas” ou “titânico esforço”, por exemplo.

De maneira análoga, outra reportagem, desta vez no jornal *Cruzeiro do Sul*, 13 anos depois, evoca uma relação do progresso semelhante ao que teria a cidade de Barcelona, no

¹¹² “**Sorocaba, una cidade progressista** – É esta uma das cidades mais industriais do Estado de São Paulo. A impressão que produz ao viajante antes de chegar à estação ferroviária é magnífica, o panorama é imponente. Multidão de gigantescas chaminés são vistas por todas os lugares, indicando que o progresso está admiravelmente em Sorocaba. A cidade é de aspecto moderno, bem planejada e bastante limpa. (...) Magníficos e importantes estabelecimentos comerciais e industriais são em Sorocaba propriedade de espanhóis que, com grande perseverança e trabalho, demonstraram seu grande amor pelo trabalho e as excelentes iniciativas que a família hispânica possui para colaborar em qualquer ramo da atividade humana. Nas mesmas fábricas de tecidos de maior importância há compatriotas nossos atuando como coproprietários. Na agricultura, pela qual nossa Colônia sente especial predileção, existe uma infinidade de compatriotas donos de importantes e bem cultivadas fazendas. (...) É verdadeiramente admirável o esforço titânico realizado por nossos compatriotas em Sorocaba para se criar um futuro isento das privações ocasionadas pela falta de recursos”. (Tradução nossa)

nordeste espanhol. Desta vez, há elementos ligados ao planejamento urbano citando o fato de haver ruas espaçosas, casas modernas, higiênicas, com praças arborizadas e boa circulação de veículos, tais como bondes elétricos e carruagens. A comparação é de Sorocaba como uma espécie de pequena Barcelona por outros fatores, também, como a iluminação da cidade e os serviços adequados oferecidos pela sua administração municipal. Com tanta adjetivação, supomos ter havido, à época, a necessidade de reconhecimento e prestígio junto à administração pública seja por gratidão a algo feito, seja por necessidade de apoio, o que se traduz em duas coisas, ao mesmo tempo: elogiar a própria colônia como elogiar e criar um espaço favorável de relação com a cidade que a abrigava e com a sua gestão municipal.

Sorocaba, a “pequena Barcelona” e as contribuições da colônia espanhola. “*Quem não tenha visitado a cidade de Sorocaba desde alguns annos e hoje a percorrese, soffreria uma impressão agradável de surpresa. A transformação que tem soffrido é assombrosa. O que antes eram ruas estreitas e vetustos edificios tem-se convertido em amplas ruas de comunicação e em casas modernas e hygienicas. As praças offerecem, por serem espaçosas e bem arborizadas, aspecto encantador. Desappareceram os grandes canaes que cortavam a cidade em todos os sentidos prejudicando o transito de vehiculos. Circulam agora pelas ruas principaes magníficos bondes electricos e elegantes carruagens. Surgiram por todas as partes estabelecimentos commerciaes de todas as classes, com profusa illuminação e montados com gosto. (...) Para fazer uma comparação, facil de comprehender aos nossos leitores, poderíamos comparar Sorocaba com uma pequena Barcelona. Em todos os serviços publicos se adverte igualmente o grande progresso da cidade que è certamente uma das melhores do Estado de São Paulo. Sua administração municipal nestes ultimos annos tem sido um modelo de correcção e de verdadeiro amor ao progresso do município. (...) A colonia hespanhola em Sorocaba è numerosa e gosa de grandes sympathias por sua laboriosidade e honradez. Do “Diario Hespanhol”. (In: Cruzeiro do Sul, edição 3227, página 1, ano XIV, 20/02/1917)*

Como forma de aprofundar a discussão, trazemos, agora, recorte de um livro do já citado entusiasta da cultura espanhola em Sorocaba e que, dentre outras intenções, questiona alguns posicionamentos dentre os próprios espanhóis como defende princípios que, segundo sua visão, ajudariam a colônia espanhola receber seu prestígio devido na cidade de Sorocaba e em face dos críticos, espanhóis ou não. Ou seja, tratamos do livro *Labor patriótica* (“Trabalho patriótico”) de Juan Santisteban, publicado no ano de 1932 e que contém discursos, crônicas e poesias voltadas para a colônia espanhola. Para ilustrar sua visão, expomos os fragmentos abaixo nos quais se ilustram os seguintes pontos: a) oposição às críticas aos espanhóis como se estes fossem maus; b) contextualização e defesa do percurso sofrido da Espanha ao Brasil na luta pela sobrevivência; c) crítica ao governo opressivo da Espanha; d) destaque à contribuição dos espanhóis ao progresso no Brasil; e) defesa de, como instrumento de cidadania, instrução dos espanhóis; e) proposição de elaboração de jornais voltados aos espanhóis e expansão cultural nos moldes que já aconteciam com os italianos.

Nesta progressão de temas, portanto, a defesa de Santisteban não tem a ver só com a oposição a críticas aos espanhóis vistas como injustas, mas sobretudo com o esforço feito por eles de saírem da tirania do governo espanhol, de desbravar dificuldades havidas no Brasil e de propor emancipação ou cidadania dos seus conterrâneos por meio do estudo e de acesso a publicações em espanhol dirigidas à colônia. Vejamos, então, a seguir, um trecho com destaques em algumas partes que julgamos mais interessantes:

Mi labor patriótica en el Brasil

*Al pueblo español del Brasil (...) no es lícito llamarlo de malos españoles, como he tenido ocasión de oír por boca de algunos, que sin duda alguna no están al tanto, ni **conocen nada de la vida fatídica y escabrosa** que se ha visto obligado a sufrir todo el español recién llegado de nuestra patria (...) Ningún español podrá negarme, que el **determinarnos emigrar para el extranjero, tuvo sin duda alguna que tener una causa forzada que a ello nos obligara**; y esa causa, para la mayoría de los españoles que en estas tierras nos encontramos, no fué otra que la de **faltarnos en nuestro país**, los principales y más **urgentes recursos para la subsistencia**; esto es, que las fatigas, y el hambre nos azotaban sin compasión ni piedad, como si fuésemos delincuentes condenados a pasar por esas crueles privaciones purgando así el grande crimen que por ventura hubiésemos practicado. (...)*

*Desgraciadamente, todo lo mejor que pudieron hacer por su pueblo, los **tiranos egoístas que hasta hace muy poco gobernaron a España**, no pudo ser otra cosa que **convertir los españoles en rebaños de mansas bestias de carga** (...) cuantas faenas duras y penosas se hicieran menester para la vida económica de sus propios intereses, eso sí; pero ¿instruir a su pueblo!? ¿educarlo!? ¿hacer hombres de luces!? (...) como consecuencia de tamaño y deshumano abandono, ahí tenemos el desproporcionado analfabetismo que abunda entre nosotros. No ignoremos amables compatriotas, que la **instrucción en el individuo, es el arma mas poderosa para hacerse respetar**, y para que sean reconocidos su derecho de ciudadanía, y ya que en nuestras almas se abrigan sentimientos de tan loables virtudes patrióticas, no seamos refractarios para que se haga efectiva la unión y armonía que nos debe escudar (...) Los **españoles en el Brasil somos los principales propulsores del vertiginoso progreso** qué de ha años a esta parte, se le viene notando (...) Hasta se hace vergonzoso saber que **en una colectividad de 800.000 y pico de españoles que vivimos en el Brasil, no tengamos un periódico diario que constituyera nuestro mayor galardón y el más legítimo de los entusiasmos**.¹¹³(In: SANTISTEBAN, Juan. Mi labor patriótica: discursos y poesías, 1932, p.12-14; 53).*

¹¹³ “**Meu trabalho patriótico no Brasil** – Ao povo espanhol do Brasil (...) **não é justo chamá-lo de maus espanhóis**, como tive ocasião de ouvir pela boca de alguns, que sem dúvida alguma não estão cientes disso, nem **conhecem nada da vida fatídica e terrível** que se viu obrigado a sofrer todo o espanhol recém-chegado de nossa pátria (...) Nenhum espanhol poderá me negar, que o de **nos determinar ir ao estrangeiro, teve sem dúvida alguma a ver com uma causa forçada que nos obrigasse a tal coisa**; e essa causa, para a maioria dos espanhóis que nestas terras nos encontramos, não foi outra senão o fato de **nos faltar em nosso país** os principais e mais urgentes recursos para a subsistência; ou seja, que as fadigas, e a fome nos castigavam sem compaixão nem piedade, **como se fôssemos delinquentes condenados a passar por essas cruéis privações** purificando assim o grande crime que por ventura tivéssemos praticado. (...) Desgraçadamente, todo o melhor que puderam fazer pelo seu povo, os **tiranos egoístas que até há muito pouco tempo governaram a Espanha**, não pode ser outra coisa senão **transformar os espanhóis em rebanhos de burros mansos de carga** (...) quantas atividades duras e penosas foram necessárias para a vida econômica de seus próprios interesses, isso, sim; mas instruir seu povo!?, educá-lo!?, torna-os homens ilustrados!? (...) como consequência de tamanho e desumano abandono, vimos o desproporcional analfabetismo que abunda entre nós. Não ignoremos, amáveis compatriotas, que a **instrução no indivíduo, é a arma mais poderosa para se fazer respeitar**, e para que sejam reconhecidos seu direito de cidadania, e já que em nossas almas se abrigan sentimentos de tão louváveis virtudes patrióticas, não sejamos refratários para que se torne efetiva a união e harmonia que deve nos proteger (...) Os **espanhóis no Brasil são os principais propulsores do vertiginoso progresso** que há vem sendo notado nesta região (...) Inclusive se torna vergonhoso saber que em **uma coletividade de 800.000 e tanto de espanhóis que vivem no Brasil, não tenhamos um jornal diário que constituiria nossa maior premiação e o mais legítimo motivo de entusiasmo**”. (Tradução nossa)

Como pudemos ver, a tendência é se opor a toda e qualquer possível crítica apontada como injusta já que partiria daqueles que desconhecariam a dura trajetória dos espanhóis tanto na própria Espanha como no Brasil; contudo, embora se oponha às críticas infundadas ou mesmo preconceito e/ou violência em face dos espanhóis, Santisteban (op.cit) critica o fato de que uma parte dos espanhóis não estaria fazendo jus ter a seu espaço e respeitabilidade haja vista pouca preocupação em se instruir ou defender sua identidade e coletividade, tal como um jornal específico em Sorocaba voltado para a comunidade. Cabe dizer que este tipo de jornal, tal como já apontamos, era comum na capital paulista, mas acabou não se tornando realidade em Sorocaba, apesar da luta contínua de Sanstisteban e outros na colônia nesse sentido.

3.5.2. Atividades político-culturais dirigidas à colônia espanhola em Sorocaba

Carvalho (2008), na sua tese intitulada “Fisionomia da cidade: Sorocaba – cotidiano e desenvolvimento urbano – 1890-1943”, faz um importante apanhado de elementos migratórios em Sorocaba que contribuíram para conformação de sua rotina e desenvolvimento do setor urbano, com ênfase sobretudo nas presenças italiana e espanhola, destacando ser essa última, diferentemente de outras muitas cidades do interior paulista, a que mais se destacou numericamente, só sendo superada pela população de imigrantes em Santos e na própria capital paulista. Neste sentido, seguindo Coelho (2002, p.44-45), a partir das primeiras levas de espanhóis, foram se seguindo outras basicamente na chamada região do Além Ponte, desenvolvendo atividades que englobavam o setor têxtil, mas também a agricultura como no caso do cultivo de batatinha, cebola e laranja e, posteriormente, se destacando notadamente na produção de cebola, o que rendeu à região de Sorocaba o apelido de “Cebolândia”.

Apesar da presumível integração rápida dos espanhóis a Sorocaba, haja vista sua crescente incursão naquela cidade, Carvalho (op.cit, p.255) lembra que havia, além da divisão geográfica marcada pela ponte principal da cidade, uma divisão cultural entre as duas principais regiões da cidade em que os espanhóis que viviam depois da ponte costumavam sofrer preconceitos dos sorocabanos mais tradicionais, moradores do centro da cidade, no sentido de evitar se misturar, porém, no início da década de 1930, já não era possível desmerecer a presença e relevância da colônia espanhola na cidade. Prova disso, conforme Carvalho (op.cit), é o fato de o jornal *Cruzeiro do Sul* abrir as suas páginas para um espanhol, Francisco Molina, que tinha uma coluna naquele jornal intitulada “Crónica de actualidad” e que, em dada ocasião,

fez um discurso elogioso ao desenvolvimento urbano de Sorocaba destacando a quantidade presumida de espanhóis à época, isto é, 12 mil imigrantes. É o que se pode ver no trecho abaixo edição de 04 de janeiro de 1932, nº 7472, do *Cruzeiro do Sul*:

Parecerán tal vez mis “Crónicas” un tanto apasionadas de “españolismo”, lo cual estuvo siempre bien lejos de mi pensar y sentir, ya que si a mal escritor uniera apasionamientos de cualquier especie, merecería a mí me señalará como uno más de los que cultivan la parcialidad con mas ó menos determinados fines.

Por el contrario he de repetir, sólo gusto de admirar ensalzar cuanto llama mi atención, teniendo la seguridad de que no se agotaría mi fuente de observación, y de estudio, de querer escribir sobre los incontables progresos de esta Ciudad, donde se revela con caracteres agigantados, un pueblo eminentemente rico, trabajador y familiar.

Nos sé de ningún municipio que iguale ni menos aventaje á este de Sorocaba, tanto en su agricultura, como en la industria y comercio; dejando á un lado su nueva riqueza citrícola y sus cultivos agrarios menores, para entrar de llenos en el despertar mágico de las sirenas de sus indistintas fábricas llamando que jumbrosamente á miles de brazos obreros que integran y complementan el movimiento diario de esos colosos de la producción mecánica y manual que en un trepidar ronco y continuo, ván dejando tras sí, la incalculable riqueza de hilos, tejidos estamperia, azadas, sombreros, dulces, etc, etc. (...)

*Todo esto hace resaltar una vez mas, la riqueza, la actividad, la democracia, los sentimientos de un pueblo generoso, unido á la colaboración sana y respetuosa que viener prestando á toda esa grandeza, unos doce mil españoles, que de no estar mal informado, son los que integran y honran la Colonia Española en esta privilegiada Ciudad, bañada y partida por las aguas mansurronas de su caudaloso rio, en cuyas márgenes extiende el más grande y hermoso de los panoramas. (In: MOLINA, F. García. *Jornal Cruzeiro do Sul*, 04/01/1932, nº 7472)¹¹⁴*

Carvalho (2008, p.256) registra que esta publicação marcada por intensa bajulação acabou sendo criticada por um compatriota espanhol que acusara Molina de escrever apenas para obter a simpatia dos habitantes nativos de Sorocaba e dos próprios representantes da colônia. Ademais, Carvalho, ao comentar tais críticas, presume que se tratasse de uma pessoa, com olhar mais crítico de quem já tinha vivido há um bom tempo em Sorocaba e bastante atento aos problemas locais, influenciado ou não, por algum viés político forte à época como o

¹¹⁴ “Hão de parecer talvez minhas “Crônicas” um pouco exageradas de ‘espanholismo’, o qual estive sempre longe de meu pensar e sentir, já que se de um mal escritor se aproximasse paixões de qualquer espécie, caberia que me chamasse como um dos que mais cultivam a parcialidade com mais ou menos determinados fins. Pelo contrário, hei de repetir, apenas me agrada honrar o quanto me chama a atenção, tendo em vista a segurança de que não se esgotaria minha fonte de observação e de estudo, de querer escrever sobre os incontáveis progressos desta Cidade, onde se revela com caracteres imensos, uma cidade eminentemente bela, trabalhadora e familiar. Não sei de nenhum município que se iguale nem menos supere a Sorocaba, tanto em sua agricultura, como na indústria e comércio; deixando de lado sua nova riqueza citrícola e sus cultivos agrários menores, para entrar intensamente no despertar mágico das sereias de suas destacadas fábricas evocando brilhantemente a milhares de braços operários que integram e complementam o movimento diário desses colossos da produção mecânica e manual que em um trepidar rouco e contínuo, vão deixando atrás de si, a incalculável riqueza de fios, tecidos, estamparias, enxadas, chapéus, doces, etc, etc. (...) Tudo isto faz ressaltar uma vez mais, a riqueza, a atividade, a democracia, os sentimentos de um povo generoso, unido à colaboração saudável e respeitosa que vier emprestando a toda essa grandeza, uns doze mil espanhóis, que se não estou mal informado, são os que integram e honram a Colônia Espanhola nesta privilegiada Cidade, banhada e dividida pelas águas bastante calmas de seu caudaloso rio, em cujas margens estende o maior e mais belo dos panoramas”. (Tradução do autor).

comunismo ou anarquismo, e que, por fim, não aceitaria, aquele autor espanhol, uma idealização da cidade seja por ter sofrido algum preconceito na cidade enquanto imigrante, seja por rejeitar a ideia de fazer discurso laudatório buscando prestígio ou ascensão social.

Acerca de questões relacionadas a preconceito ou rejeição dentro da comunidade, , gostaríamos de mencionar que, em relação aos nossos informantes, a maioria disse não ter havido nenhum preconceito sofrido pelos mais velhos de sua família e, quando houve, seria por questões ligadas a elementos tais como: receio do cidadão sorocabano de ter seu emprego roubado; o aspecto maltrapilho de algumas levadas de espanhóis que eram mais pobres; a dificuldade de se comunicar por parte dos espanhóis, o que gerava impaciência do sorocabano; a rejeição à personalidade supostamente mais forte ou conflituosa dos espanhóis em relação aos brasileiros ainda mais considerando o viés político comum dentre os imigrantes, isto é, anarquistas ou comunistas que costumavam ser exigentes com várias questões sociais e laborais à época.

Sobre estes elementos, citaremos, como ilustração, alguns trechos de relatos de nossos informantes, em especial duas situações curiosas: o preconceito dentre os próprios espanhóis já desde a própria Espanha em relação à região e à ideologia dos que vieram (se mais pobre ou mais desenvolvida ou se de uma visão política ou outra) e o preconceito dos espanhóis em relação tanto aos negros brasileiros, em virtude da falta de convívio, como em relação ao brasileiro comum, considerando-o muito “festeiro” e pouco “sério”.

Seguimos com alguns trechos interessantes acerca destes temas, abaixo:

i.

F.: Você sabe dizer se, de alguma forma (...) sofreram preconceito (...) se de alguma forma os brasileiros os rejeitaram temporariamente porque eram estrangeiros?(...)

*CI.: Teve, né? (...) porque eu acho que é questão de como é hoje né, “você vem, aqui, pra roubar o emprego dos outros”, né? Então, acredito que seja por esse ponto, né. (...) A turma achava, assim, que eles eram assim, muito (...) **Empinado**. Então, que eles tinham condições. Então, **as pessoas se afastavam**.*

(CI, Neta, 40 anos, linhas 23-33, página 81, vol. 2)

ii.

F.: Aí, o senhor acha que esse preconceito era uma coisa recorrente ou foi uma coisa mais isolada?(...)

*G.R.: A Nogueira Padilha.... A ponte lá de Sorocaba... Porque, eles eram **alvo** (...) **De chacota... “Espanhol imundo”... “Espanhol porco”** (...) O povo mais discriminado ... Ficou **segregado, lá, na Nogueira Padilha**... (...) Aí, hoje, já mudou muito, né? É porque já... Todos, já, praticamente mistos, já, né? (...) E o **espanhol, ele não admitia, também, ele ... que, também, tivesse influência na cultura dele, entendeu?**(...)*

(G.R, Neto, 74 anos, linhas 48-59 e 1-20, páginas 304-305, vol. 2)

iii.

F.: Eu ia perguntar outra coisa. Se eles sofreram preconceito porque eram estrangeiros, porque eram diferentes, alguma razão...

JP.: Ah, tem, tinha... Sim. Veja bem. **Eram pobres**. Na hora em que eles foram fugir? Pra esquerda, né? O meu avô, o meu pai, um amigo dele de infância (...) Eles **brigavam**... Ele fazia **greve**... Ficava fazendo **passeata comunista**... O meu avô paterno/materno parou fábrica. **Teve que fugir do, do Vargas**, do presidente Vargas pelos rios aí afora, esse interiorzão, aí (...) Passava necessidade, **num tinha camisa, num tinha roupa pra vestir**. Ele usava a mesma roupa. (...) Tem a visão de que **veio pra cá pra ganhar o dinheiro dos brasileiros**. Essas coisas... (...)
(JP, Neto, 56 anos, linhas 51-60, página 383, vol. 2)

iv.
S.M.: Eles [os espanhóis] tinham **preconceito contra os brasileiros**. (...) Ela [a avó do informante] tinha uma expressão, que ela dizia **“Los brasileracos”, ou, então, “Los gitanos”**. [ciganos] (...) O brasileiro tinha essa **mania festiva** de... E ela, não. (...) **Se você, por exemplo, começasse a rir muito**, ela já falava que você tava “abajantando”... Eu nunca entendi direito ... **É como se você tivesse “aprontando”** ou... sei lá... Né? Então [risos] Era um treco meio... É sui generis.
(S.M, Neto, 66 anos, linhas 13-21, página 744, vol. 2)

No que diz respeito à fala de JP acerca da fuga do governo Vargas por parte de seu avô materno, por serem comunistas (extensivamente, “anarquistas”) que faziam passeatas e greve, é importante lembrar de que houve um dispositivo legal, ou seja, o Decreto-Lei de 1938 BRASIL (1938), que regulamentou a entrada de estrangeiros no território nacional. No artigo 113 deste Decreto, estariam impedidos de desembarcar, mesmo com visto consular em ordem, os estrangeiros que são “I, indigentes, **vagabundos, ciganos** e congêneres; (...) III, **anarquistas, terroristas, extremistas** e congêneres; (...) e V, **condenado em outro país** por crime de natureza que determine sua extradição, segundo a lei brasileira(...)”. Neste sentido, em uma época em que alguns grupos sociais ou ideologicamente distintos da perspectiva do governo eram considerados indesejáveis, a exemplos dos ciganos e anarquistas, estes costumeiramente vindos de países como Itália e Espanha, muitas vezes, acabaram sendo rejeitados independentemente de qualquer coisa, o que reforça a perspectiva excludente do governo, em que pese seu projeto de aceitação de imigrantes, porém, só sob algumas circunstâncias específicas.

Ainda em relação a questões de preconceito, gostaríamos de mencionar que, em entrevista informal que realizamos junto ao pesquisador Sérgio Coelho de Oliveira, em abril de 2017, o mesmo afirmou que a parte conservadora da cidade, à época da imigração massiva, tratava os espanhóis com preconceito, sendo comum escutar frases agressivas como “Se passar do rio [Sorocaba], leva flechada” ou, ainda, frases dos pais de homens brasileiros dizendo que as espanholas “não vão casar com ninguém, pois não prestam”, isto é, segundo Oliveira, havia um estigma em parte da ala mais burguesa da Sorocaba ainda provinciana.

3.5.3. Repressões, preconceitos, polêmicas e políticas que repercutiram na colônia espanhola sorocabana

Nesta seção, tratamos de alguns registros jornalísticos evidenciando como os espanhóis ou os imigrantes de modo geral passaram certas épocas por momento de perseguição cultural, econômica e política. A crítica demonstrada, contudo, se dirige sobretudo à polícia, representante do poder estatal e aos proprietários de fábricas, ou seja, patrões de muitos dos espanhóis que, inclusive, estavam em constante busca de melhores condições de vida, tanto que se aliaram a posturas ideológicas que os inspiravam a atingir seus objetivos como o anarquismo e o comunismo e atuavam em greves periódicas visando se impor politicamente.

i. Repressão policial

No texto “Indignación de la colonia”, escrito por R. Martínez, publicado pelo jornal *Diario Español* em setembro de 1912, vemos uma descrição do como a atuação policial, denunciada pelo jornal *A cidade de Sorocaba*, foi fútil e fatal contra um trabalhador espanhol segundo ordem de um representante da empresa Grafé & Comp. Em tal texto, vemos uma contundente oposição à atuação das autoridades em “caçar” os estrangeiros, seja deportando-os ou assassinando-os sobretudo os espanhóis, além da conclamação às autoridades espanholas no Brasil para protestar e colocar um fim aos desmandos dos maus policiais para que, assim, o próprio Brasil, mediante uma ácida crítica do autor, seja beneficiado e limpo da “escória social” que prejudica ao estrangeiro.

Indignación de la Colonia

Ha causado gran indignación en el seno de la Colonia española aquí domiciliada, lo dicho por el periódico A Cidade de Sorocaba, sobre el asesinato de un compatriota nuestro llevado á efecto por un motivo fútil por la policía instruida “á la francesa” á las órdenes de un sujeto de la marca Grafé & Comp.

En este momento en que las autoridades policiales se empeñan en dar caza á los extranjeros, deportando á unos y asesinando á otros, y en que los españoles llevamos la peor parte, es necesario que nuestras autoridades en el Brasil, juntamente con la Colonia, protestemos en masa para poner término á tal estado de cosas que en tan bajo nivel colocan á este país.

*Al hacerlos así, prestaremos un gran favor á la nación brasileña, porque esas autoridades peligrosas, educadas en las calles de la Gamboa y en otras por el estilo, deben ser enviadas para la Colonia correccional, y el Brasil quedaría limpio de esa escoria social que tanto le perjudica en el extranjero¹¹⁵. (In: MARTÍNEZ, R. de. *Diario Español*, 10/09/1912, n. 1175, ano XIV, página 1. In: MARTÍNEZ, R. de. *Indignación de la colonia. Diario español*. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217867&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=137>>.)*

Como texto complementar e finalizando este tópico sobre a opressão contra os espanhóis no Brasil, o texto “Ofensas á los españoles – proceder de un delegado en Sorocaba”, publicado pelo mesmo, expõe, novamente, o registro de um caso em que um espanhol de nome Manuel García, dito homem respeitável e correto, há muito residente em Sorocaba, fora nomeado para representar os trabalhadores junto aos comerciantes para que estes fechassem as portas como ato solidário à greve de 1919. Para tanto, houve contato com o delegado de polícia e a autorização foi concedida. Contudo, apesar de tal autorização, Manuel García foi chamado à delegacia e ouviu injúrias que se estenderam à colônia espanhola como um todo fato ao qual García reagira dizendo não aceitar se calar diante do delegado, visto como ditador pelo narrador, a quem denuncia com veemência por tal atitude considerada abusiva e incoerente com as leis.

Por fim, destacou-se, no texto, o fato de como a colônia espanhola de Sorocaba, à época em mais de 5000 pessoas, não vinha dando motivo para sofrer interferência policial nem sofrer ojeriza, sobretudo em virtude de que, segundo García, havia respeito às leis e não se vivia

¹¹⁵ “**Indignação da Colônia** - Causou grande indignação no seio da Colônia espanhola aqui domiciliada, o narrado pelo jornal A Cidade de Sorocaba, sobre o assassinato de um compatriota nosso levado a cabo por um motivo fútil pela polícia instruída “à francesa” às ordens de um sujeito da marca Grafé & Comp. Neste momento em que as autoridades policiais se empenham em ir à caça de estrangeiros, deportando a uns e assassinando e outros, e em que os espanhóis ficam com a pior parte, é necessário que nossas autoridades no Brasil, juntamente com a Colônia, protestem em massa para colocar fim a tal estado de coisas que em tão baixo nível colocam este país. Ao fazê-lo assim, prestaremos um grande favor à nação brasileira, porque essas autoridades perigosas, educadas nas ruas da Gamboa (bairro de prestígio no Rio de Janeiro no início do século XX) e em outras coisas do estilo, devem ser enviadas para a Colônia correccional, e o Brasil ficaria limpo dessa escória social que tanto prejudica ao país no estrangeiro”. (Tradução nossa)

de mendicância ou se aproveitando de cargos oficiais, mas do trabalho, ao mesmo tempo, honrado e penoso. Como ilustração, temos, a seguir, um trecho do referido texto:

El Sr. Manuel García, indignado, pretendió replicarle diversas veces, mas el agresivo doctor en leyes le hacía callar con el despotismo de un dictador de pacotilla, gritando: “Cale a boca!”

Ese proceder incorrecto y abusivo no se compagina con el mandato que desempeña y con el sentido jurídico de las leyes, á las que S.S. debe acatamiento. (...)

Si el Sr. Dr. Braulio Mendoza, hijo, hubiera permitido hablar al Sr. Manuel García, cuando aquel arbitrario polizone ofendía indignamente á la Colonia española, hubiera podido hacerle la siguiente pregunta:

“¿En qué puede fundamentar S.S. las ofensas que hace á la colectividad hispana?”

Y la pequeña partícula de autoridad que S.S. representa hubiera quedado muda ante tan sencilla observación, porque los anales de la Policía de Sorocaba no denuncian á la Colonia española, en la estadística de criminalidad, como una agrupación de perturbadores, criminales y bandidos, como él la denuncia¹¹⁶. (...)

(Diario español. Ofensas á los españoles – proceder de un delegado en Sorocaba, 10/05/1919, nº 3975, página 2, ano XXI. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217867&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=4013>>)

ii. Preconceitos e desafios segundo alguns informantes

De maneira complementar a expressões acerca da opressão sofrida pelos espanhóis por setores poderosos da sociedade sorocabana de início do século XX, como industriais ou policiais, também, existiram, preconceitos de outras ordens tanto em relação aos espanhóis como da parte destes em relação aos brasileiros. Recordemos, que, em início do século XX, havia ideologias de tendência escravagista/racista, autoritária ou opressora em relação aos pobres, de modo geral, e contra os trabalhadores, mais especificamente. E é justamente com essa sociedade que os espanhóis vão se deparar, e estes, por sua vez, apresentavam, também, suas ideologias e preconceitos, também próprios da época ou da falta de maior conhecimento. Contudo, independentemente de ideologias, o fato é que todos os lados envolvidos almejavam manutenção ou realização dos seus interesses e, por vezes, se chocavam: os espanhóis querendo uma vida melhor e ser tratados de maneira digna e, de outro, os proprietários de terras ou abastados brasileiros ansiando terem cada vez mais lucros, e os pobres brasileiros querendo emprego e, por fim, pessoas conservadoras, exigindo respeito e a manutenção de suas diretrizes

¹¹⁶ “O Sr. Manuel García, indignado, pretendeu se contrapor diversas vezes, mas o agressivo doutor em leis o fazia calar com o despotismo de um ditador chinfrim, gritando: “Cale a boca!” Esse proceder incorreto e abusivo não se adequa ao mandato que desempenha e com o senso jurídico das leis às quais Vossa Senhoria deve acatar. (...) Se o Sr. Dr. Braulio Mendoza Filho tivesse permitido falar com o Sr. Manuel García, quando aquele arbitrário policialzinho ofendia indignamente à Colônia espanhola, houvesse podido lhe fazer a seguinte pergunta: “No que se baseia Vossa Senhoria para realizar as ofensas à coletividade hispânica?” E a pequena partícula de autoridade que Vossa Senhoria representa houvesse ficado muda diante de tão singela observação, porque os anais da Polícia de Sorocaba não denunciam à Colônia espanhola, na estatística de criminalidade, como um agrupamento de perturbadores, criminais e bandidos, como ele a denuncia”. (Tradução nossa)

morais.

De modo a entender melhor isso, veremos, a seguir, algumas nuances de preconceitos revelados por alguns descendentes de espanhóis, que ou presenciaram algumas cenas ou das quais ouviram falar. Cabe enfatizar que estes relatos provieram de respostas a perguntas que fizemos, nas entrevistas, acerca de eventual preconceito sofrido pelos espanhóis e partindo da hipótese de que, em havendo, tal cenário, poderia ter prejudicado na sua expressão ou manutenção cultural, isto é, de um lado, forçando sua integração à sociedade brasileira e, de outro, a busca por se desvencilhar de suas próprias origens. Em outros termos, veremos preconceitos dos brasileiros em face dos espanhóis e o contrário, que embora menos presenciado pelos informantes, mas que também existiu, isto é, o preconceito de espanhóis em face dos brasileiros.

Como dissemos, em relação ao preconceito *contra* e *pelos* espanhóis, a ideia era observar, nas entrevistas, se os informantes conseguiriam perceber e expor elementos que poderiam ter prejudicado a manutenção e expressão linguístico-cultural por parte dos imigrantes espanhóis a ponto de ter se gerado gradualmente o atual quadro de relativa invisibilidade desta comunidade. Nesse sentido, os informantes que perceberam elementos em relação ao que indagamos, afirmaram não saber/haver preconceito contra os espanhóis, em virtude dos seguintes motivos: ou porque era difícil saber de algo a respeito; ou porque talvez seus ascendentes tivessem sido bem aceitos na comunidade local na primeira metade do século XX já que houve inserção anterior das primeiras levas de espanhóis; ou porque alguns estratos da sociedade sorocabana comumente apreciavam a simplicidade dos espanhóis ou sua capacidade de trabalho sobretudo no campo, bem como sua contribuição para o progresso da cidade. Contudo, opondo-se a essa possível visão da época, segundo alguns informantes, sobretudo mais velhos, eventualmente, havia preconceito ou rejeição aos espanhóis em virtude da visão de que os imigrantes fossem tomar empregos dos sorocabanos ou por conta da dificuldade da comunicação, por exemplo. Por outro lado, em se tratando de preconceito do espanhol médio para com o brasileiro, havia a ideia de que este seria meio mal-educado, preguiçoso, demasiado festivo e, inclusive, em alguns casos, houve rejeição à figura do negro, do índio ou do caboclo, como se estes fossem ou perigosos ou acomodados.

Vejamos alguns exemplos de diálogos e relatos que corroboram a descrição acima nos quais “F” se refere a nós que entrevistamos e os outros códigos referem-se àqueles que foram entrevistados e cujas falas receberam destaques nas partes relativas à descrição de preconceitos:

F.: Deixa eu perguntar, você sabe dizer se, de alguma forma, porque eram estrangeiros, independente de um ou outro que talvez fosse/tivesse menos posses do que outros, né... é... eles sofreram preconceito em virtude disso? (...)

*CI.: Teve, né? Não, **porque eu acho que é questão de como é hoje né, “você vem, aqui, pra roubar o emprego dos outros”**, né? Então, acredito que seja por esse ponto, né. (...)*

*Mãe de CI.: A turma achava, assim, que eles eram assim, muito (...) **Empinado**. Então, que eles tinham condições. Então, as pessoas se afastavam. (...)*

*CI.: É, os brasileiros achavam que eles eram... Porque, na verdade, eu até falei pra você (...) **Tem essa sensação, né, de você ser superior**. (...) a postura deles, a pronúncia, acaba dando a entender que são **pessoas metidas, bravas**.*

(CI., 40 anos, Neta, linhas 23-49, página 81, vol. 2)

No caso acima, observamos a referência à questão do receio de os espanhóis roubarem emprego bem como a visão de que eles, pela postura e língua, seriam orgulhosos, metidos, bravos, “empinados” como informa a mãe de Ci.

“F.: O senhor sabe informar se, no caso sua mãe ou seus avós, sofreram algum tipo de preconceito porque eram estrangeiros, porque eram de outros/outro país?”

*Si.: Não, nunca se queixaram. (...) O tempo que eles conviveram com, é... os caboclo, falava os **caboclo brasileiro**, eles sempre se deram bem. Porque **não é falar mal dos caboclo, mas caboclo aqui, eles tinha terra, tinha tudo, mas não exercia muito**, né? (...)É. Então, vinha o caboclo, dono de fazenda, passava em casa, de a cavalo, e ficava louco comia aquele pão grande que nós fazia, e comia. (...) Meu pai falava: **“Putá, esses caras são dono de tudo essa terra e não tem... Só fica andando a cavalo pra lá e pra cá e tomando cachaça”**. (...)E daí o estrangeiro veio, o estrangeiro trabalhou e fez. E, na verdade, **não é falar mal do brasileiro, mas quase tudo que é gerado aqui, que é feito aqui, quase o estrangeiro que fez**, não é verdade? (...) E o cara daqui acho que não tinha prática, ou é outra cabeça. Não sei, né? **É que nem o índio, o índio você chega lá, só sabe caçar, pescar**. Se você chegar lá, **“Você pode fazer uma terra pra plantar mandioca, plantar não sei o que?”** já vai viver diferente, né?”.*

(Si, Filho, 70 anos, linhas 45-59 e 1-7, página 775-776, vol. 2)

Já neste caso, agora, o senhor “Si” revela que não teria existido preconceito em face dos espanhóis, inclusive teria havido uma ótima convivência entre seus ascendentes espanhóis e os chamados “caboclos”. Contudo, tal termo que, pelo contexto, significa nativos ou mestiços da região, donos ou responsáveis pelas terras antes da chegada espanhola, representa uma classe de pessoas vista de maneira desfavorável por parte de alguns espanhóis e alguns de seus descendentes; isto é, ao passo que “Si” elogia os espanhóis como fáceis de lidar, de se integrar e trabalhadores, o “caboclo” é visto como indivíduo acomodado e que, mesmo “tendo tudo a seu favor, não trabalhava, pouco se esforçava ou valorizava a terra.” Para terminar, o informante ainda faz crítica aos indígenas que, por falta de prática ou por terem outra mentalidade em relação aos imigrantes, não teria habilidades além de caçar e pescar.

“F.: O senhor sabe informar se/se, de alguma forma, os avós do senhor sofreram preconceito aqui no Brasil? (...)

JM.: Não, não tinha. Não. (...) Bem recebidos. Nossa senhora. Nessa parte... Era tudo trabalhador, mêmô (mesmo). (...) Os da lavoura que tinham nascido aqui era tudo meio índio. (...) Não faziam nada... Eles, eles, eles empreendiam com o espanhol que vinha aqui. (...) Lá, tinha espanholada e italianada. Tinha aqueles tipo de índio que não faziam nada. Então, eles mesmos começaram a empreender... não sabiam nada. Era/era um tipo de índio, né? (...) Mas ficavam só lá, que nem... alguns, até hoje... Eu tinha lá uns oito anos e uns entrava morrendo lá. Chegava atrasado. (...) Aí, eu levei um pra prantar cebola, plantamos as coisas pra ver... Era tudo morto. (...) Os índio mêmô não faziam nada. Era incrível. (...) Só pra comer, matar passarinho, carne pra comer (...) Era tudo morto... Até hoje, ainda... (...) Tudo preguiçoso..”

(JMo, 83 anos, Filho, linhas 1-36, página 441, vol. 2)

Em perspectiva semelhante ao caso da fala de “Si”, o registro acima da fala de “JM”, expõe a visão de que os espanhóis não sofreram rejeição por serem trabalhadores enquanto que os índios (ou meio índio, isto é, mestiços) seriam preguiçosos a ponto de gerar chateação no informante, já desde a sua infância.

No trecho que segue, se confirma uma aparente tônica comum nos discursos já citados. Isto é, F.E., também filho e da terceira faixa etária, afirma não ter havido preconceito em relação aos espanhóis pelo motivo já citado, ou seja, o fato de que eles traziam o progresso ao Brasil, por um lado, e o caboclo ou mameluco (mestiço) seria o indivíduo sem habilidade necessária à época para o trabalho da agricultura ou pecuária, por exemplo, algo bastante realizado por ou demandado aos espanhóis.

F.: O senhor sabe informar se eles sofreram preconceito, aqui, no Brasil, por que eram estrangeiros?

F.E.: Ah, creio que não... Eu creio (...) que não porque vieram trazer é... progresso pro Brasil. (...) O caboclo não sabia nada. O caboclo, o mameluco, lá, o descendente de índio, ele não sabia nada.

(F.E., Neto, 81 anos, linhas 45-50, página 277, vol. 2)

No exemplo que veremos abaixo, a informante “CN” cita o caso de preconceito de alguns espanhóis imigrantes que, pela falta de contato e/ou falta de estudo, demonstraram rejeição em face dos negros locais associando-os a pessoas perigosas ou “macacos”, mesmo que estes não tenham motivo a algum para receio de eventual perigo que viessem a gerar.

E eles vieram morar na fazenda (...) de empregados... e tinha preto (...) A minha mãe diz que tinha um negro e os pretos, coitado, não faziam nada. (...) Mas eles vinham pra pegar o café e tudo e a minha mãe disse que saía na disparada gritando. (...) Ela gritava... “Ay, mamá, corre, mira que viene un negrito. Ve que me va a coger” (...) E, daí, os meus tios pegavam a minha mãe “Não, não é assim. Eles são gente... No son mono”. “Não são macacos”. (...) E ela chorava. Tinha medo deles... Como ela achava que era um macaco domesticado... Macaco... Sei lá o que a cabeça dela... Ignorante, também... Porque ela não conhecia...

À direita, veremos falas de duas outras informantes (CS e Lu), cerca de quarenta anos mais jovem que a informante citada há pouco, CN, de 81 anos. Aquelas, embora não tenham presenciado nada concretamente, trazem à tona uma visão de suposto desafio enfrentado pelos espanhóis que teriam sofrido bastante: no caso de “CS”, segundo o que ouviu na infância, o sofrimento viria diante de discurso preconceituoso de que os espanhóis seriam um “povo ruim” a ponto de contribuir para o fato de “ficarem meio isolados numa colônia, no interior da cidade, no sítio”; em relação a “Lu”, o discurso de preconceito teria base no fato de que o espanhol teria a personalidade muito forte e que acabou tomando boa parte da cidade, ou que, semelhante a “CS”, teria uma “raça ruim”, além do fato de que não se baseia no ouvido na infância mas, pela marca de tempo implícita “a gente ouve”, ainda estaria havendo tal rejeição.

F.: Mas, assim, em relação a preconceito, você não ouviu falar, né? Se o pessoal rejeitava, se o pessoal implicava ... (...)

*CS.: O pessoal... O que ... quando eu era criança que o pessoal **comentava** era que **espanhol era um povo ruim**. Provavelmente, como na época em que minha avó veio pra cá, existia isso, só que **eles ficaram meio isolados numa colônia, no interior** da cidade, no sítio, né? Então, eles se resolviam, acho que, provavelmente, ali. Mas é... Eu **acho que existia um pouco, sim**.*

(CS, Neta, 40 anos, linhas 7-14, página 211, vol. 2)

*“Lu: Eu conheço bastante gente que tem, até, eu às vezes tenho um certo preconceito... Porque tem um **preconceito justamente por espanhol ser genioso, por ter tomado conta, aí, de uma boa parte da cidade**. E falam que espanhol é **uma raça ruim**, a gente ouve muito isso, é normal ouvir, isso. (...)*

(Lu, Neta, 42 anos, linhas 23-32, página 485, vol. 2)

Na sequência, trazemos outra informante, também jovem (J.L., de 35 anos), que, supostamente, reitera o que CS fala, isto é, o fato de que os espanhóis costumavam viver, ao menos na zona rural, de modo isolado e que passaram dificuldades, mas não necessariamente o preconceito sofrido em si, mas uma possível “rejeição” diante do fato de falarem uma língua diferente, enfim, em função de dificuldade de comunicação.

*J.L.: Mas ... Eu acho que eles **devem ter passado, assim, pelo que relatam**, a própria história da minha vó chegando na escola e levou um golpe, né? E, **como trabalhou na agricultura, também, isolados em sítios**, né? Então, não tinha tanto... (...)É... Então, ficaram isolados em sítios, assim... E a própria comunidade que era espanhola... Forte, né? A comunidade, lá... Então, eles acabam convivendo entre eles...(...) Não sei se tiveram contato... é muito forte... Mas, **com certeza, eles sofreram algumas situações muito... Eu não diria um preconceito, alguma dificuldade de se comunicar, de pedir alguma coisa...***

(JL, Neta, 35 anos, linhas 4-34, página 464, vol. 2)

iii. Governo Vargas, no Brasil, e General Franco na Espanha: entre proibições e perseguições políticas

De acordo com Guimarães & Vainfas (2007), dialogando com o que já dissemos em momento anterior, houve momentos de diminuição de chegada de imigrantes espanhóis no Brasil e/ou de saída de emigrantes da Espanha. Por exemplo, nos anos 1920, houve uma

limitação das autoridades brasileiras considerando o que supostamente seria essencial para os trabalhadores neste país, ou seja, impedir que estrangeiros ocupassem suas vagas. Daí, criou-se a chamada “Lei dos indesejáveis” (1921) que se pautou pelo objetivo de controlar o índice de greves que vinha acontecendo nas grandes cidades brasileiras onde justamente a presença espanhola militante era forte. Uma consequência, pois, foi a redução considerável de imigração espanhola; quando chegavam, geralmente eram de países próximos ao Brasil onde já estavam instalados desde antes como Argentina e Uruguai, funcionando, segundo Guimarães & Vainfas (op.cit, 100), como um “movimento de refluxo, onde os portos brasileiros serviam de escala no caminho natural de retorno”.

Outro fato importante na transição da década de 1920 para 1930 foi a Revolução de 1930 que começara no então governo de Getúlio Vargas, presidente este que efetivou uma série de ações que visavam garantir emprego dos trabalhadores nacionais, e que definiu que as instituições fabris e comerciais brasileiras deveriam diminuir o índice de trabalhadores estrangeiros a no máximo um terço do total. Outra ação, ainda conforme Guimarães & Vainfas (2007, p.110), foi a instituição da que se nomeou “carta de chamada”, isto é, um documento dirigido à polícia por algum parente de imigrante, fazendeiro ou empregador visando formalizar a contratação de alguém e, conseqüentemente, o livre embarque/desembarque no Brasil.

Na sequência, em função de fraudes documentais relativas a “Cartas de chamada” falsas, no ano de 1934, a partir da nova Constituição Federal, ainda no Governo Vargas, estabelece-se um sistema de “cotas de imigração” a fim de que não houvesse um excedente imigratório segundo critérios da época como 2%, no máximo, de entradas em relação ao número total de nacionais estabelecidos no Brasil até 50 anos antes, bem como proíbe-se grande concentração de estrangeiros do mesmo país em um ponto específico do território da União.

Dialogando com as ações propostas no Governo Vargas, Sada & Valente (2017) discutem, em artigo de revista ligada à Fundação Roxa Luxemburgo, acerca de como a colônia espanhola mais especificamente teria sido uma das mais impactadas nos anos 1930. Segundo eles, dentre os estrangeiros expulsos oficialmente do Brasil, no intervalo de 1930 a 1945, os espanhóis encontram-se em segundo lugar, só perdendo para os portugueses, e tais expulsões sendo mais agravadas por conta de fatores meramente políticos.

O que os autores registram ainda é que o fato de terem sido expulsos acabou por gerar nos espanhóis, já em seu país, grande risco de morte já que entrariam no contexto da Guerra Civil que aconteceu entre 1936 e 1939 na Espanha governada pelo General Francisco Franco, o que ajudou a desencadear uma fase violenta derivada, segundo Sada & Valente (2017,

p.6), pelo golpe de Estado por parte de setores das forças armadas contra o governo republicado de esquerda, em julho de 1936.

Neste sentido, enquanto a Espanha se encontrava em ebulição por conta de conflitos bélicos, o Brasil, sob a égide de Vargas, acaba por perseguir direta ou indiretamente os que se opunham ao ditador espanhol, ou, em outros termos, os mais relacionados a ideologias de esquerda, anarquistas e comunistas, mais especificamente ligados a movimentos operários. Tanto é assim que, durante levantes e ações de resistência de comunistas e anarquistas entre 1935 e 1937, o governo brasileiro costumeiramente reprimiu expulsou imigrantes, considerados perigosos e “indesejáveis”.

De modo a ilustrar este quadro de expulsões numerosas ou relevantes dos espanhóis em relação a outros grupos estrangeiros, compartilhamos, a seguir, uma tabela organizada por Sada & Valente (2017, p.4) a partir de dados extraídos do Ministério da Justiça e que mostram o número de estrangeiros expulsos do Brasil de 1930 a 1945. Aqui, destacamos que, na sequência, os portugueses em um total de 124, os espanhóis, em segundo lugar, em um total de 101, seguidos de poloneses (67), italianos e lituanos (56, cada), russos (43) e 224, que incluem pessoas de várias outras nacionalidades.

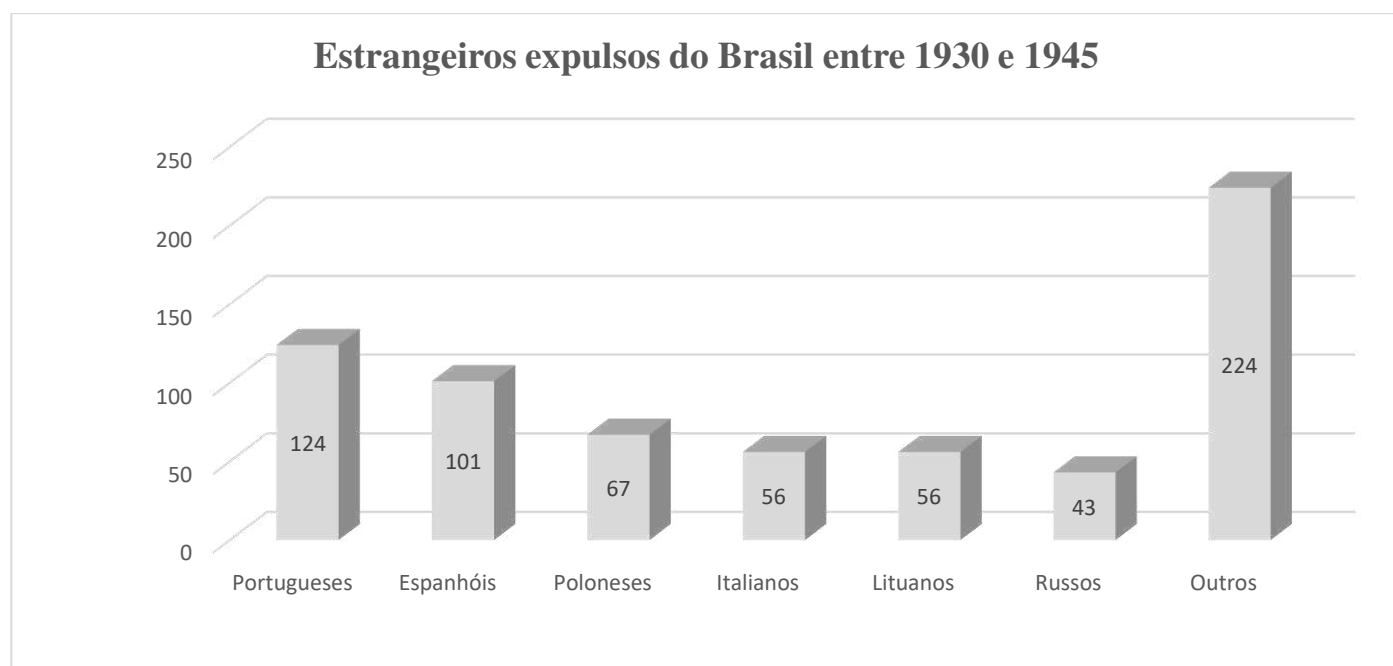


Tabela 50: Índice de estrangeiros expulsos do Brasil de 1930 a 1945. (Fonte: SADA & VALENTE, 2017. Extraído de dados do Ministério da Justiça. Disponível em: <https://rosalux-ba.org/wp-content/uploads/2017/12/ponto_debate_ed17_web.pdf> Acesso: 18/04/24)

Neste sentido, não se pode negar que, embora não tenhamos dados estatísticos específicos sobre o número de espanhóis expulsos em Sorocaba, o fato é que os espanhóis estavam entre aqueles mais aguerridos em lutar por melhores condições e por fazer exigências políticas e laborais específicas até por seu país estar em um momento de muito conflito e isso ser inevitável por questões de sobrevivência.

Um exemplo que mostra esse quadro persecutório, desta vez especificamente em Sorocaba, é o que Cavalheiro (2009, p.215) traz à tona. Tratamos de publicação tratando do tema em edição do jornal *Cruzeiro do Sul* relativa ao fechamento do Centro Republicano Hspanhol no Brasil, incluindo-se, aí, prisão de seus sócios e apreensão de materiais sugestivos de propagandas comunistas, além de boletins, livros, jornais, revistas e outros documentos relacionados àquela ideologia.

Outro fato interessante não incomum nos relatos, no que concerne à dificuldade de manutenção da cultura espanhola, reiteradamente citado nas segunda e terceira faixas etárias, tem a ver com questões políticas próprias da Espanha ou do Brasil ou que convergiam os dois países, a exemplo dos movimentos anarquista e comunista ou a perseguição, tanto na Espanha como no Brasil, aos integrantes desses movimentos ou aos ligados a Centros Republicanos em várias cidades onde os espanhóis e italianos, sobretudo, lutavam por melhores condições de vida e de trabalho, o que os fez liderarem movimentos grevistas em várias cidades, incluindo Sorocaba. Notemos alguns desses elementos nos exemplos, a seguir.

M.G.: [risos] O espanhol [risos]... Muito bom, generoso, um coração de ouro... Mas, com a gente, ele não falava em espanhol... (...) **Não era, não era incentivado pelas famílias esse culto às raízes... (...) Parece que por medo da guerra, de perseguição, etc... Eles ... é... Escondiam essa parte, entendeu?** (MG, Neta, 81 anos, linhas 45-51, página 502, vol. 2)

F.: Mas, aí, eles vieram por que razão que eles falam... JP.: (...) **Fugiram da pobreza, uns por questão política. Anarquista, comunista, essas coisas que você sabe como é, né?** (JP, Neto, 56 anos, linhas 41-43, página 382, vol. 2)
JP.: **Elas brigavam... Ele fazia greve... Ficava fazendo passeata comunista... O meu avô paterno/materno parou fábrica. Teve que fugir do, do Vargas, do presidente Vargas pelos rios aí afora, esse interiorzão, aí...** (JP, Neto, 56 anos, linhas 56-60, página 383, vol. 2)

Fl.: **Meus pais, eles vêm de uma família que eles, eles se diziam comunistas. Mas, na verdade, eram anarquistas. E aqui, em Sorocaba, tinha a sede do Partido Comunista, eles se reuniam. Deixavam a gente em casa (...). Éramos quatro filhos, irmãos, deixavam a gente lá e iam participar da reunião do chamado Partidão, que era o Partido Comunista. Mas, na verdade, eles eram, assim, de uma linha mais anarquista do que comunista. (...) É o comunista misturado com o anarquista que não dá em nada. Mas, sempre do contra. (...) Meu pai era um crítico, mesmo que ele veio cedo de lá, ele era um crítico ferrenho do Franco. O Franco e o diabo pra ele eram a mesma coisa.** (FL., Filho, 75 anos, linhas 1-10, página 240, vol. 2)

Nos relatos acima, vemos referências por parte de três informantes acerca de como

os seus ascendentes espanhóis do início do século poderiam ter enfrentado problemas além dos mais comuns no contexto típico de emigração, como a fome e a fuga de guerras/conflitos locais e nacionais. Teriam experienciado, ademais, problemas ligados a questões ideológicas pelo fato de serem anarquistas ou comunistas já na Espanha, como quando viveram no e continuando assim depois de chegarem ao Brasil; tanto é assim, que foram perseguidos e acabaram ou negando suas raízes, como registra a informante MG, no quadro à esquerda, ao dizer “Não era incentivado pelas famílias esse culto às raízes (...) por medo (...) de perseguição”. Além disso, poderiam ficar se sentindo acuados e temendo represálias do próprio governo brasileiro, à época, repressor a alguns tipos de estrangeiros, conforme se vê no que afirma JP acerca de seu avô materno que “teve que fugir do (...) presidente Vargas pelos rios aí afora, esse interiorização aí”. E, ainda, pelo fato de se opor ao governo espanhol de então, sabidamente marcado pela ditadura de Franco, o qual é citado por FL quando diz que seu pai “era um crítico ferrenho de Franco” e que este “e o diabo pra ele [o pai] eram a mesma coisa”.

Além disso, no relato de FL, vemos uma demonstração, ao se destacar mesmo que de forma imprecisa, as presenças comunista e anarquista em Sorocaba, uma das características mais tidas como próprias dos espanhóis, isto é, ser “do contra” ao governo, à burocracia em seu país, princípio que, de algum modo, chegou ao Brasil, ainda mais em um contexto tão complexo, agressivo e opressor que incluiu o período entre as guerras mundiais, e a fase da ditadura espanhola (1936-1975) sob o comando de Francisco Franco.

Sendo assim, vemos uma correspondência bastante notória entre o que dizem alguns informantes e notícias ou registros históricos da época em que Franco foi ditador na Espanha (1936-1975) e Vargas (1930-1945), presidente no Brasil. É o que vemos em outro relato circunstancial acerca do mesmo ditador Francisco Franco e como seu governo repercutiu junto aos imigrantes espanhóis em Sorocaba:

*C.N.: Quando Franco morreu, voltou muita gente pra terra (...)Medo do Franco, ele (...)Eram os que vinham refugiados de guerra. Inclusive, meu sogro era capitão (...)A cabeça dele tava a prêmio, lá (...) Pra ele, a metade dele era... Como é que fala? Não acho palavra... Era deformada (...) Por causa de um estilhaço de não sei o quê que explodiu nele... Ele era capitão e foi embora (...) Se refugiou na França (...)Se escondendo de Franco e da, da... dos que vinham... Ele fugiu pela montanha (...)Ele foi embora pra França e, de França, se safou pra Itália e, da Itália, o pai trouxe ele pra cá.
(C.N., Filha, 81 anos, linhas 37-57, página 111, vol.2)*

Aqui, C.N. lembra como a morte de Franco foi comemorada sobretudo dentre aqueles que fugiram da ditadura e da perseguição agressiva do governo aos dissidentes, tal como aconteceu com o seu sogro que sofreu, dentre as várias represálias, uma explosão de

bomba próxima de si o que o deixou deformado.

Analisando os fragmentos das entrevistas exemplificados acima, pudemos considerar o quanto vários elementos se tangenciam, se comunicam ou se complementam nos diversos relatos independentemente de serem os participantes mais jovens, ou não, de serem netos ou filhos, homens ou mulheres. Resumem um pouco, pois, do que foi essa presença espanhola segundo o que chegou aos descendentes de imigrantes, tanto no campo do vivido como do lembrado e/ou transmitido/acessado indiretamente. São, enfim, recortes de dados vários, já catalogados em livros, que tentam úteis para situar um panorama da emigração europeia da primeira metade do século XX e, em especial, a espanhola, que apresentou caracteres semelhantes, mas também dissonantes em relação aos outros povos europeus, além dos povos asiáticos e árabes.

3.6. Síntese de elementos influenciadores à manutenção/ apagamento do espanhol

De maneira a reforçar e complementar o que vimos neste capítulo, poderíamos enfatizar o fato de que alguns informantes fizeram referências a alguns elementos subjetivos que podem ter repercutido para a situação de uso da língua espanhola em suas histórias familiares. Foram citados, por exemplo, conflitos familiares ligados à história e traços culturais espanhóis, o que teria dificultado a transmissão ou preocupação com valores espanhóis, além do receio de rejeição ou perseguição político-ideológica dentre os muitos que imigraram ao Brasil, ou, mesmo, a falta de preocupação de construir ou expandir escolas que priorizassem o ensino de espanhol aos descendentes da comunidade. Além disso, seria fator de diminuição da expressão em língua espanhola a escolarização gradual e mais intensa em português nas gerações mais jovens, o que dificultou o espalhamento do espanhol como língua, bem como a dificuldade de se comunicar e fazer atividades básicas no passado como comprar coisas, forçando adaptação ao português e à cultura brasileira.

Tomando como ápice da língua espanhola os anos 1950-1960, e quase extinção nos anos 1980), o uso linguístico do espanhol aparentemente pareceu ter mais prominência no âmbito familiar, no sentido de, como vimos na análise dos domínios de uso, na seção 3.4.1.2, sobretudo, na Tabela 36, na página 209 ter havido interações mais frequentes entre os nativos espanhóis mais velhos ou descendentes de primeira geração ou a utilização de cartas como meio de comunicação com parentes. Contudo, o que é natural com o tempo de convivência com brasileiros e com a língua portuguesa, é terem já surgido misturas linguísticas em bailes,

jantares íntimos até a gradual fragmentação e dissipação desses costumes que incluíam reuniões em família e com vizinhos. Mais especificamente, em relação aos usos linguísticos no passado, alguns participantes informaram que alguns imigrantes ou primeiros descendentes não estudavam português de fato na escola, mas o aprendiam no convívio de maneira informal e, em tal situação, acabavam por misturar aquela língua com o espanhol e tal mescla servia de base para as novas gerações. Assim, se tratava de uma modalidade linguística que, muitas vezes, não era nem espanhol nem português, mas uma língua intermediária em que uma parte às vezes era em espanhol e outra parte em português, ou, mesmo, havia criação de neologismos na tentativa de comunicar-se.

Tal modalidade poderia ser um exemplo de translanguagem. Isto é, recordando de que tal noção seria o deslocamento entre diferentes estruturas e sistemas linguísticos, na esteira de Wei (2020), o repertório linguístico utilizado para compreender e produzir sentidos, ou a flexibilidade dos indivíduos bilíngues de flexibilizar seu repertório em vários níveis linguísticos, bem como a dimensão da criatividade no aspecto performativo da linguagem, nos faz pensar que possivelmente parte da 1ª e 2ª geração em meados do século XX possa ter feito translanguismo ao criar estruturas novas, misturando ou não as duas línguas, ao permearem tanto o português como o espanhol e o eventual resultado disso ter servido para novas gerações tais como as que entrevistamos, e criação de estruturas como “atrapalhao” (“atrapalhado” misturando a palavra no português com a pronúncia e característica dialetal do apagamento do “d” final) e “turreto” (mescla de “turrão” do português com “birrento” sugerindo a noção de teimoso, com pronúncia do rr vibrante do espanhol”.

É o que vemos, também, em alguns depoimentos em relação à mistura de línguas e tal mescla servir de base para as novas gerações ou o surgimento de expressões que não seriam de nenhuma das duas línguas ou, ainda, o aprendizado do português, por parte dos imigrantes, ter ocorrido em função da necessidade comunicativa e o resultado ser uma mistura entre variedades populares das duas línguas (português caipira, muitas vezes, com variedades coloquiais da região da Andaluzia). Vejamos alguns trechos, a seguir:

JE.: Com minha avó, com minha avó, era um/um espanhol, mas não um espanhol nítido da Espanha, era misturado. (...) Ela falava o espanhol já misturado com o português, que dava um portunhol na verdade, né, mas eu entendia.

(JE., Filho, 80 anos, linhas 55-56, página 398, linhas 42-43, página 400, vol. 2)

C.N.: Eles ... a convivência com o brasileiro ... Eles perderam o sotaque espanhol... Então, eles ficaram falando “portinhol”. (...) Misturaram... “Nós vamos alá”... “(...) “Nós vamos (bamo) facer esto”. (...)Eles falavam assim.

(C.N., Filha, 81 anos, linhas 18-28, página 113, vol. 2)

Nos exemplos acima, destaca-se o fato de que a modalidade do idioma ao que tiveram acesso na juventude os filhos de espanhóis acima listados, na faixa etária dos 80 anos (portanto, aproximadamente nos anos 1950, quando tinham cerca de 15 a 25 anos), era uma versão já misturada de língua; isto é, não seria uma espanhol tal como se falava no país de origem mas uma versão já influenciada pelo português (“portinhol” à portunhol) e, como ilustração dessa mistura a informante CN registra: “nós vamos alá” (forma modificada de “nosotros vamos allá”) ou “vamo fazer esto” (em vez de “vamos a hacer esto”). Este caso aqui sugere que, em algum momento, esta falante pode ter sido uma potencial bilíngue individual ao registrar sua fala recuperando falas da família e ser capaz de intercalar as duas línguas e, se tivesse interlocutor, poderia falar fluidamente.

*Fl.: Uma mistura com o espanhol que eles trouxeram, que não era nada assim muito sofisticado, um espanhol rural lá (...) E, vindo pra cá, **misturaram com português**. Então, certas palavras que eu ouvia meus pais falarem, elas não existem. (...) Quase **neologismo** (...), uma **corruptela**... (...) Mas, acho que a questão da/da língua, ela é muito complicada, porque (...)eles **misturavam bastante, e juntavam com gírias** (...)ou palavras mais chulas, né, no cotidiano, no português. (FL., Filho, 75 anos, linhas 2-6, página 237, linhas 29-30, página 244, vol. 2)*

Já no exemplo acima, faz-se um juízo de valor em relação à língua que ele ouvia e que tenta descrever. Neste sentido, o filho de espanhóis, FL, de 75 anos, entende que se tratava de uma fala popular “rural”, isto é, ligada ao campo na Espanha, e que muito do que se falava, supostamente, era uma versão “inventada” marcada por neologismos, uma vez que seus parentes não conseguiram aprender o português plenamente e que as possíveis “corruptelas” lexicais eram, pelo que se pode intuir desse registro de FL, o que ele aprendeu e tomou como base linguística. Contudo, o falante FL, já entendendo melhor a língua espanhola em sua variedade padrão, chegou a concluir que se tratava de um espanhol “diferenciado”, não padrão e bastante “misturado”.

*J.L. Eu cresci com a minha avó e a minha avó falava bastante em espanhol e (...)com a (...)minha tia-avó, né? (...)E o engraçado disso é que **eu não percebia e muitas coisas acabam se perdendo, né? Eu falava em português, elas respondiam em espanhol** e, pra mim, era a coisa mais normal do mundo. Não tinha essa distinção ... (...) Eu comecei a perceber que (...)isso era muito forte na família, quando eu brincava na rua (...) E, aí, **uma amiga ou outra falava “Nossa, a sua avó fala esquisito”, né?** (...) E, aí, comecei a ter referência de que “a minha avó fala esquisito, mas por que ela fala esquisito?” (...) Enfim, pra mim, era normal, né? (...) Lembrando da coisa de misturar ... (...) De ... ter vindo de lá... **E não ter a escrita, a leitura, reproduzir o que entendia**... (...) Eu não sei se eles reproduziam corretamente (...)Porque, até, **tem palavras que eu vou procurar no dicionário espanhol e percebo que não é**... (...) a minha vó (...) **reproduzia aquilo que ela entendia**... (J.L., Neta, 35 anos, linhas 46-59, página 456; linha 4, página 457; linhas 56-58, página 476, linhas 1-3, página 477, vol. 2)*

No caso do depoimento acima, por sua vez, chama-nos a atenção a descrição de como a neta de espanhóis, de 35 anos, ouvia espanhol de maneira natural na infância e que, só a partir da percepção de colegas suas, pôde perceber que se tratava de uma outra língua. Além disso, cita-se o fato de que, como havia mistura de línguas, muito do que J.L. ouvia não era nem espanhol nem português, uma vez que não estava dicionarizado, mas tentativas várias de sua avó se expressar em português e que, embora fosse compreendido, não poderia ser reconhecido como nenhuma variedade clara das duas línguas.

A nosso ver, um cenário como este parece revelar que a base linguística a J.L. teve acesso era uma espécie de mistura linguística que serviu de referência, em uma espécie de língua de herança, mesmo que esta estivesse numa modalidade intermediária, considerando a pronúncia predominante do espanhol e a escolaridade das pessoas com que teve contato ser restrita e, conseqüentemente, a o registro mais formal da língua ser mais limitado.

Com base no observado nas entrevistas como os exemplos que citamos há pouco, pudemos pensar que, de meados dos anos 1930 até final dos anos 1960, teria havido uma proeminência da presença espanhola em Sorocaba, uma vez que, neste período, existiram, ainda que de modo intermitente e/ou instável, iniciativas visando manter ou evidenciar manifestações da identidade espanhola na cidade ou como forma de resistência político-cultural. Mais especificamente, isto se realiza através da criação de órgãos já citados nesta tese como Sociedades, Clubes, ou da organização de eventos visando se opor à opressão política, a exemplo da ditadura de Franco, dos anos 30, ou em relação às políticas vigentes no Brasil operadas pela Ditadura de Getúlio Vargas das quais já falamos e que podem ter contribuído, direta ou indiretamente, para evitar falar-se em espanhol ou se manifestar a cultura espanhola de então, marcadamente influenciada em vários setores, pelo que havia na própria Espanha como os conflitos político-ideológicos entre republicanos e anarquistas.

Além disso, a partir do relatado por alguns participantes mais velhos, que tiveram contato direto com descendentes de primeira geração dos primeiros imigrantes espanhóis, supostamente nos idos dos anos 1950 e 1960, as famílias espanholas eram mais apegadas às suas tradições, reuniam-se com mais assiduidade em entidades próprias, inclusive frequentando o mesmo teatro, o mesmo cinema, e mantendo a língua pátria no reduto do lar. Com as primeiras gerações de descendentes brasileiros, acabara acontecendo progressivo distanciamento das origens, por razões várias de ordem econômica (mudança para outras localidades em virtude de trabalho, prioridade no cotidiano laboral), cronológica (morte dos mais próximos à imigração espanhola) e social (casamentos interétnicos, aumento da escolaridade), dentre outros fatores.

Finalizamos, então, a discussão sobre o passado relacionado à periodização da língua espanhola no passado e o possível bilinguismo histórico português-espanhol por que passou a cidade de Sorocaba para, no capítulo que segue, analisarmos elementos específicos da situação em que se encontra a língua de Cervantes na contemporaneidade, a partir de dados extraídos dos questionários sociocultural e linguístico e das observações etnográficas.

CAPÍTULO 4

Panoramas etnográfico-linguísticos: o status atual do espanhol em Sorocaba - SP

Tendo analisado o processo que gerou o contato linguístico entre português e espanhol a partir da imigração na cidade de Sorocaba, bem como as possíveis formas de bilinguismo havido aí, neste capítulo, consideraremos *se* e *de* que maneira a língua espanhola e a sua cultura, de modo geral, permaneceram nas últimas décadas, seja em que nível (bastante, médio ou baixo) ou condição (mediante empréstimo, memória linguística ou expressão oral espontânea) for. Para tanto, voltaremos a recorrer a todo o rol de instrumentos já analisados em parte no Capítulo 3, como os questionários linguístico e sociocultural, além das entrevistas, propriamente. Além disso, neste momento, será oportuno compartilhar o que pudemos realizar de observações, mesmo que panorâmicas e com certa limitação, de ruas, casas e/ou eventos ligados aos “bairros espanhóis”, bem como visitas breves a algumas famílias.

Complementando o nosso olhar mais amplo sobre o status da língua espanhola em Sorocaba, verificaremos, mediante registros de eventos organizados pela Casa de España, que foram realizados enquanto iniciativas e esforços, de que modo usos de vocabulos espanhóis foram “espontâneos”, por um lado, ou “artificiais”, de outro, enquanto consequência de tentativas de resgate da língua a partir de cursos ou outras iniciativas posteriores.

Por fim, observaremos, a partir das mesmas entrevistas o que, segundo os informantes, teria contribuído para manutenção e/ou apagamento da língua espanhola em Sorocaba, bem como se os mesmos participantes da pesquisa sentem identificação com uma espécie de “espanholidade” e, ainda, como eles intuem que seja a “identidade” da língua espanhola ou do ser espanhol.

4.1 Grau de contato atual com a língua e cultura espanholas

Como forma de entender o quanto o contato atual com a língua ou cultura espanhola pode ter influenciado no uso ou manutenção do espanhol por parte dos participantes, nos utilizamos, no questionário sociocultural, de questões várias em relação a competências linguísticas dos falantes. Assim, as de número 11, 13 a 18, e 20¹¹⁷ se referem a questões de estudo em língua espanhola e tempo de curso (quesito 11), de competências linguísticas como

¹¹⁷ Vide Anexo II.

ler, escrever, ver/ouvir programas e rádio em espanhol e níveis (bem, mais ou menos ou razoavelmente, pouco ou nada), nos quesitos de 13 a 17, as relativas à fluência em espanhol nos diversos graus (quesito 18) e se já foram à Espanha e se houve uso do espanhol e em que nível além da compreensão deste pelos nativos espanhóis. (quesito 20)

Inicialmente, em relação a aspectos relativos à instrução em língua espanhola, obtivemos o seguinte:

Tabela 51: Quantificação em relação a ter feito ou não curso de espanhol.

Fizeram curso de espanhol	Não fizeram curso de espanhol
13 informantes de 40	27 informantes de 40
Informantes segundo a faixa etária Primeira Faixa: (7 dos 10: 70%) (CS): 39 anos, (Ci) 40 anos, (Cr) 36 anos, (Ed)50 anos, (JL) 35 anos, (Mar)43 anos, (Mat) 32 anos	Informantes segundo a faixa etária Primeira Faixa: (3 dos 10: 30%) (Gi) 49 anos, (Lu) 42, (Mr) 44 anos
Segunda Faixa: (3 dos 13: 23,1%) (MM) 58 anos, (ML) 59 anos, (Mi)55 anos	Segunda Faixa: (10 dos 13: 76,9%) (Ad) 51 anos, (Ce)57, (FC) 51 anos, (IV) 60 anos, (JP) 56 anos, (JG) 51 anos, (RH) 51 anos, (OL) 61 anos, (RB) 54 anos, (SO) 64 anos
Terceira Faixa: (3 dos 17: 17,7%) (SA) 67 anos, (CN) 81 anos, (MG): 81 anos	Terceira Faixa: (14 dos 16: 82,3%) (D)79 anos, (Ev) 77 anos, (FI) 75 anos, (FE) 81 anos, (GL) 81 anos, (GR) 74 anos, (HS) 71 anos, (JE) 80 anos, (JMo) 83 anos, (MC) 83 anos, (M) 98 anos, (RO) 68 anos, (SI)70 anos, (SM)66 anos

Em relação às competências linguísticas relacionadas à leitura, escrita, fala e escuta em espanhol ou se tinham contato com mídias visuais, a maioria disse ler bem espanhol e ter contato com fala espontânea neste idioma, hoje em dia, através, sobretudo, de canais por assinatura na TV. Contudo, em relação a escrever e falar espontaneamente, a incidência acabou sendo bem menor havendo raros casos dentre aqueles que escrevem ou escreviam cartas e e-mails, em virtude de vivências familiares ou questões econômicas como em função do emprego em que atua como empresa multinacional ou para obter nacionalidade espanhola e, assim, maior chance de empregabilidade, o que nem sempre coincide com a necessidade, claro, de manutenção da língua, mas que eventualmente pode contribuir nesse sentido.

Por fim, um último quesito presente no questionário sociocultural foi em relação a terem viajado ou não a Espanha, pergunta para a qual obtivemos o seguinte:

Tabela 52: Quantificação dos que viajaram à Espanha.

Viajaram a algum país hispano-falante	Não viajaram a algum país hispano-falante
19 informantes de 40	21 informantes de 40
Primeira Faixa: (1 dos 10: 10%) (Ci) 40 anos	Primeira Faixa: (9 dos 10: 90%) (CS): 39 anos, (Cr) 36 anos, (Ed)50 anos, (Gi) 49 anos, (Lu) 42, (Mr) 44 anos, (JL) 35 anos, (Mar)43 anos, (Mat) 32 anos
Segunda Faixa: (7 dos 14: 50%) (Ad) 51 anos, (FC) 51 anos, (JP) 56 anos, (JG) 51 anos, (SO) 64 anos (MM) 58 anos, (RB) 54 anos	Segunda Faixa: (7 dos 14: 50%) (Ce)57, (IV) 60 anos, (ML) 59 anos, (Mi)55 anos, (RH) 51 anos, (OL) 61 anos,
Terceira Faixa: (11 dos 16: 68,8%) (CN) 81 anos, (D)79 anos, (FI) 75 anos, (FE) 81 anos, (GR) 74 anos, (JE) 80 anos, (JMo) 83 anos, (MG): 81 anos, (RO) 68 anos (SA) 67 anos, (SM)66 anos	Terceira Faixa: (5 dos 16: 31,2%) (Ev) 77 anos, (GL) 81 anos, (HS) 71 anos, (MC) 83 anos, (M) 98 anos, (SI)70 anos

Como pudemos ver, aparentemente o nível de aproximação com a língua espanhola é variável a depender das gerações, da idade ou oportunidades de contato geradas pelos participantes, como viagens a países de língua espanhola, por exemplo. Seja como for, algum contato houve ou há por parte da maioria dos falantes desde mera capacidade de compreensão leitora - tal como pode ser facilmente encontrável na população letrada no Brasil em virtude da semelhança das línguas – até a possibilidade de usos linguísticos na fala ou na escrita, seja de modo esporádico ou mais frequente.

Tentando estabelecer um diálogo com o que apontamos acima em relação ao nível de aproximação com a língua espanhola, o que redundará, como veremos depois, de algum modo sobre eventual apagamento ou não aperfeiçoamento da língua no Brasil segundo os hispano-descendentes que entrevistamos, cabe citar uma discussão feita na tese doutoral de Danna (2019), que se baseou em materiais didáticos, documentos oficiais e outras obras institucional-acadêmicas, sobre a defesa e implementação do ensino de espanhol no Brasil.

Danna (2019), partindo especificamente de estudo de materiais didáticos e acadêmicos relativos ao espanhol produzidos no Brasil entre 1919 e 1961, discute sobre o que houve de conquistas e perdas de destaque em relação à defesa do estudo daquela língua em nosso país. Para tanto, cita regulamentos, descrições de conteúdos previstos, fatos históricos, dentre outros elementos a fim de que seu leitor possa entender os porquês dos avanços e retrocessos diante da causa do ensino de espanhol.

Chama-nos a atenção sua descrição que contrasta, de um lado, o como o português e o espanhol são línguas historicamente próximas e, de outro, o fato de que, no Brasil, o mundo

hispânico não pareceu ter recebido atenção destacada, ao menos no âmbito de estudos científicos, até o século XX. Contudo, para Danna (op.cit, p.23), em termos sociais, já surgiam, no fim do século XIX, tentativas de maior aproximação ou, ao menos, consequências de fatos sociais marcantes como foi o fruto de todo o processo advindo do fim do regime escravocrata em 1888 e da Proclamação da República em 1889, ou o fato de que já era comum alguma interação entre o Brasil e países hispânicos nas regiões de fronteira. Complementarmente a isso, a autora registra, baseando-se em Marques (2016, p.25) que, a partir de 1890, em termos políticos, foram feitas tentativas de promover uma integração política e econômica visando aproximar países do continente americano, na esteira do chamado “americanismo”. Daí decorreram, nas décadas seguintes, conferências internacionais em várias cidades para discutir temas de interesses comuns.

Em termos da língua espanhola como objeto de estudo escolar, Danna ainda de Freitas (2010, p. 29-35) refere-se ao registro do espanhol, embora não só esta língua, como conteúdo a ser ensinado em 1888, quando um professor-tradutor de línguas anunciara seus serviços no Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro.

Cita-se, ainda, o fato de que provavelmente o espanhol possa ter sido ensinado em diversos colégios brasileiros ainda no século XIX, porém em âmbitos não-oficiais de instrução privada.

No que diz respeito a eventuais documentos oficiais voltados para o ensino secundário de escolas regulares, a autora informa que não encontrou dispositivos legais relacionados ao espanhol no século XIX. Contudo, ainda assim, é possível já ter havido ensino de espanhol em outras escolas não o Colégio Pedro II onde se costumou priorizar aquela língua em outros momentos. Exemplo disso é a citação da pesquisa de Vargens (2012, *s/p.*) a qual fez referência a um registro de tese de concurso para provimento da cadeira de espanhol, apresentada no ano de 1885, com o título de “Litteratura Hespanhola do XVII século. Escriptores Hespanhoses do XVII século: suas produções principaes”, de Alfredo Augusto Gomes.

Sendo assim, apenas no século XX, vai-se observar a inclusão da língua espanhola de algum modo no currículo de escolas brasileiras. Exemplo disso, conforme Danna (2019, p.27), é o Decreto-lei nº 3.674, de 7 de janeiro de 1919, que fez menção oficial à oportunidade de estudo público da língua espanhola no Brasil, no ensino secundário, especificamente, Colégio Pedro II, escola de prestígio para a qual foi determinada liberação de verba destinada à abertura de uma cadeira de espanhol. O ensino oportunizado, porém, só ocorreu até 1925, quando a

língua espanhola se tornara matéria facultativa o que, ocasionalmente, a levou a ser extinta por fatores como questões políticas brasileiras e insatisfação do professor Nascentes, responsável por seu ensino. Uma outra explicação é o que Danna (op.cit., p.29) cita Guimarães (2011, p. 3; 2018, p. 71), para quem “a exclusão do espanhol parece ter ocorrido pela falta de reciprocidade dos países hispânicos, como a Argentina e o Paraguai, que não instituíram o ensino de língua portuguesa na década de 1920.”

Até 1940, a língua espanhola ficou excluída do currículo escolar; contudo, o ensino de literatura espanhola não tinha desaparecido dos colégios. Em 1942, finalmente, a língua espanhola retorna mediante Decreto-Lei 4.244 de 09 de abril e, ainda de acordo com Danna (op.cit, p.32), em 1945, publica-se a Portaria Ministerial nº 556 de 13 de novembro daquele ano, a partir da qual o ensino de espanhol deveria cumprir alguns requisitos: (i) fazer adquirir o idioma, (ii) fazer conhecer os bons escritores, (iii) permitir conhecer a origem românica da língua, e (iv) propiciar subsídios para o aluno estudar de modo autônomo, ou seja, autodidaticamente.

Dando continuidade à exposição cronológica, afirma-se que, entre as décadas de 1940 e 1950, alguns documentos publicados de algum modo tanto definiam o modo de estudo do espanhol no ensino secundário brasileiro como possivelmente parte da formação dos que o ensinariam. Em 1961, por sua vez, novamente, com a primeira Lei de Diretrizes e Bases do Brasil, o ensino de línguas estrangeiras passou a ser deixado de lado, o que, claro, gerou a redução do interesse pelo estudo da língua espanhola de modo oficial.

Na verdade, em que pese a aplicação da LDB de 1961, que retirou formalmente o espanhol do Ensino Médio, o ensino de línguas de modo geral, na prática, continuou nas escolas, e a falta de definição de línguas a serem ensinadas também afetou o francês e inglês, outras línguas também bastante disponibilizadas no ensino. Paraquett (2009, p.125) acerca disto lembra que, entre 1961 e 1971, na época do auge da Ditadura Militar, o ensino de línguas estrangeiras continua de algum modo, porém sem especificação de nenhuma delas, ficando a critério das instituições que deveriam privilegiar, pelo menos, uma língua estrangeira moderna, em que pese, na prática, a prioridade ao inglês, por questão utilitária e ideológico-econômico em detrimento de outras línguas como o espanhol.

Agora, falando mais de um ponto de vista acadêmico, Danna (2019, p.157-159) nos informa que, segundo suas observações de livros e documentos institucionais, houve, quando existiram referências, maior prioridade a autores espanhóis em detrimento de latino-americanos, bem como, em relação a escolhas de variedades linguísticas, os estudiosos pouco

se preocuparam em tematizar o estudo das variedades do espanhol, como se esta língua fosse algo unívoco.

Ainda em relação à questão de ordem mais acadêmico-científica, a autora descreve o fato de o início dos estudos de língua espanhola no Brasil ter ocorrido tardiamente, quando se compara com os estudos do francês e do inglês, provavelmente em virtude da grande proximidade histórica e da semelhança entre as línguas, o que exigiria menor necessidade ou interesse em se fazer estudos oficiais no âmbito escolar ou filológico, por exemplo.

Procurando dar uma síntese de seu trabalho, a autora ilustra que, no estudo do recorte temporal que ela fez, houve um primeiro *boom* acerca do interesse pelo espanhol no Brasil na segunda década do século XX, em termos educacionais e filológicos, até 1961 quando a Lei de Diretrizes recoloca a língua espanhola em posição de pouca relevância. Algo parecido cronologicamente teria acontecido, no olhar da autora, quando, na década de 1990, em função de fatores sócio-político-educacionais diversos, conforme se pôde verificar em maiores investimentos de empresas privadas e mesmo a criação do Mercosul e a publicação da Lei de Diretrizes e Bases de 1996, novamente a língua espanhola reintegra o currículo do Ensino Médio passando a ser o segundo idioma mais preferido nas escolas públicas e privadas. Outra forma de se verificar esta nova ascensão é o fato de, a partir da década de 1990 em diante, ter havido um aumento exponencial da criação de cursos de Letras-Espanhol no Brasil e, por conseguinte, maior quantidade de produções científicas produzidas (artigos, livros, teses e dissertações); como consequência gradual, também, surgiram associações de professores e de pesquisadores (como a Associação Brasileira de Hispanistas, em 2000) e aumentou-se o número de congressos e eventos acadêmicos. Por fim, outras ações que beneficiaram ou foram promissoras para o ensino da língua espanhola, segundo Danna (2019, p.169), são a criação da Lei 11.161/2005 (BRASIL, 2005) que estabeleceu a oferta obrigatória — e matrícula optativa — do ensino de espanhol e a inclusão deste idioma no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o que lhe deu algum destaque dentre as línguas estrangeiras modernas a serem estudadas no Brasil.

Sendo assim, podemos verificar que o fato de a língua espanhola ter passado por fases de instabilidade sobre sua defesa e institucionalidade pode ter, de algum modo, contribuído para não haver um senso de preferência, unidade, garantias para os próprios espanhóis e hispano-descendentes acerca de sua identidade e língua aqui no Brasil, além de questões conexas como políticas, interesses individuais, por exemplo.

4.2. Memórias e usos linguísticos contemporâneos: alguns dados quantitativos

No que diz respeito ao que pudemos constatar sobre o que haveria como ainda contemporâneo, entendemos que o uso da língua espanhola na comunidade estudada de algum modo parece ainda estar presente, tal como pudemos antever no terceiro capítulo. Contudo, sua forma de presença consiste na perspectiva de memória linguística que será variável em termos individuais e mais coletivos. Em perspectiva individual, varia em função de alguns caracteres específicos dos indivíduos e de sua comunidade, como idade, gênero ou em virtude da escolarização progressiva em língua portuguesa ou entre espanhóis e brasileiros e a consequente mistura de línguas e culturas. Em termos mais amplos ou coletivos, a língua espanhola utilizada será influenciada em função de atuações da política governamental, sobretudo no governo Getúlio Vargas em desfavor das línguas dos imigrantes ou devido a pressões político-ideológicas tanto na Espanha como no Brasil.

Consideramos, como antecipamos acima, que a língua espanhola ainda permanece na colônia em Sorocaba, sobretudo na condição de memória linguística ou de compreensão auditiva e leitora (bilinguismo “passivo”). Contudo, por vezes, é difícil avaliar se tal manutenção se daria por herança linguística ou por mera similaridade entre as duas línguas, haja vista suas semelhanças. Seja como for, entendemos que, ao menos em alguns casos, como os mais nitidamente próprios da variedade andaluza não difundida no Brasil se não por contato linguístico, existe herança linguística de modo que, partindo desta hipótese, observaremos resultados quantitativos tanto obtidos a partir de questões de caráter sociocultural como do questionário linguístico elaborado com o intuito de saber o grau de conhecimento dos participantes sobre itens lexicais catalogados previamente.

Neste sentido, listaremos as seguintes categorias de análise, detendo-nos umas vezes mais, outras menos, a depender do que parecem indicar os dados e mediante sua correlação com fatores sociais vários, ou seja:

- 1) o grau de uso do espanhol atualmente, segundo a faixa etária e nível de fluência;
- 2) o conhecimento dos itens em função da idade e do gênero dos participantes;
- 3) média geral de acertos em oposição às não-menções dos itens; e
- 4) resultados da intersecção de idade e grau de descendência/modo de descendência.

4.2.1. Uso linguístico atual e fluência linguística

No que diz respeito ao uso linguístico atual e à fluência linguística, as respostas catalogadas partiram de itens presentes no questionário sociocultural que aplicamos. Mais especificamente, no item 9, indagamos se o participante conversava em espanhol atualmente com parentes ou amigos e com que frequência e cujas respostas objetivas poderiam ser: “não”, “sim, mas pouco”, “sim, mais ou menos” e “sim, bastante”; e, no item 18, perguntamos sobre a fluência em espanhol item para o qual as respostas poderiam ser: “falo bem”, “falo mais ou menos”, “falo um pouco” ou “não falo nada”.

Em relação ao quesito “fluência atual”, cujas respostas estariam entre “boa”, “mais ou menos”, “pouca” e “nenhuma”, temos o seguinte:

Tabela 53: Fluência atual por idade

FLUÊNCIA	TOTAL DE FALANTES	1ª FAIXA ETÁRIA (35-50)	2ª FAIXA ETÁRIA (51-65)	3ª FAIXA ETÁRIA (65>)
BOA	10/40 (25%)	2/10 (20%)	2/13 (15.4%)	6/17 (35.3%)
MAIS OU MENOS	10/40 (25%)	3/10 (30%)	4/13 (30.8%)	3/17 (17.6%)
POUCA	16/40 (40%)	2/10 (20%)	6/13 (46.1%)	8/17 (47.1%)
NENHUMA	4/40 (10%)	3/10 (30%)	1/13 (7.7%)	0/17 (0%)

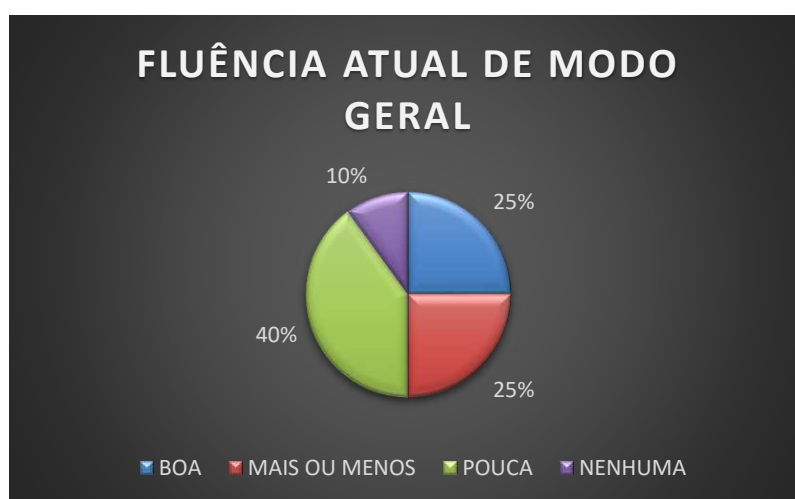


Gráfico 7: Nível de fluência de modo geral

Aqui, vemos que, no cômputo total, predomina a resposta indicando pouca fluência em quase metade dos falantes, em um extremo, e ausência de fluência, no outro, totalizando 10%; assim, existiria um equilíbrio entre fluência “mais ou menos” e “boa” fluência, o que parece indicar, quando reunidos todos os falantes, que haja uma presença linguística bastante intensa do espanhol. Porém, mais uma vez, como se trata de algo subjetivo, mediante outros indicadores, veremos que não se trata disso, mas, de fato, do reconhecimento e compreensão da língua espanhola, tanto na escrita como na audição, do que propriamente capacidade de falar fluentemente. Da mesma forma que fizemos nos dados sobre o uso de espanhol na atualidade, consideremos a questão do nível de uso do espanhol atual.

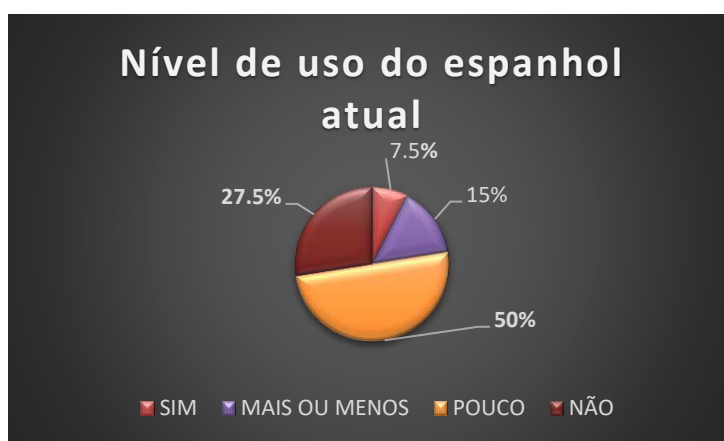


Gráfico 8: Uso linguístico atual

Para este primeiro quesito, as respostas poderiam estar a escala seguinte: 1) “sim, fala atualmente”, 2) “mais ou menos”, 3) “pouco” ou 4) “não”. Assim, no gráfico 12, acima, vemos ter sido a metade aqueles que dizem usar pouco a língua espanhola em suas conversações atuais e apenas 7,5% para a resposta “sim”, que usam. Chama-nos a atenção uma boa parcela ter afirmado que usa a língua de maneira razoável, talvez interpretando que usar uma palavra ou outra já seja sinal deste uso, algo que será revisto, em breve, ao tratar de fluência. Vejamos, agora, com maior detalhamento, os dados acima considerados por faixa etária.

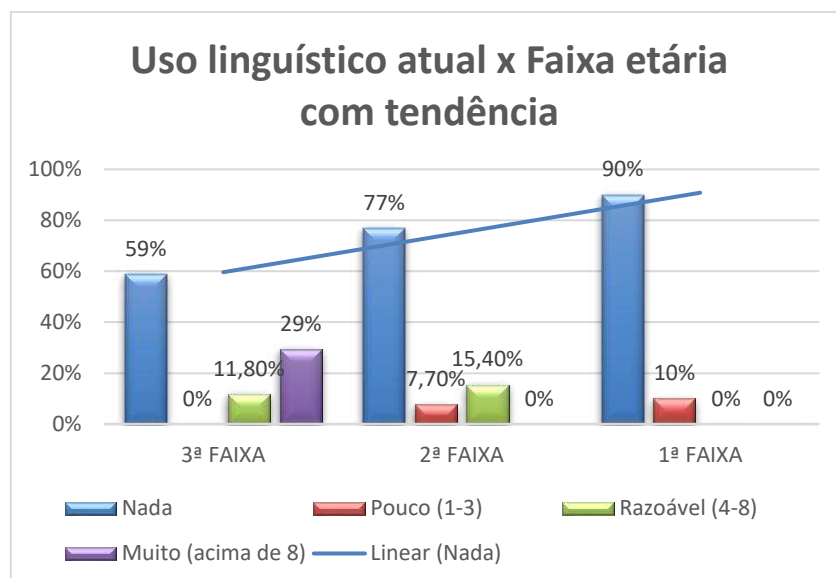
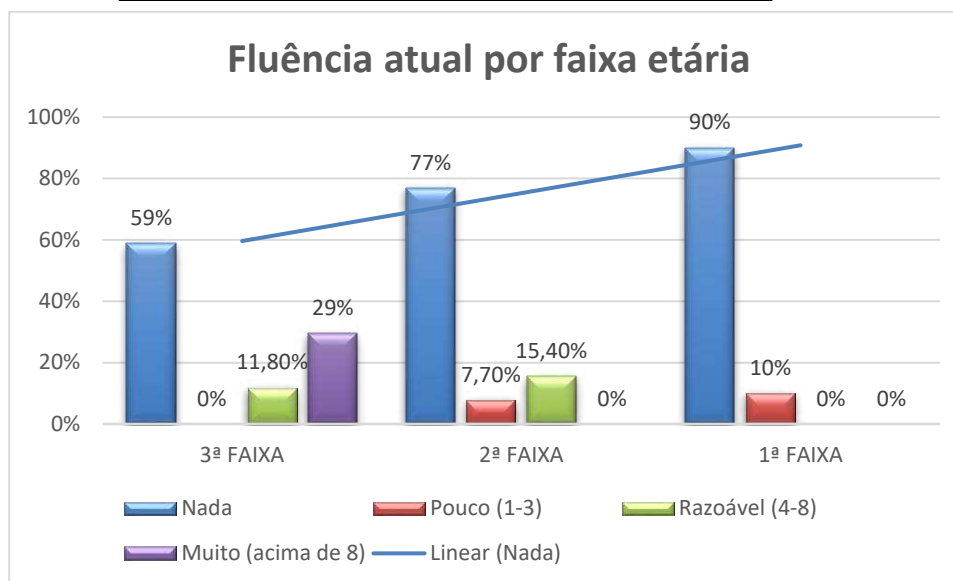


Gráfico 9: Uso linguístico atual x Faixa etária com tendência

Neste gráfico, por sua vez, melhor observado através de barras, existe um declínio em relação à resposta “não falo” partindo da primeira faixa etária para a última. Mais especificamente, do total de falantes da primeira faixa etária, há uma diminuição expressiva, conforme mostra a linear em azul passando da metade dos mais jovens, 50%, para 30,8% dos falantes na segunda faixa até diminuir a uma pequena parte, 11,8%, na terceira faixa etária. Em relação à resposta “sim”, vemos que não houve representante da primeira faixa etária e havendo o crescimento de 7,7% da segunda faixa etária para um pouco mais na última faixa, ou seja 11,8%. Tal resultado era previsível, pois, na terceira faixa, era mais natural que houvesse maior registro de falantes afirmando usar o espanhol na atualidade. Em relação a “mais ou menos”, houve variação pequena para baixo nas três gerações (passando de 20%, na primeira faixa, para 15,4% na segunda e 11,8% na terceira faixa). Por fim, o que nos chama a atenção é a resposta “pouco” que apresenta variação de crescimento bastante considerável da primeira para a terceira faixa etária. Não temos segurança acerca do que poderia explicar tal fato, porém, intuímos que o falante que, por ventura, tenha tido contato mais intenso com os nativos imigrantes ou as primeiras gerações, ou seja, os participantes acima de 51 anos das segunda e terceira faixas etárias, talvez tenham mais senso crítico sobre o seu domínio do espanhol considerando justamente que fluência linguística só seria de fato aquela presenciada nos seus ascendentes mais velhos.

Gráfico 10: Fluência atual por faixa etária



No caso retratado no gráfico 10, da mesma forma que pareceu ser a linha de tendência presente no gráfico 9, vemos um declínio no que diz respeito ao uso atual da língua espanhola, passando de 30% do tópico “não fluência”, exposto em azul claro, na primeira faixa etária, para 0% na terceira faixa. Isto parece indicar que, nas primeira e segunda faixas em parte, os informantes, ou não são ou não se julgam fluentes, enquanto que ninguém da terceira faixa acredita que não é fluente. Porém, outro dado em relação à terceira faixa é o fato de que, talvez por serem mais auto-críticos em relação ao próprio uso do espanhol, em vista da própria história familiar e convívio mais próximo com os imigrantes espanhóis, quase a metade (47,1%) acredita ser pouco fluente, percentual um pouco maior daqueles que se julgam fluentes, ou seja, 35,3%. O curioso, no entanto, foi um equilíbrio maior nos percentuais presentes na primeira faixa etária.

4.2.2 Conhecimento de itens lexicais por idade e gênero: manutenção x apagamento

Em relação ao grau de conhecimento de itens lexicais, lembramos que o que denominamos “conhecimento” tem a ver com o número de acertos ou adequações ao que se esperava para as perguntas que realizamos nos blocos 1 e 2 nos questionários lexicais, sendo 15 itens para cada um dos blocos, o que resulta em 30, portanto. Neste sentido, toda e qualquer quantificação considerará tais acertos e isto será analisado em função das diversas variáveis que elencamos na pesquisa, como no caso desta seção, idade e gênero.

Antes de dar sequência, vamos recapitular alguns dados que expusemos no capítulo 3 acerca de uso linguístico atual considerando gênero e idade.

Primeiramente, notemos, como na tabela abaixo, o uso linguístico na infância informado pelos falantes considerando idade:

Tabela 54: Síntese das interações na infância por idade

USO LINGUÍSTICO	AIXA ETÁRIA			Considerações
	1ª FAIXA (30-50) (10 informantes, 9 formas de diálogos: 90 citações)	2ª FAIXA (51-65) (13 informantes, 9 formas de diálogos: 117 citações)	3ª FAIXA (+65>) (17 informantes, 9 formas de diálogos: 153 citações)	
Só espanhol	7 citações	17 citações	67 citações	Destaque considerável para a 3ª Faixa o que indica, em função de maior idade e maior proximidade com ascendentes espanhóis a vinculação com um bilinguismo histórico.
Mais espanhol	5 citações	22 citações	17 citações	Destaque para as 2ª e 3ª Faixas sugerindo maior reconhecimento/vivência junto ao espanhol
As 2 igualmente	4 citações	1 citação	3 citações	Equilíbrio no uso do português apenas entre as faixas
Mais português	15 citações	24 citações	18 citações	Relativo equilíbrio no uso do português apenas entre as faixas, com destaque para a 2ª faixa
Só português	59 citações	53 citações	48 citações	Equilíbrio no uso do português apenas entre as faixas, predominando a 1ª faixa

Como discutimos no capítulo 3, o que parece acontecer, aqui, é que o indivíduo da segunda faixa etária e, mais ainda, o de terceira faixa tenha mais facilidade de lembrar da língua espanhola até por questões históricas, isto é, um pouco maior de proximidade temporal com a época de maior incidência de nativos espanhóis e, por extensão, o reconhecimento de que houve

um momento em que a língua espanhola estava presente e, eventualmente, sendo utilizada de maneira ou predominante por algumas pessoas ou ainda bastante presente em relação ao português, ou seja, na condição de bilinguismo tanto ativo (lembança de fala dos ascendentes ou mesmo da capacidade de verbalizar do informante) informada pelos falantes que entrevistamos, ou de bilinguismo passivo (percebido enquanto memória sobre o passado). Além disso, indicamos que, talvez, tenha havido maior paridade do espanhol em relação ao uso do português por parte do falante em todas as faixas etárias tanto enquanto bilinguismo passivo como ativo sobretudo nos diálogos estabelecidos com tios, primos e pais, excetuando-se o caso dos avós, quando houve maior equilíbrio entre as faixas em relação à compreensão de que houve presença da língua espanhola sobretudo nesta parcela da família por ter sido mais antiga e, conseqüentemente, mais próxima das primeiras gerações de espanhóis imigrantes.

Partindo das interações segundo a categoria gênero, revejamos a tabela seguinte:

Tabela 55: Síntese das interações na infância por gênero

USO LINGÜÍSTICO	GÊNERO	
	Masculino (21 informantes, 9 formas de diálogos: 189 citações)	Feminino (19 informantes, 9 formas de diálogos: 171 citações)
Só espanhol	50 citações	41 citações
Mais espanhol	25 citações	19 citações
As 2 igualmente	5 citações	3 citações
Mais português	26 citações	31 citações
Só português	83 citações	77 citações

Diferentemente do fator idade, no que diz respeito a gênero, conforme veremos como recorrente, para a maioria dos casos em que buscamos realizar comparações, não pareceu haver diferença considerável. Ainda assim, aproximando os dados da terceira faixa etária com a categoria gênero, notamos uma diferença maior entre resultados em favor da presença feminina em termos de reconhecimento de itens lexicais do espanhol e de, ao longo das entrevistas, a maioria delas (mulheres da terceira faixa) lembrar de frases, diálogos, rezas, provérbios.

A partir deste momento, observaremos os resultados relativos e há manutenção ou não da memória linguística do espanhol nos participantes que entrevistamos. Para tanto, como descrevemos no capítulo 2 referente à metodologia, utilizamo-nos do questionário linguístico¹¹⁸

¹¹⁸ Vide Anexo III.

ou teste de conhecimento lexical acerca de termos previamente estabelecidos. Neste sentido, para o total de 15 itens lexicais ou expressões¹¹⁹, iremos conferir a média geral de acertos em oposição ao não-registro de falas para cada bloco, o que nos faz obter outra conclusão, a princípio óbvia, mas que revela dados outros interessantes, isto é, de que os participantes, assim que ouvem os itens lexicais em português para dizer o que significam em espanhol, têm mais dificuldade do que quando ouvem em espanhol.

Em outras palavras, a memória linguística do espanhol, por um lado, se manifesta mais nitidamente quando os itens parecem com o português ou quando expostos mais claramente em seus domínios de uso, e, por outro, é mais difícil para o falante apenas traduzir, de maneira aleatória, ou identificar os significados em espanhol de determinadas palavras em português. Devemos advertir, porém, que a referida lista de 15 termos ou expressões é exposta no segundo bloco, o que também pode ter interferido no maior número de acertos, mas, como advertido na metodologia da presente tese, tentamos diminuir ao máximo esse risco expondo diferentes sinônimos para os mesmos itens lexicais bem como expusemos uma lista de alguns itens, o que, com o tempo, poderia, talvez, gerar o esquecimento da sequência exposta no primeiro bloco. Isto é, buscamos, sempre que possível, disfarçar esta correlação entre os dois blocos para realmente averiguar o grau de conhecimento e/ou uso das palavras e expressões obtidas junto a descendentes de espanhóis já quando realizamos contato etnográfico prévio na comunidade a partir do qual testamos as questões na pesquisa-piloto para o que concluímos que deveriam ser apenas as que selecionamos tanto em virtude de sua aparente relevância pragmática ou maior possibilidade uso como para fim de evitar a aplicação de um teste aleatório com número muito grande de itens por campos semânticos diversos.

Também, optamos por distribuir as palavras nos dois blocos partindo da primeira menção em oposição à ausência de qualquer resposta, até porque, não raramente, houve casos de participantes sugerirem vários vocábulos para o mesmo lexema e, muitas vezes, acertando só na terceira ou quarta menção e, muitas vezes, só após nosso auxílio. Então, em suma, o que ficou valendo foi que, se houve registro, apenas o primeiro deles, considerando-o adequado ou não ao que se esperava e, portanto, se adequado sendo computado como “certo”.

¹¹⁹ Itens: 1) pessoa/situação barulhenta; 2) mimado; 3) presunçoso; 4) bobo/bobagem; 5) traído/chifrudo; 6) mal-humorado; 7) “que pena/dó”/coitado; 8) teimoso/a; 9) comprido/longo; 10) incomodado/chateado; 11) murcho/encolhido; 12) intrometido/pegajoso; 13) levar surra/apanhar; 14) machucado/ferido; 15) Palavrões/gírias.

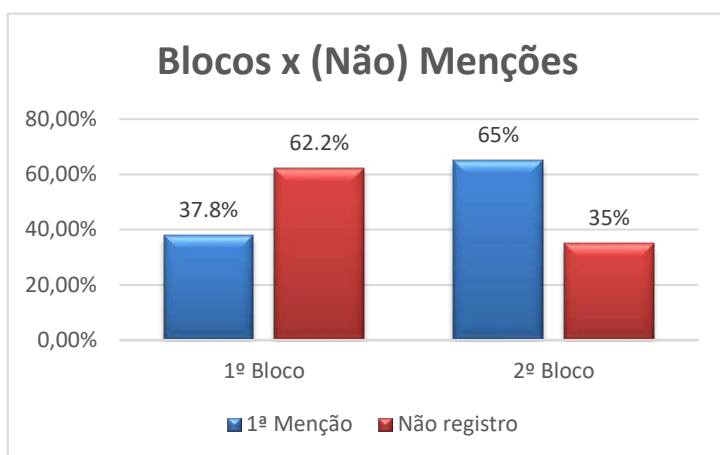


Gráfico 11:
Incidência geral de
acertos na primeira
menção e não
registro nos 2 blocos
do questionário
linguístico.

Quando se visualiza o gráfico 11, acima, vemos que a primeira menção adequada ou esperada quase dobra do primeiro bloco (perguntas de português para o espanhol) para o segundo (perguntas do espanhol para o português), isto é, passando para 37.8% para 65%. Tal fato sugere um grau interessante de conhecimento e memória linguística, seja apenas em termos fonéticos, quando o falante apenas sabe que já ouviu e acaba por intuir significados associáveis, ou ao saber a adequada pronúncia da palavra ouvida, entende mais claramente seu significado a ponto de usá-la se a situação exigisse e até mesmo sendo capaz de dar exemplos específicos de uso. Aqui, cabe também mencionar a questão do que seriam tipos possíveis de bilinguismo histórico e, na contemporaneidade, memória linguística, cuja discussão antecipamos no tópico 3.4 do Capítulo 3, tratando de usos linguísticos no passado.

Neste sentido, consideramos que a tendência predominante nos informantes, quando se observou a possibilidade de reconhecimento/compreensão de palavras ou frases em espanhol, foi de que seria mais comum apenas compreender bem ou mais ou menos a língua de algum modo (bilinguismo passivo) e não falá-la de fato (bilinguismo ativo) do ponto de vista do presente. Isto seria em virtude de, por um lado, haver possível memória linguística, sobretudo os mais velhos ou de gerações mais próximas aos imigrantes espanhóis, ou em função de algum curso, mesmo que rápido de língua espanhola ou, claro, em virtude da semelhança entre as duas línguas. O que seria a diferença entre as possíveis explicações para o bilinguismo ativo dependeria de um estudo complementar, possivelmente, mas a hipótese que tivemos foi a de que, quando se trata de palavras ou orações de caráter mais dialetal, próximos da variedade andaluza, a exemplo de palavrões, abreviações fonéticas, por exemplo, a tendência seria de que predomina a memória linguística, isto é, a vivência propriamente de algum modo da língua e que, quando são frases mais genéricas como saudações, adjetivações sem marcas dialetais claras, possa estar aí presente uma questão de ordem mais contemporânea como algum curso

de línguas ou a similaridade linguística já mencionada.

No que diz respeito, por sua vez, ao bilinguismo ativo, isto é, em relação ao passado, quando se consideram diálogos na infância da maioria dos participantes, notamos predominar, mesmo no caso dos informantes mais jovens, que houve um uso realmente efetivo da língua no passado, claro, nas gerações mais velhas como avós, nativos espanhóis, ou filhos de espanhóis durante as primeiras fases de suas vidas.

Claro, porém, que, quando tratamos da contemporaneidade, um possível bilinguismo ativo cai drasticamente na maioria dos falantes e, quando existe possibilidade de o indivíduo usar a língua com palavras isoladas, frases curtas, memorizadas ou não, isto vai se dar apenas entre os mais velhos que acabam ficando restritos a nichos muito específicos, por exemplo, quando há encontro entre parentes, brincadeiras ou uma situação evoca fases anteriores das suas vidas. Ou seja, não haveria um diálogo de fato até por falta de interlocutor, mas a possibilidade de interações breves com frases em espanhol, influenciadas pelo português ou baseadas em empréstimos linguísticos.

Seja como for, tanto na infância dos informantes como na contemporaneidade, a língua espanhola pode estar presente seja como empréstimo, memória linguística, frases curtas misturando as duas línguas ou já “atualizada” em função de cursos de língua espanhola baseados na variedade padrão do espanhol peninsular.

Voltando aos dados extraídos dos questionários, como forma de ilustrar o já observado, neste momento, citaremos quais foram os itens com maiores graus de acertos e não acertos por cada bloco bem como mostraremos um gráfico-síntese considerando os casos de primeira menção como adequada versus não registro dos falantes, e as diferenças de acertos em função do gênero e da idade.

No que diz respeito ao maior caso de acertos no primeiro bloco, registramos que, em primeiro lugar, se encontram os casos de usos de palavrões e/ou gírias que os participantes souberam facilmente citar, com um total de 75% dos falantes registrando ao menos um caso corretamente e, em segundo e terceiro lugares, os termos em espanhol equivalentes para as palavras ‘incomodado’ ou ‘chateado’, em um total de 55% dos participantes e bobo, em um total de 52,5% dos falantes. No caso do segundo bloco, todos os falantes, reconheceram pelo menos um palavrão ou gíria e souberam dizer o que significam; além disso, disseram o equivalente em espanhol para “teimoso” (testarudo, turrón, terco) a segunda mais reconhecida, em um total de 87,5% dos falantes reconhecendo e souberam usar ao menos uma das formas; e, em terceiro lugar, igualmente ao primeiro bloco, um total de 85% dos participantes

reconheceram, dentre a lista citada de termos em espanhol, as palavras *largo* ou *ancho* que dão ideia, respectivamente, de ‘comprido’ e ‘largo’.

Em relação aos não acertos, no primeiro bloco, os participantes se equivocaram, em primeiro lugar, no uso da palavra em espanhol para referir-se à pessoa ‘metida/presunçosa’ (95% do total), seguida do termo relativo à ‘pessoa intrometida’ (80% dos participantes) e, em terceiro lugar, verbete em espanhol para a expressão em português ‘pessoa ou coisa murcha’, para o qual 77,5% dos falantes não souberam informar ou se equivocaram ao registrar. No segundo bloco, por sua vez, os sujeitos se equivocaram, em primeiro lugar, para dizer em português o equivalente às palavras em espanhol *meticona/meticoñera* que significam ‘intrometido’ (75% do total), seguidas do termo que tem sentido de *metido/presunçoso* (*resuelta*) (65% dos participantes) e, em terceiro lugar, significado de palavras com ideia de ‘pessoa mimada’ (*gachas/gachona*) em português, para a qual 57,5% dos falantes não souberam informar ou se equivocaram ao registrar.

Todos os dados acima de acertos considerando os itens lexicais apresentados aos participantes parecem sugerir familiaridade com palavrões, supostamente bastante usados nas relações familiares e na informalidade, além dos adjetivos mais possivelmente marcantes em função das personalidades dos interagentes nas situações mais evocadas pelos participantes, típicas ou não de espanhóis ou de situações de conflito/brincadeiras/sarcamo, a exemplo de “chateado” “teimoso” e “bobo”.

4.2.3 Reconhecimento de itens lexicais por idade e gênero mediante questionário linguístico

Vejamos, agora, que dizem os dados sobre o reconhecimento ou uso dos itens lexicais presentes no questionário linguístico aplicado, considerando faixa etária e gênero, tanto no conjunto dos itens como por blocos (o 1º que visou obtenção de respostas em espanhol para os itens em português e o 2º que visou o contrário, isto é, respostas em português a partir dos itens em espanhol).

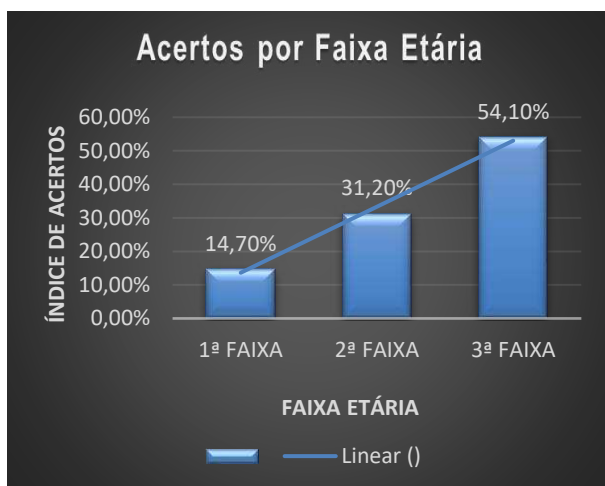


Gráfico 12: Acertos de usos por idade (valores totais)

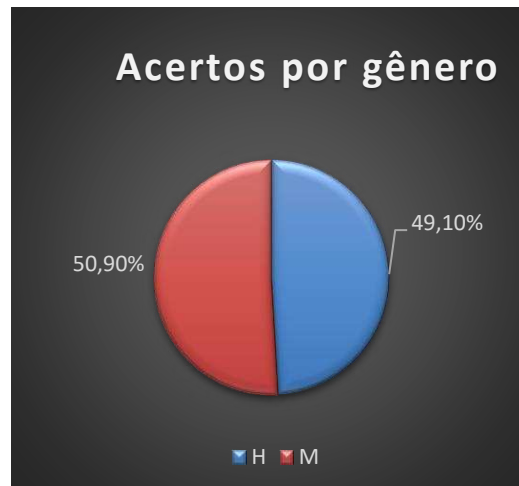


Gráfico 13: Acertos de usos por gênero (valores totais)

De maneira a complementar estes dados que já analisamos antes, no capítulo 3, observaremos, agora, o que nos dizem os dados acerca do reconhecimento e/ou uso dos itens lexicais presentes no questionário linguístico aplicado, em função da faixa etária e do gênero, os quais se realizam de modo distinto, conforme se vêem, abaixo, nos gráficos gerais por idade e gênero e por cada um dos blocos do questionário aplicado.

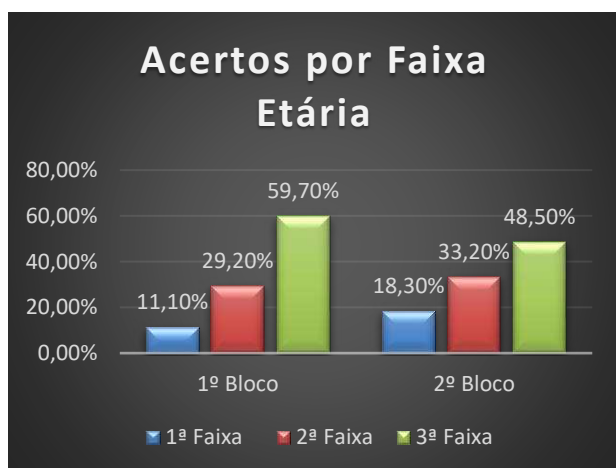


Gráfico 14: Incidência geral de acertos por faixa etária por bloco

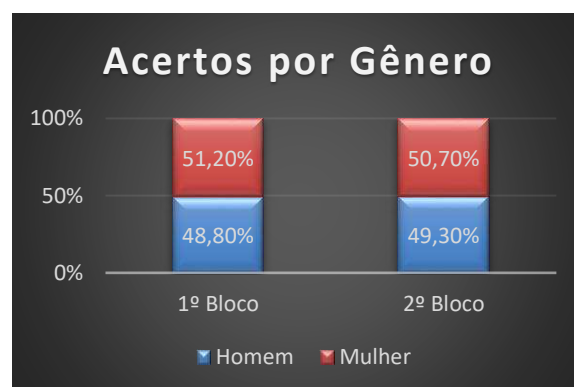


Gráfico 15: Incidência geral de acertos por gênero

Agora, especificamente em relação aos acertos, vimos que, no caso das mulheres, houve resultado suavemente mais favorável às mulheres quando da escuta de palavras em português e a solicitação de seu correspondente em espanhol (Bloco 1) (51,20% para as mulheres contra 48,80% para os homens). Além disso, quando correlacionamos idade e gênero

para as respostas dos blocos 1 e 2, vimos, no capítulo 3, que as mulheres superaram os homens nas três faixas em relação ao índice de acertos de itens reconhecidos como do espanhol, conforme os gráficos mais adiante apontam:

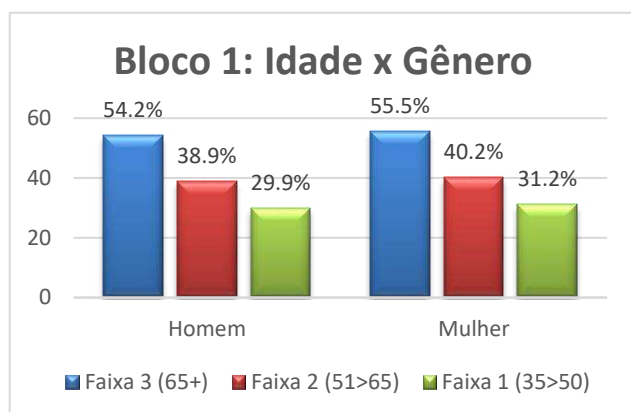


Gráfico 16: Acertos de usos linguísticos por idade x gênero – 1º bloco

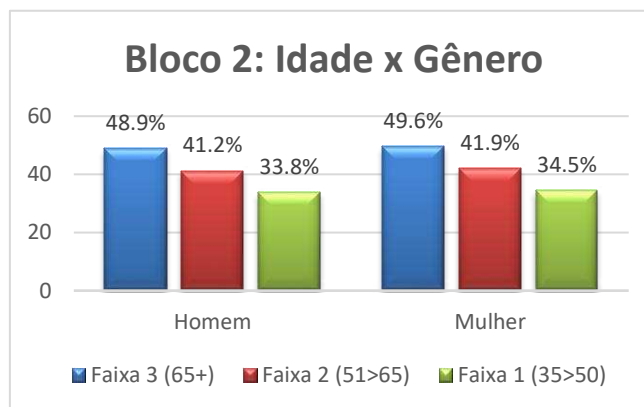


Gráfico 17 Acertos de usos linguísticos por idade x gênero – 2º bloco

Os dados acima informam resultados acerca dos blocos 1 e 2. Para relembrar, tais blocos, respectivamente, indicam a sequência de questões sobre os quinze itens lexicais do português para o espanhol (Bloco 1) e a sequência sobre os mesmos quinze itens lexicais do espanhol para o português (Bloco 2), expostos de maneira a que, como explanamos antes, os falantes não reconhecessem tão fácil e prontamente que se tratavam das mesmas palavras e expressões nos dois blocos.

Conforme podemos constatar, nos gráficos 16 e 17, existem diferenças quando tratamos de número de acertos sobre itens lexicais em função da idade mas não, de fato, quanto ao gênero: no caso da idade, naturalmente, há um crescimento de acertos em função da idade ser maior, o que é óbvio, mais uma vez, pensando no contato maior e previsível dos mais velhos com fases de maior intensidade da língua espanhola na colônia em Sorocaba; contudo, quando tratamos de gênero, se verifica quase um empate técnico havendo uma pequena prevalência para as mulheres, isto é, o gênero não vai impactar ou ser relevante, segundo esses dados, para um maior conhecimento ou não da língua espanhola pelos descendentes. Lembremos que nossa categorização tentou ser o mais equânime possível nos vários elementos sociais contemplados.

Para finalizar, esclarecemos que, se compararmos os resultados entre as perguntas do primeiro e do segundo bloco, parece haver uma ligeira diferença entre o conhecimento

linguístico demonstrado. Assim, quando tratamos do primeiro bloco, vemos uma relativa maior dificuldade de reconhecimento lexical, diferentemente do que acontece no segundo bloco já que parte da sonoridade do espanhol, o que facilita, considerando a memória linguística, a recuperação da informação pelos falantes. Além disso, entendemos que o fato de ser mais velho contribuiu mais no primeiro bloco do que no segundo, ou seja: mais claramente o fato de ser mais velho repercutirá mais quando se pergunta em português o significado em espanhol, o que comprova a maior presença e memória linguística, um pouco diferente do segundo bloco em que esta distância será menor.

Em outras palavras, quando se considera a média geral opondo acertos e não-menções, temos que a memória linguística do espanhol permanece ainda mais claramente quando se revela a sonoridade dos termos que são mais facilmente evocados em seus contextos de usos e pronúncias do que, de maneira aleatória, se se perguntarem os significados em espanhol de palavras em português.

4.2.4 Referências espontâneas e solicitadas de termos e expressões em espanhol mediante questionário sociocultural: formulação de glossário bilingue

Uma vez que um de nossos objetivos era averiguar o estado da língua espanhola na colônia espanhola em Sorocaba e, também, como aconteceram no passado os possíveis estágios do bilinguismo português-espanhol, dentre as perguntas que realizamos ao longo das entrevistas aos nossos participantes, conforme se vê no Anexo III, relativo ao Roteiro de Entrevistas, estava a de se lembravam de alguma expressão ou palavra ligada ao espanhol usada por seus parentes antigamente e se poderiam descrever o significado e dar um exemplo bem como se recordavam de expressões ainda usadas no ambiente familiar e quais seriam.

Em geral, todos os falantes responderam a essas perguntas com ao menos um exemplo, com destaque para os da faixa 3ª etária cujas memórias e vivências, em relação ao espanhol, apresentaram maior frequência. Além das respostas que variavam entre palavras isoladas (verbetes ligados à gastronomia espanhola, adjetivações e palavrões, sobretudo) e frases que os participantes da pesquisa lembravam acerca dos seus parentes, também houve outras proferidas espontaneamente ao longo das entrevistas, seja proferidas por eles mesmos encadeando as ideias relatadas, seja em situações com frases de parentes na infância ou juventude de cada um dos que responderam. Diante das várias respostas e exemplos dados pelos participantes da pesquisa bem como considerando as respostas dadas aos questionários linguísticos cujos resultados mais detalhados veremos mais adiante, resolvemos cumprir um

dos objetivos específicos de nossa pesquisa, isto é, produzir um glossário português-espanhol da colônia espanhola em Sorocaba.

Considerando ter havido um número razoável de exemplos, resolvemos catalogar em categorias além de expor em ordem alfabética e, assim, fazer conhecer os diversos itens que estão na memória dos falantes ou, eventualmente, sendo usados em circunstâncias específicas.

Cabe dizer que, para o glossário, que se encontra no Anexo VII, resolvemos dividir em duas partes: a **Primeira Parte** contendo vocábulos retirados de seus contextos e extraídos de menções nas entrevistas, espontâneas ou solicitadas (itens 13 a 15 do roteiro da entrevista, Anexo III), e a **Segunda Parte** contendo expressões várias integradas a seus contextos segundo solicitação de menção e/ou lembranças gerais mais espontâneas (itens 13 a 15 do roteiro da entrevista, Anexo III), a exemplo de saudações, situações várias, contextos restritos aos questionários linguísticos (indicação de ideia de “pena”, teimosia”, “barulho”, etc; ou seja, os 15 itens do questionário linguístico, Anexo III) além de expressões relativas a provérbios, rezas e ditos populares.

Em relação à primeira parte, cabe destacar que, além das palavras em espanhol propriamente mencionadas pelos participantes da pesquisa, incluímos antropônimos de personagens espanhóis reconhecidos pela colônia, também topônimos (cidades e províncias espanholas ou bairros relativos aos espanhóis em Sorocaba), além de nomes de instituições culturais relacionadas à colônia como teatros, cinemas, e expressões que entendemos se tratar de portunhol, isto é, mistura das línguas espanhola e portuguesa, além de adaptações fonéticas ligadas à variante andaluza. Vejamos, mais especificamente, as categorizações que realizamos com alguns exemplos realizados no glossário:

a) Casos de abreviaturas: • adj (adjetivo) • adv. (advérbio) • conj. (conjunção) • despec. (despectivo, depreciativo) • El (artigo masculino singular no espanhol “o”) • F. (feminino) • Port-Esp (portunhol)... b) Substantivos comuns: • Abogado/a (el/la, subst. m/f): advogado/a. • Daño (el, subst. m.): dano. • Jaleo (el, subst. m): barulho, agitação. • Jamón (el, subst. m.): presunto.	c) Adjetivos, advérbios, conjunções, contrações, pronomes, interjeições e verbos: • Acompañar (v. infinitivo): acompanhar. • Al (contração a+el): ao. • Dañado/a (el/la, adj. m/f.): danificado. • Despacio (adv.): 1) pouco a pouco; 2) devagar. • Dolor (el, subst. m.): dor. • Ella/s: (pron. pessoal): ela/elas. • Pero (conj. adversativa): mas. d) Topônimos e nomes de instituições:

- **Abla** (subst. próprio): cidade da província andaluza de Almería de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil.
 - **Eldorado** (Cine/Cinema, subst. próprio): local de atividades culturais que existiu no seio da colônia espanhola de Sorocaba nos anos 1930.
 - **Graena**: cidade da província andaluza de Granada de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
 - **Jardim Gutierrez**: bairro da Zona Leste de Sorocaba indicando referência à atuação do anarquista João Perdigão Gutierrez.
- e) Antropônimos (nomes e sobrenomes):
- **Algarra** (subst. próprio): sobrenome comum no universo hispano-falante.
 - **Izquierdo/Isquierdo/Esquierdo**: (subst. próprio e versões abasileiradas): sobrenome hispânico.
 - **Juan Santisteban**: entusiasta cultural espanhol bastante atuante na colônia em Sorocaba, sobretudo nos anos 1930. Autor de “Mi labor patriótica” e fundador do Cine-teatro Alhambra que funcionou de 1927 até o início dos anos 1950.
 - **Muñoz/Munhoz**: (subst. próprio e versões abasileiradas): sobrenome hispânico.
- f) Mistura de língua e traços dialetais:
- **Apertao/á** (el/la, adj. m/f): adaptação andaluza para a palavra “apertado” e redução da palavra apertado, portunhol (apertado/a).
 - **Atrapallado/a** (el/la adj. m/f): fig. bobo (portunhol).
 - **Malejao** (el, adj. m.): chateado (“port-esp”).
 - **Paletón** (el, subst. m.): variação em Sorocaba para “paletó” (“port-esp”).
 - **Turrento/a, Turrón/a** (el/la, adj. m./f): 1) teimoso/a/ 2) chato. (“port-esp”).
- g) Expressões várias (espontâneas e solicitadas ao longo das entrevistas e nos questionários linguísticos):
- “¡Buenos días/tardes/noches!” (“Bom dia/Boa tarde/noite”)
 - “Déjalo y vamos (sair fora)”: “Deixa pra lá e vamos lá” (“port.esp”).
 - “Está acabao/ machuca/ ofendió”: “Está acabado/ machucado/ magoado”. (“Port-esp”)
 - “Más agrio que el vinagre”: “Mais azedo que o vinagre”
 - “¡Me gusta!” (“Eu gosto!”)
 - “Metío a sabido”: “Metido a sabido” (“port-esp”)
 - “Mira, pobretilla, no?”: “Olha, pobrezinha dele, né?”
 - “No hables más”: “Não lhe interessa”, “Não fale mais nada”.
 - “¡Oye!” (“Ei!”)
 - “Pobre hijo”: “Pobrezinho”
 - “¡Salud!” (“Saúde!”)
- h) Gírias e Palavrões:
- “¡Leche frita!”: Que saco”
 - “Me cago en diez/ dios/ en el cura/ en la hostia/ en la madre que te parió/ en su puta madre/ en la taza del padre/ en ti”: “Cago em/ Que se dane(m)... dez/ Deus/ padre/ hóstia/ mãe que te pariu/ a puta da sua mãe/ taça do padre/ ti/tu”.
 - “Me llena los cojones”: “Me enche o saco”.
 - “Mira, qué coño”: “Eita, que droga/ merda/ saco”.
- i) Provérbios, rezas e ditos populares:
- “Con Dios, me acuesto, con Dios, me levanto, con la Virgen María y el Espíritu Santo. Dios va conmigo, yo voy con él, él delante de mí y yo atrás de él. Cuatro ribas tiene esta casa, cuatro ángeles me acompañan, la Virgen María está en el medio diciéndolo; duermes, reposas, no tengas miedo de ninguna cosa”.
- “Com Deus, eu durmo, com Deus, me levanto, com a Virgem Maria e o Espírito Santo. Deus está comigo, e eu com Ele, ele na frente de mim e eu atrás dele. Quatro pilastras tem esta casa, quatro anjos me acompanham, a Virgem Maria está no meio dizendo;

dorme, repousa, não tenha medo de nenhuma coisa”.

- **“Hoje é domingo, piquinilingo, casa manueco una mujer, que tiene cada teta com una cascabel”**

(Portunhol. Variação da forma espanhola
“Hoy es domingo, pequeño olingo, casa Manuel con una mujer, que tiene en cada teta una cascabel” = “Hoje é

domingo, pequeno olingo (macaco), Manuel case com uma mulher, que tenha em cada teta uma cascavel”)

- **“No creo en las brujas, pero que las hay, hay”**

(*“Não acredito nas bruxas, mas que elas existem, existem”*)

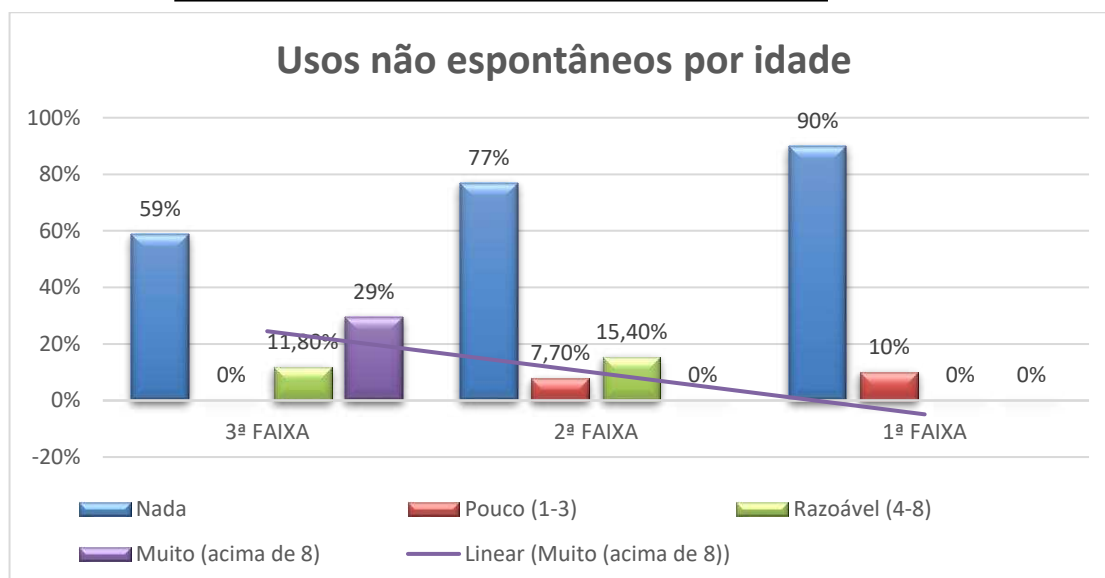
- **“Si hay gobierno yo soy contra”.** (“Se há governo, eu sou contra”).

Para entender melhor o funcionamento do glossário e, por extensão, de que maneira o espanhol se apresentaria hoje, a fim de facilitar nossa apresentação, distribuiremos o número de usos em quatro índices de frequência, catalogadas segundo faixa etária, gênero, isto é: “0” usos (“nada”), **1-3 usos** (cerca de até 10% do total, caracterizado como “pouco”); **4-8 usos** (cerca de até 20% do total, caracterizado como “razoável”) e, por fim, **“acima de 8 usos”** (acima de 50%, e compreendido como “muito”). Vejamos, pois:

Tabela 56: Usos não espontâneos – por idade

Menções solicitadas	TOTAL DE FALANTES	1ª F. etária (35-50)	2ª F. etária (51-65)	3ª F. etária (65>)
Nada	0 (0%)	0 DE 10 (0%)	0 DE 13 (0%)	0 DE 17 (0%)
Pouco (1-3)	16 (40%)	7 DE 10 (70%)	5 DE 13 38,4%	4 DE 17 (23,5%)
Razoável (4-8)	11 (27,5%)	2 DE 10 (20%)	4 DE 13 (30,8%)	5 DE 17 (29,4%)
Muito (acima de 8)	13 (32,5%)	1 DE 10 (10%)	4 DE 13 (30,8%)	8 DE 17 (47,1%)

Gráfico 18: Usos não espontâneos – por idade



No que diz respeito a menções solicitadas, verificamos uma tendência na maioria dos gráficos, isto é, de que, quanto mais jovem, menos se vai lembrar de itens linguísticos na língua espanhola, porém, de algum modo, todos os indivíduos vão lembrar segundo a motivação da pergunta que se faça ou da correlação com situações que foram feitas durante as entrevistas.

Assim, nenhum informante ficou sem fazer algum registro que fosse, porém, em relação a poucos itens (1 a 3 citações), houve uma diminuição gradual em função da idade, com bastante decréscimo da 1ª Faixa (70%) para a 2ª Faixa (38,4%) e um certo equilíbrio deste em relação à 3ª Faixa (23,5%); no que diz respeito à quantidade que julgamos razoável (4 a 8 itens), houve um relativo equilíbrio entre as três faixas (1ª Faixa, 20%; 2ª Faixa, 30,8%; 3ª Faixa, 29,4%).

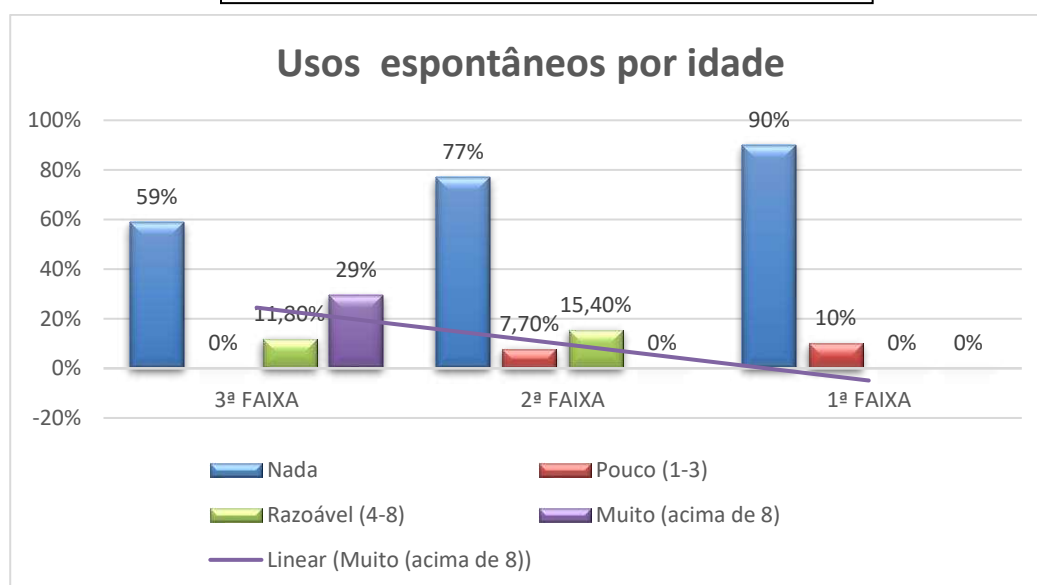
Porém, em relação à quantidade que julgamos muito (acima de 8 itens), mais uma vez, vemos uma diferença substancial da 1ª Faixa para as seguintes, passando de 10% do total

de falantes mais jovens, para 30,8% na faixa intermediária e quase 50% na faixa de mais idade, isto é, 47,1%. Nota-se, portanto, outra forma de perceber que a memória linguística entre os mais velhos está mais ativa e presente e vai se perdendo gradualmente com o tempo dentre as pessoas mais jovens, indicando o desaparecimento da língua de modo gradual.

Tabela 57: Usos espontâneos – por idade

Usos espontâneos	TOTAL DE FALANTES	Falantes da 1ª F. etária (35-50)	Falantes da 2ª F. etária (51-65)	Falantes da 3ª F. etária (65>)
Nada	29 (72.5%)	9 DE 10 (90%)	10 DE 13 (76.9%)	10 DE 17 (58.8%)
Pouco (1-3)	2 (5%)	1 DE 10 (10%)	1 DE 13 (7.7%)	0 DE 17 (0%)
Razoável (4-8)	4 (10%)	0 DE 10 (0%)	2 DE 13 (15.4%)	2 DE 17 (11.8%)
Muito (acima de 8)	5 (12.5%)	0 DE 10 (0%)	0 DE 13 (0%)	5 DE 17 (29.4%)

Gráfico 19: Usos espontâneos – por idade



Quando se comparam os usos espontâneos por idade (gráfico 19), vemos o decréscimo considerável da linear de tendência relativa ao uso não espontâneo (gráfico 18) de termos em espanhol ao longo das entrevistas, passando de 90%, na primeira faixa etária (35-50), para 58,8% (59%), na terceira faixa (65>), ou seja, como se pode ver o gráfico, os falantes mais velhos apresentam uma taxa bem superior de usos espontâneos (29%). Já para a direção contrária (usos não espontâneos), isto é, qualquer uso de termos em espanhol, seja em pequena quantidade (pouco, de 1 a 3) até grande quantidade (acima de 8 termos ou expressões), vemos um crescimento considerável de 10% (pouco uso) dentre os mais jovens para 47,1%, dentre os mais velhos, na terceira faixa. Em outros termos, quando tratamos dos indivíduos mais jovens, vemos uma nítida diminuição indicando de um desaparecimento da memória da língua. Neste sentido, é possível, portanto, verificar que os dados relacionados à espontaneidade da memória linguística se reduzem consideravelmente quando contrastamos, se evoca direta ou indiretamente a língua espanhola durante as entrevistas no sentido de solicitar que os informantes mencionem lembranças em situações específicas ou contextualizadas por nós.

Para concluir, a título de comparação entre os usos solicitados e os usos espontâneos no quesito Faixa Etária, podemos verificar uma diferença bastante visível: a mudança de padrão na capacidade de lembrar da língua espanhola em todas as faixas etárias, embora a 3ª Faixa sempre se mantenha com maior capacidade de resgate de memória enquanto na 1ª Faixa, pelo contrário, o estímulo feito pelo interlocutor ao uso da língua gerou mais resultados do que o uso espontâneo da língua, mesmo que com base em lembranças de situações ouvidas ou vivenciadas.

Mais especificamente, quando se trata da memória ativada mediante solicitação, nenhum falante de qualquer faixa etária deixa de citar ao menos um item, porém, em termos de espontaneidade, o que sugeriria a capacidade de diálogo (bilinguismo ativo) ainda que superficial na língua espanhola, vemos realmente a tendência de a maioria dos falantes não ter como se expressar ou pouco ter presente a língua espanhola em seu cotidiano, isto é, quase 100% dos falantes mais jovens sequer consegue verbalizar mais do que 1 a 3 expressões em língua espanhola, enquanto que, nas faixas subsequentes, isso se reduziu um pouco, mas, ainda assim, a maioria não fez nenhum uso espontâneo da língua (84,6% da 2ª Faixa não expressou mais do que 3 itens e um pouco mais da metade, 58,8%, da 3ª Faixa não conseguiu sequer fazer alguma menção).

Contudo, no que diz respeito a quantidade que parte da quantidade razoável (4 a 8

itens) a muito (acima de 8 itens), vimos que, em relação a menções solicitadas, as Primeira e Segunda Faixas mantiveram uma padrão compreensível em termos de trajetória possível do processo de desaparecimento da língua de, quanto mais jovem, mais chance de esquecimento da língua; assim, houve a incidência de 20%, razoável para a Primeira e 30,8% para a Segunda, havendo uma redução apenas no uso de muitos itens, que foi de 10% na Primeira Faixa e o triplo disto, 30,8% na Segunda. Não obstante, esta incidência diminui drasticamente quando se observam os usos espontâneos, quando não há sequer menção de quantidade razoável ou alta na Primeira Faixa, e quantidade de “razoável” reduz pela metade (30,8% para 15,4%) e “muito reduz” a 0% (30,8% para 0%).

Finalizando, na Terceira Faixa, como era de se esperar, ainda que haja diminuição de menos da metade para quantidade razoável de lembrança de itens de 29,4% caindo para 11,8% (redução de 59,9%) e de 47,1% para 29,4% (redução de 37,6%), é possível perceber que a língua se mantém mais na memória, como mostramos em relação ao glossário, a ponto de haver resgates de contextos, frases, rezas, provérbios, etc, algo que foi inviável ou impossível de acontecer entre os mais jovens que, na melhor das hipóteses, tiveram como referência, apenas quando pequenos, os avós já bastante velhos falando pouco espanhol ou já misturando bastante com o português.

Tabela 58: Usos solicitados – por gênero

Menções solicitadas	TOTAL DE FALANTES	HOMEM (Nº de falantes)	MULHER (Nº de falantes)
Nada	0 (0%)	0 DE 21 (0%)	0 DE 19 (0%)
Pouco (1-3)	16 (40%)	9 DE 21 (42.8%)	7 DE 19 36.8%
Razoável (4-8)	11 (27.5%)	5 DE 21 (23.8%)	6 DE 19 (31.6%)
Muito (acima de 8)	13 (32.5%)	7 DE 21 (33.4%)	6 DE 19 (31.6%)

Gráfico 20: Usos solicitados – por gênero

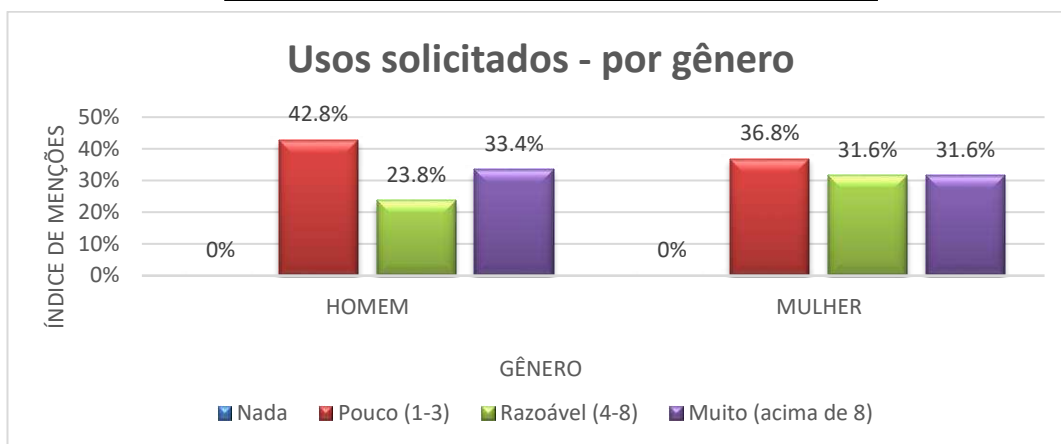
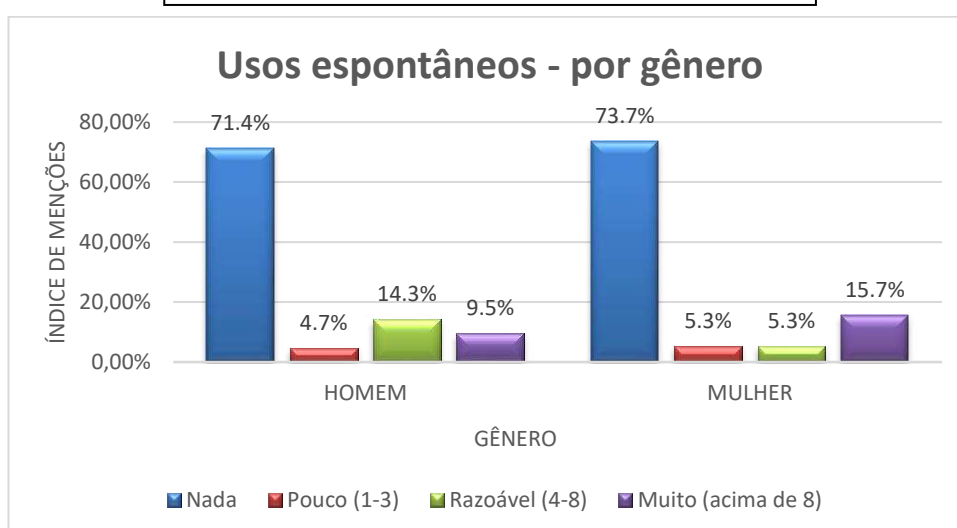


Tabela 59: Usos espontâneos – por gênero

Menções espontâneas	TOTAL DE FALANTES	HOMEM	MULHER
Nada	29 (72.5%)	15 DE 21 (71.4%)	14 DE 19 (73.7%)
Pouco (1-3)	2 (5%)	1 DE 21 (4.7%)	1 DE 19 (5.3%)
Razoável (4-8)	4 (10%)	3 DE 21 (14.3%)	1 DE 19 (5.3%)
Muito (acima de 8)	5 (12.5%)	2 DE 21 (9.5%)	3 DE 19 (15.7%)

Gráfico 21: Usos espontâneos – por gênero



Por sua vez, em se tratando das comparações entre homens e mulheres na expressão

de termos e frases em espanhol mediante solicitação ou de forma espontânea, temos uma tendência semelhante à questão de idade, ou seja, os índices de expressão espontânea são bem menores do que as que ocorrem a partir da pergunta que fazemos sobre o conhecimento de algo em espanhol. Contudo, comparando-se os gêneros em cada gráfico, vemos uma oscilação muito pequena com índice superior dentre as mulheres na expressão espontânea de uma boa quantidade de palavras e expressões (15,7% das mulheres contra 9,5% dos homens), porém, se invertendo um pouco quando há solicitação de menções em que os homens apresentam uma quantidade um pouco maior do que as mulheres, ou seja 33,4% dos homens contra 31,6% das mulheres.

Então, em função dos dados serem pouco numerosos, não há como termos uma conclusão mais definitiva em relação ao contraste entre homens e mulheres. A pequena diferença em favor das mulheres pode se dar em função de dois aspectos: a) razões genéricas como o fato de as mulheres terem estado, na maior parte das gerações, mais em casa do que os homens e, talvez, com mais chance de assimilar a presença de vocabulário relacionado à história familiar e menos influenciados pela presença linguística fora do domicílio; b) questões individuais como escolhas, resistências, afinidades em função do contato que tem com a língua.

4.2.5 Itens lexicais de acordo com dicionários espanhóis e com o ALEA (Atlas Linguístico- Etnográfico da Andaluzia)

A fim de discorrer sobre os dados obtidos tanto na fase de contato prévio assistemático com o falar espanhol pela comunidade hispano-brasileira de Sorocaba, como já partindo dos resultados obtidos pelas entrevistas que realizamos, neste momento, consideraremos o que alguns dicionários e/ou enciclopédias espanhóis revelam e aos quais tivemos acesso na Biblioteca Central da cidade de Granada, Espanha, e da biblioteca setorial da UGR (Universidad de Granada). Partiremos de observações sobre palavras não claramente registradas em dicionários contemporâneos¹²⁰ de espanhol, porque se trata de itens lexicais já possivelmente modificados ou adaptados ao português pelos descendentes de imigrantes espanhóis em Sorocaba, e consideraremos observações acerca de itens ainda bastante usados hoje em dia pelos hispano-falantes e facilmente encontráveis em dicionários comuns. Além disso, esclarecemos que, dentre os vários itens que recolhemos utilizados no questionário linguístico, fomos buscar aqueles, que, a nosso ver, pareceriam mais registros dialetais, que

¹²⁰ Por exemplo, Ezquerro (2002), Freire e outros (2005) e Berliner e outros (2006).

nós, professor e falante proficiente da língua, desconhecíamos a princípio, ou que poderiam ter acepções eventualmente diferentes do espanhol estândar contemporâneo; é o caso dos itens, segundo a pronúncia dos informantes, “palagozo” (empalagozo), “engruñado” (engurruñado), “cacarear”, “chalao” (chalado), “espabilá” (espabilado), “gachón” / “gachas”, “turrón” e “guampúo” (guampudo).

O primeiro item lexical é “palagozo” ou “palagoso” que, segundo alguns descendentes com os quais tivemos contato, é um adjetivo aplicado ao indivíduo que fala muito ou alto a ponto de incomodar o seu ouvinte. Como não encontramos o item lexical na forma como foi mencionado nos dicionários comuns, buscamos formas que pudessem se aproximar do descrito no dicionário da Real Academia Espanhola (RAE) e encontramos o lexema “empalagoso” cuja definição é de adjetivo usado para o alimento que “empalaga”, isto é, aquele que é indigesto; também, serve para identificar pessoa que causa tédio, aborrecimento por sua demonstração de carinho afetada e extravagante.¹²¹

Embora o sentido verificado no dicionário se aproxime parcialmente do que, talvez, os primeiros participantes com os quais tivemos contato quisessem dizer, resolvemos buscar sentidos mais detalhados ou contextualizados historicamente por dicionários etimológicos e logramos encontrar algumas descrições interessantes. Por exemplo, para Diego (1964), em seu livro *Etimologías españolas, empalagar*, o verbete *empalagozo* tem o sentido historicamente aceito de “causar desagrado o hastío en el gusto, esto es, en el paladar, aunque este sentido sea secundario”¹²². Ademais, Diego (op.cit, p.497) cita Montolíu o qual descreve tal termo como derivado do latim *impiculare* cujo sentido era “tornar-se pegajoso” sendo *pix*, *picis* o termo-chave a significar peixe/s. Outro sentido admitido, além de relacionado à alimentação de algo doce que pode gerar incômodo, é a acepção conotativa de situações várias que podem cansar ou chatear a exemplo de algumas refeições demasiado doces, por exemplo. É possível que, pensando no sentido que esperávamos ou tentamos deduzir dos participantes iniciais, o sentido poderia estender-se, metaforicamente, a pessoas que, de tanto falar, causam cansaço e incômodo no seu ouvinte.

Outro vocábulo que nos importa aqui é *engurruñado* sobre o qual, basicamente, encontramos o sentido de “enrugar” ou “encolher”, no caso de dicionários comuns¹²³, ou seja,

¹²¹ In: <<https://dle.rae.es/empalagoso>> Acesso: outubro de 2020.

¹²² “Causar desagrado ou chateação no gosto, isto é, no paladar, ainda que este sentido seja secundário”. (Tradução nossa)

¹²³ Por exemplo, Bolufer (1951), Ezquerria (2002), Freire e outros (2005) e Berliner e outros (2006).

um sentido mais amplo quando comparamos com o que os participantes nos disseram ao pontuar que poderia significar uma pessoa “triste”, “tímida” ou, metaforicamente, “reclusa” diante de uma situação desagradável. Acerca deste termo, no mesmo autor, Diego (1964), encontramos o sentido adjetival de pessoa “avarenta” ou “tacanha”, significação a qual se articula com o que existe no Atlas Linguístico e Etnográfico de Andaluzia, de Manuel Alvar (1973), na sessão “La condición humana”, lâmina 1384, mapa 1503. Neste Atlas, Alvar (op.cit) parte da definição de *tacaño* como sinônimo de *engurruñado*, no caso aquele “individuo que aun teniendo dinero gasta menos de lo necesario por querer ahorrar”¹²⁴ e cujas variações poderiam ser as seguintes: *avaro*, *miserable*, *desagradable*, *roñoso*, *engurruñado*, *misero*, *egoísta*, *pícaro*, *astuto*, *bellaco*. Por fim, Diego (1964, p.497) ainda pontua que pode ser encontrada a variação *engurunhido* no dicionário português com o sentido de indivíduo “hirtó, encolhido com frio ou doença”.

Outro termo é a palavra “cabreado” a qual, segundo os participantes, poderia ter a ver com “pessoa com muita raiva” ou que “foi traída”. Para tal registro, encontramos referência no livro “Tesoro léxico de las hablas andaluzas”, de Manuel Ezquerra (2000), o qual registra *cabreado* como adjetivo usado em relação a céu ou nuvem quando estes têm a forma de ovelha ou carneiro, por exemplo. Outro termo seria *cabrear*, conceituado como a ideia de “molestar con bromas o pullas a otro, escarnándolo”¹²⁵ bem como, extensivamente, o sentido de “chatear ou deixar alguém mal-humorado ou receoso de algo”. Por fim, o último termo neste grupo de palavras é “cabronazo”, o qual se aproxima do sentido da palavra “cabrón” reconhecida pelos nossos participantes, e que dá a ideia do “marido ignorante de la infidelidad de su mujer”¹²⁶

Este mesmo autor, isto é, Ezquerra (2000) ainda apresenta outras palavras que nos interessam em virtude de terem feito parte de nossa pesquisa e às quais gostaríamos de nos referir, aqui, a exemplo de *cacarear* (cacarejar ou falar alto e rápido), *chalao* (bobo, inconveniente), *espabilado* (desperto, comunicativo, falante), *gachas*, *gachón/a*, *gachoso/a* (mimado, ou um tipo de polenta mole), *mala pipa* (mal humor), *tonto* (bobo, idiota) e *turrón* (teimoso). Respectivamente, segundo Ezquerra (2000), *cacarear* seria “gaguejar ou fazer sons incômodos e repetitivos como as pombas”, *chalado* teria o sentido de “indivíduo tonto ou sem juízo ou raciocínio”, *espabilado* seria uma forma popular para *despabilado* e pode referir-se a

¹²⁴ “Indivíduo que mesmo tendo dinheiro gasta menos do que é necessário para conseguir economizar”. (Tradução nossa)

¹²⁵ “Irritar e escarnecer-se do outro com brincadeiras e humilhações”. (*idem*)

¹²⁶ “Marido que desconhece a infidelidade de sua mulher”. (*idem*)

uma “pessoa animada, esperta ou viva”; por sua vez, *gachas* seria “comida à base de farinha de milho cozida com caldo de pimentão, batata e outros produtos e temperada ou complementada com leite, mel ou outro tempero” e que apresenta derivações com sentidos diferentes a exemplo de *gachicas* ou “pessoas muito frágeis, choronas”, *gachita*, isto é, “criança mimada”, *gachón/a*, no sentido de aquela “criança que se cria com muito mimo”, e *gachoso*, no caso, “uma pessoa engraçada, mimada” ou que “gosta de tratamento preferencial com mimos”.

A expressão *mala pipa*, por sua vez, seria “pessoa sem graça”, enquanto que *tonto* poderia significar “uma pessoa *cornuda*”, isto é, aquele “marido cuja mulher é infiel”. Por fim, a palavra *turrón*, a qual acreditamos se tratar de uma adaptação do adjetivo metaforizado, no português, ou seja, *turrão*, ao espanhol, e cujo sentido de teimoso possivelmente viria associado ao doce por se tratar de “algo duro e difícil de tragar”. Neste caso, para o dicionário de Ezquerria, encontramos, além da referência ao doce “torrones” muito consumido no Natal, também a expressão *ir al terrón*, que significa “aligeirar para cumprir uma tarefa, ser diligente e começar o quanto antes um trabalho”. Além disso, segundo o dicionário da *Real Academia Española*, temos que, para o termo “turro”, próximo foneticamente do que ora falamos, existem as acepções “1. Adjetivo coloquial na Argentina e Uruguai dito para uma pessoa tonta, isto é, com falta de entendimento ou compreensão; e 2. Adjetivo coloquial na Argentina e Chile dito para uma pessoa sem-vergonha, mal-intencionada, má”¹²⁷.

Por fim, fazemos referência ao termo *guampudo*, que significa “chifrudo” segundo a maior parte dos descendentes e para o qual não encontramos dicionário espanhol explicando o significando do ponto de vista do dialeto peninsular, mas apenas como usos possíveis na Argentina e Uruguai significando “corno” ou “chifre” e derivando-se daí o que encontramos, isto é, “guampudo”, chifrudo. Apesar de não encontrarmos em dicionários espanhóis tal termo, achamos referência a respeito no livro “O dialeto caipira” de Amadeu Amaral (1920, p. 111) o qual registra que *guampa* se refere ao “chifre do boi ou o chifre em que os carreiros guardam a graxa, nos carros de bois, ou espécie de copo feito de chifre”; esclarece Amaral, ademais, que se trata de um uso comum no sul do Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, possivelmente por influência das repúblicas espanholas da América do Sul. Por sua vez, o termo derivado “guampudo”, relativamente conhecido pelos participantes que entrevistamos, seria uma forma

¹²⁷ REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Diccionario de la lengua española, 23.ª ed., [versão 23.7 online]. Disponível em: <<https://dle.rae.es>>. Consulta: 06 maio de 2021.

de insulto corriqueiro relacionado ou derivado de “guampa”.

De maneira a complementar e tangenciar a visão “panoramicamente dialetológica” em nossa pesquisa, buscamos ver, também mediante pesquisa bibliográfica na Espanha, o que nos diz o já citado Atlas Linguístico e Etnográfico de Andaluzia (ALEA), de Manuel Alvar, publicado em vários tomos até finalizar, em 1972, acerca de alguns termos que foram comuns nos registros em espanhol que encontramos em nossa pesquisa, como sobretudo adjetivos e nomes de alimentos.

Por exemplo, podemos falar de dois dos elementos coincidentes entre o que encontramos nos registros de nossos participantes e que constam no ALEA, que são o âmbito da alimentação e algumas adjetivações referentes às pessoas.

Em relação a “alimento”, destaca-se o caso do porco sobre o que citamos Spahni (2010[1959]) que destaca o fato de, pelos idos dos anos 1950, em várias cidades da Andaluzia, ter sido comum as famílias criarem ao menos um ou dois porcos e sua *matanza* ter lugar entre os meses de novembro e janeiro. A circunstância, quando ocorria, era motivo para uma pequena festa em uma atmosfera de alegria entrecortada pelos gritos de dor dos animais sacrificadas nas ruas e nem sempre mortos com uma só pancada. Ainda registra o autor elementos subjetivos destacados como “la agitación febril en las casas donde las mujeres se afanan ante enormes sartenes; el olor de la sangre, la grasa y la carne flotando en el ambiente (...) todo lo cual no está exento de un cierto salvajismo”¹²⁸. (2010[1959], p.112)

Destaca, por fim, o fato de a gordura mais rústica do porco ser usada como óleo que serve de base para fabricação de sabão doméstico. Interessante, neste sentido, dialogar com um dos registros do participante “F.E.” acerca da “matanza”. Para ele,

Era muito bonito (...)As pessoas se reuniam com frequência. E, depois, lembro do tempo de quando matavam porco, por exemplo... Chamavam “matanza”, né, que a turma fala... Os mais velhos... Minha família não usava essa “matanza”, mas eu sei que a espanholada falava “la matanza”, que é quando iam matar porco. Então... elas se reuniam, assim... Faziam uma fritada, lá, e tomavam umas pingas deles, lá, vinho. Então, isso aí... (F.E., Neto, 81 anos, linhas 44-48; 16-29, página 271, vol. 2)

Outra referência interessante feita por Spahni (2010[1959]), ainda em relação à alimentação, tem a ver com refeições diárias da época e que, como pudemos ver, se mantiveram presentes nas famílias de descendentes em Sorocaba e ainda são conhecidas/feitas até hoje em dia, com ou sem adaptação à culinária brasileira. Tratamos das comidas já citadas

¹²⁸ “A agitação febril nas casas onde as mulheres labutam diante de enormes frigideiras; o cheiro do sangue, a gordura e a carne flutuando no ambiente (...) tudo não isento de uma certa selvageria”. (Tradução nossa)

anteriormente, isto é, *puchero*, *gachas* e *migas*. Segundo Spahni (2010[1959], 116-117), o “puchero”, por exemplo, seria uma espécie de prato nacional, feito à base da mistura de porco, toucinho, batatas, grãos de bico e feijão, enquanto que as *gachas* eram feitas com farinha de trigo ou centeio, água e um pouco de leite. Ainda segundo Spahni (2010[1959]), as *migas*, por sua vez, também bastante apreciadas segundo o autor, seriam produzidas por farinha de milho, migalhas amassadas de pão, tudo frito em uma enorme frigideira ao redor da qual se reuniam vinte a trinta pessoas cada uma com sua colher. As *migas* eram acompanhadas de peixe frito, pimentões, cebola e batatas assadas na brasa. Este prato também podia ser consumido até a saciedade para poder passar duas refeições sem necessidade de tornar a sentar à mesa.

Depois de falar destes alimentos na visão de Spahni, cabe, agora, fazer referência ao ALEA onde há referências a tais alimentos amplamente conhecidos na zona andaluza, além de outros, também citados por nossos participantes em suas entrevistas.

Por exemplo, no mapa 265, na lâmina 264, a *miga* é amplamente citada porém com variações tais como *miajón*, *mijón*, *el mijón*, por exemplo, e conceituada como “sopa gorda, pedazo de pan remojado”, isto é, uma sopa com bastantes ingredientes na qual se mergulha o pão que vai acabando juntamente com a sopa.

No mapa 772, lâmina 700, por sua vez, a partir da pergunta “como se chamam as ‘migas’, que são consumidas geralmente nos dias festivos e feitas com farinha de trigo ou de milho e com água e leite, e às vezes com mel ou açúcar?”, se esperava a resposta “gachas”, traduzida ao português, no mapa, por polenta. Incluem-se como notas as referências aos vários tipos de “gachas”, de acordo com as cidades e que, mesmo dentro da mesma localidade, poderiam diferenciar-se em algo, o que justificaria elaborar, segundo Alvar (1973), um mapa linguístico neste âmbito, e não etnográfico. Assim, esclarece-se que as denominações transcritas são base de referência, mas também podem receber anotações esclarecendo elementos como a variação do termo *tortillas* para referir-se às *gachas*.

Outros alimentos citados e, como antecipamos, citados nas entrevistas que realizamos são *pestiño*, verbete expresso no mapa 777, lâmina 103, e que significa doce feito com massa de farinha e açúcar com grãos de anis e cuja massa feita em pedaços é frita e, depois, cada um dos doces, em forma de canudo, é coberto de mel; e *buñuelo*, citado no mapa 778, lâmina 704, que faz referência a outro doce com massa semelhante à dos churros, mas frito em forma circular e com buraco no meio, com açúcar. As variações encontradas nos registros dos participantes do ALEA foram *buñuerlo*, *guñuelo*, *buñuélo*, *papaviejo* e *biñuelo* e cujas

referências são encontradas em quase toda Andaluzia.

Observando de maneira mais ampla, vimos referências às refeições principais dos andaluzes da época das entrevistas do ALEA. Sendo assim, segundo a lâmina 743, o café da manhã englobava, dentre outros alimentos, as *migas*, bastante comuns, além das *gachas*. A segunda maior presença de citações para essa refeição foi justamente para as *migas*, segundo a lâmina 745, em 115 pontos dos 230 pontos e as “gachas” na 16ª colocação em 19 pontos dos 230 referidos.

No que diz respeito ao almoço, cujas referências se veem nas lâminas 746 e 747, há as já bastante citadas comidas como *tortilla*, *migas*, *gachas*, além de *puchero* e *gazpacho*. Na janta, por sua vez, há referências a também comidas do almoço como *puchero* e *gazpacho*, por exemplo.

Cabe, ainda, referência a alguns dos principais pratos típicos em regiões como Málaga, Granada e Almeria de onde veio a maioria dos imigrantes espanhóis para Sorocaba. No caso de Málaga, seria mais típico o *puchero*, por exemplo, feito com grão de bicho ou feijão e porco; já, para Granada, consideravam-se pratos típicos a *miga*, feita com farinha de milho, o *gazpacho*, que seria sopa com pepino, cebola, óleo, vinagre, e sal com alho, além de *cazuela*, um ensopado de batatas e do próprio *puchero*, com grão de bico, batata e arroz; e, para Almeria, cita-se o *puchero* feito igualmente ao modo de fazer em Granada, além de *potaje*, que seria arroz com batata e *gachas*, aqui sendo uma massa de farinha mesclada com caldo vindo de fritada de tomates, pimentões, alho e cominho.

Agora, no que concerne às adjetivações que antecipamos relacionadas aos seres humanos, sublinhamos os seguintes listados na seção “La condición humana” do ALEA.

- **cornudo**: este termo que se aproxima do referido “guampudo” em nossa pesquisa, consta na lâmina 1372, mapa 1490. O sentido atribuído é “marido cuja mulher é infiel”. Há variações segundo o registro dos participantes do ALEA como *tonto*, *cabrón*, *cabró*, *cornúo*, *cónúo*, *coñúo* e *cabrito*, sendo mais prevalente, dentre estas formas, o item *cabrón*, cujo sentido mais específico também pode ser “marido ignorante da infidelidade da esposa” ou “marido cuja esposa lhe é infiel com seu conhecimento e consentimento” e, ainda “marido que conhece a infidelidade e vive à custa do amante”. Dentre todas as formas aqui citadas, foram mais frequentes ou visíveis em nossa pesquisa os lexemas *cabrón*, *cornúo* e *tonto*.

- **tacaño**: este termo que tem a variação “engurruñado” e que, segundo o ALEA, está presente na lâmina 1384, no mapa 1503 e significa “indivíduo que mesmo tendo dinheiro

gasta menos do que é necessário por querer economizar”.

Como complemento a esta discussão, cabe reportar-nos a Weinberg (1992) que descreve, no seu livro “El español de América”, como estudiosos vários apresentam a vinculação/aproximação dialetal entre o espanhol americano e o espanhol de variedade andaluza, região sul da Espanha.

Uma das visões que ela cita é a de que grande parte dos estudiosos entende que as características do espanhol americano se deve à influência pura e simplesmente dos andaluzes; outros, porém, como Henríquez Ureña e Amado Alonso, acreditam haver aí também o ingrediente indígena ou em função de um desenvolvimento independente tanto das influência das línguas indígenas como do dialeto andaluz, ou seja, haveria muito mais semelhanças entre espanhol do sul peninsular e do Novo Mundo por questões paralelas do que apenas predominância do andaluz, haja vista, sobretudo a variedade de fenômenos linguísticos e pluralidade de cenários na América Latina que não mantêm um padrão unívoco consoante em sua completude com marcas do espanhol andaluz.

Lapesa, citado por Weinberg (1992, p.38-39), apresenta a visão de que seria necessário ponderar entre a perspectiva meramente andaluzista e poligenética considerando “1. conocer bien la fecha de cada fenómeno y las circunstancias en que tiene lugar en España y en América; 2. Conocer la proporción de andaluces que pasaron a América, condistribución de fechas, procedencias, asiento y nivel social; 3. Tener en cuenta otros factores históricos y culturales que pudieron favorecer el andalucismo u oponerse a él”¹²⁹.

Ainda há, por fim, a hipótese, conforme Weinberg (op.cit, p.40-41), de que a evolução de caracteres específicos em determinadas regiões americanas é resultante de incursões já trazidas muito mais cedo pelos colonos de procedência andaluza, ou seja, alguns fenômenos já vinham da Andaluzia e não se gestaram na América.

Seja como for, alguns desses fenômenos são realmente presentes tanto na Andaluzia como nos descendentes que entrevistamos e em realidades específicas do espanhol americano; chamamos atenção aos casos fonéticos do “seseo” em vez de “ceceo” (pronúncia de [s] e não [θ], como [kora'son] e não [kora'θon]), o “yeísmo” (pronúncia [y] e não [ʎ], como ['yuβja] em vez de ['ʎuβja]), da aspiração e perda do [s] intermediário e final (['lihta] e não ['lihta] e [meh]

¹²⁹ “Conhecer bem a data de cada fenômeno e as circunstâncias que acontecem na Espanha e na América; 2. Conhecer a proporção de andaluzes que entraram na América, as várias distribuição de datas, procedências, inserção e nível social; 3. Levantar em conta outros fatores históricos e culturais que puderam favorecer o andaluzismo ou se opor a ele.” (Tradução nossa)

e não [mes]) e fragilização do [d] intervocálico ([par'tio] e não [par'tido]), ou, ainda, no nível morfossintático, a perda generalizada de “vosotros” (vós/vocês) dando lugar a “ustedes” (vocês/senhores/as) na América.

4.2.5.1 Outros casos: aspectos fonéticos e morfossintáticos no português de Sorocaba semelhantes aos existentes na língua espanhola

De modo complementar, gostaríamos de expor alguns casos de possíveis transferências do substrato espanhol para o português.

Durante as entrevistas de 40 informantes observados segundo várias categorias já discutidas previamente, pudemos registrar itens que, a nosso ver, pareceriam a princípio típicos do chamado “dialeto caipira”, mas que também podem convergir com traços do espanhol. Claro, não podemos ser taxativos quanto a isso, mas nos pareceu interessante partindo da hipótese de que se não é presença fonética do espanhol em si, mas, ao menos, talvez, esta língua pode ter contribuído para se reforçarem alguns traços, mesmo que muitos deles convirjam com outras regiões onde não houve presença espanhola como interior de estados do Sul, por exemplo. De todo modo, vejamo-los, agora.

Assim, visualizamos que, na maioria das entrevistas junto aos informantes mais velhos que compõem a 3ª faixa etária, houve a predominância do que seria uma versão mais antiga do português brasileiro e/ou do português caipira e que se assemelha ao espanhol em relação aos seguintes casos fonéticos:

a) /r/ vibrante na posição de ataque e média em palavras como *roça*, *raça*, *terra*, *bairro*, *guerra* e *morreu*, usos associados, não apenas à idade, mas também ao grau de instrução menor daqueles indivíduos que residiram ou ainda residem em regiões mais rurais de Sorocaba, incluindo o único nativo, alguns filhos ou netos mais velhos. Em termos percentuais, esta forma de pronúncia do /r/ vibrante na posição de ataque, como na palavra *raça*, ocorreu em 12,5%¹³⁰ do total dos 40 informantes e em 100% dos maiores de 70 anos; já na posição intermediária, como em *guerra*, o uso do /r/ vibrante ocorreu em 22,5% do total e em 88,9% dos maiores de 70 anos, segundo catalogação de mostras das falas;

b) tonicidade vocálica final, tal como já visto de maneira assistemática, isto é, a pronúncia não reduzida das vogais “e” e “o” no final de palavras como em “Vicente” [vi'cête],

¹³⁰ Esclarecemos que este e os próximos percentuais desta seção advieram de observação assistemática de registros de fala nas entrevistas dos informantes e se baseia em, ao menos, uma incidência para cada caso.

“sete” [ˈsete], “de manhã” [demãˈnjã], “diariamente” [dʒaraˈmête], “vinte” [vĩˈte], ou em “tudo” [tuˈdo], “eu lembrô” [ewlẽˈbro], “morenô” [moˈreno], “ele veio” [eleˈvejo], “centro” [cẽˈtro]; todos estes casos ocorreram de modo predominante ou exclusivo dentre os mais velhos, incluindo o único nativo espanhol e, em termos percentuais, ocorreu em um total de 55% dos falantes, dos quais 59,1% são maiores de 65 anos, 27,3% têm de 51 a 65 anos e apenas 13,6%, menos que 50 anos;

c) a não palatalização em “ti” ([ti] x [tʃi]) e “di” ([di] x [dʃi]) em palavras como “tipo”, “de”, em que se pronunciou [tiˈpo] e [di]. Aqui, igualmente, quando ocorre, é exclusivo dos filhos ou netos mais velhos. As formas palatais [tʃi] e [dʃi] ocorreram em 75% dos falantes e as formas não palatais ocorreram quase que exclusivamente na terceira faixa etária;

d) casos de rotacismo, como nas palavras “simples” (pronunciada “simpre”), “espanhol” (*espanhor*), “calça” (*carça*), “voltava” (*vortava*), “planta” (*pranta*). Estes casos ocorreram em pessoas com menor escolaridade, nos mais velhos, filhos e no caso do nativo;

e) excepcionalmente, houve, ainda, raros casos do uso do fonema lateral /l/ do espanhol no lugar do /w/ como em “volta”, tendo sido realizado por duas pessoas de pouca instrução, filhos de espanhóis e da terceira faixa etária.

4.2.5.2. Outros casos: aspectos lexicais no português de Sorocaba semelhantes aos existentes na língua espanhola

Agora, no que diz respeito a itens lexicais propriamente, destacamos, a seguir, alguns usos em português presentes nas entrevistas mas que parecem convergir ou ser influência do espanhol.

Assim, em se tratando de elementos morfossintáticos no falar de descendentes, observamos os seguintes casos, que parecem ou mais arcaicos ou de um português peninsular, bem menos frequentes hoje em dia, ou que expressam influência/convergência do/com o espanhol:

a) uso do sintagma de pouco como em *tomamos café de pouco*;

b) uso de de pequeno em sentenças como *de pequeno, eu quase não via minha avó*; a este respeito, lançamos mão do que traz o dicionário da Real Academia Española (RAE), que, a partir da preposição “de”, vislumbra a ideia de determinar o tempo em que acontece algo

como em “de madrugada”, “de mañana”, “de noche”, “de viejo”, “de niño”.¹³¹;

c) uso da estrutura **uma que outra** idêntica à estrutura “una que otra” do espanhol em orações como “uma que outra pintinha do lado direito do corpo” pronunciada por filha de espanhóis da terceira faixa etária;

d) uso da preposição “de” + substantivo, funcionando como advérbio de tempo em casos como **de solteira** (quando era solteira), no caso de filha de espanhóis da terceira faixa etária, **de menino** (quando era menino), no caso de neto da terceira faixa etária, **de primeiro/velho/bebê** (antes/ quando velho/ quando bebê), no caso de neto da segunda faixa etária, ou, ainda, **de pequena/criança** (quando pequeno/quando criança), usada por neta da segunda faixa etária;

e) preposição “de” + país, como em **de França**, utilizada por filha de espanhóis da terceira faixa etária;

f) uso não distintivo entre os advérbios **ali** e **lá**, no caso do informante nativo que, ao se referir se à Espanha, em vez de dizer “Lá (na Espanha)”, disse “Ali (na Espanha)”, em uso similar ao espanhol “Allí en España”;

g) uso de **qualquer** em vez de **qualquer um**, o que se aproxima mais à norma culta do espanhol, em estruturas como “*Qualquer votava, sendo brasileiro*”, usadas pelo único nativo da terceira faixa etária;

h) preposição “em” + nome de país no feminino”, na estrutura **Coisas que chamam em Espanha**, proferida, também, pelo único nativo da terceira faixa etária, ou **Em Argentina**, oração dita por filha de espanhóis da segunda faixa etária;

i) colocação do advérbio **já** diferentemente da norma do português como em “*Não tem ninguém dos que eu conheci já*”, em vez de “*Não tem mais ninguém dos que eu conheci*” ou “*Já não tem ninguém dos que eu conheci*”, o que se assemelha, uma vez mais, da norma do espanhol e, mais uma vez, utilizada pelo único nativo espanhol da terceira faixa etária;

j) uso do advérbio de tempo **um + dia da semana** em vez de **em um + dia da semana**; também, **a semana passada** em vez de **na semana passada**; ou **aquele tempo** em vez de **naquele tempo** – todos estes casos, igualmente, se aproximando mais ao espanhol do que a norma do português em estruturas como “*Um sábado teve um aniversário de 90 anos da minha tia mais velha*”, proferida por neto da segunda faixa etária, ou “*Um dia, trouxe um galo*”,

¹³¹ Disponível em: <<https://dle.rae.es/?id=btdkacl|btfyznp>>. Acesso: 09/01/2020).

enunciada por filha da terceira faixa etária, ou, ainda, em “*Assisti a semana passada*”, dita por filha da terceira faixa etária e, também, em “*Aquele tempo era aberto*”, falada por filha da terceira faixa etária;

k) utilização do termo *povo*, para dar ideia de povoado, tal como se usa no espanhol o termo “pueblo” tanto para dizer “povo/população” como dar ideia de “povoado”. Foi o caso da estrutura seguinte: “Minha mãe morava nesse **povo**”, pronunciada por filha da terceira faixa etária;

l) mistura entre os termos/expressões *menor*, *mais novo/jovem* e *mais pequeno* se assemelhando, mais uma vez, aos usos correspondentes em espanhol; foi o caso de estruturas como “*Era o menor da casa*” (dita por filho de espanhóis da terceira faixa), “*Três anos menor que ela*” (proferida por filha da terceira faixa etária) e “*Quando era mais pequeno*” (falada por neto da segunda faixa);

m) uso do verbo *tratar* para dar ideia de “chamar”, como em “*Me tratam de X*”, pronunciada pelo nativo da terceira faixa etária;

n) palavra *saco* para dizer “terno”, também dita pelo nativo da terceira faixa etária;

o) palavra *recolher* para dar ideia de “pegar”, como em “*Recolhendo a roupa*”, dita por filha da terceira faixa etária.

Após verificarmos esta lista de vários exemplos, presentes nos níveis fonético, morfossintático e lexical, esclarecemos que não foi possível estudar mais detalhadamente tal processo de transferência, o que ficaria para futuras pesquisas, dada a complexidade dos processos, no sentido de que existem mais coisas passíveis de aprofundamento, a exemplo do fato de que talvez o [ti] resistente em Sorocaba que poderia, talvez, ter a ver com a convergência do contato com o espanhol, por exemplo.

4.3. Memória linguística atual: acertos x não registros nos questionários linguísticos

4.3.1. Resultados a partir da intersecção entre idade e grau/ modo de descendência

A partir deste momento, observaremos os resultados relativos à manutenção ou não da memória linguística do espanhol nos participantes que entrevistamos. Iniciemos com o

resultados a partir da intersecção entre idade e grau de descendência.

i. idade e grau de descendência

A fim de talvez encontrarmos outros fatores que poderiam estar relacionados aos acertos dos participantes quanto ao conhecimento dos itens lexicais do espanhol, resolvemos, também, correlacionar algumas variáveis sociais como idade e gênero com outros elementos obtidos em questionários socioculturais como *grau de descendência* (se filho, neto ou bisneto e, eventualmente, nativo), *escolaridade* (de estudo restrito ao ensino fundamental até formação completa em ensino superior) e *modo de descendência* (isto é, se o participante descende de apenas um lado da família, pai/mãe, ou de ambos os lados). Sendo assim, neste momento, partamos para relações entre idade e outros fatores sociais.

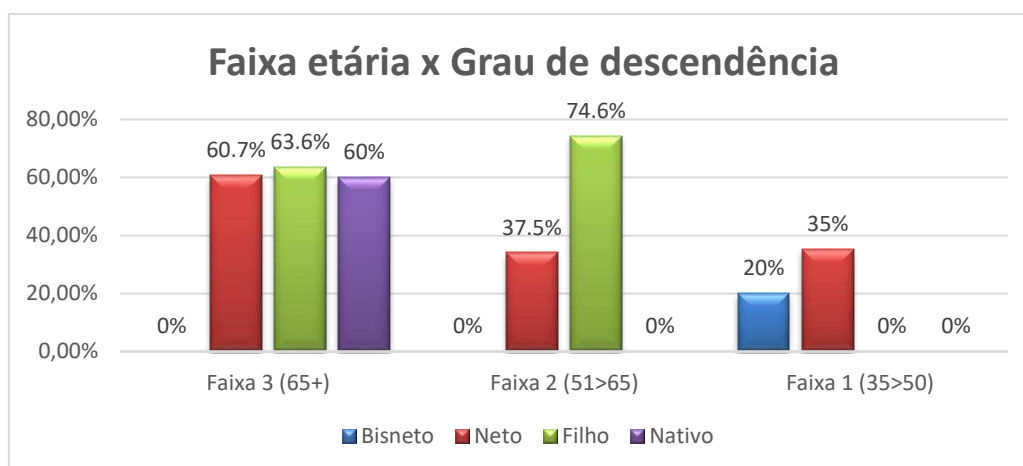


Gráfico 22:
Acertos de
usos
linguísticos
por idade x
grau de
descendência

No gráfico 22¹³², visualizamos o eixo vertical indicando o percentual de acertos dos participantes considerados em sua ascendência e o eixo vertical indica a faixa etária em que se encontra o participante. Assim, vemos que, na terceira faixa etária, a ascendência não gera diferenças nítidas porque todos teriam tido um contato maior com o espanhol na infância. As diferenças só se vão produzir nas faixas etárias em que o contato com o espanhol historicamente

¹³² Esclarecemos as seguintes informações: na Faixa 1 (hum), entrevistamos um total de 10 (dez) informantes, sendo 2 (dois) deles bisnetos e 8 (oito) netos e nenhum filho ou nativo; na Faixa 2 (dois), por sua vez, foi um total de 13 (treze) informantes, dos quais não houve nenhum bisneto ou nativo, mas apenas 5 (cinco) filhos e 8 (oito) netos; por fim, na Faixa 3 (três), foram dezessete (17) informantes distribuídos entre cinco (5) netos, 11 (onze) filhos, 1 (hum) nativo, e nenhum bisneto.

diminui.

Contudo, quando partimos para as segunda e primeira faixas etárias, há uma disparidade bastante marcante entre os participantes. Assim, na segunda faixa etária, o indivíduo ser filho é claramente mais influente do que ser neto no grau de acertos e, seguindo a mesma lógica, na primeira faixa etária, o indivíduo ser neto influencia mais no grau de adequação dos termos sugeridos no questionário linguístico do que ser bisneto. Sinteticamente, o grau de descendência mais próximo só será relevante para os participantes mais novos, isto é, aqueles das faixas 2 e 3. Contudo, para os falantes mais velhos, não será importante porque eles já viviam em uma comunidade bilingue em que a língua era compartilhada tanto por pais como por avós. Em outros termos, o fato de o indivíduo ter um grau de ascendência mais próximo repercutirá positivamente nos mais jovens das faixas 2 e 3, no sentido de que influenciou no grau de reconhecimento de palavras e expressões em espanhol, diferentemente daqueles com mais de 65 anos que viveram em geração semelhante, isto é, foram crianças/adolescentes dos anos 1930 aos 1970 quando supostamente havia prevalência da língua espanhola na família e na coletividade.

A conclusão sobre os dados acima parece dialogar com os obtidos nas tabelas 21 a 29 (presentes no intervalo de páginas 186 a 191 na presente versão da tese), relacionadas às interações familiares e memória do contato com o espanhol na infância. Isto porque são dados que revelaram o fato de que o contato maior com o espanhol na infância esteve mais presente nos participantes mais velhos que são, justamente, aqueles que mantêm maior memória da língua considerando pessoas com as quais se comunicaram ou, ao menos, ouviram mais frequentemente seus ascendentes falando há várias décadas em uma época na qual o bilinguismo ainda estaria presente.

ii. idade e modo de descendência

O gráfico¹³³, a seguir, apresenta os resultados de acertos segundo a idade e o modo de descendência. Vejamos, então.

¹³³ Por sua vez, neste gráfico, informamos, que, na Faixa 3, houve 6 (seis) falantes descendentes de espanhóis por apenas um lado do total de 17 descendentes e 11 (onze) descendem dos dois lados da família; na Faixa 2, por sua vez, 6 (seis) são descendentes de espanhóis em apenas um lado e 7 (sete) de ambos os lados; por fim, na Faixa 1, dos 10 (dez) informantes, 8 (seis) são descendentes de espanhóis em apenas um dos lados e os outros 2 (dois) descendem de ambos os lados da família.

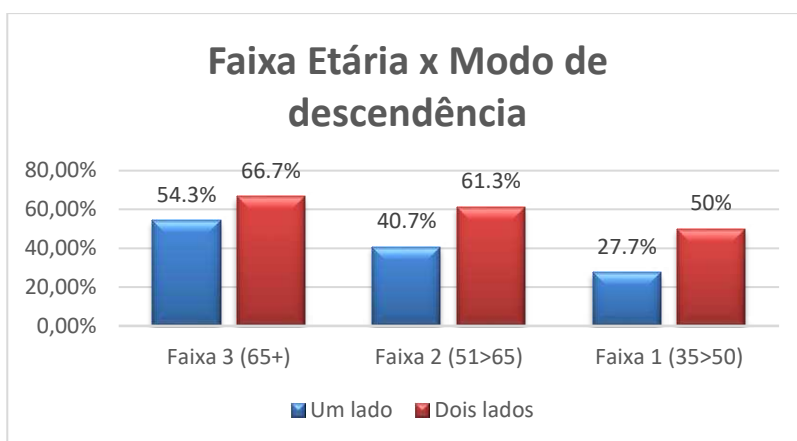


Gráfico 23: Acertos de usos linguísticos por faixa etária x modo de descendência

No gráfico 23, podemos observar que, no cômputo geral das três faixas etárias representadas, ser descendente de espanhóis de ambos os lados da família repercute claramente no índice de acertos e reconhecimentos dos itens lexicais catalogados. Contudo, essa diferença em ser descendente de um ou dos dois lados da família vai aumentando ao passo que a idade do participante diminui. Ou seja, se o indivíduo é mais jovem, mas descende dos dois lados da família, poderia fazer com lembrasse um pouco do espanhol do que aquele que descende de apenas um dos lados. O mesmo acontece, claro, nas outras faixas etárias, porém de maneira menos contundente, conforme, pudemos ver, reduzindo de quase metade de diferença da primeira faixa para uma proximidade de quase empate na faixa etária mais velha. Em outro raciocínio, uma possível forma de manutenção da língua-cultura dentre as gerações mais jovens e futuras é ter ascendência dupla e isso ser revigorado por outras iniciativas de resgate ou manutenção que os novos descendentes viessem a fazer.

4.3.2. Resultados a partir da intersecção entre gênero e grau de descendência, escolaridade, e modo de descendência

i. gênero e grau de descendência

Agora, pensando nas correlações entre gênero e outras variáveis já elencadas quando tratamos da idade, vemos um elemento predominante: a menor repercussão da variável gênero no resultado final, gerando um equilíbrio recorrente, conforme veremos.

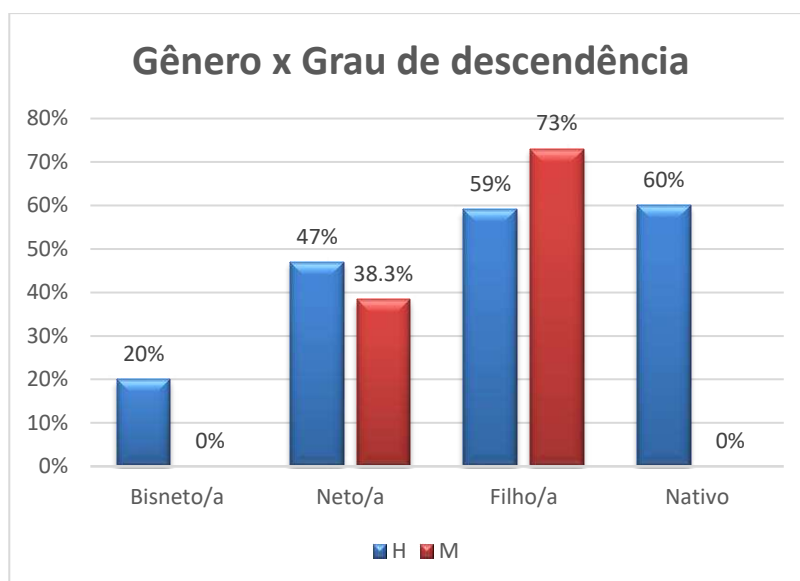


Gráfico 24: Acertos de usos linguísticos por gênero x modo de descendência

O gráfico 24 compreende dois extremos à parte não relevante no presente tópico, ou seja, a presença só de pessoas do sexo masculino: no extremo à esquerda, a representação de dois bisnetos e, no outro extremo, o nativo; ou seja, importarão apenas no sentido de idade já que não houve mulheres nem nativas nem bisnetas. Neste sentido, impactará mais a variação presente nas gerações de filhos e netos de espanhóis. Para este caso, o que podemos inferir é o fato de que ser filha de espanhóis parece mais determinante do que ser filho, enquanto que ser neto importará, de maneira sutil, mais do que ser neta. Na prática, isto nos informa pouco; talvez, se possa inferir que apenas as filhas mulheres podem ter, de algum modo, maior identificação do que os filhos homens com a história e língua espanhola e, enquanto netos, essa variação quase não parece importar. Este dado parece, contudo, interessante, quando reportamos ao recorrente às entrevistas nas quais foram bastante comuns dois cenários de usos linguísticos: rezas em espanhol usadas na infância e/ou mantidas em família, e facilmente recordadas pelas informantes mais velhas, além de palavras relativas à culinária, por exemplo; contudo, para o caso dos filhos homens, além da questão da culinária até vir, pareceu ser mais comum o reconhecimento e/ou uso de palavrões e termos relativos a adjetivações críticas ou jocosas dentre as pessoas. Talvez, esteja aí presente a questão da moralidade que, sobretudo no passado, era mais rigorosa com as mulheres do que com os homens.

ii. gênero e escolaridade

Nesta seção, vejamos se repercute, de alguma forma, a relação entre as variáveis

gênero e escolaridade nos resultados. Vejamos o gráfico referente a tal cenário:

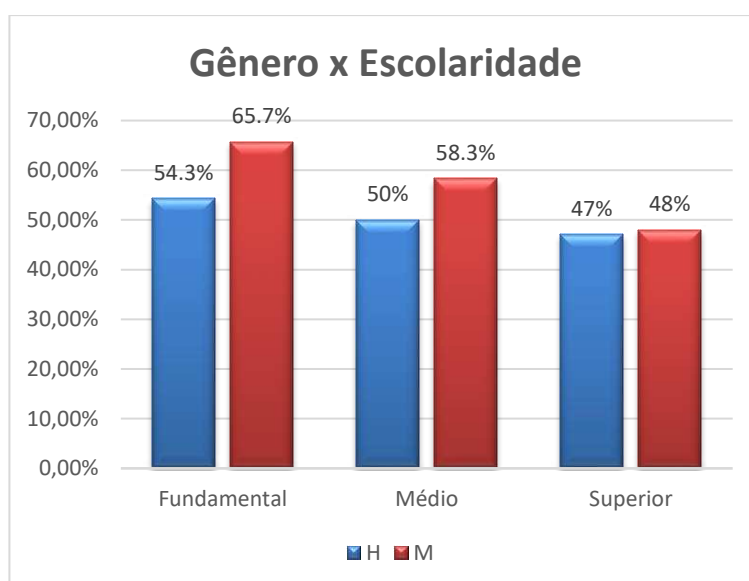


Gráfico 25: Acertos de usos linguísticos por gênero x escolaridade

Diferentemente do gráfico 24, este acima expressa uma tendência mais geral considerando apenas o gênero, ou seja, a quase total equivalência entre homens e mulheres em função da escolaridade e o quanto isto repercute no total de acertos linguísticos; na verdade, pouco, devido à quase não variação embora com pequena prevalência para as mulheres. Quanto a esta correlação, cremos não existir uma explicação mais clara senão a pouca relevância da escolaridade em cada gênero definindo a memória linguística em cada um dos graus de formação.

iii. gênero e modo de descendência

Agora, articulando gênero e modo de ascendência, se de um ou dos dois lados da família, temos o gráfico 30, a seguir, no qual se observa nítida predominância das mulheres no índice de acertos quando tem origem em ambos os lados da família se comparamos ao que acontece no caso dos homens. Contudo, quando tratamos de informantes cuja ascendência é apenas parcial, ou seja, apenas de pai ou de mãe, existe um empate técnico. Sendo assim, aparentemente se a mulher tem origem familiar de ambos os lados isto vai influenciar mais do que no caso dos homens. Contudo, como essa diferença é de apenas 11.7 pontos percentuais, não podemos afirmar com um pouco mais de certeza se isto é relevante ou não; contudo, isso

pode se dever possivelmente mais ao fato de que as mulheres são a maioria dos informantes, isto é, das 40 pessoas entrevistadas 21 foram mulheres e 19, homens.

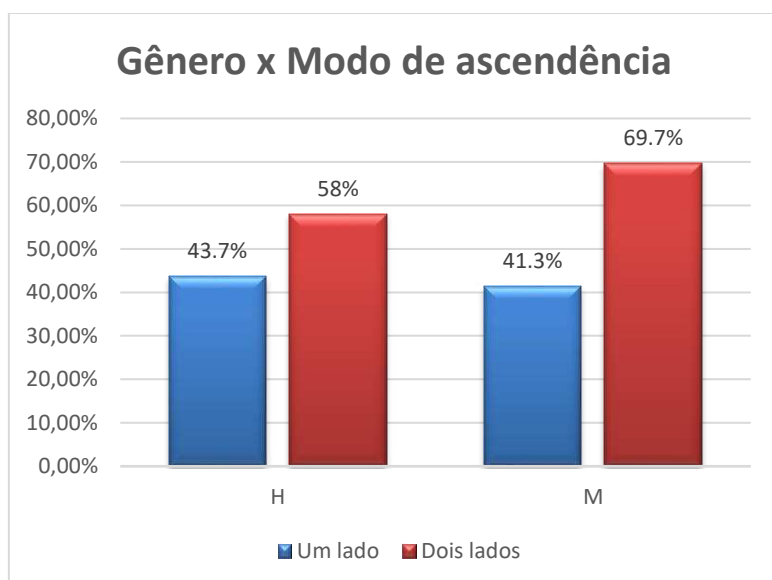


Gráfico 26: Acertos de usos linguísticos por gênero e modo de descendência.

iv. dimensão do local de residência na infância e na atualidade

Por fim, consideremos dados extraídos a partir de uma das informações que perguntamos no questionário sociocultural e na entrevista, isto é, o bairro onde informante morou predominantemente na infância e onde mora na atualidade. A proposta era observarmos se o fato de o informante ter vivido na infância e na atualidade de algum modo em bairros próximos ou tipicamente “espanhóis” poderia ter influenciado na possibilidade de gerar reconhecimentos de itens lexicais ou na capacidade de identificação com a língua espanhola mediante um bilinguismo passivo ou memória linguística, ao menos.

Para espelhar a relação entre origem/procedência geográfica no passado e no presente dos participantes e seu eventual reflexo na capacidade do falante de ter aproximação ou memória linguística mediante o reconhecimento de palavras no questionário linguístico que aplicamos, relacionamos duas categorias sociolinguísticas a partir do número de acertos de cada indivíduo que as representa, quais, sejam: faixa etária/modo de ascendência e gênero.

Contudo, no que diz respeito a bairros, os dados foram extraídos a partir dos questionários socioculturais (pergunta inicial sobre o bairro de residência do participante, e

questão 8 tratando sobre onde a família morou em Sorocaba) e também a partir das entrevistas sobretudo em seu início no sentido de identificar a moradia do participante em sua infância e bairro(s) onde viveu/cresceu e seus parentes mais próximos. A partir destes nomes de bairros, identificamo-los em duas categorias: os bairros “espanhóis” ou relacionados com esta presença em Sorocaba (zona urbana e zona rural) **X** os não relacionados; e os bairros de residência na infância **X** os bairros onde moram os participantes atualmente e/ou já há algum tempo.

Partindo destas correlações, geramos a seguintes tabelas, a saber:

Tabela 60: Faixa Etária 1 x Origem dos Bairros x Reconhecimento Lexical

1ª FAIXA ETÁRIA X BAIRROS “ESPANHÓIS” (ZONA RURAL E URBANA)					
1ª FAIXA (30-50 anos; 10 informantes)	MODALIDADE DE ANÁLISE				
	GERAL	BAIRROS “ESPANHÓIS” SEMPRE	BAIRRO “ESPANHOL” SÓ ANTES	BAIRRO “ESPANHOL” SÓ AGORA	NENHUM BAIRRO “ESPANHOL”
	Acertos totais: 8,1% do total (97 de 1200 possíveis (40 informantes)	7,3 % 46 de 630 possíveis acertos (21 informantes)	12,6% 34 de 270 possíveis acertos (9 informantes)	0% (0 de 60 possíveis acertos (2 informantes)	11,3% (17 de 150 possíveis acertos (5 informantes)
	Acertos - parcial em relação a outras faixas 11,5 % (97 de 630)	Acertos contrastando faixas sempre espanhol: 12,9 % (46 de 354)	Acertos contrastando faixas só antes: 28,1% (34 de 121)	Acertos contrastando faixas espanhol só agora: 0% (0 de 35)	Acertos contrastando faixas jamais espanhol: 15,9% (17 de 107)
	Acertos- só na 1ª faixa etária: 32,7%* (97 de 300) *Média de 9,7 acertos de itens para o total de 30 possíveis para cada informante	Acertos só na 1ª faixa considerando mesmo bairro espanhol: 38,3 %* (46 de 120) *Média de 11,5 acertos de itens para o total de 30 possíveis para cada informante	Acertos apenas na 1ª faixa considerando bairro espanhol só antes: 28,1 %* (34 de 121) *Média de 8,5 acertos de itens para o total de 30 possíveis para cada informante	Acertos apenas na 1ª faixa considerando bairro espanhol só agora: 0%* (0 de 30) *Média de 0 acerto de itens para o total de 30 possíveis para cada informante	Acertos apenas na 1ª faixa considerando bairro jamais espanhol: 28,3 % (17 de 60) *Média de 8,5 acertos de itens para o total de 30 possíveis para cada informante
Obs: Aumento de 9,7 acertos quando no geral da 1ª faixa para 11,5 acertos (incremento de 18,5% quando considera a vivência em bairros espanhóis integralmente e oscilação para menos/diminuição a 8,5% quando não se tem em parte ou integralmente a vivência em bairros espanhóis)					

Tabela 61: Faixa Etária 2 x Origem dos Bairros x Reconhecimento Lexical

2ª FAIXA ETÁRIA X BAIRROS “ESPANHÓIS” (ZONA RURAL E URBANA)					
	MODALIDADE DE ANÁLISE				
	GERAL	BAIRROS “ESPANHÓIS” SEMPRE	BAIRRO “ESPANHOL” SÓ ANTES	BAIRRO “ESPANHOL” SÓ AGORA	NENHUM BAIRRO “ESPANHOL”
	Acertos possíveis no geral: 16,8 % do total (202 de 1200 possíveis (40 informantes))	19,1% 120 de 630 possíveis acertos (21 informantes)	9,2 % 25 de 270 possíveis acertos (9 informantes)	0 % (0 de 90 possíveis acertos (0 informante))	23,7% 57/240 possíveis acertos (8 informantes)
	Acertos - parcial em relação a outras faixas 32,7 % (202 de 617)	Acertos contrastando faixas sempre espanhol: 33,9% (120 de 354)	Acertos contrastando faixas só antes: 20,7% (25 de 121)	Acertos contrastando faixas espanhol só agora: 0% (0 de 39)	Acertos contrastando faixas jamais espanhol: 53,3% (57 de 107)
2ª FAIXA ETÁRIA (51-65 anos; 13 informantes) Sem fluência atestada: 7,7% Pouca fluência atestada: 46,1% Mais ou menos fluência: 30,8% Boa fluência: 15,4%	Acertos – só na 2ª faixa: 51,8 %* (202 de 390) *Média de 15,5 acertos de itens para o total de 30 possíveis para cada informante	Acertos só na 2ª faixa considerando mesmo bairro espanhol: 57,1%* (120 de 210 acertos) *Média de 17,1 acertos de itens para o total de 30 possíveis para cada informante	Acertos apenas na 2ª faixa considerando bairro espanhol só antes: 41,7 %* (25 de 60) *Média de 12,5 acertos de itens para o total de 30 possíveis para cada informante	Acertos apenas na 2ª faixa considerando bairro espanhol só agora: 0 %* (0 de 30) *Média de 0 acerto de itens para o total de 30 possíveis para cada informante	Acertos apenas na 2ª faixa considerando bairro jamais espanhol: 47,5%* (57 de 120) *Média de 14,2 acertos de itens para o total de 30 possíveis para cada informante
Obs: Aumento de 15,5 acertos quando no geral da 2ª faixa para 17,1 acertos (+ 10,3% se considerada vivência em bairros espanhóis integralmente e oscilação para menos/diminuição a 14,2% se não há vivência)					

Tabela 62: Faixa Etária 3 x Origem dos Bairros x Reconhecimento Lexical

3ª FAIXA ETÁRIA X BAIRROS “ESPANHÓIS” (ZONA RURAL E URBANA)					
3ª FAIXA ETÁRIA (65+, 17 informantes) Sem fluência atestada: 0% Pouca fluência atestada: 47,1% Mais ou menos fluência: 17,6% Boa fluência: 35,3%	MODALIDADE DE ANÁLISE				
	GERAL	BAIRROS “ESPANHÓIS” SEMPRE	BAIRRO “ESPANHOL” SÓ ANTES	BAIRRO “ESPANHOL” SÓ AGORA	NENHUM BAIRRO “ESPANHOL”
	Acertos possíveis no geral: 26,5 % (318 de 1200 possíveis (40 informantes))	29,8 % 188 de 630 possíveis acertos (21 informantes)	18,8 % 62 de 330 possíveis acertos (11 informantes)	58,3% (35 de 60 possíveis acertos (2 informantes))	13,75% 33/240 acertos (8 informantes)
	Acertos - parcial em relação a outras faixas: 51,5 % (318 de 617)	Acertos contrastando faixas sempre espanhol: 53,1 % (188 de 354)	Acertos contrastando faixas só antes: 51,2% (62 de 121)	Acertos contrastando faixas espanhol só agora: 100% (35 de 35)	Acertos contrastando faixas jamais espanhol: 30,8% (33 de 107)
	Acertos apenas na 3ª faixa: 62,3 %* (318 de 510) *Média de 18,7 acertos de itens para o total de 30 possíveis para cada informante	Acertos apenas na 3ª faixa considerando mesmo bairro espanhol: 62,7%* (188 de 300) *Média de 18,8 acertos de itens para o total de 30 possíveis para cada informante	Acertos apenas na 3ª faixa considerando bairro espanhol só antes: 68,9%* (62 de 90) *Média de 20,7 acertos de itens para o total de 30 possíveis para cada informante	Acertos apenas na 3ª faixa considerando bairro espanhol só agora: 58,3%* (35 de 60) *Média de 17,5 acertos de itens para o total de 30 possíveis para cada informante	Acertos apenas na 1ª faixa considerando bairro jamais espanhol: 55%* (33 de 60) *Média de 11 acertos de itens para o total de 30 possíveis para cada informante
Obs: Oscilação de 18,7 , acertos quando no geral para 18,8 acertos (aumento de 0,53% quando considera a vivência em bairros espanhóis integralmente e bastante variação em função do número de informantes quando consideramos os outros casos, nenhum informante para bairros só antes ou bairro só agora, e 2 informantes se for o caso de não ter havido moradia em bairro/região ligada aos espanhóis).					

Considerando os dados acima, podemos verificar, resumidamente, o seguinte:

- houve maior índice de acertos e fluência entre os mais velhos e menor entre os

mais jovens, independentemente do quesito origem/moradia;

- no caso dos indivíduos que tiveram relação com bairros “espanhóis” tanto na infância como na contemporaneidade, vê-se que, entre os mais jovens, o fato de ter tal ligação incidiu no sentido de aumentar um pouco a possibilidade de reconhecer a língua a ponto de haver uma leve oscilação da média de 9,7 para 11,5 acertos como média e menos ainda no caso da faixa intermediária (cuja média oscila de 15,5 acertos para 17,1) e na terceira faixa, praticamente igual (oscila de 18,7 para 18,8 acertos de média);

-no que diz respeito ao fato de só ter havido vivência em bairros “espanhóis” na infância, em relação aos mais jovens e na faixa intermediária, a média de acertos oscila para baixo, repercutindo um pouco na diminuição de acertos o indivíduo só ter vivido em bairro espanhol na infância. No caso dos mais velhos, a média aumenta quebrando a expectativa o fato de só se ter vivido na juventude em bairro espanhol, lembrando-se, porém, que são apenas 3 informantes dos 17;

- já em relação ao fato de o indivíduo ter tido contato com bairros “espanhóis” apenas na contemporaneidade, o que seria já mais difícil por conta do maior desgaste da língua, ainda em relação aos mais jovens, não dá para concluir muita coisa, considerando a ausência de informante tampouco nas outras faixas já que houve redução marcante do número de pessoas registradas;

- por fim, no que concerne ao fato de o indivíduo não ter tido experiência alguma com bairros “espanhóis” mais marcante ao longo da vida, da mesma forma que no item anterior, também seria difícil avaliar já que houve registro de apenas 1 ou dois informantes e não seria possível intuir uma eventual interferência a ponto de auxiliar ou não em reconhecimento de itens linguísticos em questionário de tal natureza.

4.4. Iniciativas dos participantes para manutenção da língua espanhola

Esta seção se restringe a uma das questões realizadas nas entrevistas, isto é, a pergunta aos participantes como, no momento atual, a língua espanhola se encontrava e se eles acreditavam, por ações suas ou de seus parentes mais jovens, que aquela língua, enquanto idioma e cultura, poderia se manter em sua família ou, mesmo, na comunidade da qual fazem parte. Consideremos os relatos seguintes.

<i>F.: Então, com eles, a língua e a cultura vai se manter, né? A senhora tem...?</i> <i>C.N.: Vai... Isso ... Eu vou morrer tranquila porque eu fiz a minha parte (...)Os meus filhos vão continuar... E das minhas irmãs, não muito... Quando a minha irmã... A segunda irmã, porque a mais velha faleceu... Os filhos falam espanhol, mas é</i>

portunhol...

(C.N., Filha, 81 anos, linhas 23-29, página 122, vol.2)

No caso acima, relatado por uma das descendentes da terceira faixa, vê-se a preocupação de manter a língua junto a seus descendentes, mesmo que estes apenas falem “portunhol” e até podendo transmitir o aprendido nas futuras gerações.

Contudo, nas gerações intermediárias e mais jovens, esta transmissão linguística e cultural não será frequente e dependerá de fatores outros, isto é, não a partir da ligação ou convivência direta com a cultura espanhola, mas em virtude de interesses de ordem econômica, a exemplo da busca de se obter a nacionalidade espanhola ou ter maior chance de se empregar em empresa espanhola.

F.: (...) Isso vai se manter com ela (filha de Ce.) de alguma forma? Ou você acha que não?

Ce.: Eu acho que não. (...) Tentei passar alguma coisa, mas não pegou/eu acho que não caiu no gosto (...) Muito pouco. (...) É, na minha faixa etária, um pouco, indo mais pros filhos de meus primos, pouco/quase nada.

(Ce., Neto, 57 anos, linhas 35-39; 43-47, página 60, vol. 2)

Na fala de Ce, que está na segunda faixa etária com cerca de 60 anos, expressa-se a dificuldade de se manter traços da cultura espanhola na geração posterior, como sua filha ou primos mais jovens; isto deveu-se possivelmente pela falta de vivência, de interesse ou mediação mais próxima dessa língua e cultura nas faixas intermediárias.

F.: Mas mesmo nesse contexto de intimidade, você acha que ainda tá vivo?

Cr.: Sim, eu acredito que sim. (...)Depende do/dos (...) da geração, né, da geração querer continuar com a/com a cultura. Porque se a pessoa não/ não gosta, não tá nem aí, ela não vai atrás, ela não vai continuar aquilo lá, entendeu? (...) o meu menino eu quero que ele (es)teja fluente, quero pagar intercâmbio pra ele/prá ele aperfeiçoar a língua espanhola fora quando ele tiver uma idade.

(Cr., Neto, 36 anos, linhas 17-23; 39-40, página 122, vol.2)

O relato do neto de espanhóis acima, Cr., demonstra não ser comum a manutenção da cultura espanhola e, se esta ocorre, seria em virtude do interesse e esforço daquele que é descendente, tal como ele que, de algum modo, buscará fazer com o seu filho, no sentido de estimulá-lo para realizar intercâmbio escolar em países de língua espanhola, quando a idade fosse conveniente.

F.: (...) Os traços da cultura espanhola fortes como antes, no caso da família da senhora, a senhora acha que isso ainda consegue se manter por algum tempo depois dos filhos da senhora...? A senhora tem neto?

*D.: Tenho. (...) Às vezes, eu falo as coisas pra eles em espanhol e eles falam “Que que é isso?”. Ai eu falo, eles falam “Ah”. Falam assim: “Me mato de falar à toa”. (...) Eles gostam da Espanha, da gente/da natureza do espanhol, mas num...falar mesmo eles não... Os costumes eles ainda...
(D., Filha, 79 anos, linhas 6-17, página 155, vol.2)*

Na fala de D., por sua vez, vemos a impressão de que há dificuldade de a geração seguinte em se interessar por uma maior aproximação com a língua e história, em geral se restringindo a, quando muito, revelar curiosidade ou achar interessante a Espanha, mas sem falar a língua, ou chegando a apresentar dificuldade de entender a própria mãe, Dona D., quando esta falava em espanhol.

Para finalizar este aspecto citado da falta de estímulo por parte de alguns descendentes mais jovens em conhecer a própria história ou aprender espanhol, reportemo-nos, neste momento, à fala do descendente de espanhóis, R. Comitre que, em 2009, publicou um livro sobre a história de sua família e para quem muito do que desapareceu na manutenção da vivacidade da cultura espanhola tem a ver com os próprios espanhóis durante o tempo, o que dificultou, por sua vez, o acesso à história e detalhes respectivos nas novas gerações. É o que nos conta nos trechos, a seguir:

“Infelizmente aqueles que detinham grande parte de nossa história já não se encontram entre nós. Infelizmente aqueles que sabiam da história, talvez não tivessem vontade de contá-la! Infelizmente aqueles que tiveram vontade de contá-la, não encontraram aqueles que pudessem ouvi-los! Infelizmente aqueles que ouviram, não tiveram como disseminar a informação!” (In: COMITRE, 2009, p.4)

4.5. Questões etnográficas: visitas, diálogos, encontros, viagens

Mais especificamente, em relação a observações etnográficas fizemos uma coletânea de situações que incluíram registros das falas nas próprias entrevistas como participação de eventos na comunidade, além de alguns encontros avulsos com famílias de determinados informantes.

A este respeito, salientamos que a maioria das pessoas com que tivemos contato ou observamos, além dos informantes que contribuíram nas entrevistas, era de segunda e terceira faixa etária (acima de 50 anos) e de primeira (filhos/as) ou segunda geração (netos/as) e tal fato se deu até por ter sido mais comum quaisquer iniciativas de resgate linguístico-cultural em vários eventos e circunstâncias dentre pessoas mais velhas, grande parte aposentada, portanto,

mais disponível/disposta para encontros e atividades, vinculadas ou não a iniciativas culturais, por exemplo, propostas pela Casa de España na comunidade.

4.5.1 Eventos ligados à igreja e à Casa de España

Inicialmente, destacamos dois entes de congregação da colônia de hispano-descendentes em Sorocaba, que são a Igreja Bom Jesus e a Casa de España, na Vila Hortência, bairro, digamos, central dentre os ditos bairros espanhóis em Sorocaba. Ambos os locais, em momentos diferentes ou concomitantes, têm desempenhado papel importante em termos de resgate, marcado por espontaneidade ou mediante iniciativas controladas, da hispanidade naquela cidade.

Acerca da Casa de España, órgão para o qual fomos convidados a fazer parte na condição de Diretor Executivo, de modo voluntário, em que pese nós não sermos descendente de espanhóis. Obviamente aceitamos e pudemos atuar durante cerca de um ano e meio contribuindo de diversas formas e assim o fizemos em virtude tanto de nosso interesse em contribuir para a comunidade de algum modo, como porque seria uma forma de conhecer pessoas, realizar registros e acessar informações importantes ao nosso trabalho. Assim, vejamos curtos registros jornalísticos acerca do surgimento deste órgão.

No jornal do bairro intitulado “Eldorado”, em publicação de 11 de abril de 2008¹³⁴, fala-se que, no mês seguinte, maio, seria inaugurada a Casa de España Dom Felipe II e que seria um momento importante de “agitação” na comunidade espanhola e de início de “resgate” da cultura espanhola. Em outro jornal, também do bairro, o Correio do Além Ponte¹³⁵, cuja editora era Juliana Alonço, em setembro do mesmo ano de 2008, faz-se referência à atuação do *Consejo de Residentes Españoles* em Sorocaba, que se localizava na Avenida Nogueira Padilha, 2090, Além Ponte, e que a Casa de España, após reforma inicial para funcionamento, receberia contribuições da 1ª Reunião do referido Conselho de Residentes Espanhóis.

Para finalizar a referência à atuação deste órgão em seus primeiros anos de funcionamento, citamos forte atuação nos anos de 2012 e 2013 verificável, por exemplo, em publicações de cartazes, folders e convite para eventos de diferentes naturezas, como gastronômica, formativa, cultural, etc. Em 2012, por exemplo, já havia propositura de Cursos de Gastronomia Espanhola sob coordenação de Maria Sylvia Gurgel ou, ainda, a realização do

¹³⁴ Vide edição I de 17 de abril de 2008 do jornal Eldorado.

¹³⁵ Vide edição X de 16 de setembro de 2008 do jornal Correio do Além Ponte.

I Encontro da Cultura Hispânica *Fatec Sorocaba*, em 25 de outubro de 2012 com palestras tematizando questões profissionais relativas à cultura espanhola, intercâmbio, competências do profissional do século XXI, conforme se pode ver abaixo:

Imagem 64: Anúncio do 1º Encontro da Cultura Hispânica Fatec Sorocaba



Em 2013, por sua vez, podemos ver dois exemplos de atividades propostas ou com a colaboração da Casa de España: em setembro, proposta de evento gastronômico incluindo Menu de lanches e refeições espanhóis como *caldos de cebola*, *pinchos*, *montaditos*, *tapas*, *tortillas*, *patatas bravas*, *churros*, *crema catalana*, sob produção de *El Maestro Sierra*, de Jerez, Espanha; em outubro, por evocação à comemoração da Hispanidade, propunha-se o evento “Noite Espanhola”, porém, não o mesmo relacionado com a igreja do bairro, conforme veremos, a seguir. Em tal evento, foi prevista a presença da Orquestra Casino de Sevilla bem como do grupo de Flamenco “Sala Tablado Thalma Di Lelli” de que falaremos em breve. Além disso, o evento era dançante e oportunizava pratos da culinária espanhola como “Paella” e “Crema Catalana”.

Imagem 65: Cartaz de evento gastronômico proposto pela Casa de España em setembro 2013



Voltando à descrição do que vamos comentar em termos de eventos presenciados na comunidade hispano-sorocabana, podemos citar os seguintes: diálogos na praça do bairro da Vila Hortência onde costumam se encontrar descendentes mais velhos para jogar dominó; ou, ainda, participação de missas na Igreja Bom Jesus dos Aflitos organizadas pela Casa de España de Sorocaba, além de encontros extensivos com duas famílias de informantes, idas à feira local, caminhadas pelos bairros, onde se situa a maior parte da colônia espanhola, e participação de outras circunstâncias relativas à Casa de España ou conhecimentos abstraídos a partir dos relatos dos informantes.

Pensando, agora, nos eventos voltados para a colônia espanhola presenciados ou cuja existência foi passada entre as gerações, observemos alguns citados pelos informantes.

i. “Noche Española”

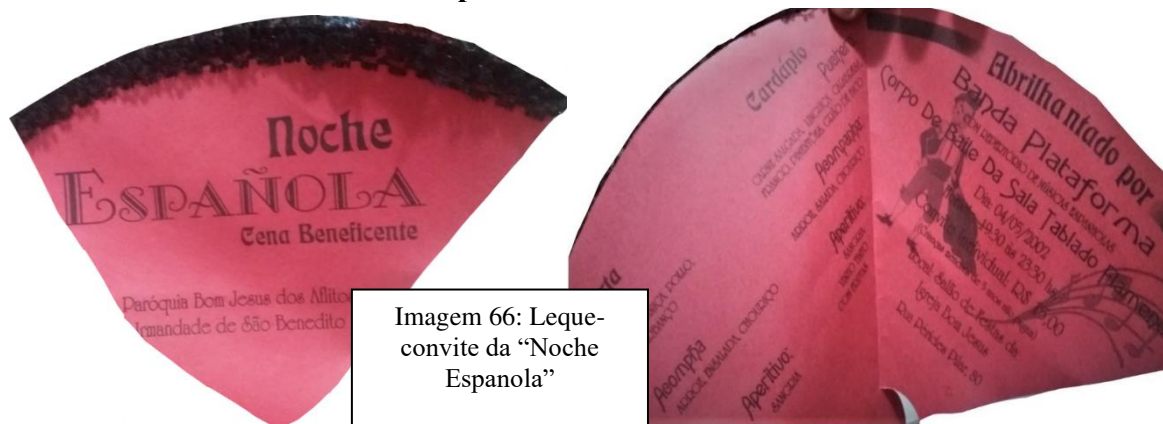


Imagem 66: Leque-convite da “Noche Española”

Um dos citados foi a “Noche Española”, evento que costumava acontecer do final dos anos 1990 ao começo dos anos 2000 na Igreja principal do Bairro da Vila Hortência, isto é, Paróquia Bom Jesus dos Aflitos a qual, por necessidade de realizar seus trabalhos beneficentes ou de construção/reforma na própria igreja, montava eventos com gastronomia espanhola e música ou dança com temática também espanhola. Vejamos, abaixo, um registro de um desses eventos acontecidos no dia 04 de maio de 2002, cujo cardápio incluía a típica comida andaluz, o “puchero” (carne salgada, linguiça calabresa, frango, pimentões e grão de bico), acompanhado de arroz, salada e chouriço, tendo como bebida a “sangría” (vinho tinto com frutas). Na parte musical, houve uma banda chamada Plataforma que cantava músicas espanholas com a participação do grupo de dança “Sala Tablado Flamenco”. Cabe dizer que esse convite era em forma de leque, como se pode ver, na imagem 66, cujo registro fotográfico foi gentilmente permitido por uma de nossas informantes. A seguir, vemos o registro da informante, que destaca o caráter religioso ligado ao evento (realização na Igreja Bom Jesus) e como ele aconteceu só durante algum tempo até deixar de acontecer.

F.: “A senhora participou de algum evento que homenageasse a cultura espanhola, aqui em Sorocaba? Seja pela Casa de España ou um pouco mais antigamente?”
D.: Não, eu fui, eu trabalhei muitas vezes na Noite Espanhola (...) No Bom Jesus. Era onde vinha “Casino de Sevilla... Era tão bom... (...) Tem bastante tempo. Porque, aí, depois foi perdendo, né? Os padre vão mudando, também, as coisas da igreja, né? Então, tinha aquelas noites espanholas, e vinha, fazia aquele baile de tablado”
(D., Filha, 79 anos, linha 47-59, página 152, vol. 2)

Acerca do mesmo evento, outro informante o situa no tempo sobretudo em oposição à Casa de España, órgão surgido apenas nos anos 2010.

R.B.: (...) Então, eu participei de alguns eventos na Casa de España...
F.: Antes da Casa de España, não?
R.B.: Antes da Casa de España, sim, com foco único e exclusivamente, assim, nuns clubes o Sorocaba, o Sorocaba Clube é... O Clube Recreativo ... é... faziam a Noite Espanhola, não é? Então, essas...
F.: De que época mais ou menos? Nos anos 80?
R.B.: Final de 70 e anos 80... porque, aí, eu to ... (...) Na minha adolescência, na minha fase jovem/de jovem... Eu to... Aí, sim, eu a presenciei ... (...)
F.: Mas isso, hoje em dia, não acontece muito, né? (...) A não ser pela Casa de España, né?
R.B.: É...
(R.B., Filho, 54 anos, linha 25-43, página 707, vol. 2)

ii. Missa “Espanhola”

Ainda em relação à Igreja Bom Jesus dos Aflitos, obtivemos a referência de que,

em cooperação com a Casa de España, havia missas em homenagem à Santa espanhola Virgen del Rocío, como uma que presenciamos, especificamente em outubro de 2018 e que incluía missal lido ou com referências em espanhol, mesmo que de maneira artificial. Observemos, logo mais, alguns registros de uma dessas missas onde se vê a preocupação em perfilar bandeira espanhola, exibir a santa e a preocupação de alguns se vestirem a caráter com trajes típicos de eventos folclóricos espanhóis, bem como registro de falantes acerca.



Imagem 67: Santa Virgem do Rocío



Imagem 68: Destaque para slide informando, em espanhol, o nome da igreja e a data litúrgica

*“Ad.: Todo ano tem, **tem missa aqui, uma missa específica da, da Casa de España...** (...)É bonita. (...) ela é no mês de agosto.”*

(Ad, Neto, 51 anos, linha 53-60, página 13, vol. 2)

F.: (...)A senhora já participou de algum evento, aqui, na cidade de Sorocaba em homenagem aos espanhóis? De que tipo foi? Religioso, cultural? (...)

*Iv.: Sim. É... Religioso, sempre é... **uma vez por ano, tem a missa dos espanhóis no/na Bom Jesus** e, também, já participei de vários almoços espanhol, tanto na Casa de España como na Bom Jesus.*

(Iv, Filha, 60 anos, linha 42-48, página 365, vol. 2)

*MM.: Eu acho que a maioria dos descendentes, aqui, daqui da cidade, eles/ eles são/ eles não têm muita memória com a Espanha. Tanto que a Casa de España, mesmo, sofre uma dificuldade grande de se manter... (...)Então, dentro da cidade, era difícil um evento voltado pra cultura espanhola, assim. Então, não... Eu me lembro mais daqui depois da instalação da casa que foi/que houve um resgate, assim, né? **Mas isso era uma missa ou coisa assim, num... Não lembro de nada...** (...)Eu acho que falta é... falta amor, assim...*

(M.M, Filha, 58 anos, linha 4-15, página 529, vol. 2)



Imagens 69 e 70: Entrada de pessoas evocando a cultura espanhola e, à direita, pose de outras pessoas com vestimentas a caráter.

iii. “Feria de Sevilla”

Outro evento, conforme veremos, a seguir, incluía uma dimensão mais artística. Tratamos de desfile de flamenco em evento típico cuja organização , feita pelo grupo de dança Sala Tablado Flamenco , resolveu nomeá-lo “Feria de Sevilla” e que, desde 2007, quase todos os anos, sobretudo no mês de outubro, com algumas exceções, vem desfilando, com trajes típicos, nas ruas principais do bairro da Vila Hortência a fim de evocar a espanholidade naquele bairro. Ademais, buscou-se, com esse evento, ser fiel a um outro de caráter semelhante na Espanha, de mesmo nome e que acontece desde 1846 na cidade de Sevilha, no sul da Espanha, durante a qual homens e mulheres, trajados com as roupas típicas daquela região, dançam *sevillanas*, se confraternizam e se encontram para cinco dias de festividades, e tal evento, podendo ou não, a depender do ano, ser acompanhado de venda em barracas de aperitivos e iguarias espanholas.



Imagens 71 a 73: Extraídas do facebook da coordenadora da escola de flamenco Sala Tablado Flamenco, Thalma Di Lelli, em destaque à direita, embaixo.



Como vimos acima, eis, agora, registros de alguns informantes reforçaram a existência da tal *Feria de Sevilla*, de algum modo já bastante conhecida por muitos na cidade, descendentes de espanhóis ou não.

“Ad.: (...) As dançarinas de flamenco fazendo, tocando castanhola.”
(Ad, Neto, 51 anos, linha 53-60, página 13, vol. 2)

F.: (...) O senhor mais jovem ou na fase atual, participou de algum evento homenageando os espanhóis? (...)
JE.: É, a comunidade espanhola tem muita coisa que eu participo, quando há jantares na Casa de España, que vão os espanhóis, tem a dança flamenco, essas coisas, né isso?”
(JE, Neto, 80 anos, linhas 59-60 e 1-3, páginas 404-405, vol. 2)

M.L.: Inclusive, de danças... Nós temos um cos/um costume de, todo ano, descer a avenida... Danças flamencas. Isso é muito forte, aqui. (...) Eu me lembro que, até hoje, é... tem costume de descer é... a avenida e nunca se perdeu isso, porque teve... teve ... a Casa de España, ela é antiga... Aquilo do bairro... Mas, antes da Casa da Espanha, já tinha professora... Tinham umas professoras que... alguns momentos... em alguns momentos, era uma, depois, era outra que ensinava a dança.”
(M.L., Filha, 59 anos, linhas 27-42, página 582, vol. 2)

iv. Almoços típicos: *Bacalao a la Reina e Puchero*

De modo complementar, trazemos registro fotográfico de evento na Casa de Espanha que oportunizou tanto pratos típicos andaluzes (*Bacalao a la Reina e Puchero*), preparado pelos próprios membros daquele órgão, como a apresentação de flamenco com representante do citado grupo “Sala Tablado Flamenco”.



Imagem 74: “Bacalao a la Reina”, preparado pela Casa de España e que é um dos pratos típicos espanhóis que inclui bacalhau e vários vegetais como grão de bico e ovo cozido.



Imagem 75: Dois representantes da Casa de España junto à refeição preparada por eles, no caso, o “puchero”, acompanhado de farofa e pão durante evento ocorrido em casa social em bairro no entorno da colônia espanhola.



Imagem 76: Momento de apresentação de dança flamenca, também, em evento organizado pela Casa de España, em 2018.

4.5.2 Observação cultural e linguística: visitas e diálogos

Enquanto um dos elementos mais significativos do panorama etnográfico, convivência com as comunidades investigadas e observações de ordem linguístico-cultural se deram de maneira limitada em parte em virtude da atual pandemia da Covid-19, contudo, antes dessa fase, até meados finais de 2019, fizemos algumas observações de locais de maior circulação de descendentes de espanhóis bem como visitas/encontros a/com algumas famílias. Neste sentido, passemos a considerar alguns frutos de nossas observações e vivências, seja de diálogos avulsos ou extras que realizamos com os informantes de nossa pesquisa, ou com representantes outros de suas famílias, além de contatos breves com pessoas na rua. De maneira extensiva, ainda citamos um momento inicial da pesquisa que foi quando participamos de um evento organizado pela Casa de España a fim de propor uma reunião entre descendentes de espanhóis para compartilharem suas memórias familiares em relação ao cuidado e preparação de pratos à base de carne de porco. Acrescentamos que, quando foi permitido mesmo que informalmente, gravamos parte desses encontros ou anotamos da forma que pudemos para contemplar em nossa pesquisa.

i. Participação em evento organizado pela Casa de España em junho de 2018


I Noite da Memória Espanhola
 Com Sérgio Coelho de Oliveira e César Ramon Del Río



Tema: "MUTIRÃO DO PORCO NA FAMÍLIA DEL RÍO"
23 de Junho - às 19h00
 Local: Espaço Cultural Casa de España Don Felipe II
ENTRADA GRATUITA
VAGAS LIMITADA - INSCRIÇÕES PRÉVIAS

Imagem 77: Registro do evento I Noite da Memória Espanhola

No evento acima, organizado pela Casa de España em junho de 2018, se propunha iniciar uma série de eventos semelhantes voltados para recordar experiências coletivas dos descendentes espanhóis. Nessa primeira versão, participamos como ouvinte registrando os diálogos realizados pelos poucos presentes que aí estiveram. Na ocasião, como se vê, o tema foi “Mutirão do porco na família Del Río”. Conforme solicitado informalmente junto aos organizadores do evento, pudemos gravar, a partir do celular, os diálogos realizados entre pessoas acima de 60 anos, em sua maioria, homens, incluindo filhos ou netos de espanhóis, e que versaram sobre suas experiências culinárias em torno do porco. Vendo a relevância da situação, buscamos registrar não só os relatos históricos como elementos de ordem linguística, tanto em português como em espanhol, a fim de perceber características que chamassem a atenção em nossa pesquisa, à época, ainda no início.

Houve, ao longo dos diálogos regidos pelo representante da família Del Río, uma preocupação em se detalhar a forma como se criava, se matava e se comia este animal que era uma das marcas registradas na pecuária e gastronomia espanhola, ou seja, o porco. Segundo o descrito, o padrão coletivo dos descendentes dos espanhóis, à época, era buscar se aproveitar tudo quanto fosse possível do porco e produzir tudo em um ambiente familiar como se se tratasse de uma espécie de ritual afetivo do qual todos deveriam participar.

Eventualmente, observamos que os presentes, ao se recordarem de suas experiências e diálogos familiares antigos, expressaram frases em espanhol como “Buen día,

deme un peazo (*pedazo*) de longaniza” (*Bom dia, me dê um pedaço de linguiça*), sentença proferida por uma senhora presente.

Ademais, falou-se que do mesmo porco seria útil sua gordura especificamente para a produção de sabão. Também, houve referência por parte de um dos senhores, neto de espanhol, sobre a produção do presunto típico daquele país, o chamado *jamón*, feito em processo artesanal a partir do evento conhecido como “Día de la matanza” em que se pegava a perna ou pernil dianteiro do porco (*patilla*) e se coloca na *cueva* (caverna), para que, de 18 a 20 *grados* (graus), houvesse a curtida e, em cerca de 1 ano ou mais, se transformasse no “verdadeiro *jamón*”, o que justificaria o alto preço cobrado pela iguaria.



Imagens 78 e 79: Registros fotográficos do evento feitos pelo autor; à esquerda, o senhor representante da família Del Río registrando as histórias de família sobre a preparação do porco, segundo costumes espanhóis e, à direita, registro de parte dos participantes que falavam e comentavam sobre o que ouviam.

Outra referência linguística espanhola, ligada à gastronomia, foi o doce *buñuelo*, às vezes, pronunciado “binhuélu” pelos presentes, que se tratava de um tipo de bolinho que podia ser salgado ou adocicado com mel e feito com massa de pão, ou seja, à base de farinha, água e fermento. Além do *buñuelo deste*, falou-se do “chorizo”, iguaria salgada feita com sangue e com aspecto semelhante à linguiça, só que de cor preta ou bastante escurecida; também, o *codeguim* (comida italiana) feita com couro de porco moído juntamente com sangue e, por fim, a *morcilla*, outro tipo de embutido a base de sangue de porco.

Outros registros linguísticos que presenciamos foram o verbo *colgar* (pendurar) na frase “*Colgaba o jamón num lugar arejado*”, pimentão *rojo* (vermelho), *vino* (vinho), *Vamos a emborrachar* (“Vamos nos embebedar”), *Salud, bébelo tú* (“Saúde, agora bebe tu [o vinho]”).

Neste evento, infelizmente raro na comunidade, pudemos presenciar, ainda que com poucas pessoas, uma espécie de senso de coletividade uma vez que houve a troca de experiências com base no mesmo tema e com uso, pela necessidade ou âmbito adequado, da língua espanhola sobretudo, tal como a circunstância exigia, partindo do âmbito da gastronomia, que, aliás, como vimos, é um dos campos semânticos mais presentes nas memórias linguísticas dos informantes que entrevistamos e que, de alguma forma, tem mais chance de se manter por mais gerações.

ii. Diálogo junto à família de M. Ro., em julho de 2018

Esta ocasião de diálogo com a família de M.Ro. se deu quando ainda formatávamos a elaboração do questionário linguístico e do roteiro de entrevista e, para tanto, em circunstância imediatamente posterior à aplicação da pesquisa-piloto, tivemos a oportunidade de dialogar, sem roteiro prévio, com parentes da família de M.R., homem, neto de espanhóis na faixa dos 50 anos, o qual, conhecido através do contato com a Casa de España, gentilmente nos convidou para encontrarmos com alguns de seus parentes em uma casa da região rural de Sorocaba. Nesta situação, dialogamos com um tio de M.Ro e a esposa daquele. Dentre outros relatos feitos pelo tio de M.Ro. e sua esposa, houve a citação de quanto eles prezavam, enquanto costume espanhol e sobretudo no passado, quando parentes mais velhos ainda estavam vivos, de fazer as reuniões em família no sítio, construção a qual existe desde a época das primeiras levadas de imigrantes até hoje.

Os tios de M.Ro. disseram, ademais, como havia uma certa movimentação, apesar de ser zona rural, de pessoas descendentes de espanhóis e pessoas outras da região cuja atividade econômica principal girava em torno do cultivo de cebola e laranja. Em termos de cultura e língua, falavam ainda que uma marca recorrente dentre os parentes mais velhos ou amigos dos parentes como o costume de fazer brincadeiras e trocadilhos ou trava-línguas em espanhol, seja para ensinar, seja para apenas para manter laços afetivos com a língua; é o caso de “el fiel de Santa Clara, cuando se va a la misa, uno ve, pisa y para, y cuando ve el otro para y pisa”¹³⁶, recitado pelos mais velhos e que deveria ser proferido o mais rápido possível seguindo a lógica de uma espécie de trava-línguas. Além disso, identificaram que, com a morte

¹³⁶ O fiel de Santa Clara, quando vai a missa, alguém vê, pisa e para, e quando vê o outro, para e pisa”.

dos mais velhos, naturalmente, houve enfraquecimento da expressão da língua e cultura espanhola. Relataram que outros costumes comuns antigamente eram o de jogar baralho ou de fazer réstias de cebola, isto é, uma espécie de tranças a partir dos ramos de cebola e que isto era feito muitas vezes como forma de competição para ver qual era a mais bonita. Segue, abaixo, um exemplo de uma réstia simples.



Imagem 80: Exemplo de réstia de cebolas, isto é, uma espécie de entrançado. Tratava-se de um costume no campo que permitia melhor armazenamento de cebola e que, eventualmente, se usava como forma de competição a fim de ver qual seria a mais bonita. Disponível em <<http://celia-ealice.blogspot.com.br/2012/08/receita-sopa-creme-de-cebola.html>> Acesso: 17 de setembro de 2020.

Houve referências espontâneas, ademais, a regiões de onde costumavam vir os espanhóis a exemplo de Murtas, Granada, Serón e outras da Andaluzia e cujas realidades de sequeidão, aridez e pobreza no início do século XX acabaram por contribuir para expulsar seus habitantes para outras regiões espanholas e a outros países, além de outros fatores colaterais como fome, miséria, guerra civil nos anos 1920 e o sonho de se conseguir o “Eldorado”, isto é, ganhar muito dinheiro na América, voltar a Europa e ajudar a família. Os tios de M.Ro. concluem que, em relação a Sorocaba, especificamente, ou outras cidades menores, que já abrigavam núcleos de imigrantes, incluindo espanhóis, a existência prévia de imigrantes serviu de motivação para a busca de moradia nestes lugares e tudo isso sendo melhor direcionado a partir de cartas de chamada que vinham dos espanhóis radicados naquela cidade.

Os entrevistados falaram, por conseguinte de questões correlatas que também desempenharam papel significativo na imigração e adequação do espanhol ao Brasil, ou seja, os movimentos anarquistas e revolucionários contra o governo da Espanha e que a fuga deste país por parte dos filiados àquelas ideologias muitas vezes era impedida assim que chegavam

ao país de destino, a exemplo do Brasil, o qual, durante certo período, restringia a entrada dos militantes, fazendo-os se deslocarem a outros países próximos como a Argentina, por exemplo.

Ouvimos a narração de que houve, também, comumente dificuldades econômicas no começo da história familiar no Brasil bem como pelo clima aqui ser mais quente do que o da Espanha.

Outros elementos retratados neste encontro com os parentes de M.Ro foram o fato de não haver forte preocupação em se manter as tradições ou de fomentar eventos para lembrar a cultura ou origem espanhola, e que o recorrente, na verdade, era aproveitar as festas brasileiras, a exemplo do São João, ou prestigiar eventos religiosos como quermesses que buscavam contribuir para a manutenção das igrejas ou dos trabalhos solidários; contudo, em tais quermesses, muitas vezes organizadas por descendentes de espanhóis, era comum haver elementos da culinária espanhola, a exemplo de iguarias disponibilizadas para venda.

Houve referência, também, a questões arquitetônicas; isto é, narrou-se que a construção das casas na região rural por parte dos espanhóis era comum ser feita com pedras e taipa de pilão em moldes semelhantes ao que os espanhóis mais pobres faziam em seu país antes de virem ao Brasil.

Um outro elemento interessante ainda narrado pela família tem a ver com o porquê de os espanhóis aparentemente não se exporem tanto como os outros imigrantes no Brasil. Neste sentido, houve uma comparação com os japoneses. Os informantes disseram que os espanhóis, muitas vezes, negam sua origem, já desde questões bem antigas e conflituosas como quando os judeus foram perseguidos na Idade Média.

Em relação aos japoneses, disseram que estes se permitem pagar mais caro para se associar a clubes ou quando há festa, diferentemente dos espanhóis, e isto apesar de os japoneses também terem fugido de fome e miséria, mas sem se retraírem tanto como os espanhóis fazem, talvez por não serem judeus ou perseguidos políticos. Já os espanhóis eram, em parte, perseguidos por questões políticas e até morriam na própria Espanha, caso não fugissem. Inclusive, teriam tido receio de represálias no próprio Brasil, em certas épocas, sintonizado com as ditaduras espanhola e italiana, o que teria feito com que algumas tradições mais típicas ficassem restritas a eventos religiosos ou ao círculo familiar mais íntimo. Daí veio outra conclusão complementar em relação aos espanhóis, a de que acabam por ignorar seus costumes ou deixarem se perder em virtude de conflitos entre os próprios imigrantes já desde a Espanha ou em virtude de sua personalidade arredia; tanto é assim que M.Ro., que participou

do encontro ora narrado, dizer uma frase final nessa descrição sobre a “invisibilidade espanhola”, em tom de deboche ou autocrítica, isto é, “Lidar com essa raça não é fácil”.

No que diz respeito a usos linguísticos sobre os quais tínhamos curiosidade, os participantes desse encontro falaram sobre alguns casos de pedidos ou exortações comuns na família, a exemplo de “Anda, ¿qué estás haciendo?” (*Ei, que você está fazendo?*), usada pela avó da família para repreender ou, ainda, “Mira, leche frita” (*Eita!*, literalmente, *Olha, leite frito*), quando se tinha raiva de algo ou se demonstrava chateação. Outro caso linguístico narrado foi sobre uma circunstância específica relativa à situação de pobreza inicial dos imigrantes, ou seja, como era mal visto pelos mais velhos a falta de interesse na comida, o que, quando acontecia de as crianças não quererem comer ou demorarem, haver expressões, já misturadas as línguas, como “No quieren más? Si no quieren, yo lo como o lo ‘jogamos’ ” (*Não querem mais? Se não quiserem, eu como isso ou vamos jogar fora*).

Ainda em relação a essa questão linguística, os falantes citaram que o espanhol falado era “todo atrapalhado” e que os que falavam espanhol, pelo tom aparentemente inerente à própria língua ou identidade dos espanhóis, pareciam estar brigando, quando, na verdade, não era isso.

Também, ilustramos que a presente família demonstra preocupação com a sua origem e, ainda hoje, chega a se emocionar diante de algumas expressões culturais espanholas observadas nos canais por assinatura da televisão, a exemplo da dança flamenca e o como isso lhes reforça alguma identificação espanhola ou vontade de conhecer aquele país, algo não possível para eles, até então.

Seguindo nossas observações, quando não chegávamos a dialogar diretamente com a família, vimos que eles ainda acham ser possível a sobrevivência da pouca cultura espanhola que expressam, mesmo que de maneira indireta, não em família, mas em virtude de outros eventos, atividades e referências existentes nos ditos bairros espanhóis, como as feiras livres, nomes de ruas, ou mesmo nos traços físicos que fazem com que muitos descendentes sejam reconhecidos como tais e ouçam frases como “Olha, ele é espanhol” e até brincadeiras eventuais como “Ele é espanhol, eu também sou, pronto, já vai começar a revolução. Juntou três espanhóis, já é revolução”; neste caso, um conjunto de orações em tom de sátira acerca do ambiente de conflito e tensão vivido pelos antepassados espanhóis na própria Espanha.

Por fim, em termos de uso da língua espanhola, ainda tivemos contato com expressões em outros momentos por parte da família de M.Ro. incluindo misturas linguísticas

tais como “mira, que está me enchendo los huevos” (*Olha, que está me enchendo a paciência/o saco*) ou “ah, va a los huevos” (*Ah, vai encher a paciência de outro*) quando se está ficando irritado com alguém que tira a paciência, e, ainda, “yo tengo dó” ou “está passando por una dolor”, ao se tratar de situações de lamúria vivenciadas por outrem, ou “A la mierda”, dita comumente pelo homem mais velho da família, espanhol, ao já não aguentar uma dada situação incômoda.

Observemos, agora, alguns registros fotográficos de objetos originalmente espanhóis expostos pela família de M.Ro:



Imagens 81 a 83: Objetos presentes na família: à esquerda, castanholas de madeira, instrumento utilizado na dança flamenco, por exemplo; ao centro, uma pá grande (*la pala*) usada para cozinhar comida em grande quantidade, e, à direita, instrumentos de passar roupa mediante uso de brasa na parte de baixo e que, de tão rústico, queimava, não raro, as roupas. (Fotos do autor)



Imagem 84: Registro feito pelo próprio autor de uma das casas mais antigas da região onde moraram familiares mais velhos de M.Ro. e que foi construída pelos primeiros espanhóis na região. Como se pode ver, trata-se de uma casa simples feita de taipa e pilão.

iii. Diálogo na rua, em uma praça onde costumam descendentes de espanhóis mais velhos se encontrar para conversar e jogar dominó, em setembro de 2018

Esta observação que ora descrevemos trata-se de quando, ao caminhar pela rua em um domingo de setembro de 2018, vindo já da citada Feira de Santa Maria na Vila Hortência,

e procurando saber informações acerca de espanhóis na região, acabamos por saber que havia uma praça ali próxima aonde costumam ir aposentados descendentes de espanhóis, em sua maioria, para falar sobre a vida, jogar dominó, a passar o tempo.

Neste sentido, ao sabermos de qual praça se tratava, vimos algumas pessoas conversando, nos aproximamos e buscamos estabelecer um diálogo inicial com os ali presentes de modo a saber se os mesmos conheciam descendentes de espanhóis na região ou, ainda, se conheciam frases em língua espanhola ou elementos da presença desta cultura na região. Sendo assim, um dos presentes falou que não sabia nada de espanhol por não ser descendente, mas que o senhor a seu lado, Seu Poveda, poderia falar algo já que era filho de espanhóis. Sendo assim, já munidos de papel e caneta e podendo sentar anotamos algumas coisas sobre as quais me falou o senhor Poveda que tinha 84 anos de idade.

O senhor Poveda falou que conhecia o escritor e jornalista Sérgio Coelho, autor do livro “Os espanhóis” sobre o qual já tratamos. E, além dele, os outros já sabendo do meu interesse de pesquisa, se referiam a uma senhora que ora passava perto, isto é, a Dona CN., e que era descendente de espanhóis; trata-se de uma das pessoas com quem entramos em contato posteriormente e acabou por se tornar uma de nossas informantes; diziam eles, ao vê-la: “Essa aí é espanhola, mesmo, é professora, ensina tudo, é só bater palma e ela vem”.

Em seguida, falamos sobre o fato de estarmos vindo da Feira de Santa Maria, naquele mesmo domingo, e que ali era comum achar espanhol naquela praça em que nos encontrávamos todos. O senhor Poveda disse que nascera na Rua Teresa Lopes, próxima dali e que não sabia bem espanhol, diferentemente dos pais. O fato é que ele não tinha acompanhado bem esse processo e que o espanhol com o qual ele teve contato tinha se perdido com o tempo, assim como acontecia com outras pessoas que, mesmo filhas, não falam quase nada e que os que realmente conheciam o idioma já tinham morrido em sua maioria. Enfatizou, ademais, que havia bastante coisa em espanhol que ele não entendia. Ao saber disso, já contando com a lista de palavras que alguns descendentes nos tinham informado e que comporiam a versão prévia do questionário linguístico que elaboramos para as entrevistas, perguntamos ao senhor Poveda sobre algumas dessas palavras ao que dizia ter ouvido, mas que não sabia usar bem, e que conhecia pouco do significado.

Uma das palavras que lembrou, espontaneamente, contudo, foi “perro” (cachorro) ou “chalao” entendendo esta como sendo uma pessoa “tonta, atrasadona, xarope” e, ainda, “testarudo”, qualificando como pessoa teimosa, “engurruñío”, como pessoa “meio doente,

magra” que “tá mala” e, por fim, que lembrava de usos outros como palavrões a exemplo de “Me cago en la hostia”, “Me cago en la madre” e “La madre que te parió”, mas que tais lembranças eram de pessoas mais velhas que falavam e ele, por estar perto, acabava ouvindo e associando, mas não chegando a usar de fato. Narrou, ademais, que sua família teria vindo de Murcia ou de Granada, em 1910, ambas regiões do Sul da Espanha, sendo a grande causa da vinda o fato de a Espanha estar passando por problemas sérios, bem como a vida inicial na família ter sido na zona rural de Sorocaba e que, no final das contas, a vida no Brasil para sua família acabou sendo bem melhor do que na Espanha e cuja trajetória inicial em Sorocaba se deu mediante a indicação de pessoas que os receberiam naquela cidade.



Imagem 85: Registro obtido pelo site “google.com.br/maps” com destaque para a pracinha e seu coreto onde costumam se reunir alguns descendentes de espanhóis, localizada em trecho da rua principal do bairro espanhol, Vila Hortência, Zona Leste de Sorocaba.

iv. Diálogo junto à família Benitez na zona rural de Sorocaba, em julho de 2019



Imagem 86: Registro feito pelo autor do encontro com a família Benitez, na casa de uma das tias de Iv. na região de Brigadeiro Tobias, zona rural de Sorocaba.

Em julho de 2019, a partir de uma de nossas informantes, obtivemos a oportunidade de dialogar com outras integrantes de sua família na área rural de Sorocaba para observar questões semelhantes ou outras que foram enfocadas na entrevista cedida por Iv., que é filha de espanhóis.

Em tal ocasião, também registrada em áudio segundo autorização da família, observamos alguns traços identificados por vários informantes nas entrevistas e que seriam típicos de espanhóis, como o fato de todos falarem ao mesmo tempo e, curiosamente, se entenderem, motivo que, ao ser citado por nós na situação, foi confirmado pelas presentes e gerou motivo de risos.

O encontro foi alegre e repleto de histórias compartilhadas e revisitadas pelos entes familiares. Além disto, segundo nossa curiosidade e perguntas semelhantes às feitas nas entrevistas, as presentes falaram em espanhol seja para dirigir-se a mim com expressões como “¿No quiere sentarse?” ou para registrar palavras que recordavam espontaneamente, sobretudo ligadas à alimentação e culinária: *leche frita*, *morcilla*, *puchero*, *garbanzo* ou *chorizo*, por exemplo. No diálogo que estabelecemos, algo que nos chamou a atenção foi o que um das senhoras citou acerca de sua neta de 3 anos; segundo a avó a criança, por vezes, esta se dirige ao avô dizendo “Você é um chalao”, reproduzindo, pois, uma brincadeira ou crítica feita pelos adultos e, talvez, um indício de que há chances de manutenção da língua e cultura nas novas gerações, ao menos nesta família.

Além do bate-papo mais geral sobre a família, propusemos perguntas mais específicas semelhantes às do questionário linguístico aplicado aos nossos informantes. Sendo assim, diante de palavras como *espabilado* (esperto, comunicativo), obtivemos respostas não só de que se conhecia tal palavra como citação de frase em que ela estava presente, tal como “Este tío están tan espabilá que está por explodir. Foi parar até en la médica de la cabeza”, em uma típica mistura de códigos, conforme pudemos verificar.

Também neste contexto parece-nos um caso de herança linguística compartilhada haja vista o reconhecimento coletivo da maior parte as palavras e a capacidade de criar/lembrar de frases utilizadas por parentes mais velhos e ainda reproduzidas, refeitas na contemporaneidade com base em situações reais de uso, claro, havendo, para tanto, mistura de palavras com o português, o que é provável por duas razões: ou a base linguística já foi de mistura linguística ou a pessoa que enunciou tentou criar uma frase a partir do que conseguir resgatar de sua vivência linguística.

Houve, ademais, o reconhecimento de palavras mais como *gachón* (mimado), *resuelta* (imponente, brava), *chalo* (bobo), *torpe* (distraindo, bobo), *guampudo* (levou chifre), *mala pipa* (mal humor), *lástima de gallina* (pessoa que *não valeu a pena* ter nascido tal como a pena/lástima que se tem diante de uma canja de galinha que não foi suficiente para a parturiente quando dá a luz), *testarudo* (teimoso), *aburrido* (bravo), *cabrón* (mulherengo), *engurruñado* (encruado, encolhido), *llevar paliza* (levar surra) e *estropeado* (machucado) e a citação decorrente da seguinte estrutura, também marcada por mistura de códigos: “Mira el tombo que yo llevé, que fiquei todo estropeao”. Espontaneamente, diante da mesma criança de 3 anos que se aproxima com ar choroso e tímido, uma das senhoras afirma: - Hoje, ela tá *gachona* (manhosa).

Não sabemos informar se tais manifestações da língua espanhola foram ditas porque estávamos ali presente e estávamos de algum modo evocando a história familiar e o uso da língua, ou se realmente era algo natural, propriamente. Contudo, natural ou não, ao menos percebemos que existe o conhecimento compartilhado da língua e, de algum modo, pelo que aparenta, essa história familiar e usos linguísticos são facilmente evocados quando em circunstâncias de encontro entre as pessoas mais velhas da família.

Por fim, compete-nos citar que, nesse agradável e divertido encontro familiar, houve referências a frases de conteúdo religioso e que, segundo a família, seriam comuns nas gerações mais velhas; é o caso da pequena prece “Con Dios me acuesto, con Dios me levanto, con la Virgen María y el Espíritu Santo”¹³⁷ ou “Verónica santa divina, madre divina de San Agustín, ahora le entrego mi alma que yo me voy a dormir”¹³⁸. Houve, também, a citação de uma brincadeira linguística comum diante de crianças com intuito de ajudá-las a encarar a dor de algum machucado: “Sana, sana, culo de rana, si no sana hoy, sana mañana”.¹³⁹

4.6. Perfis dos espanhóis: alguns caracteres discursivos sobre representações

Antes de discutirmos os perfis de espanhóis em um viés etnográfico e de representação discursiva, façamos um apanhado em parte já apresentado ao longo da tese acerca dos elementos mais recorrentes apontados pelos informantes em termos de costumes, elementos

¹³⁷ “Com Deus eu durmo, com Deus eu acordo, com a Virgem Maria e o Espírito Santo”. (Tradução nossa)

¹³⁸ “Verônica santa divina, mãe divina de Santo Agostinho, agora entrego minha ama que eu vou dormir”. (Tradução nossa).

¹³⁹ “Sara, sara, bumbum de rã, se não sara hoje, sara amanhã”. (Tradução nossa).

culturais mais específicos, moralidade, política, gastronomia e descrição do típico espanhol.

Em relação aos costumes, fizemos uma distinção entre aqueles do ambiente doméstico e os que estão fora do círculo mais próximo. No ambiente mais íntimo, os informantes afirmaram que havia, eventualmente, tanto em sua infância como ainda hoje, pequenas reuniões em família ou com vizinhos próximos, mediante visitas ou comemorações nos domingos ou feriados principais tais como da Páscoa, da Semana Santa, do dia de Finados, do Natal e do Ano Novo, podendo, em todas essas circunstâncias, haver uso da língua espanhola ou esta já estando misturada com o português. Nesses eventos, era comum, segundo os relatos, preparar-se bastante comida (carne de porco, chouriço, bacalhau, uso de castanha além de comidas mais ou menos elaboradas como *puchero*, *gachas* e *migas*) e, eventualmente, danças ou somente música tanto brasileiras como espanholas, acompanhadas do uso de castanhola, baile flamenco e *sevillana*, acordeão e/ou sapateado, com ou não a presença de fogueiras, se à noite.

Já pensando nos ambientes fora do círculo mais íntimo, os informantes disseram participar ou ouvir falar de eventos como mostra de dança na “Academia de dança flamenca”, ou de atividades em órgãos político-culturais voltados para os espanhóis a exemplo da “Casa Cervantes”, até meados dos anos 1950, do Cine Eldorado e Teatro Alhambra onde havia exibição de filmes em espanhol, sobretudo mexicanos, ou outras atividades realizadas no que hoje é o zoológico ou, ainda, a comemoração do carnaval em clubes ou bailes. Foram citados, por fim, eventos na “Escuela de Flamenco Pepita Triana”, como a “Romaria española”, e a Tourada na Vila Hortência até os anos 70 e, mais atualmente, atividades organizadas pela Casa de España, que têm incluído almoços, cursos, bem como ou desfiles e bailes na rua da mesma Vila Hortência de mulheres vestidas a caráter evocando o baile flamenco, ou as ocasiões da “Noche española” feitas nos anos 80 e 90, com música e dança propiciadas por bandas como “Casino de Sevilla” e, geralmente, na Igreja do Bairro, Bom Jesus dos Aflitos, todos sobre os quais falamos no tópico 4.5.1.

Outros elementos sobre os quais encontramos referência têm a ver com a religiosidade e a moralidade das famílias espanholas e que incluíam um forte apelo católico, contudo, não sendo totalmente difundido haja vista que uma parcela da colônia tinha a tendência de criticar a igreja por questões históricas, como em relação ao cenário de opressão e de crueldade perpetrada pela Santa Inquisição da Igreja Católica. Além disso, citou-se o fato de que comumente as mulheres mais velhas usam vestido preto longo, em geral, como forma de

mostrar luto ou integridade, além de cabelo com coque. Também, falou-se da educação costumeiramente ser rígida, matriarcal e coletiva, característica esta última relativa à possibilidade de que uma mulher poderia castigar filhos de vizinhas ou amigas, se necessário, mediante um compromisso solidário.

Em termos políticos, boa parte dos falantes citou como recorrente a questão de perseguição e incursão de anarquistas espanhóis na região de Sorocaba, além do confronto eventual entre os seguidores do ditador espanhol General Francisco Franco e os opositores ao regime; também, a recorrência de muitos espanhóis apresentarem uma relação de repulsa ao próprio país em virtude do que lá sofreram em termos de subsistência ou de opressão política.

Outro dado relevante teve a ver com a gastronomia espanhola bastante referida pela maioria dos descendentes seja no campo do vivido na infância como ainda presente na contemporaneidade. Dentre os alimentos e refeições citados, encontramos bacalhau (nomeado, também *bacalao*), “*biñuelo/buñuelo*” (aperitivo doce), *cazuela* (tipo de cozido), *chorizo* de porco, *churro*, *escabeche* (preparado com peixe), *gambas al ajillo* (tipo de fruto do mar cozido com alho), *garbanzo* (grão de bico cozido), *gazpacho* (sopa fria de tomates), *habichuela* (tipo de cozido de feijão), *jamón* (presunto), *judía blanca* (feijão branco), *lenteja* (lentilha), *longaniza asada* (linguiça), *mantecao* (tipo de doce leve), *miga* (tipo de preparado com pão seco temperado), *morcilla* (tipo de embutido com sangue), *paella* (preparado de arroz com frutos do mar ou adaptado com carne de frango), *pestiño* (aperitivo doce), *gacha* (polenta com leite), *pollo* (frango), porco com abóbora, *potaje* (espécie de sopa ou mingau), *puchero* (cozido de grão de bico e carnes), *sangría* (bebida alcóolica ou refrigerante com frutas), *tortillas* (pão à base de ovo e batatas). Dentre esses vários alimentos, destacaram-se três em termos de frequência que foram o *puchero*, as *gachas* e as *migas*, comidas assumidamente mais ligadas à pobreza dos imigrantes por serem fáceis de fazer e com ingredientes ou produtos mais baratos, cuja descrição geolinguística é feita mediante o ALEA (Atlas Lingüístico-Etnográfico de Andalucía) foi feita no tópico 4.2.5. do presente capítulo.

Elemento cultural, ademais, ao qual queríamos chamar a atenção, neste momento, de maneira panorâmica antes de comentar mais detalhadamente, em seguida, tem a ver com as perguntas que fizemos acerca de traços tipicamente espanhóis presenciados no passado ou ainda comuns nos descendentes das várias gerações. Listamos uma série deles segundo o número de informantes que registraram suas impressões. Vejamos, a seguir:

- 1) *Espanhol como de personalidade forte/ enérgica/ difícil/ brava/ bruta/ grosseira/ conflituosa/com pavio curto/imperativa/estourada/explosiva* **(citações feitas por 15 informantes dos 40)**
- 2) *Espanhol como obstinado/ teimoso(turrón)/ batalhador/lutador, obcecado/ trabalhador* **(citações feitas por 11 informantes)**
- 3) *Espanhol como pão-duro/mão de vaca/econômico/ mesquinho/ que só gasta o necessário/ acumulador/orgulhoso* **(citações feitas por 9 informantes)**
- 4) *Espanhol como organizado/sistemático* **(citações feitas por 5 informantes)**
- 5) *Espanhol como barulhento/falastrão/expansivo/intrometido/fala rápido* **(citações feitas por 5 informantes)**
- 6) *Espanhol como solidário na coletividade mútua* **(citação feita por 3 informantes)**
- 7) *Espanhol como pessoa simples* **(citação feita por 2 informantes)**
- 8) *Espanhol como o que rejeita padre/herexe* **(citação feita por 2 informantes)**
- 9) *Espanhol como apaixonado pela vida* **(citação feita por 1 informante)**
- 10) *Espanhol como machista* **(citação feita por 1 informante).**

De pronto, chamam-nos a atenção os traços de pessoa *brava*, *teimosa* e *avarenta* como os traços mais recorrentes dentre os espanhóis e que, talvez, dialoguem bastante com a necessidade histórica daquele povo de ora conquistar, ora manter/recuperar seu território, de buscar sua sobrevivência e fugir da opressão e, em face dos problemas econômicos e incertezas do futuro, buscar em guardar e manter ao máximo suas posses, objetos e alimentos. Diante de tantos elementos descritivos da personalidade espanhola, façamos agora alguns comentários de ordem discursiva que julgamos relevantes para entender questões relativas à expressão-manutenção-perda-resgate da cultura e língua espanhola dos imigrantes e seus descendentes na cidade de Sorocaba, pautando-nos em elementos teóricos baseados na Análise do Discurso de linha francesa e a partir dos quais faremos comentários de recortes de relatos de informantes que entrevistamos.

4.6.1 Imaginários sobre o típico espanhol

Neste momento, observaremos duas dimensões de análise e subdivididas em tópicos, quais sejam: I) **Definições sobre o típico espanhol** e II) **Imagens sobre a língua espanhola**.

Iniciemos, agora, com algumas definições do típico espanhol nas respostas sobre o que os informantes viam como tipicamente espanhol em sua história familiar bem como se eles se sentiam espanhóis de alguma forma. Algumas das respostas ou visões mais recorrentes dentre as quarenta pessoas que entrevistamos foram as seguintes: o *espanhol* como *avarento ou acumulador*, o *espanhol* como *bravo*, o *espanhol* como *orgulhoso* e o *espanhol* como *teimoso*. Já com relação à visão sobre o idioma espanhol, as imagens foram as seguintes: *língua boa para criticar e xingar* e *língua intensa que se aproxima da identidade do espanhol*.

Vejamos, agora, o que catalogamos acerca destes das definições, acima.

i. O espanhol como avarento/acumulador

Esta primeira visão supõe uma perspectiva bastante recorrente nos informantes e que parece se coadunar com um elemento histórico comum na imigração sobretudo europeia no início do século XX no Brasil, isto é, a condição que os fez emigrar, no sentido de buscar fugir da excessiva pobreza e de perseguições ou guerras em seus países de origem. Isto corresponde a uma relação comum entre duas ideias, isto é: a falta de recursos *versus* a necessidade de economizar. Embora tenha havido o enriquecimento ou superação financeira de muitas das famílias ao longo das gerações, o costume de economizar e guardar, às vezes de forma exagerada, acabou, pelo que se pôde ver nas entrevistas, se tornando recorrente e gerando alguns discursos e imagens acerca dos imigrantes e de seus descendentes, como a de avarento, “pão-duro” ou acumulador, tanto que isso realmente parece estar no inconsciente coletivo dessas comunidades de descendentes e nas suas ações cotidianas, a ponto de haver até mesmo sua estereotipagem. Acerca deste primeiro elemento, vejamos os seguintes trechos de entrevistas e textos:

“O pessoal fala que é muito pão duro, mas é **porque precisava acumular**(...) Acumulador de coisas, guardar até prego que achava na rua. ... Mas a questão é **do que eles viveram lá na Espanha, na época**. (...) Então, era bem difícil na época.”
(Ce, Neto, 57 anos, linhas 3-7, página 55, vol. 2)

“Além do pão-durismo dos espanhóis, né? Eles falam que não põe a mão no bolso porque tem escorpião no bolso”.

(SA, Neto, 66 anos, linhas 18-19, página 726, vol. 2))

“A gente brinca que espanhol é mão de vaca. Eram econômicos, entendeu? (...)Porque o que eles ... eles sabem o que eles passaram, né, durante o período deles...”

(Ad, 51 anos, Neto, linhas 6-9, página 5, vol. 2)

Como se vê, de antemão, se justifica, comumente, a característica de necessidade de acumulação, às vezes de modo exagerado (*patológico* ao se guardar prego da rua?), mas entendendo que isto se justifica em função dos problemas havidos na Espanha antes da imigração no Brasil. Além disso, há estereótipos e ironias relativos ao imaginário popular de que, de tão avarento, o espanhol “não põe a mão no bolso”, como se até existisse um perigo como representaria um escorpião. Considere-se, porém, a amenização desta visão por parte dos informantes ao ver os espanhóis, sobretudo do início do século XX, como resultado de sua história de penúria e dificuldade econômica. Outra questão é que todos, os informantes são do sexo masculino, embora, na prática, a aparente avareza fosse mais comum no sexo feminino, talvez por ser a mulher a que tinha a responsabilidade mais direta de manutenção dos víveres e dos custeios domésticos.

Há, contudo, uma explicação por parte de Ad., de caráter histórico e que, como é comum se registrar, tem a ver com grande parte dos imigrantes europeus no Brasil, no início do século XX, isto é, pobres e inseguros de seu futuro, o que lhes fazia querer economizar, evitar gastos fortuitos para sobreviver e garantir minimamente o dia seguinte a tal ponto de se tornar, supostamente, característica típica e seguir entre alguns de seus descendentes, mesmo que estes já não tivessem que passar por penúrias semelhantes aos seus ascendentes, das primeiras gerações de imigrantes.

Como complemento à exposição sobre o imaginário de espanhol como avarento ou acumulador, trazemos um trecho de um jornal local de Sorocaba intitulado “Bom dia” em publicação de 2008 e que confirmava essa característica espanhola:

“PRATO DO DIA - Perguntei: Por que Sorocaba, tendo a maior colônia espanhola do Brasil não tem nenhum restaurante típico. Respondeu o escritor, jornalista e pesquisador Sérgio Coelho de Oliveira, o famoso Pinga, vice-presidente cultural da Casa de España Don Felipe II: são dois motivos; um é folclórico e explica que o espanhol é mão fechada e não tem hábito de ir a restaurante para não gastar. A família Carmona fez uma tentativa lá pela década de 60 e não teve sucesso. Desistiu. Uma outra explicação é social: o espanhol é introvertido e sempre manteve-se fechado de casa, onde só fala em espanhol, xinga, canta e reza em espanhol.”. In: CATENA (30/09/2008). Disponível em: <<https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/829996/clima-separatista-da-espanha>

e-vivenciado-por-soroca banos>. Acesso: 05/02/2020

Aqui, além de se atestar a avareza do espanhol, verifica-se o fato de ele expressar geralmente a cultura em ambiente doméstico, em reuniões familiares, mais do que socialmente, o que justificaria a já tão citada aparente invisibilidade da cultura espanhola contemporaneamente.

ii. O espanhol como bravo

Tal imaginário foi também bastante recorrente em nossa coleta junto aos informantes. Trata-se de algo também supostamente de influência histórica. Segundo Buades (2008, p. 13), a braveza do espanhol pode ser entendida como uma espécie de sinceridade “perigosa” que o torna bastante “cru” e “direto”. Além disso, poderia ser o espanhol normalmente tido como de personalidade forte pelo fato de, historicamente, a educação comum favorecer a não devida escuta da opinião do outro ou indignação fácil diante das tantas tragédias coletivas por que passou a Espanha, a exemplo das guerras civis e da cultura do “cabreo”, isto é, de indignação ante questões sobretudo políticas. Claro que toda esta visão proposta por Buades (op.cit) é, essencialmente, subjetiva, porém, o que chama a atenção é como esse imaginário se apresenta de maneira frequente em relatos, como os que veremos, abaixo:

“A minha vó era muito **enérgica**, ela era assim... dura. Acho que ela **mandava em tudo na casa**, até no nome do meu pai acho que mandou pôr.”
(Ed., Bisneto, 50 anos, linhas 22-23, página 191, vol. 2)

“O espanhol gosta de se sentar à mesa, discutir e/e se reunir e festejar todos/toda a família é muito festeira. Então, a gente tem esse/essa **questão espanhola de/de argumentar, de parecer que tá brigando, de ser mais imperativo** nas coisas, tal, a gente é/mais espanhol, sim...”
(Mi, Neta, 55 anos, linhas 56-58, página 626, vol. 2)

“Quando a gente tá fora, você pode passar na frente de mim e não dá bola. A gente tá fora e escuta um brasileiro falando, você fica do lado da pessoa, eu sou assim, e puxa assunto. Então, você pode conversar(...). Acho que é uma irmandade. Entendeu? Então, **quando eu tive essa mesma impressão que falam, que o espanhol é tudo seco, é bravo...** Não é. É um ser humano. Tem ser humano que é... Cada um é de um jeito. Eu, sim, fui muito bem recebido.”
(Ad, Neto, 51 anos, linhas 3-7, página 9, vol. 2)

Nos exemplos acima, de netos/bisneto, notamos algumas descrições interessantes. Além da visão de personalidade enérgica, do agir parecendo que está brigando ao argumentar,

do ser imperativo/seco/bravo, ou, ainda, do ar imponente da mulher na família espanhola, indicando a posição matriarcal da sociedade, vemos, ademais, a visão mais suave acerca da personalidade mais forte como algo tipicamente humano e, portanto, seguindo a esteira da fala de “Ad”, sugere-se uma identificação clara com os traços, seus ou não. Tal visão, pois, seria uma possível imersão na memória e identificação com a sua ascendência espanhola. Outro aspecto, porém, que gostaríamos de citar é a imersão mais clara dos sujeitos nestes traços de personalidade como seus, isto é, “ser um tanto bravo e gostar de se encontrar em família”, o que sugere uma manutenção da memória, ao mesmo tempo que uma assimilação de discursos e procedimentos que observam tanto na história familiar como em si mesmos: “a gente é mais espanhol, sim”; “eu sou assim”; “irmandade”, “cada um é de um jeito”.

iii. O espanhol como orgulhoso

Diante da descrição do espanhol como orgulhoso, além dos relatos dos informantes, eventualmente, nos pareceu pertinente recorrer a um estudo histórico que complementa dados acerca de tal traço cultural. Tratamos de trechos do livro, já citado por nós, “La Alpujarra, la Andalucía secreta” do suíço Jean-Christian Spahni que, na metade do século XX, após conviver bastante com aquela região espanhola de onde saiu a maioria que imigrou em Sorocaba, conseguiu fazer um exaustivo panorama sociológico e cultural dos habitantes daquela região. Em seu livro, elaborou uma série de elementos interessantes do “ser andaluz” da época, dentre os quais recortaremos aqui uns trechos. Para ele,

“El andaluz (...) es esencialmente un campesino distinguido, un aristócrata. Pese a los repetidos asaltos del invasor, mantuvo siempre la última palabra (...) El andaluz es perfectamente consciente de la riqueza inagotable de subsuelo - puede serlo hasta el orgullo. Cuando vive lejos de él, puede llegar a perder todo su carácter, a despersonalizarse”.¹⁴⁰ (...) (SPAHNI, 2010[1956], p.198)

E acrescenta:

“Un orgullo soberbio frente a la más oscura miseria y el hambre; cómo se ilustra en ese mondadientes puesto en la comisura de los labios para hacer creer a la gente que uno acaba de levantarse de la mesa mientras que el estómago grita de hambre”.¹⁴¹

140 “O andaluz (...) é essencialmente um campesino distinto, um aristocrata. Apesar dos arroubos do invasor, manteve sempre a última palavra (...) O andaluz é perfeitamente consciente da riqueza inesgotável do subsolo - pode ser tal coisa até o ponto do orgulho. Quando vive longe dele, pode chegar a perder todo seu caráter, a se despersonalizar”. (Tradução nossa)

141 “Um orgulho soberbo frente à mais obscura miséria e a fome; como se ilustra nesse palito colocado no canto da boca para fazer as pessoas acreditarem que alguém acaba de se levantar da mesa enquanto que o estômago grita de fome”. (Tradução nossa)

(op.cit, p.201)

Como se pode verificar, nos trechos acima, existe a visão de que os espanhóis, mesmo na mais aparente situação de simplicidade ou em situação adversa, como uma ocupação e invasão estrangeira ou penúria causada pela fome e miséria, demonstra orgulho e mesmo soberba e isto estaria essencialmente ligado à sua relação com a sua região de origem. Em suma, trata-se de um perfil de cultura que não se deixa abater nem se demonstrar em situação de fragilidade. O interessante é como este discurso se mantém e se repete em vários relatos dos informantes. Sendo assim, vejamos esses traços de orgulho/soberba no que disseram descendentes de imigrantes espanhóis em Sorocaba.

*CI.: Na época da ditadura e tal. E eles vieram pra cá **fugidos**, então, teve aquela, não digo **complexo de inferioridade**, porque tem essa parte, aí, que tem o **orgulho da personalidade**, mas era meio **vergonhoso dizer** que era **espanhol**, até pelo fato de “Ah, muquirana” e tal (...)Tinha essa associação com **pessoa mão de vaca**, espanhol né, então (...)Assim como em qualquer outro lugar. **Se você começar a invadir, a reação da pessoa não vai ser acolher**, vai querer tirar, porque (...)É um... como fala? É uma **ameaça**, né? Então, talvez essa origem de lá também é ser forte, né? Então (...) Isso, resistente, conseguir... Foi uma união lá que eles fizeram para poder tirar aquilo que, teoricamente, eles achavam que era uma ameaça”.*
(CI., Neta, 40 anos, linhas 30-53, página 82, vol. 2)

No exemplo acima, o interessante é observar como se associam vários elementos ao mesmo tempo a fim de tentar se definir o espanhol, ou seja, questões de ordem histórica, ligadas à época da ditadura, e a consequente fuga de espanhóis por receio de represálias; também, o fato de como era periclitante assumir-se espanhol e o consequente risco de perseguição já no Brasil; visão do espanhol como avarento, já citada em tópico anterior; e, também, como os espanhóis, desde a invasão árabe ocorrida há vários séculos, teriam a necessidade de se impor ante qualquer situação, mesmo sem risco concreto, tornando-os ou fazendo-os aparentarem ser orgulhosos. Ou seja, nota-se que a informante, mesmo sendo da primeira faixa e neta, conhece elementos ligados à história espanhola e do período de imigração e entende haver relação entre o passado histórico e a personalidade coletiva dos espanhóis, no sentido de que muitos deles (e seus descendentes), mesmo de modo inconsciente, se sentem ameaçados e, paradoxalmente, com tendência a complexo de inferioridade haja vista a *vergonha* de se expor enquanto espanhol, o que o torna hostil ou inseguro, e, por outro lado, com a necessidade de não querer transparecer fragilidade.

iv. O espanhol como teimoso

Também, igualmente, esta visão de teimosia espanhola parece ser bastante recorrente no imaginário dos descendentes, como uma espécie de síntese do ser espanhol, juntamente com o caráter bravo. O interessante é que, diferentemente do senso comum para este termo, “teimoso”, não parece expressar algum atributo negativo, como de pessoa intransigente, mas algo positivo, no sentido de persistente, em uma visão idealizada, talvez, do trabalhador imigrante, ou, talvez, uma visão um tanto infantil ou bem-humorada no sentido de uma pessoa assim não se convence facilmente e seria como uma criança que insiste em querer uma determinada coisa dos seus pais, por exemplo. Vejamos os trechos de relatos, a seguir, a esse respeito:

“Gênio, nossa, muito espanhol. “Eu nego até a morte”, era assim, muito cabeça dura... É... “Ah, não interessa”, nem que provasse, “Mas ó, eu to provando que é assim” (...) E é verdade, espanhol tem gênio muito difícil, sim. (...) Ah, briguento, um pessoal briguento. (...) Eram briguento pro lado do que é justo, do que/pra que/pra não tenha injustiça, que não levava desaforo pra casa, também, porque aquilo era justo, então tinha que defender aquilo.”
(Lu, Neta, 42 anos, linhas 49-59, página 82, vol. 2)

“Eu acho que o espanhol não tem muito disso não (de orgulho). Acho que o espanhol é um povo meio simples, meio teimoso, “turron”, né, como eles dizem, mas, assim, acho que o espanhol não tem muito dessa coisa de cultuar muito (sua cultura/língua)”.
(Gi, Neta, 49 anos, linhas 37-39, página 329, vol. 2)

Nos trechos acima de duas mulheres, netas de espanhóis, há referências a termos vários que resumiriam os espanhóis como “gênio muito espanhol”, “cabeça dura”, “briguento pro lado do justo”, “que não leva desaforo”, “simples”, “teimoso”, “turrón” (adjetivo significando teimoso, também). Além de todos estes sintagmas, há uma aparente oposição nas duas falas: de um lado, na fala de “Lu”, vemos o já citado por Buades (2008), ou seja, uma espécie de busca pelo justo, tal como a oposição a uma série de governos tiranos, algo comum no passado, justamente como teriam buscado fazer os anarquistas e os comunistas durante a ditadura espanhola, e, de outro, a simplicidade, ou não orgulho forte do espanhóis, como negando quase a própria origem ou pouco se importando em difundir-la tanto, conforme se vê na fala de “Gi”.

Contudo, como aparente contradição, o aspecto da teimosia se repete e, como observamos em outras entrevistas, é algo bastante comum a ponto de se ter criado/ou adaptado a definição brasileira “turrão” para teimoso, no espanhol, “turrón” e, como variante, teria sido criado o vocábulo “turrento”, que parece fundir os termos “turrão” e “birrento”.

4.6.2 Imaginários sobre a língua espanhola

i. Língua boa para criticar/xingar

No que diz respeito a imagens sobre a língua espanhola, nota-se uma extensão acerca da personalidade “média” dos espanhóis, no sentido de braveza, por exemplo. Uma primeira visão recorrente tem a ver com o uso de gírias e palavrões, inclusive, já percebida, previamente, antes de nossa coleta de dados, na pesquisa-piloto, uma vez que, dentre as palavras mais citadas espontaneamente pelas pessoas que nos ajudaram a formatar um questionário linguístico, se encontravam os palavrões, sobretudo os “hereges”, como “Me cago en Dios” (Defeco/Cago em Deus) ou “Me cago en la hostia de tu madre” (“Defeco/cago na hóstia de tu mãe”). Tais expressões revelam, ademais do traço de braveza da personalidade espanhola, o caráter anárquico ou de oposição a formas de poder, tal como o governo central, como citado por Buades (2008), ou contra o poder da igreja católica, conforme muitos comunistas da época da ditadura, por exemplo. Vejamos o seguinte trecho de entrevista:

“Bom, eu conheço inglês, eu conheço espanhol e o português, mas eu acho que o espanhol é a língua onde você consegue xingar melhor, entendeu?”
(Ro., Filho, 68 anos, linhas 24-25, página 685, vol. 2)

Como vimos, neste exemplo acima, a língua espanhola é considerada útil para xingar, talvez pela naturalidade que se imagina em tal idioma no uso de palavrões, ou como se não houvesse o eventual choque moral como pode haver um pouco mais na cultura brasileira. Além disso, vê-se uma maior aceitação e força do palavrão em espanhol indicando não só ofensa, como se pode supor no Brasil, mas também, indignação, raiva justificada ante algum problema, injustiça, por exemplo, como enunciado por Buades (2008).

Em forma de complemento, citamos, a seguir, um trecho de publicação de editorial de um jornal local nos anos 2010 e voltado para a comunidade hispânica em Sorocaba (“Correio do Além-Ponte”, sendo este nome uma referência a um dos bairros onde se concentrou a

maioria dos espanhóis em Sorocaba) evocando traços supostamente típicos daqueles já referidos neste trabalho, como a intensidade e calor humano e o uso de palavrões ou blasfêmias, a exemplo de “Me cago en Dios”. Vejamos:

*“Aqui, do outro lado do rio”, a vida tem um sabor diferente. Um certo sotaque espanhol. Os abraços são mais calorosos, as vozes são mais altas e as discussões são mais apimentadas! De repente, surge um **palavrão**, uma **blasfêmia**... mas é tudo da boca pra fora. A hospitalidade e o carinho dos espanhóis e seus descendentes é incomparável. Traços de um **povo forte e lutador** que constituiu, aqui no Além-Ponte, a maior colônia espanhola do Brasil.”*(In: GUTIERREZ, S/D, Jornal “Correio do Além Ponte”, Editorial).

ii. Língua intensa que se aproxima da identidade espanhola

Em relação à ideia de idioma intenso se coadunando com a identidade espanhola, o que poderíamos apontar tem a ver com algo já descrito anteriormente, isto é, a personalidade média brava e enérgica do espanhol influenciada, também, pelos seus complexos, inquietações e angústias recorrentes, por sua vez, determinadas, não raramente, pelas tragédias coletivas recorrentes que tanto afetaram o povo espanhol. Vejamos o exemplo, abaixo, que nos parece bem sintético, neste sentido:

*Essa língua torna-se mais visceral, o se envolver com as coisas, né, que acho que é meio do **sangue espanhol**, mesmo, né? Essa **paixão**, né, que se tem **pela vida**.”*
(FC, Neto, 51 anos, linhas 39-40, página 258, vol. 2)

Existe, pois, a visão de que o espanhol vive intensamente tanto suas tragédias como suas alegrias, e isto seria um apropriado termômetro para se verificar seus arroubos intensos, intrépidos, arredios e, por vezes, violentos, normalmente expressos de maneira evidente e integral pela sua língua, seja mediante adjetivações (como “chalao”), palavrões heréticos (como “me cago en Dios”), ou metáforas (como “mala leche”) e que sintetizam o “ser espanhol”, conforme descrito de maneira reveladora pelos informantes de nossa pesquisa.

CONCLUSÃO

É chegado o momento de concluirmos nosso trabalho. Tentaremos fazê-lo com algumas seções de modo a facilitar a leitura. Primeiramente, buscaremos 1) responder às perguntas traçadas no início do trabalho com foco no bilinguismo e na ideia de se houve apagamento ou manutenção da língua espanhola em Sorocaba; 2) listar algumas possíveis contribuições de nosso trabalho e sua interlocução com aspectos teóricos; e 3) sugerir trabalhos similares que poderiam ser feitos a partir de nossa pesquisa, ou mediante abordagens diferentes do mesmo objeto não contempladas por nós.

1) Perguntas x Respostas de pesquisa

Cabe sintetizar algumas conclusões prévias relativas às hipóteses de nossa pesquisa. Dentre estas, a de que teria havido bilinguismo em Sorocaba no início do século XX, bem como de que pode ter existido uma época de maior predominância da língua até que acabou decaindo com o tempo segundo causas específicas até um estágio particular atualmente. Além disso, o espanhol permanece em Sorocaba de algum modo e existem aspectos extralinguísticos para a manutenção e/ou apagamento da língua espanhola naquela cidade.

Basicamente, para nós, a língua espanhola parece ter tido uma época de auge, como verificamos no capítulo 3, segundo os participantes e registros linguísticos, e, portanto, coexistiu amplamente com a língua portuguesa sobretudo no início do século XX, e teria começado a decair a partir da década de 1950 e, sobretudo, década de 1960, em virtude de fatores vários como questões de ordem política (repressão), social (matrimônios interétnicos e expansão da escolarização), cultural (sobreposição da cultura brasileira e conflitos entre os próprios espanhóis) e individual (falta de interesse, necessidade de trabalhar e se aprender o português para ascensão social dos espanhóis).

Além disso, é bastante provável que a língua espanhola sobreviva na colônia e nas diversas gerações mesmo que de forma diferente: dentre os mais velhos, seja por usos eventuais, memórias de situações em que o espanhol estava em evidência ou em virtude da capacidade de se entender bem o que ouve em espanhol na TV, por exemplo, ou de compreender textos

escritos da internet, e, mesmo, se houvesse interlocutores facilmente, haveria chances de diálogo, tal como ocorreu com o único nativo que pudemos entrevistar. Do ponto de vista da geração intermediária, o mesmo acontece, podendo haver variações a depender do grau de distância e vivência com os ascendentes espanhóis, ou se o indivíduo é filho de espanhóis que vieram muito crianças, ou mais crescidos, já falando espanhol desde a Espanha, ou se é neto, também. Por sua vez, nas gerações mais jovens, a tendência natural é de que o espanhol se restrinja a usos muito escassos de algumas expressões e, mais raramente, podendo haver pessoas que tiveram vivências mantidas em família ou, bem como se houve algum fator artificial ou externo para motivar o indivíduo a conhecer sua própria história ou por questões econômicas no sentido de conseguir emprego e/ou aperfeiçoamento acadêmico, podendo, assim, facilmente entender textos escritos e até entender a língua falada, mas raramente sendo capaz de dialogar e falar fluentemente o espanhol.

Agora, pensando mais especificamente na dimensão do apagamento e manutenção da língua-cultura espanhola, segundo dados que analisamos quantitativamente, o descendente de espanhóis ser mais velho, de geração mais próxima dos espanhóis (filho, por exemplo), e ouvir a palavra em espanhol sendo proferida (como no caso das perguntas do segundo bloco linguístico), tudo isso contribui para os falantes, individualmente, reconhecerem e conseguirem entender aquele idioma. Auxilia, neste processo, o indivíduo ter feito curso de espanhol, trabalhar em área que exige tal conhecimento ou ter tido iniciativa de conhecer a própria história ou por parte da sua família em manter tradições; ou, no caso dos mais velhos, haver interlocutor com quem dialogar, ou existirem eventos e iniciativas culturais ou de ensino de espanhol fomentadas por órgãos e instituições na colônia a exemplo daqueles organizados pela Casa de España, por exemplo.

Acrescentemos o fato de que, diante de todo o planejamento metodológico que operamos, visando mesclar uma abordagem que inclui aplicação de questionários sociocultural (contato com a língua na infância) e lexical (reconhecimento de itens na contemporaneidade) bem como, complementarmente, apostando nas contribuições de entrevistas abertas e pesquisa documental (fala, jornais), acreditamos que pudemos contribuir substantivamente na abordagem de bilinguismo do passado contrastando com a memória linguística no presente, isto é, vemos como é possível dialogar pesquisa de memória dos falantes com pesquisa histórica. Esperamos ter atingido nossos objetivos e, em o tendo conseguido, que possamos servir de impulso e motivação para pesquisas semelhantes, uma vez que, quanto maior o horizonte e

escopo de análise, maiores chances possivelmente de um melhor olhar sobre um objeto que, no nosso caso, foi o bilinguismo, verificado mediante a sociolinguística histórica.

Em outros termos, como elemento a mais para este momento do trabalho, reforçamos quão nos pareceu produtivo realizar uma pesquisa com metodologia pluridimensional (história social através de jornais e perguntas em entrevistas e levantamento de memória linguística através de questionários linguísticos, além e panorama etnográfico) para projetar como teria ocorrido bilinguismo no passado. Através do cruzamento de diversas variáveis, incluindo questões relativas ao uso do espanhol na infância e levantamento de acertos aos itens lexicais, pudemos observar como a língua espanhola teve proeminência na sociedade de Sorocaba. Além disso, a depender de vários fatos e situações familiares, a língua espanhola pode ter alcançado auge até cerca dos anos 40-50, na escrita, e domínio público, conforme pudemos ver em jornais, por exemplo, dentro do limite de nossa abordagem, até os anos 1970 ou 1980, no domínio privado.

Outra conclusão a que chegamos é de que o idioma espanhol passou por misturas e atribuição a partir de situações plurais, simultâneas ou não a depender da família, como casamento interétnico, distanciamento dos componentes da comunidade para outras regiões, pressões laborais, preconceito social, escolarização, receio de perseguição política, falta de influxo de novas gerações de imigrantes, falecimento das gerações mais antigas ligadas à imigração, semelhança entre o português e o espanhol/assimilação cultural, etc.

2) Contribuições pessoais e teóricas

Toda experiência de pesquisa acadêmica traz contribuições inenarráveis para quem a realiza mas nem todas conseguem, a nosso ver – e nem têm que ser assim a depender do objeto –, de algum modo incutir mudanças de comportamento ou gerar sensibilidade ou contribuições subjetivas mais sensíveis como as que cremos ter havido em nós pessoalmente ou, possivelmente, aos participantes de nossa pesquisa.

Neste sentido, afirmamos o quão não raro foi, durante as entrevistas, os participantes se perceberem valorizados ou se sensibilizarem diante da recordação de suas histórias de família, não só nos usos linguísticos, mas também em relação a questões históricas como as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes espanhóis tanto em seu país como no Brasil. Na verdade, foram histórias realmente valorosas que devem ser contadas e mantidas nas gerações, tanto acadêmica e historicamente, como dentre as próprias famílias e isso, claro,

dependerá muito das próprias famílias de descendentes mas, também, de iniciativas como as nossas que, segundo o perceptível nos relatos dos participantes, acenderam uma espécie de “chama” para resgatar e fortalecer as próprias identidades.

Foram quarenta pessoas com idades, gêneros, escolaridades e histórias diferentes, mas com algo em comum: ter no seu berço uma trajetória bastante marcante de superação e busca de vida melhor em cenários bastante adversos. Em termos acadêmicos, supomos que o nosso trabalho servirá, minimamente que seja, como uma trilha para aqueles que se interessarem pela temática da imigração espanhola de modo geral, mas sobretudo estudos de contato entre português e espanhol nessas regiões onde houve a presença daquela imigração. Ademais, como meta praticamente já desde o início de nossa pesquisa, oportunizamos, de maneira mais acessível, um dicionário cujos autores, na verdade, terão sido os próprios descendentes ao lembrarem das expressões de família, muitas vezes, com sentidos já modificados em virtude do contato com o português, ou com misturas fonéticas e gramaticais, dicionário aquele que pretendemos que sirva de uma referência, ainda que singela, para perceber como o espanhol permanece em Sorocaba, e que poderá ser evocada e resgatada na hora que tanto os descendentes de espanhóis como os curiosos da temática quiserem acessar.

Pensando mais especificamente nas respostas linguísticas, entendemos que a língua espanhola segue presente sobretudo no âmbito léxico-semântico mediante empréstimos linguísticos de palavras e expressões, como saudações, adjetivações, palavrões, vocabulário ligado à alimentação, por exemplo. Isto porque permanecem enquanto memória linguística ativada ora mais ora menos pelo falante a depender do contexto linguístico e de suas características sociais, além do bilinguismo passivo já referido, no sentido de os falantes entenderem o que ouvem e leem com facilidade só pelo fato de serem descendentes e terem tido contato ainda que superficial com a língua espanhola em família.

Contribuiu, assim, para a nossa pesquisa, o levantamento documental obtido tanto dos registros orais dos participantes da pesquisa como textos jornalísticos que circularam em Sorocaba e, em especial, na capital paulista de onde saíram muitos imigrantes para o interior paulista, de modo geral.

Excetuando-se os casos de alguns descendentes mais velhos, entendemos que existem ou teriam existido até pouco tempo muitos casos de alternância e mudança de código, exemplares do chamado bilinguismo. Foi o que pudemos ver, de maneira espontânea, em relação à presença de algumas estruturas ou pronúncias do espanhol existentes na fala em

português de alguns participantes mais velhos como “CN”, “D” e outros que usaram estruturas como “de pequeno”, “uma que outra”, “de França”, “Em Espanha”, “povo” (no sentido de pequena cidade) e outros que são mais comuns ou específicas da morfossintaxe em espanhol e o fonema lateral [l] para em vez da semivogal [w] como em “voltar”.

Em suma, concluímos que existem vários graus de bilinguismo e/ou usos do espanhol em Sorocaba: desde o mero reconhecimento de uma ou outra palavra em espanhol, mesmo sem usar, e a capacidade de ler e entender textos orais e escritos, até, também, a capacidade de memorizar muitas palavras, saber o que significam segundo sua história familiar e usar eventualmente se a situação exigir, culminando com o mais alto grau de uso na comunidade, que seriam os casos de pessoas que já foram bilingues ativas ou ainda poderiam sê-lo e que conseguem ainda hoje falar aquela língua, mesmo que misturando-a com o português ou mesmo, excepcionalmente, escrever textos em espanhol.

Em termos de outras contribuições teóricas sobre nosso objeto de estudo, no que diz respeito a formas de bilinguismos presenciados em nosso objeto de estudo, presenciamos o seguinte:

-não é possível excluir completamente que existam ainda falantes apresentando **bilinguismo individual**; pensamos tal possibilidade quando partimos de casos como as informantes D., C.N., M.C, que conseguem utilizar estruturas da língua total ou parcialmente na norma padrão do espanhol pninsular ou na variedade dialetal andaluza, que foram citadas espontaneamente ou a partir de nossa solicitação nas entrevistas;

-por sua vez, o **bilinguismo social**, na nossa visão, só seria possível haver no passado já que não há movimentos de usos da língua em domínios públicos ou espontâneos mesmo em âmbitos privados; tal forma de bilinguismo foi evocado pela memória dos informantes acerca de passado distante pensando na circulação da língua, em eventos, na escritura de cartas, eventos culturais etc; acrescente-se a isso o fato de que, em algumas gerações, sobretudo na primeira metade do século XX, predominavam situações de maiores relações entre indivíduos da coletividade, como nas relações comerciais, no teatro/cinema, reuniões em associações, etc, até que estes locais começaram a deixar de existir, o que pode ter contribuído para a redução do impulsionamento da língua, o que nos faz pensar que a língua predominante em casa acabava era o espanhol ou em alguns nichos como comércios, porém, em outros âmbitos públicos, o português predominava.

- **língua de herança e translinguismo**, a princípios, não parecem se apresentar na

maioria dos falantes que entrevistamos, contudo, pensamos que, de algum modo, a língua se mantém, se não por herança, afinidade, empréstimos ou uma espécie de translinguismo em processo de extinção; assumimos tal consideração quando partimos de alguns informantes mais velhos que reproduziram estruturas linguísticas, misturadas ou não pelos nativos ou, no máximo, primeira geração no Brasil, as quais serviram de base para as gerações posteriores, inclusive com marcas nítidas do dialeto andaluz como “to’ bien” em vez de “todo bien” ou “atrapalhao” em vez de “atrapalhado”. Isto é, em algumas gerações influenciadas por fatores favoráveis à manutenção linguística em família como casamento entre espanhóis, maior tempo de convivência com bairros espanhóis, o que contribuiu para uma utilização flexível e com deslocamentos entre as línguas a ponto de gerar-se palavras novas ou frases misturando as duas línguas como “este tío están tan espabilá que está por explodir. foi parar até en la médica de la cabeza”, ou a palavra “turrento” e, ainda, “**vamos alá**” e “**vamos (bamo) facer esto**”.

Por outro lado, talvez tenham havido atrição da L1 (espanhol peninsular), no sentido de desgaste do espanhol ao longo da aquisição da L2 (português brasileiro). Tal realidade pode ter se dado no sentido de famílias de imigrantes poderiam ter buscado se incluir socialmente ou, eventualmente, teriam escolhido abandonar a L1 por questões políticas, econômicas, preconceitos e discriminação que tiverem sido vivenciados.

Por fim, tal realidade linguística, de algum modo, pode ter ocorrido até ao menos os anos 1960, 1970, hoje menos, no sentido de que muitos indivíduos, nas gerações mais antigas, sentirem necessidade de se basearem em expressões aprendidas em família para se comunicarem, brincarem, etc, até que os mais velhos foram morrendo e as novas gerações perdendo a referência.

3) Sugestões de trabalhos complementares

Como forma de realmente desfechar o trabalho, neste momento, gostaríamos de sugerir brevemente algumas possibilidades de trabalhos a partir de nossa tese tais como:

- a) Realizar uma abordagem comparativa entre descendentes de espanhóis em Sorocaba e não descendentes a fim de observar se há diferenças de usos nos vários níveis linguísticos em função de o indivíduo ser ou não descendente;
- b) Fazer uma abordagem exaustiva de jornais históricos de Sorocaba e de outras cidades que receberam imigração espanhola e assim verificar diferenças de abordagem, de

discurso sobre os espanhóis e uso da língua em convívio com o português;

c) Propor uma abordagem didático-metodológica junto aos descendentes de espanhóis a fim de resgatarem suas memórias linguísticas de família e adquirirem maior proficiência espanhola e promover, assim, o resgate mais amplo da língua e fortalecimento da colônia neste sentido;

d) Ampliar o número de participantes descendentes de espanhóis e investigar elementos mais específicos da fonética e da morfologia que podem ou não ser reflexo da língua espanhola citados ou não por nós nesta pesquisa;

e) Por fim, realizar uma abordagem histórico-geolinguística que detalhe a forma de irradiação de termos em espanhol na comunidade e comparar com outros trabalhos ou outras cidades do interior paulista com a mesma presença espanhola como São Carlos, Santos, São Paulo, dentre outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Aluísio de. **História de Sorocaba para crianças**. 5. ed. Itu: Ottoni Editora, 2001.
- Alvar, Manuel; Llorente, A; Salvador, G. **Atlas Lingüístico y Etnográfico de Andalucía – ALEA – Tomo V**. Granada: Patrocinado por la “Fundación Juan March”. Universidad de Granada, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1972.
- Amaral, Aracy. **A hispanidade em São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1981.
- Amaral, Amadeu. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. 4. ed., São Paulo: Hucitec / Brasília: INL, 1982 (reprod. facsimil da 2ª ed.; 1ª ed. 1920).
- Annear, Lucas & Speth, Kristin. Maintaining a multilingual repertoire Lexical change in American Norwegian. **Germanic Heritage Languages in North America Acquisition, attrition and change**. Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins Publishing Company. p.201-216, 2015.
- Araújo, Carlos. **Tradição e memória na zona leste da cidade**. 2019. Disponível em: <<https://www.jornalcruzeiro.com.br/sorocaba/tradicao-e-memoria-na-zona-leste-da-cidade>> Acesso em: 03 out. 2020.
- Arnbjörnsdóttir, Birna. Reexamining Icelandic as a heritage language in North America. **Germanic Heritage Languages in North America Acquisition, attrition and change**. Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins Publishing Company. p.72-97, 2015.
- Azevedo, O. da Silva & Margotti, F. W. Variação léxico-semântica no português falado no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM). In: RAZKY, Abdelhak et alli (orgs.). **Estudos sociodialetais do português brasileiro**. Campinas: Pontes, 2014. p.203-228.
- Baker, C. Foundations of Bilingual Education and Bilingualism. Clevedon: Multilingual Matters. 2001. 484p.
- Berliner, Claudia; Brandão, Eduardo; Stahel, Monia. **Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños**. São Paulo, Martins Fontes, 2006.
- Blom, Jan-Petter. & Gumperz, John J. O significado social na estrutura linguística: alternância de códigos na Noruega. RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed. Loyola. São Paulo, 2002 [1972]. Tradução de Pedro M. Garcez.

- Blommaert, J. & Backus, A. Superdiverse repertoires and the individual. In: I. Saint-Georges & J. J. Weber (orgs.). **Multilingualism and Multimodality: Current Challenges for Educational Studies**. Rotterdam: Sense Publishers, 2013.
- Bloon, Erin & Polinsky, Maria. Del silencio a la palabra: el empoderamiento de los hablantes de lenguas de herencia en el siglo XXI. **Informes del Observatorio**. Cambridge: Instituto Cervantes de la FAS - Harvard University/Instituto Cervantes de la Facultad de Artes y Ciencias de la Universidad de Harvard, 2015.
- Bolufer, José Alemany. **Diccionario enciclopédico ilustrado de la lengua española. La fuente**. Madri, Espanha, Editorial Ramón Sopena, 1951.
- Brasil. **Decreto-Lei nº 3.010, de 20 de Agosto de 1938**. Regulamenta o Decreto-Lei nº406, de 4 de maio de 1938, que dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-3010-20-agosto-1938-348850-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Regulamenta%20o%20decreto-lei%20n,de%20estrangeiros%20no%20territ%C3%B3rio%20nacional>. Acessado em: 21/08/2024.
- _____. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – repertório estatístico do Brasil: quadros retrospectivos 1939/1940 (separata do Anuário Estatístico do Brasil)**. Ano 5. p.17. Rio de Janeiro: IBGE, 1986.
- _____. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –Anuário Estatístico do Brasil: 1979**. v. 40. Rio de Janeiro: IBGE, 1980.
- _____. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Sorocaba**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/sorocaba.html>. Acesso: 23 ago. 2020.
- _____. **Brasil 500 anos: território brasileiro e povoamento**. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/espanhois/os-espanhois-no-brasil-seculos-xv-e-xvi>. Acesso: 01 nov. 2020.
- _____. **500 anos de povoamento**. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. 232 p.
- Brasil/São Paulo. **Recenseamento demográfico, escolar e agrícola-zootécnico do Estado de São Paulo (20 de setembro de 1934)**. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://bibliotecadigital.seade.gov.br/>. Acesso em: 06 mai. 2024.

- Brasil/São Paulo. **Recenseamento demográfico, escolar e agrícola-zootécnico do Estado de São Paulo (20 de setembro de 1934)**. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://bibliotecadigital.seade.gov.br/>. Acesso em: 06 mai. 2024.
- Buades, Josep M. **Os espanhóis**. São Paulo: Contexto, 2008.
- Busch, B. The Linguistic Repertoire Revisited. In: **Revista Applied Linguistics**. n. 33, p. 503-523, 2012.
- Busch, B. Linguistic repertoire and Spracherleben, the lived experience of language. In: **Revista Working Papers in Urban Language & Literacies**. Artigo 148, 2015. Disponível em: <https://www.kcl.ac.uk/sspp/departments/education/research/Research-Centres/ldc/publications/workingpapers/abstracts/WP148-Busch-2015--Linguistic-repertoire-and-Spracherleben-the-lived-experience-of-language.aspx>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- Butler, Y. G. Bilingualism and Second-Language Acquisition. In: BATHIA, T. K.; RITCHIE, W. C. (org.). **The Handbook of Bilingualism**. Malden, MA: Blackwell Publishing Ltd, 2012, p. 109-136. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/287446419_BilingualismMultilingualism_and_Second-Language_Acquisition> Acesso: 03 fev. 2021.
- Caldas, Blanca. Resenha de “El bilingüismo en el mundo hispanohablante” de Montrul (2012). Universidade do Texas e Austin. In: Grupo Taylor & Francis, LLC. **Revista: Journal of Latinos and Education**. vol. 16, n. 1, p.76-77. 2017.
- Calvet, Louis-Jean. **Sociolinguística:uma introdução crítica**.3.ed.São Paulo:Parábola, 2007.
- Campos, Mariana. **Passeio guiado apresentará a história da Vila Hortência**. Disponível em: <https://agencia.sorocaba.sp.gov.br/passeio-guiado-apresentara-a-historia-da-vila-hortencia>. Acesso: 25 set. 2020.
- Cánovas, Marília Klaumann. **Hambre de Tierra: Imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista 1880-1930**. São Paulo: Lazuli Editora, 2005.
- _____. **Imigrantes Espanhóis na Paulicéia**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2009.
- Capilla, M. Carolina Calvo. **La atrición en las lenguas de contacto: el caso de los inmigrantes españoles en Brasil**. 446 f. Tese (Doutorado). Madri: Universidade Complutense de Madri, Faculdade de Filologia, Departamento de Língua Espanhola e Teoria de Literatura e Literatura Comparada, 2017.

- Cardoso, Suzana Alice. **Geolinguística – tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, Linguagem (40), 2010.
- Carmo, Jefferson Carriello do. A fábrica têxtil fábrica têxtil em Sorocaba, imprensa operária e educação nos anos de 1889-1914. In: **Revista Ideação**. Foz do Iguaçu, Unioeste, v. 8. nº 9, 2006. p.23-37.
- Carreira, M. **Seeking explanatory adequacy: A dual approach to understanding the term heritage language learner**. Los Angeles: Heritage Language Journal 2(1), 2004.
- Carvalho, Nelly. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1989.
- Carvalho, Rogério Lopes Pinheiro de. **Fisionomia da cidade: Sorocaba – cotidiano e desenvolvimento urbano – 1890-1943**. 336 f. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de História, 2008.
- Cascudo, Luís da Câmara. **Civilização e cultura: pesquisa e notas de etnografia geral**. São Paulo: Global, 2004.
- Catena, Jak. “Prato do dia”. In: **Jornal Bom dia**, seção Viva. 30/09/2008. Disponível em: <https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/829996/clima-separatista-da-espanha-e-vive-nciado-por-sorocabanos>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- Cavalheiro, Carlos Carvalho. **Memória operária**. Sorocaba: Create Editora, 2009.
- Colombi, M. C. & Roca, A. Insights from Research and Practice in Spanish as a Heritage Language. In: Roca, A. & Colombi, M.C. **Mi lengua, Spanish as a heritage language in the United States**. Washington D.C.: Georgetown University Press, 2003.
- Comitre, Rubens C. P. **Sementes de Villabrágima**. Sorocaba: Create Editora, 2009.
- Correio do Além Ponte (jornal). Sorocaba, SP. Edições Citadas: **2008** (Ano 2: Edição 10); **2010** (Ano 4: Edição 33).
- Corte, Álvaro Acosta. Hijos de hispanohablantes en el exterior: el desarrollo lingüístico de hablantes de herencia que adquieren el español rodeados de otros idiomas. In: **Selección de artículos del II Congreso de Español como Lengua Extranjera en Asia-Pacífico (CE/LEAP)**. p.131-144, 2011. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/ensenanza/bibliotecaele/publicaciones_centros/pdf/manila2011/10investigaciones02.pdf. Acesso: março de 2023.
- Cruzeiro do Sul (edições antigas). **Fundação Ubaldino do Amaral. Sorocaba, SP. Edições Citadas: 1904** (Ano I: Edições 57, 58, 59, 62); **1906** (Ano III: Edições 265, 270, 324); **1911** (Ano VIII: Edição 1681); **1915** (Ano XIII: Edição 2638); **1914** (Ano XI: Edições

2548, 2566); **1915** (Ano XIII: Edição 2638); **1916** (Ano XIII: Edição 3016); **1917** (Ano XIV: Edições 3227, 3374); **1918** (Ano XV: Edições 3681, 3776); **1919** (Ano XVI: Edição 3906); **1921** (Ano XVIII: Edição 4409); **1924** (Ano XXI: Edição 5194); **1925** (Ano XXII: Edições 5478, 5765); **1926** (Ano XXIII: Edição 5767); **1927** (Ano XXIV: Edições 6072, 6199); **1928** (Ano XXV: Edições 6348, 6531, 6610); **1929** (Ano XXVI: Edição 6723); **1930** (Ano XXVII: Edições 6909, 7189); **1931** (Ano XXVIII: Edição 7470); **1932** (Ano XXIX: Edições 7471, 7472, 7494, 7552, 7643); **1933** (Ano XXX: Edição 8027); **1934** (Ano XXXI: Edição 8262); **1935** (Ano XXXII: Edições 8585, 8639); **1936** (Ano XXXIII: Edições 8664, 8737); **1937** (Ano XXXIV: Edição 9208); **1938** (Ano XXXV: Edição 9612); **1939** (Ano XXXVI: Edição 9465, 9527); **1940** (Ano XXXVII: Edições 9743, 9761, 9848, 10010)

Cruzeiro do Sul (online). **Parque dos Espanhóis tem 1ª edição do ‘Golden Times’**. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/cultura/noticias/2022/11/704277-parque-dos-espanhois-tem-1-edicao-do-golden-times.html>. 06/11/2022. Acesso: março de 2023.

Danna, Stela M. D. Gabriel. **A língua espanhola no Brasil: História de sua presença em materiais linguísticos produzidos entre 1919 e 1961**. 223 f. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Linguística, 2019.

Democracia española (La) (jornal). São Paulo. Ano: **1953** (Ano I: Edição 1).

Diario Español (Continuación de La voz de España) (jornal). São Paulo, SP. Edições Citadas: **1904** (Ano V: Edição 188); **1908** (Ano IX: Edição 406); **1911** (Ano XIII: Edição 950); **1912** (Ano XIV: Edição 1175); **1914** (Ano XVI: Edição 1634); **1919** (Ano XXI: Edição 3975); **1920** (Ano XXI: Edição 4201); **1921** (Ano XXII: Edição 4410).

Dias, Vanessa Martins. Emigração e Imigração Espanhola para o Brasil: política, demografia e especificidades de um grupo étnico. In: **Revista Áskesis**. São Carlos/SP, v.6, n.2. p. 24-35, jul/dez. 2017.

Diego, Vicente Garcia de. **Etimologías españolas**. Valencia: Aguilar, 1964.

Eagleton, Terry. **A idéia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. 3.ed. São Paulo, Editora da Unesp, 2003.

El defensor de Granada (jornal). Granada, Espanha. Ano: **1912** (Ano XXXIV: Edição 15792).

Eldorado (jornal). Sorocaba, SP. Edição Citada: **2008** (Ano 0: Edição I).

- Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo Americana. 19. (ECHàENRE), n. 7. Madri/ Barcelona: Espasa-Calpes S.A. Editores. Tomo XIX. 1966.
- Escobar, G. A. **La encuesta dialectal como narración y el modo de preguntar en el ALEA**. Granada: Letral, número 8, ano, 2012. p.118-137.
- Ezquerria, Manuel Alzar. **Tesoro léxico de las hablas andaluzas**. Madri: Arcolibros, 2000.
- Fazio, Gerardo Di. **Corridas de toros en Argentina: las sangrientas en Plaza de Mayo, en el conurbano en 1950 y hoy en Jujuy**. Disponível em: <https://www.infobae.com/sociedad/2023/03/25/corridas-de-toros-en-argentina-las-sangrientas-en-plaza-de-mayo-en-el-conurbano-en-1950-y-hoy-en-jujuy/>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- Fishman, J. A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. In: WEI, Li. **The Bilingualism reader**. Londres: Routledge, p. 74-81, 2001 [1967]. Disponível em: <[https://vulms.vu.edu.pk/Courses/ENG512/Downloads/\[Li_Wei\]_The_Bilingualism_Reader\(BookFi\).pdf](https://vulms.vu.edu.pk/Courses/ENG512/Downloads/[Li_Wei]_The_Bilingualism_Reader(BookFi).pdf)> Acesso: 27 set. 2020.
- Freire, Eliane Bueno; Galvez, José A. **Dicionário Larousse Espanhol/Português-Português-Espanhol**. 1.ed. São PauloLarousse do Brasil, 2005.
- Frontoura, Caroline de Souza. **Leis de imigração brasileiras e os dilemas do Estado-Nação: do período colonial à Lei nº 13.445 de 24 de maio de 2017**. Trabalho de Conclusão de Curso – Ciências Sociais. Londrina, Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, 2017.
- G1 – Sorocaba e Jundiaí. **Brigadeiro Tobias é escolhido para receber “O Bairro Ideal” em Sorocaba**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/bairro-ideal/noticia/brigadeiro-tobias-e-escolhido-para-receber-o-bairro-ideal-em-sorocaba.ghtml>. 06/07/2017. Acesso: 23/08/2020.
- G1/Agência EFE. **Queda na chegada de imigrantes latinos aos EUA eleva renda do grupo depois da crise**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/03/07/queda-na-chegada-de-imigrantes-latinos-aos-eua-eleva-renda-do-grupo-depois-da-crise.ghtml>. Acesso: 05 ago. 2022.

- Giesbrecht, Ralph Mennucci. **Estações ferroviárias do Brasil**. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/b/brigtobias.htm>. 2021. Acesso: 23 ago. 2020.
- Gumperz, John J. & Hymes, Dell. (orgs.). **Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication**. Nova Jersey: Wiley-Clackwell, 1972/1991.
- Flannery, Mércia Regina Santana. **Uma introdução à Análise Linguística da narrativa oral: abordagens e modelos**. Campinas: Pontes, v. 42, 2015.
- Gal, Susan. Peasant men can't get wives: language change and sex roles in a bilingual community. **Revista Lang. Soc.**, n.7, p.1-16. Berkerley/Cambridge: Universidade da Califórnia e Cambridge University Press, Grã-Bretanha, 1978.
- García, Ofelia; WEI, Li. **Translanguaging: Language, bilingualism and education**. Londres: Palgrave Macmillan. 2014.
- Garcías, José Eiras. Notas sobre un viaje a Sorocaba. **Diario español**. 10/03/1921, página 1, ano XXII, nº 4.410. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217867&pasta=ano%20192&p-esq=&pagfis=5574>>. Acesso: 21 set. 20.
- Gaspar, Antonio Francisco. **Sorocaba de ontem – crônicas da cidade. Comemoração do 3º centenário**. Sorocaba, 1954.
- Gattaz, André Castanheira. **Braços da resistência: uma história oral da imigração espanhola**. Salvador: Editora Pontocom, 2014.
- Giles, H., R.Y. Bourhis & D.M. Taylor. **Towards a Theory of language in Ethnic Group Relations**. In: Giles, H. **Language, Ethnicity and Intergroup Relations**. Londres: Academic Press Inc, 1977. p.307-48.
- Gracia, Juan Antonio Frago. **Historia de las hablas andaluzas**. Madri: Arcolibros, 1993.
- Grosjean, F. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.
- Guimarães, Lucia Maria Paschoal & Vainfas, Ronaldo. **Sonhos galegos: os espanhóis no Brasil. Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2007. p.101-122.
- Gutierrez, J. R. A. Editorial “Extra, extra, de coração”. In: **Correio do Além Ponte**. S/D.
- Houaiss, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

- Johannessen, Janne Bondi & Salmons, Joseph (orgs). **Germanic Heritage Languages in North America Acquisition, attrition and change**. Amsterdam/Filadélfia: Editora John Benjamins Publishing Company, 2015. 418 p.
- Kipper, Elisângela. Aquisição de segunda língua em contextos de bilinguismo societal. In: **Letrônica**. v. 5, n. 3, Porto Alegre, p. 88-102, julho/dezembro 2012.
- Labov, W. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- La voz de España (jornal). São Paulo, SP. Edições Citadas: **1904** (Ano V: Edição 188); **1908** (Ano IX: Edição 406).
- Luengo, J. L. Ramírez. El contacto del español y el portugués en la historia: situaciones y resultados americanos. **Revista Letra Viva**. João Pessoa: Ideia. v. 10, n.1. p.13-48, 2010.
- Magnifique, La. **Preparación de los cuestionarios para los atlas**. In: Blog – Proyecto fin de curso – Sevilla. Disponível em: <http://mwenpakonnen.blogspot.com.br/2013/05/preparacion-de-los-cuestionarios-para.html>. 2013. Acesso: 16 ago. 2020.
- Marcuschi, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1991.
- Martínez, R. de. Indignación de la colonia. In: **Diario Español**. n. 1175, ano XIV, página 1, 10/09/1912. São Paulo. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217867&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=137>. Acesso: 03 abr. 2020.
- Melo, Nicole de. **¿Cómo se conserva una lengua de herencia? El caso del español en Montreal**. 132 f. Dissertação (mestrado). Montreal, Estudos de Pós-Graduação e Pós-Doutorado da Universidade de Montreal, 2014.
- Mello, H. A. B. de. **O falar bilíngüe**. Goiânia: Editora da UFG, 1999.
- Mendonça, Welton Pereira. O superstrato espanhol na construção do léxico da língua portuguesa. In: **Revista Eletrônica E-RAC** (Reunião Anual de Ciências). Centro Universitário do Triângulo (UNITRI). Novembro de 2017. v.7, n.1. Disponível em: <http://www.computacao.unitri.edu.br/erac/index.php/e-rac/article/view/1207/726>. Acesso: jan 2020.
- Millar, Robert McColl. Social history and the sociology of language. In: Hernández-Campoy, Juan M. & Conde-Silvestre, Juan C. (orgs.), **The handbook of historical sociolinguistics**. Oxford & Malden: Blackwell, 2012. p.41-59.

- Milroy, L. **Language and social networks**. 2. ed. Oxford: Blackweel, 1987 [1980].
- Miñambres, Moisés Llordén. El asociacionismo de los inmigrantes españoles en América. In: Rodríguez, Juan A. B. **El asociacionismo en la emigración española a América**. Salamanca, Junta de Castilla y León/ Uned Centro Asoc. de Zamora, 2008. 560 p.
- Montrul, S. **Incomplete acquisition in bilingualism. Re-examining the age factor**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2008.
- _____. **Is the heritage language like a second language?** EUROSOLA Yearbook, 12(1), 1-29. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2012.
- Moreno Fernández, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.
- Mouton, P. G. Las disciplinas tradicionales (II) - dialectología y geolingüística. In: J.E. Gargallo e M^a R. Bastardas (orgs.). **Manual de lingüística románica**. Barcelona: Ariel, 319-350, 2007.
- _____. La investigación geolingüística española en la actualidad. In: CORBELLÁ, Dolores; DORTA, Josefa. (orgs.). **La investigación dialectológica en la actualidad**. Santa Cruz de Tenerife: Agencia Canaria de Investigación, innovación y sociedad de la información/ Gobierno de Canarias. n.12. 2009.
- Nascimento, Felipe Augusto S. do. **Ler a cultura hoje: a construção do consenso nas políticas culturais o Estado brasileiro**. In: Revista Rua – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. nov. 2017. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/rua/paginasartigo/viewpagina?numeroPagina=1&artigo_id=97. Acesso: 21 ago. 2024.
- Nevalainen, Terttu & Raumoling-Brunberg, Helena. Historical sociolinguistics: Origins, motivations and paradigms. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan M. & CONDE-SILVESTRE, Juan C. (orgs.), **The handbook of historical sociolinguistics**. Oxford & Malden: Blackwell, 2012. p.22-40.
- Nóbrega, Geralda Medeiros. Estudos culturais: delineamento de campos da cultura. **Revista Scriptum**. Campina Grande-PB: Departamento de Letras da UEPB/NUPELL, Ano 3, nº 3, agosto de 2004. p.61-64.
- Oliveira, Sérgio Coelho de. **Os espanhóis**. São Paulo: TCM, 2002. 176.p.

- Ordóñez, I. F. El norte peninsular y su papel en la historia de la lengua española. **Anais do VII Congresso Internacional de Linguística Hispânica: tempo, espaço e relações espaço-temporais na língua espanhola**. Leipzig: Universidade de Leipzig, 2001.
- Paraquett, Márcia. **O papel que cumprimos os professores de espanhol como língua estrangeira (E/LE) no Brasil**. In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Diálogos Interamericanos, no 38, p. 123-137, 2009.
- Peñalver, Manuel. **El atlas Lingüístico y Etnográfico de Andalucía**. Sessão “Opini3n”. Disponível em: <<http://www.utreradigital.com/web/2015/07/20/el-atlas-linguistico-y-etnografico-de-andalucia/>>. Acesso: 21 ago. 2020.
- Pertile, Marley Terezinha. **O talian entre o italiano-padr3o e o portugu3s brasileiro: manuten3o e substitui3o linguística no Alto Uruguai gaúcho**. 248 f. Tese (doutorado). Porto Alegre, UFRGS, 2009.
- Pidal, Ramón Menéndez. **Orígenes del español: estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI**. Madri: Espasa-Calpe, 1980 [1926].
- Poplack, S. ‘Sometimes I’ll start a sentence in Spanish y termino en español’. Toward a typology of Code-Switching. In: **Revista Linguistics**, 18 (7-8), p. 581-618, 1980.
- Razky, Abdelhak; Costa, Eliane Oliveira da; Oliveira, Marilucia Barros de. Varia3o lexical de “cigarro de palha” no Atlas Linguístico do Brasil. In: RAMOS, Concei3o de Maria de Araújo et ali. (Orgs.). **Pelos caminhos de dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas – homenagem a Socorro Arag3o**. São Luís: EDUFMA, 2010. p.149-165.
- Real Academia Española. **Diccionario de la lengua española**, 23. ed. Disponível em: <<https://dle.rae.es>>. Consulta: 06 mai. 2021.
- Rucci Filho, Armando. Os sorocabanos. In: **Revista A cidade**. Sorocaba: Fundação Ubaldino do Amaral, 2005.
- Sada, Juliana & Valente, Rodrigo. De volta para o passado? **Revista Ponto de debate**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, n.17. dez. 2017. 20p. Disponível em: https://rosalux-ba.org/wp-content/uploads/2017/12/ponto_debate_ed17_web.pdf. Acesso: 18 abr. 2024.
- Sakurai, M. O. **Um estudo sobre políticas e subsídios para a identidade hispânica em Sorocaba**. 80 f. Trabalho de conclus3o de curso apresentado ao curso de Turismo, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2016.

- Sánchez-Scott, Milcha. Latina. In: HUERTA, Jorge. **Necessary Theater: Six Plays about the Chicano Experience**. Houston/Texas: Editora Arte Publico, 1989. p.76-141.
- Santisteban, Juan. **Mi labor patriótica en el Brasil (discursos y poesías)**. Brasil, 1932.
- Santos, J. L. **O que é cultura**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense. 1987. Col. Primeiros passos.
- Scholl, Ana Paula. O conceito de translinguagem e suas implicações para os estudos sobre bilinguismo e multilinguismo. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 2, p.1-5, 2020.
- Semino, María Josefina Israel. **Español y Portugués: desenredando las lenguas**. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.
- Silva, Tiago (canal). **Do outro lado do Rio Sorocaba**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WUOgawBZHeg>. Acesso: 21 set. 2020.
- Silva-Corvalán, C. **Language contact and change: Spanish in Los Angeles**. Oxford: Clarendon Press, 1994.
- Skutnabb-Kangas, Tove. & Phillipson, Robert. Linguicide and linguisticism. In: GOEBL, Hans et al. (eds.) **Contact linguistics: an international handbook of contemporary research**. Berlin: de Gruyter, 1996. p. 667-675.
- Sousa, Alberto. **Estudos demográficos: a população de São Paulo no último decênio - 1907-1916**. São Paulo, Tipografia Piratininga, 1917. p.67. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=LIVROSSP&pagfis=14548>> Acesso: 06 mai. 2024.
- Spahni, Jean-Christian. **La Alpujarra, la Andalucía secreta**. Granada: Lavela. 2. ed. Tradução, palavras prévias e epílogo de Horacio e Javier Roldán Barbero. 2010 [1959].
- Tarallo, Fernando & Alkmin, Tania. **Falares crioulos: línguas em contato**. São Paulo: Ática. 1987. 142 p.
- Truzzi, Oswaldo; Palma, Rogerio de. A imigração espanhola no interior paulista: inferências a partir de um estudo de caso. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 4, p.461-480, n. 2, jul-dez. 2014.
- Valdés, G. Heritage Language Students: Profiles and Possibilities. In: J. Peyton, J. Ranard y S. McGinnis, eds. **Heritage Languages in America: Preserving a National Resource**. Washington DC: Delta Systems / Center for Applied Linguistics, 2001. P. 37-80.
- Wei, Li. **Trans-Ing Language and Cognition: Debates and Directions of Translanguaging Research**. In: ABRALIN ao vivo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RxBBaRaO9jk>. Acesso: 27 jul. 2020.

Weinberg, María Beatriz Fontanella de. **El español de América**. Madrid, Mapfre, 1992.

Weinreich, Uriel. **Languages in contact: Findings and Problems**. Paris: The Hague/Mouton Publishers, 1953.

Wikipedia. **Arquitectura morisca**. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Arquitectura__morisca. Acesso: 20 mar. 2023.

Wey Netto, Otto. **Memórias do esporte sorocabano: 65 anos marcantes para nosso esporte**. Sorocaba: Editora Otto Wey Netto, 2007.

Zentella, A. C. **Growing up bilingual: Puerto Rican children in New York**. Malden: Blackwell Publishers, 1997.

ANEXOS

I: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A participação, nesta pesquisa, é livre e não implica em nenhuma forma de pagamento, de ambas as partes. Como se trata de uma pesquisa de cunho histórico e linguístico, não acarretará nenhum prejuízo ou risco para você e para a sua família. Caso você tenha dúvida ou sinta algum constrangimento, poderá, em qualquer fase da mesma, pedir esclarecimentos ou desistir da sua participação sem nenhum prejuízo.

Nesse sentido, considere as asserções abaixo desse TCLE:

I. Estou ciente do procedimento metodológico adotado nesta pesquisa e, em caso de dúvidas quanto à finalidade do mesmo, tenho todo o direito e autonomia de não autorizar o uso das informações fornecidas;

II. Concordo que sejam os resultados divulgados em atividades científicas, preservada a minha identidade;

III. Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados, ao final desta pesquisa, através de publicações, apresentações dos integrantes da pesquisa para os seus participantes e para a comunidade científica;

IV. Caso seja entrevistado (a), autorizo o uso de gravador na condição do áudio e a transcrição do conteúdo apenas para as finalidades e objetivos dessa pesquisa;

V. Terá garantido o sigilo de seu nome e detalhes pessoais outros ou, se preferir, ao participar dessa pesquisa, desejo que meu nome seja registrado nos resultados e publicações em que o meu conhecido, passado ao pesquisador, for utilizado ou divulgado.

VI. Prevemos não haver deslocamento algum em virtude da realização da entrevista, o que não exigirá qualquer ressarcimento ou gasto neste sentido;

VII. Considerando a natureza testemunhal desta pesquisa, não prevemos risco algum;

VIII. Todo o material que for produzido em decorrência da presente pesquisa será guardado e protegido por 5 anos em computador pessoal do pesquisador bem como na biblioteca do IEL-Unicamp, esclarecendo-se que, em cada utilização acadêmica, haja vista a natureza da pesquisa, haverá, se necessário, solicitação de anuência de você participante que poderá ter acesso e cópias dos materiais arquivados sempre que desejar e, obviamente, a publicação e devolução de informações conclusivas da pesquisa à comunidade de que fazem parte os participantes;

IX. Estão previstos como benefícios indiretos a possibilidade de manutenção da história da imigração espanhola em Sorocaba em termos culturais e linguísticos assim como produção de glossário do falar sorocabano e possibilidade de expansão do uso e vocabulário do português falado no Brasil, resultados sem dúvidas relevantes a historiadores da cidade ou da presença espanhola no Brasil, ou a quaisquer pessoas que se identifiquem com a história ou com a cultura espanhola ou queiram ter um instrumento de pesquisa a mais.

X. Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP-CHS/UNICAMP, do Comitê de Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais e, segundo o Código Civil, ter direito à indenização no caso de danos decorrentes da pesquisa ou receber a assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa.

Essa pesquisa foi apreciada e aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa Universidade

Estadual de Campinas – CEP-CHS/UNICAMP. Pedimos, por gentileza, que assine as “X” vias nos locais discriminados.

Assinatura do/a participante: _____ Rubrica: _____

Assinatura do/a testemunha: _____ Rubrica: _____

Nossos contatos:

Fabício Cordeiro Dantas. E-mail: fabricao19@hotmail.com

Prof. Dr. Emilio Gozze Pagotto. E-mail: gozzeem@gmail.com

Programa de Pós-graduação em Linguística/ UNICAMP. Instituto de Estudos da Linguagem.
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571, Cidade Universitária, Campinas. CEP 13083-859. Tel.
(19) 3521-1506

Email da Secretaria do CEP-CHS (Comitê de Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais): cep-chs@reitoria.unicamp.br

II: QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

“Bilinguismo e memória linguística: um estudo do contato português-espanhol em Sorocaba”

AUTOR: Fabrício Cordeiro Dantas

DATA DA COLETA ____/____/2018

Bairro/Comunidade: _____

Contato: _____

Nome/sexo: _____ Data nascimento: ____/____/____ (Idade: __)

Esse questionário servirá de base para fazermos um levantamento sócio-histórico, cultural e linguístico da comunidade hispano-brasileira de Sorocaba. A sua colaboração será imprescindível para o sucesso desta pesquisa. Muito obrigado! Obs: Marque um “x” ou escreva a resposta de acordo com a pergunta.

1. Sua escolaridade?

- a) Sem estudo
- b) Ensino Fundamental Incompleto
- c) Ensino Fundamental Completo
- d) Ensino Médio Incompleto
- e) Ensino Médio Completo
- f) Ensino Superior Incompleto
- g) Ensino Superior Completo
- h) Pós-graduado

2. Qual é sua profissão/ocupação?

3. Qual seu estado civil?

- a) Solteiro(a)
- b) Casado(a)
- c) Divorciado(a)
- d) Viúvo (a)
- e) Outros _____

4. Você é descendente em qual grau?

- a) Espanhol(a) nativo(a)?
- b) Filho(a)?
- c) Neto(a)?
- d) Bisneto(a)?
- e) Tataraneto(a)?

5. Você descende dos dois lados das famílias ou apenas de um?

- a) Apenas de um
- b) Dos dois lados

5.1) Qual é/era a ascendência do cônjuge?

(Responder se for casado(a)/viúvo(a))

6. Qual era a profissão/ocupação de seus ascendentes espanhóis? _____

7. Seus ascendentes estudaram português antes de vir ao Brasil?

- a) Antes de virem
- b) Depois de chegarem
- c) Não estudaram português aqui.
- d) Não sabe informar.

8. Sua família sempre morou na cidade de Sorocaba e no bairro/comunidade? Se não, onde morou (em qual ou quais cidades/comunidades?) e em qual período (de quando a quando)?

9. Você conversa em espanhol com parentes ou amigos, atualmente? Se sim, com qual frequência?

- a) não
- b) sim, mas pouco

c) sim, mais ou menos

d) sim, e bastante

10. Na sua infância, qual era a língua falada pela sua família?

- a) somente o espanhol
- b) mais espanhol do que português
- c) os dois de maneira equivalente
- d) mais português do que espanhol
- e) somente o português

10.1 Assinale as interações linguísticas que ocorriam em sua família:

i. Seus **pais** falavam com você:

() só espanhol () só português

()* se as duas:

() mais espanhol () mais português () igual proporção

ii. Seus **pais** falavam entre si:

() só espanhol () só português

()* se as duas:

() mais espanhol () mais português () igual proporção

iii. Seus **avós** falavam com você:

() só espanhol () só português

()* se as duas:

() mais espanhol () mais português () igual proporção

iv. Seus **avós** falavam entre si:

() só espanhol () só português

()* se as duas:

() mais espanhol () mais português () igual proporção

v. Seus **tios, primos** falavam com você:

() só espanhol () só português

()* se as duas:

() mais espanhol () mais português () igual proporção

vi. Seus **tios, primos** falavam entre si:

() só espanhol () só português

()* se as duas:

() mais espanhol () mais português () igual proporção

vii. **Você** falava com seus pais:

() só espanhol () só português

()* se as duas:

- () mais espanhol () mais português () igual proporção
- viii. **Você** falava com seus avós:
- () só espanhol () só português
- ()* se as duas:
- () mais espanhol () mais português () igual proporção
- ix. **Você** falava com seus tios
- () só espanhol () só português
- ()* se as duas:
- () mais espanhol () mais português () igual proporção
11. Você já fez algum curso de espanhol?
- a) Sim
- * Se sim, quanto tempo você frequentou um curso de língua espanhola?
- b) Não
12. Com quem você mora atualmente?
- a) Família (quem?)
- b) Sozinho/a
- c) Outros _____
13. Você sabe ler material impresso em espanhol?
- a) sei ler bem
- b) leio mais ou menos
- c) praticamente, não sei ler em espanhol
- d) não sei ler de forma alguma
14. Você escreve em espanhol?
- a) escrevo bem
- b) escrevo razoavelmente
- c) escrevo só um pouco
- d) não consigo escrever nada
15. Você assiste a programas (filmes, documentários, novelas, etc) em espanhol?
- a) assisto muito
- b) assisto, às vezes
- c) praticamente, não assisto
- d) não assisto de forma alguma
- 15.1) Que tipo de programa espanhol você mais gosta? (Pode marcar mais de um)
- (i) filmes ou histórias
- (ii) novela
- (iii) notícias (TVE)
- (iv) documentário
- (v) programa de música
- (vi) outros: _____
16. Você ouve alguma rádio de língua espanhola?
- a) ouço muito
- b) ouço, às vezes
- c) praticamente não ouço
- d) não ouço de forma alguma
- 16.1) Se ouve, qual o nome da rádio e de que país? _____
17. Com que frequência você acessa a internet página noticiários em espanhol?
- a) muito
- b) às vezes
- c) praticamente, não
- d) não acesso de forma alguma
- 17.1) Se costuma acessar, que tipo de site ou nomes? _____
18. Qual a sua fluência em espanhol?
- a) falo bem
- b) falo mais ou menos
- c) falo só um pouco
- d) não falo nada
19. Você foi incentivado a aprender espanhol?
- (a) sim (b) não
- 19.1. Se sim, por quê?
- a) por motivos profissionais
- b) porque é possível ter as últimas novidades da Espanha e do mundo
- c) porque queriam que se interessar pela cultura espanhola
- d) informações adicionais
20. Você já foi à Espanha?
- (a) sim (b) não
- 20.1. Se foi, com que objetivo foi a Espanha?
- a) turismo (quando? Onde?)
- b) visitar parentes (quando? Onde?)
- c) a trabalho a negócios (quando? Onde?)
- d) outros
- 20.2. Seu espanhol era entendido na Espanha?
- a) sim, bastante
- b) mais ou menos
- c) só um pouco
- d) não compreendiam nada.

III.: ROTEIRO DE ENTREVISTA E QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO

PROJETO “Bilinguismo e memória linguística: um estudo do contato português-espanhol em Sorocaba”

DATA DA ENTREVISTA ____/____/____ Horário de início: _____ Término: _____

Local: _____ Comunidade: _____

Nome/sexo: _____ Data nascimento: ____/____/____ (Idade: ____)

QUESTÕES GERAIS – MODALIDADE ENTREVISTA

TEMAS

I) Dados gerais

- 1) Qual seu grau de descendência em relação a parentes espanhóis? Você é filho, neto, bisneto? Por parte de pai ou de mãe?
- 2) Você pôde conviver intensamente com seus ascendentes? Como era essa convivência?
- 3) Que lembranças mais marcantes você tem sobre seus parentes espanhóis ou que seu/sua(s) pais/avô/ós contava(m) sobre eles?

II) História e imagens/ vivências culturais

- 4) Você sabe de que região ou cidade eram na Espanha? Sabe o motivo principal que os fez saírem para o Brasil?
- 5) Além disso, sabe como era a vida deles antes de virem ao Brasil, isto é, em que ou com que trabalhavam, os costumes, o que gostavam de fazer?
- 6) Como foi o início da história deles aqui no país? No Brasil, em que ano mais ou menos e onde eles começaram sua vida? Vieram direto pra Sorocaba ou não?
- 7) Além disso, seus familiares espanhóis puderam trabalhar na mesma atividade que na Espanha ou tiveram que mudar?
- 8) Você sabe se os espanhóis em algum momento sofreram preconceito aqui no Brasil ou em Sorocaba por alguma razão? Se sim, você tem conhecimento se esse preconceito ou apatia ocorreram por diferenças de língua, hábitos e costumes, ou diferenças políticas?
- 9) Você acredita que os descendentes de espanhóis têm orgulho de sua origem? Sim ou não e por que?
- 10) Sabe se iam a eventos como festas, reuniões, jogos em que tipicamente ou mais frequentes entre os espanhóis? Quais eram os costumes mais frequentes em família? Se não havia muita tradição, qual seria a razão, a seu ver? (Incluir algo como se se falava espanhol nesses eventos)
- 11) Você já participou em família ou de algum evento em geral relacionado ou homenageando a cultura espanhola? Ainda participa?
- 12) Você acredita que existem diferenças culturais entre os espanhóis que foram viver na cidade ou no campo no território de Sorocaba?

III) Memória da língua

- 13) Você lembra de expressões ou palavras ligadas ao espanhol usadas antigamente entre seus parentes? Caso lembre, você pode descrever seus significados e dar um exemplo de uso?
- 14) Ainda hoje, você tem conhecimento se existem expressões em língua espanhola, utilizadas por integrantes da família? Se sim, geralmente parece ser em que situações? Pode dar algum exemplo?
- 15) Você já usou alguma expressão espanhola aprendida ou influenciada pelos seus parentes? Se sim, em que situação? (Por exemplo, na hora da raiva, em momentos engraçados ou para criticar/ fazer piada com alguém ou situação...)

IV) Avaliação cultural

- 16) Para você, qual a importância da língua e cultura espanhola na sua vida? Você se sente espanhol de alguma forma?
- 17) De alguma forma você sente que o espanhol está vivo na sua comunidade ou na cidade de Sorocaba ou se ainda vai sobreviver? Explique.
- 18) Caso tenha descendentes, você vê o exemplo dessa identidade com a língua/cultura espanhola passada para seus descendentes ou que vai sobreviver com eles, seja em termos culturais ou linguísticos?
- 19) Complementando a pergunta anterior, seus filhos de alguma forma mantêm ou têm contatos com a língua espanhola ou sentem interesse neste sentido?

Por fim, vou listar uma sequência de palavras para você pronunciar como falaria normalmente no dia a dia bem como citarei expressões e palavras espanholas para você me afirmar se conhece, que significa e em que contexto acha que são usadas.

PORTUGUÊS-ESPAÑHOL (1º BLOCO) Conhecimento da palavra/expressão equivalente em espanhol. Você conhece alguma palavra ou usou expressão espanhol equivalente a: Se sim, em que contexto usaria?	ESPAÑHOL-PORTUGUÊS (2º BLOCO) Conhecimento da palavra/expressão em português. Você conhece alguma palavra ou expressão em português equivalente a: Se sim, em que contexto usaria?
1a) pessoa barulhenta ou muito falante/situação de muito barulho ☐ não sabe ☐ sabia, mas não lembra como dizer ☐ sabe e lembra * sugestão do participante _____	1 b) palagozo/espabilá/cacaero(cacareo: variação) ☐ não conhece ☐ outro significado dado _____ *no caso de não lembrar ou dizer espontaneamente, dar essas opções ☐ risada/risonho ☐ bobagem/bobo ☐ falatório/falante
2 a) pessoa mimada ☐ não sabe ☐ sabia, mas não lembra como dizer ☐ sabe e lembra * sugestão dada _____	2 b) gacha/gachón/gachuleta ☐ não conhece ☐ outro significado dado _____ *no caso de não lembrar ou dizer espontaneamente, dar essas opções ☐ pessoa engraçada ☐ pessoa mimada ☐ pessoa arrogante
3 a) pessoa presunçosa/metida ☐ não sabe ☐ sabia, mas não lembra como dizer ☐ sabe e lembra * sugestão dada _____	3 b) resuelta ☐ não conhece ☐ outro significado dado _____ *no caso de não lembrar ou dizer espontaneamente, dar essas opções ☐ pessoa crítica ☐ pessoa inteligente ☐ pessoa metida
4 a) pessoa boba/ chata/ bobagem ☐ não sabe ☐ sabia, mas não lembra como dizer ☐ sabe e lembra * sugestão dada _____	4 b) chalao/papingozo/tonterpeu/torpe/chalaura ☐ não conhece ☐ outro significado dado _____ *no caso de não lembrar ou dizer espontaneamente, dar essas opções ☐ chato

	☐ legal ☐ bobo
5 a) pessoa traída/ chifre/ chifruda ☐ não sabe ☐ sabia, mas não lembra como dizer ☐ sabe e lembra * sugestão dada_____	5 b) guampudo/a, guampa/(lleva) cuernos ☐ não conhece ☐ outro significado dado_____ *no caso de não lembrar ou dizer espontaneamente, dar essas opções ☐ bonito/a ☐ gordo/a ☐ chifrudo/a traído/a
6 a) mal humorado ☐ não sabe ☐ sabia, mas não lembra como dizer ☐ sabe e lembra * sugestão dada_____	6 b) mala pipa ☐ não conhece ☐ outro significado dado_____ *no caso de não lembrar ou dizer espontaneamente, dar essas opções ☐ chateado/chateação ☐ mal-humorado/mal humor ☐ triste
7 a) que peninha!/ que dó/ coitadinho ☐ não sabe ☐ sabia, mas não lembra como dizer ☐ sabe e lembra * sugestão dada_____	7 b) lastimica de gallina/ Qué lástima ☐ não conhece ☐ outro significado dado_____ *no caso de não lembrar ou dizer espontaneamente, dar essas opções ☐ que chato ☐ que dó ☐ que raiva
8 a) pessoa teimosa ☐ não sabe ☐ sabia, mas não lembra como dizer ☐ sabe e lembra * sugestão dada_____	8 b) testarudo/ turrón/ turrento ☐ não conhece ☐ outro significado dado_____ *no caso de não lembrar ou dizer espontaneamente, dar essas opções ☐ tapado/a ☐ travesso/travessa ☐ teimoso/teimosa
9 a) comprido/ longo ☐ não sabe ☐ sabia, mas não lembra como dizer ☐ sabe e lembra * sugestão dada_____	9 b) ancho/ largo ☐ não conhece ☐ outro significado dado_____ *no caso de não lembrar ou dizer espontaneamente, dar essas opções ☐ amplo ☐ distante ☐ comprido
10 a) incomodado com algo/alguém/chateado ☐ não sabe ☐ sabia, mas não lembra como dizer ☐ sabe e lembra * sugestão dada_____	10 b) aburrido/cabreao ☐ não conhece ☐ outro significado dado_____ *no caso de não lembrar ou dizer espontaneamente, dar essas opções ☐ faminto ☐ triste ☐ chateado

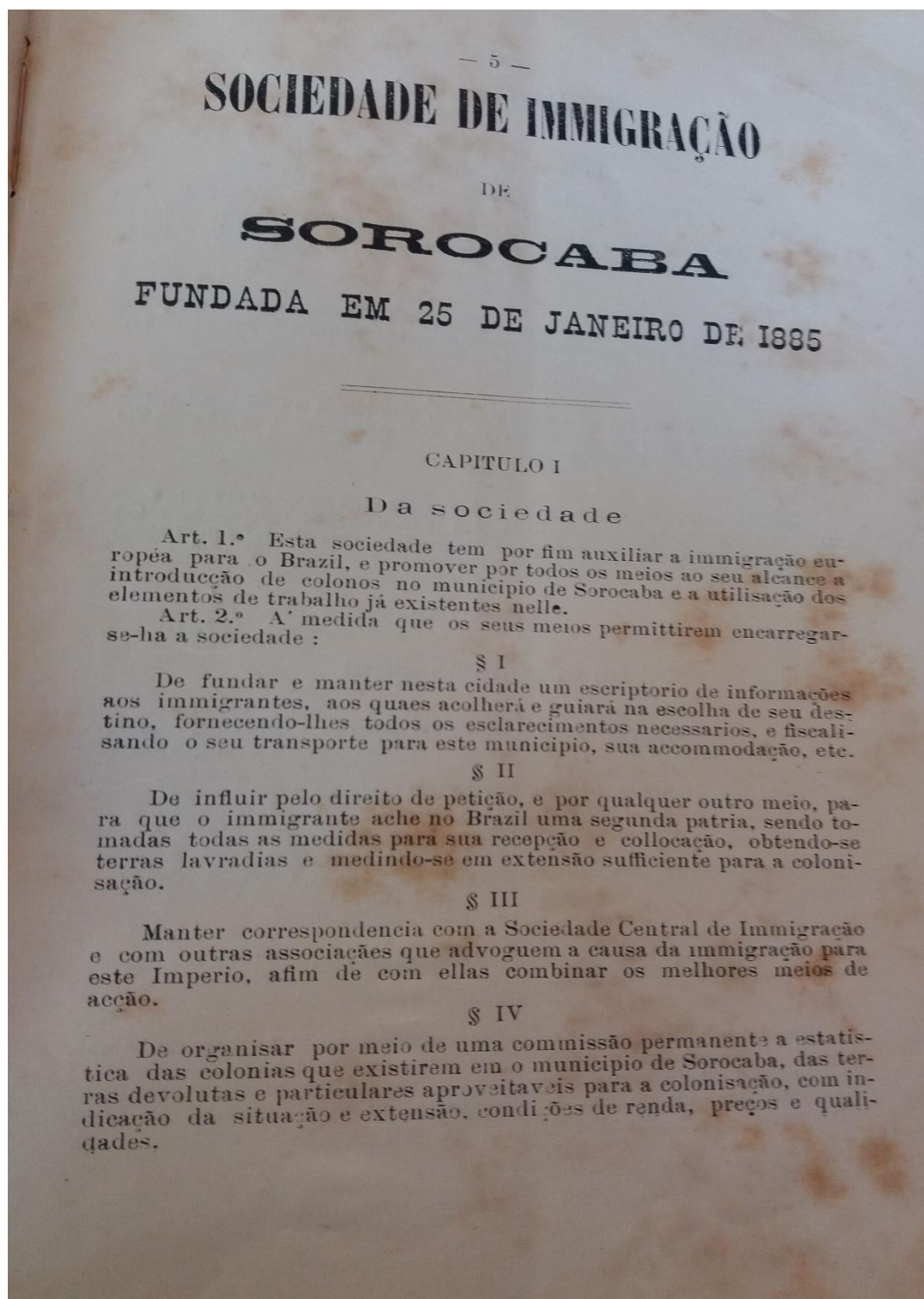
11 a) murcho/ encolhido/ magrinho (figur) ☐ não sabe ☐ sabia, mas não lembra como dizer ☐ sabe e lembra * sugestão dada_____	11 b) engurruñado ☐ não conhece ☐ outro significado dado_____ *no caso de não lembrar ou dizer espontaneamente, dar essas opções ☐ entristecido ☐ encolhido ☐ tímido
12 a) pessoa intrometida ou pegajosa ☐ não sabe ☐ sabia, mas não lembra como dizer ☐ sabe e lembra * sugestão dada_____	12 b) meticoñera/ meticonllera ☐ não conhece ☐ outro significado dado_____ *no caso de não lembrar ou dizer espontaneamente, dar essas opções ☐ atrevido ☐ metido a besta ☐ intrometido
13 a) surra/ apanhar ☐ não sabe ☐ sabia, mas não lembra como dizer ☐ sabe e lembra * sugestão dada_____	13 b) llevar una paliza ☐ não conhece ☐ outro significado dado_____ *no caso de não lembrar ou dizer espontaneamente, dar essas opções ☐ levar um fora ☐ levar uma surra ☐ levar uma vida boa
14 a) machucado/ ferido ☐ não sabe ☐ sabia, mas não lembra como dizer ☐ sabe e lembra * sugestão dada_____	14 b) estropeado ☐ não conhece ☐ outro significado dado_____ *no caso de não lembrar ou dizer espontaneamente, dar essas opções ☐ estragado ☐ machucado ☐ enterrado
PERGUNTA ABERTA Você conhece algum palavrão ou gíria em espanhol? Daria exemplo?	Você conhece as seguintes expressões? Consegue dizer os significados ou contextos em que usa? Coño? - Chocho? - Cabrón? - Huevo! - Me cago en Dios - Me cago en la hostia de tu madre/ La madre que te parió *Outras citadas:

IV: TABELA COMPLETA DE DADOS DOS PARTICIPANTES

INFORM/ ACERTOS (DE 30)	FAIXA 1 (35-50) 2 (51-65) 3 (65+)	NASC	GÊN	ESCOL. FUND. MÉD. SUP.	ASCEND.	MODO ASCEND.	USO LGCO HOJE	USO ANTES Port Espa	FLUÊNCIA	BAIRRO ORIGEM FAMILIAR / CIDADES OUTRAS	BAIRRO ATUAL	AUGE
Ad. (10)	F2	1967	H	SUP.	NETO	AMBOS	NÃO	2 Igual	POUCO	Caputera (rural)/ V. Hortência	J. Gonçalves	ANOS 20 (100% ESP)
CS (4)	F1	1979	M	SUP.	NETA	UM	NÃO	Mais P	+/-	V. Carvalho/S. Carlos	Votorantim	
Ce (12)	F2	1961	H	SUP.	NETO	UM	POUCO	Mais P	+/-	Centro	V. Carvalho	
Cl (18)	F1	1978	M	SUP.	NETA	AMBOS	+/-	Mais P	+/-	J. Barcelona	J. Barcelona	
CN (26)	F3	1937	M	SUP.	FILHA	AMBOS	SIM	Só E	BEM	V. Hortência	V. Hortência	ANOS 30 (100% ESP)
Cr (16)	F1	1982	H	SUP.	NETO	UM	POUCO	Mais E	BEM	Mato Dentro (rural)	Mato Dentro	
D (28)	F3	1939	M	FUND.	FILHA	AMBOS	POUCO	Só E	+/-	Araçoiaba (fora de Sorocaba)/Vila Haro	V. Hortência	
Ed (8)	F1	1968	H	SUP.	BISNETO	UM	NÃO	Mais P	POUCO	Vila Hortência	J. Alcolea	
Ev (14)	F3	1941	M	FUND.	FILHA	UM	NÃO	2 Igual	POUCO	Dourados (fora de Sorocaba)	Bairro Morros	ANOS 40 (61,4% ESP)
Fl (21)	F3	1943	H	SUP.	FILHO	AMBOS	POUCO	2 Igual	POUCO	Iperó (fora de Sorocaba)	Vila Haro	
FC. (13)	F2	1967	H	MÉD.	NETO	UM	POUCO	Mais P	POUCO	Brigadeiro Tobias/Vila Hortência	Piazza di Roma	
FE. (19)	F3	1937	H	SUP.	NETO	AMBOS	POUCO	Só E	BEM	Brigadeiro Tobias/Vila Hortência	V. Hortência	
Gi (10)	F1	1969	M	MÉD.	NETA	UM	NÃO	2 Igual	NÃO	Brigadeiro Tobias/Vila Hortência	J. Paulistano	ANOS 50 (61,3% ESP)
GL (16)	F3	1937	M	FUND.	FILHA	AMBOS	POUCO	2 Igual	POUCO	Vila Hortência	Vila Assis	
GR (22)	F3	1944	H	SUP.	FILHO	AMBOS	+/-	Só E	BEM	Centro	J. Pagliatto	
HS (25)	F3	1947	M	MÉD.	FILHA	AMBOS	+/-	Só E	BEM	Brigadeiro Tobias/Vila Hortência	J. Sandra	
Iv (23)	F2	1958	M	MÉD.	FILHA	AMBOS	NÃO	Mais E	NÃO	Brig. Tobias	J. Barcelona	ANOS 50 (61,3% ESP)
JP (26)	F2	1962	H	SUP.	FILHO	AMBOS	NÃO	Mais P	BEM	Árvore Grande/Centro	Caputera	
JE (5)	F3	1938	H	SUP.	FILHO	AMBOS	POUCO	Mais P	POUCO	V. Hortência	V. Hortência	

JL (12)	F1	1983	M	SUP.	NETA	AMBOS	+/-	2 Igual	+/-	Brigadeiro Tobias/Parada do Alto	Ipamea das Pedras	ANOS 60 (57,6% ESP)
JG (10)	F2	1967	H	SUP.	NETO	AMBOS	+/-	Mais P	+/-	Centro	J. Guadalaajar	
JMo (12)	F3	1935	H	FUND.	FILHO	UM	POUCO	2 Igual	POUCO	Botucatu/Vila Hortência	Vila Hortência	
Lu (6)	F1	1976	M	SUP.	NETA	UM	POUCO	Mais P	NÃO	Brigadeiro Tobias	V. Santana	
MC (22)	F3	1935	M	FUND.	FILHA	UM	POUCO	2 Igual	+/-	Vila Haro	V. Hortência	
MM (18)	F2	1960	M	SUP.	FILHA	UM	POUCO	Mais P	+/-	Vila Hortência	Prestes Barros	
Mar (13)	F1	1975	M	SUP.	NETA	UM	NÃO	Mais P	BEM	Vila Santana	J. Mª Carmo	ANOS 70 (37,8%)
Mr (6)	F1	1974	H	SUP.	NETO	UM	NÃO	Mais P	NÃO	Além-Ponte	Campolim	
ML (9)	F2	1959	M	SUP.	NETA	UM	POUCO	Mais P	POUCO	Vila Hortência	V. Hortência	
M (18)	F3	1920	H	FUND.	NATIVO	AMBOS	POUCO	Só E	BEM	Brigadeiro Tobias	Brigadeiro Tobias	
MI (12)	F2	1963	M	SUP.	NETA	UM	POUCO	Mais P	+/-	Vergueiro/Vil Hortência	J. Magnólia	
MG (16)	F3	1937	M	SUP.	NETA	UM	NÃO	Mais P	POUCO	Caputera (rural)/Jardim Barcelona	J. Faculdade	
Mat (4)	F1	1986	H	SUP.	BISNETO	UM	POUCO	Só P	POUCO	V. Hortência/São Paulo	J. Gutierrez	ANOS 80 (26,6% ESP)
OL (15)	F2	1957	M	FUND.	NETA	AMBOS	POUCO	Mais E	POUCO	São Roque/Peñapolis (fora de Sorocaba)	Nova Sorocaba	
RH (9)	F2	1967	H	MÉD.	NETO	UM	NÃO	2 Igual	POUCO	Vila Haro	Vila Haro	
RO (21)	F3	1950	H	SUP.	NETO	AMBOS	SIM	Mais P	BEM	Vila Hortência	Campolim	
RB (20)	F2	1964	H	SUP.	FILHO	AMBOS	SIM	2 Igual	BEM	Centro	Zona Norte	
SA (11)	F3	1951	H	SUP.	NETO	UM	POUCO	Mais P	POUCO	Salto/Porto Feliz (fora de Sorocaba)	Caguaçu	ANOS 90 (0,0% ESP)
SM (23)	F3	1952	H	MÉD.	NETO	UM	SIM	Mais E	+/-	Vila Hortência	J. Barcelona	
SI (19)	F3	1948	H	FUND.	FILHO	AMBOS	POUCO	Mais E	POUCO	Brigadeiro Tobias	B. Tobias	
SO (25)	F2	1954	M	SUP.	FILHA	AMBOS	+/-	Mais P	POUCO	J. Barcelona/Vila Hortência	J. Barcelona	

V: ESTATUTO DA SOCIEDADE DE IMIGRAÇÃO - SOROCABA



— 6 —

CAPITULO II

DOS SOCIOS

Art. 3.º São socios desta Sociedade todas as pessoas que se inscreverem nas suas listas, pagando adiantado a contribuição de 10\$000 annual.

§ I

Serão nomeados socios honorarios por deliberação da assembléa geral, as pessoas que prestarem serviços extraordinarios á Sociedade.

§ II

Serão considerados socios remidos os que por uma só vez contribuírem com a somma de 100\$000, e benemeritos os que offertarem quantia superior a 200\$000.

§ III

Socios fundadores serão considerados todas as pessoas que concorrerem ás sessões preparatorias, ou por escripto declararam sua adhesão á fundação da Sociedade, pagando a contribuição de 10\$000 adiantada.

CAPITULO III

Da assembléa geral

Art. 4.º Uma vez por semestre e em dia que a directoria designar reunir-se-ha a assembléa geral, que funcionará com o numero de socios que a ella concorrerem.

Art. 5.º Compete á assembléa geral :

§ I

Eleger a mesa presidencial.

§ II

Nomear a commissão fiscal para exame das contas do thesoureiro.

§ III

Resolver sobre todas as medidas que a Sociedade tiver de tomar no sentido de gradualmente realisar o seu programma.

Art. 6.º Poderá ser convocada a assembléa geral extraordinariamente por deliberação da directoria, ou por deliberação da terça parte dos socios residentes nesta cidade e quites com a caixa.

— 7 —

CAPITULO IV

Da directoria

Art. 7.º A duração de cada directoria será de um anno. Ella será composta de :

Um presidente.

Um vice-presidente.

Um thesoureiro.

Um 1º secretario.

Um 2º secretario.

Vinte e quatro directores.

Uma commissão especial de estatistica composta de 3 membros.

Art. 8.º Incumbe á directoria dirigir todos os trabalhos da Sociedade, fazendo sessão sempre que fôr necessario.

§ unico

Compete tambem á directoria nomear empregados estipendiados que forem admittidos pela Sociedade.

Art. 9.º Ao presidente compete :

§ I

Convocar a assembléa geral nos casos previstos nestes estatutos

§ II

Dirigir os trabalhos da mesa.

§ III

Autorisar despesas urgentes até 100\$000.

§ IV

Convocar a reunião da directoria para autorisação de despesas maiores.

§ V

Representar a Sociedade perante os poderes publicos.

Art. 10.º Ao vice-presidente compete :

§ unico

Substituir o presidente em seus impedimentos.

Art. 11.º Ao thesoureiro compete :

§ I

Receber toda a receita e fazer toda a despesa da Sociedade, devendo os fundos sociaes serem depositados conforme a autorisação da directoria.

§ II

Escripturar minuciosamente a receita e a despesa, prestando semestralmente contas documentadas á assembléa geral.

Art. 12.º Aos secretarios compete :

§ I

Manter toda a correspondencia da Sociedade.

§ II

Redigir as actas das assembléas geraes e das sessões da directoria

§ III

Dirigir o escriptorio de que falla o § 1º artigo 2º.

§ IV

Colligir com auxilio da commissão de estatistica e fornecer aos immigrantes todas as informações e esclarecimentos tendentes ao seu estabelecimento neste municipio.

§ V

Archivar todos os papeis da Sociedade.

Art. 13.º Aos directores compete :

§ I

Revesando-se mensalmente em turnas de dois, exercerem a fiscalisação de que trata o § 1º artigo 2º.

§ II

Pôr o seu visto—em todos os documentos de despesas a fazer-se durante o seu respectivo mez, sem o que não poderá ser feito o pagamento pelo thesoureiro.

CAPITULO V

Dissolução da Sociedade

Art. 14.º Esta Sociedade durará enquanto não fôr dissolvida por deliberação da assembléa geral.

Approvados em sessão de Assembléa geral de 22 de Fevereiro de 1885.

A. X. DE ARAUJO, 1º secretario.

VI: DIARIO ESPAÑOL 24/11/19

DIARIO ESPAÑOL

Continuación de LA VOZ DE ESPAÑA

Prez de subscripción
 Anual 100 NRS
 Semestral 50 NRS
 Trimestral 25 NRS
 Mensual 10 NRS

Suma y suscripción
 Res. B. G. de Tablas, 85
 C. de la Prensa 412
 C. de la Suscripción 100

Año XIII

S. PAULO (BRASIL) Viernes 24 de Noviembre de 1911

Núm. 950

Año XIII

S. PAULO

La riqueza del Brasil y su constante desenvolvimiento

En los cincuenta años últimos, el auxilio prestado por la ciencia á la humanidad para el aumento de su bienestar y el desarrollo de su riqueza, ha sido enorme.

El aprovechamiento de la fuerza de vapor y la electricidad en las industrias y el descubrimiento de nuevas aplicaciones de la química, ha causado transformación tal, que en la existencia del mundo no puede presentarse período que pueda compararse al pequeñísimo que abarca el último medio siglo.

Todas las naciones que no se hallaban en adelantado estado de decadencia han gozado los beneficios de esa brillante transformación, y, sobre todo, aquellas en que el estado de guerra no ha constituido en ellas una especie de enfermedad endémica.

Alemania, Inglaterra, Francia, Estados Unidos, Japón, Austria é Italia, han aumentado su fuerza productiva en grado tan grande, que les ha proporcionado medios para ensanchar y embellecer sus poblaciones, para extender la instrucción y para crear grandes flotas, muy especialmente de guerra, y sostener grandes ejércitos.

España también ha sido vivificada por el soplo del progreso, impulsado por la ciencia, mas sus efectos no han sido muy rápidos y grandes y visibles, debido no á decadencia de la raza ó á desdén por los nuevos métodos científicos, sino á la carencia de paz necesaria para aprovecharlos.

Depauperada á causa de sus guerras con Inglaterra y con Francia, y con sus colonias de América y Oceanía, y por sus persistentes luchas civiles, y por sus conflictos con los africanos, y por el sacrificio á que le obligó su honor con los Estados Unidos,—nuestra patria, anquilada por tanto desgaste y sufrimiento, no pudo nutrirse con los descubrimientos modernos al igual que otras naciones que se hallaban en plena robustez para asimilárselos.

Así, lo que en unos países es efecto natural del medio en que se han desarrollado, sin más mérito que el de ser distinguidos y mimados por la suerte, en España su progreso ha sido el efecto del heroísmo de sus hijos, que han tenido que contrarrestar la adversidad con fiereza y sin desmayos.

No alcanza en pujanza á muchos pueblos, pero ha demostrado ser más fuerte que ellos, porque otros ya hubieran sucumbido en su lugar, anquilados por las enfermedades sociales que padeció.

Así, los que conocen los hechos históricos y saben razonar con lógica, no pueden acusar á nuestra patria de holgazanería ó de ineptia por no figurar en lugar más elevado.

De varios pueblos, especialmente americanos, que no pesando sobre ellos cargas de otros tiempos, gozando de paz duradera y teniendo elementos abundantes de riqueza y bienestar proporcionados por la naturaleza, ya no puede decirse lo

mismo, pues no tiene disculpa su escaso desenvolvimiento.

Ya se sabe que no alcanza á todos la censura, pues los Estados Unidos se hallan en pleno esplendor material, á pesar de que el mismo se ve lleno de sombras que le afean; ni á Chile, ni á la Argentina, ni á Brasil, que viven en franco desarrollo, según se sabe.

Pero lo que se ignoraba, y lo que seguramente ha de maravillar, es que sea esta última nación, el Brasil, la que ha vencido en la lucha del trabajo, ó sea en la riqueza exportada que lo representa, en estos últimos veinte años, á los demás países del mundo.

Este descubrimiento ha sido hecho por el *Almanaque Hachette*, para 1912. Sus autores, consultando todas las estadísticas que se refieren al comercio, han podido deducir que el Brasil se halla en la cúspide del progreso del movimiento mundial.

El aumento de la exportación del Brasil, en el indicado período de 20 años—fué de 251 por 100; el de la Argentina, de 215; el del Japón, de 212; el del Canadá, de 179; el de Egipto, de 160; el de Francia, de 52; el de los Estados Unidos, de 141; el de Inglaterra, de 60; el de México, de 67; el de Suiza, de 30; el de Italia, de 103; el de los Países Bajos, de 111; el de Bélgica, de 121; el de Alemania, de 124; el de China, de 129.

Venimos asegurando hace tiempo que el Brasil prospera de modo asombroso, pues que la fiebre de trabajo es pasmosa é invade toda la vida nacional, y ahí se halla un documento, basado en la realidad, que apoya nuestras afirmaciones.

Y como del Brasil el Estado de S. Paulo es la parte más rica y más brillante, claro que á él le corresponde la gloria y le cabe el orgullo de gozar las primicias de tan portentoso progreso.

Es nuestro deber, por esa causa, el persistir en la cruzada que llamamos á cabo con entusiasmo, aunque sin éxito, de llamar la atención de España para este Brasil por ella desconocido, en el que podría hallar, sin sacrificios, el desenvolvimiento comercial que, derramando sangre y oro, está buscando en el Africa, cuando su porvenir, en lo que depende del extranjero, se halla en América, especialmente en la del Sur.

Cierto que á proporción que este país enriquece va desarrollando también sus industrias; mas no queda tampoco duda que aumenta su importación, porque puede consumir más ya que se halla en mejores condiciones de adquirir y de gastar.

Eso ponen en evidencia los hechos, que valen más que nuestras palabras.

Y tampoco debe desconocerse que la población aumenta en proporción paralela á la riqueza y á la importación y exportación, pues que todo el mundo acude á donde hay dinero, á donde hay trabajo y á donde es evidente la prosperidad y palpable el bienestar.

**VII: GLOSSÁRIO PORTUGUÊS-
ESPAÑHOL E VARIAÇÕES
(COMUNIDADE HISPANO-
BRASILEIRA DE SOROCABA)**

1



Autor: Fabrício Cordeiro Dantas
Data de produção: 01/02/2021

**Primeira parte:
vocábulo retirados
de seus contextos
extraídos de
menções
espontâneas ou
segundo solicitação**

Abreviações/códigos:

- Adj. (adjetivo)
- Adv. (advérbio)
- Conj. (conjunção)
- Despec. (despectivo, depreciativo)
- El (artigo masculino singular no espanhol: “o”)
- F. (feminino)
- Fig (sentido figurado, metafórico)
- Int. (interjeição)
- La (artigo feminino singular no espanhol: “a”)
- M. (masculino)
- Prep. (preposição)
- Pron. (pronome)
- Port-Esp (portunhol)

- Subst. (substantivo)
- V. (verbo)
- Vulg. (vulgarismo)

A

- **Abla** (subst. próprio): cidade da província andaluza de Almería de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil.
- **Abogado/a** (el/la, subst. m/f): advogado/a.
- **Abuelo/a** (el/la subst. m/f): avô/avó.
- **Aburrido/a** (el/la, adj. m/f): aborrecido/a, chateado/a. Variação “Port-Esp”: *aborrecío/a*.
- **Acá** (adv.): cá/aqui.
- **Acabado** (el, adj. m.): 1) acabado; 2) fig. machucado.
- **Acabroñao/á** (el/la, adj. m/f): adaptação andaluza e redução da palavra *acabronado* (incomodado).
- **Aceituna** (la, subst. f.): azeitona.
- **Aclarado/a** (el/la, adj. m/f): esclarecido/a.
- **Acompañar** (v. infinitivo): acompanhar.
- **Acordarse** (*me acuerdo*, v. infinitivo): lembrar-se
- **Adra** (subst. próprio): cidade da província andaluza de Almería de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Aflojar** (v. infinitivo): Folgar, afrouxar.
- **Agobiado/a** (el/la, adj. m/f): estressado/a.
- **Agrio/a** (el/la, adj. m/f): azedo.

2

- **Aguelo/a** ou **guelo/a** (el/la subst. m/f) (variação andaluza para “abuelo”): avô/avó.
- **Ahí** (adv.): aí, lá.
- **Ahora** (adv.): agora.

- **Ahorro** (el, subst. m.): economia.
- **Aire** (el, subst. m.): ar.
- **Ajo** (el, subst. m.): alho.
- **Al** (contração a+el): ao
- **Albañil** (el, subst. m.): pedreiro.
- **Albondón** (subst. próprio): cidade da província andaluza de Granada de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Albuñol** (subst. próprio): cidade da província andaluza de Granada de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Albuñuelas** (subst. próprio): cidade da província andaluza de Granada de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Algarra** (subst. próprio): sobrenome comum no universo hispano-falante.
- **Alhambra** (Cine-Teatro, subst. próprio): local de peças e exibição de filmes, fundado pelo espanhol Juan Santisteban, que funcionou dos anos 1920 aos 1950 na colônia espanhola sorocabana, e que faz referência ao monumento Alhambra, espécie de castelo árabe situado na cidade de Granada, Sul da Espanha.
- **Alhaurín de la Torre** (subst. próprio): cidade da província andaluza de Málaga de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Alhaurín el Grande** (subst. próprio): cidade da província andaluza de Málaga de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Allá/Allí** (adv.): Lá, ali.
- **Almargen**: cidade da província andaluza de Málaga de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Almería** (subst. próprio): capital da província andaluza homônima de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Almuñécar** (subst. próprio): cidade da província andaluza de Granada de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Alocado/a** por (el/la, adj. m/f): louco/a por.
- **Alteia** (subst. próprio): sobrenome hispânico.
- **Amable** (el/la, adj. m/f): gentil.
- **Ancho** (el/la, adj. m/f): 1) largo/grande; 2) fig. folgado/a.
- **Andalucía** (subst. próprio): Andaluzia, comunidade autônoma que compreende o sul da Espanha e é composta pelas províncias de Almería, Cádiz, Córdoba, Granada, Huelva, Jaén, Málaga e Sevilla.
- **Angelico patúo** (el, adj. m.): (variação andaluza para “ángel patudo”): 1) mimado; 2) aquele que finge que é ingênuo.
- **Angustioso/a** (el/la, adj. m/f): angustiado.
- **Anica** (adj. f.): apelido afetoso para o nome Ana.
- **Año** (el, subst. m.): ano.
- **Antaño** (adv.): antigamente.
- **Antequera** cidade da província andaluza de Málaga de onde saíram



3

emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.

- **Antonio Haro** (subst. próprio): espanhol atuante economicamente em Sorocaba e cuja família e importância local, através do trabalho com aluguel de imóveis alugava imóveis e cultivo de cebola e laranja resultou nomeação do bairro conhecido como Vila Haro, na Zona Leste de Sorocaba.
- **Apellido** (el, subst. m.): sobrenome.

- **Apertao/á** (el/la, adj. m/f): adaptação andaluza para a palavra “apretado” e redução da palavra apertado, “port-esp” (apertado/a).
- **Apiñado** (el/la, adj. m/f): adaptação andaluza e redução da palavra apertado, “port-esp” (apinhado/a, cheio/a).
- **Aqué/aquella/aquellos/as** (pron. demonstrativo e variações): aquele/a, aqueles/las.
- **Arrascarse** (v. infinitivo): variação do verbo rascarse (coçar-se).
- **Arriba** (adv.): acima, para acima.
- **Arrugado/a** (el/la, adj. m/f): 1) enrugado/a; 2) murcho/a
- **Así** (adv.): assim.
- **Asustarse** (v. infinitivo): ter um susto.
- **Ateo/a** (el/la, adj. m/f): ateu/ateia.
- **Atracao/atracá** (el/la adj. m/f) (variação andaluza de “atracado”): fig. teimoso/a, preso às mesmas ideias (“port-esp”).
- **Atrapado/a** (el/la adj. m/f): preso/a.
- **Atrapallado/a** (el/la adj. m/f): fig. bobo (“port-esp”).
- **Atravesá** (el/ella, adj. m.f. adaptação andaluza para “atravesado”): Mal humorado, desagradável. Ex: “Ella es atravesá”.
- **Ay**: interjeição: ai
- **Ayuntamiento** (el, subst. m.): prefeitura.

B

- **Bacalao** (el, subst. m.): bacalhau.
- **Bajo** (el/la adj. m/f): baixo/a.
- **Baloncesto** (el, subst. m.): basquetebol.
- **Bañarse** (v. infinitivo): banhar-se, tomar banho.
- **Bañero** (el, subst. m.): banheiro. (“port-esp”).

- **Bar do Espanha** (el, subst. m.): antigo local de lazer ligado à colônia espanhola de Sorocaba não mais existente.
- **Barcelona** (subst. próprio: Clube Atlético fundado em 1951 no bairro de mesmo nome cuja presença espanhola foi relevante em Sorocaba.
- **Barra** (la, subst. f.): balcão.
- **Barullo** (el, subst. m.): barulho.
- **Bendecir** (v. infinitivo): abençoar.
- **Benítez/Benites** (subst. próprio; versão abasileirada): sobrenome hispânico.
- **Benjamín/na** (el/la, subst. m/f): caçula.
- **Bien** (adv.): bem.
- **Bigote** (el, subst. m.): bigode.
- **Bilis** (el, subst. m.): bile.
- **Bizco/a** (el/la, adj. m/f): “vesgo” (apelido comum no universo hispano-falante e presente na comunidade espanhola de Sorocaba).

4

- **Bizcocho** (el, subst. m.): biscoito.
- **Blesa/Blessa** (subst. próprio; versão abasileirada): sobrenome hispânico.
- **Bocha** (la, subst. f.): jogo com bolas entre duas ou mais pessoas, que consiste em tentar fazer que a bola que cada um joga se aproxime mais das dos outros a um local lançado a certa distância no princípio de cada jogo (In: Dicionário da Real Academia Española).
- **Boda** (la, subst. f.): casamento.
- **Boludo/a** (el/la, adj. m/f): estúpido/a (variável argentina)
- **Borracho/a** (el/la, adj. m/f): bêbado/a.
- **Brasileño** (el, subst. m.): brasileiro.

- **Brasileraco** (el, subst. m.): brasileiro. (despec. aspecto preconceituoso)
- **Bravo/a** (el/la, adj. m/f): mal-humorado/a.
- **Bueno/a** (el/la, adj. m/f): bom/boa (para pessoa).
- **Buñuelo** (el, subst. m.): tipo de doce artesanal comum no universo hispânico. Variação sorocabana: “binhuélo”.
- **Burro/a** (el/la, adj. m/f): bruto/a, bronco/a.

C

- **Cabeza** (la, subst. f.): cabeça.
- **Cabeza dura/ Cabezudo/a** (el/la adj. m/f): teimoso/a.
- **Cabezón/a** (el/la, adj. m/f): teimoso/a.
- **Cabrón** (el, adj. m.): 1) corno; 2) chato; 3) bruto; 4) covarde.
- **Cabroñao** (el, adj. m.): forma adaptada/andaluz para “encabronado”: estressado.
- **Cachondo/a** (el/la adj. m/f): vulg. safado/a.
- **Caja de ahorros** (la, subst. f.): empresa bancária/poupança.
- **Calderón** (subst. próprio): sobrenome hispânico.
- **Caliente** (el/la adj. m/f): quente.
- **Callado/a** (el/la adj. m/f): calado/a.
- **Cállate** (v. imperativo): expressão para significar rejeição a algo incômodo - verbo “callarse” (cale-se).
- **Calle** (la, subst. f.): rua.
- **Camisón** (el, subst. m.): camisola.
- **Cantiplona** (el/la, adj. m.f.): manhoso/a
- **Caprichoso/a** (el/la adj. m/f): manhoso/a.
- **Caputera** (subst. próprio): bairro na região rural de Sorocaba onde se

concentram muitos descendentes de espanhóis.

- **Cara-colgando** (el, adj. m.): “cara-caindo”: apelido no universo hispano-falante e presente na comunidade espanhola de Sorocaba que dá ideia de “rosto grande”.
- **Carajo** (el, subst. m.): 1) forma pejorativa para órgão sexual masculino; 2) fig. Expressão de surpresa e contrariedade/recusa.
- **Caramelo** (el, subst. m.): bombom.
- **Cariño** (el, subst. m.): carinho.
- **Cascarrabias** (el/la adj. m/f): mal-humorado/a.
- **Casco** (el, subst. m.): capacete.
-
-

5

- **Casino de Sevilla** (el, subst. m.): grupo musical da colônia espanhola de Sorocaba não mais existente.
- **Castañuela** (la, subst. f.): castanhola (instrumento musical).
- **Castilla la vieja** (Castilla y León) (subst. próprio) Comunidade Autônoma da Espanha.
- **Castizo/a** (el/la adj. m/f): castiço/a.
- **Cazuela** (la, subst. f.): tipo de sopa.
- **Cebolândia** (subst. f.): referência metonímica à colônia espanhola em função do cultivo comum da cebola naquela comunidade.
- **Celoso/a** (el/la adj. m/f): ciumento/a.
- **Cerdo** (el, subst. m.): porco.
- **Cervantes** (Casa/Clube, subst. m.): local de atividades culturais que existiu no seio da colônia espanhola de Sorocaba nos anos 1930 e que faz referência ao romancista, dramaturgo e poeta espanhol, Miguel de Cervantes (1547-1616).
- **Chalaíco/a/** (el/la adj. m/f): bobinho/a.

- **Chalao/chalá** (adaptação andaluza para “chalado/a”, adj. m.f.): 1) doido/a; 2) bobo/a, tonto/a.
- **Chaleco** (el, subst. m.): colete.
- **Chamurro/a** (el/la adj. m/f): teimoso/a.
- **Cháñez/ Chanes** (subst. próprio; versão abasileirada): sobrenome hispânico.
- **Chao** (int.): adeus, até logo.
- **Charlante** (el/la adj. m/f): falante.
- **Chichi** (el, subst. m.): xixi (“port-esp”).
- **Chico/a** (el/la, subst. m/f): (rapaz, moça).
- **Chifre virao** (el/la adj. m/f): 1) estressado; 2) mal-humorado.
- **Chillío** (el/la, subst. m/f): adaptação andaluza e redução da palavra chillido (incomodado).
- **Chinchorrera** (el/la adj. m/f): 1) inconveniente de tanto falar, tagarela; 2) chato/a.
- **Chirigota** (la adj. f): 1) bobagem; 2) brincadeira.
- **Chistoso/a** (el/la adj. m/f): engraçado/a.
- **Chorizo** (el, subst. m.): embutido comum no universo hispânico. Variação sorocabana/brasileira: “churiço”
- **Chuchurrío/a** (el/la adj. m/f): murcho/a.
- **Churreto/a** (el/la adj. m/f): sujo/a.
- **Ciego/a** (el/la adj. m/f): cego/a.
- **Cielo** (el, subst. m.): céu.
- **Ciempíes** (el, subst. m.): centopeia.
- **Clarín** (el, subst. m): jornal argentino cujo nome faz referência ao escritor e jurista espanhol Leopoldo Alas “Clarín” (1852-1901).
- **Cochino/a** (el/la, subst. m/f): porco/a.
- **Coger/Coja** (v. infinitivo, imperativo): pegar/ pegue.
- **Cojones** (tiene los~, subst. m.): 1) testículos; 2) fig. ter coragem; 3) expressão de estranheza e chateação.
- **Colorá** (el/la, adj. m/f): adaptação andaluza para a palavra “colorado/a” (avermelhado/a).
- **Con** (prep.): com.
- 
- **Concha** (la, subst. f.): 1) concha; 2) genitália feminina. (vulg.)
- **Congacha** (el/la adj. m/f): mimado/a.
- **Connigo** (pron. primeira pessoa): comigo.
- **Conocer** (v. infinitivo): conhecer.
- **Contracoño/recoño/coño** (el, subst. m): 1) órgão sexual feminino; 2) expressão enfática de estranheza ou chateação.
- **Convenir** (v. infinitivo): convir.
- **Copón** (el, subst. m.): cálice sagrado (católico).
- **Corazón** (el, subst. m.): coração.
- **Cornúo/a** (el/la, adj. m/f) (adaptação andaluza para “chalado/a”, adj. m.f.): 1) chifrudo/a. 2) fig. corno.
- **Cortijo** (el, subst. m.): tipo de moradia rural comum na Espanha.
- **“Cortijo del llano”** (subst. próprio): nome do local de lazer da cidade de Pechina, município da província andaluza de Almería
- **Cosa** (la, subst. f.): coisa.
- **Creído/a** (el/la, subst. m/f): presunçoso.
- **Cuando** (adv.): quando.
- **Cuchara** (la, subst. f.): colher.
- **Cuchara** (la, subst. f.): colher.
- **Cucharón** (el, subst. m.): concha (para refeição).
- **Cuchillo** (el, subst. m.): faca.

- **Cuello** (el, subst. m.): pescoço.
- **Cuenta** (la, subst. f.): conta.
- **Cuerno** (el, subst. m.): chifre.
- **Cuerno virao** (tiene~, adj. m): 1) chifre virado (fig: estressado/ mal humorado).
- **Cueva** (la, subst. f.): caverna.
- **Cuevas Bajas**: cidade da província andaluza de Málaga de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/ Sorocaba.
- **Culo** (el, subst. m.): bumbum/ ânus.
- **Cuna** (la, subst. f.): berço.
- **Cura** (el, subst. m.): padre.

D

- **Dañado/a** (el/la, adj. m/f.): danificado.
- **Dañó** (el, subst. m.): dano.
- **Dar/doy** (v. infinitivo, presente): dar/ dou.
- **Decir/decía** (v. infinitivo, pretérito imperfeito): dizer/ dizia.
- **Dejar** (v. infinitivo): deixar.
- **Del** (contração de+el): do
- **Delante** (adv.): em frente.
- **Delgado/a** (el, adj. m.): magro/a
- **Demonio** (el, subst. m.): demônio.
- **Derecho** (el, subst. m.): direito.
- **Desancado** (el/la, adj. m/f): 1) maltratado; 2) machucado/a.
- **Despacio** (adv.): 1) pouco a pouco; 2) devagar.
- **Dia da Raça** (comemoração relativa à presença do imigrante no Brasil, celebrada em setembro).
- **Díaz/Dias** (subst. próprio; versão abrigada): sobrenome hispânico.
- **Dicho** (el, subst. m.): ditado, provérbio.
- **Dios** (el, subst. m.): deus.
- **Dolido/a** (el/la, adj. m/f): machucado/a, magoado/a.
- **Dolor** (el, subst. m.): dor.

- **Dom Felipe II**: rei espanhol de 1556 a 1598.
- **Dorado/a** (el/la, adj. m/f): dourado.

7

- **Dragón** (el, subst. m.): 1) dragão; 2) comilão (fig.)
- **Dueño** (el, subst. m.): dono.

E

- **Echase** (v. infinitivo): jogar-se, lançar-se.
- **El mundo**: segundo maior jornal espanhol, fundado em 1989.
- **El país**: jornal de maior tiragem na Espanha, fundado em 1976.
- **Eldorado** (Cine/Cinema, subst. próprio): local de atividades culturais que existiu no seio da colônia espanhola de Sorocaba nos anos 1930.
- **Ella/s**: (pron. pessoal): ela/elas.
- **Emburrá/ emburrao** (adaptada andaluza para “emburrado/a”, adj. m.f.: emburrado).
- **Embustero/a** (el/la, adj. m/f): mentiroso/a, corrupto/a.
- **Emoción** (la, subst. f.): emoção.
- **Empachoso** (el, adj. m.): algo inconveniente, que causa vergonha.
- **En** (prep.): em.
- **Encalambrao/á** (el/la, adj. m/f): adaptação andaluza para “encalambrado”: 1) fatigado/a; 2) machucado/a.
- **Encogió/a** (el/la, adj. m/f.): adaptação andaluza para “encogido/a”: encolhido/a, murcho/a.
- **Enconjoná** (el/la, adj. m/f): adaptação andaluza para “enconjonado”: incomodado.
- **Enfadado/a** (el/la, adj. m/f): 1) nervoso/a; 2) chateado/a.
- **Enfermo/a** (el/la, adj. m/f): doente.

- **Engruñao/Engruñá** (el/la, adj. m/f.): adaptação andaluza para “engruñado/a”: 1) murcho/a, desmilinguido/a; 2) tímido/a.
- **Enllenar el saco** (v. infinitivo): encher o saco (“port-esp”)
- **Enojado/a** (el/la adj. m/f): enraivecido/a.
- **Ensalada** (la, subst. m.): salada.
- **Entero/a:** (el/la adj. m/f): inteiro/a.
- **Entrón** (el/la adj. m/f): 1) entrão; 2) intrometido.
- **Envergonzar** (v. infinitivo, variação de avergonzar): envergonhar (“port-esp”)
- **Escabeche** (el, subst. m.): molho com vários ingredientes como óleo, vinho, louro para temperar peixes e outros alimentos.
- **Escalabrá** (el, la, subst. m/f): adaptação andaluza para “escalabrado” (redução de descalabrado): machucado.
- **Escandaloso/a** (el/la, adj. m/f): barulhento/a.
- **Escribir/escribe** (v. infinitivo, presente): escrever/escreve.
- **Eso/a(s)** (pron. demonstrativo e variações): isso/essa(s).
- **Esperto/a** (el/la, adj. m/f): variação de “esperto/a” (“port-esp”).
- **Espinoso del Rey:** cidade da província de Toledo, localizada na comunidade autónoma de Castilla-La Mancha.
- **Espíritu** (el subst. m.): espírito.
- **Estación** (la subst. f.): estação.
- **Esto/a(s)** (pron. demonstrativo e variações): isto/esta(s).
- **Estorreado/a** (el/la adj. m/f): murcho/a.

8

- **Estrecho/a** (el/la adj. m/f): estreito/a.

- **Estropeao/estropeá** (el/la adj. m/f: adaptação andaluza para “estropeado”): machucado/surrado.
- **Exquisito/a** (el/la adj. m/f): saboroso/a.
- **Ser/Eres/Es** (v. infinitivo, presente): ser/és/é.

F

- **Fabada** (la subst. f.): cozido de feijão.
- **Facer** (v. infinitivo): fazer. (“port-esp”)
- **Febrero** (el subst. m.): fevereiro.
- **Feria** (la subst. f.): feira.
- **Flaco/a** (el/la, adj. m/f): magro/a.
- **Flamenco** (el, subst. m.): estilo de dança espanhol de influência árabe, marcadamente presente na região andaluza e cuja presença se verificou na colônia espanhola em Sorocaba.
- **Flojo/a** (el/la subst. m/f): 1) frouxo/a; 2) preguiçoso/a.
- **Frasca** (la, adj. f.): apelido para o nome Francisca, nome muito comum tanto no Brasil como na Espanha.
- **Frente** (la subst. f.): testa.
- **Frileche** (expressão popular para rejeitar com ênfase – fri + leche): “vai pra lá”.
- **Fuera** (adv.): fora.

G

- **Gabi (El/La):** (adj. m/f) apelido afetuoso para o nome Gabriel/la.
- **Gacha, gachoso/a, gachón/a** (el/la adj. m/f.): 1) mimado/a; dengoso/a; 2) alimento (polenta).
- **Gaíca:** (la, subst. f.) (variação andaluza de gallina): galinha
- **Galícia:** comunidade autónoma situada ao norte da Espanha.
- **Gallina** (la, subst. m.): galinha.
- **Gallinero** (el, subst. m.): galinheiro

- **Gambas** (las, subst. f.): lula.
- **Gana** (tiene la mala~, subst. f.): ter indisposição, incômodo, má vontade. Ex: “Está de mala gana”.
- **Gandulo/a** (el/la, subst. m/f): preguiçoso/a.
- **Garbanzo** (el, subst. m): grão de bico.
- **García/Garcia**: (subst. próprio; versão abrigada): sobrenome hispânico.
- **Gazpacho** (el, subst. m): gazpacho (sopa fria de tomates).
- **Gibraltar (Porto)**: (subst. próprio): cidade no Sul da Europa, próximo à Andaluzia, de onde saíram muitos navios com imigrantes espanhóis em direção ao Brasil.
- **Gijón** (subst. próprio): cidade da província de Astúrias, no norte espanhol.
- **Gil(es)** (el/la, adj. m/f): ingênuo/a.
- **Gilipollas** (el/la, adj. m/f): estúpido/a.
- **Gitano/a** (el/la, adj. m/f): cigano/a. (Usado como preconceito diante dos brasileiros).
- **Golpeado** (el/la, adj. m/f): machucado/a.
- **González/Gonzales**: (subst. próprio; versão abrigada): sobrenome hispânico.
- **Graena**: cidade da província andaluza de Granada de onde saíram

9

emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.

- **Granada**: capital homônima de província andaluza.
- **Guadix** (subst. próprio): cidade da província andaluza de Granada de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Guampa**: (la, subst. f): chifre.

- **Guampudo/a** (el/la, adj. m/f): chifrudo/a.
- **Guantazo** (el, subst. m.): tapão
- **Guante** (el, subst. m.): luva.
- **Guapo** (el/la, adj. m/f): belo/a.
- **Guarnicionero** (el, subst. m.): operário que trabalha com ou faz objetos de couro, como malas, etc.
- **Guasca** (la, subst. f): 1) tipo de objeto como corda que serve para aplicar castigo; 2) surra (forma de metonímia).
- **Guebo** (el/la subst. m/f) (variação andaluza para “huevo”): ovo.
- **Guijo de Santa Bárbara** (subst. próprio): cidade da província estremenha de Cáceres de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Guitarra** (la, subst. f.): violão.
- **Guspidera** (la, subst. f.) penico (variação sorocabana para “escupidera”).
- **Gusto** (el, subst. m.): gosto.
- **Gutierrez** (João Perdigão): anarquista e militante espanhol (Ilhas Canárias) com atividades políticas tanto em Santos como em Sorocaba e cujo sobrenome deu origem ao bairro Jardim Gutierrez, na Zona Leste de Sorocaba.

H

- **Haber** (v. infinitivo): haver.
- **Habichuela** (la, subst. f.): feijão verde.
- **Hacer/Haga/Hecho** (v. infinitivo, imperativo, participio): fazer/faça/feito.
- **Haro**: sobrenome comum no universo hispano-falante.
- **Harto/a** (el/la, adj. m/f): farto/a.
- **Hasta** (prep.): até.
- **Herido/a** (el/la, adj. m/f): ferido/a.
- **Hermano/a** (el/la, subst. m/f): irmão/irmã.

- **Hijo/a** (el/la, subst. m/f): filho/a.
- **Hinchar** (v. infinitivo): inchar.
- **Hombre** (el, subst. m.): homem.
- **Horlicón/na** (el/la, adj. m/f): teimoso/a. **teimoso**
- **Hormiguillo (tener)** (v. infinitivo): estar inquieto.
- **Horno** (el, subst. m.): forno.
- **Hostal** (el, subst. m.): pousada.
- **Hostia** (tiene la mala~, subst. f.): 1) ter má intenção; 2) estar chateado.
- **Hoy** (adv.): hoje
- **Hueso** (el, subst. m.): osso.
- **Huevo** (el, subst. m.): 1) ovo; 2) testículo.
- **Huevo virao** (el/la adj. m/f) (variação andaluza para “huevo virado”): estressado/a. (fig.)
- **Huevón/a** (el/la, adj. m/f): 1) preguiçoso/a; 2) imbecil.

I

- **Igual que:** igual a
- **Importante** (Se cree el/la más) (“pessoa que se acha”): expressão para dar ideia de pessoa pretensiosa.

10

- **Ítrabo:** cidade da província andaluza de Granada de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Ir/iba/va** (v. infinitivo, pretérito imperfeito, presente): ir/ ia/vai.
- **Izquierdo/Isquierdo/Esquierdo:** (subst. próprio e versões abasileiradas): sobrenome hispânico.

J

- **Jaleo** (el, subst. m): barulho, agitação.
- **Jamón** (el, subst. m.): presunto.

- **Jardim Bermejo:** bairro da Zona Oeste de Sorocaba indicando referência à forma de nomear os avermelhado em espanhol, possivelmente ao referir-se aos espanhóis que, pelo calor do sol, ficavam avermelhados.
- **Jardim Guadalajara:** bairro da Zona Oeste de Sorocaba indicando referência tanto à cidade espanhola, na província de Guadalajara, na Comunidade Autônoma de Castilla-La Mancha como à cidade mexicana, capital do estado de Jalisco.
- **Jardim Guadalupe:** bairro da Zona Norte de Sorocaba nomeando pessoa ou santa hispânico-mexicana, Nossa Senhora de Guadalupe.
- **Jardim Gutierrez:** bairro da Zona Leste de Sorocaba indicando referência à atuação do anarquista João Perdigão Gutierrez.
- **Jardim Los Angeles:** bairro da Zona Norte de Sorocaba indicando referência hispânica à cidade de origem mexicana, atualmente dos Estados Unidos, no estado da Califórnia.
- **Jardim Moncaio:** bairro da Zona Leste de Sorocaba indicando referência à presença do hispano-descendente, José Roberto Moncayo.
- **Jardim Monterrey:** bairro da Zona Norte de Sorocaba indicando referência hispânica à cidade mexicana, no estado de Nuevo León.
- **Jardim Rosalia Alcoléa:** bairro da Zona Leste de Sorocaba indicando referência à presença da hispano-descendente, Rosalia Alcolea.
- **Juan Santisteban:** entusiasta cultural espanhol bastante atuante na colônia em Sorocaba, sobretudo nos anos 1930. Autor de “Mi labor

patriótica” e fundador do Cine-teatro Alhambra que funcionou de 1927 até o início dos anos 1950.

- **Joder/Jodío** (v. infinitivo, participio): foder, se machucar/machucado.
- **Judía blanca** (la, subst. f.): feijão branco.

L

- **“Labor Patriótica (discursos y poesias)”**: livro produzido pelo espanhol, Juan Santisteban, entusiasta cultural da colônia espanhola em Sorocaba, sobretudo nos anos 1930.
- **La Rábita**: cidade da província andaluza de Granada de onde saíram

11

emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.

- **Largarse/Lárgate** (v. infinitivo, imperativo): ir embora/vai embora.
- **Largo/a** (el/la, adj. m/f): longo/a.
- **Lástima** (la, subst. f.): tristeza.
- **Le** (pron.): lhe/ a ele/ela.
- **Leer** (v. infinitivo): ler.
- **Legumbre** (la, subst. f.): legume.
- **Lejos** (adv): longe.
- **Lentejas** (las, subst. f.): lentilhas.
- **Liga** (la, subst. f.): 1) ligação; 2) paquera 3) pedaço de tecido ou elástico para pendurar meias.
- **Limpiar** (v. infinitivo): limpar.
- **Listo/a** (el/la, adj. m/f): 1) esperto/a; 2) pronto/a.
- **Llamar** (v. infinitivo): chamar.
- **Llamar al teléfono** (v. infinitivo): telefonar.
- **Llegar** (v. infinitivo): chegar.
- **Llenar** (v. infinitivo): encher.
- **Llevar** (v. infinitivo): levar.
- **Llorar** (v. infinitivo): chorar.

- **Lluvia** (la, subst. f.): chuva.
- **Loco/a** (el/la, adj. m/f): louco/a.
- **Lola**: apelido comum no universo hispano-falante e presente na comunidade espanhola de Sorocaba que se refere ao nome Dolores.
- **Longaniza** (la, subst. f.): linguiça.
- **López/ Lopes**: (subst. próprio; versão abasileirada): sobrenome hispânico.
- **Loro**
- **Luques** (subst. próprio; versão abasileirada): sobrenome hispânico.

M

- **Macarrones** (los, subst. m.): macarrão.
- **Madre/Madrecita/Maíta/Mamá** (la, subst. f.): mãe, mãezinha (variações).
- **Maiz** (el, subst. m.): milho.
- **Mala gana** (la, subst. f.): indisposição
- **Mala leche** (la, subst. f.): mal-humorado.
- **Málaga**: capital homônima de província andaluza.
- **Malejao** (el, adj. m.): chateado (“port-esp”).
- **Malica** (la, adj. f.): manhosa.
- **Malo/a** (el/la, adj. m): 1) mau/má; 2) fig. podre (fruta).
- **Mamão** (el, adj. m.): bêbado.
- **Mañana** (adv.): manhã.
- **Manera** (la, subst. f.): maneira.
- **Mano** (la, subst. f): mão.
- **Manolo/a**: apelido comum no universo hispano-falante e presente na comunidade espanhola de Sorocaba que se refere ao nome Manoel/Manoela.
- **Mañosoa** (el/la, adj. m/f): mimado/a.

- **Manta mojada:** expressão coloquial para dar ideia de murcho. (manta molhada)
- **Mantecao** (el, subst. m.): tipo de doce artesanal comum no universo hispânico.
- **Marcharse** (v. infinitivo): partir.
- **Mareá** (el/la, adj. m/f): adaptação andaluza e redução da palavra mareado/a (enjoado, tonto).
- **Maricón** (el, adj. m.): 1) homossexual masculino (despec.); 2) manhoso/frouxo.

12

- **Marrano/a** (el/la, subst. m/f): 1) porco; 2) fig. pessoa suja ou grosseira.
- **Martillo** (el, subst. m.): martelo.
- **Más** (adv.): mais.
- **Matanza** (la, subst. f.): matança (se refere ao processo de preparação de comida derivada de porcos).
- **Mato Dentro** (subst. próprio): região da zona rural de Sorocaba que faz fronteira com o município de Mairinque.
- **Medio** (el, subst. m.): meio.
- **Mejor** (adj.): melhor.
- **Melocotones** (los, subst. m.): pêssago.
- **Metío/a** (el/la, adj. m/f): adaptação andaluza e redução da palavra intrometido (“port-esp”).
- **Mí** (pron. pessoal): mim.
- **Mi(s)** (pron. possessivo): meu(s)/minha(s).
- **Miedo** (el, subst. m.): medo.
- **Miércoles** (el, subst. m.): quarta-feira.
- **Mierda** (la): 1) excremento, imundície; 2) “a la mierda”: “vai passear”.
- **Miga** (la, subst. f.): 1) migalha; 2) preparado de pão acompanhado

com água, sal e refogado em azeite com alho e pimentão.

- **Mijao/á** (el/la, subst. m/f): murcho (“port-esp”)
- **Mirar/mira:** (v. infinitivo/imperativo): olhar/olha.
- **Miúra** (el, subst. m.): 1) touro; 2) chifrudo (fig.)
- **Mocoso/a** (el/la, adj. m/f): ranhento.
- **Molestar** (v. infinitivo): chatear, incomodar.
- **Molestia** (la, subst. f.): chateação, incômodo.
- **Molío** (el, adj. m.): 1) moído; 2) machucado.
- **Mono** (el, subst. m.): macaco.
- **Morcilla** (la, subst. f.): embutido feito de tripa de porco, carneiro ou vaca recheado de sangue cozido temperado com especiarias e acompanhado de ingredientes como pão, miga, etc.
- **Moreno** (subst. próprio e versões abasileiradas): sobrenome hispânico.
- **Morir/Morirse** (v. infinitivo): morrer.
- **Motril:** cidade da província andaluza de Granada de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Muchacho/a** (el/la, subst. m/f): rapaz/moça.
- **Muelas** (las, subst. f.): dentes.
- **Mujer** (la, subst. f.): mulher
- **Muñoz/Munhoz:** (subst. próprio e versões abasileiradas): sobrenome hispânico.
- **Murcia:** província situada no sudeste espanhol.
- **Murtas:** cidade da província andaluza de Granada de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Muy/mucho** (adv.): muito.

N

- **Na'** (pron. indefinido): nada (abreviação na forma andaluza).
- **Nadie** (pron. indefinido): ninguém.
- **Narila**: cidade da província andaluza de Granada de onde saíram

13

emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.

- **Navidad** (la, subst. f.): Natal.
- **Nena/Niña** (la, subst. f.): menina, jovem.
- **Nieto** (el, subst. m.): neto.
- **Ningún/a** (el/la, subst. m/f): nenhum/a.
- **No** (adv.): não.
- **“Noite espanhola”** (evento religioso-cultural que acontecia na colônia espanhola em Sorocaba, nos anos 90 e início dos anos 2000)
- **Nombre** (el, subst. m.): nome.
- **Ñoño** (el/la, adj. m/f): bobo.
- **Nosotros** (pron. pessoal): nós.
- **Nudo** (el, subst. m.): nó.
- **Nueve** (número): nove.
- **Nuevo/a** (el/la, subst. m/f): novo/a.

O

- **Ofendío/a** (el/la subst. m/f) (variação andaluza para “ofendido”): 1) ofendido; 2) machucado.
- **Olula del Río**: cidade da província andaluza de Almería de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Operación triunfo** (programa espanhol de calouros)
- **Órgiva**: cidade da província andaluza de Granada de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Orgullo** (el subst. m): orgulho.
- **Orgullosa/a** (el/la, adj. m/f): orgulhoso/a.

- **Oro** (el, subst. m.): ouro.

P

- **Pa'** (prep.): para (abreviado)
- **Paco/Paquito**: apelido comum no universo hispano-falante e presente na comunidade espanhola de Sorocaba que se refere ao nome Francisco.
- **Paella/Paellada** (la, subst. f.): prato de arroz seco com carne, peixe, muito comum na região valenciana, sudeste espanhol.
- **Paisano/a** (el/la, adj. m/f): compatriota.
- **Palabra** (la, subst. f.): palavra.
- **Palagozo** (el/la, adj. m/f) (variação em Sorocaba para “empalagozo”): 1) algo intragável, chato, incômodo; 2) fig. falastrão, bobo.
- **Paletón** (el, subst. m.): variação em Sorocaba para “paletó” (“port-esp”).
- **Paliza** (la, subst. f.): surra (ex: “Llevar paliza”). Variação “palizón”.
- **Palo** (el, subst. m.): pau.
- **Pamplinoso/a** (el/la adj. m/f): mimado/a.
- **Panadería** (la subst. f): padaria
- **Pantalones** (los, subst. m.): calças.
- **Papá** (el, subst. m): pai.
- **Papa/ patata** (la, subst. f): batata.
- **Pariente** (el/la subst. m/f): parente.
- **Parra** (subst. próprio): sobrenome comum no universo hispano-falante.
- **Pasá** (está~, el/la, adj. m/f): (adaptação andaluza para “passado/a”): apodrecido.
- **Pasar** (v. infinitivo): 1) passar; 2) acontecer.

14

- **Pata-Palo:** (perna de pau): apelido comum no universo hispanofalante e presente na comunidade espanhola de Sorocaba.
- **Pavo/a** (el/la adj. m/f): bobo/a.
- **Payaso/a** (el/la subst. m/f): palhaço/a.
- **Pechina:** cidade da província andaluza de Almería de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Pegajoso/a** (el/la, adj. m/f): pegajoso/a, grudento/a.
- **Pegarle/pegarse** (v. infinitivo): dar surra/brigar.
- **Pelea** (la, subst. f.): luta, briga.
- **Peligro** (el, subst. m.): perigo.
- **Pelo** (el, subst. m.): cabelo.
- **Peña/Penha:** (subst. próprio e versões abrigadas): sobrenome hispânico.
- **Peor** (el/la, adj. m/f): pior.
- **Pepe/Pepa:** apelido comum no universo hispano-falante e presente na comunidade espanhola de Sorocaba que se refere aos nomes José/Joséfin.
- **Pequeño/a** (el/la, adj. m/f): pequeno/a.
- **Pérez/Peres:** (subst. próprio e versões abrigadas): sobrenome hispânico.
- **Perfecto/perfectamente** (el/la, adj/adv. m/f): perfeito/a/perfeitamente.
- **Pero** (conj. adversativa): mas.
- **Perro** (el, subst/adj. m.): 1) cachorro; 2) safado (fig.)
- **Perro/a** (el/la, subst. m/f): cachorro/a.
- **Persona** (la, subst. f.): pessoa.
- **Pesado** (el/la, adj. m/f): 1) pesado/a; 2) chato/a, desagradável.
- **Pescado** (el, subst. m.): peixe.

- **Pestiño** (el, subst. m.): tipo de doce andaluz feito com fruta, farinha e ovos batidos.
- **Petate** (el, subst. m.): traste, mentiroso.
- **Picar** (v. infinitivo): coçar.
- **Pico** (el, subst. m.): bico.
- **Pillarle alguém** (v. infinitivo): 1) pegar; 2) dar uma surra.
- **Pimpoloso/a** (el/la, adj. m/f): mimado/a.
- **Pinchar** (v. infinitivo): espetar.
- **Planchar** (v. infinitivo): passar roupa.
- **Plaza** (la, subst. f.): praça
- **Pobre/pobrecito/a** (el/la, adj. m/f): 1) pobre; 2) coitadinho/a.
- **Pobretillo/a** (el/la, subst. m/f): pobrezinho/a.
- **Poco** (adj. m): pouco.
- **Poder/puedo** (v. infinitivo/presente): poder/posso.
- **Podrío** (el/la, adj. m/f): adaptação andaluza para “podrido”: 1) podre; 2) murcho.
- **Polaco/a** (el/la, adj. m/f): apelido comum no universo hispano-falante e presente na comunidade espanhola de Sorocaba para dar ideia de pessoa loira; 2) referência ao nascido na Polônia, geralmente de tez branca e loiro.
- **Pollo** (el, subst. m): frango.
- **Poner/pongo** (v. infinitivo/presente): por/ponho.
- **Potaje** (el, subst. m): tipo de comida que inclui vários tipos de sopa.
- **Presumido/a** (el/la, adj. m/f): presunçoso/a

15

- **Puchero** (el, subst. m.): tipo de cozido ou sopa comum com grão de bico, ou feijão, embutidos e vegetais.
- **Pueblo** (el, subst. m): povo.

- **Puerco/a** (el, subst. m/f): porco/a.
- **Puerta** (la, subst. f.): porta.
- **Pues** (conj. explicativa): pois.
- **Pulpí**: cidade da província andaluza de Almería de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Puñetazo** (el, subst. m): porrada.
- **Puñetero** (el, adj. m): chato.
- **Purgar** (v. infinitivo): limpar.

Q

- **“Que quiere todo en la mano”**: expressão para dar ideia de pessoa mimada (“port-esp”).
- **Quebrao** (el, adj. m; “está quebrao”): variação andaluza para “quebrado”: machucado, debilitado.
- **Quedar** (v. infinitivo): ficar, permanecer.
- **Quejaroso/a** (el/la, adj. m/f): reclamação/reclamona (“port-esp”).
- **Querer/Quiero** (v. infinitivo/presente): querer/quero, amar/amo.
- **Queso** (el, subst. m): queijo.
- **Queso manchego** (el, subst. m): tipo de queijo de leite de ovelha, próprio da província de Castela-Mancha.
- **Quien** (pron. relativo): quem.
- **Quitarse** (v. infinitivo): retirar-se, tirar-se.

R

- **Rabieta** (la, subs. f): birra, impaciência.
- **Rabioso/a** (el/la, adj. m/f): 1) raivoso; 2) mal-humorado.
- **Radio Nacional de España** (Emissora Estatal Espanhola)
- **Rara/o** (el/la, adj. m/f): 1) raro; 2) estranho.
- **Regalar** (v. infinitivo): presentear.

- **Réstia**: trança de cebola feita como ornamento, muito comum na colônia espanhola de Sorocaba.
- **Reventar** (v. infinitivo): arrebentar.
- **Ribera** (subst. próprio e versões abasileiradas): sobrenome hispânico.
- **Rico** (el, adj. m.): 1) rico; 2) saboroso.
- **Robertico/a**: apelido comum no universo hispano-falante para o nome Roberto/a.
- **Rodríguez/Rodrigues** (subst. próprio e versões abasileiradas): sobrenome hispânico.
- **Ropa** (la, subst. f.): roupa.
- **Ruidoso/a** (el/la adj. m/f): barulhento/a.

S

- **Sábana** (la, subst. f.): lençol.
- **“Saber y ganar”** (Saber e ganhar): programa de concurso apresentado na emissora RTVE da Espanha.
- **Saco** (el, subst. m): paletó.
- **Salir/sale** (v. infinitivo/ presente): sair/sai.
- **Salud** (la, subs. f): 1) saúde; 2) saudação na hora de consumir alguma bebida desejando o bem a outra pessoa.
-

16

- **Sanao/á** (el/la, adj. m/f, adaptação andaluza para “sanado”): 1) curado/a; 2) resolvido/a.
- **Sánchez/Sanches**: (subst. próprio e versões abasileiradas): sobrenome hispânico.
- **Sandía** (la, subs. f): melancia.
- **Sangre** (el, subs. m): sangue.
- **Sangría** (la, subs. f): bebida refrescante composto de água e

vinho com açúcar e limão ou outros elementos.

- **Santo Antonio Abad:** santo católico comum no universo hispânico.
- **Sartén** (la, subst. f.): frigideira.
- **Sastre** (el, subs. m): alfaiate.
- **Señor** (el, subst. m): senhor.
- **Ser/sea** (v. infinitivo/imperativo): ser/seja.
- **Serón:** cidade da província andaluza de Almería de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/Sorocaba.
- **Servir/ sirve** (v. infinitivo/presente): servir/serve.
- **“Servir y proteger”** (Servir e proteger): série policial espanhola apresentada na emissora RTVE da Espanha.
- **Sevillanas** (las, subst. f.): tipo de dança muito comum no sul da Espanha.
- **Si** (conj. condicional): se.
- **Siempre** (adv.): sempre.
- **Siete** (adj. numeral): sete
- **Siete-culos** (El, adj. m): literalmente, “sete-bumbuns/bundudo”: apelido comum no universo hispano-falante e presente na comunidade espanhola de Sorocaba.
- **Sitio** (el, subst. m): lugar.
- **Sobrenombre** (el, subst. m): apelido.
- **Sofocante** (el/la, adj. m/f): sufocante.
- **Soplamocos** (el, subst. m): soco no nariz.
- **Suegro/a** (el/la, subst. m/f): sogro/a.

T

- **Tacaño/a** (el/la, adj. m/f): avarento/a.
- **También** (adv.): também.
- **Teléfono** (el, subst. m): telefone.

- **Temprano** (adv.): cedo.
- **Tenedor** (el, subs. m): garfo.
- **Tener/ tienes** (v. infinitivo/ presente): ter/ tens.
- **Terco/a** (el/la, adj. m): teimoso/a, irredutível.
- **Testarú** (el/la, adj. m/f, adaptação andaluza para “testarudo/a”): teimoso/a.
- **Tiempo** (el, subst. m): tempo.
- **Tierno(a)/ tiernucho(a)** (el/la, adj. m/f): 1) terno; 2) pobrezinho.
- **Tierra** (el, subst. m): terra.
- **Tiñoso/a** (el/la, adj. m/f): 1) mesquinho/a; 2) desagradável.
- **Tío/tía** (el/la, subst. m/f): 1) tio/tia; 2) rapaz/moça.
- **Tirar** (v. infinitivo/ presente): jogar.
- **To’** (abreviação de todo): tudo/todo.
- **Toalla** (la, subst. f.): toalha.
- **Toledo:** cidade da província de mesmo nome da comunidade autônoma de Castilla-La Mancha.
- **Tontaracho/a** (el/la, adj. m/f): tonto/a.

17

- **Tontería** (la, subst.. f): bobagem.
- **Tonto/a** (el/la, adj. m/f): 1) bobo/a; 2) fig: teimoso/a.
- **Toro** (el, subst. m): touro.
- **Torpe** (el/la, adj. m/f): 1) desligado; 2) bobo.
- **Tortilla** (la, subst. f): tortilha.
- **Totana:** cidade da província de Múrcia e comunidade autônoma de Múrcia.
- **Trabajar** (v. infinitivo): trabalhar.
- **Traer/trae** (v. infinitivo/ presente): trazer/ traz.
- **Trinchante** (el, subst. m): tipo de garfo grande ou espeto.
- **Tú** (pron. pessoal): tu.

- **Tu(s)/tuyo/a(s)** (pron. possessivo): teu(s)/ tua(s).
- **Tunda** (el, subst. m): 1) castigo físico; 2) surra.
- **Turón:** cidade da província andaluza de Granada de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/ Sorocaba.
- **Turrento/a, Turrón/a** (el/la, adj. m./f): 1) teimoso/a/ 2) chato. (“port-esp”).
- **TVE:** Emissora de Rádio e Televisão da Espanha fundada em 1990.

U

- **Ustedes** (pron. pessoal): vocês/ os senhores/as senhoras.
- **Uy** (int.): ui.

V

- **Valencia:** cidade da província de Valencia na Comunidade Valenciana.
- **Valverde** (subst. próprio e versões abasileiradas): sobrenome hispânico.
- **Vaquero** (subst. próprio): sobrenome comum no universo hispano-falante.
- **Vaso** (el, subst. m.): copo.
- **Vecina/o** (el/la, subst. m/f.): vizinho/a.
- **Velez de Benaudalla:** cidade da província andaluza de Granada de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/ Sorocaba.
- **Venir/ven/venga/viene** (v. infinitivo/imperativo/presente): vir/ venha/vem.
- **Ventana** (la, subst. f): janela
- **Verdad** (la, subst. f.): verdade.
- **Vergüenza** (la, subst. f.): vergonha.
- **Vestirse/ se viste** (v. infinitivo/ presente): vestir-se/se veste.

- **Vila Barcelona:** bairro da Zona Leste de Sorocaba indicando referência à presença espanhola mediante a nomeação da cidade que é capital da província Catalunha.
- **Vila Colorau:** bairro da Zona Leste de Sorocaba indicando referência à presença espanhola nomeados como “vermelhos” ou “colorados” em virtude de, como brancos, ao pegarem muito sol ficavam bastante avermelhados.
- **Vila Haro:** bairro da Zona Leste de Sorocaba indicando referência à presença da família espanhola “Os Haro” que construíram vários lotes e tiveram forte presença econômica sobretudo durante primeira metade do século XX na colônia em Sorocaba.

18

- **Vila Trujillo:** bairro da Zona Norte de Sorocaba indicando referência hispânica tanto à cidade peruana, no departamento de La Libertad, como à cidade espanhola da província de Cáceres, ou apenas sobrenome hispânico.
- **Villa** (la, subst. f.): vila.
- **Villabrálgima:** cidade da província de Valladolid na Comunidade de Castilla y León.
- **Villaespesa** (D. Francisco): poeta espanhol bastante atuante culturalmente na colônia espanhola de Sorocaba nas décadas de 1920 e 1930.
- **Villanueva del Trabuco:** cidade da província andaluza de Málaga de onde saíram emigrantes espanhóis ao Brasil/ Sorocaba.
- **Virgen** (el, subst. m.): virgem.
- **Virgen de los Dolores** (la, subst. f.): referência católica correspondente à Nossa Senhora das Dores.

- **Virgen del Pilar** (la, subst. f.): referência católica correspondente à Nossa Senhora do Pilar; padroeira da hispanidade, venerada em Zaragoza.
- **Vivir** (v. infinitivo): 1) viver; 2) morar.

Y

- **Ya** (adv.): já.
- **Yemada** (la, subst. f.): gemada.
- **Yo** (pron. primeira pessoa): eu.

Segunda parte: expressões várias integradas a seus contextos segundo solicitação de menção e/ou lembranças gerais mais espontâneas

- SAUDAÇÕES/SALUDOS

- “**¡Hola!**” (“Olá”)
- “**¡Buenos días/tardes/noches!**” (“Bom dia/Boa tarde/noite”)
- “**¿Como estás?**” (“Como está/vai?”)
- “**¿Cómo va la cosa?**” (“Como estão as coisas?”)
- “**¿Cómo va la vida?**” (“Como vai a vida?”)
- “**¿Dónde estás?**” (“Onde estás?”)
- “**Gracia a Dios**” (Graças a Deus): interjeição de alívio.

- “**¡Hasta luego!**” (“Até depois/Até mais”)
- “**¡Oye!**” (“Ei!”)
- “**¡Me gusta!**” (“Eu gosto!”)
- “**¡Por supuesto!**” (“Claro!”)
- “**¡Qué dios te bendiga!**” (“Que Deus o abençoe”)
- “**¡Salud!**” (“Saúde!”)
- “**¡Te quiero!**” (“Te amo!”)
- “**¿Todo bien?**” (“Tudo bem?”)
- “**¡Tranquilo!**” (“Tudo bem!”)

- FRASES ESPONTÂNEAS NO DIÁLOGO OU LEMBRANÇAS GERAIS

- “**Ah, va joderte**” (Ah, se lasque/foda): expressão de recusa ou chateação.
- “**¡Ándate.... Arráscate**” (“Vai embora... vai se coçar (catar)”: expressão de chateação quando não se faz o que a pessoa quer.
- “**Ay Dio mio, no me acuerdo, que no me acuerdo.**” (Ah, meu Deus, não me lembro): frase espontânea para dizer que não lembra.
- “**Ay, que me voy, que me voy.**” (“Ah, eu vou, olha que eu vou”): frase rememorada como repetida por papagaio imitando seus donos.

19

- “**Da la mano**” (“dá a mão”): referindo-se ao cachorro ao pedir sua pata.
- “**Dios mío del cielo**” (“Meu Deus do céu”): interjeição ante situação de surpresa.
- “**Hora buena**” (Variação de “Enhorabuena”, que significa “Que bom”, “parabéns”).
- “**Limpia el culo**” (Limpe o bumbum): frase rememorada como referência de pai a filho este se cuidar.
- “**Más sería que un ajo**” (Mais séria que um alho): expressão de realce do traço de seriedade.
- “**Menino malo**” (“Port-esp” “Menino mau”): expressão significando bronca.
- “**Mi lindo**” (“Meu lindo”): tratamento carinhoso avô ao neto.
- “**No comprendo**” (“Não compreendo”): expressão destacando dificuldade de

entender o interlocutor.

- **“No me acuerdo/recuerdo ahora”** (“Não me lembro agora”): resposta ante alguma pergunta cuja resposta não se lembra.

- **“No me sale”** (“Não me vem/sai”): frase espontânea para dizer que não se lembra de algo.

- **“Qué acierto”** (“Muito bem”; “É o correto”): expressão para reforçar algo com que se concorda

- **“Que venga aquí mañana y que no se vaya pa’ ver”** (“Que venha aqui amanhã e se não vier, vai ver”): expressão ameaçadora para pressionar alguém a ir a um local.

- **“Reparte con os niño”** (“Divide com os meninos”): “port-esp” referente à ordem para o pai ou mãe distribuir entre os filhos algo que foi comprado.

- **“Ya llevé cuando era chico”** (“Já levei [surra] quando era menino”): expressão indicando a situação de levar surra na infância.

- FRASES RELATIVAS A SITUAÇÕES ESPECÍFICAS

a) Para indicar a ideia “que dó”:

- **“Cheio de dolores”**: “Cheio de dores” (“port-esp”)

- **“Mira, pobretilla, no?”**: “Olha, pobrezinha dele, né?”

- **“Pobre hijo”**: “Pobrezinho”

- **“Qué lástima”**: “Que pena”

- **“Qué lástima la gallina que comió su madre”**: “Que pena da galinha que sua mãe comeu” (Situação para referir-se à ideia de pena de alguém, geralmente de modo irônico, referindo-se à situação de quando a parturiente ganhava neném e tomavam caldo de galinha e que a pessoa a quem se refere, de não tão boa ou responsável, não tinha o valor sequer da galinha que morreu para gerar o referido caldo que a mãe tomou quando teve bebê)

- **“Tengo lástima de ti”**: “Tenho pena de ti”.

b) Para indicar a ideia “não lhe interessa”:

- **“Cállate”**: “Cala a boca”.

- **“Déjalo y vamos (sair fora)”**: “Deixa pra lá e vamos lá” (“port-esp”).

- **“No hables más”**: “Não lhe interessa”, “Não fale mais nada”.

- **“Pasa, pasa”**: “Sai fora!” (“port-esp”)

- **“Sale fuera”**: “Sai fora!” (“port-esp”)

c) Gírias ou palavrões:

- **“De la puta de la Virgen María”**: “Putada da Virgem Maria” (Equivalente a algo como “Putada que pariu”).

- **“Filho de la putana/ Hijo de una perrana/Hijo de una puta”**: “Filho da puta” (“port-esp”).

- **“¡Leche frita!”**: “Que saco”

- **“Me cago en diez/ dios/ en el cura/ en la hostia/ en la madre que te parió/ en su**

20

puta madre/ en la taza del padre/ en ti”:

“Cago em/ Que se dane(m)... dez/ Deus/ padre/ hóstia/ mãe que te pariu/ a puta da sua mãe/ taça do padre/ ti/tu”.

- **“Me llena los cojones”**: “Me enche o saco”.

- **“Mira, qué coño”**: “Eita, que droga/ merda/ saco”.

- **“No haga eso, es un peligro si no afloja el nudo del culo”**: “Não faça isso, é um perigo; se não afrouxa o nó do rabo/cu”.

- **“Pucha que la merda/ de la madre/ que parió”**: “Putada, que merda/ que pariu”. (“port-esp”)

- **“Toma en el culo”**: “Toma no cu”. (“port-esp”)

- **“Vay te y no me llena el saco”**: “Vai para lá e não me encha o saco”. (“port-esp”)

- **“Vete a la mierda/chucha”**: “Vai pra merda/prá porra”.

d) Para indicar a ideia “mal humorado”:

- **“Qué malhumorada/ Qué mal humor tiene”**: “Como é mal humorado/a”.

- **“Tiene las bilis por reventar”**: “Tá estourando”.

e) Para indicar a ideia “murcha”:

-“Eso está en los hueso”: “Esse está bem murchinho”.

-“Ya se ha pasado”: “Já está pasada/podre/murcha”. (fruta, por exemplo)

-“Ya no sirve más”: “Não serve mais”.

f) Para indicar a ideia “falante/barulhento”:

-“Habla mucho/mucho/demasiado/más que la lengua/más que siete/más que un loro/charlar de más”: “Fala muito/mais do que a própria língua”. (“port-esp”)

-“No puedes hablar eso”: “Não podes falar isso”.

-“Qué tío má’ barulhento”: “Que cara mais barulhento”.

-“Qué tío valioso, barulhão”: “Que cara valioso, barulhento” (“port-esp”).

g) Para indicar a ideia “pretensioso”:

-“Esa se piensa que solo hay ella en el mundo”: “Ela pensa que só existe ela no mundo”

-“Solo ella se acha/se tiene (como) la más importante”: “Só ela se acha a mais importante” (“port-esp”).

-“Tiene el rey en la barriga”: “Tem o rei na barriga”.

h) Para indicar a ideia “chateado”:

- “Estoy pa’ bajo”: “Estou pra baixo” (“port-esp”)

- “No estoy pa’ na’ ”: “Não estou pra nada”

- “Hoy estoy mal”: “Hoje estou mal” (“port-esp”)

- “Más aburrío que un potaje de Semana Santa”: “Mais chato/amargo que uma sopa da Semana Santa”

- “Más agrio que el vinagre”: “Mais azedo que o vinagre”

- “Me deja acabroñao/ aborrecido/mal”: “Estou chateado/ aborrecido/mal” (“port-esp”)

- “No estoy bien”: “Não estou bem”

- “Tener malas pulgas”: “Estar estressado”

i) Para indicar a ideia “intrometido”:

- “Ay, esta persona quiere hablar sobre cosas de nosotros”: “Esta pessoa quer falar de nós”

- “Eso no es de tu cuenta”: “Isso não é de tua conta”

- “Este tío es intrometío”: “Este cara é intrometido”

- “Meter la pata”: “Meter o bedelho”

 21

- “Metiendo el pico donde no es llamá”: “Metendo o bico onde não é chamado”

- “No me importa”: “Não me importa”

- “No tengo que decirte nada”: “Não tenho que te dizer nada”.

- “No te intrometas”: “Não se intrometa”.

- “Que se vaya pa’ allá”: “Vai pra lá”.

- “Se va el tío este que no sale de perto de uno y enllenando el saco”: “Lá vai o cara que não perto da gente e fica enchendo o saco” (“port-esp”).

j) Para indicar a ideia “levar surra”:

-“Fui golpeado”: “Levei pancada”

-“Vou te dar una paliza”: Vou te dar uma surra” (“port-esp”)

l) Para indicar a ideia “teimoso”

-“Ese é más teimoso que un asno, né, que un burro”: “Ele é mais teimoso que um asno, um burro”. (“Port-esp”)

-“Terco como una mula”: “Teimoso como um burro”. (“Port-esp”)

m) Para indicar a ideia “bobo”

-“Mira, qué chalá”: “Olha, como é bobo”.

-“Que no sabe ni lo que hace”: “Pessoa que não sabe nem o que está fazendo”.

- Que chalá, no sabe hablar cosa que vienga, cosas así con cosa”: “Que bobo, não sabe falar coisa que vale a pena, coisa com coisa”. (“Port-esp”)

n) Para indicar a ideia “machucado”

-“Está acabao/ machuca/ ofendió”:

“Está acabado/ machucado/ magoado”.
 (“Port-esp”)

-“**Se ha hecho daño**”: “Se machucou”.

o) Para indicar a ideia “mimado”

-“**Mira, qué gachón**”: “Olha, como é mimado”.

-“**No siento que el niño se enfermó, siento la reliquia que él creó**”: “Não sinto que o menino adoeceu, mas como ele aprontou”:

-“**Se enfermó, no siento que el niño se enfermó, solo que la reliquia que él crió**”: “Ficou doente, não sinto que o menino adoeceu, mesmo, é só que foi criado como relíquia”.

-“**Vem aquí, gachón**”: “Vem aqui, mimadinho”.

p) Outros casos

-“**Ay no han mandado nada que coma**”: “Ah, não me deram nada para comer” (Idosa reclamando porque não lhe deram de comer quando gostaria)

-“**Ay pai, ela va a querer pegarme**”: “Ah, pai, ela vai querer me bater”. (Filho que diz ao pai o receio de apanhar da mãe. “Port-esp”)

-“**Anda a la mierda pra ver se me esqueça**”.

-“Vai pra merda pra ver se me esquece”.

-“**Cachito, cachito, cachito mío**”. (fragmento de canção dita por papapaio).

-“**Cedacico nuevo, tres días en estaca**”

-“**Peneirinha nova, três dias na estaca**”

Obs: Referência a provérbio espanhol: “os primeiros dias que a mulher compra a peneirinha para colocar vinho ou outro licor, colocando-o depois em um prego ou em uma estaca, mas dentro de poucos dias se esquece, e anda rodando pelo chão; assim fazem os criados novos, que ao princípio servem com muita diligência e cuidado e depois se descuidam e por isso disse ao outro: “O moço e o galo, só um ano”).

-“**Como puede ser eso daí? Asustar a las personas que van pasando tan callada, también por la calle, y sufren por esa cosa, ay qué barbaridade!**”: -“Como

pode ser isso daí? Assustar as personas que estão passando tão caladas, também pela

22

rua, e sofrem por essa coisa, que barbaridade!” (recordação de cena de família em que o pai critica filho que brinca de assustar pessoas na vizinhança).

-“**Deja eso pa'allá**”. “**Eso no lo conviene. Esa no lo conviene**”: -“Deixa isso para lá. Não convém, não convém”. (recordação de cena de família em que se sugere não se falar mais de determinado assunto).

-“**El amor es ciego. Ay, uno hace tanta cosa...**”: -“O amor é cego. Olha, a pessoa faz cada coisa...”.

(recordação de cena de família em que se relata o que alguém fez de exagerado por amor)

-“**Hoy, te doy una paliza que tú verás**”: -“Hoje, vou te dar uma surra que vais ver, hein!” (situação de ameaça de pai contra filho diante de travessura deste)

-“**La frente se le hinchó**”. “A testa ficou inchada” (Foi traído).

-“**La lari larón, ¿donde está mi cucharón?**” “La, lari, larom, onde está minha concha?” (História de uma menina que não fazia nada dizendo que estava doente, mas, na hora de comer, cantava esta canção.)

-“**Me voy a tirar por aquí porque no me va a dar tempo de ir hasta la estación. Me voy atirar aquí y de aquí voy até o porto pra pegar o navio**”: -“Vou me jogar aqui porque não vai dar tempo de ir até a estação. Vou me jogar aqui e daqui vou até o porto pra pegar o navio”. (Recordação de família sobre alguém que arriscou sua vida para encurtar trajeto e conseguir viajar a tempo de navio para o Brasil)

-“**Mira, qué guapo**”: “Olha, que bonito” (frase de elogio a alguém).

-“**Mira, qué perro**”: “Olha, que cachorro”. (Crítica irônica ao marido que não quer fazer algo. “Port-esp”).

-“**No é porque un gato nació al horno**

que se torna un bizcocho”: “Não é porque um gato nasceu no forno que se torna um biscoito”. (Oposição à ideia de que ter nascido em um lugar não faz da pessoa ser daquele lugar de fato. “Port-esp”.)

-“Niña, pega um pano pra limpar essa gallinacea”: -“Menina, pega um pano para limpar (o cocô) dessa galinha”. (“Port-esp”. Situação cotidiana de pedido para limpar algo)

-“No han dado, pues ya vengo a darte una yemada”: “Não deram nada, pois já venho te dar uma gemada” (Situação de alguém indicando fazer um prato a outra pessoa que não tinha comido nada).

-“No mi gusta”: “Não gosto disso”. (“Port-esp”)

-“No me molesta”: “Nao me chateio/incomoda”.

-“No, no te haga esto que te va a matar!”: “Não faça isso que você vai se matar”. (Situação de advertência ante o perigo iminente gerado a alguém)

-“No, no, ahora ponga usted lo que usted quiera”: “Não, não, agora, ponha o que quiser”. (Situação em que alguém indica que o outro aja como preferir)

-“Nunca me envergences, cuando tú sólo quieras alguna cosa que sea siempre lo derecho. Nunca me envergencen”: - “Nunca me envergonhe, cuando você quiser algo, que sempre seja o correto. Nunca me envergonhe”. (Advertência de pais aos filhos para agirem corretamente).

-“Se le han puesto cuernos”: - “Colocaram chifre nele/nela”.

-“Usted escribe que aquí está to’ bien, que não sei o que...”: “Você escreva que aqui está tudo bem, que não sei o quê...”. “Alguém pedindo para outro lhe ajudar a

23

escrever uma carta para parentes. “Port-esp”)

-“Venga que voy a purgarte la cabeza”: “Venha que eu vou limpar sua cabeça”.

(Situação de alguém oferecendo ajuda para retirar piolhos da sua cabeça).

-“Y cómo yo voy a poner lo que yo quiero, lo que quiera yo? Tú que tiene que decirte lo que quieres”: “E como eu vou por o que eu quero? Você que tem dizer o que quer”. (Lembrança sobre resposta de alguém que escrevia uma carta por outra pessoa e não iria falar algo por si mesma em vez da pessoa que dita a carta).

-“Yo no tengo nada que esconder, hablo como me da la gana”: “Eu não tenho nada pra esconder, falo como me dá vontade”. (Lembrança sobre alguém que exigia respeito pelo que fala por não ter nada a esconder)

-“Yo voy a hablar en español pero las palabras no sé si son las mismas que las brasileira, né?”: “Eu vou falar em espanhol, mas as palavras não sei si são as mesmas que as brasileiras, né?”. (Alguém reconhecendo ter certa dificuldade de falar espanhol e que não tinha certeza do que seria espanhol ou português. “Port-esp”).

- PROVÉRBIOS, REZAS E DITOS POPULARES

“Con Dios, me acuesto, con Dios, me levanto, con la Virgen María y el Espíritu Santo. Dios va conmigo, yo voy con él, él delante de mí y yo atrás de él. Cuatro ribas tiene esta casa, cuatro ángeles me acompañan, la Virgen María está en el medio diciendo; duermes, reposas, no tengas miedo de ninguna cosa”.

“Com Deus, eu durmo, com Deus, me levanto, com a Virgem Maria e o Espírito Santo. Deus está comigo, e eu com Ele, ele na frente de mim e eu atrás dele. Quatro pilastras tem esta casa, quatro anjos me acompanham, a Virgem Maria está no meio dizendo; dorme, repousa, não tenha medo de nenhuma coisa”.

“Cuando chico, parte grama, qué dirá cuando marrano...”

“Quando pequeno, já quebra a grama, que dirá quando for porco grande...”.

“Cuatro estrellitas tiene mi cama, cuatro angelicos me acompañan, Juan y Pedro, Lucas Y Mateo y el niño de Dios en el medio”...

“A minha casa tem quatro estrelinhas, quatro anjinhos me acompanham, João e Pedro, Lucas e Matheus e o filho de Deus no meio”.

- “Hoje é domingo, piquinilingo, casa manueco una mujer, que tiene cada teta com una cascabel”

(“Port-esp”. Variação da forma espanhola *“Hoy es domingo, pequeño olingo, casa Manuel con una mujer, que tiene en cada teta una cascabel”* = *“Hoje é domingo, pequeno olingo (macaco), Manuel case com uma mulher, que tenha em cada teta uma cascavel”*)

- “Mano, mano ¿tú estás? Bate na puerta, bate na puerta”

(“Port-esp”. Variação da forma espanhola *“Mano, mano, ¿ estás? Golpea la puerta, golpea la puerta”* = *“Mão, mão, está aí? Bate na porta, bate na porta”*.)

-“No creo en las brujas, pero que las hay, hay”

(*“Não acredito nas bruxas, mas que elas existem, existem”*)

24

-“No hay muerte que venga que excusa no tenga”

(*“Não há morte que venha que não tenha justificativa”*)

- “Padre nuestro que estás en el cielo, santificado sea tu nombre...”

(*“Pai Nosso que estás no céu, santificado seja teu nome...”*)

-“Qué bienga el toro ma’ que bienga el churrasco”

(“Port-esp”. *“Que venha o touro, mas que venha o churrasco”*)

-“Si hay gobierno yo soy contra”. (“Se há governo, eu sou contra”.)

**GLOSSÁRIO PORTUGUÊS-
ESPANHOL E VARIAÇÕES
(COMUNIDADE HISPANO-
BRASILEIRADE SOROCABA)**

Autor: Fabrício CordeiroDantas

Data de produção:01/02/2021

VIII: PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA - UNICAMP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Bilinguismo e memória linguística: estudo do contato português-espanhol em Sorocaba

Pesquisador: Fabrício Cordeiro Dantas

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 92634518.7.0000.8142

Instituição Proponente: Instituto de Estudos da Linguagem

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.835.565

Apresentação do Projeto:

Este projeto de pesquisa, muito bem fundamentado e elaborado, investiga “o ambiente linguístico da cidade que é considerada a 3ª maior colônia espanhola no Brasil, Sorocaba”. Pergunta-se, portanto, se poderá se encontrar “vestígios daquela língua na memória e eventuais domínios de uso dos descendentes de espanhóis em Sorocaba?”. A hipótese do trabalho é a de que “houve um bilinguismo nas primeiras décadas do século XX que deixaram marcas do espanhol na fala atual dos sorocabanos”. A pesquisa de campo “será feita nas casas das pessoas, em clubes ou igrejas seja por coleta de questionários e anotações avulsas ou por entrevista gravada em áudio. Pretendemos que seja um total de 40 indivíduos acima de 18 anos”. Pretende-se com o trabalho produzir um “espaço de reconhecimento de variedades sociolinguísticas e historicidade de descendentes de espanhóis na região de Sorocaba, promovendo pesquisas que ainda não reconheceram o papel dos espanhóis no Brasil ou dando subsídios a pesquisas sobre linguagem inclusive de outras áreas.”

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral do trabalho é o de “investigar, a partir da imigração havida, a extensão do bilinguismo em Sorocaba mediante o contato entre as duas línguas, sobretudo na primeira metade do século XX, época de vigoroso contato entre imigrantes espanhóis de primeira e segunda geração e os sorocabanos nativos”. Dentre os objetivos específicos, deve-se destacar: “Fazer

Endereço: Av. Betrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.

Bairro: Cidade Universitária "Zeferino Vaz"

CEP: 13.083-865

UF: SP

Município: CAMPINAS

Telefone: (19)3521-6836

E-mail: epimenta@g.unicamp.br

levantamento de traços fonéticos, morfológicos, sintáticos e lexicais que eventualmente subsistem na fala dos descendentes de espanhóis em Sorocaba e, por extensão, produzir um mini-glossário local do léxico apresentado, mediante pressupostos da abordagem dialetológica.”

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não há riscos previsíveis”. Ressalta-se o comprometimento do pesquisador em analisar previamente a cena de trabalhos de campo, indicando possíveis ações frente a desconfortos. Dentre os inúmeros benefícios, vale destacar: “Oportunidade de contribuir para o resgate ou manutenção da memória e história dos descendentes de espanhóis em Sorocaba, o que lhes reforçaria a identidade deste povo e dessa integração”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O TCLE está muito bem redigido e apresenta aos participantes os pontos principais da pesquisa. Trata-se de uma pesquisa muito bem fundamentada e um pesquisador comprometido com a sua coleta de dados. A isso se acrescenta, no anexo do projeto de pesquisa, a apresentação detalhada do questionário, assim como do roteiro das entrevistas. A metodologia e o orçamento são adequados. O projeto contará a participação de 40 participantes. O orçamento está adequado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE está muito bem fundamentado e redigido, informando aos participantes os procedimentos da pesquisa.

Recomendações:

No item IX do TCLE inserir a seguinte formulação: “Não há riscos previsíveis”.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nada a declarar

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1155482.pdf	12/06/2018 14:46:39		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AtestadoMatricula.pdf	12/06/2018 14:45:53	Fabício Cordeiro Dantas	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO_FABRICIO_ASSINADA.pdf	12/06/2018 14:44:58	Fabício Cordeiro Dantas	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento.pdf	11/06/2018 20:56:58	Fabício Cordeiro Dantas	Aceito
Cronograma	Cronograma_geral.pdf	11/06/2018 20:56:26	Fabício Cordeiro Dantas	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_FabricioDantas.pdf	10/06/2018 23:39:45	Fabício Cordeiro Dantas	Aceito

Endereço: Av. Betrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.

Bairro: Cidade Universitária "Zeferino Vaz"

CEP: 13.083-865

UF: SP

Município: CAMPINAS

Telefone: (19)3521-6836

E-mail: epimenta@g.unicamp.br

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 22 de Agosto de 2018

Assinado por:**Barbara Geraldo de Castro (Coordenador)****Endereço:** Av. Betrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.**Bairro:** Cidade Universitária "Zeferino Vaz"**CEP:** 13.083-865**UF:** SP**Município:** CAMPINAS**Telefone:** (19)3521-6836**E-mail:** epimenta@g.unicamp.br